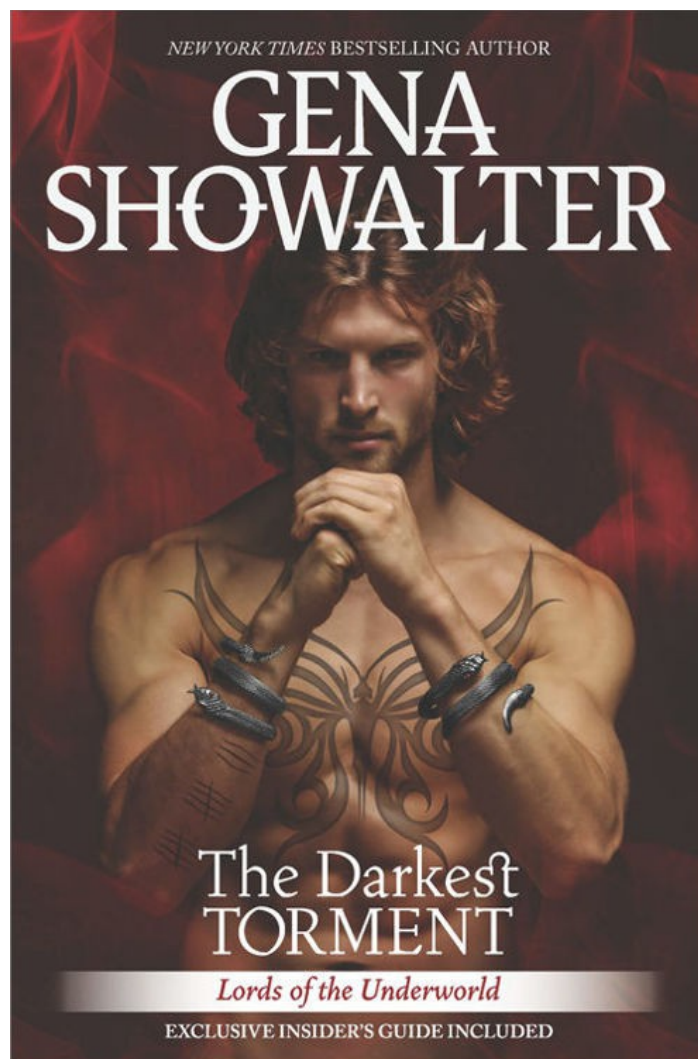


GENA SHOWALTER

12º Senhores do Submundo



O TORMENTO MAIS SOMBRIO

Projeto Revisoras
Traduções




A autora Best-seller do New York Times, Gena Showalter retorna com seu livro mais explosivo dos Senhores do Submundo até o momento, sobre um guerreiro feroz à beira da insanidade que não vai parar até reivindicar a extraordinária humana com o poder de acalmar a fera dentro dele...

Levado à morte pelo demônio da Desconfiança, Baden passa séculos no purgatório. Agora está de volta, mas a que custo? Ligado ao rei do Submundo, uma força muito mais sombria, ele é incapaz de suportar o toque de outra pessoa... e está se transformando rapidamente em um assassino insensível com um temperamento incontrolável. As coisas só pioram quando uma missão dá errado e ele se vê com uma noiva nos braços, só que não a sua.

A famosa adestradora de cães Katarina Joelle é forçada a se casar com um monstro para proteger seus entes queridos. Quando é feita refém pelo implacável e belo Baden logo após a cerimônia, ela mergulha em uma guerra entre dois males, com um protetor mais perigoso do que os monstros que ele caça. Estão destinados a serem inimigos, mas também não podem resistir à paixão ardente entre eles... e muito em breve a maior ameaça será seu coração.

Mas enquanto Baden desliza mais fundo no abismo, ela terá que ensiná-lo a amar... ou perdê-lo para sempre.

*"Há um tempo e um lugar para matar,
Nunca e em lugar nenhum".*

— *Baden, o Cavalheiro do Monte Olympus,
pré-decapitação.*

*"Há um tempo e lugar para matar.
Sempre e em qualquer lugar".*

— *Baden, O assustador Senhor do Submundo
pós-ressurreição.*

CARO LEITOR,

Quando me sentei para começar a escrever a próxima história da série Senhores do Submundo, tive de fazer algumas escolhas difíceis. Devia contar a história de Cameo, a que os leitores da série mais desejam, mesmo que ainda não tivesse articulado o enredo básico que daria rumo à história dela? Devia contar a história de William, que não é um Senhor, mas também é um dos favoritos dos leitores, mesmo que ainda não tivesse delineado nada de seu enredo? Ou devia contar a história de Baden, o personagem sobre quem os leitores sabiam tão pouco? No final, escolhi a história que me deixou mais excitada por contar, e no instante, no exato segundo em que o dilema e a heroína de Baden me ocorreram, eu ofeguei. Me arrepiei. Andei em círculos de tanta ansiedade com as cenas já se desenvolvendo na minha cabeça. Escrever o livro dele se tornou uma necessidade, uma paixão inegável, e espero que esta paixão brilhe através de cada palavra escrita. Por que você tem mais do que uma história ao ler *O Tormento mais Sombrio*. Você tem um pedacinho do meu coração.

Com amor,

Gena Showalter



UM

“Benefícios de me ter como seu aliado? Você me ter como seu aliado. Isto diz o suficiente”.

— Hades, um dos nove reis do submundo.

A culpa não pode mudar o passado. A preocupação não pode mudar o futuro. E, no entanto, ambas perseguiam Baden com determinação implacável. Uma brandia um chicote farpado, a outra uma lâmina serrilhada, e embora não tivesse nenhum ferimento visível, ele sangrava baldes a cada maldito dia.

O fluxo constante de dor provocava a fera. Após seu retorno dos mortos, a criatura se movia em sua mente. Seu novo companheiro era muito pior que qualquer demônio. E ele deveria saber! O demônio se ressentia da gaiola física... estava faminto pela presa.

Matar alguém. Matar todo mundo!

Era o grito de guerra da fera. Um comando que Baden ouvia sempre que alguém se aproximava dele. Ou olhava para ele. Ou simplesmente respirava. O desejo de obedecer sempre perseguindo...

Não vou matar, jurou. Ele não era a fera, mas separado.

Fácil dizer. Mais difícil de aplicar. Foi de um canto do seu quarto ao outro e arrancou o colarinho de sua camisa, rasgando o algodão suave em um esforço de suavizar o desconforto constante. Sua pele muito sensível precisava de contínuo suavizar. Outra vantagem de retornar dos mortos.

A borboleta que tinha tatuada em seu peito não ajudava a dor, rapidamente se tornando uma coceira que não conseguia coçar. Mas não podia lamentar ter conseguido a imagem. As asas pontiagudas e as antenas com chifres se assemelhavam à marca do demônio que carregava *antes* de sua morte; agora a marca representava renascimento, uma lembrança de que vivia uma vez mais. Que tinha irmãos, amigos e uma irmã pelas circunstâncias, que o amavam. Que ele não era um estranho, ainda que se sentisse como um.

Sorveu a cerveja que segurava e lançou a garrafa na parede. O vidro quebrou. Ele estava diferente agora, isto era uma verdade inegável, e já não cabia dentro da dinâmica familiar. Culpava a culpa. Quatro mil anos atrás, ele permitiu ao inimigo decapitá-lo, suicídio por

procuração, deixando seus amigos para continuarem a guerra com os Caçadores enquanto estavam em luto por ele. Inconcebível!

Mas também culpava a preocupação que tinha mimado como um precioso recém-nascido. A fera odiava todo mundo que ele adorava, os homens e mulheres a quem Baden devia uma dívida de sangue, e isto... ele... iria fazer de tudo para não destruí-los.

Se algum dia essa vontade de atacar obscurecesse o desejo de Baden para corrigir os erros que cometeu...

Vou corrigir meus erros.

Os mortos não podem coletar suas dívidas. Maaaate.

Não. Não! Bateu com os punhos nas têmporas, as faixas de metal ao redor de seus bíceps beliscando. Ele puxou os cachos de seu cabelo. O suor escorreu entre os músculos nodosos de suas costas e peito parando na cintura de suas calças. Preferia morrer novamente a machucar seus amigos.

Em sua ressurreição, todos os doze guerreiros deram-lhe as boas-vindas de braços abertos. Não, não doze. Treze agora. Galen, o guardião do Ciúme e Falsa Esperança, aquele que tinha orquestrado a morte de Baden, mudou-se algumas semanas atrás. Todo mundo acreditava que o imbecil tinha mudado sua malvadeza.

Por favor. Merda polvilhada com açúcar ainda era uma merda.

Baden adoraria cortar Galen em pedacinhos. Cinco minutos e uma lâmina, isso era tudo que precisava. Mas seus amigos emitiram uma rígida e cortante moratória.

Baden, não importando seus próprios desejos, obedeceria às regras deles. Nem uma vez eles o castigaram por seus erros terríveis. Nem uma vez exigiram respostas. Deram-lhe comida, armas e um quarto privado em sua casa enorme. Uma fortaleza escondida nas montanhas de Budapeste.

Um golpe soou na porta, merecendo um grunhido da fera. *Inimigo! Matar!*

Calma. Parado. Um inimigo não perderia tempo em bater.

— Vá embora — sua voz quebrada fez cada palavra soar como se tivesse nadado rio acima em um rio de cacos de vidro.

— Desculpe cara, mas estou aqui pra ficar — *Bang, bang, bang.* — Deixe-me entrar.

Olá, William o Sempre Excitado. Filho mais novo de Hades, obcecado por um bom vinho, mulheres finas e com os mais caros cuidados com os cabelos. Ele era um selvagem, bastardo teimoso, sua melhor e pior característica: não tinha nenhuma noção de misericórdia.

A fera parou rosnando e começou a ronronar como um gato doméstico. Uma reação surpreendente, mas também... não. Hades foi quem deu a Baden sua nova vida. A família do rei basicamente tinha um cartão de Passe Livre da Tortura agora. Exceto o primogênito, Lúcifer; seus crimes eram simplesmente muito grandes.

— Agora não é um bom momento — Baden disse, temendo que a fera esquecesse o cartão.

— Não me importo. Abra.

Propositalmente respirou fundo... exalando bruscamente. Quando um espírito se torna tangível, ele não tinha nenhuma necessidade de respirar, mas a tão familiar ação satisfazia sua tranquilidade.

— Qual é? — William disse. — Onde está o pedaço de merda valente que roubou e abriu a caixa de Pandora? Ele é quem vim aqui ver.

Valente? Às vezes. Pedaço de merda? Sempre. Ele e seus amigos acabaram livrando os demônios presos dentro da caixa. Zeus, rei dos deuses Gregos então os castigou com uma maldição para o resto da vida.

E assim seu corpo passou a se tornar o recipiente de sua própria destruição.

Baden estava possuído pela Desconfiança.

Contaminado e indigno, os guerreiros foram dispensados do exército real e chutados para a Terra. Como previsto, os demônios logo os *destruíram*. Ele mais do que todos. Cada vez mais, sua habilidade de confiar corroía. Ele passou semanas... meses conspirando maneiras de assassinar aqueles a quem deveria apenas ajudar.

Um dia ele chegou ao fim de sua tolerância. *Eles ou eu* foi o último pensamento que varreu por sua mente, quando um humano balançou uma espada em sua cabeça. Ele os escolheu — sua família. Mas eles não tinham saído incólume. O pesar os assombrava. E Desconfiança também!

No momento em que a cabeça de Baden caiu de seu corpo, o demônio emergiu emancipado de seu controle. Ele não era mais capaz de verificar o pior dos impulsos do demônio. As correntes invisíveis então arrastaram seu espírito para uma prisão do reino criado para todos os contaminados pela caixa, sua única ligação com a terra do mundo dos vivos era uma parede de fumaça que revelava acontecimentos em tempo real.

Ele tinha um lugar na primeira fila para seus amigos espiralar em um poço de agonia e desespero, incapaz de fazer qualquer coisa exceto lamentar. O resto de seu tempo foi gasto em guerra com Pandora, a única ocupante do outro reino, uma mulher que o detestava com cada fibra de seu ser.

Então, apenas alguns meses atrás, Cronus e Rhea, o antigo rei e a rainha dos Titãs, apareceram no reino. Eles eram grandes rivais de Zeus e alvos número 1 de Baden. Quantas vezes o casal feriu seus amigos?

Ele teve grande prazer em escapar com Pandora, deixando os outros dois para trás.

Tum, tum, tum.

— Oi! Baden! A espera é ridícula. Estou com certeza ficando com cabelos grisalhos.

Ele se sobressaltou, puto que tivesse se perdido em pensamentos.

— Tudo bem. Acho que vamos fazer isto da maneira mais difícil — William falou. — Em três segundos, vou chutar sua porta.

Calma. Nada de dilacerar. Baden puxou com tanta força a maçaneta que esta saiu em sua mão. Ops.

— O que você quer?

Ao contrário do furacão que ele era, o guerreiro moreno e cabeludo de olhos azuis apoiava um ombro contra o batente, tão gentil quanto uma chuva de verão. Ele olhou Baden de cima a baixo e fez uma careta.

— Vestido para o trabalho que queremos, não para o trabalho que temos, estou vendo.

Macho forte. Muito forte. Ameaçador.

Tão temido quanto o cartão de Passe Livre da Tortura queimando em cinzas. *Sem dilacerar!* Mas... esmurrar não era dilacerar. Isto seria felicidade pura. Osso contra osso. O

inebriante cheiro de sangue atingindo seus sentidos e o uivo musical da agonia de outra pessoa enchendo seus ouvidos.

Ele pressionou a língua no céu da boca. *Quem sou eu?*

— Vá embora — ele repetiu.

William esquadrinhou o quarto.

— Bebendo tudo sozinho? Tsc-tsc. Seu coração está sentindo falta do demônio?

Algumas vezes ele achava que... *poderia*. A chegada de seu novo companheiro o tinha endireitado.

Agora Desconfiança tinha um novo hóspede. Uma mulher. Seu nome era... seu cenho fanziu. Mão conseguia se lembrar.

Quem quer que ela fosse apoiou Galen por séculos, ajudando-o a cometer o mais hediondo dos atos. Alguns meses atrás, a fêmea tola tinha voluntariamente aceitado Desconfiança. Em outras palavras, ela de bom grado aceitou a paranoia incessante. Quem fazia isso?

William suspirou.

— Não há necessidade de responder. Posso ver a resposta na sua cara. Não sabe que olhar para trás te *puxa* de volta? Ok, ok. Vou te ajudar a focar no futuro. Não precisa implorar — ele recuou seu punho e esmurrou Baden no nariz. — De nada.

Ele recuou do impacto, seu nariz estalando fora do lugar. Apesar de Baden não produzir sangue, seu corpo simplesmente uma casca para seu espírito, o gosto de moedas antigas revestiu sua língua. Delicioso. Praticamente uma sobremesa.

A fera se enfureceu faminto por mais.

Encarando William, ele endireitou a cartilagem de seu nariz.

— Oh, não. Eu provoquei você. O que quer que eu faça? — Um risonho William arregaçou as mangas da camisa. — Eu sei. Que tal eu te dar mais?

Procurando por uma briga? Ele encontrou.

A fera... *explodiu*. Todos os músculos do corpo de Baden encheram de adrenalina enquanto seus ossos enchiam com lava derretida. De alguma maneira, ele dobrou de tamanho, o topo de sua cabeça roçando o teto.

— Ouvi que Desconfiança fez seu cabelo pegar fogo — William disse. — Pena que ele não está aqui. As chamas deixariam sua derrota mais interessante.

Derrota? Eu vou te mostrar.

Com um rugido, Baden gingou o corpo. Contato! Viciante... Ele gingou novamente, seu punho uma britadeira, brutal e inflexível. William tomou os golpes como um campeão, milagrosamente permanecendo de pé.

Gosto deste homem... um pouco. Machucá-lo me machuca.

Um vislumbre de pensamento racional. Baden deixou seu braço cair para o lado e agarrou suas calças de camuflagem.

— Desculpe. Sinto muito — ele murmurou.

— Por quê? — Os dentes de William estavam manchados de vermelho. — Você sujou sua calcinha enquanto estava me batendo com estes toques de amor?

Humor. Ele não estava no clima.

— Vá embora. Antes que tenha que rastejar.

A fera já metia as garras na massa cinzenta de Baden, voraz para o segundo round.

— Não seja tolo — William acenou com os dedos. — Bata novamente. Só que desta vez tente fazer algum dano de verdade.

O guerreiro não entendeu... *não* entenderia até que fosse muito tarde.

— Vá! Estou perdendo o controle.

— Então estamos fazendo progresso — William cutucou o ombro do Baden. — Me bata.

— Você quer morrer?

— Bata — *golpeie* — em mim — *golpeie*.

A fera rosnou, e Baden...

Baden detonou como uma bomba, avançando em William, que não fez nenhum esforço para bloquear ou evitar a barragem de socos.

— Revide! — Baden gritou.

— Já que você sugeriu... — William lançou um soco, um tão poderoso que Baden cambaleou para trás e atingiu a cômoda.

Livros e decorações que as fêmeas residentes lhe deram sacudiram antes de tombarem no chão. Tudo que era feito de vidro quebrou aos seus pés. William caminhou adiante e, sem uma pausa em seus passos, curvou-se para deslizar por cima de um dos livros. Ele atingiu, esmurrando a garganta de Baden pra dentro de sua espinha.

Dor. Seu corpo curvou quando o guerreiro bateu com o livro em seu flanco. Uma vez. Duas vezes. Mais dor. Seu rim virou purê.

Oponente... muito mais forte do que o esperado... não pode ter permissão pra viver.

Antes que William pudesse dar outro golpe, Baden ergueu-se em um joelho. O livro voou para o outro lado do quarto. Ele esmurrou William na mandíbula. Quando o guerreiro tropeçou, Baden pegou um caco de vidro.

No momento em que se endireitou, William tinha se recuperado. Tão rápido. O guerreiro esmagou um vaso no lado de sua cabeça, novos cacos chovendo.

Diferentes vozes de repente penetraram em sua consciência.

— Este é o Baden? Caaara! Este *não pode* ser Baden. Ele está três vezes o seu tamanho!

— Ele vai fazer picadinho de Willy com os dentes!

— Eu faço a primeira aposta! Em Baden, não no agregado. Se meu amigo der uns chutes, posso fazer uma parceria com o primeiro Hulk esmagador!

No fundo de sua mente, ele sabia que seus amigos e suas companheiras ouviram a confusão e vieram correndo com a intenção de separar a briga. De ajudá-lo. A fera não se importava.

Mate... mate todos eles... eles são muito fortes, um risco muito grande.

O mal como a fera não tinha amigos, apenas inimigos.

O grupo é perigoso para o resto do mundo, mas não pra mim. Nunca pra mim. Estas pessoas morreriam por mim.

Morrer... sim, eles devem morrer...

William chutou a porta fechada, bloqueando os outros da visão de Baden.

— Você foca em mim, Vermelho. Entendido? Sou a maior ameaça, então faça-nos um favor, tome seu medicamento para artrite e *me bata*.

Sim. Maior ameaça. Golpeie. A raiva lhe deu uma força adicional quando soltou uma nova série de socos. William bloqueou os primeiros, mas não pôde evitar os outros. Baden não conseguiu evitar a retaliação.

A luta brutal os impulsionou ao redor do quarto, ricocheteando pelas paredes e móveis como se fossem animais selvagens, disputando uma posição de Rei da Selva.

Pegue outro pedaço de vidro. Corte através das costelas do guerreiro.

Sim. O fim perfeito. Mas quando Baden mergulhou, William passou por trás dele, movendo-se para um novo local com apenas um pensamento e o esmurrou. Ele girou quando tropeçou, capturando a mão do macho quando este tentou mandar outro ataque.

Baden caiu propositalmente, afundando no chão e levando William com ele. A meio caminho para baixo, ele envolveu as pernas em torno do pescoço do bastardo, aplicando pressão suficiente para sufocar um rinoceronte. No momento em que eles aterrissaram com força, Baden lançou William sobre sua cabeça.

Estrondo. Seu oponente caiu de cara na pilha de cacos de vidro. Ele sorriu e ergueu-se escarranchado nas costas de Willy.

Soco. Soco. O crânio de William rachou, como racharam as juntas dos dedos de Baden. Antes que pudesse dar o próximo soco, o desonesto, sujo e furtivo riscou novamente, mas era tarde demais para deter seu punho. Soco. Uma prancha de madeira no chão lascou. A dor vibrou em seu braço e subiu por seu ombro.

William riu com prazer, e como se o som abrisse um portal mágico para acalmar, a fera aquietou.

— Pronto — Willy bagunçou os cabelos do Baden. — Você se sente melhor agora — uma declaração amável em vez de uma questão presunçosa.

Ele executou uma perigosa checada apenas para ter certeza e assentiu.

— Sim — até sua garganta tinha curado.

— Agora podemos ter uma conversa sem você olhar para minha traqueia como se fosse um verme gosmento.

— A conversa pode esperar — Ele se levantou, fazendo uma careta quando notou as condições de seu quarto. Buracos na parede, vidros quebrados no chão, móveis derrubados e pedaços faltando. — Tenho uma limpeza a fazer.

— Você escolheria uma vassoura acima de informações?

— Depende das informações que forem oferecidas.

— Se eu dissesse que é sobre os braceletes em forma de serpentina e seus efeitos colaterais... ?

— Eu transformaria seu lindo rosto em polpa — Baden amava os braceletes, mas também os odiava. Eles eram um presente de Hades, antigos e místicos, e eram responsáveis por sua forma corpórea.

Hades e Keeley, a companheira do amigo de Baden, Torin, vieram até ele no que pensou ter sido um sonho. Através de algum tipo de poder sobrenatural, eles removeram as faixas que

Lúcifer, seu carcereiro naquela época, forçou sobre ele e as substituiu por faixas que pertenciam a Hades.

Enquanto você usar meus braceletes, disse Hades, você será visto... tocado.

O gesto amigável de um aliado que ele apoiava na guerra dos submundos? Pensou assim a princípio. Agora se perguntava... O truque de um inimigo dissimulado?

Logo após Baden ter usado o presente, William olhou para ele com piedade e disse:

— Você viu *Cemitério Maldito*? Às vezes morto é melhor.

William não estava errado.

À esta altura, Baden já tinha começado a mudar. Não fisicamente — talvez fisicamente — mas definitivamente mentalmente. Uma vez de temperamento constante, agora lutava por controle e desprezava qualquer um que pudesse ser mais forte do que ele. Como provado. As memórias o atormentavam, mas não eram dele. Não podiam ser. Ele nunca tinha sido criança, foi criado completamente formado, um soldado imortal encarregado de proteger Zeus e, ainda assim, lembrava claramente de estar com mais ou menos dez anos de idade correndo através de um campo de ambrosia incendiado, e uma fumaça espessa o sufocando.

Um bando de cães do inferno o localizou, *alimentaram-se dele* e o arrastaram para um calabouço frio e úmido, onde sofreu sozinho e faminto por séculos.

Com a primeira memória, uma verdade terrível atingiu Baden. Os braceletes não eram apenas um objeto, mas um ser. A fera. Não um demônio, mas pior. Um imortal que já havia vivido e agora esperava *continuar* a viver através de Baden. Um monstro que sempre esteve à beira da raiva, violência e desconfiança.

A ironia da situação não foi perdida por Baden.

— Bem — William fingiu estar ofendido. — Tente fazer um favor a um homem.

Concentre-se!

— Ontem você disse que não sabia nada sobre os braceletes.

Um dar de seus ombros largos.

— Isso foi ontem.

— E hoje você sabe... o que, exatamente?

— Apenas tudo.

Ele esperou que o guerreiro dissesse mais.

— Você precisa de outra surra? Diga-me!

— Surra é uma palavra muito forte para o que aconteceu. Eu escolheria uma *massagem* — William lixou as unhas. — Só pra você saber, os efeitos colaterais dos braceletes são numerosos e terríveis.

— Entendi a parte terrível por minha conta, obrigado — remover os braceletes não era uma opção. Eles foram fundidos nele e teria que amputar os braços com um cutelo.

Antes de sua morte, seus braços cresceriam novamente. Agora? Não tinha certeza e não estava disposto a experimentar. Bem, não nele mesmo. Suas mãos eram sua primeira linha de defesa.

— Dê-me especificações — ele exigiu.

— Pra começar, se quiser manter seus novos acessos de raiva à distância, vai precisar de sexo e muito disso.

O pronunciamento era uma piada. Tinha que ser.

Baden arqueou uma sobrancelha.

— Você oferecendo, ó grande e excitado?

William bufou.

— Como se você pudesse lidar comigo.

Pra ser honesto, não podia lidar com *ninguém*. Quando não estava lutando, evitava qualquer tipo de contato, a sensibilidade de sua pele era muito grande. Cada roçar de carne contra carne era excruciante, como um punhal sendo raspado através de terminações nervosas expostas.

— Você vai deixar Budapeste hoje — William disse. — Você vai... para um outro lugar. Vai colecionar um harém de mulheres imortais e passará a próxima década ou duas preocupado apenas com prazer.

Deixar seus amigos? Depois que eles acabaram de se reunir? Não. Estava aqui para ajudá-los, proteger suas costas do modo como desejou fazer há séculos.

— Vou passar.

— E eu vou insistir. Você não pode vencer a escuridão.

— Eu *sou* a escuridão.

O guerreiro inclinou a cabeça de acordo.

— Aqui está o problema. Maddox e Ashlyn têm filhos. Tanto Gideon como Kane têm uma esposa grávida. Sem mencionar as outras fêmeas que vivem na casa. E que tal a traumatizada Legion? A vulnerável Gillian? — Sua voz encrespou com o nome dela. — Vá atrás de qualquer uma das fêmeas da maneira como veio atrás de mim e seus irmãos por escolha vão estripá-lo. Não importa quanto o amem. *Eu* vou estripá-lo.

— Eu nunca...

— Oh, princesa. Você *iria* sim.

Uma nova raiva faiscou. Ele arremessou um punho na parede e praguejou, provando que William estava certo. A fera se aproveitava dele a cada oportunidade.

— Certo. Eu vou embora — as palavras lhe doíam, mas ele ainda acrescentou. — Hoje.

— Seu QI acabou de saltar para o próximo nível — William sorriu para ele. — Alguma ideia de onde irá?

— Não — ele tinha muito pouca experiência com o mundo moderno.

Um suspiro.

— Provavelmente lamentarei isto mais tarde — o guerreiro disse, arrastando dois dedos sobre o queixo — mas que inferno! Nós só vivemos duas vezes, certo?

Baden acenou com a mão, um comando mudo para continuar.

— Por um precinho acessível como um favor para ser cobrado mais tarde, vou te dar uma de minhas casas e até instalarei um bufê carnal pra você. E não se preocupe. Quando eu acabar, é mesmo um homem com sua falta de jogo poderá marcar um dez.

Quando a batida rápida do rock explodiu nos alto-falantes do som surround, um par de seios enormes bateu no rosto de Baden. Ele silvou de dor, não que — seja qual for o nome dela — notasse quando ela girou em seu colo.

Ela estendeu a mão para acariciar sua nuca, claramente pretendendo puxá-lo para mais perto.

Todo homem precisa de uma espanhola pelo menos uma vez na vida, William disse a ela mais cedo. *Certifique-se de que o Ruivo consiga sua chance.*

Baden afastou a mão dela do modo mais suave possível.

Ela sorriu para ele, embora não houvesse uma única sugestão de diversão em seus olhos.

— Ansiedade do desempenho, docinho? Conheço a cura perfeita — ela pulou do seu colo e rodou, empurrando a bunda na cara dele.

— Reboladora é a melhor, não é? — William disse agora.

Baden virou-se para olhar feio para ele. Eles eram os únicos machos no lugar, e o canalha certamente estava vivendo à altura de sua reputação de playboy original, quando enfiava uma nota de cem dólares no fio dental de sua própria stripper. Uma loira esfregando e rebolando nele com absoluto abandono.

— Embora você devesse estar *me* pagando, estou me sentindo generoso — William deu outra nota de cem. — Não pense que não percebi seu orgasmo. O primeiro *ou* o segundo.

Ela estava muito ocupada tendo um terceiro para responder.

— Isto não está me ajudando — Baden estalou.

William se inclinou para lambar a clavícula da loira. Um movimento experiente que parecia executar de forma mecânica.

— Não duvide do meu dom de cafetinar ainda. Isto é apenas um aperitivo.

Cafetinar?

— Escute-o — a senhorita Reboladora encarou Baden, roçando a ponta do dedo ao longo da curva de sua mandíbula. — Você deveria me comer.

A dor! Ele suportou mais alguns segundos, mas apenas para agarrá-la pelos quadris e colocá-la longe dele de uma vez por todas.

— Sem tocar. Nunca.

Seu tom severo não intencional a fez tremer.

— Vá — aborrecido consigo mesmo tanto quanto com as circunstâncias, ele apontou para a porta. — Agora.

Quando ela correu do quarto, ele se estabeleceu mais confortavelmente no sofá e fechou os olhos. Supostamente precisava de sexo, mas não podia se forçar a ter isto. Que tipo de futuro o aguardava? Uma raiva sombria constantemente sangrando dentro de outro? Como antes...

Outra lembrança ele que nunca viveu passou por sua mente.

Estava do lado de fora do calabouço que ocupou por uma tortuosa eternidade, um mar de corpos e pedaços de corpos ao redor dele. Sangue ensopando suas mãos... mãos com as pontas com garras afiadas, pedaços de carne e *outras coisas*.

Passos pisoteando com força em um corredor próximo. Um sobrevivente?

Não por muito tempo.

Sorrindo com antecipação, ele subiu pelos escombros e...

A música parou abruptamente, trazendo Baden de volta ao presente. Abriu os olhos a tempo de ver a última stripper sair do lugar.

William estalou a língua para ele antes de riscar para longe... e retornar com dois copos e uma garrafa de uísque e ambrosia.

Ambrosia, a droga escolhida pelos imortais.

O guerreiro encheu os copos até a borda.

— Aqui. Lubrifique seu cérebro.

O cheiro doce flutuou até Baden, fazendo seu estômago agitar. Por um momento ele era uma criança novamente, preso ao campo em chamas, correndo... correndo... seu coração galopando como um cavalo em uma corrida.

Não eu. A fera.

Trêmulo, esvaziou o copo. Uma onda de calor se espalhou por ele rapidamente o acalmando, apesar da associação adversa, aterrando-o mais profundo no aqui e agora.

— Pronto. Isto não é melhor? — William reclinou-se na ponta do sofá branco, a única peça de móvel em uma sala toda branca.

Paredes brancas, piso branco. Estrado branco com três espelhos em volta. O reflexo de Baden a única fonte real de cor, encarando-o em desafio. Ele se tornou um soldado que já não reconhecia mais, com ondas vermelhas desgrenhadas necessitando desesperadamente de um corte. Os olhos escuros uma vez cheios de boas-vindas agora oferecia ameaças silenciosas. Uma boca que costumava arquear com diversão, sempre curvada para baixo com raiva. As linhas de riso foram substituídas pelas linhas de uma carranca.

Não, nada melhor.

— Estou pronto para partir.

— Que pena. Não vou me lembrar de como riscar com você para outro lugar até que tenha se acalmado. E assim que parecer menos disposto ao assassinato ficará com alguém. As meninas vão te amar — William drenou o conteúdo de seu copo em um único gole. — Só me faça um favor e informe a seu rosto que isto deveria ser um bom momento.

— O contato pele com pele é doloroso.

A fera rosnou para ele por se atrever a expressar uma maldita vulnerabilidade, até mesmo para um dos filhos de Hades.

William franziu o cenho para ele.

— Se você acha que os braceletes são responsáveis...

— Não acho.

—... pense novamente. Eles não são. Então sorria e aguentou ou você não viverá para sua transição.

Transição?

— Parecer menos assassino, como você diz, é um verdadeiro desafio. Esqueci como sorrir.

— Você está se *lamuriando*? — William colocou seu copo de lado e traçou a ponta do dedo pelo rosto, imitando lágrimas. — Sua nova vida é uma merda. E daí? Acha que é o único com problemas?

— Certamente não — seus amigos atualmente estavam caçando a Caixa de Pandora determinados a encontrá-la antes de alguém, qualquer um. Isto poderia matá-los em um instante. Apenas bum... e acabou... morte, seus demônios removidos. Normalmente seria uma boa coisa. Mas um mal tão arraigado tinha que ser purificado primeiro e substituído por seu oposto. Assim como com Haidee, Ódio por Amor. Caso contrário a podridão se instalaria. Era por isso que os Senhores também estavam caçando a Estrela da Manhã — um ser sobrenatural que ainda estava preso dentro da Caixa, capaz de conceder qualquer desejo. Capaz de livrar os demônios sem matar os guerreiros.

Lúcifer montou uma busca pela Estrela da Manhã também, entretanto não tinha nenhum plano para poupar os Senhores. Estava em guerra com Hades e determinado a ganhar a qualquer preço. Ele não fazia nenhum segredo de seu desejo de eliminar os aliados de seu pai: William, Baden e todos os outros. E como mestre dos Arautos — mensageiro da morte — ele podia ser poderoso o suficiente para ter sucesso.

— Está certo — William disse — você não é. De fato, minha vida faz a sua parecer um piquenique hospedado por ninfas da floresta nuas.

— Agora você está exagerando.

— Menos exagerado, talvez. Em questão de dias, Gillian celebrará seu 18º aniversário.

— E daí? — Baden queria que o cara dissesse as palavras em voz alta, admitindo sua própria vulnerabilidade. Na mesma moeda. — Ela vai se tornar adulta. Velha o suficiente para lidar com você — ele não podia deixar de acrescentar — ou qualquer outro homem que ela quisesse.

— A mim — William estalou. Ele nunca seria capaz de mascarar a intensidade de suas emoções pela garota. — Velha o suficiente para lidar comigo. Apenas eu. Mas não posso tê-la.

Quando o cara não disse mais nada, Baden o cutucou.

— Por que você é amaldiçoado?

Uma pausa. Um aceno forte com a cabeça.

— A mulher que me ganhar vai me matar.

Ganhar. Como se *ele* fosse um prêmio. *O mesmo não pode ser dito sobre mim.*

— Bom buá pra você — sobrevivência primeiro, assuntos do coração em segundo, afinal. — Você foi advertido. Pode ser pró-ativo.

Mas. Que. Porra. Ele acabou de sugerir que William matasse a doce e inocente Gilly antes dela ter a oportunidade de matá-lo?

Suas mãos se fecharam. Precisava colocar uma coleira mais apertada na fera. Então. Ele escolheria uma garota, faria sexo com o mínimo de contato corporal possível, e talvez por pouco tempo sua cabeça iria clarear. Seria capaz de qualquer coisa para encontrar um caminho para remover os braceletes, e a fera, manter todas as partes de seu corpo e permanecer tangível.

— Já chega de conversa — forçou os cantos de sua boca a se erguer. — Estou menos assassino. Vê?

— Uau. Quando penso que não pode parecer pior, você vai e me prova o contrário — então William bateu palmas. — Senhoras.

As dobradiças rangeram quando a porta abriu. Uma nova safra de fêmeas escassamente vestidas entrou na sala; uma morena, uma loira, uma ruiva e uma beleza de pele cor de ébano. Os sorrisos abundavam enquanto elas se alinhavam em frente ao estrado.

O espelho de repente fez sentido. Baden tinha uma visão perfeita da frente e de trás. Seu corpo há tempos relegado finalmente se agitou, até mesmo quando uma nova afronta de autorrepulsa o assaltou.

— Prostitutas — ele devia saber.

A loira soprou-lhe um beijo.

— Elas preferem o termo *especialistas do prazer freelancer*. Elas são imortais. Uma Phoenix, uma sereia, uma ninfa e uma bonitinha gatinha shifter, para ser mais preciso — William jogou um braço musculoso por cima do sofá. — Qual você quer pra molhar o biscoito? Seu desejo é uma ordem para elas.

— Não tenho nenhum interesse em paixão fingida.

— Odeio estragar isto pra você, Ruivo, mas paixão fingida é tudo o que vai conseguir — o guerreiro ofereceu um sorriso de não arrependimento. — Neste momento, você tem apenas duas coisas a seu favor. Você é rico, graças a investimentos que Torin fez ao longo dos séculos, e é um sócio morto de Jamie Fraser.

— Quem?

— O macho que estas fêmeas vão fingir que você é — William disse. — Por que você, meu caro, está deficiente de charme e de sofisticação, o que significa que sua carteira recheada e suas feições esculpidas são tudo o que tem pra chegar à linha de chegada.

— Não estou deficiente de charme — às vezes ele estava. Talvez. Provavelmente sempre. William o ignorou.

— Senhoras, digam a Baden como a carteira e o rosto dele são bonitos.

— *Tão* lindo.

— O mais bonito que já vi.

— Mais belo do que bonito.

— Vou montar sua carteira e seu rosto!

Baden encarou William enquanto acariciava o cabo da adaga escondida em uma bainha em sua cintura.

William suspirou.

— Se Jason Voorhees e Freddy Krueger gerassem uma criança do amor, estou certo de que a criança pesadelo olharia para mim exatamente assim.

Mais homens que ele não conhecia. O que o irritava muito! Não tinha nenhuma necessidade de lembrar que o mundo tinha passado muito bem sem ele.

— Meu brilhante senso de humor está perdido pra você. Anotado. Senhoras — William disse, recuperando a garrafa de uísque — digam a Baden que deleites carnis vocês estão preparadas para lhe oferecer.

Uma por uma elas sem fôlego descreveram diferentes cenários. A virgem tímida. A bibliotecária travessa. A dominante. A namorada experiente.

Quando Baden viveu no Monte Olimpo ele saiu com sua cota de mulheres, mas nunca amou nenhuma. Ele queria uma igual, não uma fraca apenas usando-o para proteção,

colocando o poder dele antes de seu sentimento. Estava tentado a experimentar uma namorada experiente.

— Bem? — William perguntou.

— Não vou aceitar nenhum dos cenários oferecidos — *dê-me a verdade ou não me dê nada*. Ele encontrou o olhar de cada beleza. Pela chance de domar a fera e retornar a seus amigos... — Quem vai se curvar e simplesmente aceitar isto?

Talvez ele fosse deficiente de charme.

William balançou a cabeça e murmurou:

— Você deveria se envergonhar.

Enquanto isso, duas mãos femininas se ergueram no ar.

— Eu! Me escolhe! — A morena. A dominante empurrando.

A loira deu uma cotovelada no estômago dela.

— Eu sou a que você quer — a bibliotecária travessa.

— O quanto nós somos amigos? — William perguntou a ele.

— Não somos — Baden tinha doze amigos. Apenas doze. Os homens e mulheres que sofreram a possessão do demônio bem ao lado dele. Os guerreiros que tinham sangrado com ele e por ele — os heróis que só tinha desapontado desde seu retorno. Eles queriam que ele fosse o homem que costumava ser, não o bastardo que se tornou.

Eeee havia outra lenha no fogo de sua culpa.

— Lágrimas. Tristeza — William colocou a mão em seu peito, como se tivesse sido apunhalado. — Agora. Escolha sua garota. Vou te fazer um favor e levar as outras três.

— Que tipo de imortal vocês são? — Baden perguntou a duas candidatas.

— Phoenix — a morena disse, seu orgulho evidente.

— Ninfa — a loira disse com sua voz rouca.

— Você — ele apontou para a loira. — Escolho você — ninfas precisavam de sexo mais do que precisavam de oxigênio. Pelo menos ela conseguiria algo além do dinheiro para seu problema.

A morena murchou com desagrado, surpreendendo-o.

— Vou te compensar, pétala — William disse a ela com uma piscada. — Com ele você teria que trabalhar por cada centavo. Comigo você pode simplesmente aproveitar. Não quero exagerar minha habilidade, mas eu inventei o orgasmo.

Tanto faz. Baden se levantou e, sem iniciar contato, levou a loira para a saída. Ele abriu a porta e fez sinal para ela passar. O leve cheiro de aloendro branco a acompanhou. Ele a seguiu por um corredor estreito, mantendo uma distância segura.

— Escolha um quarto — ela disse com o que poderia ter sido... antecipação? — Qualquer quarto.

Ele escolheu o primeiro à direita, entrando antes dela no caso de alguém estar esperando do lado de dentro, pretendendo atacar. Nenhum agressor saltou em cima dele, mas encontrou uma câmera escondida dentro de um relógio sobre a cornija acima da lareira. Obra de William? Por quê?

Depois de desativá-la, conduziu uma busca mais generalizada. O quarto tinha uma cama de dossel King-size com lençóis de seda preta, uma mesa de cabeceira cheia de preservativos e lubrificantes, e uma poltrona próxima a um tapete de shifter de urso.

A loira traçou a ponta do dedo entre seus seios.

— O que você quer que eu faça, lindão?

A fera protestou. Ruidosamente. Ele não gostou dela, e não queria Baden distraído e vulnerável na presença de outra pessoa, especialmente em um esforço para acalmá-lo.

Mesmo assim, Baden disse:

— Tire a roupa e se curve na beirada da cama, de bruços.

— Ohhh — ela sorriu. — Você vai me espancar por ser malcriada?

A fera o amaldiçoou, depois à garota. *Você vai sair. Vai sair agora.*

Nenhuma ameaça. Apenas uma ordem. Algo no tom dele...

Um tom que Baden tinha ouvido apenas de reis. *Quem é você?*

Mal fazendo uma pausa, a fera respondeu: *Eu sou Destruição.*



DOIS

“Os momentos mais difíceis geralmente levam aos maiores momentos. Então endureça.”

— William, o Sempre Excitado.

BADEN TITUBEOU. A FERA... Destruição... Um demônio?

Um rei, ele completou.

O orgulho na voz da criatura era inquestionável.

Na mosca. *Rei de quê?*

No momento? De você. Largue a garota ou a mate. A escolha é sua.

Havia outra opção. Baden estreitou o olhar na parceira de cama que havia escolhido.

— Não vou bater em você, só vamos trepar. Tire a roupa, incline na cama de cara para o colchão — ele repetiu — Por favor, e obrigado.

Destruição silvou.

— Pra você, bonitão, qualquer coisa — ela abriu o sutiã e despiu a calcinha que combinava. Ambas as peças de roupa amontoaram no chão. Ao se mover, o anel que ela usava brilhou, a pedra multicolorida refletiu a luz que captava.

Bang, bang, bang. A fera chutou o peito de Baden com tanta força que o impacto parecia as batidas de seu coração. *Não consegue enxergar o perigo bem à frente do seu nariz?*

A garota não fazia ideia de seu turbilhão interior e lentamente virou, exibindo o traseiro. Ela se inclinou sobre o colchão como ele pediu e separou bem as pernas, para dar a ele a visão do que havia perdido em todos aqueles séculos de prisão.

— Pra sua informação, eu sou insaciável — ela olhou por cima do ombro, novamente sorrindo. — Não precisa pegar leve.

Ela não sobreviveria ao “pegar pesado” dele.

Destruição bateu mais forte, silvou mais alto. *Mate-a antes que ela nos mate.*

— Não — ele disse por entredentes cerrados.

— Não? — perguntou ela, incrédula. Deu então um forte tapa na própria bunda, deixando uma marca de mão vermelha. — Vai desperdiçar *isto tudo*?

Cerrando os maxilares, ele respondeu.

— Eu vou tomá-la — *e vou calar a fera.*

Alívio inundou a expressão dela ao vê-lo se mover às suas costas. Ao lutar contra os impulsos de seu hóspede, o suor porejou por seu corpo. Logo suas roupas estavam grudadas à pele extremamente sensível.

Destruição ficou ainda mais frenético. *Ela é o inimigo. Veja! Acredite!*

Só o que vejo é uma passagem só de ida para o paraíso. Era hora de mandar ver ou calar a boca. Não importa o quão doloroso fosse.

Risco... Recompensa. Baden deixou sua camisa úmida no lugar e limitou-se a abrir o zíper das calças.

Ela continuava a observá-lo por cima do ombro impassível.

— Você realmente é bonito, sabia?

— Só no exterior.

— Melhor ainda.

Ele desejou ter tido mais experiência com mulheres modernas. Será que elas realmente gostavam de cuzões?

Por quatro mil anos, a única outra fêmea com quem interagiu foi Pandora, e ela tentou matá-lo constantemente. Agora ela estava à solta no mundo, tangível graças ao fato de também usar um par de braceletes espiralados. Ela localizou a fortaleza e conseguiu burlar a segurança para emboscá-lo. Duas vezes! Em ambas as circunstâncias, eles quase se mataram.

Será que ela estava lidando com sua própria versão da Destruição?

Tolo! Já está distraído. Sem mim, você vai se tornar um alvo ambulante.

Inferno, não. Uma mentira de uma criatura desesperada. Baden retirou uma camisinha do bolso, não confiando nas da gaveta. Ao rasgar a embalagem metálica com os dentes, um estranho brilho vermelho inundou o quarto. Ele sacou uma adaga e olhou ao redor, notando que Destruição ficou súbita e estranhamente calmo.

A garota se contorceu para apoiar o peso nos cotovelos e o encarou abertamente. Ela estava boquiaberta.

— Seus braços.

Ele olhou para baixo e franziu o cenho. Os braceletes já não eram pretos, mas vermelhos, e quanto mais intensamente brilhavam, mais chamuscavam sua pele, com pequenos rios pretos se ramificando por baixo, lembrando-o das rachaduras na fundação de sua vida — e sua sanidade.

O que infernos estava acontecendo? Ele subiu o zíper das calças, na intenção de procurar William.

Sua parceira soltou um suspiro pesado.

— Não é pra menos que ele te quer morto — sem mais avisos, lançou o punho nele.

Instintos treinados nos mais sangrentos campos de batalha o puseram em movimento antes que sua mente processasse o que estava acontecendo. Segurou o punho dela antes do contato e torceu seu braço para trás das costas, efetivamente girando-a.

Agora a mate, disse Destruição. *Faça dela uma mensagem de alerta para todos os que pensarem em nos prejudicar.*

Ele não... faria isto.

— Você disse que *ele* me quer morto — as palavras foram rosnadas. — *Ele* quem? — William?

— Solte-me! — Ela tentou chutá-lo inutilmente. — Não é nada pessoal, está bem? Pelo menos não da minha parte. Só quero o dinheiro — ela bateu a mão livre no colchão. — Eu devia ter seguido o plano e esperado até você estar fraco demais depois de gozar.

Ele torceu o braço dela ainda mais e ela gritou de dor. O anel chamou sua atenção. A pedra tinha caído, revelando a agulha que havia por baixo. Ela queria envenená-lo?

Mensagem de alerta...

Inimigos precisavam morrer. Sempre.

— William! — Ele berrou, embora nem precisasse ter se incomodado.

A porta do quarto foi arrombada, William cambaleou para dentro e seu olhar semicerrado se fixou na loura.

— Que vacilo, ninfa. Eu teria sido bom pra você — ele estava encharcado de sangue. — Agora você só vai ter o meu pior.

Tremores de medo a percorreram.

— Ela disse que *ele* me quer morto — Baden informou ao guerreiro.

Um músculo tremeu sob seu olho.

— Ele. Lúcifer. E não ouse se referir àquele macho como meu irmão. Eu jamais o aceitei como tal.

Baden devia ter adivinhado. Lúcifer tinha fome de poder. Era ambicioso. Um esturpador desalmado. Assassino de inocentes. Pai das mentiras. Não havia linha que não cruzasse. Nenhuma tarefa repugnante que não cometesse contra homens, mulheres e até crianças.

William indicou as faixas brilhantes de Baden com um gesto do queixo.

— Prepare-se. Logo vai encarar...

Baden foi sugado por um buraco negro invisível... só pra se estabacar do outro lado. Ele orientou sua mente quando um imenso salão de baile entrou em seu campo de visão. Espirais

de fumaça se elevavam de múltiplas fogueiras, enevoando o ar ao serpentearem na direção de um teto em forma de domo feito inteiramente de chamas. Só existiam duas saídas. A dos fundos, guardada por gigantes, e a da frente, guardada por gigantes ainda maiores.

Um trono grandioso feito de crânios humanos cor de bronze consumia o centro de um grande estrado, e naquele trono sentava-se o próprio Hades. Ele era um homem grande, tão alto quanto Baden, com cabelos e olhos tão pretos que não tinham começo ou fim. Ele usava um terno risca de giz e sapatos italianos, a elegância contrastando com as estrelas tatuadas em cada nó de seus dedos.

Urbano, porém não civilizado, Hades abriu os braços.

— Bem-vindo à minha humilde casa. Ame antes de odiá-la.

Baden ignorou o cumprimento sem sentido. Só havia interagido com o rei uma única vez, quando o macho havia lhe dado os braceletes ao libertá-lo da prisão de Lúcifer.

— Por que estou aqui? — O brilho dos braceletes se apagou, o metal esfriou, tornando-se opaco e escuro novamente. Melhor dizendo: — *Como vim parar aqui?*

Hades sorriu lenta e presunçosamente.

— Graças aos braceletes, eu sou o seu mestre e você é meu escravo. Eu te convoquei e você veio.

Baden conteve a urgência de atacar.

— Mentira — ele não era escravo de ninguém, nem mesmo de um rei. Mas a fera... podia ser. Compreensão o atingiu, e subitamente só uma pergunta importava: — Quem é Destruição?

O rei era um estrategista experiente e manteve a expressão impassível.

— Talvez um homem que eu tenha amaldiçoado. Talvez uma criatura que eu criei — seus dedos formaram uma torre à frente da boca. — A única coisa que você precisa saber? Entre eu e você, ele sempre escolherá a mim.

A fera não emitiu nenhuma resposta, um fato tão irritante quanto surpreendente.

— Irei combater a compulsão de obedecê-lo — Baden jurou.

Hades piscou com algo parecido com dó.

— Quando eu te convocar de novo, você virá. Quando eu te der uma ordem, você obedecerá. Que tal uma boa e velha demonstraçãozinha? — Ele ergueu o queixo, a imagem de um macho que jamais conheceu a incerteza. — Ajoelhe-se.

Os joelhos de Baden atingiram o chão com tanta força que o ambiente todo tremeu. Embora lutasse com toda sua considerável força, não conseguiu se levantar.

Horror se juntou à ira. Curvado aos desejos de outro...

— Como pode ver, meu desejo é sua ordem — Hades acenou uma mão pelo ar. — Pode se levantar.

Seu corpo destravou e ele ficou de pé, suas mãos automaticamente pousaram no punho da adaga. Ele foi enganado. E oh, a ironia. A única vez em que devia ter duvidado, tinha confiado cegamente.

Batalhando contra uma redobrada ira, falou entredentes.

— Você não pode dar ordens se estiver morto.

— Uma ameaça vazia? Esperava mais de um temido Senhor do Submundo. Desculpe, ex-Senhor. Mas tudo bem. Vamos lá. Tente me matar.

Hades o incentivou a se aproximar.

— Não vou me mover. Não vou nem revidar se você me der um golpe.

Sem hesitar ele caminhou na direção do trono, com um plano de ataque já se formando. A garganta e coração eram alvos óbvios, então iria direto para a artéria femoral. Hemorragia massiva levaria à fraqueza.

No momento em que estava à distância de um golpe, ele se abaixou, com a adaga a postos.

Hades sorriu, genuinamente divertido.

A ira redobrou e Baden...

Congelou, incapaz de se mover. A um centímetro de distância.

Arqueando uma sobancelha, Hades disse.

— Estou esperando.

Com um rugido, Baden girou o outro braço. Congelou também.

O rei sorriu.

— Já que você está claramente com dano cerebral, vou te ajudar a entender o que está acontecendo. Você é incapaz de me machucar. Eu poderia me pressionar contra sua arma, que você viraria a lâmina contra si mesmo antes que eu começasse a sangrar — ele correu a ponta de um dedo ao longo da lâmina em questão. — A vadia da caixa exigiu uma demonstração disso. Quer também?

Vadia da caixa. O bastardo fez Pandora passar pela mesma situação?

Instintos protetores brotaram, surpreendendo-o. E ainda assim, achou entender a fonte. Neste momento ela era a única outra pessoa no mundo que entendia o seu sofrimento. Não somente tinha experimentado os mesmos horrores no reino espiritual... névoa envenenada,

meses sem uma única centelha de luz, golpeados por uma sede profunda que jamais podia ser saciada... eles agora experimentavam estes novos horrores na terra dos vivos.

— Bem? — Hades perguntou.

Baden não precisava de outra demonstração. Precisava de um novo plano.

— Por que está fazendo isto?

— Por que posso — olhos pretos brilhavam como um céu noturno cheio de estrelas moribundas. — Porque eu farei *qualquer coisa*, machucarei *qualquer um*, para vencer a guerra contra Lúcifer.

Uma guerra que Baden apoiava há semanas. De livre e espontânea vontade! Não havia motivo para forçar a barra.

— Há cinco minutos eu teria dito o mesmo.

— Daqui a cinco minutos voltará a dizer o mesmo — Hades reclinou-se, esticou as pernas e gesticulou com dois dedos. — Decidi delegar algumas das tarefas mais desagradáveis em minha lista de coisas a fazer. Pode me agradecer agora.

Libertado do congelamento de seus movimentos, Baden cambaleou para trás. A compreensão o golpeou com a força dos punhos de William. Ele ia virar um pau-mandado?

— Para garantir sua concordância em participar fora destas paredes, cada tarefa completada com sucesso lhe renderá um ponto — continuou Hades. — Quando a lista estiver completa, o escravo com mais pontos será liberto dos braceletes e poderá voltar a viver no reino humano.

Novas centelhas de ira queimaram em seu peito.

— E o perdedor?

— O que acha? Não tenho utilidade nenhuma para fracotes incompetentes. Mas no final, pode ser que você aceite a lâmina espontaneamente, hein? Este não é o seu *modus operandi*?

Culpado...

— Nem se atreva a ir atrás de Pandora para eliminá-la da competição — Hades completou. — Se matá-la, vai matar a si mesmo.

Ele umedeceu os lábios com um varrer agressivo de sua língua.

— Eu já sou um espírito. Não posso ser morto.

— Oh, caro garoto, você com muita certeza *pode* morrer. Sem sua cabeça e os braços, simplesmente deixa de existir.

Pelo menos era uma saída.

Inferno, não. Jamais morreria de propósito. Não de novo. Jamais magoaria seus amigos de forma tão covarde.

— Me escravizando você atrairá a ira da minha família. Um exército do qual necessita se que vencer esta guerra. Também atrairá a ira de William, seu próprio filho.

Hades revirou os olhos.

— Bela tentativa, mas você não sabe nada sobre o laço entre pai e filho. William vai me apoiar. William *sempre* vai me apoiar. Quanto aos Senhores, duvido que apoiariam o monstro que violentou uma de vocês.

Não, não apoiariam. Aeron, antigo guardião da Ira, amava um demônio-que-se-transformou-em-garota-humana como uma filha. Aquela garota, Legião... que se autodenominava Honey... ainda sofria dos efeitos do abuso de Lúcifer.

Lúcifer merecia uma lança enfiada no coração escuro e não outro reino para governar. Aliar-se a ele jamais seria uma opção.

Hades *era* o menor de dois males.

Baden passou a língua sobre um dente incisivo. Tinha que jogar o jogo do bastardo... mesmo que suspeitasse que o desfecho não fosse ser tão direto quanto Hades havia clamado.

Ganhe tempo. Descubra uma solução.

— E quanto ao seu laço de pai e filho com Lúcifer? — Baden perguntou com um esgar. — Não estou exatamente captando o seu amor por ele.

— Não há laço. Não mais. Agora, chega de papo. Tenho duas tarefas para você. Uma exigirá tempo. A outra exigirá colhões. Espero que tenha trazido os seus.

Bastardo.

Hades bateu palmas e chamou.

— Pippin.

Um ancião de rosto desfigurado e corcunda saiu de trás do trono. Ele usava uma túnica branca e entalhava algo em uma tabuleta de pedra. Sem desviar os olhos de seu trabalho, disse.

— Sim, senhor.

— Diga a Baden suas primeiras tarefas.

— A moeda e a sereia.

Hades sorriu com gentileza.

— Você não poupa detalhes, Pippin. Um verdadeiro mestre da descrição — quando estendeu a mão, o homem de túnica colocou um pequeno pedaço de pedra em sua palma. — Um homem em Nova York está com uma moeda que me pertence. Quero-a de volta.

Esta era uma tarefa *desagradável*?

— Quer que eu busque uma simples moeda?

— Pode rir se quiser. Não vai rir depois — a pedra pegou fogo e rapidamente reduziu-se a cinzas; Hades soprou na direção de Baden. — Você vai precisar de tempo, como eu disse, e inteligência.

Ele inalou instintivamente. Um momento depois, múltiplas imagens inundaram o centro do palco de sua mente. Uma moeda dourada com a face de Hades de um lado e a outra face em branco. Uma luxuosa propriedade rural. Uma igreja. Um casamento. Uma imagem: um homem de vinte e cinco anos com o rosto angelical emoldurado por cachos dourados que pareciam um halo.

Subitamente Baden tomou ciência de uma miríade de detalhes, os quais jamais teve contato antes. O nome do homem era Aleksander Ciernik e ele vinha da Eslováquia, onde seu pai construiu um império vendendo heroína e mulheres. Há quatro anos, Aleksander assassinou o pai e assumiu os negócios da família. Seus inimigos tendiam a desaparecer sem deixar rastros. Não que alguém pudesse conectá-lo a qualquer crime de forma concreta.

— Você agora tem a habilidade de se transportar instantaneamente até Aleksander — disse Hades. — Também será capaz de se transportar até mim e sua casa, seja onde for. A habilidade se expandirá para incluir eventuais novas tarefas que assumir.

A habilidade de se transportar instantaneamente era algo que ele sempre invejou. Hoje, sua excitação foi minada pela cautela.

— Como o humano obteve sua moeda?

— Isso importa? Tarefa é tarefa.

Verdade.

— E minha segunda tarefa?

Pippin colocou outra pedra na mão de Hades. Mais chamuscas se ergueram... mais cinzas voaram na direção de Baden. Ao inalar, uma imagem diferente se formou em sua mente. Uma bela mulher com longos cabelos vermelhos e grandes olhos azuis. Uma sereia.

Cada sereia era capaz de evocar certas emoções ou reações com a voz, mas cada linhagem familiar tinha uma especialidade distinta. A família dela era perita em criar calma durante o caos.

A garota... tinha morrido há séculos. Assassinada por... os detalhes permaneceram ocultos. O que Baden sabia? Ela agora era um espírito, embora sua forma incorpórea não fosse

um problema para ele. Apesar dos braceletes, ele ainda conseguia se conectar com outros espíritos.

— Traga-me a língua dela — ordenou Hades.

Tipo, *cortar* a língua dela?

— Por quê? — A pergunta foi feita por Baden.

— Peço sinceras desculpas se te dei a impressão de que satisfaria sua curiosidade. Vá. Agora.

Baden abriu a boca para protestar, somente para se ver dentro da fortaleza em Budapeste, onde seus amigos viviam. Na sala de jogos, para ser exato, com Paris, o guardião da Promiscuidade, e Sienna, a nova guardiã da Ira. Um filme da Hallmark, daqueles de feriados de Natal, passava ao fundo e os dois estavam reclinados no sofá, comendo pipoca e discutindo formas de invadir o submundo sem serem detectados.

Amun, o guardião de Segredos, estava sentado em uma pequena mesa redonda com a esposa a seu lado. Haidee era baixinha, seus cabelos louros na altura dos ombros tinham mechas cor de rosa. Ela tinha um *piercing* prateado na sobrancelha, e o top que usava revelava um braço coberto de tatuagens de nomes, rostos e números. Pistas que precisava lembrar a si mesma de quem era, a cada vez que morria e voltava e suas lembranças eram apagadas. Ela morria *um bocado*, o demônio do Ódio a reanimava todas as vezes, exceto a última, permitindo que continuasse sua missão: destruir seus inimigos. Da última vez, a encarnação do Amor foi quem a reanimou.

Baden antigamente era seu inimigo número 1, e foi por isto que ela tinha ajudado a matá-lo há tantos séculos.

A lembrança surgiu, uma que ele realmente tinha vivenciado e não conseguia evitar, como se — por ser tanto vivo quanto morto, corpo e espírito — ele estivesse preso entre o presente e o passado. Ele tinha morado na Grécia antiga com os outros Senhores. Uma Haidee perturbada veio bater à sua porta, alegando que o marido tinha sido ferido e precisava de ajuda.

De início, Baden havia suspeitado das intenções maliciosas dela. Mas na época, suspeitava *de que todo mundo* tivesse intenções maliciosas e estava cansado, tão cansado da constante paranoia. Ele tinha começado até mesmo a suspeitar de seus amigos, e a urgência de feri-los, matá-los, provava-se quase irresistível diariamente. Em várias ocasiões, surpreendia-se ao se ver aos pés da cama de alguém com uma faca na mão. Um dia ele surtaria.

Mudar para outra cidade não teria feito nenhum bem. Desconfiança estava faminto na época, do jeito que Destruição estava agora. Eventualmente o demônio o levaria para casa. Pontas soltas não eram toleradas por muito tempo, a paranoia que causavam era intensa demais. Suicídio através de homicídio tinha lhe parecido a única solução.

Ver Haidee agora o destruía por dentro. Ele a ferira anos antes dela atacá-lo... tinha matado o real marido dela na batalha. Ela o ferira de volta. Estavam quites. Agora, eles não eram mais as pessoas que costumavam ser. Recomeçaram do zero. Ou quase.

Destruição parou de bancar o morto e rosnou para ela, lembrando-se da traição como se *ele* tivesse sido o alvo. Ansiava por vingança.

Não vai acontecer, Baden o informou.

Kane, o antigo guardião do Desastre, andava ao redor de uma segunda mesa enquanto sua esposa, Josephina, a rainha dos Fae, estudava um mapa intrincadamente detalhado. Cabelos longos cascadeavam de seus ombros delicados. Cabelos que Kane parou para afastar para trás, revelando as orelhas pontudas dela.

O guerreiro sussurrou algo para ela — algo que a fez sorrir — antes de beijar a cicatriz no rosto dela... e a sua bochecha. Os olhos azuis dela ficaram calorosos e brilhantes.

— Guerra é assunto sério — ela correu a mão sobre a barriga arredondada, uma carícia amorosa no filho ainda não nascido. — Vamos falar sério.

Preciso ir embora. Agora. Baden não estava estável. Ele não devia ficar tão perto assim de fêmeas, muito menos fêmeas *grávidas*.

Em uníssono, Paris, Amun e Kane o viram. Cada homem pulou à frente de suas respectivas garotas, atuando como um escudo, enquanto apontavam uma adaga na direção de Baden.

Era incrível vê-los trabalhar juntos. Depois de sua morte, os doze guerreiros que só queria proteger, tinham se dividido em dois grupos de seis, enfraquecendo severamente sua linha defensiva. *Minha culpa*.

Os grupos fizeram as pazes sobre suas relações rompidas séculos depois, Baden ainda precisava fazer as pazes com sua consciência.

Destruição chutou em seu crânio. *Mate!*

No momento em que a identidade de Baden foi identificada, as adagas foram baixadas e guardadas. Não que a fera tenha se satisfeito.

— Como foram suas férias com Willy? — Paris deu uma piscadela. — Tão ruins quanto as que eu tirei com ele? — O macho era tão alto quanto Baden, batendo seus 2,03m. Ele tinha cabelos multicoloridos, as mechas variando do preto mais escuro ao louro mais pálido. Seus olhos eram azuis vibrantes, e quando não encaravam atacantes potenciais quase sempre brilhavam com boas-vindas, convidando outros a se juntarem à festa... dentro de suas calças.

Baden sempre foi o mais simpático. Sólido como uma rocha. Sempre lá quando se precisava dele. Está triste? Chame o Baden. Irritado? Dá um pulo na casa do Baden. Ele conseguia melhorar tudo.

Mas já não era mais assim.

— As férias — sua desculpa para partir — acabaram.

Amun meneou a cabeça em saudação. O forte e silencioso. Tinha pele, cabelos e olhos escuros — olhos vigilantes — enquanto o Kane divertido e amoroso tinha alegres olhos castanhos e, como Paris, cabelos multicoloridos, as nuances tendendo aos tons mais escuros da escala.

Todos eram homens atraentes, criados para serem iscas sexuais, além de assassinos.

— Nunca mais se esgueire de mansinho assim por trás de mim, cara — Kane apontou um dedo para ele. — É capaz de perder as bolas. E desde quando tem a habilidade de riscar assim?

— Desde hoje. Foi... um presente de Hades.

Amun enrijeceu como se pudesse enxergar dentro da cabeça de Baden. Inferno, provavelmente conseguia mesmo.

— O bomba-H fez alguma coisa com você? — exigiu Paris — Pode dizer, a gente acaba com ele junto com o filho degenerado.

— Por falar em Lúcifer — disse Kane, chamando Baden com um aceno — estamos no meio do processo de criar um plano passo-a-passo para garantir a derrota dele.

— Até agora só temos o passo um. Invadir a masmorra dele para libertar Cronus e Rhea — Josephina esfregou a barriga. — Eles sabem coisas demais sobre vocês, rapazes. Suas fraquezas, suas necessidades. Podemos trancafiá-los em *nossa* masmorra.

Nunca era uma boa ideia permitir que um de seus inimigos fosse controlado por outro de seus inimigos. Mas recentemente, Cronus, o antigo guardião da Ganância, e Rhea, a antiga guardiã da Luta, foram decapitados. Os autodenominados deuses tinham recebidos um par de braceletes espiralados, mas os deles vieram de Lúcifer. Hades não tinha entrado na negociação.

— Não vá atrás dos Titãs — Baden disse — Ainda não. Eles provavelmente estão escravizados por Lúcifer — do jeito que ele e Pandora eram escravos de Hades. Eles poderiam ter poderes — e desejos — que os Senhores desconhecêssem completamente.

— Não vejo problema — Sienna aproximou-se de seu homem. A mulher esbelta tinha cabelos escuros cacheados e rosto sardento. As imensas asas negras que se arqueavam sobre seus ombros lhe davam um aspecto de realeza e uma qualidade levemente má. — Um homem escravizado é um homem fraco. Não tem hora melhor para pegá-los.

Não! Baden recusava-se a acreditar na afirmação. Ele estava escravizado, mas não era fraco.

— Só... confie em mim quanto a isto. Lúcifer pode *querer* que vocês regatem os dois. Deixe-me investigar um pouco antes — sabia exatamente por onde começar. Embora Keeley estivesse atualmente vinculada a Torin, o guardião da Doença, ela já tinha sido noiva de Hades. — Onde está a Rainha Vermelha?

— Com os artefatos — disse Haidee — Por que você...

Baden saiu para o hall antes dela poder terminar, e a fera rugiu desagradavelmente.

Jamais dê as costas ao inimigo.

Eu não dei. Eles são meus amigos.

Ele silenciou os gritos de negação, chegando à sala dos artefatos sem incidentes.

Keeley perambulava de um lado a outro. Ela passou, pisando firme, pela Haste de Partir, a Gaiola da Compulsão, e então virou e passou por eles de novo, revirando o Manto da Invisibilidade entre os dedos.

— Não consigo encontrar a dimOuniak, e se não consigo encontrá-la, não consigo achar a Estrela da Manhã — murmurou. Era uma mulher bonita que mudava de cor junto com as estações. O Verão lhe dera cabelos cor de rosa com mechas azuis e olhos da cor de um céu ao entardecer. — Preciso encontrar a Caixa. Tenho de achar a Estrela da Manhã. O que estpu perdendo? O que estou fazendo de errado?

Baden sabia o perigo de surpreender esta mulher cujos poderes eram inimagináveis, mas pigarreou mesmo assim.

Quando ela se sobressaltou, um lampejo de dor o trespassou.

A fera se manifestou de novo, exigindo que Baden a matasse.

Ele devia agradecê-la. Ela poderia ter feito algo muito pior. Isto? Não era nada.

— Baden? — Ela piscou, confusa.

Inalação forçada... exalação forçada.

— Os braceletes me tornaram escravo de Hades.

— Uh, é — ela jogou os cabelos longos para trás dos ombros, a ação cheia de feminilidade, disfarçando a força sobrenatural que ela, de alguma forma, continha naquele corpo de aparência frágil. — Você diz isto como se fosse surpresa.

Ela *sabia*?

— E é. Pra mim.

— Se você não queria ser o pau mandado de Hades, por que aceitou os braceletes? — Ela apoiou as mãos nos quadris. — Você podia ter virado o pau mandado de *Lúcifer*.

Quando tinha aparecido com Hades, ela dissera: *o acessório mais quente desta estação! Você jamais vai se arrepender da decisão de usá-los. Dou minha palavra.*

Seus maxilares cerraram com tanta força que seus dentes doeram. Ele a lembrou da promessa.

— Eu disse isto? — ela deu de ombros. — Uau. Você é crédulo. Mas, uh, tenho *certeza* que calculei a probabilidade de que algo ruim acontecesse a você.

Ah, fala sério. Ele cruzou os braços sobre o peito.

— Eu adoraria ouvir estes cálculos.

— Bem, se você tem dois braceletes e um imortal, quantos problemas ele enfrentará? Ouro. Óbvio. Por que o coração sangra segredos e cachorrinhos têm garras.

Como Torin não enlouquecia convivendo com ela? Além de ter ficado maluca por séculos de encarceramento, ela tinha uma memória de merda. Existia desde o início dos tempos e frequentemente se referia à sua mente como um quadro de cortiça com fotografias demais penduradas. Algumas coisas acabavam escondidas por outras.

Foco na tarefa que tinha em mãos.

— Cronus e Rhea agora são controlados por Lúcifer?

— Oh, sim.

Finalmente. Uma resposta coerente.

— Mas o cego não pode guiar os cegos.

E-e-e-e de volta à estaca zero. Lúcifer, Cronus e Rhea não eram cegos. Baden mudou de estratégia.

— Hades me mandou recuperar uma moeda.

— Bem, não conte comigo para um empréstimo — ela ergueu as mãos, as palmas voltadas para fora e se afastou dele — posso te espancar com uma fronha cheia de moedas, mas jamais abriria mão de um centavo.

— Não estou pedindo dinheiro. Estou pedindo informação — tinha de tatear no vasto oceano do conhecimento dela. De qualquer jeito. — Pense. Por que Hades iria querer uma moeda específica?

— Ele também está falido? Panaca! Se ele roubar os diamantes que eu roubei, arranco os testículos dele. De novo!

Calma...

— Ouça cuidadosamente, Keeley. Um macho humano está com a moeda de Hades e ele quer esta moeda *muito especial* de volta. Será que ela tem poderes especiais? — Poderia Baden usá-la a seu favor?

Ela soprou-lhe um beijo.

— Eu sou poderosa e temível. Realeza imortal! Não me preocupo com mortais.

Firme...

— Esqueça o humano — por ora — Eu preciso arrancar a língua de uma sereia. Por que Hades me mandaria fazer tal tarefa horrível?

— Dããã! Porque duas línguas são melhores do que uma.

Destruição emitiu um rugido pela boca de Baden quando uma lembrança surgiu... Keeley pairando no ar, o cabelo dela de um vermelho tão escuro que as mechas pareciam rios de sangue. Outros pairavam no ar ao redor dela, os corpos tensos, os membros trêmulos... os lábios separados em um grito infinito.

Um a um, os homens e mulheres explodiram, pedaços de carne e vísceras chovendo sobre ele — sobre a fera. Sangue o salpicou, o único homem que restou.

Ela sorriu para ele.

— Melhor?

— Muito — ele bateu palmas, orgulhoso dela, mas também preocupado. Se os poderes dela aumentassem ainda mais, ela poderia ser capaz de derrotá-lo.

Todas as ameaças tinham de ser eliminadas.

Dedos estalaram na frente do rosto de Baden e ele piscou, retornando ao presente.

— Ei! — Keeley-Verão o encarava. — Você apagou do nada.

— Não tenho certeza se sei o que isto significa... Deixa pra lá. Peço desculpas — a fera conhecera e admirara Keeley. Deve tê-la conhecido por meio de Hades... Será que foi *amiga* de Hades?

Hora perfeita de se livrar de uma futura ameaça. Mesmo que a ameaça seja um aliado.

De repente as mãos de Baden doeram para envolver o pescoço dela e apertar.

A espinha dela vai quebrar com a facilidade de um graveto.

Horrorizado, ele se afastou. William tinha falado a verdade. Um dia ele iria surtar e seria odiado. A culpa que carregava agora não se compararia à culpa que carregaria então.

Ele tinha de partir da fortaleza, e desta vez tinha que permanecer longe. O plano sexual de William fazia sentido, mas agora sabia sem dúvida que não era a resposta. Por causa da sensibilidade de sua pele, sim, mas também porque não podia confiar em ninguém.

Novamente a ironia.

Lúcifer enviaria outro assassino. Era só questão de tempo.

Destruição se contorceu de antecipação, praticamente fumegando na boca para se provar forte. *Ataque-me. Veja o que acontece.*

Deixa eu adivinhar. Você vai matar. Disco riscado. A fera precisava atualizar seu repertório.

Uma sensação de perda atingiu Baden. Seus amigos não compreenderiam sua ausência contínua. Umas segundas “férias”. Eles se preocupariam e se perguntariam se *eles* teriam feito algo errado.

Juntos permanecemos ou um a um pereceremos.

Quantas vezes Maddox, o guardião da Violência, disse aquelas palavras desde o retorno de Baden? Incontáveis.

Isto não era consertar os erros do passado, mas *era* colocar o bem-estar de seus entes queridos em primeiro lugar.

— Baden?

Ele se afastou de Keeley e pegou o celular que Torin tinha lhe dado. Tecnologia era uma cadela que ele ainda tinha de domar, mas achava que a mensagem de texto em grupo era sua melhor aposta.

Encontro em 5.

Ele explicaria sua situação com Hades e, com o conselho dos guerreiros que vagavam neste mundo há tanto tempo quanto ele, planejaria sua primeira ação, ganharia seu primeiro ponto e lutaria de modos justos ou injustos para manter-se à frente de Pandora neste jogo.

Quanto mais cedo vencesse, mais cedo poderia dizer adeus à Destruição e retornar com segurança à sua família.



TRÊS

“Tudo que eu quero de um homem é tudo e nada ao mesmo tempo, mas em momentos diferentes, algumas vezes e nunca, mas sempre.”

— Keeleycael, a Rainha Vermelha

KATARINA JOELLE REZOU para que o mundo acabasse enquanto seu noivo recitava os votos de casamento.

Aleksander Ciernik era um homem mau, muito mau e ela preferiria comer pregos enferrujados do que vincular sua vida a ele. Mas ele tinha lhe dado uma escolha: casar-se com ele ou testemunhar a tortura de seu irmão Dominik.

No início daquele ano, Dominik tinha começado a trabalhar para Alek de livre e espontânea vontade. Então depois dela rir na cara de Alek e dizer: Vá em frente. Pode torturá-lo — ele aumentou a aposta. Casar com ele ou testemunhar a tortura de seus adorados cães.

Panchart! Bastardo.

Ela tinha parado de rir pra começar a calcular a PSM. Probabilidade de Ser Mordida.

Para Alek, Katarina seria somente um cavalo premiado para trotar ao redor de seus amigos quando tivesse vontade. Ele não faria nada além de torná-la miserável. Mas seus cães precisavam dela. Não tinham mais ninguém.

O problema? Se salvasse os cães hoje, Alek poderia machucá-los amanhã. Ou qualquer dia depois. Ele continuaria ameaçando a vida deles para controlá-la.

Mas se ela os salvasse hoje, ganharia tempo. Tempo que poderia usar para escondê-los. Se sequer chegasse a *encontrá-los*. Alek os tinha escondido.

Seus capangas a vigiavam a cada segundo de cada dia, mas por duas vezes tinha conseguido se esgueirar pra fora de sua suíte para procurar por eles pela propriedade. Tinha sido pega nas duas vezes, sem sucesso algum.

Vou ser mordida de um jeito ou de outro, não vou?

Na infância, ela costumava ajudar o pai no negócio da família, que era o treinamento de cães para detecção de drogas e guarda domiciliar. Ao terminar o ensino médio, tinha assumido os negócios. E apesar do peso da responsabilidade, usava seu tempo livre para reabilitar os cães de briga agressivos e abusados que o resto do mundo considerava perigosos demais.

Três destas vítimas — Fé, Esperança e Amor — eram tão deformados que as pessoas não tinham coragem sequer de olhar para eles, muito menos oferecer abrigo permanente. Então Katarina tinha adotado o trio como seus animais de estimação, dedicando seu coração e alma a dar a eles o final feliz que mereciam; eles a adoravam por isto.

Então Alek os sequestrou e exigiu resgate. Também jurou caçar *cada* cão que ela tivesse treinado — matando-os com um tiro na cabeça.

Ela amava seus caninos, lembrava cada nome, cada tragédia que tinham sofrido em suas jovens vidas e cada característica de personalidade. Mais do que isto? Uma adestradora sempre protegia seus cães.

Uma lição que seu pai tinha ensinado.

Sr. Baker — um covarde chorão que trabalhava para Alek e que conseguiu seu diploma de juiz de paz online — pigarreou.

— Seus votos, senhorita Joelle.

— Sra. Ciernik — rosnou Alek.

Ela sorriu sem nenhum humor.

— Não por enquanto — *vou mesmo ser capaz de fazer isto?*

Ele fez uma careta em sua direção e ela esfregou o polegar sobre as palavras tatuadas em seu punho. *Era uma vez...*

Um tributo à sua mãe eslovaca, uma mulher que teve a coragem de casar-se com um americano treinador de cães, apesar de suas diferenças de origem e cor da pele, até mesmo apesar da barreira da língua. Edita Joelle adorava contos de fadas, e todas as noites depois de ler um para Katarina, suspirava sonhadoramente.

A beleza pode ser encontrada na feiura. Jamais se esqueça disso.

Katarina não gostava de verdade das histórias. Uma princesa em perigo salva por um príncipe? Não! Às vezes era preciso esperar por um milagre, mas às vezes era preciso *ser* o milagre.

Neste momento, não conseguia ver beleza nenhuma em Alek. Nenhum milagre acontecendo.

Isto realmente importava? Ela era autora de sua própria história — decidia as voltas e reviravoltas — e frequentemente o que parecia ser o fim, era na verdade um novo começo. Cada novo começo tinha potencial para virar o “felizes para sempre” *dela*.

Sem dúvida, hoje marcava o início de um novo começo. Uma nova história. Talvez, como os antigos contos de fadas, acabaria em sangue e morte, mas *iria acabar*.

Eu posso enfrentar qualquer coisa por um curto espaço de tempo.

Dedos fortes se curvaram ao redor de seu maxilar e ergueram sua cabeça. Seu olhar se travou em Alek, que olhava para ela com uma assustadora mistura de desejo e raiva.

— Diga seus votos, *princezná*.

Ela odiava o apelido. Não era mimada ou indefesa. Trabalhava duro, e trabalhava muito. Muitos de seus clientes a consideravam somente uma mãe de cães, do lar. Um elogio. As mulheres do lar, principalmente mães, davam mais duro do que qualquer um.

E eu amo meus bebês. Cães eram melhores companhias do que a maioria das pessoas, ponto final. Melhor do que Alek, definitivamente.

— Continue me fazendo esperar por sua conta e risco — ele disse.

Palavras baixas, uma clara promessa.

Ela se liberou de seu aperto. Ele era uma praga para a humanidade e jamais fingiria o contrário. Especialmente quando devia estar se casando com Peter, seu namoradinho de infância.

Peter, que sempre brincava, sempre ria.

O pesar a inundou.

— Com você, *tudo* é por minha conta e risco.

Este homem já a tinha arruinado. Dominik tinha gastado todo o dinheiro dela em drogas, limpando suas contas bancárias, antes de vender o canil para Alek, que o incendiou.

As pálpebras dele se fecharam em estreitas fendas. Podia até gostar da aparência dela, mas jamais apreciaria sua honestidade.

Coisa engraçada: provocá-lo tinha se tornado sua única fonte de alegria.

— Não estou muito certo de que você esteja compreendendo a grande honra que está sendo oferecida a você, Katarina. Outras mulheres matariam para estar em seu lugar.

Talvez. Provavelmente. Com os cabelos louros, olhos escuros e feições esculpidas, ele parecia um anjo. Mas aquelas outras mulheres não conseguiriam ver o monstro se avolumando dentro dele... até ser tarde demais.

Katarina tinha visto desde o início, e sua falta de interesse tinha virado um desafio a ele. Não havia outra razão para um homem de um metro e oitenta — que só saía com mulheres baixas, no esforço de parecer mais alto — tomar capricho por alguém da mesma altura.

Embora ela tenha sido sempre o tipo de garota que usava jeans e tênis, tinha a sensação de que logo desenvolveria amor irrestrito por sapatos com salto agulha.

— Honra? — ela finalmente respondeu. As últimas três namoradas dele tinham morrido de forma suspeita. Afogamento, acidente de carro e overdose de drogas. — Acha que esta é a melhor palavra?

— *Grande* honra.

Alek gostava de contar a seus sócios que Katarina era sua noiva por encomenda. E de certa forma era. Um ano atrás, ele procurou um companheiro eslovaco para comprar cães para guardar sua propriedade. Ele acabou achando o site do *Pes Den* e descobriu que ela era conhecida por treinar os melhores dos melhores. Ao invés de solicitar um orçamento, pegou um voo para encontrá-la pessoalmente.

Depois de uma única conversa, ela suspeitou de que ele iria judiar dos animais. Então recusou o serviço.

Logo depois, Peter morreu em um beco nojento, vítima de um assalto, aparentemente aleatório.

E logo depois *daquilo*, seu irmão foi convidado a se juntar ao negócio de importação/exportação de Alek — importando drogas e *prostitútky* para os Estados Unidos, exportando milhões em dinheiro para ser escondido ou lavado. Obviamente, Dominik rapidamente acabou desenvolvendo vício a heroína de Alek.

Somente outra maneira de me manipular.

Quando Alek a convocou para sua propriedade em Nova York — *Dominik me deve milhares de dólares. Você precisa vir para pagar a dívida* — ela novamente o recusou.

No final daquela semana, Meia Noite, uma cadela montanhesa que adorava, foi envenenada. Ela sabia que Dominik — e consequentemente Alek — era o culpado. A cadela, anteriormente abusada, não teria aceitado nada de comer de qualquer outra pessoa.

Ela rapidamente encontrou lares para os outros cães. Mas seu irmão imbecil sabia quem eram as poucas pessoas em que ela confiava, e tinha revelado os locais para Alek em troca de uma redução na dívida. *Sempre um passo à frente.*

— Estou aqui por um motivo, e somente um — disse o odiando, odiando tudo aquilo — e este motivo não tem nada a ver com honra.

O Sr. Baker recuou um pouco.

Alek a agarrou pelo pescoço, apertando com força suficiente para restringir suas vias aéreas.

— Tenha muito cuidado com o que faz, *princezná*. Para você, este pode ser um dia bom ou um dia muito ruim.

— Seus votos — Sr. Baker apressou. — Diga-os.

Alek deu a ela um último apertão antes de libertá-la.

Inalando... exalando... ela vagou seu olhar selvagem pela igreja. Capangas armados postavam-se em todos os lados. Os bancos estavam lotados com os sócios de Alek, mais capangas armados e vários outros empregados. Os homens usavam ternos, e suas acompanhantes usavam vestidos de gala e joias de aparência caras.

Caso se recusasse, seria morta — mas só se tivesse sorte. Mais provavelmente seus bebês seriam mortos.

Belas janelas de vitrais emolduravam um altar intrincadamente entalhado. Ao lado de cada uma das janelas havia um pilar de mármore cujos veios eram rosados brilhantes, e entre aqueles pilares estava pendurada uma pintura da árvore da vida. O quadro se erguia até o teto em forma de domo, onde havia a pintura de anjos em guerra com demônios, e complementavam o espiralado design das filigranas douradas nos azulejos de marfim do chão.

A sala suscitava um novo começo e não a maldição, e ainda assim se sentia maldita nas profundezas de sua alma.

Salve os cachorros. Salve Dominik.

Dominik que se dane. Só os cachorros. *E então fuja.*

Por fim, ela repetiu os votos. Alek sorria de felicidade. E por que não sorria? Ela tinha, igual a tantas outras, permitido que o mal vencesse a batalha.

Mas a guerra ainda continua.

— Pode beijar a noiva — Sr. Baker anunciou, com alívio visível.

Alek a tomou pelos ombros e puxou para junto dele. Seus lábios pressionaram os dela e sua língua forçou caminho por entre os dentes.

Seu marido tinha gosto de cinzas.

Agora não havia como voltar atrás.

Como sobreviveria à noite de núpcias?

Enquanto os convidados ovacionavam, as portas da igreja se abriram subitamente, batendo na parede com violência. Um estrondo sinistro foi seguido por um rápido silêncio. Alek enrijeceu e o coração de Katarina pulou como uma pedra sobre a água.

Três homens caminhavam pelo corredor. Eram altos, musculosos e muito claramente, em uma missão. Policiais? Aqui para prender Alek? Oh, por favor, por favor, por favor!

O da esquerda tinha cabelos pretos e olhos azuis. Ele sorriu para os homens nos bancos, desafiando-os a atacá-lo.

O da direita tinha cabelos brancos e olhos verdes. Usava luvas de couro pretas que de certa forma adicionavam mais ameaça a uma postura genuinamente relaxada.

O homem do meio... ele captou sua atenção e não a soltou mais. Era tão lindo; deixava Alek no chinelo. Apesar das manchas de sangue em sua camiseta — teria lutado com os guardas lá fora? — ele era uma fusão de todos os príncipes de contos de fadas já escritos. O tipo de homem que geralmente só se via em fantasias.

Sua mãe teria adorado.

Ele era o mais alto dos três, com cabelos ruivos ondulados que emolduravam um rosto ferozmente másculo. Cada polegada dele era definida por tal força incomparável que parecia ter sido esculpido em rocha.

Consciência feminina a inundou — *este homem é a encarnação de um desejo sombrio e perigoso, mas não tenho medo... estou intrigada.*

Uma sobrancelha bem definida levava a um nariz reto e malares salientes. Seus lábios eram exuberantes e suas feições mais suaves. Seu queixo quadrado, sua característica mais severa era escurecida pela sombra da barba por fazer.

Mas os olhos dele... oh, *tristo hrmenych*, os olhos dele. Eram uma combinação de ambos, suaves, ainda que severos, e puramente carnaís. Tinham a cor do por do sol, flamejando com diferentes tonalidades de dourado e cobre.

Ele e seus amigos pararam bem diante do altar.

— Damas e cavalos — o soldado de cabelos pretos... agente?... Esticou os braços para englobar a audiência. — Um momento de seu tempo.

Alek bufou de fúria.

— Quem são vocês? Melhor ainda, sabem quem *eu* sou?

O ruivo deu mais um passo a frente, seu olhar estudou rapidamente os arredores. Ele até mesmo olhou para Katarina de cima a baixo, avaliando o vestido de noiva que Alek escolheu para ela — uma monstruosidade sem alças com corpete e uma saia ampla e cheia, com rosas de cetim. Sua boca se curvou em desgosto.

Ela ergueu o queixo, mesmo que sua face queimasse de vergonha.

Ele fixou o olhar em Alek.

— Você tem uma moeda — seu sotaque... grego, talvez? — Me entregue.

Alek deu sua risada típica de *você-só-tem-minutos-de-vida*.

— Tenho muitas moedas — vários de seus guardas empunharam armas, esperando o sinal para atacar. — Você precisa ser mais específico.

— Esta moeda pertence à Hades. Fingir ignorância não vai adiantar.

Alek deu um aceno imperceptível a seu capanga de maior confiança, que agora bloqueava a porta nos fundos da sala.

O sinal.

O capanga atacou. Não. Não! Katarina gritou um alerta. Que foi desnecessário. O ruivo já tinha se movido, girando e lançando uma adaga. A ponta afundou no olho do capanga.

O sangue jorrou, um uivo de dor ecoou das paredes. A arma caiu de sua mão, inútil, e ele caiu de joelhos.

O grito de Katarina se transformou em um soluço. O uivo tinha acabado... sem qualquer hesitação... tão brutal...

As mulheres nos bancos pularam e correram para a saída, os saltos dos sapatos tiquetaqueando contra o piso.

— Minha próxima vítima perderá mais do que somente um olho — o ruivo disse com fria indiferença.

O macho de cabelos pretos e olhos azuis sorriu.

— Baden, meu chapa, se *eu* estivesse distribuindo pontos, você levaria dez de bônus. Estou tão orgulhoso de você.

Baden. O nome do ruivo era Baden. O nome do *assassino* era Baden e o homem de cabelos escuros tinha acabado de elogiá-lo pela violência.

Baden fixou o olhar nela.

— Teste-me. Eu te desafio.

Qualquer outra pessoa teria chorado e implorado por misericórdia quando desafiada por tal força mortal. Para Katarina, lágrimas eram impossíveis.

Ela chorou rios nos meses anteriores à morte da mãe, mas nem uma única vez depois. Tinha ficado aliviada demais. O sofrimento de sua mãe tinha finalmente acabado. Mas com o alívio veio a culpa. Se Katarina não era capaz de chorar pela mãe que amava, que direito tinha de chorar por qualquer outra pessoa?

Pálido e trêmulo, Alek recuou — ele nunca recuava! — colocando-se por trás dela e... usando-a como escudo?

Na primeira fileira de bancos, seu irmão ficou em pé. Ele tinha 1,82m de altura, embora sua magreza o fizesse parecer um palito comparado com os visitantes. Será que o *chruno* realmente planejava lutar contra assassinos treinados?

Baden girou na direção dele.

— Não! — ela cambaleou do altar para o corredor para jogar-se à frente de Dominik. — Meu irmão não tem nada a ver com isto. Não o machuque — mesmo que a afeição pelo único membro vivo de sua família tivesse enfraquecido, ela se lembrava do garoto que ele costumava ser. Gentil, paciente e protetor. Não desejava vê-lo morto, preferia vê-lo atrás das grades, removido à força da influência maléfica de Alek e seu estoque infundável de heroína, sempre disponível.

Talvez se Dominik se limpasse, eles pudessem tentar ser irmãos de novo.

Ele a empurrou para trás dele, surpreendendo-a.

— Não banque a heroína, *sestra*.

Baden perdeu o interesse nele. Irradiando uma maldade de gelar o sangue, ele se aproximou de Alek, o homem que muitos temiam.

— Última chance. A moeda.

Alek pressionou os lábios, um gesto que ela conhecia bem. Seu trejeito de senhor das drogas — *sou o senhor de tudo que vejo* — tinha voltado ao jogo.

— A moeda me pertence. Diga a Hades que ele pode ir para o inferno, onde pertence.

O cara de cabelos escuros riu. O cara de cabelos brancos ajustou as luvas.

— Resposta errada. Talvez você ainda não acredite que estou disposto a fazer qualquer coisa para recuperá-la — Baden agarrou Alek pelo pescoço e ergueu-o no ar, apertando com tanta força que os globos oculares saltaram e o rosto avermelhou. — Isto te convence?

Os cães! Se ele morresse...

— Pare — ela gritou. Tentou voltar ao corredor, mas Dominik enlaçou um braço ao redor de sua cintura para mantê-la no lugar. — *Prosim!* Por favor.

Baden a ignorou, dizendo a Alek.

— Eu vou partir com a moeda... ou com algo que tenha valor pra você — apontou para a mão de Alek com um gesto do queixo, garantindo que sua intenção fosse clara. — Escolha sua.

Alek se contorceu, batendo em seu braço.

— Fique sabendo — o ruivo completou, inabalável — voltarei amanhã, e no dia seguinte, e no dia seguinte, até eu ter o que quero, e *nunca* irei vou partir sem um prêmio.

Quem era este homem? Quem era Hades?

Alek bateu em busca da pequena arma escondida em sua cintura. Baden girou com ele, usando-o como escudo enquanto atirava com a arma do próprio homem nos guardas que atacavam.

Novos uivos de dor se levantaram. Sangue se espalhou e corpos caíram. Katarina apertou os braços contra o estômago para conter as ondas de náusea.

Terminado com os guardas, Baden girou o pulso de Alek e quebrou os ossos; a arma caiu quando o noivo dela berrou. Mais e mais homens pularam para ajudá-lo, e mais e mais armas foram apontadas para o trio.

Mesmo Dominik sacou uma arma do coldre em seu tornozelo, embora sem erguê-la. Ele a arrastou por uma porta lateral para um longo corredor.

Bang! Bang! Bang! Múltiplos tiros explodiram por trás dela.

Será que Alek tinha sido ferido? Ela tentou se libertar.

— Me solta!

— Chega — seu irmão arfava, já sem fôlego. — É para o seu bem.

Um gesto de gentileza, mesmo que executado do jeito errado.

— Eu não permitiria que a noiva de Alek se machucasse — ele adicionou, arruinando tudo. Para ele, tudo sempre voltava a Alek.

— Eu preciso ficar com ele — disse ela — os cães...

— Esqueça os cães.

— Nunca!

Os tiros pararam. Os gemidos e urros de dor aquietaram. O cheiro de pólvora e metal corroído permeava o ar, seguindo-a.

Um pouco antes de Dominik alcançar a porta que levava ao mundo exterior, ela estendeu o pé e o fez tropeçar. Ele continuou segurando-a, levando-a com ele ao cair. Enquanto ele lutava para recuperar o fôlego, ela finalmente foi capaz de se libertar. Ele estendeu o braço para segurá-la, mas ela o chutou no estômago e ficou de pé.

Praguejando, ele se levantou. Ela saltou para trás e...

Bateu contra uma parede de tijolos. Com um ofego, ela virou. Seu olhar viajou subindo pelas pernas de um homem... um torso estriado de músculos. Havia estreitos rios de tatuagem preta da ponta de seus dedos à beirada das faixas pretas que circulavam os bíceps. Três buracos de bala desfiguravam o ombro, mas os ferimentos não sangravam.

Seus olhos travaram em frias íris acobreadas. Baden.

Ele estava hiperfocado, irradiando desafio, determinação e intenção mortal... talvez até mesmo antecipação.

— Saia do caminho, Katarina — ordenou Dominik.

Baden estendeu o braço ao redor dela para bater na arma do irmão e mandá-la corredor abaixo.

Quando confrontada com um cão agressivo, fique calma. Evite contato visual direto. Fique em pé na lateral e reivindique seu espaço.

Ela desviou o olhar para além dele enquanto assumia a postura apropriada.

— Sua briga não é conosco. Não te faremos mal.

— Ultimamente não preciso de razão nenhuma para brigar com qualquer pessoa, *nevesta* — *noiva* em eslovaco. Ele falava sua língua nativa? — Mas você... me deu uma razão. Você se preocupa com um pedaço de merda — seu desgosto tinha retornado com força total. — Você se *casou* com um pedaço de merda.

Ele pensava o pior dela, não fazia ideia da verdade. *Nem mesmo o conheço, não gosto dele. Sua opinião não importa.*

— Você está mesmo em condições de atirar pedras? Está com *glitter* espalhado no pescoço — verdade. — Cortesia de uma namorada *stripper*?

Quando ele não lhe deu resposta, seu início de raiva se apagou. Ela perguntou suavemente.

— Alek ainda está vivo?

— Está preocupada com ele ou com a posição de poder que vai perder com a morte dele?

Posição de poder? Ah, faça-me o favor!

— Ele. Ainda. Está. Vivo?

Baden inclinou a cabeça.

— Ele ainda não perdeu nenhuma parte do corpo. Por enquanto.

Graças a Deus!

— Ouça-me. Posso conseguir sua moeda, tá?

— Não vai fazer nada disso. E você não vai machucá-la — Dominik disse a Baden. — Não vou deixar...

Baden o olhou em silêncio antes de voltar sua atenção a ela.

— Sabe qual moeda procuro?

— Não, mas pode descrevê-la e faço uma busca na casa de Alek — se Baden mantivesse os guardas contidos, ela poderia finalmente procurar pelos cães sem medo de ser pega. — Vamos para lá agora.

— Você viu o problema que seu marido está disposto a enfrentar para garantir que a moeda permaneça escondida — ondas de um vermelho escuro caíram sobre a sobancelha forte dele, amostras da mais pura seda. — Não vai estar em uma gaveta.

Provavelmente não.

— Talvez dentro de um cofre. Posso descobrir onde as chaves estão. Se partirmos agora...

Dominik apertou o braço dela, mas não disse mais nenhuma palavra.

— O que você acha que fiz antes de vir à igreja? — Baden perguntou.

Ele esteve na casa?

— Viu três pit bulls? Um é manchado, outro é cinzento e...

— Não havia nenhum cão, de nenhuma raça — ele exclamou com o cenho cerrado. — Nem gatos.

Devastação misturada à raiva, uma combinação mortal espumou dentro dela. *Onde Alek teria escondido seus animais?*

O cara de cabelos brancos se esgueirou para Baden e, depois de uma leve hesitação, tocou-o no ombro.

— Temos um problema. William matou o último... — seus olhos verdes pousaram em Dominik e ele anuiu. — Deixa pra lá. Você manteve um mensageiro vivo. Tudo bem.

A bile quase a fez engasgar.

— Vocês três conseguiram matar mais de cinquenta guardas armados?

O cara de cabelos brancos a observou com ar de *será que a noiva bateu a cabeça durante a fuga?*

— Não foi nada demais. São somente humanos — ele sorriu e se afastou.

Somente humanos. Ela não conseguia evitar que seu olhar buscasse o de Baden, apesar de seus instintos lhe ordenarem o contrário. Ele ainda a observava com aquele ar de desafio e ela engoliu em seco.

— Vocês não se consideram humanos? Então o que são? Bichos-papões?

— Sim.

O que?!

Ele se afastou de lado e seguiu na direção do santuário, os músculos de seu braço flexionados.

— Você vai voltar. Agora.

Deixar o homem louco? Sem necessidade de pedir duas vezes. Ela atravessou o corredor às pressas e explodiu pelas portas. Ficaria de guarda em cima de Alek, se necessário e...

Ela parou de supetão. Sangue cobria as paredes, bancos e empoçava no chão. Corpos, partes de corpos e outras coisas indistinguíveis espalhavam-se para todos os lados.

Alek estava preso no altar inconsciente, a cabeça caída para frente. A bile retornou e ondas de náusea explodiram de novo; ela cruzou a distância entre eles. Sua mão tremeu ao procurar uma pulsação... Mal perceptível, mas estava lá.

— Feliz agora? — Baden veio por trás dela, sua sombra a engolfando completamente.

— Não! Você torturou...

— Estupradores e assassinos. Sim. Tiveram o que mereceram.

— O que te dá o direito de ser juiz, júri e executor? — E... e... a quantidade de mortes... o nível de destruição... o julgamento do dia... — Eu acho que vou...

Tarde demais. Ela se curvou e vomitou.

Baden tinha arrastado seu irmão junto com ele, mas nenhum deles fez a gentileza de segurar seu véu para afastá-lo da zona de perigo.

Ela quase bufou ao se endireitar e limpar a boca nas costas da mão. Um selvagem brutal e um viciado em heroína não vieram ajudá-la? Que loucura!

— *Mater ti je kurva* — Dominik falou bruscamente para Baden enquanto lutava para se libertar. *Sua mãe é uma puta*. — Você vai pagar por esta bagunça de hoje.

Despreocupado pela explosão, Baden olhou para além de Katarina. Uma centelha de *algo* se acendeu em seus olhos, fazendo-a estremecer. De medo. Tinha de ser medo.

— Aleksander é quem vai pagar e de maneira muito inesperada. Decidi levar... a noiva dele.



QUATRO

“Somente uma coisa devia ser infecciosa. O seu sorriso.”

— Torin, guardião da Doença.

— VOCÊ NÃO PODE SIMPLEMENTE... me levar — a noiva disse, obviamente alarmada.

Qual era mesmo o nome dela?

— Posso e vou. Não lute contra mim — o sangue nas veias de Baden *cantou*, Destruição ronronou em harmonia. Ondas de prazer inundaram seu corpo inteiro. *Odeio a fera, mas adoro isso*. Nada em sua vida — esta ou a anterior — jamais se comparou a esta sensação. E tudo o que foi preciso? A aniquilação total do exército de outro homem.

Tem certeza de que a aniquilação é a causa? E se for a garota?

Um olhar para ela e foi atingido pela urgência de trepar, longa e violentamente e, ao mesmo tempo, estranhamente de proteger.

Era loucura. Ela não significava nada para ele.

William e Torin estavam ocupados revistando os mortos em busca da moeda. Vai que... Baden os observava e a noiva observava Baden, o calor do olhar dela o esquentava.

Ela praguejou para ele.

— Você está sorrindo.

Ele estava?

— A violência o *satisfaz*? Que doentio. Doente! — ela soltou uma enxurrada de xingamentos em eslovaco, chamando-o de nomes terríveis e acusando-o de dormir com qualquer coisa, de ratos a bodes. A raiva dela claramente a libertava de todo o medo.

Destruição não deu atenção. Ela era insignificante, inofensiva.

Ela na verdade *divertia* Baden. Tanta raiva em um corpo tão pequeno.

Se ao menos a paixão dela um dia fosse redirecionada...

Ele engoliu um jorro de necessidade — de machucar, só de machucar, com certeza — não mais se sentindo divertido.

O irmão dela esticou a mão para cobrir a boca dela, mas ela o empurrou e continuou a gritar, salvando o macho de levar uma facada no coração. Baden tinha reivindicado a garota como prêmio de guerra. Por uma noite, ela pertenceria a ele. Ele protegia o que era dele.

— Não a toque de novo — disse com inegável hostilidade.

A cor desapareceu do rosto do irmão.

A noiva se moveu para a frente de Baden, exigindo sua atenção. Uma tentativa clara de proteger o macho que deveria ter feito qualquer coisa em seu poder para proteger *a ela*.

A preocupação dela com os homens em sua vida — a escória — o irritou. Deliciar-se com a violência era doentio, ela dissera, e ainda assim tinha se vinculado a um humano que deixava corpos tanto de culpados *quanto* de inocentes à sua passagem.

— Há um jeito melhor — ela anunciou. — Matar um homem indefeso é desnecessário e covarde.

— Nenhum homem é indefeso. Não enquanto tiver sua inteligência.

— Se inteligência é uma arma, alguns homens estão melhor armados do que outros. Outros, tipo você, são na verdade desarmad...

— Katarina — o irmão a interrompeu. — Chega.

Katarina. Um nome delicado para uma mulher delicada (ao menos na aparência).

Ela pressionou os lábios em uma linha fina.

Ela estava longe, *muuuuuuito* longe de ser o tipo de Baden. Ele preferia mulheres fortes e guerreiras. Alguém capaz de reforçar suas ameaças com a força do corpo. Igual a Pandora. Uma ou duas vezes ele considerou até mesmo uma trégua em sua guerra. No final, o desejo de derrotá-la tinha sempre se provado mais forte do que o desejo de ter prazer.

Estudou Katarina com mais intensidade. Seus cabelos castanhos escuros estavam presos em um intrincado nó no topo da cabeça, nem uma única mecha livre para emoldurar seu rosto encantador. Encantador, apesar de sua delicadeza. Grandes olhos cinza-esverdeados que possuíam um formato meio felino, sensualmente complementados pelas sobrelhas espessas e retas, e um leque cerrado de cílios pretos. Uma luz superficial de sardas pontilhavam o nariz elegante e os malares salientes. Lábios cheios desafiavam um homem a provar...

Resista.

O maxilar dela era sua característica mais severa, um que o fazia querer traçar com a ponta dos dedos; era quase triangular, vindo a um ponto súbito em seu queixo.

Sua pele era tão suave e perfeita quanto uma pedra ônix recém-polida — exceto pelos braços. Múltiplas cicatrizes se estendiam do interior de seus cotovelos até os pulsos, cada uma no formato de dentes. Ela tinha sido mordida. Mas por quem?

Em seu braço direito, ela tinha uma tatuagem. *Era uma vez...*

Era o início de mais do que um conto de fadas e uma escolha interessante para uma caçadora de dotes. E ela *era* uma caçadora de dotes. Não podia imaginar outra razão para uma mulher com tal espírito indomável aceitar amar, honrar e obedecer a um homem como Aleksander.

— Por favor — disse ela, mudando de tática — me dê uma chance de encontrar sua moeda. Alek tem outras casas. Ele tem empresas. Como sua esposa, terei acesso irrestrito. Ficarei feliz em procurar em todos os lugares.

— Que rapidez em trair o novo marido — irritava-o o quanto ela se preocupava. — Embora eu duvide que ele te queira pela lealdade.

Farto da conversa, Baden a agarrou pela cintura e pendurou de cabeça para baixo, apoiando-a na lateral de seu corpo, efetivamente evitando contato pele a pele.

Ela esperneou inutilmente. Ele era simplesmente forte demais e seu vestido era grande demais, criava uma gaiola perfeita.

O irmão tentou segurá-la. Um erro. Baden lhe deu uma rasteir, e o fez cair de bunda no chão.

— Fique — ele ordenou — ou vai acabar como os outros.

O irmão ficou no chão, mas cuspiu nas botas de Baden.

— Você não vai me matar. Precisa de mim vivo para entregar sua mensagem.

— Preciso? Um bilhete funcionaria tão bem quanto.

Olhos do mesmo tom cinza-esverdeado que Katarina brilharam de fúria.

— Se levar a garota, Alek vai te matar.

Baden sorriu — assim como Destruição.

— Não dá para matar alguém que já está morto.

Confusão transpassou a expressão do macho, seguida rapidamente por medo quando gritos se transformaram em gemidos por todo o santuário. Teria ele finalmente compreendido o amplo espectro da crueldade de Baden?

— Um bilhete não despertaria a emoção adequada — disse o garoto.

Ele discordava, mas disse.

— Quando Aleksander acordar, diga que virei atrás dele de manhã. Não vai adiantar tentar se esconder de mim. Se não me der a moeda, vou manter minha promessa e levar algo que ele valoriza. Algo que o fará *sangrar*.

Enquanto a noiva continuava a espernear, Baden percorreu o corredor.

— Vamos — chamou ele.

William e Torin encerraram a busca e correram para seu lado. Estavam sujos de vermelho, mas ao contrário dele, não estavam feridos. Bom, isto era bom. Vê-los machucados poderia desencadear uma fúria incontrolável nele. Contra eles!

Destruição gostava de chutar cachorro morto.

Eu devia ter despistado os dois e vindo sozinho.

Ao contar aos amigos sobre a competição de vida e morte engendrada por Hades, o grupo todo tinha insistido em acompanhá-lo. Baden tinha protestado. Os guerreiros tinham famílias agora. Esposas e filhos, como William bem lembrara. Não havia motivo para colocá-los em perigo. E eles tinham coisas de vida e morte pra fazer, tipo, encontrar a Caixa e a Estrela da Manhã antes de Lúcifer. Até mesmo encontrar Pandora, que tinha desaparecido. E se ela virasse sua raiva para os Senhores, agora que estava proibida de atacar Baden? Além disso, Sabin e Strider estavam estudando maneiras de libertar Baden de seus braceletes, e por consequência, do controle de Hades, ainda que permitisse que Baden mantivesse sua forma corpórea.

No final, os guerreiros ignoraram seus protestos, tirando a sorte no palitinho para decidir quem teria a honra de ajudá-lo. A honra. Como se ele fosse um prêmio que eles adorassem ao invés de um pedaço de merda que os abandonara. Sua culpa aprofundou e perfurou seu peito. Como ele consertaria seus malfeitos do passado quando devia a seus amigos mais e mais?

Cameo, a guardiã da Miséria, e Torin tinham vencido os palitinhos. William, que tinha voltado do bufê sexual onde se serviam assassinatos à parte, simplesmente dissera:

— Tente me impedir. Duvido. Oh, e não é preciso me dizer que você me deve mais uma.

Eles chegaram à saída da igreja. Baden pisou em cima da primeira fileira de guardas que tinha derrubado ao arrombar a porta, a luz do sol e o ar cálido lhe deu as boas-vindas.

— Levar a humana é uma atitude meio insensata. Sabe disso, certo? — disse Torin.

Suas palavras animaram Katarina. Ela voltou a espernear, dizendo:

— Não posso deixar Alek. Por favor! Me solte.

Seu medo excitou Destruição.

— Acalme-se, garota. Não está em meus planos te machucar.

— Mas planos podem mudar, não é?

Oh, sim.

— O lado bom é que ficaremos juntos por somente uma noite — não importa como Aleksander se sentisse sobre ela — amor ou só desejo — ele moveria céus e terras para recuperá-la. Hoje, o orgulho dele foi provocado. Se permitisse que outro homem roubasse sua mulher, perderia o respeito de seus homens. Ou do que restou de seus homens. Sua autoridade passaria a ser questionada todos os dias.

Ele entregaria a moeda e fim de papo. Baden ganharia seu primeiro ponto e sairia na frente do jogo de Hades.

Na verdade, Baden ganharia seu *segundo* ponto. Assim que deixasse Katarina em um lugar seguro, ele se transportaria para a sereia. Removeria sua língua, como exigido.

Uma adaga penetrou sua consciência. Uma que ele não conseguiu remover. Aleksander era escória. A sereia não. Como poderia machucá-la?

Será que a língua dela voltaria a crescer? Ela era imortal, mas como Baden, era um espírito.

Como conseguiria viver consigo mesmo depois de cometer tal ato horrível?

Fácil, disse Destruição. Vivendo.

Quando Katarina bateu os punhos na lateral de seu corpo, Baden completou.

— Suas ações vão ditar as minhas.

— *Panchart!*

As calçadas estavam cheias, as ruas lotadas de carros. O SUV de Baden estava estacionado em fila dupla, Cameo aguardava atrás do volante.

— Socorro! — gritou Katarina, e ele não se surpreendeu. Para ela, não havia oportunidade melhor para escapar. — Estou sendo sequestrada!

Ninguém lhe deu a menor atenção, todo mundo ocupado demais encarando seus celulares, fingindo que o resto do mundo não existia mais.

— Entregue-a para mim — disse William, estendendo mãos sequiosas — acho que já provei que levo mais jeito com o sexo oposto. E no planejamento de missões. E lutando. E em cuidados capilares. O frizz não é seu amigo, Baden.

Baden segurou a garota ainda mais firme.

— Minha prisioneira. Minha.

— Uau. Egoísta assim? — William franziu o cenho para ele. — E depois de tudo o que eu fiz por você.

— Você quer dizer tudo o que eu terei de pagar por você ter feito? — Favores que seriam nomeados futuramente pareceram inocentes o bastante na hora. Matar um inimigo para ele? Protegê-lo durante uma batalha? Claro. Agora as possibilidades eram infinitas e a fera... não estava gostando daquilo.

Mate-o. Uma ordem como sempre, embora a esta faltasse qualquer calor verdadeiro por causa da conexão de William com Hades.

William reclamou.

— Você age como se o pagamento tornasse minhas boas ações menos altruístas.

— E torna! — Baden notou dois cães abandonados parados no meio-fio.

Destruição grunhiu em alerta e os cães grunhiram em retorno, como se tivessem ouvido o som que Baden não chegou a emitir. Os dois eram grandes, ambos preto e branco com trechos de pelo faltando. Sarna?

Katarina endureceu como uma estátua. Silenciosa e calmamente, ela disse.

— Não se atreva a machucar os pobres animais.

Não vou aceitar ordens, a fera rosnou. *Eu vou...*

Nada. Você não vai nada. Baden desviou dos cachorros. Os dois o observaram com fixação intensa, prontos para atacar e, ainda assim, não fizeram movimento algum para pular nele.

— Tenha dó e ligue para um abrigo — ela disse.

— Já acionei um via mensagem de texto — Torin enfiou o celular no bolso e se moveu na frente dele para abrir a porta traseira.

Baden jogou a garota dentro do veículo, seguiu-a para dentro e segurou-a pela cintura quando ela disparou para a porta do outro lado. Torin sentou-se no banco da frente.

— Sanduíche de testosterona — William puxou um lenço umedecido do suporte que havia pendurado na traseira do banco do motorista e ofereceu-o a Baden. — É melhor limpar os condimentos do seu lado do pão.

— *Curak!* — a noiva rosnou enquanto Baden removía o sangue do rosto. A palavra eslovaca para cuzão. — Não fiz nada pra você. Ouça seu coração e me deixe ir.

Baden lutou — sim. Um sorriso de verdade.

— Você acha que eu tenho um coração?

Até mesmo Destruição zombou.

Adorável.

— Uma humana como refém? — Cameo acelerou, disparando para longe da igreja. — Sério mesmo, rapazes? De quem foi a brilhante ideia?

Todo mundo se encolheu, pontadas de tristeza pontuando as palavras de Cameo. Baden, William e Torin estavam acostumados à sensação e se recuperaram rápido. Mas a humana não. Ela empalideceu e tremeu, curvando-se sobre si mesma.

— Somente um de nós parou de usar o cérebro de garoto crescido — Torin apontou o dedo na direção de Baden. — Nosso rapaz bestial particular.

— O que acabou de acontecer? — Katarina sussurrou. — Eu nunca choro, e ainda assim, subitamente quero chorar.

Nunca?

— Miséria — ele respondeu e parou por aí.

— Mas... eu estou sempre miserável — amargura era perceptível no tom de voz dela. — Você... isto... isto não é novidade.

O que quis dizer com *sempre miserável*? Ela acabou de casar com o homem dos seus sonhos, não é?

Cameo virou a próxima esquina um pouco rápido demais, quase jogando todo mundo janela afora.

— Quase lá.

De novo, a humana se curvou.

Ele pediu.

— Nem mais uma palavra de você, Cam.

— Qual o seu nome? — William perguntou à humana, uma tática evidente para distraí-la.

— Katarina Joelle — disse ela com voz trêmula.

— Katarina Ciernik agora — Baden corrigiu, incapaz de esconder seu desprezo.

Ela se endireitou, seu gênio novamente provocado.

— Tem razão. Eu sou. E o lugar de uma noiva é ao lado do marido.

— Tem tanta vontade assim de voltar para sua ruína?

— Como se ficar por aqui fosse melhor, *vyhon si*.

— Foda-se? As palavras machucam, florzinha. Talvez precise lavar a boca com sabão. Ou de um pouco do elixir mágico. Pra sua sorte, por acaso eu tenho um pouquinho de elixir mágico bem... — William desabotoou as calças — aqui. Uma poção tão forte que derrubaria até Typhon.

Typhon, também conhecido como o pai de todos os monstros. Baden segurou o pulso de William para impedi-lo de exibir para Katarina a fonte do tal “elixir”.

— Tão desconfiado — o macho fez tsc-tsc para ele, e depois de se libertar da mão de Baden, puxou um vidrinho de um bolso escondido na parte interna das calças.

Você deve estar de brincadeira.

Katarina afastou-se.

— *Nie*. Drogas *nie*. Por favor.

Finalmente uma resposta humana apropriada vinda dela. Baden enfiou o vidrinho do “elixir mágico” em seu próprio bolso lançando-lhe um olhar de “*caso seja necessário*”.

— Sem drogas. Se você ficar quieta e calada.

Katarina fez um balanço da situação, calculando a PSM. Se permanecesse parada e quieta como ele mandou, evitaria ser sedada. Desperta poderia ouvir as conversas, lutar se fosse necessário e estudar os arredores em busca de uma melhor oportunidade de fuga.

Embora tremesse, fez o possível para recostar-se confortavelmente no seu assento. E, embora com mais dificuldade ainda, manteve a boca fechada pelo resto da viagem.

Finalmente a motorista — uma beleza de cabelos pretos e olhos prateados — estacionou em um ocupado meio-fio. Virou-se para dar uma piscadela para Katarina.

— Você está em boas mãos. Juro.

A tristeza! Katarina queria morrer. O mais rápido possível. Todos seus entes queridos estavam mortos. Meia-Noite estava morta e não só por causa do veneno. Seu irmão não tinha administrado uma dose forte o bastante, tinha meramente feito os órgãos de Meia-Noite *começarem* a entrar em falência. Sua preciosa cadela tinha sentido dor, tanta dor, além de qualquer esperança de recuperação, o veterinário dissera. Tinha precisado colocar a cadela no auge de sua vida para dormir, segurando sua pata enquanto ela morria.

— Qual parte do *sem mais uma palavra* você não entendeu, Cameo? — Baden perguntou. — A noiva parece prestes arrancar os órgãos internos para botar fogo.

Ele agia como se a voz da mulher fosse a fonte do problema. O que era impossível... sim?

Baden abriu a porta e passou um braço ao redor da cintura de Katarina, seu olhar fixando-se no dela.

— Se você correr, vou te pegar. Se gritar, vou te fazer desejar ter morrido dentro da igreja.

Ela estremeceu. Se alguma vez um homem fosse fazer conforme prometido — e com toda satisfação — era este.

— Não vou correr — ela murmurou. — Não vou gritar.

Enquanto ele a “ajudava” a sair do carro, um bolo imenso cresceu em sua garganta. Estudou seus novos arredores, memorizando detalhes para a polícia. Diversos canteiros de flores com begônias desabrochadas alinhavam-se no corredor da pista, separando o tráfego movimentado que ia para o norte dos que iam para o sul. Os estilos dos prédios variavam, englobando de construções gótico-medievais a caixas de cromo e vidro.

Ela vira pouco de Manhattan, tendo passado a maior parte de seu tempo confinada dentro da propriedade de Alek, e não fazia ideia de onde estava.

Baden a guiou na direção do único triplex com janelas com molduras de cobre. Um porteiro ajudou-os a atravessar um par de portas de vidro largas sem qualquer impedimento, dizendo.

— Parabéns pelo casamento, senhor.

Baden o ignorou. Katarina silenciosamente implorou por ajuda.

Quando o homem meramente sorriu para ela de maneira impassível, seus ombros despencaram de tanta decepção.

Humanos eram um pé no saco. Seus cães teriam ajudado sem hesitação.

O calor do verão cedeu lugar ao frio do ar condicionado. Novamente estudou os arredores. O interior decorado ostentava um mural colorido no teto e quatro candelabros pendurados em correntes triplas pendiam com milhares de lágrimas de cristal. À esquerda havia uma bela escada sinuosa, anjos esculpidos a mão empoleiravam-se ao longo do corrimão. À direita, múltiplas áreas de estar rodeavam uma imensa lareira apagada.

As pessoas reunidas no lobby encararam com aberta curiosidade o guerreiro vestido de couro e a noiva vaporosa, mas só por um segundo, pois não queriam parecer rudes.

Não posso gritar, não posso gritar, realmente não posso gritar.

— Você consegue ser razoável — Baden disse quando as portas do elevador se fecharam, encerrando-os dentro do ambiente apertado. Sozinhos. — Estou impressionado.

A condescendência dele a aborrecia. A morte seria um preço baixo a pagar para enfrentar tal brutalidade.

— Você consegue ser um cuzão. Não estou impressionada.

— Você tem coragem — ele usou um cartão-chave e apertou um botão para a cobertura. O cartão deve ter programado o elevador para subida contínua, mesmo que tivessem pessoas

esperando nos outros andares por que subiram sem parar para novos passageiros. — Seu problema é que consegue reforçar sua coragem com força bruta.

O comentário só a aborreceu mais.

Seja forte, Katarina. As palavras finais de sua mãe ecoaram em sua mente. *Sem força, não temos nada... Não somos nada.*

Eu sou alguém!

— Sugiro que tenha cuidado ao lidar com alguém como eu — Baden disse. — Eu sou um monstro.

— O bicho-papão — ela sussurrou. A única emoção real que ele exibiu foi satisfação, e só por que homens estavam despedaçados ao redor dele. Era o tipo de pessoa que torcia e fazia apostas enquanto cães se digladiavam até a morte.

Mantenha a mente dele em seu objetivo.

— O que há de tão especial na moeda que você quer?

— Eu não sei.

A sobancelha dela se juntou em confusão. Teria entendido errado?

— Você não sabe?

— Não.

E ainda assim, matou dezenas de pessoas para obter a coisa. Ele até planejou desmembrar Alek.

— Explique. Por favor.

Ding. Ele a guiou para um corredor, passou por uma porta e dentro de um quarto espaçoso com chão de escura madeira polida, coberto por tapetes tibetanos. Cada móvel era uma antiguidade, ostentando entalhe de um animal em cada: um cisne, um elefante, até mesmo um leão alado. O tecido emoldurando as grandes janelas redondas combinavam com os tapetes, os lados repuxados para revelar elaborados vitrais.

— Sente-se — ele lhe deu um gentil empurrão e ainda assim ela tropeçou no sofá, desabando sobre confortáveis almofadas. — Quieta.

Dois comandos que ela frequentemente dava a seus cães. Seus punhos cerraram ao redor da colossal saia do vestido, amarrotando o material. *Ela* era a adestradora, não o contrário.

Quando um cão agressivo era mandado a ela para treinamento, apresentava-se lentamente, frequentemente fingindo que estava sozinha ao perambular à toa em lugares onde ele podia observá-la sem sentir como se ela estivesse invadindo seu espaço. O que ela não

fazia era permitir que ele a amedrontasse. Ele só atacaria com mais agressividade da próxima vez que a visse.

Baden não era um cão, mas era letal, com certeza. O mesmo princípio se aplicava. Então ela se levantou.

Ele não disse nada quando a viu aumentar a distância entre eles. Ela fingiu analisar abajures, vasos e retratos na parede, cada um retratava um tipo diferente de flor.

— Você aparenta calma e tranquilidade e ainda assim consigo detectar seu terror — ele se encostou na beirada da mesa e cruzou os braços sobre o peito.

Regra número um de sobrevivência às feras: *jámais demonstre medo*.

Basicamente finja o quanto puder.

Dois: *use um tom de voz suave, porém decidido*. Qualquer outra coisa despertaria hostilidade.

Três: *lembre-se de que você obtém o que reforça, não necessariamente o que espera*.

Neste caso, ela ignorou a número quatro: *coloque as necessidades do cão em primeiro lugar*.

E pulou para a número cinco: *Descubra o que funcionará melhor, individualmente, em cada cão*.

— Como você detecta o meu terror? — ela perguntou, seu tom de voz suave, mas confiante. — Eu não deixei transparecer nada.

A risada rouca dele trouxe uma nota de autodesaprovação.

— Acredite. Você deixa transparecer. Meu lado mais bestial adora.

— E seu lado mais bestial pensa que eu deveria agradecê-lo por ter me sequestrado?

— Sim. Eu te fiz um favor, *nevesta*. Considere isto como umas pequenas férias da vida terrível que te espera.

— Você não sabe nada da minha vida. Ou sobre mim!

Ele zombou, seu desgosto voltando com força total.

— Você se casou com Aleksander Ciernik. Consigo ter uma ideia.

Não conheço este homem, não gosto dele. A opinião dele sobre mim não importa. Mas...

O que ele faria se ela lhe contasse sobre os cães? Será que entenderia o apelo? Ajudaria? Ou a condenaria?

Eu jamais vou contar a ele! Ele era um assassino, tão malvado quanto Alek — provavelmente até pior — e podia ir atrás de seus bebês só por vingança.

— Sua ambição não lhe trará nada além de dor — disse ele.

Ela piscou para ele.

— Ambição?

— Você cobiça o dinheiro e o poder de seu marido.

Os dedos dela curvaram para dentro das palmas das mãos e as unhas cortaram a pele.

— E aquele rostinho bonito dele? E a vontade de redimi-lo? Acha que eu não conseguiria transformá-lo em um homem honesto?

— Um homem mau é um homem mau — ele disse em tom de voz inexpressivo.

— Então você é um caso perdido, né?

Na mosca. Ele fez uma careta para ela.

Com certeza, ela pisava em território perigoso. Recuou, forçando um sorriso atrevido.

— Talvez eu tenha me expressado muito bruscamente. Talvez eu só não te conheça bem o suficiente. Ainda — se ela pudesse pegar o vidrinho no bolso dele, podia drogá-lo. Ela poderia escapar, voltar para Alek, salvar seus bebês e fugir... pelo o resto da vida.

O sorriso dela deslizou.

— Por que não pede serviço de quarto para nós, *pekný*? — Bonitão. Ela deu uma piscada para ele. — Estou morrendo — espero que não literalmente — de vontade de saber mais sobre você.

Baden já não se sentia divertido com as explosões da garota. As raivosas... e as de flerte. Mais e mais, desgostava das sensações que ela lhe despertava. Ela olhava para ele como se fosse uma decepção — por que ele era. Ela o considerava tão mau quanto o humano com quem havia se casado — e tinha motivos para isto.

Quando ele acabasse com a sereia, seria ainda pior.

— Sou seu captor — disse a ela — não seu provedor — ela era bela, de certa forma ficava mais bonita a cada minuto e ela, muito certamente, tinha planos para seduzi-lo. Quantos homens teria enganado ao longo dos anos? Quantos homens teria esgotado antes de seguir para o próximo?

Poder ao invés de sentimento.

— Você pretende me manter aqui fraco e com fome? — ela continuou a perambular pelo quarto, o balançar inato dos quadris agindo como um dedo que o chamava. *Venha aqui. Toque.* Encontrou forças para resistir. Quase. — Tem medo que eu te vença, caso contrário?

— Até parece. Nunca vi uma fêmea mais fraca — seria tão fácil enrodilhar as mãos naquele pescoço elegante e acabar com ela.

Ou, melhor ainda, podia mastigá-la e cuspi-la em seguida.

Ela girou para encará-lo, a raiva crepitando nos olhos.

— Sou fraca só por que um He-man conseguiu me arrastar para fora do meu casamento?

— Sim. Você é incapaz de proteger ou cuidar de si mesma. Precisa que outras pessoas façam isto por você.

Ameaçado pelos poderosos, desdenhoso com os sem poder. Existiria algum tipo de pessoa que ele de fato gostasse?

Katarina parecia ter levado um tapa. Então ela piscou afastando a mágoa e fez beicinho para ele.

— Será possível que *qualquer* mulher consiga se proteger contra você, *pekný*? — ela pegou um vaso, pesou-o na mão. Decidindo se ele seria um míssil decente? — Aposto que você destrói corações... de forma literal e figurada. Oh, e não podemos nos esquecer das calcinhas que você deve derreter.

E. Bem. Assim. Ele ficou duro como pedra.

William atravessou a porta da frente, viu o estado de Baden e revirou os olhos. Ele começou um discurso sobre os ajustes necessários para a segurança.

Foco. Concentração. Mas Baden... não podia. O foco de atenção continuava em Katarina. Quando ela pegou algo de uma mesa de apoio, ele foi até o lado dela e, ignorando a dor pelo contato pele a pele, forçou-a a abrir os dedos.

Ela ofegou quando ele deu um passo para trás, levando uma... caneta com ele. Uma simples caneta tinteiro?

— Tudo bem — disse ela. — Pode ficar com ela. Não quero mesmo escrever o poema que acabei de compor sobre você, de qualquer forma.

Uma mentira. Ela tinha esperança de usar a caneta como arma. Mulher tola. Não conhecia suas próprias limitações? Tinha vomitado só de ver sangue. Jamais teria coragem de atacá-lo.

— Recite o poema — uma ordem, não um pedido. — Estou morrendo de curiosidade.

Ela sorriu docemente, pestanejando de forma sedutora.

— Sua beleza é terrível, assim como seu temperamento. Eu olho para ele e mal posso conter meu excitamento.

Engraçado. Baden se inclinou, ficando nariz a nariz com ela.

— Gosta do começo do *meu* poema? “Eu não passo de um maníaco homicida em potencial. Mexa comigo e vai se dar mal”.



CINCO

“Se esta situação ficasse um pouco mais foda, eu teria um orgasmo.”

— *Paris, guardião da Promiscuidade.*

KATARINA PERMANECEU DÓCIL enquanto Baden a levava por um longo corredor. Ele provavelmente encarava sua passividade como outro sinal de fraqueza. Deixa ele, erro dele, vantagem dela. Ele jamais esperaria que ela agisse contra ele. O que planejava fazer em três... dois... um...

Ela se jogou contra ele, fingindo desmaiar enquanto deslizava a mão dentro do bolso para surrupiar o vidrinho. Sucesso!

Escondeu a droga nas dobras do vestido enquanto ele rosnava e a erguia nos braços. Ele a carregou para dentro de um quarto espaçoso, e as mangas das camisetas se ergueram para revelar as faixas de metal presas a seu bíceps. Faixas quentes ao toque. Ele a jogou na cama.

Ela manteve uma expressão calma e o corpo relaxado ao bater no colchão.

— Comporte-se, garota, e amanhã à noite estará de volta ao seu marido nas mesmas condições em que o deixou — sons de passos se afastaram, a porta se fechou, isolando-a no quarto. A tranca se armou com um sinistro *clique*.

Ela esperou um segundo... cinco... dez... antes de abrir os olhos. Sozinha! Sim! Pulou da cama ficando de pé e se apressou ao redor do quarto, buscando uma maneira de fugir. Talvez Baden amanhã a levasse mesmo de volta para Alek, mas talvez não. Provavelmente não levaria. Ela viu a cara dele; poderia identificá-lo para as autoridades. Assim que pegasse a moeda, ele a mataria.

A janela era chumbada na parede. As maçanetas para as portas da varanda foram removidas e engessadas, impossibilitando que abrisse a tranca. Tudo bem. Sua cabecinha se pôs a pensar, buscando por armas. Mas todos os cacarecos foram removidos. Não havia pinturas na parede — nada que pudesse tacar na cabeça dele. No banheiro, não havia escova para ser usada como alavanca.

Ou ele já esperava trazer uma prisioneira e tinha se preparado ou ela não era a primeira pessoa que ele abduzia.

Pense, pense. Ela girou em um círculo, olhando cada móvel como se fosse resposta para sua pergunta: *viverei ou morrerei?* A cômoda! Determinada, abriu uma gaveta vazia. Uma sensação de triunfo a inundou ao notar que os puxadores eram fixados com pregos.

O plano: *usar aqueles pregos para arrancar os olhos de Baden e fugir.*

Embora tivesse quebrado várias unhas e acabado com vários cortes nos dedos, conseguiu desenroscar dois deles, antes da trava da porta emitir um ruído de abertura.

Com o coração como um martelo indisciplinado contra as costelas, ela afundou na cama, escondendo as mãos nas dobras do edredom.

Baden empurrava um carrinho de comida.

— Coma. Você não vai definhar em meu turno — jogou uma trouxa de roupas a seus pés. — Além disso, faça-nos um favor e troque de roupa. Nunca vi um vestido tão feio.

Então ele não tinha visto o closet que Alek tinha montado para ela.

— Estou curiosa. Que veneno usou para temperar esta comida?

Ele fez uma careta, mas provou um pouco de cada prato antes de caminhar para a saída.

— Não quer comer comigo? Podemos...

Ele bateu a porta e girou a trava.

Ótimo! Como conseguiria drogá-lo se ele se recusava a passar um tempo com ela?

A resposta deixou de ter importância quando os cheiros de açúcar, tempero e tudo de gostoso invadiu o seu nariz. *Não consigo... resistir...* Sua boca se encheu de água e o estômago roncou quando andou até o carrinho. Desde sua chegada a Nova York... fosse lá quanto tempo fosse.. Alek basicamente a fez passar fome.

Preciso te ajudar a manter a silhueta atraente.

E, ela tinha certeza, a falta de nutrição tinha ajudado a mantê-la fraca e confusa.

Fraca...

Eu jamais vi uma fêmea mais fraca.

Não gosto dele, sua opinião não importa.

Ao erguer a tampa de cada prato, os cheiros se intensificaram, assim como os roncões de seu estômago. Ela descobriu macarrão cremoso com flocos de carne de caranguejo, um filé com bacon e aspargos na manteiga à parte, uma salada de morango com espinafre e uma tigela de sopa de cebolas francesas. Mas seu favorito? A torta de nozes com sorvete de baunilha. Baden podia ser um bastardo, mas era um bastardo com excelente paladar.

Ela acabou primeiro com a sobremesa. Consumindo uma garfada após a outra. O macarrão recebeu o mesmo tratamento, e ao limpar o prato ela gemia de desconforto, tão cheia que poderia explodir.

Lutando contra a dor de estômago, trocou de roupa: um shorts e uma camiseta cor de rosa onde estava escrito "Aprovada pelo William". Ambos eram pouco confortáveis, mas pelo menos conseguia se mover melhor nelas.

Ela o faria se arrepender do presente.

Tateou a porta. Podia destravar a tranca como fez na casa de Alek, mas por que? Baden a impediria. Talvez pudesse evitar que ele entrasse, pelo menos por um tempo, até descobrir qual deveria ser seu próximo passo, sem medo de que ele pudesse feri-la a cada segundo.

Ela lutou e forçou para empurrar a cômoda para a frente da porta de entrada, e finalmente conseguiu. Não era a melhor das barricadas, mas era adequada.

Sua mente estava em turbilhão ao trabalhar para liberar outro prego. Considerando que Baden tinha cúmplices, quanto mais munição conseguisse, melhor. Mas a dor de estômago só se intensificou e eventualmente foi inundada por um imenso cansaço. Sua adrenalina começou a baixar, os membros ficaram pesados, até pesarem milhares de quilos cada.

Não durma. Não se atreva a dormir.

Dormir, mesmo um pequeno cochilo a deixaria vulnerável. Era por isto que só cochilava de leve desde que Alek tinha entrado em sua vida.

Sua melhor opção para escapar? A varanda. Depois de enfiar os pregos e o vidrinho no bolso, arrastou a colcha até as portas da varanda. Se conseguisse sair, podia sacudi-la pedindo ajuda. Enrolou um travesseiro ao redor do punho e socou, socou, socou. Finalmente uma área do vidro estilhaçou. O ruído soou abafado, graças à colcha que tinha servido como abafador, mas ainda a fez se encolher. Esperou um minuto, dois, uma aparente eternidade, incapaz de respirar.

Baden não voltou ao quarto. Estaria ele sequer por perto? Ou tinha saído, deixando-a para apodrecer?

Ela removeu o máximo de vidro possível e se esgueirou pela abertura. O ar quente de verão tinha transformado toda a área em um forno. Ela parou, esperando ver ferro forjado, mas os raios brilhantes do sol destacaram paredes de tijolo de 1,82m de altura com hera se espalhando por todos os lados. *Tristo hrmenych!* A varanda era completamente cercada por tijolos, de fato. Não conseguia ver ninguém, nenhum outro quarto ou outra varanda.

Teria de escalar a parede para chamar atenção de alguém. *Coração, não me deixe na mão agora.* Ela escalou para cima... pra cima... usando as irregularidades nos tijolos como apoio para mãos e pés. Quando finalmente chegou ao topo, montou na beirada e segurou-se morrendo de medo de cair.

Não se atreva a olhar para baixo.

Ela olhou para baixo, e oh, uau, seu coração a deixou na mão, parando no peito. Estava a milhares de andares de altura. Carros pareciam formigas e pessoas meros ciscos. Se caísse, ela se tornaria a definição de *espatifada*.

Com o suor cobrindo sua pele, estudou o prédio em formato de C. A maior parte das cortinas das janelas estavam baixadas. As poucas varandas ao alcance eram protegidas somente por ferro forjado e não tijolos. Um ponto a seu favor. Mas não havia ninguém — espere! Uma mulher saiu para a varanda à direita de Katarina.

Uma mulher atraente de uns vinte e poucos anos com cabelos na altura dos ombros, as pontas lisas como alfinetes, mas desiguais, como se tivesse cortado as mechas com uma faca de cozinha — sem espelho. Ela tinha o rosto forte e anguloso e um corpo igualmente forte. O tipo que Baden preferia? O top preto dela exibia bíceps musculosos e faixas pretas enrodilhadas ao redor deles. Faixas como as de Baden. Uma nova moda americana?

Ambos seus braços eram tatuados, mas à distância, Katarina não conseguia distinguir os desenhos.

Um charuto descansava entre os lábios da mulher, fumaça escura espiralava ao redor dela. Em uma mão, ela segurava uma taça de líquido cor âmbar. Na outra, uma *garrafa* de bebida cor âmbar.

— Senhora! — Katarina sussurrou meio gritando, abanando os braços. — Senhora!

Olhos de cor indeterminada focaram nela.

— *Potrebujeť pomoc. Zavolajte políciu!* — as palavras saíram em um jorro. *Fale inglês! Certo.* — Meu nome é Katarina Joelle e preciso de ajuda. Estou sendo mantida prisioneira por um homem chamado Baden. Ele é um assassino. Chame a polícia...

A mulher apagou o charuto, virou-se e entrou no quarto, fechando a porta às suas costas. Sem uma palavra.

Katarina encheu-se de decepção. Um de seus cães teria pulado pelo prédio para alcançá-la, mas outro ser humano não se incomodava nem em responder?

Maldição, o que faria agora?

A hora de reivindicar seu primeiro ponto chegou.

Baden riscou para...

O reino espiritual. Um chalé próximo ao mar, a julgar pelo som das ondas quebrando, o cheiro de sal na brisa fria da noite. Os móveis eram poucos, oferecendo somente o mínimo necessário. Um sofá, uma mesa de centro e uma poltrona. Não havia fotografias ou decoração. Sem itens pessoais e nenhum tipo de coisa que transformava uma casa em um lar.

Uma doce melodia vinha dos fundos da casa. Uma mulher cantarolava. Mais especificamente, uma sereia cantarolava. A característica exuberante e mágica de sua voz varreu Baden e até mesmo... acalmou Destruição?

Um truque da fera para deixá-lo com uma falsa sensação de calma? Sempre era uma possibilidade. Ou um truque da sereia?

Baden não conseguia se importar. Fechou os olhos e aproveitou um raro e precioso momento de paz.

Só quando panelas e pratos tilintaram ele voltou a prestar atenção. A raiva queimou por dentro dele e Destruição grunhiu. Não era um truque, afinal. A mulher tinha conseguido distrair a ambos sem nenhum esforço. Se ela tivesse o mesmo poder sobre Hades...

Pudera ele querer silenciá-la.

Ela, uma inocente. Culpa transpassou Baden de novo.

Não posso perder este jogo. Ele ainda não estava convencido de que Hades manteria sua palavra e libertaria o vencedor, mas neste momento não tinha opção. Tinha de participar e ganhar tempo.

Determinado, andou pela casa. Parou na entrada da cozinha, observando enquanto a mulher de sua visão das cinzas secava e guardava louças. Ela se movia lentamente e usava as duas mãos — uma para segurar o prato, a outra para sentir os armários, como se...

Ela era cega?

Ele a observou vários minutos a mais só para ter certeza, então decidiu, sim, ela era cega. Duas vezes se virou na direção dele sem demonstrar sinal de espanto.

O horror se juntou à culpa. Hades esperava que ele tornasse muda uma sereia cega? Não. Absolutamente não. Tudo tinha limite. Uma vez que o fizesse, não haveria retorno. Não seria mais o homem que era.

Mas e se quando Baden retornasse sem a língua da garota, Hades mandasse Pandora para terminar o serviço? Conhecendo-a como conhecia, agiria sem questionamento. Ela tinha séculos de ira aprisionados dentro dela.

Maldição! Não havia boa opção aqui.

A sereia enrijeceu e silenciou. Suas orelhas se moveram.

— Quem está aí?

Agora ou nunca. Ele riscou diretamente na frente dela, passou o braço ao redor de sua cintura e, enquanto ela batia inutilmente em seu peito, levou-a para Hades.

— Não vou machucá-la — Baden anunciou e a garota ficou tensa. — Você queria a língua dela. Aqui a tem... anexada ao corpo dela. Se precisa dela, vai jurar não machucá-la.

O rei estava sentado no trono, o resto da câmara vazia.

— Você me desafia logo no início. Chocante — um tom de voz tão seco.

— Se queria um acólito devoto, devia ter dado os braceletes para outra pessoa.

— O que eu queria era um laçao das trevas. O que obtive foi um marica! Você precisa resolver suas merdas — Hades batucou os dedos de forma impaciente. — Vou te dar mais uma chance de virar macho. Que fique registrado que Hades, rei do submundo, dará a seu escravo Baden um bônus, válido só por hoje. Você pode usá-lo de qualquer forma que achar adequada. Liberdade? Um corpo físico?

Baden piscou e a sereia desapareceu de seus braços. Outra piscada e ela reapareceu em cima do colo de Hades. Ela tremia tão violentamente que podia estar tendo uma convulsão. Lágrimas inundavam seus olhos e corriam pelo rosto, fazendo-o pensar nas lágrimas que Katarina *não tinha* derramado. Um golpe em seu peito.

Hades passava dedos gentis nos cabelos da garota com o olhar fixo em Baden.

— Eu *irei* arrancar a língua dela. A menos que use seu bônus para me impedir.

Raiva — toda dele. Mais culpa. Desamparo. Tudo o atingiu ao mesmo tempo.

— Pense com cuidado — disse Hades — Você não sabe os crimes que esta mulher cometeu contra mim.

O que te dá o direito de ser juiz, júri e executor?

— Solte-a — disse ele entredentes. — Jure que jamais vai feri-la e jamais deixará alguém feri-la.

Hades arqueou uma sobrancelha.

— Este é seu bônus? Tem certeza?

Não. Não!

Ele moveu a cabeça em concordância e o rei suspirou.

— Macacos me mordam — disse Hades — Você é o primeiro dos meus escravos a fazer isto.

Outros já usaram as faixas? O que aconteceu com eles?

Um golpe de esperança. Com aquelas poucas palavras, o rei tinha revelado mais do que provavelmente desejava. Um fato que Baden usaria a seu favor. Ele encontraria as respostas — e agiria.

Os dias de Hades como seu senhor estavam contados.

— Estou decepcionado com você — disse Hades — Um dia aprenderá que as pessoas nunca são o que parecem. Não é verdade, sereia?

As lágrimas dela secaram e ela riu.

— Uau. Você é realente um idiota pomposo. Deixa eu me levantar. Esta posição não é exatamente confortável.

Com um sorriso carinhoso, Hades a soltou. Ela o socou no ombro antes de se levantar. Os olhos dela continuavam desfocados enquanto descia os degraus do altar, contando silenciosamente.

Ele então soube. Ela era cega, mas não inocente. Era astuta pra diabo.

— O que você teria feito se eu tivesse usado a lâmina nela? — exigiu Baden.

— *Ela* não teria feito nada — ela disse, respondendo pelo rei. — *Eu* teria te impedido.

— Ela é uma de minhas melhores guerreiras — como Hades soava orgulhoso.

As pessoas nunca são o que parecem.

Um truque. Só um truque.

— Espere em meus aposentos — Hades disse a ela.

— Tá, tá. Sei onde fica.

Baden fez uma careta para ela quando passou por ele. Ela detectou sua ira e lhe mostrou o dedo do meio, imperturbável ao se dirigir à porta.

Será que todas as tarefas que Hades lhe designaria seriam tão triviais? Ou seriam meros testes? E quanto a Aleksander e a moeda?

Não, não um teste. Baden não havia detectado nenhum medo da sereia, mas Aleksander tinha projetado a emoção desde o início.

Hades queria que ele executasse suas tarefas sem nunca ter certeza do motivo, nunca sabendo o que era real e o que era falso. Talvez assim Baden jamais planejasse manter algo ou alguém para si mesmo.

Bem, Baden trataria cada tarefa com a maior importância. Observaria e aprenderia. Descobriria o seu momento... descobriria um jeito de vencer Pandora e Hades.

— Você cometeu um erro grave hoje, *Rei* — ele cuspiu o título como a maldição que era.

— Ou eu aprendi mais sobre você do que conseguiu aprender sobre mim? — Hades sorriu para ele. — Considere as lições de hoje como gorjetas, *Ruivo*. As próximas vão te custar caro.

Katarina escalou a parede da varanda a noite toda... a manhã... amaldiçoando a altura dos tijolos que bloqueavam qualquer tipo de visão, esperando captar a atenção de mais alguém. O tempo todo procurava ouvir Baden, planejando pular e voltar a se enfiar na cama assim que ele invadissem o quarto. E quando ele estivesse a seu alcance, finalmente daria um bom uso àqueles pregos.

Ao montar o topo da parede da varanda pelo que parecia a milésima vez, uma mão violenta segurou o seu tornozelo e puxou. Ela se desequilibrou e caiu para um peito igualmente duro. Um silvo soou — um que ela reconheceu — e braços fortes a seguraram.

Baden estava aqui!

Ele rugiu como um urso pardo despertado cedo demais de sua hibernação enquanto a afastava dele. A expressão dele ficou tensa de... repugnância?

Definitivamente repugnância. Era a reação favorita dele em relação a ela.

— Vai a algum lugar, *noivada*?

O sangue dela congelou. *Mantenha a calma.*

— Só estava apreciando a paisagem, *kretén*. Cuzão.

— Lá vem a boca suja de novo — a luz do sol o atingiu, despreocupada com o perigo que ele representava. Ou a escuridão dentro dele.

Mas podia realmente culpar o sol? Baden tinha um cheiro delicioso. Como velas de mel e canela acesas no coração da meia noite. Delicioso e sedutor... sensual.

Um assassino não devia cheirar assim.

— Você precisa do elixir? — Perguntou ele.

— *Nie* — logo ele perceberia que o vidrinho não estava mais com ele.

Ataque. Agora!

Em um movimento muito rápido, agarrou um prego de seu bolso e enfiou no pescoço dele. Silvando de novo, ele a empurrou para longe dele. Ela cambaleou para trás e bateu nas portas da varanda — as portas fechadas da varanda. Elas se abriram com o impacto e ela tropeçou para dentro do quarto, escorregando até a parede. Estrelas brilharam diante de seus olhos.

— Não me toque — ele rosnou — Nunca.

Ela era tão repulsiva assim para ele?

Ao recuperar o fôlego, disse em tom seco.

— Mas tentar te ferir tudo bem?

Ele puxou o prego de sua pele e nem uma gota de sangue vazou do ferimento. Aquilo era uma gota de... óleo de motor?

— Você tentou retaliar da única maneira que podia — ele na verdade parecia impressionado. Então pareceu irritado. — Não tente de novo.

Tremendo com uma mistura de espanto e medo, ela se levantou. O olhar dele avaliou seu traje escasso e ele perdeu o ar de inimizade. Subitamente pareceu *apreciativo*.

Alguém acendeu o aquecedor? Por que a pele dele agora estava coberta de suor.

— Você vai me levar para Alek?

Uma máscara inexpressiva rapidamente cobriu a expressão dele.

— Não.

— Mas por quê? Já é outro dia. Ele pode estar com a moeda te esperando — ele não estaria. Ao invés disso, teria um exército a postos. — Não quer seu tesouro? Trabalhou tão duro por ele...

Baden passou uma mão pelo cabelo, deixando as mechas espetadas. Dava para ser *mais* sexy?

Que vergonha reparar nisto!

— Eu quero — disse ele — mas não quero que Hades a tenha. Então Aleksander pode esperar.

— Hades é...

— Não é um tópico aberto a discussão.

Ela continuou, de qualquer forma. Um Baden distraído era melhor do que um Baden furioso. Ao primeiro olhar, ele podia parecer calmo. Mais de perto, ela percebeu que suas pupilas estavam dilatadas, os olhos selvagens. Os músculos em seus braços tensos, as faixas apertando fundo nos bíceps.

— Você trabalha para Hades, mas não gosta dele de verdade? Por que não pede demissão e...

Ele cruzou os braços na altura do peito. Um sinal de aviso?

— Tudo bem. Você venceu — disse ela — Vamos falar sobre outra coisa enquanto tomamos uma bebida, tudo bem?

Depois de uma hesitação momentânea, ele se dirigiu para a porta do quarto. Uma porta ainda bloqueada pela cômoda.

Ela olhou para ele, questionando.

— Como conseguiu entrar? Tem alguma passagem secreta?

Em silêncio, ele passou por ela e empurrou a cômoda com um único gesto do braço. Que força! O coração dela martelou quando saiu para o corredor e seguiu o caminho que ele tinha tomado a noite passada, dobrando uma esquina e entrando na familiar área de estar.

Ela parou no bar de costas para ele ao servir duas doses de uísque... e furtivamente retirou o vidrinho; esvaziou o conteúdo na garrafa em vez de em uma das taças. Havia uma boa chance de Baden recusar qualquer bebida que ela oferecesse, mas uma chance ainda maior de que ele mesmo se servisse mais tarde.

Enquanto consumia o conteúdo do próprio copo, ela o encarou e ofereceu o segundo. Ele recusou com um gesto de cabeça. Com um dar de ombros, ela bebeu o conteúdo do segundo copo também. O álcool queimou ao descer, mas assentou como mel derretido em seu estômago, imediatamente irradiando uma onda de calor em seu corpo.

— Onde estão os seus amigos? — ela perguntou.

Ele olhou para ela fixamente, como se em dúvida entre responder à sua pergunta ou estrangulá-la.

Mantendo uma expressão neutra, ela o estudou. Ele usava a roupa do dia anterior suja de sangue. Teria dormido com a roupa ou teria se forçado a não dormir, como ela? Provavelmente a segunda opção. A expressão dele era tão tensa que não tinha como saber se ele sequer dormia em alguma situação, o pobrezinho.

Espere. Pobrezinho? Ela tinha *simpatia* por ele?

Não, não. Inaceitável! Mas a deixou pensativa... o que será que o tinha transformado no monstro frio e calculista que se tornara?

Finalmente ele disse.

— Os outros saíram para comprar itens essenciais.

Aquela sensação de mel derretido em seu estômago? Sumiu instantaneamente.

— Cordas? Facas? Lona plástica para proteger os móveis contra os respingos de sangue?

— Monopólio. Candy Land. Jenga — ele sentou na cadeira do outro lado do sofá, o tecido floral de certa forma destacando sua intensa masculinidade à perfeição.

— Jogos de tabuleiro? — ela escolheu permanecer de pé, em posição dominante. — Pra crianças?

— Aparentemente sou chato. E imaturo. Assim que voltei do... — ele apertou com força os braços da cadeira. — Deixa pra lá. Eles saíram.

Aquele gesto dele... um sinal de que os amigos magoaram seus sentimentos?

Que triste.

Não. Não era triste. Não era! Um plano novo se formou. *Ser boazinha com Baden enquanto forjava um vínculo unilateral com ele, assegurando que mantivesse a promessa de não feri-la, então fugir, salvar os cães e correr.*

Regra número seis do treinamento de cães: *mantenha as interações curtas e dóceis.*

Sete: *sempre finalize em um tom positivo.*

— Eu vou conhecê-lo — disse ela, fingindo estar deliciada — e decidirei se você é chato ou não.

— Sua opinião a meu respeito não me importa. Vamos ficar em silêncio.

Não gosto dele.

— Pobrezinho. Sou uma conversadeira por excelência e você acha que não vai conseguir me acompanhar, não é? Entendo.

Ele comprimiu os lábios.

— Foi com a sua *conversa* que conquistou Aleksander?

— Ah, qual é! Eu pisquei e ele veio correndo — o que era verdade. Infelizmente. — Não se considera mais forte e mais esperto do que Alek? Não acha que seria capaz de resistir ao meu enorme encanto?

Ele passou a língua sobre os dentes e ficou em pé aos solavancos. Quando marchou até o bar e se serviu de uma bebida, evitou o olhar dela.

Esperança a inundou. Finalmente! Algo estava saindo do jeito dela.

— O que quer saber sobre mim? — Ele voltou à cadeira, com o copo meio cheio. — *Por que quer saber mais sobre mim?*

Uma sensação de antecipação e triunfo brilhou, uma que ela fez o que pode para esconder.

— Por quê? Sou uma criatura curiosa. O que? Mais do que uma vez você e seus amigos mencionaram que as pessoas ao seu redor eram humanas, o que implica que vocês não são. O homem de cabelos brancos...

— Torin.

— Torin até chegou a dizer que você era melhor do que humano. O bicho-papão não é melhor.

Ele continuou a segurar o copo sem beber. *Não encare. Não pareça ansiosa demais.*

— Eu sei que você não é um monstro *literalmente falando* — disse ela. Teria colocado ênfase demais na palavra?

— Então você acha que somos... o que? — perguntou ele — Malucos?

Nenhuma razão para mentir.

— Sim. Mas o que vocês pensam que são?

— Imortais.

Ela deixou escapar uma risada.

— Tipo vampiros? Lobisomens? — a moda dos filmes atuais.

— Se eu fosse um chupador de sangue, você já estaria seca a esta hora. Se eu fosse um lobo, você estaria acorrentada na minha cama e sendo usada como a prostituta do bando. Uma *kurva jebat'*, como você diria.

Não havia um grama de diversão no tom de voz dele e sentiu-se sóbria, percebendo que ele realmente acreditava no que estava dizendo... acreditando que criaturas da noite existiam.

— Não vou contar a ninguém — ela disse, erguendo a mão direita. Na ficção, predadores sobrenaturais gostavam de manter suas origens em segredo, frequentemente assassinando aqueles que descobriam a verdade. — Tem minha palavra.

— Conte a quem quiser. Será chamada de maluca. Insana — ele deu de ombros e finalmente tomou sua bebida.

Alívio a inundou, frio e doce. Ela esperou, observando-o atentamente por sinais de sedação, mas nada mudou.

Regra oito: *distraia quando necessário*.

— Convença-me. Conte-me sobre suas vidas.

— Novamente, por que me incomodaria?

— Por que eu adoraria ouvir sua história?

— Isto não é motivo suficiente.

— Então... o que você quer?

O olhar dele aqueceu. Ele inspirou profundamente, como se não gostasse da direção que seus pensamentos tomaram. Ou talvez tivesse gostado um pouco demais. Suas calças subitamente pareceram mais apertadas.

Sua boca ficou seca. Ela pressionou as mãos juntas, formando uma torre.

— Conta, vai! Por favorzinho. Por favor!

O apelo... na realidade suavizou a expressão dele.

— Durante séculos vivi no Monte Olimpo, era um dos guardas de Zeus. Tenho certeza que já ouviu falar dele. Todo mundo ouviu. Meus amigos e eu nos sentimos imensamente ofendidos quando ele entregou seu maior tesouro, a dimOuniak, a uma fêmea para que a guardasse. Você deve conhecer este tesouro pelo nome de Caixa de Pandora. Para punir Zeus, nós a roubamos, abrimos e libertamos os demônios que estavam aprisionados dentro dela.

Espere, espere, espere.

— Demônios?

Um curto aceno.

— *Ela* decidiu *nos* punir e *nos* amaldiçoou a hospedar um demônio dentro de nossos corpos. Eu fiquei com Desconfiança, embora tenha me livrado dele no dia em que fui decapitado.

Ela bufou.

— Decapitado? E ainda assim, aqui está você. Vivo e bem.

— Vivo, sim. Bem, não. Ninguém, imortal ou humano, é somente corpo. Temos espírito, e como pode ver, meu espírito ainda está mais ou menos intacto.

— Está dizendo que é um fantasma?

— De certa forma — ele pousou o copo vazio na mesinha lateral, seu braço decepcionantemente firme. — Passei os últimos quatro mil anos preso dentro de um reino prisão. Até umas semanas atrás, quando fui libertado, assim como os demônios na Caixa.

— Demônios — ela repetiu baixinho. Aceitava o sobrenatural e sempre aceitou. O mundo, humanos e animais, era tão maravilhosamente intrincado, tão perfeitamente feito e tão claramente criado com tanta inteligência, que sabia que havia um Deus... e se havia um Deus, havia também anjos da guarda.

O anjo da guarda dela estava de férias. Obviamente.

Também tinha visto maldade demais para *não* acreditar que existiam demônios guiados por um diabo. Mas... mas...

Baden não era imortal. Não podia ser. Coisas assim não aconteciam com pessoas como ela. Normais. Comuns.

— Cadê sua risada agora, *nevesta*?

Os olhos dela se estreitaram nele. Ousava zombar dela?

— Talvez eu esteja ocupada demais me perguntando se você vai jogar a culpa de seus crimes em cima do demônio.

— Não — ele disse a surpreendendo. — Não estou mais possuído. Não por um demônio, pelo menos. Não estou bem certo do que está dentro de mim agora. Uma presença sombria... uma fera chamada Destruição. Mas não o culpo pelo que fiz na igreja. Fiz minhas próprias escolhas. Puxei o gatilho. Manejei a faca.

Uma fera? Destruição?

— Você feriu os homens na igreja com tanta facilidade. Suponho que violência não seja novidade pra você, sendo o que diz que é ou não.

— Não, não é novidade pra mim. Mas às vezes, é um prazer especial.

Dedos gelados de medo percorreram ao longo da espinha dela.

— Quanto mais maldades você faz, mais mau você é — ela disse com suavidade. Por um momento, fechou os olhos e imaginou que estava segura nos braços de Peter. Uma garota com um futuro brilhante. Feliz. Cheia de esperança. — O que sua namorada... esposa?... pensa de suas inclinações?

— Não tenho nenhuma mulher para chamar de minha. Não existe ninguém com força suficiente para lidar comigo.

Sem força, não temos nada. Não somos nada.

— Força é sua única exigência para uma companheira?

— Sim — ele franziu o cenho. — Não. Não quero companhia nenhuma. Sou perigoso demais.

Ele desviou o olhar dela, concentrando-se em algo às suas costas. A cor tinha desaparecido de seu rosto e raios de vermelho iluminavam seus olhos. Não, não. Seus olhos estavam injetados de sangue, só isso. O horror da situação — e suas declarações — afetaram sua percepção sobre ele.

Suor rolava das sobrancelhas dele quando um tremor o atravessou. Estaria tendo um ataque de pânico? Ou estava combatendo aquilo que ele considerava a fera?

Ela avaliou confortá-lo, mas achava melhor não tocá-lo.

— Cante — ele resmungou. — Cante agora.

Ela queria brigar com ele por lhe dar uma ordem tão ríspida, mas em vez disso, obedeceu. Ela frequentemente cantarolava para seus cães quando estavam em frenesi. Quase sempre funcionava. Em alguns minutos, o vermelho começou a apagar dos olhos de Baden. Ele soltou um suspiro pesado e a cor foi retornou a seu rosto.

Ele esfregou a têmpora, como se para atenuar uma dor. Ou uma voz que não conseguia silenciar.

Será que as drogas finalmente estavam fazendo efeito? Ela umedeceu os lábios, subitamente nervosa. Se ele suspeitasse...

Mantenha-o distraído.

— Bem. Minha vez de desabafar — antes dele mandá-la calar a boca, ela disse: — Meu pai era americano. Era negro. Minha mãe era eslovaca e branca como a neve. A maior parte das pessoas aceitava a nossa família, mas sempre havia os que não aceitavam. Eu me meti em encrencas em várias ocasiões por brigar com os que *não aceitavam*. Lutas de socos depois da escola. Papai costumava dizer que não podemos combater fogo com fogo. Temos de usar água.

— Eu não tive... mãe — Baden piscou rapidamente quando sua cabeça caiu para o lado. Seus olhos se fecharam lentamente e permaneceram fechados, seu corpo tombou de lado no sofá.

O que ele quis dizer com *não tenho mãe*?

Importava? Não havia hora melhor para agir. *Mantenha a calma. Mantenha o foco.* Katarina correu para a porta da frente, buscando por armas ao longo do caminho. Não havia facas ou armas. Nada. Tudo bem. Usaria o que tivesse. Suas mãos tremeram ao mover a maçaneta. Dobradiças rangeram quando a porta foi aberta.

Ding. As portas de elevador se abriram. Dele saiu a mulher de cabelos pretos que fumou um charuto na varanda. Ela tinha uma mochila grande pendurada nos ombros — e dirigiu-se diretamente a Katarina.

Humanos não eram totalmente inúteis, afinal. Ela veio ajudar.

— Obrigada — Katarina parou na frente dela. — Precisamos chamar a...

— Onde está Baden? — A mulher perguntou com tom de voz áspero. Como Baden, ela tinha um sotaque levemente grego.

O sotaque... os braceletes...

Inquietação lançou sombras sobre a sensação de esperança de Katarina.

— Lá dentro. Dormindo. Eu o droguei.

A mulher sorriu com deleite.

— Bem, bem. Não é que você é cheia de surpresas?

Katarina agarrou-lhe os pulsos para puxá-la de volta para o elevador.

— Venha. Precisamos chamar a polícia. Eles vão capturá...

— Não. Não vão. Mas *eu* vou — com isto, a mulher bateu a própria cabeça na de Katarina.

Ela voou para trás, dor e vertigem avançando. Seu último pensamento antes da escuridão tomar conta dela foi: *só eu mesma para escapar de um assassino e dar de cara com um ainda pior.*



SEIS

“Roube a caixa, eles disseram. Será divertido, eles disseram. “

— Baden, companheiro de Destruição.

BADEN LUTOU CONTRA a mancha opressiva da letargia, Destruição rugindo obscenidades nos fundos de sua mente. Katarina o drogou, obviamente, e escapou.

Mesmo tão fraca quanto era fisicamente, ela era mentalmente forte. Provou ser esperta, diligente e furtiva. Ele a subestimou. Um engano que não cometeria novamente.

Ele quase... a admirava agora. Quase.

Inimigos devem ser tratados com rapidez e rigor.

Destruição não era tão fácil de impressionar.

Apenas alguns minutos atrás, a fera tinha se enfurecido dentro da cabeça de Baden, a discussão sobre pais o fez pensar em sua mãe, Jezebel. Uma bruxa que tinha governado uma seção do submundo antes de Hades. A cadela que vendeu Destruição para um dos (antigos) reis, o macho que o trancou no calabouço todos aqueles séculos atrás.

Lembrando a calma que a sereia tinha causado com sua voz, Baden tinha mandado Katarina cantar para ele. Ela não era uma sereia, ou até mesmo parte sereia, e ainda assim causou uma reação muito forte. A fera não só tinha se acalmado, ele ronronou, totalmente contido.

Ela tinha poder sobre ele. Outra razão pela qual tinha que morrer.

Os ouvidos de Baden contraíram quando a porta da frente abriu. Passos com botas bateram contra o chão. Muito pesados para pertencer a Katarina.

Uma tensão atada a uma pausa terminou com uma risada suave que reconheceu. Pandora o encontrou.

Ela deve ter passado por Katarina na porta do elevador. Ela teria ferido a humana para chegar até ele?

Baden se enfureceu, e ainda assim a fera estava calma.

Pandora estalou a língua.

— Aparentemente as fêmeas são sua Kryptonita, meu amigo. Esta é a segunda vez que uma levou a seu assassinato.

Ameaça? Destruição perguntou. Ele não estava certo?

Baden lutou contra a letargia com toda sua força, suas terminações nervosas começando a formigar enquanto voltavam à vida.

— Você se lembra de sentir a lâmina fatiando seu pescoço? — Ela perguntou, mantendo um tom sociável. — Não se preocupe se não lembrar. Estou prestes a lembrá-lo.

Algo pesado golpeou a mesa de café. Ele conseguiu abrir as pálpebras como um zíper abrindo.

Ameaça! Destruição rosnou. *Deve eliminar.*

— Quando eu terminar com você — Pandora disse cavando dentro de uma enorme bolsa de lona — vou matar seus amigos. E vou fazer isto doer.

Se o alvo dela fosse Baden, nada bom, mas que fosse. Apenas mais do mesmo. Mas virar suas intenções assassinas para seus irmãos e irmã? Passou da conta!

A fera rosnou *mais alto*.

Ela continuou alegremente.

— Você e o outros... não bastou tirar a caixa de mim, nem apenas acabar com minha vida. Você arruinou minha única chance de... — Ela apertou os lábios e suas narinas inflaram.

A única chance dela para que? Em todos seus anos juntos, ela nunca revelou os segredos de seu passado.

Ela juntou diferentes partes de metal, criando uma moto-serra movida a bateria. Sorriu enquanto apertava um botão, o motor acelerou e as lâminas giraram.

Ela tinha vindo para *jogar*.

A raiva o consumiu; os rios pretos dos braceletes gravados em sua pele agora mastigavam por suas veias e enterravam-se profundamente em seus ossos, forçando-os a expandir. O tempo todo, Destruição martelava contra seu peito, um peito que se expandia também. Uma força antinatural o inundando, sombria e inebriante, mais do que jamais experimentou, como se a fera estivesse assumindo o comando de seu corpo.

A fera *estava* assumindo o comando de seu corpo.

Pandora olhou para ele e franziu o cenho.

— Como você fez... não importa. Posso imaginar. Os braceletes fazem coisas estranhas comigo também. Mas sua reação é um pouco tardia, receio — ela ergueu a moto-serra acima de sua cabeça. — Isto é um adeus, Baden. Diria que foi bom conhecê-lo, mas eu nunca minto.

Ele trabalhou sua mandíbula, encontrando sua voz.

— O que Hades advertiu?

— Se matar você significa matar a mim mesma, que assim seja — ela andou em sua direção e ele afinal saltou em um movimento, erguendo a perna para chutar os tornozelos dela juntos. Ela caiu de bunda, perdendo o fôlego; conseguiu manter o domínio sobre a moto-serra mesmo enquanto a lâmina cortava o piso de madeira, aparas voando em todas as direções.

Ele trancou sobre seus pés e torceu forte, quebrando os ossos do tornozelo dela e fazendo-a mancar. Pelo menos por um momento.

Ela ganiu e então balançou a moto-serra nele. Objetivo: seu pescoço. Ele abaixou e, quando a oportunidade se apresentou, chutou a mão dela, fazendo com que seu aperto na arma finalmente soltasse.

A moto-serra caiu, o motor morrendo.

Ele se levantou enquanto ela se agachava, os cabelos em pé nas pontas como se ela tivesse acabado de enfiar o dedo em uma tomada. As presas estendidas passando seu lábio inferior, pequenos grunhidos saindo dela. As presas eram novas; eram maiores do que de um vampiro, mas menores do que de um shifter de urso. Ela tinha linhas pretas correndo das faixas, exatamente como as dele, mas as dela eram misturadas com as muitas borboletas tatuadas em seus antebraços.

Quando Baden e os outros foram possuídos primeiro, uma tatuagem de borboleta apareceu em cada um de seus corpos. A mesma forma básica, mas em locais e cores diferentes. As tatuagens de Pandora eram autoinfligidas, cada uma representando um dos demônios. Violência, Morte, Dor, Dúvida, Ira, Mentira, Segredos, Derrota, Promiscuidade, Desastre, Doença, Ciúme, Falsa Esperança e Desconfiança. Havia outros demônios, mas eles foram dados aos imortais presos no Tártaro. Uma prisão para os piores dos piores dos criminosos.

Pandora não tinha nenhum problema com aqueles prisioneiros, apenas com as pessoas que roubaram sua caixa.

As borboletas eram uma óbvia lista para matar.

Ela é uma ameaça.

Sim. Oh, sim.

— Onde está a garota humana? — Ele exigiu.

— Está dormindo profundamente no banco do elevador. Por quê? Você estava esperando que ela viesse salvá-lo?

— Você é a única em perigo hoje — Hades não o castigaria por se defender. Como poderia? — Você cometeu um grave erro vindo atrás de mim — a fera já tinha imaginado a melhor forma de acabar com ela. Usando a moto-serra para cortar seus membros... então a cabeça. — Você deveria ter focado seus esforços em ganhar seu primeiro ponto.

— Que adorável — ela o circulou, seu sorriso gelado alargando. — Sabe, *já* ganhei meu primeiro ponto.

As mãos dele fecharam em punhos enquanto virava para ela. Ela era a cabeça e ele o rabo? Inaceitável!

— Aprecie estar na liderança enquanto pode, *Skýla* — cadela. — Isto não vai dur muito tempo. Você é fraca — ele cutucou o orgulho dela, determinado a deixá-la com raiva, deixá-la vulnerável. — Sempre foi fraca. Lembro quando Haidee me matou sim... mas também lembro quanto foi fácil roubar o *dimOuniak* de você. Lembro como Maddox arrebatou uma espada e apunhalou sua barriga vulnerável em seis vezes diferentes. Você estava totalmente indefesa, incapaz de detê-lo. Você não conseguia nem...

Amaldiçoando-o, ela se lançou para sua cabeça. Quando ele bloqueou seu punho com a palma da mão, ela virou-se para ele com o outro braço, indo para sua garganta. Ele se inclinou para trás evitando o impacto enquanto pegava seu outro pulso. Uma única torção virando-a ao redor, permitindo que prendesse seu braço por trás dela.

— Vê? Fraca — sussurrou em seu ouvido.

— Bastardo!

Destruição riu quando Baden enrolou um braço ao redor do pescoço dela para puxá-la contra ele, aplicando pressão suficiente para sufocar qualquer outro.

— Idiota — ela conseguiu pronunciar rouca.

Uma dor aguda explodiu na coxa dele antes de sua perna inteira ficar mole. Ele a soltou, tropeçando para trás. O cabo do que deveria ser um punhal com a ponta envenenada se projetava logo acima de seu joelho.

— Vou arrancar seu...

Um gemido aflito veio do corredor, chamando sua atenção, silenciando-o.

Katarina estava despertando.

— Apostando na primeira morte — Torin disse com prazer. Uma arma engatilhada.

Seus amigos retornaram.

Pandora endureceu. Baden arrancou o punhal, e pela segunda vez desde seu retorno dos mortos, ele sangrou. Mas da mesma maneira que antes o sangue era espesso e preto. Podia adivinhar a razão: a fera, que estava mais viva nele a cada dia que passava.

Com Destruição gritando obscenidades, Baden jogou a arma. Pandora se esquivou para a esquerda, mas não rápido o suficiente. A lâmina roçando o ombro dela. Ela correu em direção à janela saltando... mergulhando. O vidro quebrou, o ar quente ventando para dentro da sala de estar.

Ele correu, vendo que ela tinha deixado manchas pretas para trás. Enquanto disparava rapidamente para baixo, ela usava um fio retrátil para diminuir seu impulso. Balançando para frente, ela atravessou uma janela no meio do edifício.

Ele queria continuar a perseguição, atacar, mas o desejo de proteger Katarina, a chave para seu ponto, provou ser mais forte.

William a tinha jogada por cima do ombro.

— Onde você a quer?

Torin e Cameo flanqueavam seu lado, as armas em punho e prontas. Baden queria facilitar suas vidas e, ainda assim, ele continuava acrescentando mais complicações.

— No sofá — disse. A cena do crime.

— Não há ninguém para matar? — Torin fez beicinho. — Sempre perco a diversão.

William lançou Katarina sobre as almofadas do sofá. Quando ela parou de saltar, ele notou o grande calombo em sua fronte. Um que *ele* tinha ostentado em várias ocasiões. Pandora tinha lhe dado uma coronhada.

Carrancudo, ele empurrou William pelo ombro.

— Seja mais cuidadoso com ela. Ela pode ter uma concussão.

— Isto não é exatamente problema meu, é?

Cameo pegou sua semiautomática e deu um pequeno arremesso, pegou-a pelo cano e bateu com ela na porra do William. Quando ele amaldiçoou e esfregava o machucado, ela disse:

— Considere isto problema seu de agora em diante. Qualquer dano que ela tenha, eu me certificarei que você tenha um também.

Baden e Destruição estremeceram em uníssono.

Anotação para si mesmo: *tampões de ouvido são meus melhores amigos*. Não tinha nenhuma ideia de como Cameo vivia com seu demônio. Sempre que ela experimentava um momento de felicidade, do tipo que mudaria sua vida pra melhor, o demônio apagava a memória, assegurando que ela permanecesse para sempre cercada pela escuridão.

Sem luz e esperança, não havia nenhuma vontade de viver. Um fato que ele sofria de primeira mão.

— Você é pior que meus filhos — William murmurou. — Sabe disso, certo, Cam?

O macho tinha quatro filhos. Três filhos e uma filha. A filha foi assassinada meses atrás, e os filhos estavam agora no meio de uma guerra cruel com a família do assassino dela. Uma guerra que a família do assassino não ganharia. William era o pai dos Cavaleiros do Apocalipse.

Cameo, agradecidamente, felizmente deu de ombros.

Torin guardou a arma e levantou uma caixa cortada em tiras.

— Monopólio, alguém? Consegui a edição do M&M. Os cães vira-latas lá fora do hotel usaram isto como brinquedo de mastigar, mas acho que consegui salvar a maior parte das peças.

Mais cães vira-latas?

Katarina gemeu antes de se erguer. Ofegante, deu uma apavorada varredura na sala. Seu olhar encontrou o de Baden e ela arremessou-se para a extremidade do sofá, estendendo a mão para afastá-lo, como se esperasse que a atacasse.

— A mulher — ela disse. A maior parte de seu cabelo escapando do coque, longas ondas escuras agora emoldurando seu rosto. Sua visão em tal desordem fez sua entranhas apertarem. Tão frágil, os fracos morrem rapidamente, mas bonita pra caralho.

Destruição rosnou para ela, mas não fez nenhuma nova exigência de matá-la.

— Ela é Pandora, aquela que falei pra você — ele disse. — Ela é minha inimiga.

— Foi *ela* quem o atacou? — Torin riu. — Uau. A garota tem bolas, isto é certo.

Baden franziu o cenho para ele.

— Ela planeja me matar, tirar do jogo, antes de vir atrás do resto de vocês.

William assentiu, impressionado.

— Isto não é exatamente uma estratégia ruim.

— E — acrescentou, querendo esmurrar algo — ela já ganhou um ponto.

— Um ponto? — Katarina perguntou. — Que jogo você está jogando com ela?

Com uma cara feia, ele focou nela. Qualquer outro humano teria se acovardado. Esta aqui ergueu o queixo, uma ação agora familiar, recusando-se a recuar. Valente, mas tola. Apenas outra fraqueza.

— Uma sombria e perigosa. No final, aquele com mais pontos vive e o outro morre. Como você deve, muito em breve. Você me drogou — ele estalou.

Ela vacilou.

— Se você queria uma prisioneira passiva, devia ter escolhido outra pessoa.

Ele tinha lançado palavras semelhantes para Hades.

Não sou nada como o rei. Eu tenho limites.

Fácil dizer...

— A humana drogou você? — Torin soltou outra risada. — Cara. Você não está envergonhado? Por que estou por você.

— Quem é você pra falar? — William o cutucou no ombro. — Sua namorada o espancou em várias ocasiões.

— Sim, mas eu era um garoto muito malvado. Comecei as pragas do mundo inteiro e precisei aprender uma lição.

— Pragas? — Katarina disse ofegante.

William piscou para ela.

— Não se preocupe, pétala. Se ele te tocar pele com pele, você vai ficar doente... mas pode se curar chupando o...

Baden o esmurrou na boca, calando-o.

— Ela já teve o suficiente de nosso mundo. E tenho coisas pra fazer — uma sensação de urgência o acolheu. Ainda estava sem um ponto. — Vou levá-la de volta para seu noivo. Dê-me suas luvas — disse para Torin, já se ressentindo das barreiras que impediriam o contato pele com pele com Katarina.

As poucas vezes que se tocaram, o calor da carne dela o tentou da mesma forma que o agonizou.

Seu amigo entendia sua aflição melhor do que a maioria e puxou o couro de seus braços sem protestar.

Baden reivindicou uma depois a outra, envolvendo cada um em seus braços antes de estender a mão para Katarina.

— Venha.

Ela se ergueu ansiosamente, enrolando os dedos ao redor dos dele.

— Tão determinada a retornar pro inferno — uma onde sombria de... alguma coisa rolou por ele. Não era ciúme. Não era!

Ela era um meio para um fim, nada mais.

— Tenho minhas razões — ela disse calmamente.

— Claro que tem. Dinheiro, poder e proteção.

Baden a puxou contra ele, enrolando o braço ao redor da cintura dela. Uma algema inquebrável. Ela ofegou, e ele perguntou-se como ela soaria quando se rendesse ao seu homem, um prazer incomparável a consumindo.

Destruição rondou por sua mente mais inquieto a cada segundo que passava. Ela o perscrutou através do espesso escudo de seus cílios... e ambos, ele e a fera, perderam a concentração. Um leve cheiro de baunilha flutuou dela. Delicioso. Comestível.

Deve prová-la...

Com tanto mal no mundo, coisas bonitas deveriam ser estimadas.

— Isto é um modo mais que estranho certo? — William perguntou, arruinando a sensualidade do momento.

— Definitivamente — Torin disse enquanto Katarina corava.

Cameo fez um favor a todos e apenas deu de ombros.

Baden encarou todos eles.

— Fechem as janelas e as portas, e me encontrem na fortaleza em Budapeste. Retornarei assim que puder.

Torin ficou realmente sério muito rápido.

— Indo visitar Aleksander sozinho? Não estou certo de que isto seja sábio, meu caro. Ele estará armado e terá mais guardas, com certeza.

Nenhum humano jamais seria forte o suficiente ou rápido o suficiente para decapitar Baden e remover seus braços.

— Ficarei bem.

William apertou seu ombro.

— Suas razões para evitar Budapeste ainda são válidas. Não esqueça. E se decidir se mudar, fique longe de Fox. Ruim pra sua saúde e tudo aquilo.

Por que ele iria ficar por perto de uma raposa?

Segurou Katarina ainda mais firme contra ele, uma pontada no peito, uma dor na virilha. Ignorou ambos. *Não podia desejá-la. Não iria desejá-la.* Uma sedutora que usou seu homem acabaria traindo-o.

— A menos que esteja planejando me carregar — ela disse — você poderia me soltar. Posso caminhar.

— Não vou carregá-la e nós não iremos caminhar. E não é você quem dá as ordens. Conosco, eu atraio os tiros. Pra sua segurança, não meu prazer.

— A desculpa que todo homem mandão usa, estou certa — ela achatou as palmas das mãos em seu peito e empurrou... sem resultado. Carrancuda, ela retrucou: — Não entendo como nós podemos viajar sem movimento.

— Você não precisa entender. Feche os olhos.

Uma única sacudida com a cabeça.

— Não.

— Eu disse... — Não importa. A fêmea teimosa poderia lidar com as consequências. Reyes e Gideon sempre vomitavam depois de serem riscados. Paris desmaiava. — Mantenha seus olhos abertos então.

— Psicologia inversa? Boa tentativa — ela murmurou. — Nunca vou propositalmente me tornar vulnerável.

E ainda assim ela fez exatamente isto, casando com Aleksander. Talvez houvesse mais para ela, para suas circunstâncias, que ele houvesse percebido, exatamente como ela tinha disse. Talvez não. Não que importasse. Logo estaria fora da vida dele para sempre.

Um fato que o *agradava*. Muito.

Ele trouxe Aleksander para o primeiro plano de sua mente. Em um momento estava na cobertura com William, Torin e Cameo, no próximo estava em algum tipo de bunker subterrâneo ricamente decorado com tapetes felpudos, uma escrivaninha de mogno, uma cama king size e ao lado um banheiro privativo.

Havia uma porta grande de metal ao lado da cama, mas estava trancada por dentro.

Katarina ofegou.

— Como... nós acabamos... não podemos ter... isto não é possível.

Aleksander estava sentado na escrivaninha, um solitário ocupante do quarto, examinando uma pilha de fotografias. Quando ouviu a voz de sua esposa, ele saltou de pé, sua cadeira deslizando para trás. Empalidecendo, agarrou uma calibre 44 e apontou para Baden.

— Como entrou aqui? — Aleksander exigiu.

Sem preocupação com a segurança da esposa? Tolo.

Baden lançou Katarina e entrou na frente dela, bloqueando-a da linha de fogo. Destruição se enfureceu sobre a ação, mas dirigiu o calor da emoção para Aleksander.

Mate-o. Mate-o agora.

Em breve.

— S-sim — Katarina gaguejou. — Como chegamos aqui?

Baden sorriu para Aleksander, mas falou com a garota.

— Eu te disse, *nevesta*. Sou imortal.



SETE

“Cara. Você não deveria ter colocado um anel nisso.”

— Bianka a Terrível, Harpia do Clã Skyhawk.

A MENTE de KATARINA AMEAÇOU desligar. Muita coisa pra processar! Ela não podia ter... como tinha... não, não havia nenhuma maneira do que ela pensava que aconteceu pudesse ter realmente acontecido. Mas a verdade era a verdade, e como qualquer predador no auge, ele podia se defender. Ela viajou de um local para outro em apenas um piscar de olhos. Sem dar um passo. Sem ser carregada. Sem voar dentro de um avião ou entrar em um carro. Apenas BUM, o cenário mudou.

Baden foi honesto sobre suas origens, não foi? Ele realmente era imortal. E se era imortal, também era um ex-possuído pelo demônio, que agora estava bancando o anfitrião para algum tipo de fera. Uma fera com um desejo insaciável para a violência.

Sua mão tremeu sobre a garganta. Ele disse que trabalhava para Hades... que era o governante do submundo, de acordo com a mitologia.

Alô, vertigem. Nós nos encontramos novamente.

— A moeda — Baden vociferou para Alek.

Alek deu uma sacudida violenta com a cabeça, o cano de sua arma oscilando.

— Não sei onde está, alguém deve ter roubado.

— Você mente. Infelizmente pra você, tolero apenas um mentiroso em minha vida — Baden puxou uma adaga da bainha em seu cinto. Quantas outras armas estavam escondidas no corpo dele? — E Gideon é muito melhor nisso do que você.

— Vá pro inferno — Alek apertou o gatilho. *Pá! Pá! Pá!*

Quando Baden recuou do impacto, Katarina cobriu a boca para silenciar um grito. Qualquer outro teria caído, mas ele não vacilou ou até mesmo cambaleou.

O que ele fez? Espreitou através do quarto e virou a arma enquanto esta permanecia na mão de Alek. Ele pressionou seu dedo sobre o de Alek e forçou seu miserável pretenso marido a atirar no próprio ombro.

Alek, um mero humano, tombou em sua cadeira, o sangue jorrando de seu ferimento.

Homens bateram na porta, mas ela estava trancada e barrada pelo lado de dentro. Ninguém podia entrar. Ninguém podia ajudá-lo.

Suas próprias medidas de segurança ajudariam em sua queda.

— Última chance — Baden disse tão tranquilo como se estivessem discutindo o cardápio do almoço de hoje.

Quase histericamente, ela pensou: *a morte com uma margem de dor*.

— Não posso entregá-la a você — Alek ofegava para respirar. — Simplesmente não posso.

— Pode. Se escolher não, lamentará para sempre — ele soltou a arma na escrivaninha e bem lentamente, deliberadamente, moveu-se para ficar de frente para Alek. Ainda segurava a adaga. — Não sou mentiroso. Eu disse que pegaria qualquer outra coisa que você estima. Hoje, você perde uma mão.

Alek tentou ficar de pé e correr. Baden o conteve facilmente e com um balanço rápido, descendente, cortou seu pulso. Apenas isto. A mão estatelou no chão e um grito agonizante ecoou pelas paredes.

Slak to trafil! Baden fez isto. Ele realmente fez. A crueldade da ação... a visão do sangue... o fedor liberado no ar... Katarina agarrou seu estômago.

Baden enxugou a adaga no rosto de Alek, deixando manchas vermelhas para trás.

— Consiga-me a moeda ou amanhã vou cortar um pé — ele devolveu a arma para o cinto antes de aproximar-se de Katarina.

Ela recuou.

— O que está fazendo? Você disse que nós só íamos passar uma noite juntos.

O olhar dele estreitou.

— Esperava que nós nos separássemos. Estava errado.

— Não vou com você — não podia deixar Alek uma segunda vez. Ele tinha acabado de perder uma mão, estava com dor e estaria furioso, violento; ele machucaria seus cães por causa disso.

— Eu insisto.

— E eu passo — ela fingiu correr para esquerda e foi para a direita, aproximando-se de Alek. — Onde eles estão? — A voz dela falhou com desespero. No fundo de sua mente, entendia que isto apenas entregaria ao imortal e incontrolável Baden, informações sobre ela. Informações que poderia usar contra ela. Mas não estava nem aí. A necessidade de levar seus animais pra longe ultrapassava a necessidade de se proteger. — Diga-me!

Alek ofegou por não poder pegar e apertar seu membro jorrando no peito. Lágrimas de dor fluíam por seu rosto branco como giz. Com o braço ileso, ele estendeu a mão... a arma? Ele a temia agora? Ele deveria!

Impiedosa, ela empurrou a arma, fotos e o computador para o chão. Saltou no colo de Alek e segurou seu rosto, forçando o olhar dele a encontrar o seu.

— Diga-me onde eles estão ou vou arrancar sua outra mão — faria isto também. Sem hesitar. Ela poderia se odiar, poderia vomitar antes, durante e depois, mas faria *qualquer coisa* para obter respostas.

— Diga-me! — Ela gritou, sacudindo-o.

— Solte-o — Baden ordenou. Ele sempre mandava, mas desta vez não conseguiria do seu jeito.

— Diga-me!

— Mortos. Eles estão... mortos — Alek disse através dos dentes batendo, o choque aparecendo. — Matei... na noite passada.

Não, não, não. Não! Ela não podia acreditar... *não podia* acreditar...

— Você não teria agido tão rápido...

— Estava indo... usá-los para encontrá-la... mas eles atacaram... tive que... acabar com eles.

Seu olhar se deteve nas marcas de mordidas que cobriam os braços dele. Marcas que não tinha ontem. Os cães devem ter sentido o cheiro dela em suas roupas, o cheiro de seu desespero, e atacaram para protegê-la. Para salvá-la. E ele os matou por isto.

A raiva borbulhou, derramando através dela. Ela martelou os punhos no rosto feio, miserável e desprezível dele. Estava fraco demais para esquivar-se dela e não podia se proteger dos socos, só conseguia sentar lá e tomar o que ela despejava. Os dentes dele raspavam em suas juntas e seus ossos rachavam os dela, mas não se importava, não podia parar, nunca pararia. Seus bebês... mortos... se foram para sempre.

Braços fortes enrolaram ao redor de sua cintura e a puxaram de Alek.

— Já chega Katarina. Está se machucando.

A voz calma de Baden apenas a deixou mais furiosa.

— Odeio você! — Ela cuspiu em Alek, então em Baden. Ele fugiu com ela. Se a tivesse deixado para trás, se tivesse lhe permitido ficar com seu marido desprezível, os cães ainda estariam vivos. — Eu te odeio tanto! — Usando seu captor como roldana, deu um chute, cravando Alek no rosto. — *Foda-se!* Vocês são homens horríveis! Horríveis! E ainda assim vivem e eles... eles...

Baden a carregou em torno da escrivaninha, fora do alcance de atacar.

— Solte-me! — Lutou com ele com todas as suas forças, arranhando seus braços, esmurrando, chutando. — Não ouse me arrastar...

O bunker desapareceu, um quarto rapidamente tomou forma ao redor dela.

Ela se contorceu e tentou se orientar. Pequenos detalhes atingiram em sua consciência. Móveis masculinos. Uma enorme cama marquesa com acolchoado marrom escuro. Paredes de pedra envelhecida, como aquela que viu quando sua família visitou os castelos abandonados na Romênia e Budapeste quando a vida era normalmente maravilhosa e feliz. Arandelas de ferro forjado e uma lareira de mármore fendido ostentava rosas esculpidas à mão.

Outra prisão? Bem, esta aqui era bem merecida. Não tinha protegido seus bebês. Quando mais precisaram dela, falhou com eles. Eles morreram sentindo dor, sozinhos e com medo, depois que prometeu sempre protegê-los.

Culpa e tristeza se juntou à raiva, lavando o que sobrou de sua força, e seus joelhos desabaram. Teria caído no chão se Baden não a pegasse e abaixasse.

Ela o chutou.

— *Panchart!* Não se atreva a me tocar — tentou gritar as palavras para ele, mas o nó em sua garganta a levou a sussurrar. — Odeio você.

Ele se endireitou e levantou as mãos enluvadas em sinal de rendição. Mentira! Este macho nunca se renderia.

— Odeio você — repetiu. A mistura tóxica de emoções a envolveu em um abraço frio. Queria chorar. Queria chorar muito. Os cães mereciam suas lágrimas, mas não havia nenhuma queimação reveladora em seus olhos.

Baden esfregou o local logo acima do coração.

— Você perdeu entes queridos?

Pela primeira vez desde que se conheceram, havia uma nota de gentileza na voz dele. Uma nota que ela se ressentiu. Onde estava este lado mais suave quando ela implorou que a deixasse vasculhar a casa de Alek?

— Katarina — ele começou, ainda gentil.

— Meus cães, os bebês de pelos mais preciosos que já nasceram, estão mortos. Eles se foram — nem sequer tinha fotos deles. O fogo destruiu as cópias físicas, e Alek e Dominik apagaram seu site. — Eles foram assassinados. E você é o homem que me impediu de salvá-los. Isto agrada a você e sua fera?

— Não. Sinto muito, Katarina — abaixou-se ao lado dela e estendeu a mão, correndo a ponta do dedo ao longo do canto do olho dela. Estava procurando por uma lágrima?

— Poupe-me de seu arrependimento e afasta-se do meu rosto, *kretén*.

— Se eu soubesse...

— Saia!

Ele empalideceu, mas como o bastardo teimoso que era, permaneceu no lugar.

A camada protetora ao redor de seu coração de repente rachou, toda a raiva, culpa e tristeza expelindo; as emoções se tornando um vendaval forte que não conseguia lutar, *destruindo-a*.

Ela se enrolou em uma bola, tremendo com tanta força que seus músculos logo cederam, seus ossos moles como macarrão. Ela odiava a todos, especialmente este homem, que a via em um estado tão impotente, mas não se importava mais em manter um rosto valente.

— Katarina — ele a agarrou novamente. — Eu preciso...

Ela rolou para longe, afastando-se dele, acabando com a conversa, desistindo da vida.

Cercado pela impotência, Baden passou uma mão pelos cabelos. Katarina amava seus cães da mesma maneira que ele amava seus amigos. Abrangente. Interminável. Sem contenção. Ele não tinha nenhuma dúvida sobre isto. Até mesmo sem uma torrente de lágrimas, tanta tristeza e miséria irradiavam dela que rivalizava com Cameo.

Em uma tentativa de salvar seus cães, Katarina sacrificou sua felicidade e seu futuro. E durante o pouco tempo que Baden a conhecia, ele repetidamente a ridicularizou por isto. Zombou dela e a insultou. Suas ações até mesmo estimularam Aleksander, levando à morte prematura dos animais.

Ela odiava Aleksander e odiava Baden. Tinha todo direito.

Ela é apenas um meio para um fim. Não preciso da admiração dela.

Mas havia uma dor no seu peito agora. Uma que não conseguia afastar. Ele conhecia o horror de perder pessoas queridas, de sentir como se tivesse caído no meio do oceano durante uma tempestade turbulenta, onda após onda colidindo em você, pedras raspando em você; vezes sem fim engolindo muita água, mas ainda assim lutando para respirar, para subir. No

momento em que atinge a superfície esperando que estivesse a salvo, seria varrido para baixo novamente.

Quantos séculos se passaram antes de parar de sentir falta dos seus amigos? Pergunta difícil. Nunca tinha parado.

Vividamente demais se lembrou que nos séculos em que ficou preso, seus únicos amigos eram os ratos. Ele adorava aqueles ratos... chorou quando teve que comê-los para sobreviver.

Sobrevivência antes dos sentimentos.

Não, não. Os ratos... não eram memórias de Baden, mas de Destruição.

Com um grunhido, Baden passou a mão nos cabelos.

— Você estará segura aqui, Katarina. Tem minha palavra — devia isto a ela e pagaria sua dívida.

A fera começou a proferir um protesto, apenas para aquietar. A miséria da garota tocou um acorde em ambos.

Seu pronunciamento encontrou apenas o silêncio, de alguma forma pior do que uma torrente de maldições.

Ele trouxe Katarina para a fortaleza em Budapeste. As outras mulheres poderiam cuidar dela, esperando acalmá-la como frequentemente tentaram acalmá-lo; os homens a protegeriam de todo e qualquer perigo, enquanto Baden cuidava da punição de Aleksander. Por matar os cães, ele perderia os olhos. Pra começar.

Antecipação...

De repente os braceletes começaram a esquentar. Baden olhou para baixo quando um brilho vermelho suave pulsou do metal.

Outra convocação de Hades.

Sabendo o que estar por vir, correu para a porta gritando.

— Maddox. Ashlyn. Alguém! Não machuquem...

A fortaleza desapareceu e a sala do trono se materializou. Hades não estava em lugar nenhum à vista. Nem a sereia. Ao invés disso, um tornado preto rodou sobre o degrau inferior do estrado real, mil gritos assaltaram os ouvidos de Baden.

O tornado desacelerou... parou, a riqueza de sombras negras diluiu. Hades apareceu no centro, de pé sobre o que deveria ter sido um corpo, a carne e os músculos triturados, os ossos esburacados. Um coração sangrando descansando em sua mão. Ele tinha abandonado o terno e a gravata por uma camiseta e calças de couro preto, correntes envolvidas ao redor de ambos os pulsos.

Dos negócios formais para o punk rock. O homem era um camaleão.

Destruição jogou o jogo do silêncio, como antes, irritando Baden.

— O que você quer?

Hades sorriu e havia sangue em seus dentes.

— Nós estamos apenas esperando... Ah. Aí está ela.

Um movimento à direita de Baden. Ele virou e ficou cara a cara com Pandora.

— Você — ela fez uma careta, seu cabelo arrepiado, suas presas começando a crescer. As garras estendidas nas extremidades das unhas.

O corpo de Baden expandiu, preparando-se para a batalha.

— Não haverá derreamento de sangue em minha sala de trono — Hades anunciou. — Bem, não mais. Não hoje.

Seus músculos travaram sobre seus ossos, evitando qualquer tipo de movimento. A mesma imagem congelada claramente alcançando Pandora, sua expressão tensa enquanto lutava com a imobilidade.

Apenas quando tomou a decisão consciente de ficar imóvel, *não reaja, não aqui*, conseguiu sua liberdade.

— Agora, então — Hades espreitou em direção a eles. — Você quebrou minha única regra. Tentou matar meu outro escravo.

— Você nunca disse que *tentar* matar Baden era um problema — Pandora respondeu. — Apenas que eu seria morta se tivesse sucesso.

Como ele sabia do crime de Pandora?

— Pippin — Hades bateu palmas.

Um homem vestido de branco apareceu em uma nuvem de fumaça escura. Como antes, ele segurava uma tabuleta de pedra.

— Sim, senhor.

— Qual é minha única regra?

— Sobre isto não há nenhuma regra, senhor.

— E? — Hades solicitou.

— E qualquer coisa que você decidir, senhor.

— Está certo. Qualquer outra coisa que eu decidir — Hades abriu os braços, a própria imagem da masculinidade presunçosa. — Decidi que mesmo uma tentativa de matar um ao outro é uma ofensa punível. Você não será decapitado por isto, ainda que seja bem sucedido, mas será penalizado, e queria matar você ao invés disso.

Baden engoliu uma maldição.

— Se você tiver permissão pra mudar de ideia sempre que desejar, como podemos confiar que mantenha sua palavra e liberte o vencedor?

— Você tem alguma outra escolha? — O rei pegou um pedaço de órgão ainda pulsando e o jogou na boca. Ele fechou os olhos, como se saboreando o gosto. — Espião é ainda melhor do que chocolate.

Pandora se encolheu e Baden franziu a testa. Será que ela enviou alguém para espionar Hades?

— Envie outro, Pandy girl, e não vai gostar do que acontecerá — Hades soltou o que restou do órgão e limpou as mãos.

Bem. Aquilo respondia.

— Agora — o rei disse — você tem sorte que tenho um coração hoje — chutou o que tinha soltado como se fosse uma bola de futebol. — Vou facilitar pra você. Por atacar Baden, você será despojada de seus pontos — ele olhou para Pandora, desafiando-a a responder. — E você — ele focou em Baden, sua raiva parecendo dobrar.

Baden agitou os dedos, *manda ver*. Não se desculparia por se defender.

— Você ainda tem que adquirir minha moeda.

Aquilo era o bife do macho?

— Esta tarefa particular requer tempo. Suas palavras, não minhas.

Hades se encolheu com as palavras de Baden.

— Tempo, sim. Eternidade, não. Para acelerar as coisas, Pandora vai ajudar você.

Um rugido surgiu do fundo de seu peito. *Calma. Parado.* Com ou sem o jogo, Baden seria o único a encontrar a moeda e matar Aleksander. *Meu ponto. Meu direito.*

— Vou garantir que Pandora possa riscar até o macho. Enquanto isso, tenho uma nova tarefa pra você — Hades estendeu a mão e Pippin colocou um pedaço de pedra no centro.

A pedra pegou fogo, transformando-se em cinzas e quando aquela cinza flutuou na direção de Baden, ele a inalou.

Novas imagens apareceram em sua mente. Um homem barbudo com seis dedos em cada mão e seis dedos em cada pé. Ele tinha várias cicatrizes nos braços. Finas linhas retas, como se fatiado por uma lâmina.

A mente de Baden saltou para as faixas de Katarina e suas cicatrizes.

A pontada retornou ao seu peito. A dor que ela deve ter suportado...

Pare. Concentre-se!

Novas informações continuaram a derramar por ele. O homem era um sociopata, matando sem preocupação com a idade ou sexo de suas vítimas. Após cada assassinato, ele entalhava ambos os braços como lembrança.

Baden correu a língua sobre seus dentes.

— O que você quer que eu faça?

— Traga-me a cabeça dele. Hoje.

No passado, Baden tinha matado apenas durante a batalha. E nunca apreciou isto. Desta vez, pensou que poderia alegrar-se junto com a fera.

O que lhe dá o direito de ser juiz, júri e executor?

As palavras de Katarina dançaram em sua mente e ele franziu o cenho.

Tenho uma missão a cumprir, um ponto a ganhar. Uma ação malévola contra um homem mau.

Katarina entenderia isto? Ela o castigaria por suas ações?

Concentre-se. Por que Hades queria a cabeça de um humano?

A resposta surgiu. O alvo era anfitrião de algum tipo de presença sombria. Não um demônio, nem mesmo uma criatura como Destruição. Mas algo bem pior. Algo que Lúcifer esperava obter para usar contra Hades e conseguir para si mesmo uma vantagem na guerra.

Baden o pegaria e escoltaria para o submundo junto com a cabeça. Porque por mais que não gostasse de Hades, não permitiria que o mal vagasse livremente pela Terra. Não se pudesse impedir. Ele também faria qualquer coisa, até mesmo permanecer um escravo, para evitar que Lúcifer fosse o governante supremo sobre mais algum território.

— Considere isto feito. Um ponto ganho — imaginou seu alvo... riscando para uma pequena cabana de madeira. Apesar da iluminação moldar várias luminárias de querosene, desgraça e melancolia contaminavam o ar, ou talvez a culpa fosse o cheiro da podridão.

Baden andou a passos largos até a cozinha... encontrando um cadáver amarrado com correntes à uma longa mesa de madeira, a cavidade torácica aberta e vários órgãos removidos.

Seu alvo empoleirado no fim da mesa, comendo o que parecia ser um fígado. Bom. Ele estava conversando com o cadáver.

—...estava despido como um gaio¹. Eu quase cuspi meu refrigerante — ele notou Baden e agarrou o rifle escorado na sua cadeira. — Fique parado bem aí agora ou você morre.

Baden riscou para o lado dele, agarrou a arma e bateu com o cabo em sua têmpora, em seguida em seus dentes amarelados. *Pum, pum*. O impacto o enviou ao chão, mas ele não estava fora de combate. Ficou de cócoras e andou para trás, o sangue escorrendo pelo rosto dele, parando em sua barba suja.

— Não me machuque. Por favor — tentou alcançar furtivamente dentro de sua bota, onde o cabo de uma adaga sobressaía.

Pensando em me apunhalar?

Baden riscou mais uma vez e pisou na mão dele, quebrando os ossos.

Quando um grito de agonia cortou pelo ar, Destruição riu encantado, assim como Baden. Então o homem se mijou, e uma das memórias da fera bateu na porta da mente de Baden.

Ele lutou para permanecer no presente... mas ele... ele... a cabana foi substituída por uma cela. Não mais uma criança agora, mas finalmente um homem, espreitou para a primeira pessoa que via em séculos. O senhor do castelo. A pessoa que pagou à sua mãe algumas moedas desprezíveis pelo privilégio de “domesticá-lo”. A pessoa que ordenou seu encarceramento quando ele resistiu à domesticação.

O senhor estava envolto em veludo caro, com diferentes medalhas pregadas em seus ombros e peito. Quantas batalhas ele ganhou? Incontáveis. E então ele se mijou quando a distância entre eles desapareceu, sabia que sua hora tinha chegado...

No presente, os pés de Baden foram nocauteados por baixo dele. Ele piscou e sacudiu a cabeça, quebrando o firme aperto do passado. Seu alvo o apunhalou no peito e correu em direção à porta da frente.

Baden agarrou seu tornozelo, fazendo com que ele tropeçasse. Sua mandíbula quebrou, sangue e o que restou de seus dentes expelidos sobre os painéis de madeira.

Sorrindo, Baden removeu a adaga e se levantou. O homem ficou deitado.

Aja. Agora, Destruição exigiu.

Sobrevivência em primeiro lugar, nada mais em segundo.

— Você não mostrou nenhuma misericórdia por suas vítimas. Agora não mostrarei nenhuma misericórdia por você — Baden agarrou um punhado de cabelo do homem, ergueu sua cabeça — *faça isto!* — e cortou sua garganta com a adaga. O sangue jorrou do ferimento, e lá embaixo, o intestino do macho afrouxou.

A morte nunca era bonita.

Baden cortou o tendão e o osso restante, a cabeça descolando. Quando se endireitou, uma névoa escura evaporou do corpo. A presença que ele tinha visto na visão das cinzas.

Um par de olhos vermelhos neon o encarou, e lábios carmesins entreabriram com um silvo. Baden estendeu a mão, esperando uma luta. Mas a escuridão se equilibrou sobre ele e

1 Gaio – Ave da família dos corvos.

mergulhou dentro de seu braço. Diante de seus olhos, uma das linhas gravadas em sua carne engrossou.

Ele apertou os molares, uma queimadura como brasa o queimou. Mas. Que. Porra?

Marchou pela cozinha, procurando por um saco de lixo. Encontrou um saco de batatas, enfiando a cabeça dentro, e riscou para a sala do trono de Hades.

Destruição estava em silêncio, como sempre. Pandora se foi. O rei permanecia em um meio círculo com um grupo de guerreiros que Baden nunca tinha visto. Eles eram tatuados, perfurados e irradiavam o tipo de aspereza que somente tinha encontrado em Hades e William.

Eram jovens, pareciam ter a idade de Baden, apenas quatro ou cinco milênios.

Uma faísca de memória, de reconhecimento, cortesia de Destruição. A maior parte do mundo sobrenatural acreditava que havia somente três reinos no inferno. Havia na verdade nove. Os outros reinos sempre preferiram permanecer escondidos. Não mais. Eles estavam tomando partido na guerra.

Estes quatro homens eram reis de seus próprios reinos. O mais alto era conhecido como o Punho de Ferro; ele era a razão da frase existir. Os outros eram igualmente notórios. Assassinos impiedosos. Desejados pelas amantes. Poderosos na mais perversa das maneiras.

— ... pra ganhar — Hades estava dizendo, somente para endurecer.

Todos eles endureceram. Em uníssono, eles se viraram para encarar Baden.

Não me querem aqui? Que pena. Ele lançou o saco aos pés de Hades.

— Ganhei meu ponto.

Hades olhou para a marca mais forte no braço de Baden, satisfação refletindo em seus olhos.

— Sim, posso ver.

Então o rei sabia que a presença se prenderia a Baden, até queria que isto acontecesse.

— O que é isto exatamente? — Mais importante, como se livraria disso?

— Isto, meu caro garoto, é meu presente para você. Um monstro que outros monstros temem. O humano que você matou era incapaz de controlar ou usar a seu favor. Você, porém, não será tão deficiente. Você dará boas vindas.

— Eu quero isto — Punho de Ferro alisou o punho de sua espada. — Dê-me isto.

— Acha que pode dar ordens ao *meu* assassino? — Hades perguntou com um tom venenoso. — Para tirar dele?

A ameaça em sua voz era inconfundível e Baden piscou assombrado. Hades estava *protegendo-o*, embora ele próprio ameaçasse a vida de Baden?

Um acontecimento que valia a pena explorar.

— Eu ordeno e tomo à vontade — o guerreiro manteve a mão na espada. — Destruí reinos inteiros por uma simples bagatela e depois considereí indigno da minha grandeza.

— É por isso que gosto de você — Hades respondeu. — Não me faça *desgostar* de você.

Os outros reis se eriçaram. Preparados para a luta.

— Se eu não for mais necessário... — Baden não tinha nenhum desejo de lidar com Destruição, que insistiria em participar da batalha entre os reis apenas para mostrar que era forte. Ele queria retornar para Katarina. Eles tinham negócios inacabados.

Hades sorriu para ele, mais frio que gelo.

— Terei outra missão para você. Em breve. Até então, permaneça vivo.



OITO

“Eles me chamaram de vadia. Eu chamei uma ambulância pra eles.”

— *Cameo, guardiã da Miséria.*

KATARINA ESTAVA DEITADA no chão do quarto estranho, com homens e mulheres desconhecidos à sua volta, falando a seu respeito como se ela não estivesse lá.

— Baden nos disse para protegê-la?

— Talvez ele precise de proteção *contra* ela. Vamos trancá-la na masmorra.

— Esta é sua resposta pra tudo, Maddox.

— Por que nossos inimigos são astutos.

— A garota não oferece perigo a ninguém, muito menos a Baden, louco e mau.

— Por falar nele, onde está? Por que saiu? E por que chamou Ashlyn?

— Posso responder à sua última pergunta agora mesmo. Ele me chamou por causa da minha habilidade. O que significa que vou poder responder às outras perguntas assim que você sair do quarto...

— Nem a pau, querida. Não conhecemos esta garota e...

— Eu sei, eu sei. Desconhecidos são nossos inimigos. *Estive lá*. Mas Baden *não é* um desconhecido. Você confia nele. Jamais traria uma mulher perigosa para nossa casa.

Katarina se desligou da voz doce da mulher, a resposta do homem e a miríade de respostas a seguir. Se o grupo decidisse trancá-la na masmorra... e daí? O que lhe importava outra mudança de prisão?

A dor a engolfou, sufocando-a.

Alguém a levantou e carregou para a cama. Cobertas foram levemente presas ao seu redor e uma das mulheres — uma beldade rechonchuda de cabelos castanhos claros e olhos da mesma cor — permaneceu quando os outros saíram, sentando-se ao lado dela e traçando suavemente as pontas dos dedos sobre sua sobrancelha.

— Meu nome é Ashlyn. Não sei ao certo o quanto você sabe sobre os homens que vivem aqui, mas sou casada com um deles. Tenho uma habilidade muito especial que me permite ouvir cada conversa que tomou parte em um ambiente, contanto que meu marido não esteja comigo. Assim que ele saiu, ouvi sobre seus cães. Sinto muito pela sua perda, Katarina.

Cala a boca, ela queria gritar. Talvez a garota tivesse uma habilidade especial, igual a Baden ou talvez houvesse escutas no quarto, e ela tivesse espionado. De qualquer forma, não queria falar sobre os cães.

— Está em segurança aqui. Juro.

Katarina fechou os olhos e voltou a dormir. Bem, dormir e acordar, de forma irregular. Não viu quando Ahlyn saiu. Outras pessoas a visitaram ao longo do dia para ver como ela estava, e alguns até mesmo trouxeram uma bandeja de comida. Não tinha vontade de comer. A única coisa que queria era continuar dormindo. E chorando, do jeito que fazia quando criança. Mas como sempre, as lágrimas não vinham, o que significava que não experimentava nenhuma espécie de alívio catártico.

Eventualmente a necessidade de esvaziar a bexiga a incomodou. Ela se levantou sobre pernas nada firmes e fechou-se no banheiro espaçoso. Piso de mosaico decorava o chão, o padrão floral, mas confuso. As paredes eram de estuque cor creme, os balcões e gabinetes de mármore com veios dourados e o chuveiro era cercado por um box de pedra e vidro. Atrás de duas colunas brancas, havia uma profunda banheira.

No geral, tão luxuoso quanto o de Alek. Riu sem humor. Monstros e o dinheiro deles.

Quando saiu, Baden estava sentado na beirada da cama. De banho recém-tomado, o cabelo mais escuro que de costume. Ele se levantou quando a viu e estendeu a mão.

— Venha. Vou te levar pra conhecer a fortaleza.

Ela o ignorou, arrastando-se para baixo das cobertas e voltou cair no sono.

Na vez seguinte em que acordou, estava sozinha. Sozinha com seus pensamentos. Sozinha com sua tristeza... suas lembranças.

Fé, Esperança e Amor a adoravam. Quando excitados, pulavam ao redor dos pés dela como coelhinhos. Arfavam e sorriam cada vez que entrava pela porta. Ela se lembrou de brincar de jogar objetos para eles pegarem e das saídas para os passeios, e começou a tremer. Ela se lembrou dos beijos babados e dos carinhos nas pernas, e soluçou em seco.

Precisava se distrair. Tipo, agora.

Ficou de pé, com as pernas ainda trêmulas e pegou o primeiro moletom enorme que encontrou no closet. “Eu Morreria pelo Lucien” estava escrito no centro. Usando uma corda que tirou de um arco com uma lâmina — tinham armas guardadas dentro de um baú destrancado aos pés da cama — prendeu os cabelos em um rabo de cavalo.

Por que Baden não tinha escondido o baú? Não tinha medo da raiva dela?

Tanto faz. Perambulou pela imensa casa. Teve acesso a todos os quartos e salas de estar. Havia uma sala de jogos repleta de tecnologia de ponta. Móveis antigos abundavam. Retratos de homens musculosos usando tiaras atravancavam paredes marcadas por rachaduras e buracos feitos por punhos.

Em certo ponto, ela se deparou com Baden.

Andando ao lado dela, ele disse.

— Aleksander está trancado na masmorra aqui embaixo. Pandora está fazendo de tudo para levá-lo, mas tomei minhas medidas para impedi-la — satisfação era perceptível no tom de voz dele. — Gostaria de torturá-lo?

Sim, oh, sim. Mas realmente faria isto? Não.

— Torturar outro ser vivo é algo que você e Alek gostam. Não tenho vontade nenhuma de me tornar o reflexo dos homens que desprezo.

Ele titubeou.

Diferentes pessoas pararam para falar com eles e apresentações foram oficialmente feitas, mas permaneceu calada, indiferente e não demorou a voltar à solidão do quarto.

Baden a seguiu de perto.

— Está com fome? Precisa comer. Você está...

Ela subiu na cama e afundou debaixo das cobertas.

Nos dias seguintes — semanas? — desenvolveu uma rotina. Ela dormia, e quando seu coração despedaçado doía demais, vagava pela fortaleza como um fantasma. Os moradores logo se acostumaram à sua presença, e na maioria das vezes a ignoravam assim como ela os ignorava. Isto quando sequer a notavam.

Uma vez encontrou uma linda morena com os olhos mais tristes que já tinha visto. A garota era jovem, talvez ainda mais jovem que Katarina. Alguns a chamavam de Legião, Outros a chamavam de Honey. Qualquer que seja seu nome, ela mantinha a cabeça curvada e voz bem baixa, como se temesse ser ouvida.

Pobrezinha, mas Katarina a perdeu de vista quando deu de encontro com Baden, que estava no meio de uma conversa com Torin.

— Ela é uma fraqueza — disse Torin. — Adestra cães para viver. E você sabe o que isto significa, não sabe? Ela depende de cães pra se defender.

Baden esfregou a nuca. Ela quase recuou, determinada a evitá-lo, mas a curiosidade a manteve no lugar. Como ele responderia?

— As cicatrizes nos braços dela finalmente fazem sentido. Ela foi mordida. Repetidamente.

Ele parou por um momento e aquiesceu.

— Se ocorrerem problemas, vamos protegê-la como protegemos as crianças.

Que irritante. Não que o culpasse. Sua opinião importava menos agora do que no dia em que se conheceram.

— Problemas estão vindo — disse Torin. — Pelas informações que consegui levantar, Lúcifer está fazendo de tudo pra roubar os aliados mais próximos de Hades. Por enquanto, dois reinos no submundo já foram atacados. É só questão de tempo até o bastardo vir atrás de nós.

— Talvez eu lhe mande uma mensagem — Keeley disse ao entrar na sala. — Se mexer comigo, vai perder os seus.

Torin riu ao passar os braços ao redor da beldade de cabelos cor de rosa.

— Esta é minha doce garota.

— Não senhor — Baden disse, balançando a cabeça. — Nada de ficar de amassos na frente do cara morto. Eu estou... Katarina? Você precisa...?

Ela se afastou sem nenhuma palavra.

Um dia — dois? três? — mais tarde, ela se deparou com uma conversa entre uma mulher chamada Anya e um guerreiro de cabelos pretos chamado William.

— Ele não devia ter voltado — disse William — E não devia estar fuçando na história dos braceletes. Temos de impedi-lo antes que descubra... você sabe.

— Seus segredos — Anya revirou os olhos. — Sim, sim, mas não é como se ele fosse descobrir a verdade. Hades garantiu que somente mentiras fossem reveladas sobre eles, não é?

— Uma especialidade dele. Mas você sabe tão bem quanto eu que a verdade é como o sol. Sempre encontra um jeito de brilhar.

— E daí? Se tentar impedir Baden de fuçar, só vai despertar a curiosidade dele ainda mais do que já está desperta, e provavelmente descobrirá como é ser partido em dois. Deixe-o em paz e deixe-o ficar aqui, tudo bem. Ele não perdeu controle daquele gênio dele mais do que doze vezes.

— Um milagre, sim, mas só vai piorar. Claramente ele não está *dando umas*, se é que me entende. Não está *agasalhando o croquete*. Não está *afogando o ganso* com a companheira de quarto...

— Sei, sei. Ambos queríamos que a cor de batom favorita da garota fosse pênis — Anya disse com um dar de ombros. — Mas não é, então vamos lidar com isso. Os caras precisam dele, e se precisam dele, ele lutará até o inferno e de volta para garantir que esteja aqui para ajudar. Você é homem, o que significa que é tão burro quanto uma caixa de pedras, portanto não notou o arrependimento que ele sente por ter partido da primeira vez. E agora, com a guerra entre o seu papai e Lúcifer chegando ao nível dois...

William suspirou.

— Depois que Lucy for derrotado. Vou espancar Hades por dar a Baden aqueles braceletes. Meu querido papai devia estar disposto a morrer somente *por mim*. Eu não devia ter concorrência em se tratando de sua afeição.

— Agora você não está falando coisa com coisa. Hades não se importa com mais ninguém além de si mesmo. Nem mesmo você — Anya deu tapinhas no topo da cabeça dele. — Você precisa descansar. Por que não se deita e assiste a um filme com as luzes apagadas? E os olhos fechados. E a TV desligada.

Katarina se afastou... e embora jamais fosse admitir, desta vez procurou por Baden. Onde ele estava? O que estaria fazendo?

Não teve sorte em achá-lo. De fato, ele não voltou a aparecer até a hora de dormir e estava coberto de sangue. Depois de tomar banho, ele fez uma cama no chão. Sem dizer uma palavra.

No dia seguinte, ela ouviu uma conversa entre Maddox, o guerreiro possuído pelo demônio da Violência, e Sabin, o guerreiro possuído pelo demônio da Dúvida.

— Quantos pontos ele já tem? — perguntou Sabin.

— Até hoje de manhã, oito. Mas Pandora tem nove. Maldição! — Maddox socou uma parede, o que explicava o tanto de buraco que Katarina tinha visto. — Hades transformou o Cavaleiro do Monte Olimpo em um assassino cheio de culpa.

— E isto nem é o pior. Baden diz que muitos de seus pontos foram devido à morte de um humano possuído por... ele ainda não sabe pelo que. Hades chamou a criatura de presente. Monstro que outros monstros temem.

— Vou investigar. Talvez alguém saiba de algo.

— Bom. Torin está pesquisando por imortais que possam ter usado os braceletes antes de Baden, mas até agora, não achou nada.

Katarina se afastou. Ao virar a esquina, ouviu outro guerreiro murmurar.

— Tem certeza que Katarina é legal?

— Não — a resposta veio de Lucien, o guardião da Morte. — Mas Baden tem. Ele diz que matará qualquer um que feri-la.

Que... quase fofo.

Aquela noite, notou que Baden moveu a cama que fez no chão um pouco mais para perto da cama, e não conseguiu forçar-se a protestar. Por que ela não se importava com o que ele fazia. Não se importava!

No dia seguinte, acabou em um quarto onde as namoradas, esposas e companheiras treinavam com espadas, armas e arcos.

— Bem, a festa de aniversário de Gilliam está oficialmente cancelada. Ela está superdoente — disse Ashlyn. — William está transtornado, resmungando sobre seu livro e como isto deve ser a maldição se realizando, e como precisa fazer alguma coisa.

Livro? Maldição?

— E estas são as boas notícias — Kaia, a Destruidora de Asas anunciou. A bela ruiva era uma Harpia. Uma raça sanguinária de ladras que adorava uma zoação. Tinha aparência humana, exceto pelas minúsculas asas que tremulavam entre os ombros. — Falei com Bianka. Lysander e Zacharel também estão em busca da caixa. Como é que vamos combater os Enviados e os servos do mal que já não vão com a nossa cara?

Bianka... a gêmea de Kaia, Katarina pensou ter ouvido algo a respeito. Lysander... o marido de Bianka. Zacharel... não tinha certeza. Enviados... um termo que não conseguia identificar.

— Temos de intensificar nossa busca — disse Anya. Ela era a deusa da Anarquia e, de acordo com todo mundo na fortaleza, um terror profano. — Aqueles santinhos sonsos podem ajudar nossos homens ou não. O problema é Lúcifer. Se ele botar as mãos na Estrela da Manhã... — ela estremeceu.

Estrela da Manhã. Outro termo que Katarina não conseguia identificar.

— Na verdade, o problema são nossos homens — Gwen exclamou. Era a irmã caçula de Kaia e frequentemente provocada sobre ser a “boazinha”. — Eles se preocupam com Baden. Quando ele está por aqui, pairam ao redor dele como se temessem que algo ruim lhe acontecesse.

As garotas cogitaram formas de consertar a situação — até notarem a presença de Katarina.

— Você precisa sair desta deprê, tipo, pra ontem — disse Anya — Pensa que é a única em crise? *Chica*, devia tentar viver alguns milhares de anos para ver quantas perdas ia sofrer. Tem sido um bebê chorão e estou cansada disso. Está roubando meu trovão!

— Eu adoraria mesmo acabar com o escroto que matou seus cães — disse Gwen — Pisque duas vezes se permite... esperando... esperando... tudo bem. Mas a oferta estará de pé para sempre.

— Ouça. Já faz tempo que quero falar com você, mas não encontrei tempo — Danika era uma loirinha cujo apelido confundia Katarina. “O Olho-Que-Tudo-Vê” — Eu vejo o futuro e o que vi... bem, se não se recuperar, não vai ser bonito, Katarina. Por favor, ajude-o. Ajude a nós todos.

O que Danika queria dizer com ver o futuro? Ela era psíquica? Bem. Isto explicaria o apelido, não é?

Katarina conseguiu escapar do grupo sem fazer promessas.

Naquela noite, Baden colocou sua cama bem ao lado da dela, tão perto que poderia tocá-lo com os pés, caso se esticasse pra fora da cama. Ela ainda não se importava com o que ele fazia... mas por alguma estranha razão, sentia-se confortável com a proximidade.

Na manhã seguinte, ela se deparou com uma sessão de amassos entre Danika e Reyes, o guerreiro possuído pelo demônio da Dor. Envolvia facas e fez Katarina ofegar de horror. Correu para longe antes dos dois perceberem que tinha audiência, tentando apagar a lembrança da cabeça. Mas...

Os dois pareciam tão felizes.

Conforme o resto da semana passava, Katarina testemunhou várias outras sessões de amassos. Um casal não conseguia esperar chegar ao quarto antes de arrancar a roupa um do outro. Outro casal perseguia um ao outro de parede em parede, aos risos. De tudo aquilo, um fato surpreendente se tornou muito claro. Estas pessoas podiam ser cruéis e sanguinárias, mas amavam uns aos outros. Profundamente. Loucamente. Sua devoção era palpável.

E na escuridão silenciosa do quarto de Baden aquela noite... com o ruivo adormecido ao seu lado no colchão, a cama no chão ignorada... Katarina não conseguia mais negar a verdade: aquela devoção tinha conseguido tirá-la de seu isolamento. Estas pessoas eram a razão de viver

umas das outras. Tinham problemas, mas jamais desistiam. Testemunhar aquela coragem e determinação em sua plenitude tinha acalmado algo dentro dela.

Quando a luz do sol da manhã entrou no quarto, estava sozinha de novo. Sedenta pela primeira vez em uma eternidade, foi até a cozinha. Ao servir-se de um copo de suco de laranja, Baden entrou pela porta. Ele a notou de imediato, como se seu olhar fosse atraído por ela, e se aproximou.

— Não consigo tirá-la de meus pensamentos e isto está me deixando louco — disse ele, a voz uma mistura de raiva e preocupação. — Estou preocupado com você. Um minuto quero chacoalhá-la, no próximo quero abraçá-la.

Ele *quer* abraçar a mim?

— Bem-vindo a um não-relacionamento — Gideon disse ao entrar na cozinha. O guardião de Mentiras. — Por favor, diga que bebeu todo o...

Baden apontou o hall.

— *Tão* legal — o guerreiro de cabelos azuis e múltiplos *piercings* saiu de vista.

— Você se desligou da vida — continuou Baden — eu entendo o motivo, mas agora precisa de um motivo para voltar a se conectar.

Ela deu as costas pra ele. Mesmo que tivesse razão. Ela *tinha* se desligado e não era a primeira vez.

Depois da morte da mãe, ela se desligara dos aspectos mais indisciplinados de sua personalidade. A garota que amava rir logo se tornou a garota sombria que se focou no trabalho com o pai. Então perdeu o pai, e então Peter... novas razões para se afundar ainda mais no trabalho. Então perdeu seu trabalho... seus bichos. Sua única fonte de amor incondicional.

Katarina bateu o suco no balcão. O vidro espatifou, o líquido espirrou para todo canto. Ela correu pra fora da cozinha, para a segurança do quarto de Baden, onde subiu na cama e se enterrou debaixo das cobertas.

Alguns segundos depois, Baden se esticou ao seu lado. Porque queria *abraçá-la*?

Ele passou os dedos pelos cabelos dela, fazendo-a ofegar de forma trêmula. Contato proposital?

— Eu sei que palavras não podem melhorar isto para você, nada pode, mas *sinto* muito mesmo pela sua perda.

A culpa entalou em sua garganta. Será que a culpa não era parcialmente dela? Podia ter dito a verdade a Baden em sua primeira noite juntos. Talvez ele tivesse ajudado a resgatar os cães, talvez não, mas não tinha sequer lhe dado a chance, tinha deixado o medo a paralisar.

— Eu sei o que está fazendo — ela soluçou. *O que ele está fazendo?* — Pare.

Ele continuou a acariciar seu cabelo.

— Conheço a dor de dizer adeus a quem se ama. Muitos de nós foram criados, sabe. Mais guerreiros imortais criados para a guarda de Zeus. Antes da caixa, perdemos oito irmãos e seis irmãs em batalha, e ainda tenho as cicatrizes — soltou uma respiração entrecortada. — Depois que *eu* morri, meus pensamentos libertaram o demônio pela primeira vez em centenas de anos. Só então percebi o quanto tinha me separado daqueles que continuavam vivos. Odiei cada segundo.

E se ele a tivesse deixado com Alek, como tinha pedido? E daí? Alek teria matado os cães do mesmo jeito assim que conseguisse o que queria: o controle de sua vida.

Ainda assim, rolou o corpo para longe de Baden para encerrar aquela conversa dolorosa.

Ele não parou.

— Quer ouvir algo doente? Eu estive em guerra com Pandora por quatro mil anos, e ainda assim ela é a razão pela qual me mantive são. Devo isto a ela, mas ainda vou fazer o que for preciso para vencer este jogo. Eu preciso. A vitória pode ser meu único jeito de me livrar destes braceletes — ele riu, o som agudo cortante. — Jamais tive tantos motivos para desistir, mas nunca quis tanto viver.

O peito dela se apertou. Pela sua dor, sim, mas também pela dele.

— Desabafar é mais fácil do que eu esperava — declarou ele.

Ela não conseguiu resistir à curiosidade.

— Você nunca fez isso?

— Por que faria? Sou um guerreiro. Carregar fardos é meu trabalho. Meu privilégio.

— Discordo. Quanto mais fardos você carrega, menos batalhas consegue lutar. Fica sobrecarregado demais.

Ele franziu o cenho para ela.

— Por que desabafar comigo? — Para ajudá-la a voltar a se conectar, como ele dissera, mas devia haver mais motivos. — Não se importa com minha opinião, lembra?

— Eu me importo. Agi errado com você, agora estou agindo certo.

Que resposta fofa — e arrogante — de um homem em quem não devia confiar, mas não conseguia desprezar.

Então ele a deixou. Ao invés de perambular pela fortaleza para acalmar a tempestade em sua cabeça, ela limpou o quarto dele. E naquela noite, quando o cansaço se abateu sobre ela, entregou-se, aproveitando seu primeiro descanso pacífico desde que conheceu Alek.

Acordou quando a porta do quarto se abriu, as dobradiças rangendo. Um Baden estoico caminhou em sua direção, trazendo na mão uma bandeja de café da manhã.

— Você vai comer — ele disse, colocando a comida na frente dela.

Contrações de fome em seu estômago não conseguiram abafar a súbita chama de raiva.

— Você precisa parar de ficar me dando ordens.

— Sou mais velho. Sei o que é melhor pra você. Além disso, você é frágil. Precisa de minha ajuda.

A raiva dela só aumentou.

— Eu sou frágil... sou fraca. Admito — *não sou nada sem meus cães*. — Mas você é um cuzão paternalista.

— Isto você já me disse.

— Bem, pareceu adequado mencionar de novo.

Uma batida soou e alívio brilhou nos olhos dele. Não estava gostando da direção da conversa? Foi até a porta para falar com o intruso e Katarina mordiscou uma fatia de abacate.

Quando ele voltou para o seu lado, trazia um grande cachorro preto e branco. O cão tinha pulgas e várias cicatrizes, como se anteriormente servisse de isca em rinhas.

Ela o reconheceu. Um dos cães abandonados da frente da igreja.

— Eu sei que este garoto não pode substituir os outros — disse Baden — mas ele claramente precisa de cuidados. Apareceu em nossa porta.

O que?! Não. Absolutamente não. Ela já tinha perdido tanto; não podia perder mais.

— Leve-o para o abrigo mais próximo. Eles vão ver se tem microchip. Se não tiver, vão colocar anúncios para localizar os donos.

O cão inquieto grunhiu para Baden, que trocava o peso de um pé para outro, lutando para mantê-lo preso. A ação só deixou o cão mais bravo, e ele se debatia e rosnava, expondo os dentes mais afiados que ela já viu.

— Katarina...

— Não — *estou ferida e cansada demais para oferecer ajuda*.

Com um suspiro, Baden levou o cão pra fora.

Ela colocou a bandeja o chão, sem sentir mais fome, e puxou as cobertas sobre a cabeça.

Quando voltou, Baden sentou-se ao seu lado e passou um braço coberto por luvas pelo meio do corpo dela. Estranhamente, ela voltou a cair em mais um sono pacífico...

Só para acordar com um pulo quando ele murmurou.

— Matar! Matar!

Ela ficou tensa. Ele queria matá-la? Ela se ergueu um pouco. A luz do abajur caía sobre ele. Os olhos estavam fechados, o rosto pálido e tenso. Ele estava falando enquanto dormia?

— Shhh. Não precisa matar ninguém — disse ela suavemente.

— Ameaças... Ameaças demais — havia um tom rouco naquela voz dele, um que jamais tinha ouvido. — Eles não podem viver.

— Quem ousa te ameaçar?

Ele respondeu como se tivesse ouvido e até mesmo entendido, apesar de seu atual estado.

— Todo mundo.

— Por quê? — passou suavemente os dedos sobre as sobrancelhas cerradas dele, e ele chegou a se inclinar para a carícia. Quando ela se lembrou do comando que ele tinha gritado para ela “*Não me toque. Nunca*”, ela recuou.

Ele franziu o cenho e chutou as cobertas.

— Não vou ser aprisionado de novo. Nunca mais.

Quanto tempo ele teria ficado preso?

Este homem tinha vivido, de alguma forma, por um longo tempo. Considerando a violência de seu mundo, ele deve ter enfrentado sua cota de provas.

— Shhh — repetiu ela — Ninguém vai te aprisionar, vou te manter a salvo.

— Só posso confiar em mim mesmo.

Porque ele respondera tão bem ao seu cantarolar anteriormente, ela cantarolou baixinho. Gradualmente a tensão se esvaiu dele. Ele relaxou contra o travesseiro.

Tão bonito, ela pensou. E assim ele parecia quase... inocente. Como um dos cães abusados que ela resgatava. Quando forçado a lutar para sobreviver, desesperado por um lar seguro, faminto por afeição... Finalmente se via a salvo e capaz de esperar pelo melhor.

Em um conto de fadas, ele seria escalado como príncipe e dragão. Naquele momento, ela seria escalada como a princesa, novamente a donzela em perigo. Bem, as coisas estavam a ponto de mudar. Hoje eles trocariam os papéis. Ela seria o príncipe dragão e ele seria a princesa. Pela manhã, podia até ser que ela o beijasse para acordar.

Beijá-lo? Uau! Longe demais.

Mas os lábios perfeitos dele atraíam sua atenção, e um calor delicioso se espalhava em sua barriga.

Ignore! Determinada a usar sua energia para protegê-lo — este homem que a alimentara e a confortara — continuou acordada o resto da noite, só pro caso. Mas ninguém tentou se esgueirar para o quarto; ninguém nem bateu na porta.

Quando ele se sentou de um pulo, totalmente acordado e desperto, ela bocejou e murmurou.

— Estamos sozinhos. Está tudo bem.

— É claro que sim — ele se levantou da cama. — Por que pensaria o contrário?

Estava brincando?

— Por causa das coisas que falou a noite passada.

Ele paralisou, de costas para ela.

— O que eu disse a noite passada?

Ele não lembrava?

— Você disse que sou a razão pela qual estava vivo... ou pelo menos costumava estar vivo... e que estaria perdido sem mim.

Os músculos entre os seus ombros se contraíram, esticando a camisa que ele vestia.

— Está mentindo.

— Não, estou provocando. Há uma diferença.

— Provocando? — ele virou — Está sarando.

Ela estava, não estava? E-e-e-e com esta percepção, pesar e culpa a envolveu. Mas mesmo assim, as ondas não eram tão grandes e não a puxavam muito para baixo.

— Você vai tomar banho — disse ele com um meneio de cabeça. — Hoje.

Ela resmungou.

— Eu *teria* tomado banho se você tivesse pedido direito. Agora pode pegar suas ordens e enfiar no seu...

Ele a ergueu e carregou para o banheiro, seu cheiro delicioso tentando-a, os braços protetores mantendo o pior de suas emoções à distância.

— Você não pode me forçar a fazer as coisas do seu jeito — ela disse com um suspiro.

— Acredito que acabei de provar o contrário.

— Você é forte, bla bla bla. Acha realmente que isto vai acabar bem pra você?

— Estou disposto a me arriscar à sua ira — o sorriso divertido dele a irritou.

Quando a água esquentou e o vapor subiu, ele a levou para dentro do box. Ele a seguiu, de roupa e tudo. E oh! Isto devia ser o paraíso.

A mente dela a traiu, falhando em lhe dar uma razão de protesto quando ele a despiu de toda a roupa, exceto o sutiã e calcinha. Em vez de protestar, teve um pensamento louco: *vejamos onde isto tudo vai dar.*

Ele manteve as próprias roupas, até mesmo as luvas. Ele se sentou, levando-a com ele, e a colocou entre as pernas. Ela tremeu de... antecipação?

— Seu cabelo está um ninho de rato — ele disse — só temos duas opções. Raspar sua cabeça ou usar o condicionador que roubei de William, que vai protestar. Com faca.

— Raspe — cabelo é cabelo. Cresceria de novo.

— Criatura singular. A maioria das mulheres... inclusive William... lutaria até a morte para proteger as madeixas.

— Você lutaria?

— Não. Eu já luto por coisas demais. Embora ache que lutaria com muita disposição pelas *suas* madeixas — ele esfregou o cabelo dela com um creme de cheiro adocicado e, enquanto ensopava seu couro cabeludo, ensaboou o resto dela, evitando as áreas íntimas. De fato, seu toque permaneceu impessoal.

E por que não seria? Ela era frágil, fraca. Os piores atributos do mundo, de acordo com Baden. E sua mãe, que tentava prepará-la para o dia em que o câncer venceria.

Ele lhe ofereceu uma escova e pasta de dentes, e ela esfregou a boca para limpar.

Ele enxaguou o creme de seus cabelos e finalmente desligou a água. Colocou-a sobre o assento do vaso, secou-a com uma toalha felpuda e gentilmente desembaraçou as mechas de cabelo que ousaram desafiar o tratamento profundamente condicionante.

— Ainda é contra torturar Aleksander? — perguntou com tom de voz cauteloso.

— Eu *sempre* vou ser contra — ela mordiscou o lábio inferior. — Ele já entregou a moeda?

A raiva coloriu o rosto dele.

— Ele ainda está resistindo.

— Sinto muito — sob a luz intensa, notou os cortes e hematomas que manchavam o rosto dele. Ele esteve em luta recente. Provavelmente várias lutas. — Ele te machucou?

— Não. É claro que não.

Mas outros sim.

Baden diz que muitos de seus pontos marcam a morte de um humano...

Ele tinha de lutar para sobreviver.

— Eu gostaria de cuidar de seus ferimentos — disse ela.

Ele franziu o cenho para ela.

— Estou bem.

— Mas...

— Não. Nada de tocar — ele a lembrou.

Sério?

— *Acabamos* de tomar banho juntos. Nossos corpos estavam grudados.

— É diferente.

— Como? — ela exigiu.

Ele esfregou uma mão sobre a expressão tensa.

— Você não é mais minha prisioneira, Katarina. Eu vou te levar para onde quiser ir.

Mudança de assunto. Está bem. O que mais mudou? Ela! Não queria mais deixá-lo, seu cão abandonado, mesmo que devesse voltar para casa para reconstruir seu canil. E sua conta bancária.

Este homem precisava de ajuda. O jogo que ele jogava com Pandora era uma amarra. Uma corrente. Através dele, sofria abuso físico e mental. Seus amigos achavam que ela era capaz de acalmá-lo e ela, bem, realmente queria provar que estavam certos. Que tolice!

— Não precisa me levar para lugar nenhum — disse ela — Estou onde quero estar.

— Por quê? — ele estava desconfiando ou cheio de esperança?

— Por que mais? Gosto de viver às custas dos outros.

Ele a encarou, como se tentasse ver dentro da mente dela.

— Muito bem — ele concordou. — Pode ficar.

Sem protestos sobre o status dela de caça-fortunas? Bastardo.

— Vista-se.

Outra ordem. Será que algum dia ele aprenderia a pedir?

Talvez ele precisasse de um exemplo apropriado.

— Poderia, por favor, se virar para o outro lado?

Ele hesitou, com a expressão tensa, antes de fazer o que ela pediu. Ela se ergueu, tirou a roupa de baixo ensopada e vestiu a camiseta e shorts que estavam dobrados na beirada da banheira. De novo, as roupas que ele escolheu para ela pareciam apropriadas para uma pessoa bem menor; a barra da camiseta acabava bem acima do umbigo e os shorts mal cobriam a curva da bunda.

— Pronto — disse ela.

Ao passar por ele, ouviu-o prender a respiração de forma audível.

— Suas pernas...

Ela parou para olhar para cada membro, mas tudo parecia normal.

— O que tem de errado com delas?

— Absolutamente nada.

Aquilo era... *reverência* no tom de voz dele? Ela queria que fosse?

Sentindo seu interior aquecido, ela brincou com um cacho do cabelo. Ele entrou no closet e vestiu uma roupa seca, descaradamente dando a ela uma visão rápida de sua forma nua, e oh, uau, ele era um espécime magnífico. Mais musculoso do que inicialmente imaginara, um bufê carnal de força e tendões.

— Sua tatuagem — disse ela, certa de estar babando. — A borboleta em seu peito.

— Sim?

— Ela é... — deliciosa... sensual — bonita.

— Nós fomos marcados com borboletas quando os demônios entraram inicialmente em nossos corpos. Eu perdi a minha quando morri e pensei que fazer outra me ajudaria a me tornar mais o que eu costumava ser.

Que fofo, e tão triste.

— Por que queria se tornar o homem que costumava ser? De tudo o que eu ouvi, ele era um pé no saco.

Ele olhou para ela como se fosse uma criatura estranha.

— Os outros o amavam.

— Mas eles são uns pés no saco também, não é? Não depõe muito a favor do caráter dele.

Os lábios dele se contraíram.

— Talvez eu tenha feito a tatuagem porque secretamente queria ser como os homens honrados que meus amigos se tornaram. Para ter um vínculo com eles.

— Guerreiro bobo. Não precisava de uma tatuagem para isto. Vocês são vinculados pelo amor que sentem um pelo outro. Mas talvez a tatuagem possa ter um novo significado agora. Você era Desconfiança, então morreu, mas emergiu do abismo capaz de voar.

Uma estranha e *maravilhosa* criatura.

Ela perguntou.

— Você e Pandora tiveram um caso quando ficaram presos juntos? Ela é durona. Totalmente o seu tipo.

— Sim, ela é muito durona. Mas não, não tivemos caso nenhum — ele se aproximou dela, as pupilas dilatando sobre as íris cor de cobre. As mãos dele cerraram... para controlar a necessidade de tocá-la? — Você acabou sendo mais frágil do que eu pensava. Além disso, é casada.

O desgosto tinha voltado, e ainda assim... não importavam os sentimentos dele sobre fragilidade, não importava o preconceito dele sobre aquele casamento vergonhoso, ele obviamente a achava atraente. Enquanto a estudava, os sinais reveladores de excitação somente se acentuaram mais.

As partes mais femininas dela começaram a *latejar*.

— Sou casada sim, mas não por muito tempo. Esta garota aqui vai atrás de uma anulação o mais rápido possível.

Outro passo.

— Não precisa. Vou te tornar uma viúva.

Com que facilidade ele falava de assassinato. Com tanta facilidade quanto o cometia, ela tinha certeza.

E ele estava olhando fixamente para seus lábios, ela percebeu. Se perguntando qual seria o gosto deles?

Ela estremeceu de desejo.

Uma batida apressada o interrompeu e a fez dar um pulo, cheia de culpa. Será que ele a teria beijado? E ela teria deixado?

— Baden? — chamou Ashlyn — Katarina está aí?

Ele enrijeceu.

— Está. Por quê?

— Estão vestidos? — perguntou a mulher.

— Sim — ele respondeu, não parecendo nada contente com o fato.

Ela entrou apressadamente no quarto, as mãos apertadas.

— Outro cão abandonado apareceu e estou implorando para que cuide deles, Katarina.

De jeito nenhum. Ela não ia pegar outro animal para cuidar. Tinha certeza absoluta de que não ia se apaixonar só para perder outro pedaço do seu coração. Para que se importar? A morte era inevitável.

— Como eu te disse da outra vez, leve-o junto com o outro para o abrigo mais próximo.

— Eles rosnam para mim cada vez que tento me aproximar. Se eu os levar para um abrigo, serão sacrificados por serem agressivos. Não posso pedir ajuda a mais ninguém. Todos estão ocupados demais se preocupando com Gilly e planejando o assassinato de William — Ashlyn apertou ainda mais as mãos, formando uma torre. — Tem de ser você.

Ela falava de assassinato com tanta naturalidade quanto Baden.

— Eu sei que Gilly está doente — disse Baden, franzindo o cenho — mas o que William fez?

— Ele a levou embora. Não sabemos pra onde. Ele está ignorando todas as mensagens e ligações — Ashlyn olhou para Katarina, suplicando com o olhar. — Eu jamais tive um bicho de estimação, mas sei reconhecer o sofrimento quando vejo. Por favor.

— Eu... — *Não consigo dizer não, mas preciso proteger meu coração.*

— Katarina — Baden incentivou — Ajude-a.

Não era a primeira vez que usava o nome dela, mas *era* a primeira vez que sua língua acariciava todas as quatro sílabas e a fazia estremecer.

— Mais uma ordem — ela disse a ele, arqueando a sobrancelha.

— Como eu te disse antes, os cães não vão substituir aqueles que você perdeu, mas a perda de um não diminui a necessidade de outro.

Palavras sábias. E realmente, no fundo no fundo — por baixo de seu medo de perder — ela *estava* tentada a trabalhar com os cães e oferecer a eles todo o amor que um dia teve pra dar. Amor que claramente precisavam. Amor que provavelmente jamais receberam.

Probabilidade de Ser Mordida? Com certeza 100%. Um dos cães já tinha tentado morder uma pessoa, seu instinto era de atacar primeiro e confiar depois — se é que chegaria a confiar. Ele precisava de orientação, além de comida. Novo ambiente, com novas pessoas e cheiros podia ser assustador, e cães assustados atacavam. Nem todos os humanos compreendiam isto, ou tinham paciência ou compaixão.

— Está bem — disse com um suspiro. — Eu cuido deles.

Alívio suavizou a expressão de Baden.

— Precisamos de focinheiras...

— Não — ela negou com a cabeça, inflexível. — Sem focinheiras até ser absolutamente necessário.

— Sim — insistiu ele — Não há motivo para arriscar uma mordida.

— Deixa que eu decido o que quero arriscar.

— Não é assim que nosso relacionamento funciona — ele lembrou, como se falasse com uma criança. — Eu sou o general e você o soldado raso. Eu dou ordens, você obedece.

— Pela minha segurança, bla bla bla. Bem, este soldado raso aqui vai fazer as coisas do jeito dele. Lide com isto.

— Obrigada, obrigada, mil vezes obrigada! — Ashlyn bateu palmas, dando pulinhos. — Os cães estão trancados em um dos quartos lá de baixo. Meus filhos os chamaram de Biscuit e Gravy.

Filhos... ela ouviu algo sobre os gêmeos em suas andanças, mas jamais os viu.

— Quantos anos seus filhos têm?

Ashlyn irradiava orgulho.

— Urban e Ever têm oito mes... anos — ela corrigiu, quando sua felicidade se apagou um pouco.

Que reação estranha.

Não importa. Katarina passou a ajudar o pai assim que aprendeu a andar.

— Eles podem me observar trabalhar, mas precisam fazer tudo o que eu disser e quando eu disser.

— Que gentileza sua, vou falar para eles. Oh! E eles já foram instruídos a *não* te machucar, então não precisa se preocupar.

Crianças de oito anos de idade eram um perigo para ela? Ah, faça-me o favor.

A menos que fossem imortais...

Certo. Novo mundo, novas regras. Ela tinha de se adaptar.

Ela encontrou o olhar especulativo de Baden.

— Vai vir conosco?

— Não — ele esfregou o bracelete oculto sob a manga — tenho trabalho a fazer.

Que trabalho? Ela quase perguntou. Com ele, era provavelmente melhor não saber.

— Tenha cuidado — as palavras escaparam, e embora quisesse retirá-las, *soaram preocupadas demais, quase carentes*, ela não retirou.

Ele piscou, surpreso.

— Terei. Você também — uma pausa tensa se estendeu entre eles e ela não conseguiu identificar a fonte.

Talvez ele não tenha conseguido também. Ele franziu o cenho e saiu do quarto a passos largos.

Ashlyn se aproximou e enroscou o braço no dela.

— De acordo com os outros guerreiros, Baden costumava ser o macho mais gentil do planeta, mas a morte o transformou. Assim como os braceletes que usa. Ele está mais duro, mais frio. Mas sei com certeza que jamais te machucará.

O coração dela subitamente acelerou como uma bateria em um show de rock.

— O que me torna uma exceção?

— Oh, querida. Pelo jeito que Baden acabou de te olhar... bem, tenho certeza que vai descobrir a resposta em primeira mão. E muito em breve!



NOVE

“Parece que é hora do foda-se.”

— *Kaia, a Trituradora de Asas, Harpia do Clã Skyhawk.*

GILLIAN BRADSHAW — Gilly para os íntimos, embora detestasse este apelido cada vez mais — queria provar a si mesma que era adulta ao invés de uma criança, esperneou e se revirou em cima de um colchão, enquanto era acometida por uma febre terrível que a consumia de dentro pra fora. Muita coisa dos últimos dias tinha se tornado um borrão, mas tinha uma vaga lembrança de Keeley lhe dando algo gelado pra beber.

Feliz Aniversário de dezoito anos, pequenina. Isto irá fazer todos os seus sonhos se tornarem realidade... Sonhos que você sequer sabe possuir. De nada.

Aí, quando Gillian começou a gritar de dor, Keeley dissera *Estou cem por cento certa de que estou noventa e três por cento certa de dei a dose correta. Hmmm. Seus sintomas são... Bem, isto não vai acabar bem. Talvez devêssemos partir para o Plano B?*

Gillian também pensou se lembrar de William tomando-a nos braços naquele dia mais tarde e carregando-a... para outro lugar. Ele deve ter feito isto. Nenhum dos amigos tinha vindo visitá-la para desejar que ficasse bem.

Guerreiros. Não se pode viver com eles, não dá pra querer viver sem eles.

— Aqui, aqui, boneca — William gentilmente pressionou sua testa com um pano úmido.
— Você vai ficar bem. Isto é uma ordem.

Ela abriu as pálpebras pesadas como chumbo. Ele estava sentado ao seu lado, a imagem borrada, como se uma névoa fina o cercasse. A mente dela supriu os detalhes que precisava: ele era o homem mais bonito do mundo, com cabelos mais escuros do que qualquer noite e olhos mais azuis do que qualquer oceano.

— O que há de errado comigo? — sua voz estava fraca e rouca, as palavras saíam quase incompreensíveis.

Felizmente ele não era humano e sua audição era melhor do que da maioria.

— Uma doença sobrenatural. Mas já arranjei para que os melhores médicos imortais analisassem os seus exames.

Sim. Ela se lembrava de ter sido furada e cutucada, com William resmungando “Seja mais gentil ou vai perder a mão”.

— Quero ir pra casa — disse ela. Não estava só fraca e com dor; ela estava surtando. Cada célula parecia ter criado pernas e agora se arrastavam pelas suas veias. Um ambiente familiar iria ajudar.

Ela não tinha forças para se levantar e caminhar até o banheiro. Precisava de ajuda — a ajuda de William — ou teria de usar a comadre.

Uma porcaria de comadre. Oh, que humilhação!

Dedos frios acariciaram seus cabelos.

— Baden voltou à fortaleza e seu humor está... instável. Eu, mais do que qualquer um, sei do que ele é capaz. Passei pelo mesmo... — ele silenciou, então deu um sorriso destituído de humor. — Está a salvo aqui. Este reino é escondido. Ninguém entra ou sai sem que eu saiba. Durma agora, boneca.

Não, não. Não estou pronta ainda para apagar agora. Queria mais tempo com ele antes de se separarem para sempre...

Pânico. *Não pense em morrer*. E se seus pensamentos atraíssem a Morte?

— Você não está dormindo — disse William.

Doce William. Desde o primeiro momento em que o viu tinha se sentido atraída por ele de uma maneira que era tanto assustadora quanto excitante. Ele era tão maravilhosamente encantador. E poderoso. E malvado e esperto e sexy e gentil — com ela. Sempre com ela. Com seus amigos também, mas só de vez em quando.

Seus inimigos, bem, eles morriam de forma terrível.

Homens o temiam e mulheres o desejavam como a uma droga. Quando sorria, calcinhas baixavam. Ou derretiam. Ela não tinha bem certeza, só que ele se aproveitava disso para sua vantagem. O cara pulava de cama em cama, mas jamais se envolvia. Porque sempre voltava para Gillian.

Por mais que odiasse pensar nele nu com outra mulher, ela nunca, jamais, *nunca* queria fazer sexo de novo. Ela odiava tudo o que envolvia o ato. Os cheiros, os sons, as sensações. A dor... a humilhação... a vulnerabilidade...

O pensamento de colar seu corpo ao de outra pessoa lhe dava ânsia de vômito ao invés de estremecimentos de prazer.

— ... amigos estão procurando por você — uma voz desconhecida disse, penetrando sua inconsciência. Pertencia a um macho. Era profunda e rouca, o timbre trazia a mesma eterna diversão pretensiosa que a de William. — Acho que querem sua cabeça em uma bandeja.

— Graças a você, Baden trouxe problemas para Buda — William retrucou, completamente indiferente à ameaça. — Gillian agora precisa de paz e sossego.

— Eu te disse para não se apegar a ela. Ela é humana.

— E eu disse para você ir se foder. Mais de uma vez!

— Isto lá é jeito de falar com seu querido pai?

— Pai adotivo — William resmungou — E me sinto tentado a dizer coisas piores. Vamos conversar lá fora.

Então ele estava conversando com Hades, ela percebeu com o suor escorrendo pela testa. O bad boy do submundo. E olha que aquilo não era pouca coisa!

William não sabia, mas Hades tinha aparecido para ela uma noite. Ele alertara: *fique longe do meu filho. Você não é a destinada a ele. Não me force a provar*.

Ela tinha ficado assustada, mas não tinha obedecido. William era tão importante pra ela.

— Não ser meu parente consanguíneo é um segredo embaraçoso que você se esforça em esconder — Hades declarou.

Gillian entreabriu os olhos... viu duas sombras enormes na varanda. *Eu tenho uma varanda?* O som de ondas cascadeantes acariciaram seus ouvidos, o cheiro de sal provocou seu nariz. Um oceano!

— Ela está mortalmente doente. Vai morrer se não transformá-la em imortal — disse William, abruptamente. — Então, torne-a imortal.

— Tenho o poder de transformá-la sim. Mas nas condições dela, vai morrer antes da transformação estar completada.

— Então você é inútil para mim. Vá embora.

— Tsc tsc. Tão rude. É melhor ser gentil comigo, filho. Sou a única coisa que te separa das hordas de maridos raivosos que corneou ao longo dos séculos.

— Como se uma legião deles fosse me oferecer perigo.

— Verdade. Eu te treinei bem. Mas a garota... Eles a atacariam sem dó.

William soltou uma série de impropérios.

— Se alguém tocar nela, passarei o resto da eternidade garantindo que ele e todos que ama sofram tormentos infinitos.

— Sua dedicação a ela é desconcertante. Ela é tão... comum.

Comum, huh? Bem. Ela já tinha sido chamada de coisa pior.

— Tire os olhos dela — rosnou William.

— O que ela tem de especial? — Hades perguntou.

É, Liam. O que eu tenho de especial? Ela sempre tinha se perguntado.

— Não vou discutir com você sobre ela.

— Mas eu vou discutir sobre ela com você. Não pode ficar com ninguém. Sabe tão bem quanto eu que sua felicidade anda de mãos dadas com sua destruição.

Gillian tinha ouvido um pouco sobre a destruição de William. Vulgo, sua maldição. A mulher que ele amasse estaria destinada a destruí-lo.

Gillian acreditava em maldições? Sim e não. Já vivia com importais possuídos por demônios há três anos. Tinha visto coisas. Coisas sobrenaturais. Selvagens. Impossíveis. Mas maldições... Sorte versus azar? Não. Coisas ruins aconteciam porque decisões ruins eram tomadas. Fim de papo.

Se William esperasse pelo pior, ele só veria o pior. Agiria de acordo e tornaria a suposta maldição uma profecia se cumprindo.

Quem procura, acha.

— Estou procurando uma maneira de quebrar — começou William.

— Você está procurando — Hades exclamou — há séculos!

— Meu livro...

— É besteira. Um truque para fazê-lo ter esperança no que não pode ser para que sua derrota seja ainda mais doce. Se fosse possível decifrar o livro, já teria conseguido a esta altura.

Outra pausa tensa. Então William cuspiu.

— Você só veio aqui pra me deixar puto?

— Deixá-lo puto é um bônus. Eu vim dar um aviso.

— Bem, já fez os dois.

— Não filho, não fiz — a voz de Hades endureceu. — O aviso é o seguinte: se eu achar que está se apaixonando pela garota, eu mesmo irei matá-la.

— Vai pensando!

Um farfalhar de roupas. O ruído de móveis se quebrando. O estalido de ossos se quebrando. Grunhidos de dor e satisfação. Arquejos. Um whooosh quando as sombras caíram pela grade da varanda — um baque.

É claro que ela não tinha forças pra gritar.

— Responda isto — disse Hades, e ela podia continuar ouvindo-o claramente apesar da distância maior entre eles. Como era possível? — Está pensando em se vincular a ela?

Seu coração, o órgão traiçoeiro, afundou no estômago.

— Não — respondeu William, após uma pausa que pareceu durar séculos. — Nunca vou me vincular a ninguém. Muito menos uma humana.

Ai. Mas realmente, a recusa dele refletia a dela mesma. Jamais se vincularia a um homem — jamais se casaria. Estava fodida demais.

Quando pequena, sua vida foi boa... até seu pai biológico morrer em um acidente de moto e sua mãe voltar a se casar poucos meses depois. Seu padrasto tinha dois filhos adolescentes — e os três machos tornaram sua vida um pesadelo.

Tire as roupas, Gilly. Os garotos precisam aprender como tocar em uma mulher.

As coisas terríveis que fizeram com ela...

Mesmo agora, anos depois, ela era invadida por náusea quando se lembrava. Aqueles garotos... eles a quebraram, espírito, corpo e alma, e aos quinze anos ela tinha somente duas opções: suicidar-se e finalmente acabar com seu sofrimento ou fugir. Embora se inclinasse totalmente para a opção um, ainda assim acabou optando pela outra alternativa, esperando, rezando que sua vida pudesse acabar de forma melhor.

Depois de ir para Los Angeles de carona, conseguiu um emprego em um restaurante xexelento. Alguns meses depois, Danika — que fugia de Reyes, com quem acabou se casando — tinha aparecido. Elas se apegaram. E depois de Danika e Reyes resolverem seus problemas, a beldade loura convidou Gillian para morar em Budapeste.

Se ela não estivesse lidando com tanto medo, passando cada noite vigiando a porta com um taco de beisebol na mão, esperando que o cara se esgueirasse para dentro, teria dito não. Todos aqueles guerreiros musculosos... Toda aquela testosterona e violência... Bem, *borrar as calças de medo* nem chegava perto de expressar o que ela sentia. Mas os caras mantiveram distância, dando-lhe espaço e tempo para se adaptar.

Exceto William, que entrou certo dia na sala de jogos, jogando-se ao lado dela no sofá e dizendo — Diga-me que sabe jogar videogame. Anya é péssima.

Eles jogaram videogame todos os dias durante meses e ela sentia-se como uma criança pela primeira vez desde a morte de seu pai.

A lateral da cama subitamente afundou e sua mente voltou ao presente. William voltou a sentar-se ao seu lado e, quando um pouco da névoa clareou de sua visão, teve uma visão muito próxima do rosto dele, cheio de cortes e hematomas.

— Eu disse pra você dormir — ele disse com gentileza. Era sempre gentil com ela.

Ela amava isto, mas meio que odiava também. E não fazia ideia do motivo!

Ela abriu a boca para responder — *E quando foi que eu te obedeci?* — e notou a secura em sua língua.

— Água, por favor.

Uma mão forte deslizou sob sua cabeça e a ergueu. Um canudo foi pressionado no centro de seus lábios. Ela sugou, o líquido frio acalmando sua garganta dolorida.

Quando William voltou a recostá-la no travesseiro, ela perguntou:

— Eu vou morrer? — não sabia nada sobre doenças sobrenaturais, mas imaginava que eram piores do que as naturais.

— Não! — ele gritou. Ele respirou com força. — Não — repetiu suavemente — vou achar uma cura.

E se não houver uma cura?

Está bem. Hora de se distrair.

— Como Hades te adotou?

William acariciou os pelos úmidos de sua sobrancelha.

— Ele diz que me encontrou. Um bebê deixado pra morrer.

Ela sentiu um golpe de pesar. Um garoto rejeitado pelos pais? Conhecia bem a sensação! Sua mãe não tinha acreditado nela — se recusara a acreditar — quando contou sobre o que o padrasto fazia. Ela preferira ficar do lado do homem, ao invés da filha. — Te encontrou onde?

— No submundo.

Pior ainda!

— Não faz ideia de quem seja sua família de verdade?

— Eu faço ideia, mas não estou interessado em uma reunião. Tenho você e Anya e aqueles tolos que ela se recusa a me deixar matar. Já chega.

Ele me considera família. Lágrimas queimaram seus olhos e seu queixo tremeu.

— Por que gosta de mim? — ele não tinha respondido a Hades, mas talvez respondesse a ela.

— Não seja boba, boneca. O que há pra não gostar em você?

Por onde começar? Ela tinha medo do escuro, era mentalmente perturbada e jamais teria nenhum interesse em sexo.

Suas tetas são pequenas demais. Precisa de silicone.

Eu não devia ter de usar lubrificante pra você ficar molhada.

Ataque de náusea...

— Você é imortal — disse ela — Teve experiências além do que posso imaginar. É sofisticado e vivido e eu sou...

— Você é maravilhosa e não quero ouvir mais nenhuma palavra negativa saindo de sua boca. Durma. Pra valer desta vez ou vou te punir.

Ela riu. Como se ele algum dia fosse feri-la.

Ele bagunçou seu cabelo e se levantou.

— Há um sino no criado mudo. Se precisar de qualquer coisa, toque. Estarei aqui em segundos.

Onde ele iria? O que ia fazer?

Ela engoliu ambas as perguntas. *Não vou ser carente!*

Passos... as luzes se apagaram e ela lutou contra o medo. As luzes voltaram a acender e ela suspirou. Dobradiças rangeram quando a porta se abriu e fechou.

Reinou o silêncio. Ugh. Ela estava sozinha com seus pensamentos. O que nunca era uma coisa boa.

Juntando cada porção de força que possuía, rolou de lado. Tontura varreu sua cabeça e oh, bosta, quando o teto tinha trocado de lugar com o chão? Ela quis alcançar o sino — William tornaria tudo melhor — mas mover-se de novo se provou impossível. *Respirar* mal era possível. Ela tinha zero força restante em seu sistema, seus membros subitamente pesavam toneladas.

As lágrimas voltaram a seus olhos, e através da névoa um par de botas de peludas apareceu. William tinha voltado? Usando botas de neve?

Um suspiro suave chegou a seus ouvidos quando ele se acocorou. Ela franziu o cenho. Ele tinha um cheiro diferente. Cheirava a fumaça de turfa e lavanda, e era gostoso, *muito* gostoso, mas ainda assim, diferente. O calor que ele exalava era maravilhoso, mas também errado.

Não era William.

Ela tentou gritar, mas só conseguiu gemer.

— Chega disso agora — o intruso tinha sotaque irlandês, a voz rude e, ainda assim, sem toque de maldade. Sem toque de qualquer emoção, na verdade. — Não estou aqui para te machucar.

Uma mentira para mantê-la calma?

Novamente, tentou gritar. De novo, falhou.

Tenho de alertar William. Ele jamais deixaria um homem entrar no quarto dela. Nem mesmo um amigo.

Um daqueles maridos ciumentos mencionados por Hades?

Não pode ser. *Ninguém entra ou sai sem meu conhecimento*, disse ele.

Quando o recém-chegado ajeitou as cobertas ao redor dela, o pânico dela... diminuiu? Ele gentilmente secou suas mais recentes lágrimas e subitamente ela teve uma clara — bem, mais clara — visão dele. Ele era... O que ele *era*? Tinha a parte superior do corpo de um homem e a inferior de um animal. Um bode, talvez? As pernas eram peludas, uma tanga entre elas. Ele tinha cascos.

— Meus olhos estão aqui em cima, moça.

Com as faces ardendo, ela ergueu o olhar — e ofegou. Ele tinha o rosto mais deslumbrante, rivalizava com William. Tinha pele escura e olhos escuros, um nariz aquilino e lábios finos. O cabelo era longo e preto, com lâminas entremeadas às mechas. E ele tinha chifres! Pequenos e curvos, mas definitivamente lá. Eles se erguiam do alto de sua cabeça. Ombros largos levavam a braços fortes e mãos com garras.

Garras... Monstro!

Não pode ser real, não pode ser real. Uma alucinação?

— Me disseram para te ajudar — disse ele. — Que podíamos ajudar um ao outro. Não disseram que pertencia ao William da Escuridão ou que estava doente. E que era humana — ele fez um esgar ao dizer isso, como se tivesse algo errado com a raça dela. — O que você faz com um macho... com a reputação dele?

— Quem é você? — perguntou ela.

Ele franziu o cenho e estendeu a mão para um cacho do cabelo dela. Ela se encolheu e o cenho de se aprofundou. Ainda assim, nenhuma emoção tocou os olhos dele quando baixou o braço.

— Me chamo Pukinn.

Puck-en. Nunca ouviu falar.

— Pode me chamar de Puck, sou o guardião da Indiferença.

Ah. Ele era um dos guerreiros possuídos, mas não dos que ela já conhecia. Ele não tinha roubado a e aberto a Caixa de Pandora. Ele tinha... ela revistou o cérebro e escavou uma vaga lembrança sobre demônios sobressalentes terem sido dados a prisioneiros do Tártaro, uma prisão para imortais.

Sua mente fez um joguinho rápido de associação de palavras: Prisão... Criminoso... Perigoso... Sem moral — e seu pânico aumentou ainda mais.

O homem suspirou de novo, como se estivesse decepcionado com ela.

— Não tenho certeza de que possa me ajudar, mas acho que vou permitir que tente. Volto depois que você se acostumar à ideia — com isto, ele foi até a varanda, subiu na grade e pulou.

Gillian desabou contra o colchão com uma fina capa de suor cobrindo sua pele. Mas gradualmente seu coração normalizou e o suor secou.

Na hora em que William voltou para ver como estava, já se sentia normal de novo. Bem, tão normal quanto possível, considerando que estava morrendo. Ele parou a meio caminho da cama, farejando o ar e franzindo o cenho, e então olhou para ela.

Ela abriu a boca para contar tudo sobre o visitante, só que mudou de ideia. O cara — Puck — não tinha feito nada para ela, e se o mencionasse, William iria caçá-lo. Talvez o matasse. Definitivamente o torturaria. Ela tinha ouvido histórias sobre as técnicas de tortura de William e o modo como ele adorava executá-las.

O que a tornava o conforto que sentia com ele ainda mais estranho.

— Pronta para outro médico, boneca?

— Meu senhor... senhor — uma voz estranha disse. Só então Gilly notou um homem baixo e redondo com escamas no lugar de pele parado ao lado dele. — Eu falei com meus

colegas e concordamos no diagnóstico. Ela tem *morte ad vitam* e como o senhor sabe, não existe cura.

— Lembre-se. Vamos! Lembre! — Cameo, guardiã da Miséria, puxou os cabelos, bateu os punhos na testa e, quando isto falhou, bateu a cabeça na parede. Não importava o que fizesse, sua mente continuava em branco.

Frustração corroeu o pouco de controle que ainda tinha. Desde sua possessão, ela experimentava perda de memória sempre que se dirigia para uma estrada que podia levá-la para sua felicidade. Há poucas semanas, artefatos ancestrais a sugaram para um outro reino. Aparentemente. Ela não conseguia lembrar, o que significava que encontrara alguém ou algo lá que tinha o poder de mudar sua vida pra melhor.

Os rapazes disseram que ela mencionara um nome quando voltara para casa. Lazarus.

Lazarus. Lazarus. Lazarus.

Ainda não lembrava de nada, somente de uma vaga vontade de comer chocolate...

Uma coisa teria ligação com a outra?

Com um guincho, pegou o maior vaso de sua penteadeira e jogou a coisa estúpida do outro lado do quarto. Vidro se espatifou, pedaços tilintaram no chão. Um gostinho de felicidade que ela podia acalantar como um amante nas profundezas da noite, era só o que queria. Mas nãoããããã. Isto não era possível nem em sua imaginação.

Tinha de existir maneiras de lembrar de Lazarus. Seja quem for. *Seria* ele o caminho para sua felicidade?

A porta de seu quarto abriu abruptamente e as dobradiças se partiram como o vaso antes delas. Maddox entrou com uma adaga em riste, pronto pro ataque. Seu olhar violeta varreu cada sombra no quarto em um único segundo, e ela soube que ele já tinha avaliado cada dano.

— Estou bem — disse ela, e ele se encolheu. Todo mundo sempre se encolhia.

Até Lazarus?

Não pense nele.

Ao invés de dizer mais alguma coisa, ela enxotou Maddox com um gesto das mãos.

Ele ficou onde estava.

— Você não parece estar bem.

Ela arqueou uma sobrancelha, dando-lhe um olhar de *Eu sou Miséria, babaca, o que queria?*

Ele deu de ombros, os ombros roçando contra as pontas de seus desgrenhados cabelos pretos.

— Então não há ninguém a quem eu deva matar por te aborrecer?

Ela negou com a cabeça.

— Muito bem — ele saiu do quarto, parando perto da porta. — Você devia pedir para alguém consertar isto.

Pouca merda. Sentiu vontade de rir... e a vontade teve uma morte dolorosa em sua garganta.

Rir não era permitido. Se sequer um risinho conseguisse escapar, ela sofria.

Uau. Que vida. E, melhor ainda, isto era o que ela teria *para sempre*.

Há muito tempo ela costumava se perguntar por que Baden tinha permitido que o matassem. E sempre suspeitou de que ele tinha mesmo permitido. Ele era um guerreiro forte demais para deixar alguém derrubá-lo. Então, por quê? Mesmo miserável como ela era, jamais tinha pensado em suicídio.

Até agora.

A fêmea de Baden estava tão deprimida que se arrastava pela fortaleza como um fantasma. E Cameo sentia-se parcialmente responsável, como se a mácula de seu demônio tivesse infectado a garota. Tinha? E Gilly e William? Gilly estava doente, e William, inconsolável. Culpa dela?

Provavelmente.

O mundo seria melhor sem mim.

Com o coração pesado, sentou-se na beirada da cama. Queria soluçar, mas chorar não lhe faria bem, só alimentaria o demônio, tornando-o mais forte.

Encontrar a caixa a libertaria do demônio de uma vez por todas, e superficialmente parecia ser sua melhor aposta. Mas encontrar a caixa jamais pareceu tão impossível, cada vantagem que tinham adquirido ao longo do tempo, simplesmente parecendo não fazer diferença alguma.

O que mais podia fazer?

Ela precisava pensar... Tinha de tomar algumas decisões sobre o seu futuro. De uma coisa ela sabia... Não podia continuar assim.



DEZ

“Somente uma destas frases é verdadeira: Eu nunca corro atrás, eu substituo.

“Eu vou engolir minhas palavras.”

— Galen, guardião da Inveja e Falsa Esperança.

BADEN — PRECISAVA — DE SEXO.

Precisava de sexo violento e frenético. Mais do que isto, precisava *agora*. O destino da fortaleza dependia disso, como William tinha previsto. Destruição espumava dentro de sua mente, debatia-se em seu crânio.

Cada minuto — correção — cada *segundo* na presença de Katarina tinha se tornado um tipo especial de inferno. Ontem eles tomaram banho juntos e embora a dor fosse agonizante, ele tinha feito de tudo para esconder, cada ponto de contato era como esfregar sal em uma ferida aberta, mas o prazer de tê-la nos braços tinha quase se provado maior do que a dor.

Os mamilos dela enrijeceram ao seu toque quando ele esfregou sabonete em sua pele, e teve de lutar contra a vontade de se esfregar às suas costas. E depois, quando ela caminhou do banheiro até o quarto exibindo aquelas pernas longas, ele teve vontade de pegá-la, jogá-la na cama, arrancar sua roupa e afundar-se profundamente, muito profundamente dentro dela.

Seu corpo ainda precisava se acalmar.

Sua mente tinha até mesmo começado a racionalizar. Katarina podia não ser o seu tipo, podia até ser fraca, mas força não era indispensável em uma amante temporária. E ela pertencia a outra pessoa. E daí? Pertencia a Aleksander só no papel. Por enquanto. Isso não era grande coisa. Poderia pertencer a Baden também. Por um tempo.

Mas e se perdesse o controle da fera e a machucasse? Ou pior?

Não queria machucá-la. Na verdade, ele *se importava* com o bem-estar dela. Ao desabafar sobre as agruras de sua vida com ela, tentando arrancá-la da depressão em que

estava, tinha criado uma inesperada conexão com ela. Um laço que não tinha conseguido romper. E olha que tinha tentado!

Destruição também a queria, o que era parte do problema. A fera agora estava atento a ela, incerto do que fazer.

Baden percorreu o corredor, parando em frente à porta de Strider.

— Algum sinal de Pandora hoje? — perguntou. Ele estava sozinho, mas Torin monitorava os cômodos através de uma série de câmeras e microfones.

— Ainda não — o guerreiro respondeu, a voz se derramando pelos autofalantes no teto.

Embora Pandora tivesse se transportado até a masmorra pelo menos uma vez por dia tentando resgatar Aleksander, ela tinha conseguido evitar todas as armadilhas montadas por Baden.

Não importa. Ela era impulsiva e impaciente, e logo cometeria um erro.

Ela tinha de cometer um erro.

No início daquela semana, quando Baden se recusara a desmembrar um adolescente, Hades tinha dado a tarefa a Pandora. Ela a executou sem questionar, ganhando um ponto extra, o que lhe deu novamente a liderança do jogo. Só mais tarde Baden soube que o adolescente em questão não era um adolescente de verdade, mas uma velha bruxa disfarçada por um feitiço. Uma bruxa que trabalhava para Lúcifer, e que recebia um bônus por cada humano que ludibriava para o lado negro.

O rei dos Arautos não estava contente com seu exército imortal. Planejava montar também um exército humano.

Hades ficava mais agitado a cada dia que passava. Ele até aumentou o número de tarefas delegadas, apresentando uma lista a Baden e Pandora.

E Baden, bem, ele estava começando a *não* odiar o macho. Havia método em sua loucura, embora Baden não o compreendesse logo de cara.

Bateu à porta do guardião da Derrota com força suficiente para rachar a madeira.

Anotação mental: *comprar uma porta nova.*

— Já vai — um som de passos soou e a porta se abriu, revelando a companheira de Strider, Kaia. Ela o cumprimentou de adaga na mão, sua massa de cabelos vermelhos presos em Maria-Chiquinhas e os olhos brilhando de fúria.

Ela está armada... Uma verdadeira ameaça. Mate-a!

Baden fez o possível para ignorar a fera, olhando por cima do ombro de Kaia. Ele escrutinou o quarto, buscando por ameaças ocultas, qualquer coisa fora do comum. Bem, o estilo de decoração dela provavelmente poderia ser classificado como “*um-acumulador-morreu-aqui*”.

— Falou com sua irmã?

Para a próxima tarefa, ele deveria levar a Hades uma calcinha de Taliyah, Coração Gelado. Sem tocá-la ou machucá-la. Taliyah era uma Harpia, irmã mais velha de Kaia, e uma híbrida de metamorfo-serpente. Era quase tão sanguinária quanto Destruição.

Por que Hades queria que fizesse isto não conseguia imaginar, mas já estava farto de questionar as ordens do cara.

— Sim. Ela vai te encontrar no Downfall daqui uma hora.

— Obrigado.

— Guarde seus agradecimentos e me faça um favor — ela deu um beijo no punho da adaga. — Da próxima vez que estiver com Hades, faça ele lhe revelar os esconderijos de William.

A ânsia de proteger subitamente o envolveu. Proteger William? Ou Hades.

Ambos. Destruição rosnou dentro de sua cabeça. Eles são meus e vou aniquilar qualquer um que sequer pensar em prejudicá-los.

Aquilo era mais do que um desinteresse em torturar alguém. Aquilo era determinação, preocupação e cuidado.

Mas a fera não tinha acabado. Lutou contra o controle de Baden — e lutou violentamente, finalmente conseguindo assumir seu corpo e mente.

Sua boca se encheu de água. *O sangue dela, quero prová-lo.* Suas mãos formigaram. *Seus ossos, quero quebrá-los.*

Como uma predadora, Kaia detectou suas intenções e reagiu de acordo, colocando-se em posição de ataque.

Pensamento racional se fez presente: *não, não. Ela não.*

Mas Destruição já tinha recuado o punho para um golpe. No último segundo, Baden recuperou uma sombra de controle, desabando a fúria na parede com golpes e chutes.

A fera rugiu quando mais e mais dos amigos de Baden saíram dos quartos, segurando-o para detê-lo.

Eles ousam me segurar?

Novamente a fera conseguiu dominá-lo, jogando um guerreiro após o outro do outro lado do corredor. Os machos caíram com tanta força que deixaram rachaduras em formato de corpos pra trás. Poeira e pedaços de gesso adensaram o ar.

Ele riu.

— Como vamos cercá-lo? — Alguém gritou.

— Keeley — a voz de Torin soou pelo intercomunicador. — Precisamos de você no quarto de Strider. Imediatamente.

— Não dá tempo. Precisamos de Katarina — uma fêmea diss.e — Acho que ela o acalma.

Um punhado de guerreiros correu para ele de uma só vez, prendendo-o no chão, mas de novo, jogá-los para longe não foi difícil. O poder se expandia de seus membros, reforçava seus ossos. Ele conseguiu ficar em pé.

Eu posso cair, mas não fico no chão nunca.

Um louro de sorriso irônico colocou-se à sua frente. O macho chamado Strider. Matá-lo seria um prazer.

Baden gritou para Destruição. *Ele é meu amigo! Todos são.*

— Ei! Aqui — disse uma das mulheres. — Eu vou rasgar um cu novo... na sua cara.

Não são meus amigos, Destruição disse a Baden ao agarrar a mulher pelo pescoço e erguê-la do chão. Anya. Destruição tinha se esforçado para aprender as identidades dos residentes. *Conheça seu inimigo...*

— Não! — gritou Lucien, golpeando-o pelas costas.

A deusa da Anarquia enroscou as pernas ao redor do pescoço de Destruição, e quando ele cambaleou, apertou com força surpreendente.

Pelo canto dos olhos, ele viu Katarina e aquela chamada Ashlyn aproximando-se pelo outro lado. Ambas as mulheres pararam para encará-lo. Ele fez uma pausa, sem saber ao certo porque, dando a Baden a oportunidade de recuperar um pouco do controle. Não suficiente para se apossar do corpo, mas suficiente para retardá-lo quando da colisão de suas vontades. Ele berrou para as paredes.

— Corra Ash, e leve a garota com você — mandou Maddox. — Ela só está piorando tudo.

Katarina... embora?

Baden e Destruição trabalharam juntos para arrancar Anya de cima dos seus ombros e deixou-a cair no chão. Eles passaram por Lucien em direção à mulher que os assombrava. A mulher que pertencia a eles. Ao menos provisoriamente.

— Vá embora! — múltiplas vozes gritaram em uníssono. Os guerreiros golpeavam, tentando impedi-lo de chegar ao objeto de seu fascínio.

Ashlyn tentou empurrar Katarina para longe, mas Katarina livrou-se de suas mãos e deu um passo *adiante*. Na direção dele.

No momento em que o alcançou, ela emoldurou seu rosto com as mãos delicadas. Ele teve de se abaixar para permitir o toque, o que não o deixava em posição defensiva adequada — *mas valia a pena*.

— O que há com você? — ela perguntou.

Ele respirou fundo, seus pulmões, geralmente inúteis, subitamente se inundaram com a doçura do cheiro dela... Como se estivessem voltando à vida.

— Eles são ameaças.

— Errado. Não há ameaças aqui.

— Eles são ameaças — insistiu ele.

Ela acariciou o rosto dele com os polegares, com tanta gentileza, e ainda assim o gesto doeu. Mas ele não se afastou. O ar entre eles espessou e crepitou de atração. Ele gostou.

Os outros pararam os ataques e mantiveram uma distância apropriada, sussurrando de incredulidade.

— Isto está mesmo acontecendo ou estou tendo alucinações? — alguém perguntou.

— A humana tem poderes mágicos?

— Você tem um trabalho a fazer — Katarina o lembrou, ignorando os outros. — Por que não vai fazê-lo e deixa que eu cuide das ameaças aqui?

Ele rosnou.

— Você não é forte o bastante.

Aquilo a fez arquear a sobrancelha.

— É o que você diz.

— Cara, ela não é casada? — perguntou Kaia.

Ele rosnou para a Harpia sem desviar o intenso olhar de Katarina. Ela perdeu peso e parecia mais frágil do que nunca, e ainda assim sua beleza era de tirar o fôlego.

Fôlego que agora precisava pra sobreviver?

— Baden — disse ela.

— Destruição — corrigiu ele.

— Já que ele é parte de você, aposto que você também é parte dele. Por que não te chamo de Máestruição? — Ela sorriu para ele, convidando-o a brincar com ela. — E uma dica pra você. Se o seu mais novo trabalho é me encarar, está indo muito bem.

Ele não sabia como brincar, mas gostava de vê-la assim. Feliz, ao invés de deprimida.

Ele não devia se importar com o modo como ela se sentia. Se importar o deixava vulnerável.

Ele franziu o cenho para ela.

— Mantenha-se longe de problemas hoje.

— É o que farei, mas não por você ter mandado. Porque sou uma garota e garotas são feitas de...

— Açúcar e pimenta — ele exclamou, lembrando-se da rima. Garotos eram feitos de cobras e lesmas.

— Errado. Garotas são feitas de vodka e gelo. A combinação dos dois aumenta nossa tolerância à baboseira masculina.

Ele riu, meio rosnando. Garota engraçada. Mas a risada teve uma morte suave quando Baden emergiu cada vez mais próximo da superfície, lutando com todas as suas forças.

Com a expressão ficando séria, Katarina disse.

— Espero que volte ileso.

Será que *ela* se importava com o bem-estar *dele*? Aquilo... ele permitiria.

— Não vou ser ferido. Sou forte — ele só não era forte o bastante para deter Baden por mais tempo. O guerreiro venceu a batalha.

Baden estremeceu ao voltar ao tamanho normal. Ele ainda precisava se curvar para pressionar sua testa contra a de Katarina, e o fez, tão feliz pela fera não a ter ferido — sentindo-se culpado, primeiro por permitir que a luta ocorresse e preocupado com as reações dos amigos.

— Sinto muito — disse ele, o maxilar formigando pelo toque dela.

— Aqui está você — respondeu ela — Meu Baden.

Os olhos dela se arregalaram quando as palavras ecoaram entre eles. O Baden *dela*?

— Sim — ele viu-se dizendo. Concordando.

— No seu trabalho hoje... Dá pra não matar ninguém? — ela ergueu-se na ponta dos pés e sussurrou. — Se conseguir se conter, vou te recompensar com...

Ele ficou tenso de excitação quando ela voltou a se nivelar e seus olhares se encontraram. Preto inundou o verde acinzentado. As bochechas dela estavam coradas, a respiração acelerada.

— Com...? — perguntou ele.

Ela umedeceu os lábios sem desviar os olhos dele.

— Qualquer coisa que você queira.

Paudurescência instantânea.

Um momento de surpresa se estendeu entre eles... e desejo. Tanto desejo.

— Eu vou me conter — disse ele, e riscou para o Downfall antes de carregá-la direto pra cama.

O clube ficava no terceiro nível do céu. Um antro de degenerados.

Ele empurrou a fera para o fundo de sua mente — não ia nem mesmo pensar a respeito da vulnerabilidade que tinha acabado de experimentar.

Ele empurrou inclusive Katarina para o fundo de sua mente — por que era preciso. Se ficasse pensando naquelas palavras de despedida, não duraria cinco minutos longe dela. Definitivamente não completaria a próxima tarefa.

Abriu caminho através da multidão. As paredes e chão eram feitos de nuvens tênues que permitiam relances de céu negro e estrelas brilhantes, e ainda assim tanto as paredes quanto o chão eram sólidos ao toque. À esquerda, uma banda tocava música ao vivo, e um grupo de mulheres jogava calcinhas para o vocalista.

Se ao menos a missão de Baden fosse tão fácil.

À sua direita, barmens atendiam em um bar lotado, misturando bebidas e espalhando alegria. À sua esquerda, inúmeros corpos se contorciam na pista de dança.

Destruição bateu contra seu crânio. Não confie em ninguém. Machuque a todos.

Já chega de você por hoje!

Só havia uma única razão por ter escolhido a casa noturna imortal para seu encontro com Taliyah: pertencia a três Enviados. Impiedosos guerreiros alados que podiam saber algo a respeito dos braceletes. Dois coelhos com uma cajadada só. Os guerreiros estavam naquele momento — sempre — em guerra com Lúcifer e seus asseclas, e se esforçavam muito em saber tudo o que acontecia no submundo.

Baden surrupiou duas doses de uísque misturado com ambrosia de uma bandeja quando um garçom passou por ele. Bebeu os dois, gosto e cheiro remetendo a tempos antigos, perseguição através de um campo incendiado, mas o calor o acalmou de qualquer forma.

— Ei — o garçom disse. — Estas são do...

Um olhar para Baden e ele se calou, aceitando de bom grado os copos vazios.

Assim que Baden entrou na área VIP, um gigantesco homem se colocou em seu caminho. Músculos volumosos, com uma cabeleira de leão e o maxilar flexível de um urso. Era um Berserker, sem dúvida.

Baden decidiu arriscar uma solicitação polida.

— Estou aqui para ver os Enviados.

— Está agendado?

— Não, mas ainda assim quero vê-los.

O Berserker cruzou os massivos braços sobre o peito enorme.

— Eles estão ocupados e não querem ser perturbados.

Estão nos recusando? Mostre a eles quem é que manda.

Somos um “nós” agora? Ainda se controlando, Baden viu-se assentindo. Só desta vez.

Destruição riu alegremente ao inundar as veias de Baden com força negra.

Como Kaia, o Berserker assumiu postura ofensiva, preparando um golpe. Baden o atacou, atingindo-o com um murro no meio do peito, detendo no último segundo um pouco da força quando a voz de Katarina ecoou pela sua mente.

Qualquer coisa que quiser.

O cara voou para trás, bateu na parede e caiu de bunda. Permanecia consciente, embora o centro de seu torso estivesse afundado, como se Baden tivesse atingido através da pele, músculo e osso. Talvez tivesse. Névoa negra ondulou de suas mãos antes de se afinar e dispersar. Um sinal que já tinha visto antes. Com Hades.

Baden não sabia o que pensar. Pelo menos o Berserker se recuperaria.

Todo mundo na área VIP congelou e silenciou. Várias mulheres o encararam com súbito interesse, enquanto a maioria dos homens olhou pra ele com medo. Eles detectaram um predador bem mais perigoso do que eles mesmos. Berserkers geralmente estavam no topo da cadeia alimentar e Baden tinha acabado de derrubar um deles com um único golpe.

E Destruição queria mais.

Baden respirou fundo algumas vezes, determinado a resistir à tentação.

Do lado oposto, dois machos se levantaram. Os Enviados. Grandes asas brancas e douradas se arqueavam de seus ombros.

Embora Baden jamais tivesse encontrado o par, sabia quem eram. Todo mundo sabia. O de cabelos brancos, pele cheias de cicatrizes e olhos vermelhos era Xerxes. O de cabelos escuros, pele bronzeada e olhos cor de arco-íris era Bjorn.

— Você feriu nosso homem — disse Xerxes a ele, estalando o nó dos dedos. — Hoje você morre.

— Não fiz por mal — Baden endireitou os ombros e preparou-se para o golpe. — Estou aqui em busca de respostas.

Por trás do par, o Berserker pulou e ficou em pé, rugindo conforme se curava. Ele ostentava mais doze... mais vinte centímetros, garras horríveis se projetando da ponta de seus dedos.

Baden franziu o cenho, sua mente subitamente zumbindo com outra das memórias de Destruição. Quando ele lutara com os guardas na prisão, seus corpos tinham se empilhado ao

seu redor. Ele se expandira, ficando maior do que nunca, as unhas se alongando e afiando em garras pela primeira vez. Garras iguais... à... aquelas.

A fera seria em parte Berserker?

Ofegos trouxeram Baden ao presente. As pontas de seus dedos pareciam em chamas. Ele baixou o olhar para ver que suas unhas *tinham* se alongado e afiado em garras — como se atendendo ao chamado de um igual? Seria *ele* parte Berserker agora?

Quando balançou as mãos, chocado pela transformação, as garras retraíram.

Bjorn estendeu o braço, fazendo tanto Xerxes quanto o Berserker parar por um instante. Sem tirar os olhos de Baden, ele disse.

— Acalme-se Colin, ou vou ser obrigado a acalmá-lo.

O aviso funcionou, o Berserker parou onde estava.

— Olhe para os braços do guerreiro — Bjorn disse a Xerxes. — Ele está usando braceletes.

Baden olhou para os bíceps, onde sua camiseta sem mangas deixava à mostra o metal.

— Eles são parte da razão de eu ter vindo procurá-los.

Xerxes hesitou só um momento antes de fazer um gesto para ele continuar. Bjorn acenou para seu barman particular.

Baden dirigiu-se ao canto escuro iluminado por luz de velas. Duas mulheres seminuas se esticavam em um sofá, e outra em um divã, todas sussurrando excitadamente ao vê-lo.

— Caramba, é o Jamie Fraser!

— Eu sei. Está bem, está bem, você me convenceu. Eu aceito ter os seus bebês escoceses.

— Tire a camiseta. Ou prefere que eu a rasgue pra você?

Baden esperou que sua luxúria voltasse com força total. Estas mulheres ofereciam o sexo que ele queria. O sexo que precisava. Fácil e descomplicado. Gozo e alívio. Só que não eram Katarina, e seu corpo permanecia indiferente.

Fez uma careta. A identidade da amante não devia importar. Desejo era a arma *dele*, sua maneira de governar a fera. Desejar uma mulher específica tornava cada sensação uma fraqueza — dava poder a *ela*.

— Saiam — Xerxes disse às mulheres, sem um pinga de suavidade no tom de voz.

A conversa parou quando as três deram no pé. Baden afundou no divã, deixando o sofá sem encosto para os Enviados. Tinha mais espaço para as asas.

— Quem lhe deu os braceletes? — Bjorn perguntou. — Hades ou Lúcifer?

Eles eram os únicos imortais com poderes para usá-los?

— Hades.

— Então você está sob o controle dele.

— Sim — a admissão foi feita a contragosto, mas honestidade era essencial. Os Enviados sentiam o gosto de uma mentira. — Não consigo removê-los sem arrancar o braço, algo que não quero fazer. Sem os braceletes vou morrer. De novo. Só que desta vez, a morte será permanente.

Ambos aquiesceram.

Isso não vai dar em nada.

— Como eles funcionam? — perguntou Baden.

Bjorn inclinou a cabeça para o lado.

— Pense neles desta forma. Se pegar a semente de um pedaço de fruta, plantar e regar, a semente vai se tornar uma árvore que produzirá os próprios frutos. Eles são diferentes, mas basicamente o mesmo.

Como é que é? Os braceletes eram uma semente e as raízes estavam agora firmemente plantadas dentro dele?

— Tenho tido visões de outra vida. Os braceletes costumavam estar em uma pessoa... Uma criatura.

— Tem razão — disse Xerxes — Os braceletes foram criados do coração de Hades. Ele o removeu, queimou e forjou os braceletes a partir das cinzas que eternamente conterão sua essência.

Mas. Que. Porra?

Destruição era Hades? As *lembranças* eram de Hades?

Não, não. Impossível. E ainda assim, de repente tantas coisas faziam sentido. O jeito que Hades agia, ameaçando matá-lo para então mudar de ideia, quase como se importasse com Baden — por que se importava consigo mesmo. A fera conhecia Keeley — por que Hades já teve um relacionamento com ela. A fera se acalmava na presença de Hades — por que queria o que Hades queria.

Nada a dizer? Ele rosnou. A fera sabia a verdade. A fera sempre soube.

Eu sou Destruição.

Você é. Também é muito mais do que isto. E Baden devia ter percebido. Que tolo!

— Quantos braceletes existem? — perguntou ele.

— O número exato é desconhecido — disse Bjorn. — Mas acho que não são muitos.

Baden não sabia se isto era uma bênção ou uma maldição. O que aconteceria à Destruição quando os braceletes fossem removidos? A criatura era vinculada ao metal e não a Baden... Certo? Teria ele finalmente a chance de viver livre de qualquer tipo de possessão, como sonhava?

Excitação...

Raiva, cortesia da fera. *Eu vou viver!*

— E minhas novas tatuagens? — Baden perguntou. — Elas cresceram dos braceletes e foram ficando mais espessas a cada vez que eu matava os alvos de Hades.

— Você, mais do que ninguém, deve compreender a natureza insidiosa do mal — Xerxes correu uma adaga pelo braço, criando um ferimento. — Neste momento, o ferimento está recente, aberto, incapaz de combater infecções. Precisa criar uma crosta para proteger a si mesmo.

— Então...?

— O mal infecta, se espalha e atrai novos males — disse Bjorn.

Baden esperou. Os Enviados não disseram mais nada.

— Não ouvi uma resposta para minha pergunta.

— Só por que não ouviu, não quer dizer que não a demos.

Pomposos de merda...

Uma garçonete chegou com uma bandeja de doses de ambrosia. Depois de Baden engolir três em rápida sucessão, Bjorn a afastou com um gesto de mão.

Ele sabia que os Enviados tinham seus próprios problemas. Bjorn foi forçado a se casar com algum tipo de rainha das sombras — como as sombras de Hades... as sombras de *Baden*? — e ela estava lentamente drenando toda a vida dele. Rumores diziam que Xerxes estava à caça de uma fêmea metamorfa determinada a matá-lo.

Som de torcida ecoou pelo clube e alguém gritou o nome de Taliyah.

Ela tinha chegado.

— Aconteça o que acontecer na guerra entre pai e filho — disse Bjorn — não podemos permitir que Lúcifer vença. Nossos oráculos falaram. Se Hades emergir vitorioso, o mundo sobreviverá.

— Se Lúcifer vencer — disse Xerxes — o mundo chegará ao fim.

Apocalypse, Destruição sussurrou em alerta.

— Tenho certeza que você tem outras perguntas — Bjorn adicionou e Baden aquiesceu.

— Mas não temos mais respostas a lhe oferecer — finalizou Xerxes.

Oh, eles tinham respostas. Só não estavam mais a fim de compartilhar. Mas Baden não ia forçar. Devia muito a estes homens e não pagaria com violência.

— Obrigado pela conversa — disse ele ao se levantar.

Os Enviados também se levantaram.

O vermelho nos olhos de Xerxes se aprofundou.

— As notícias de sua aliança com Hades vai se espalhar. Não há como impedir, então se prepare. Um dia, em breve, Lúcifer irá enviar alguém para matá-lo.

Coisa que já fez. As prostitutas que William tinha matado.

— Vou sobreviver — com isto se afastou para ir atrás da Harpia. Não que tivesse de procurar muito.

Ela estava montada no touro mecânico no meio do clube, a saia curta revelando cada centímetro de suas pernas e uma sugestão da calcinha que ele precisava. Cabelos pálidos dançavam sobre seus ombros conforme o touro balançava para a frente e para trás. Ela tinha as duas mãos livres, segurava um copo em cada um, e mantinha o equilíbrio somente com a força das coxas.

O touro deu uma volta abrupta, exibindo para Baden as costas dela, revelando as pequenas asas iridescentes que flutuavam pelas fendas em seu pequeno top cor de rosa.

Uma bela mulher, sem dúvida... Mas não se comparava a Katarina.

A torcida morreu quando Taliyah saltou pra fora do touro e pousou diretamente à frente dele.

— Ouvi dizer que tem algo a me pedir — disse ela — Vou deixar que me pague uma bebida. Ou doze. É, definitivamente doze. Nossos negócios precisam estar concluídos na hora em que eu entornar a última dose. Entendeu? — Ela marchou para o bar meneando os quadris. Uma dança do acasalamento. Uma que não causou nenhuma reação em seu corpo.

Suas mãos cerraram em punhos ao seguir atrás dela.

Ela pediu *quinze* doses e ele jogou uma moeda de ouro para o barman. Torin fez dele um homem cheio da grana ao longo dos anos.

— E então? Desembuche — ela esvaziou um copo, então outro.

— Me dê sua calcinha.

Ela entornou o quinto copo e engasgou com o líquido. Depois de recuperar o fôlego, ela riu e disse.

— Uau. Quanta delicadeza! Cara, está querendo usá-las ou algo assim?

— Não — ele não ofereceu nenhuma explicação.

A diversão dela se apagou, as pálpebras semicerraram.

Quando alguém esbarrou nela por trás, ela se virou com tanta rapidez que Baden quase não conseguiu acompanhar seus movimentos quando golpeou com o punho o estômago do atacante.

— Não? — ela disse a Baden, sem nenhuma hesitação. — É só o que ganho?

Mexa-se! As amarras de Destruição afrouxaram um pouco e Baden viu-se agarrando o ofegante homem pela garganta e erguendo-o do chão.

— Continue com ele ou comigo — disse Taliyah — mas não nós dois. Estou quase acabando...

O tempo limite para aquela conversa. Certo. Ele soltou o macho sem matá-lo.

— Hades está...

— Hades! Ah sim — ela lambeu a beirada do copo para sugar uma gota de líquido. — Você é a putinha dele agora, forçado a fazer o que ele quer.

Ele titubeou, mas de novo não ofereceu explicação. Quanto menos detalhes os outros soubessem sobre ele, melhor.

Mais duas doses foram consumidas.

— Hades e eu temos um tipo de história — outro copo vazio, e desta vez ela tremeu, mas não de medo. — Vou supor que ele te mandou só pra mexer comigo. Bem, fico contente de mexer com ele de volta. — Ela mandou goela abaixo outra dose e então remexeu sob sua minissaia para puxar um fio-dental azul brilhante pernas abaixo. Ela o embolou na frente da cara de Baden. — Eu te entrego... Por um preço.

Ele quase revirou os olhos. Todo mundo sempre tinha um preço. Exceto os Enviados, percebeu. E Katarina. Ela só queria *doar*.

Preciso voltar para ela.

— É claro — disse ele — Pode dizer.

— O que eu quero, o que eu quero...? — Com a mão livre, ela batucou contra o queixo unhas de aparência tão afiadas quanto adagas. — Oh, já sei! Você vai entregar um recado para mim. Palavra por palavra.

Aquilo não ia acabar bem para ele, ia?

— Trato feito.

Sorrindo ironicamente, ela se ergueu na ponta dos pés e sussurrou a mensagem no ouvido dele. Ele ficou tenso e suspirou. Não, isto não ia terminar bem.

— Eu vou dizer a ele — jurou Baden — Palavra por palavra.

Ela jogou as calcinhas e ele pegou. Antes que pudesse agradecer, ela terminou a última dose e desapareceu no meio da multidão.

Melhor acabar logo com isto. Ele riscou...

Pra dentro de um quarto com paredes de ébano polido e chão de marfim. Os móveis antigos tinham pássaros entalhados na madeira. Havia um tapete vermelho felpudo e uma grande cama de dossel cercada de tule. Hades estava na beirada, a cabeça descansava sobre os braços levantados.

A sereia cega estava sentada em um banquinho alguns metros adiante, tocando harpa e cantarolando. Os sons pacíficos invadiram Baden como uma carícia. Uma que conseguia tolerar.

Uma sensação de compaixão o atingiu, surpreendendo. Hades — antigamente um garoto trancafiado e esquecido pelo mundo — conhecera mais sofrimento do que a maior parte das pessoas jamais imaginaria. Não era de se surpreender que quisesse matar qualquer um que ousasse ameaçar sua liberdade.

O rei detectou a presença de Baden e se levantou, pegando uma camiseta da mesinha de cabeceira. Enfiou o material pela cabeça, escondendo o peito musculoso tatuado com símbolos que Baden jamais tinha visto.

— Deixe-nos, Melodia.

Melodia. Que nome apropriado.

A garota ficou de pé, e contando os passos foi para a porta. Ela sorriu um sorriso zombeteiro ao passar por Baden.

— Este não foi um dia bom — tons de raiva se mesclavam à voz de Hades. — Melhor ter trazido o que eu te mandei buscar.

— Eu trouxe — ele jogou a calcinha pelo quarto. — Fiz jus a meu próximo ponto — ele agora tinha dezesseis no total. *Empatado com Pandora, até que enfim.*

Nove de seus pontos eram devidos a assassinatos, quatro devidos a ter recuperado objetos, e dois foram por coisas à toa, tipo pegar aquela calcinha. Mas eram de Baden. Os assassinatos deram fim aos maiores aliados de Lúcifer, aqueles que adversamente atacavam humanos. Adquirir os artefatos evitava que Lúcifer os usasse contra Hades, enquanto a calcinha (e outras coisas) o divertiam. Diversão o mantinha são, iluminando momentos de ruína e trevas.

Um sorriso lento brotou no rosto de Hades quando ele levou o material até o nariz e o cheirou.

— Como conseguiu? Conte rápido.

— Eu pedi. Em troca, prometi à Harpia que lhe entregaria um recado da parte dela.

Um brilho de antecipação verdadeiramente porejou pelos poros de Hades, criando um efeito de halo ao redor dele.

— Diga.

Baden fechou os olhos e respirou fundo.

— Você é sexy, delicioso e tesudo, mas te dar meu cartão Vip? Não vou. Minhas calcinhas ficam molhadas cada vez que ouço o seu nome... Mas ainda vou garantir... Você vai morrer sem me ter.

Uma risada emergiu de Hades, uma expressando humor genuíno.

— Bruxinha inteligente.

A transformação foi chocante, como se um lobo à espreita tivesse acabado de se transformar em um cachorro com um brinquedo novo. Mas aquela era a mágica que uma mulher — a mulher certa — podia desencadear sobre um homem, não era? Não que Taliyah fosse a mulher certa de Hades.

Mas veja seus amigos. Antes ferozes, agora domesticados.

A imagem de Katarina brilhou em sua mente, suas feições tão delicadas como asas de borboleta, e o corpo de Baden latejou em resposta. Praguejou. Ela não podia ser a mulher certa dele. Eles eram diferentes demais.

Outra maldição escapou dele.

Concentre-se em sua missão.

— Seu filho William — disse ele — Ele está escondendo a garota humana, Gilly, e queremos saber ond...

A explosão de humor de Hades desapareceu.

— Sugiro que vá embora. Agora.

— Ah... Sem um abraço de despedida? — Baden queria que as palavras soassem zombeteiras... Talvez.

Quando o rei estendeu a mão em busca de uma espada, Baden disse.

— Vou encarar isto como um não — e riscou para a fortaleza.



ONZE

“Faça um favor a ambos e remova seu absorvente masculino.”

— *Strider, guardião de Derrota.*

A SEMANA SEGUINTE passou depressa. Katarina esperava, um pouco ansiosa e muito ávida, que Baden cobrasse o favor que ela lhe devia. Afinal, ele não retornou sangrando. Mas também não mencionou a recompensa dela. Ele matou em sua missão? Ou mudou de ideia sobre desejá-la?

Bem. Ela, a humilde soldado, não iria se preocupar mais sobre isto. Ou pensar sobre ele. Ou ansiar por beijá-lo... do modo como ansiava beijá-lo quando emoldurasse seu lindo rosto com as mãos. Nana- Nina-Não.

Ela se lançou no trabalho. Os filhos de Ashlyn se recusaram a ajudá-la, uma estranha, mas frequentemente se arrastavam atrás dela, espreitando e rindo por trás de postes. Ela assegurava que Biscuit e Gravy estivessem limpos, medicados, alimentados diariamente e tivessem abrigo, fazendo o melhor que podia para manter suas emoções trancadas. *Sem amor, sem dor.* E ainda assim, fiel à sua natureza, encontrou-se passando tempo extra com os animais, determinada a acostumá-los com a sua presença, talvez até ansiando por isto.

Os mimos que deixava para trás após cada visita já tinha feito maravilhas. Agora, ao invés de rosnar quando se aproximavam, eles sacudiam o rabo e saltavam ao redor com excitação.

Tão preciosos. E eles passaram a ser sua raça favorita: resgate. Ok, ok, eles também eram uma mistura de outras raças. O par tinha pelo curto e eram grandes, cabeças quadradas, amplos peitos musculosos como pit bulls. Exceto, em termos do tamanho do corpo, eles eram tão grandes quanto Dogues Alemães adultos, aproximadamente cinquenta e cinco quilos, embora seus dentes (extra-afiados) lhe dissessem que estavam ambos em torno dos quatro meses de idade.

Eu gosto de grandes vira-latas e não posso mentir.

Biscuit tinha uma séria projeção da arcada dentária. Gravy, que era quase todo branco, tinha uma linha de pelo preto sobre seu lábio superior. O bigode mais adorável! Os dois adoravam lutar e dar mordidas, a versão canina de *faça isto doer, hã, hã, faça isso, bem, o que tem isso?*

Três vezes ela os prendeu com coleiras, e três vezes eles rasgaram o couro em tiras apenas alguns minutos depois. Eles odiavam a coleira e resistiam como touros de rodeio toda vez que tentava liderá-los.

Sempre que outro humano... ou imortal... se aproximava deles, o par sossegava e silenciava. Não com medo, o que era o que ela esperava, mas com curiosidade. Eles observavam o mundo ao redor deles com olhos inteligentes. Olhos que realmente mudavam de cor com suas emoções, de pretos para azuis e verdes, algo que ela nunca tinha visto em um cão antes.

Os cães ficavam agitados somente quando Baden se aproximava, e ela não estava certa do porquê.

Seu lema no passado: *se meus cães não gostam de você, vá para o inferno.*

Não que Biscuit e Gravy fossem dela. Mas sabia do fundo do seu coração que Baden não era de todo ruim. Não poderia ser. Ele cuidou dela por dias... semanas. Ele deu banho nela, *não pense nisso*, alimentou, deu abrigo e um armário cheio de roupas. Mais que isto, ele a confortou durante o pior de seu desespero. Realmente, ele *ainda* a confortava.

Sempre que ondas de pesar a revisitavam, deixando-a encolhida na cama, sentindo como se estivesse se afogando, ele a aconchegava mais perto e acariciava até que se sentisse normal novamente.

Eu ainda sei o que é normal?

Ele ia e vinha sempre que lhe agradasse. E até mesmo quando *não* o agradava; ele desapareceria com o cenho franzido, as faixas em seus braços brilhando vermelho incandescente. Às vezes retornava na mesma condição que partiu. Às vezes retornava coberto de sangue. *Toda vez*, aparecia para ela primeiro, onde quer que ela estivesse.

Na primeira vez, ela se ofereceu para lavá-lo do modo como ele uma vez a lavou. Ele aceitou de forma relutante, como se esperasse que ela fosse atacar enquanto estivesse de costas. Na segunda vez, e todas as vezes depois disso, ele lhe entregou um pano antes dela poder pronunciar uma única palavra.

Algumas vezes, ele retornava e andava pra lá e pra cá, resmungando consigo mesmo.

Sou um cavalheiro. A vida é preciosa... a menos que a vida pertença a meu inimigo. Todo mundo é meu inimigo. Não, não, eu tenho amigos.

Conversas estimulantes, ela logo percebeu. Conversas estimulantes que achava adorável. Ele não queria machucar as pessoas, mas uma fera literalmente vivia dentro dele, e aquela fera almejava derramar sangue. O que fazia sua oferta impulsiva, bastante tola, de dar qualquer coisa que ele quisesse. Mas não conseguia se arrepender de entrar numa briga com ele. Ele vinha consumido pela raiva e ela ansiava desesperadamente aliviá-lo.

Mas, na verdade, podia apenas cantar uma canção para aliviá-lo. Sempre que cantarolava, ele se jogava na cama e vagava em um sono pacífico.

Seu cão de ferro-velho estava definitivamente adestrado.

Probabilidade de Ser Mordida?

Hoje? Bastante alta. Ele já estava andando de um lado pro outro. Ela observou quando ele irrompeu através do canil que ela construiu no quintal. Biscuit e Gravy o observando também. Sem rosnar. Ah, que doce progresso.

Ele estava tenso, suas mãos cerradas em punhos. Apesar dele ser forte, sua mordida podendo ser bem pior do que de qualquer cão, com verdadeiro potencial para machucar ou pior, matá-la, mas se ela tivesse sucesso, *quando* conseguisse, estaria ajudando mais do que a Baden. Estaria ajudando os amigos dele. Estaria ajudando as mulheres com quem ele tivesse encontros no futuro.

Um fragmento de ciúme a arrasou, o que a alarmou. *Não faço nada mais do que sonhar em beijá-lo*. Ciúme era ridículo.

— Com todo seu rascar por aí ultimamente — ela disse, iniciando uma conversa em um esforço para distrair a ambos — você topou com meu irmão?

— Não — uma palavra. Nada mais, nada menos.

Ele tinha voltado a ser o Baden com quem se encontrou a primeira vez? Não era mais o guerreiro tão profundamente preocupado com o bem-estar dela?

— Com Alek fora de cena, eu rezo para Dominik ficar limpo.

Desta vez, o silêncio a saudou.

Determinada a envolvê-lo, ela tentou um novo tópico.

— Você sabe que Biscuit e Gravy são os mesmos cães que encontramos em Nova Iorque?

Baden franziu o cenho, mas continuou a andar de um lado pro outro em silêncio.

— Alguém deve tê-los trazido para Budapeste, mas não consigo compreender quem ou por quê.

Então ele murmurou.

— Eu saberia se alguém tivesse me seguido.

Ela esperou que dissesse mais. Mas não disse.

Maldito seja, o que o deixou tão frenético?

Depois que colocou as tigelas do jantar na frente dos cães, ela se aproximou dele. Quando falhou em notá-la, ela entrou no seu caminho. Ele ficou tenso, seu bonito olhar acobreado estreitando sobre ela.

Ela não tinha medo dele. Não mais.

Ele deu um passo para o lado, pretendendo rodeá-la. Ah, não. Ela plantou as mãos em seus ombros, mantendo-o no lugar.

— Quero saber o que há de errado com você — ela disse — Fale comigo.

Ele estalou os dentes para ela em um show de domínio.

— Se você pensa que quer saber dos meus problemas, está errada.

Com um tom seco, ela disse:

— Estou tão contente que você conheça minha mente melhor do que eu.

— Muito bem. Preciso de sexo — ele lançou as palavras nela como se fossem armas. — Muito.

Uau. *Ponto cego!*

Com o coração batendo forte, ela afastou as mãos para longe dele.

— Sexo... comigo?

— Simmm — um sibilar. — Só com você.

Só. Incrível como uma palavrinha podia enviar prazer subindo rapidamente por ela, aquecendo-a.

— Você me disse para nunca tocá-lo — o que ela tinha acabado de fazer, percebeu. *Que pena.*

— Mudei de ideia — seu olhar caiu, demorando nos lábios dela.

Queimando-a...

— Mas você e eu... nós somos espécies diferentes.

Como se aquilo importasse para seu corpo. *Me dá!*

Ele deu um passo mais perto, invadindo seu espaço pessoal.

— Nós encaixaremos, prometo a você.

Tristo hrmenych! A qualidade rouca da voz dele, toda provocante e grave... ela estremeceu de desejo. *Deveria resistir ao charme dele.*

Mas... mas... por quê? Antes de se comprometer com Peter, ela teve alguns encontros, deu uns amassos dentro do cinemas, carros e em sofás. Gostava de beijar e tocar e “montar na fivela do cinto”, como as amigas dela chamavam. Então, depois de se comprometer com Peter, ela o presenteou com sua virgindade. A princípio ele não soube o que fazer com ela, tinha sido tão inexperiente, e ela saía de cada encontro desapontada. Quando finalmente juntou coragem para dizer o que queria, ele a satisfez muito bem.

Ela sentia falta de sexo. Mas conexão... intimidade... pensou que sentia *mais* falta daquilo.

Biscuit latiu para Gravy, sacudindo-a de seus pensamentos. Eles limparam suas tigelas e agora queriam brincar. Ela apertou a mão de Baden levando-o para fora do canil. Ele se afastou, cortando o contato.

Uma ação. Toneladas de dor.

— Eu tenho permissão de tocá-lo e você quer fazer sexo comigo, mas ainda tem nojo de mim — ela pisou do lado de fora do canil, assim como ele. — Bem, estou indo embora. E já vou tarde! Sua atitude de *faça o que eu digo ou vai ver* é irritante, a propósito.

Ele se lançou na frente dela, detendo-a. A respiração dela ficou presa na garganta quando a luz do sol fluiu acima dele, pagando absoluto tributo as feições cinzeladas dele, fazendo sua pele bronzeada brilhar.

Tão bonito. Muito bonito.

— Não sinto nojo de você. Você precisa de mim. Vim para aceitá-la — ele admitiu, olhando para ela. — Mas estar pele com pele com outra pessoa é doloroso pra mim. Nós vamos ter que prosseguir com um pano entre nós. E você vai ficar mais aborrecida ainda.

Outra ordem. Claro!

— Primeiro, não preciso de você. Segundo, doloroso pra você? Como pode *prosseguir* sem algum tipo de contato?

— O motivo pode ser psicológico ou físico. Ou ambos. Fiquei milhares de anos sem contato com outra pessoa — o olhar dele retornou para os lábios dela e a língua dele estalou, como se já pudesse saboreá-la. — O como... eu posso imaginar. Ficarei de roupa, mas você não. Usarei luvas e cobrirei meu comprimento com um preservativo. Eu a curvarei sobre minha cama, vou deixá-la molhada, encharcada, e afastarei suas pernas. Eu vou...

— Já chega. Eu... eu consigo imaginar — bem vividamente. E a imagem que ele pintou não era exatamente... desagradável.

Talvez ele tenha tomado seu silêncio como rejeição. Ele passou a mão no rosto e disse.

— Eu deveria ter escolhido outra pessoa.

O ciúme retornou com força total.

— Você deseja *apenas* a mim ou não? — Ela retrucou.

— Apenas você — suas pupilas expandiram, derramando preto sobre cobre. — Muito. Você é tudo o que eu penso, tudo que desejo.

O prazer subiu novamente e aqueceu, tornando-se uma pulsação lânguida dentro dela.

— Então permitirei que você me leve pra sair — ele não era a melhor escolha para ela ou para qualquer pessoa sã, realmente. Além disso, era parte de um mundo que ela conhecia muito pouco. Um mundo onde todos os mitos e lendas que já tinha ouvido tinha crescido de uma semente da verdade. Um mundo que não estava certa de que gostaria. Mas ele era gloriosamente gostoso, e a fazia sentir algo além da tristeza e condenação.

Era uma vez...

A história deles não tinha que durar muito. Ela poderia treiná-lo e apreciá-lo pelo que ele era... sensual, impertinente e excitante.

— Você *permitirá*? — Ele colocou as mãos, suas grandes e fortes mãos na cintura dela.

— Bem — o calor dele queimava através de suas roupas, deleitando-a. — Não se você estiver reclamando, *kretén*.

Os lábios dele arquearam nos cantos.

— Nenhuma reclamação minha, então. Apenas apreciação.

Ele se aproximou mais, tão perto que o peito dela pressionou no dele, e pensou que poderia estar se reconectando com a garota indisciplinada que foi uma vez. A garota que amava rir.

Uma tontura a deixou *atordoad*a.

— Que garoto bonzinho.

— Um impertinente. Quando sorri, você me faz... — Ele enrijeceu, seus olhos chamejando com faíscas vermelhas.

Era a fera emergindo?

Mantenha as interações breves e suaves. Sempre o deixe querendo mais.

— Certo — ela disse, como se não tivesse notado a reação negativa dele. — Me dê uma hora pra me preparar... para nosso prazer mútuo. — Ela soltou-se de seu aperto, engoliu um gemido quando o calor que ele tinha transmitido esfriou rapidamente, e foi embora, dando um balanço extra com os quadris. — Vou me certificar que valha a pena me esperar.

O som do gemido rasgado dele a seguiu pela fortaleza, e pela primeira vez desde muito tempo, ela riu.

Isto ia ser divertido.

Baden riscou até Aleksander, que estava ainda trancado na cela de 2,5m por 2,5m, feita de concreto e aço. Não havia nenhuma porta. A única maneira de entrar era riscando.

O macho estava amontoado no canto, coberto de lama e sangue seco. Seu cabelo arrepiado com pontas escuras, seus olhos injetados de sangue e estreitados em Baden, seu braço ferido apertado no peito.

Baden franziu o cenho. Os ossos do pulso dele pareciam como se tivessem crescido dois centímetros desde ontem, o que era impossível. Humanos não podiam regenerar como os imortais.

— Nunca vou te dizer onde escondi a moeda — o homem resmungou. Pelo menos tinha parado de mentir sobre ser incapaz de encontrar a moeda.

— Está tudo bem. Um de meus amigos é um gênio no computador. Ele está invadindo suas contas bancárias e transferindo os fundos para os nossos. Pela manhã, aquela moeda será a única coisa que te resta. Oh, e ele também está encontrando o nome e a localização de cada garota *empregada* por você. Cada uma será libertada e seus guardas serão despedidos. Literalmente.

Aleksander empalideceu.

— A última vez que Pandora apareceu, ela me disse que você se engraçou com a minha esposa. Você realmente quer deixar Katarina destituída?

Baden revelou um sorriso tão glacial que gelou o quarto. Ele queria a mulher e a teria, mas o encontro deles não mudaria o futuro deles. Sexo... gozar... e um dia, adeus. Indiferença de sua parte? Não. Uma generosidade para com ela? Sim. Melhor ele transar e fugir, do que permitir que a fera um dia decida que ela era uma ameaça da qual eles não poderiam se dar ao luxo de deixar viva, o que certamente poderia acontecer.

Quando ela tinha ficado na frente dele, o sol acariciando o tom escuro de sua pele, um poço de ternura tinha borbulhado dentro dele. Odiou isto tanto quanto amou. Ele tinha que permanecer afiado, focado em ganhar seu jogo. Tinha que sobreviver à guerra entre os reis e ajudar seus amigos a encontrar a Caixa de Pandora. E tinha que fazer tudo isso enquanto controlava a fera.

Katarina podia ajudar com este último, sem dúvida nenhuma, mas a que custo para ela?

— Não a deixarei desamparada — ele disse. — Quando a hora chegar, darei sua fortuna para ela. Ela merece.

Aleksander lançou obscenidades nele.

— Ela é minha, semente do demônio. Minha!

Baden lutou... com algo escuro.

— Não sou mais um demônio e nunca fui semente de ninguém. Sou pior. E você não pode fazer nada para me impedir.

Longe de se intimidar, Aleksander lançou nele.

— Um dia você vai se arrepender de como lidou comigo.

Uma ameaça inegável. Agora ele morre.

Sim. Sim. O sangue que eles iriam saborear... os gritos que ouviriam...

Vibrando em antecipação, Baden fechou a distância. Aleksander se encolheu, o bastardo estava intimidado agora, não é? Tarde demais. Baden agarrou seu braço ileso e espalmou um punhal, pretendendo cortar a mão que restava.

Aleksander tentou afastá-lo. Seu pulso *estava* mais longo, Baden percebeu, com três metacarpos já espreitando através da pele como pequenos ramos brancos.

Havia apenas uma maneira de tal fenômeno ser possível. Ele não era humano.

Hades possuía a habilidade de imortalizar certos humanos, mas assim o fazia vários artefatos diferentes. A moeda... Baden ainda não tinha aprendido muito sobre isto, os detalhes esparsos. Usar a moeda, supostamente, forçaria Hades a realizar um benefício. Mas quais eram os limites? As consequências?

— Tome minha outra mão se quiser — Aleksander o encarou. — Você nunca tomará minha esposa.

— Eu já tomei — *algo obscuro* ficou quente... muito quente... até que isto queimou o peito de Baden, um atizador pressionando fundo. — E se você disser mais uma palavra sobre ela, eu vou te ensinar como fazer purê de pau na mesa da cela — uma ameaça que ouviu Paris fazer em mais de uma ocasião.

O cheiro afiado de medo saturou o ar. Delicioso.

— Pandora — Aleksander gritou. — Pandora!

— Ela prometeu ajudá-lo, eu sei — havia várias câmeras escondidas ao longo do espaço e Torin capturou cada rascar dela na sala.

Ele mandava uma mensagem para Baden todas às vezes, e Baden se juntava a ele na parede de monitores, esperando que ela tentasse livrar o humano de suas correntes, correntes que eram presas na parede com laços místicos. Elas podiam ser abertas apenas de duas maneiras: com uma chave feita especificamente para a fechadura ou a chave mestra, capaz de abrir *qualquer* fechadura. Uma chave que Torin carregava em seu espírito.

No momento que Pandora tocasse um dos vínculos, ela se ligaria às correntes, incapaz de rascar para longe. Mas ela era esperta e evitou todos os pontos de contato.

— Pandora! — Aleksander gritou novamente.

Um movimento à direita dele. Baden virou ao mesmo tempo em que saltou para trás, mal escapando do balanço da espada de Pandora.

Eles se enfrentaram, encarando um ao outro.

— Tentando me matar? — Baden estava vestido e pronto para a guerra. Duas pistolas em coldres esperavam em sua cintura. Sua calça camuflada tinha vários bolsos, cada um cheio com algo mortal: adagas, cartuchos extras, canivetes, um jogo de estrelas e até mesmo um frasco de veneno. — Tsc-tsc. Hades ficará descontente.

— Talvez eu queira apenas *barbeá-lo*. Você está parecendo um pouco barbudo.

Bem, então. Talvez ele a barbeasse também. Puxou um canivete de prata letal, refletindo uma única luz difusa do teto.

— Este homem me pertence — ela apontou para Aleksander, como se Baden precisasse de esclarecimentos. — Ele é meu ponto.

— Você o quer? Leve-o — sorriu para ela. — Não vou erguer um dedo para detê-la.

Ela apontou para a lâmina dele.

— Você só vai erguer uma arma, suponho.

Ele estendeu os braços em uma exibição de inocência.

— Não vou. Você tem minha palavra.

Ela o conhecia, sabia que a palavra dele era tão boa quanto ouro. Também sabia que sempre planejava adiante.

— Liberte-o — ela disse — ou pegarei uma página do seu livro e roubarei qualquer outra coisa de você. Algo novo todos os dias.

— Você pode tentar.

— Muito bem. Lembre-se, você escolheu este caminho — ela sorriu e desapareceu.

Aleksander sorriu também, sentindo-se confiante agora que achou que tinha uma aliada.

Baden sorriu.

— Tente não gritar. Na verdade, grite o quanto quiser. Eu apreciarei isto.

Baden riscou para o lado de fora do quarto de Torin. Ele não aprendeu a aparecer diretamente do lado de dentro de qualquer quarto, além do seu. Quase sempre um casal estava ali dentro fazendo sexo. Até na sala de estar. Ninguém tinha limites mais.

Ele bateu, sua força bestial rachando mais uma porta.

— Se não for uma questão de vida ou morte — Torin gritou — vá embora.

Seu amigo provavelmente lamentaria a qualificação.

— É.

Um grunhido de irritação, um farfalhar de roupas e um tamborilar de passos. Keeley abriu a porta, sua blusa estava de trás pra frente e sua saia enfiada na calcinha.

Oh, sim. Torin lamentaria.

Destruição a amaldiçoou.

Ela olhou Baden de cima a baixo, dizendo:

— Você nunca pareceu melhor, mas eu nunca o odiei mais — ela esbarrou nele, empurrando-o de seu caminho quando passou por ele, murmurando: — Seu empata foda, você não vai gostar do troco.

A ferta tentou assumir o comando de seu corpo para atacar a companheira de Torin, mas Baden ouviu a risada de Katarina no corredor e manteve um controle rígido. O que ou quem a divertia?

Concentre-se!

Certo. Ele invadiu o quarto enquanto Torin abotoava as calças, dispensando uma camisa e se estatelou em uma cadeira em frente ao seu “centro de comando”.

— Você precisa reforçar a segurança — Baden disse a ele. — Pandora ameaçou me roubar. Algo novo todos os dias.

— A segurança já está apertada o suficiente para espremer uma cereja. E você obviamente não ouviu quão ocupada Pandora tem estado. Kaia e Gwen estavam na cidade quando ela atacou. Uma tentativa de ferir Strider e Sabin, estou certo, mas ela teve seu rabo chutado e retrocedeu — Torin digitava enquanto falava. — A propósito, Galen veio mais cedo e me pediu para conversar com você sobre seu velho camarada Desconfiança...

— O demônio nunca foi meu camarada. E não quero conversar sobre ele. Preciso me desculpar com Kaia e Gwen, por Strider e Sabin.

— Por quê? Strider e Sabin ajudaram a roubar a caixa. Eles ganharam a raiva de Pandora do mesmo modo que você.

Ainda assim.

— *De qualquer maneira*, Desconfiança possuiu uma mulher chamada... — Torin coçou a cabeça. — Esqueci, embora Galen tenha *acabado* de me lembrar. Quem quer que seja, ela pode usar seu...

— Não — ele já tinha o suficiente no seu prato. — Você conseguiu alguma coisa sobre a moeda?

— Pra falar a verdade, não. As únicas pessoas que sabem alguma coisa pertencem a Lúcifer. Como você pode imaginar, prefiro cagar um tijolo do que confiar nos associados dele.

Em uma das telas, Baden pegou um vislumbre de Katarina. Ela estava do lado de fora do quarto de Ashlyn e Maddox, com Anya a seu lado. As duas conversavam facilmente, as mãos de

Katarina gesticulando enquanto falava. Uma característica adorável. Uma que ela não tinha mostrado antes.

Adorável... e sensual como o diabo.

A fera rosnou, mas não emitiu nenhum comando para matar. Apenas para... proteger?

As duas fêmeas passeavam pelo corredor e se separaram na porta de Baden, Katarina desaparecendo do lado de dentro. Logo ele se juntaria a ela para seu encontro.

Cada músculo de seu corpo vibrou com um desejo súbito. *Minha... por esta noite.* Talvez amanhã também.

Uma vez. Só uma vez, Destruição disse. *Talvez.*

Baden podia *sentir* o desejo da fera por ela. Ele a queria com um fervor que não entendia, mas não queria se sentir enfraquecido, e o duplo desejo o colocou no meio de um desesperado cabo de guerra. Lute Baden, ou renda-se.

O que quer que decidisse, Baden já tinha resolvido em sua mente. Ele a teria. Ouviria a voz dela rouca de paixão... ouviria seu nome sussurrado, em seguida gritado. Sentiria suas paredes internas apertarem ao redor de seu eixo quando arremessasse dentro dela por trás.

Ela é minha. O grito de Aleksander ecoou dentro de sua mente.

As mãos de Baden se fecharam em punhos, as pontas afiadas de suas garras cortando a pele. O casamento era uma farsa. Isto não deveria aborrecê-la em qualquer nível. Mas de repente o aborrecia em todos os níveis.

— Uau — Torin lançou uma bota nele. — Leve esta coisa pra longe de mim.

Aquela coisa, sua ereção. Simplesmente por que epensou em ter Katarina finalmente. O poder que ela exercia sobre ele agora...

Passando uma mão trêmula pelos cabelos, ele se afastou de seu amigo.

— Vou usar seu chuveiro — ele não esperou por uma resposta, mas trancou-se no banheiro para remover o suor e a sujeira que Aleksander tinha deixado para trás. Também cuidou de seu problema.

Quando terminou, colocou roupas limpas que pegou no armário de Torin. Embora elas estivessem um pouco apertadas.

— Onde vai levar sua garota para o primeiro encontro? — O guerreiro perguntou. Ele ouviu tudo.

— Aqui — não havia razão para arriscar ter um flashback da vida de Hades em um lugar público, deixando-o, e portanto a Katarina, vulnerável. Havia até menos razão para colocar vítimas potenciais no caminho de Destruição. E se Hades o chamasse? Katarina seria deixada sozinha.

A garota era uma típica donzela em perigo.

Torin parou de digitar tempo suficiente para lhe dar *o olhar*.

— Eu mencionei que você é um merda? Fêmeas gostam de serem cortejadas e você, meu amigo, claramente não é nada romântico.

Enquanto Destruição lançava um agitado, *“eu posso ser romântico!”*, Baden murmurou.

— Preciso ir — correu pra fora do quarto.

Tinha meia hora antes do encontro começar. Ele retornaria a Dowfall. Será que ainda seria capaz de riscar até lá sem Taliyah? Se não, bem, ele encontraria uma maneira. Sempre

havia uma brecha. Enquanto isto, ele arranjaria milhares de lutas com os imortais e esgotaria a fera.

Então... Katarina seria sua.



DOZE

“Quando uma garota diz ‘Vá lá, divirta-se’. Não vá lá, e não se divirta. Aborte a missão.”

— Scarlet, a guardiã de Pesadelos.

ACHO MESMO que consigo adestrar uma fera tão maléfica cujo nome é Destruição?

Devo ter enlouquecido. É a única explicação.

Quando uma forte batida ecoou pelo quarto, Katarina alisou o tecido suave do vestido que a bela Anya tinha lhe emprestado — vulgo *signal verde* — e se lembrou dos sábios conselhos da deusa.

Você precisa falar menos e transar mais. Não tenha medo de usar o sexo como punição. E não fique jogando na cara dele todas as merdas que ele fez. Sério. Não esconda nada, mas procure guardar todos os seus segredos. Nunca minta. Se quiser se divertir um pouco, ameace ir embora, então — surpresa — não vá embora. Oh, e o mais importante, se ele estragar tudo, jamais o deixe se esquecer disto.

Será que a mulher se dava conta do poço de contradições que era?

Outra batida fez o coração de Katarina dar uma série de saltos. Não havia motivo pra ficar nervosa. Se o encontro não desse certo, tudo bem, não seria o fim do mundo. Não teria maiores consequências.

De queixo erguido, ela abriu a porta. Baden se inclinava contra o batente, e oh, uau, um olhar para ele deixou-a cheia de desejo, sentiu suas veias borbulharem como se cheias de champanhe.

Ele vai ser meu.

Ele tinha penteado o cabelo ruivo para trás e vestido o corpo forte e musculoso em uma camiseta preta e calça de motoqueiro de couro.

Doce... Perfeição... Carnal.

Ele tinha um punhado de cortes nas sobrancelhas e maxilar, e o nó de seus dedos estavam feridos, mas os ferimentos só acrescentavam algo mais ao seu apelo de bad boy.

Queria tudo o que ele tivesse pra dar. Seu beijo, toque, o corpo deslizando contra o dela.

O desejo arrebatador... Deixou-a deprimida. Estava seguindo adiante com sua vida enquanto seus cachorros apodreciam nas sepulturas.

Uma onda de dor... Uma dor vazia.

Baden sentiu a mudança nela e puxou-a contra ele, sua força inflexível a envolveu.

— Tudo bem, Rina. Estou aqui.

Ela aceitou o conforto que ele oferecia com tanta facilidade, e a dor eventualmente sumiu.

Ótimo! Minha “fraqueza” está à mostra. Ela recuou, embaraçada, e umedeceu os lábios. *Vamos botar esse encontro nos trilhos.*

— Vou ser completamente honesta com você. Sei que estou maravilhosa. Mas já estou querendo dar uma de *127 Horas*² com meus pés. Estes saltos parecem montanhas!

Ele rosnou uma risada, o som saiu tão áspero que era evidente que ele não ria com frequência.

— Você não devia estar elogiando *a mim*?

— De jeito nenhum. Primeiro as damas.

2 *127 Horas* (no original, *127 Hours*), é um filme americano-britânico de 2010, um drama biográfico de aventura coescrito, produzido e realizado por Danny Boyle. O filme é protagonizado por James Franco, que interpreta o alpinista Aron Ralston, que ficou preso por uma pedra em Robbers Roost, Utah, em abril de 2003. O filme tem uma forte cena de amputação que causou reações extremas de plateias mundo afora.

O olhar dele vagou sobre ela com lentidão, aquecendo, e suas pálpebras foram ficando pesadas.

— Vou ser completamente honesto com você. Não mereço elogios. Sou indigno de sua extraordinária beleza.

Que elogio! A dor retornou, mas esta era diferente, quente e gloriosa... latejante. Peter costumava elogiá-la com frequência, mas ela não tinha dado muito valor a todos os “olhar pra você é a razão pela qual existo”. Jamais faria isto de novo.

— Obrigada — *não vou me jogar nos braços dele antes do jantar*. Bem, não de novo. — E, Baden... você merece *milhares* de elogios. Está um banquete para meus olhos e nenhum homem poderia se comparar.

Por que ele não era um homem, lembrou a si mesma. Ele era imortal, vida e morte significavam coisas diferentes para eles. Mas tudo bem. Não estavam tentando forjar um vínculo eterno ali. Seriam somente temporários.

Àquela altura de sua existência mortal, um pouco de diversão era só o que queria, só o que precisava.

A diversão dele sumiu rápida e certamente.

— Qual o problema? — perguntou ela, incerta do que tinha ido mal.

— Você me acha bonito.

E isso era um problema?

— Sim, acho.

— A beleza só está no exterior.

— Isto não é verdade. Vejo beleza dentro de você também.

Ele examinou o rosto dela, como se não conseguisse acreditar no que ouvia, mas também não tivesse como refutar. Com um suspiro, estendeu uma mão coberta por luva. Ela ansiava pelo contato pele com pele mais do que água ou vinho pra beber, mas manteve a decepção escondida e entrelaçou os dedos nos dele.

O contato lhe era doloroso, ele já tinha dito, e ela não sabia se o problema era psicológico ou físico. Mas achava que era físico. Às vezes, quando um cão passava parte da vida acorrentado do lado de fora com pouco contato humano — *veja Katarina se transformar numa mãe-ursa* — sua pele se tornava hipersensível.

Se ela estivesse certa, Baden *precisava* de contato. Era a única forma de quebrar aquele excesso de sensibilidade. Mas não podia forçar demais, nem ir rápido demais. Tinham de dar um passo de cada vez.

Quando ele a guiou para o saguão do andar inferior, ela disse.

— O que os imortais fazem em encontros?

— Eu não sei, mas este imortal aqui vai levar sua humana favorita para um jantar à luz de velas — com um empurrãozinho, ele a pressionou contra a parede, devorando o espaço pessoal dela, a respiração quente soprando sobre sua sobrancelha. — A menos que queira fazer outra coisa? — Os olhos acobreados dele a devoraram... desafiavam...

Uma nova onda de arrepio teve efeito avalanche, ficando mais forte e mais quente ao percorrerem seu corpo. O latejar entre suas pernas voltou amplificado, seus mamilos enrijeceram, pressionando seu sutiã, desesperados por contato. Por ele.

Apesar de seu desejo de puxá-lo para mais perto, pousou as palmas das mãos no peito dele para mantê-lo a certa distância.

— Acha mesmo que sou tão fácil?

— Se eu disser que espero que seja...?

— Eu ficaria impressionada pela sua honestidade... mas não vai me enrolar. Vamos comer.

Ele se inclinou para mais perto, traçou a língua sobre as comissuras dos lábios dela.

— E se eu quiser comer *você*?

Oh, doce paraíso.

— Não estou no cardápio — mais arrepios, acompanhados por formigamento. — Ainda.

— Que pena, *krásavica* — ele esfregou uma ereção bem impressionante entre as pernas dela. — É uma enorme pena.

Um ofego escapou dela.

— Acho que precisa melhorar seu eslovaco. *Krásavica* significa *garota glamourosa* — moda não era o forte dela. Nunca foi e nunca seria.

— Eu sei. Garotas glamourosas são adoráveis... Charmosas.

E-e-e lá se foi o prazer dela.

— Basicamente outra palavra para *inútil* — ele jamais a veria de outra forma, veria? — Eu tenho um nome. Prefiro que o use — ela o empurrou e ele franziu o cenho.

— Eu não quis ofendê-la. Em uma vida tão feia como a minha, beleza não é inútil. Ela é algo precioso.

A culpa tremulou no fundo do estômago dela. Talvez tivesse sido *um pouco* dura com ele pela escolha de palavras.

— Sinto muito por ser geniosa.

— Não sinta. Gosto do seu gênio — ele a guiou para descer alguns degraus em direção à cozinha onde tinha arranjado um jantar à luz de velas para dois. O cheiro de frutos do mar, manteiga e temperos enchia o ar, fazendo-a salivar.

— Você cozinhou isto? — Não, impossível, pensou assim que a pergunta saiu. Ela só tinha lhe dado uma hora. — Aposto que mandou uma das garotas a um restaurante aqui perto.

— Errou as duas. Pedi para Lucien... ele é o guardião da Morte...

— Eu sei. Eu o conheci. Até vesti a camiseta dele — ele parecia o mais equilibrado do bando. Amava regras, esforçava-se para encontrar uma solução pacífica quando os amigos brigavam e, o melhor, era sempre gentil com Anya, sua noiva; ele tinha ganhado o respeito de Katarina.

— Lucien pode riscar. O que você e eu fizemos aquele dia em que te levei para Aleksander, se mover de um local para outro com um simples pensamento. Ele encomendou por telefone e foi retirar — Baden afastou uma cadeira para ela — em Paris.

Impressionante. Ela sentou-se, perguntando:

— Por que você não foi buscar? Você também consegue riscar.

Ele sentou-se ao lado dela, as coxas dos dois se encostaram.

— Eu só posso ir até pessoas específicas. E aparentemente, para qualquer local que eu considere lar.

Pessoas como Aleksander. E... as vítimas de Baden?

Um dedo enluvado acariciou a linha de seu maxilar.

— Você se encolheu. Por quê?

— Suas intenções com Alek — ela disse, escolhendo ser honesta. *Não esconda nada.*

Uma veia pulsou no centro da têmpora de Baden.

— Se está planejando me pedir para libertá-lo, não peça. Ele não vai sair vivo da fortaleza.

Por um lado, eba! Nunca mais o louco e cruel Alek aterrorizaria o mundo. Por outro lado...

— Assassinato a sangue-frio não é solução aceitável para nenhuma situação. E não quero que o liberte — *não quero que cometa ações maléficas para acabar se afundando em um turbilhão ainda mais profundo.* — Eu quero anular o casamento... e que talvez você o mantenha trancado pelo resto de sua vida natural. Enquanto há vida, há esperança.

— Ele não é humano, o que significa que ele vai viver...

— O que? — Não é humano? Quando foi que *aquilo* aconteceu? — Ele é imortal?

Baden franziu o cenho.

— A fera está enfiando as garras na minha cabeça... Acho que Aleksander é somente meio imortal, então vai viver mais do que você, mas não para sempre. Agora — ele serviu uma taça de vinho tinto para ela — não quero falar a respeito dele.

Um gesto tão normal de um homem nada normal.

— Notícia de última hora: sua vontade não é mais importante do que a minha.

Ele olhou fundo nos olhos dela antes de aquiescer.

— Tem razão. Agora sou eu que sinto muito. Me perdoa?

Como ela podia negar quando ele não tinha negado a ela?

— Perdoado — disse com um sorrisinho.

Ela bebericou e gemeu ao sentir o vinho encorpado, ele removeu as tampas dos pratos de comida.

— Gosta de frutos do mar?

— Adoro — fingir ser uma dama... Só uma mordidinha por vez... Não era tão difícil quanto ela imaginou. Com a atenção de Baden fixa em si observando cada movimento, seu estômago revirou. O resto dela continuou a *doer*.

— Você parece incomodada — disse ele quase soando... presunçoso.

— Estou — *banque* um pouco a *difícil*.

Na verdade, pra que se importar? Já fazia muito tempo que não sentia nenhum tipo de prazer. Se uma noite com Baden conseguisse fazê-la esquecer dos últimos seis meses somente por um tempinho, então, bem, certamente iria querer um pouco de ação com ele *esta noite*.

— Como exatamente você conheceu Aleksander? — ele grunhiu o nome, como se arranhasse a língua.

Se Baden fosse um cão, estaria latindo para ela também. Talvez até avançasse para mordê-la. Seria considerado agressivo, mas como ela sabia, agressivo não era a mesma coisa que cruel. Um grunhido era só uma mensagem de alerta: emoções sombrias estavam crescendo.

Se aquilo se devesse ao medo, ela sabia como criar distância mesmo enquanto permanecia à vista. Mas aquele não era o caso. Baden não sabia o que era medo. Ele estava com raiva... dela? Ou das circunstâncias?

Para um homem que já tinha dito que o status dela de casada não significava nada, bem, aquilo seria uma grande coisa. Enorme.

— Achei que não quisesse falar dele — estudando a expressão dele, ela completou. — Digo, do meu marido.

Ele expôs os dentes em um esgar.

— Não queria. Agora quero.

E o que Baden queria, Baden conseguia.

Ela estendeu a mão e passou os dedos por um braço coberto de luva. A ação servia a um propósito duplo. Um, ajudava-o a se acostumar ao toque dela sem sentir dor e dois, lembrava a ele que ela estava aqui com ele e não com Alek, quem sabe assim, acalmando a pior parte de sua raiva.

Ele encarou a mão dela com confusão... e desejo?

Oh, sim, e isto quase a desmanchou. Ela continuou a acariciá-lo, dizendo:

— Ele me procurou por que queria comprar cães para fazer a guarda de sua casa. Ele, quero dizer, meu marido.

O esgar de Baden se aprofundou ainda mais.

Carinho, carinho.

— Então quando ele estava a meus pés, eu o seduzi por causa de seu dinheiro e poder — *não fique jogando na cara dele as merdas que ele fez. Ops.*

O olhar cor de cobre de Baden se estreitou nela.

— Quer que eu o mate *agora*?

— Não — *carinho, carinho, carinho.* — Eu só estou te lembrando de suas conclusões precipitadas a meu respeito.

Ele respirou fundo, os ombros caíram um pouco.

— Peço desculpas. Eu te conheço melhor agora e sei que só se casou para salvar seus bichos de estimação.

Quando outra onda de pesar quebrou sobre ela, puxou os braços bem junto ao seu corpo, cortando qualquer contato.

— Mas eu falhei.

Ele se inclinou para depositar um beijo gentil em seus lábios e sua bochecha esfregou na dela. Ele fez uma careta. Para decepção dela, ele recuou.

— Quando me recusei a vender um cão para Alek — disse ela — ele me chamou para jantar. Eu disse não e ele fez meu irmão se viciar em heroína, para que quando Alek lhe pedisse para envenenar Meia Noite, minha cadela mais antiga, Dominik obedecesse — o queixo dela tremeu, mas como de costume, não houve o ardor das lágrimas.

— Seu próprio irmão te traiu? — o garfo de Baden entortou.

Ela lutou contra uma crescente sensação de vazio. Onde estava Dominik agora?

— Num esforço para salvar meus outros três cães, arranjei novos lares para eles. Alek conseguiu descobrir onde estavam, de novo com ajuda do meu irmão, e os roubou, mantendo-os escondidos. Ele me mostrou fotos, disse que eu poderia tê-los de volta depois do casamento. Eu... — doía demais e não podia fazer isto. — Vamos mudar de assunto, está bem?

Ele depositou o garfo arruinado em cima da mesa e se mexeu, esbarrando o joelho no dela.

— Por que você nunca chora?

Ele não foi o primeiro a notar, mas era o primeiro a perguntar.

— Eu chorei quando minha mãe adoeceu. Depois que ela morreu, eu só... Não consegui mais. Era como se eu estivesse drenada, acho.

— Ela sofreu muito?

— Demais.

— Então você ficou aliviada pelo sofrimento dela ter finalmente chegado ao fim. E então sentiu culpa por sentir este alívio.

— Sim — uma observação muito perspicaz vinda de um autoproclamado bruto. — Como sabe?

A culpa que via de vez em quando, fez a expressão dele ficar tensa.

— Quando fui decapitado, não fui pego de surpresa. Podia ter me defendido. Podia ter lutado, mas não lutei. Permaneci imóvel. Eu... praticamente... cometi suicídio na esperança de salvar meus amigos de Desconfiança.

A julgar pelas conversas que tinha ouvido na fortaleza, sabia que aqueles amigos suspeitavam que ele quisesse morrer, embora jamais tivesse confirmado ou negado aquele fato. E ainda assim, aqui e agora, ele confiava que Katarina mantivesse seu segredo e não o usasse contra ele.

O coração dela inchou.

— Quem sabe não tenha feito por si mesmo também? Para finalmente encontrar a paz — seria aquela a fonte da culpa dele?

Ele assentiu de forma tensa.

Eureca! Pudera ele odiar fraqueza. Sua maior perda e arrependimento tinha surgido no momento em que ele desistiu de lutar.

— Você é um homem diferente — disse ela. — O que fez, jamais faria de novo. Amadureceu e aprendeu com seus erros — e agora, ambos mereciam uma folga de seus passados.

Ela agarrou a gola da camisa dele e se inclinou mais para perto, como se planejasse oferecer-lhe um carinho... um beijo. Quando ele ficou tenso, preparando-se para a pressão de seus lábios, ela o soltou e se afastou.

A decepção inundou a expressão dele e ela quase riu. De repente, sentia-se alegre, até mesmo... maldosa?

— Estou tentando decidir... — disse ela. Oh, sim. Maquiavélica.

— Entre? — a palavra foi rangida.

A voz dela baixou para um ronronar rouco.

— Entre pegar o que eu quero e fazer você correr atrás.

Ele olhou para ela como se tivesse acabado de cair do céu. Sua grande mão pousou no quadril dela, e com um único puxão, trouxe-a para seu colo, não lhe deixando escolha além de montar em suas coxas.

— Vou correr atrás — disse ele e mordiscou seu queixo.

Calcinha? Imediatamente molhada.

— Talvez eu te recompense pela iniciativa — ela o apalpou entre as pernas. E oh, céus, ele estava duro. Maior do que ela imaginava. Mais grosso também. Mais longo e mais duro. — Talvez não — disse ela, removendo a mão. — Está sentindo dor?

— Sim, mas não me importo.

Não queria que ele sentisse dor. Mas também não queria interromper aquela provocação.

— Será que mereço uma outra recompensa?

— Merece. Qualquer coisa que eu quiser — ele a deslizou pelas coxas, até estar montada em seus joelhos. Então a puxou de volta, esfregando o núcleo dela contra ele.

Ela estremeceu, mal conseguindo dizer sofregamente.

— O que você quer?

— Quero que goze em mim.

Que fofo.

— Isto pode ser providenciado... — arqueou os quadris, uma vez, duas vezes, agarrando-se a ele. Gemendo, ela agarrou-se aos ombros dele para se equilibrar e aproveitar a diversão.

Ele agarrou seus quadris e a forçou a diminuir o ritmo, agonizando-a e... e... quase!

Sua mente enevoou com a intensidade do prazer.

— Isto é tão *bom*! Não pare. Por favor, Baden, continue.

Ele não parou. Quando ela plantou os pés no chão e pressionou com força para baixo o mais forte que conseguiu, ele prendeu a respiração.

— Gosto disto — sussurrou ela — Talvez eu fique com você.

Ele ficou tenso, então imóvel.

— Você sabe que isto não vai dar em nada — cada palavra saía mais entrecortada do que a anterior, o aperto dele sobre ela cerrando-se ainda mais, quase deixando marcas. — Não é?

— É claro. Eu quis dizer ficar com você por um tempinho — a necessidade dele de explicar aquilo era meio insultante e ela viu-se completando. — Você sabe que só estou te usando como distração para meus problemas, não é?

O aperto dele cerrou ainda mais, definitivamente deixando marcas. O que? Ele não apreciava sua honestidade? Ele queria ser o único a considerar o relacionamento deles somente temporário?

Homens!

— Somos diferentes demais — disse ela, tão desesperada pra se mexer que seguiu a declaração com um gemido. — Agora chega...

— Por que sou imortal?

— E por que é um assassino — ela mordiscou seu lábio inferior, sentindo o fogo esfriar dentro de si. Acariciando os braços dele de novo, ela disse: — O que a fera quer neste exato segundo?

— Tregar e lutar, nesta ordem.

Palavras duras, tom ainda mais duro. Ele estava tentando assustá-la? Ou prepará-la?

— Lutar... comigo?

— Não, você não.

Bom.

— Você não vai me machucar — ela disse a ele.

— *Eu* não — concordou ele. — Jamais.

Mas a fera pode ser que o faça, sem querer? *Carinho, carinho, carinho.*

— Talvez a gente só precise distraí-lo. Ou talvez ele só precise me conhecer melhor antes de trepar comigo. Assim, ele só vai querer me abraçar.

Baden subitamente irradiou pura agressividade. Gostava de uma garota boca suja, né?

— O que quer tentar primeiro? — epousou a boca na orelha dele e soprou gentilmente.
— Distração? Ou me conhecer melhor?

— Vamos trepar — ele quase gritou, e ela teve quase certeza de ter ouvido duas vozes distintas.

Seus músculos se contraíram de ansiedade. Ela na verdade *gostava* da força dele... deles?

Correu os dedos pelos sedosos fios dos cabelos dele antes de segurar as mãos enluvadas e colocá-las sobre os próprios seios.

— Tudo bem, mas só se você disser três coisas que realmente gosta em mim.

As pupilas dele faiscaram.

— Você é bonita. Acho que já disse isto.

— Sim, mas milhares... milhões... de outras mulheres são ainda mais bonitas.

— Ninguém é mais bonita que você — ele encarou seus mamilos enrijecidos conforme apertava seus seios. — Você tem a capacidade singular de me fazer rir.

Melhor. Ganhou muitos pontos com aquela.

— O que mais?

Lá fora, um dos cães latiu, então o outro. Latidos nervosos, estilo *alguém-está-prestes-a-leva-uma-mordida*. Katarina ficou tensa, os braços penderam nas laterais do corpo.

— Tenho outra coisa pra te dizer — Baden agarrou seus pulsos e passou os dedos pelos cabelos antes de agarrar os seios dela de novo.

Não vou me apegar aos cães, lembra? Vou manter distância e preservar...

Outro latido.

— Diga depois — pulou sobre pernas bambas, dando um fim ao jogo sensual. — Tem algo errado com os cachorros — ela correu para a esquerda... argh! A porta levava a um depósito. Ela ainda tinha de aprender a disposição dos cômodos daquela casa.

— Katarina...

— Pandora esta aqui — uma voz disse pelo sistema de som. Uma voz que ela reconheceu. Pertencia ao guerreiro de cabelos brancos, chamado Torin.

Pandora...

— Sua amiga-inimiga? — perguntou ela.

— Basicamente só inimiga agora. Fique aqui — Baden se levantou, e com as mãos na cintura dela, colocou-a em cima da mesa. Então se afastou.

Ficar ali? Faça-me o favor. Katarina o seguiu de perto como uma sombra.

— Volte — ele rosnou, correndo pelos corredores.

— Sem chance. E só pra você saber, se esta coisa de encontro for mesmo funcionar entre nós, você *precisa* parar de ficar me dando ordens.

Ele abriu a porta externa. Por pura teimosia ela continuou nos calcanhares dele, determinadamente.

Luz do sol, calor de verão. O gorjeio de grilos e zumbido dos gafanhotos. O aroma de pinheiros. Os detalhes a atingiram, pintando uma cena que devia tê-la deliciado. Mas o canil ficava mais a frente e a vadia morena do hotel — Senhorita Cara de Bunda — apertava Gravy nos braços. O grande filhote lutava pra se libertar enquanto Biscuit, ainda no canil, joga-se nas grades num esforço de alcançar o irmão.

Pandora sorriu quando Baden rugiu o seu nome.

— Fique onde está — disse ela, apertando uma faca contra a garganta do cão.

Katarina congelou, inundada de horror. *Estou indefesa. De novo. Deveria permanecer sentada e não fazer nada enquanto um inocente animal é ameaçado.*

— Não! Não vou te deixar fazer isto — ela começou a correr. — Solte Gravy!

Baden a agarrou pelos pulsos, evitando que ela avançasse. Embora lutasse para se libertar, continuou presa ao guerreiro que era forte demais para ser derrotado.

— Entregue Aleksander — disse Pandora — e eu entrego o cão.

— Troca injusta. Melhor você levar isto — as palavras eram pura maldade... e enquanto falava Baden lançou a adaga.

Um segundo depois, Pandora cambaleou para trás e deixou o cão cair de seus braços, devido à lâmina enterrada até o punho em seu olho.



TREZE

“Este é um excelente ponto. Agora, permita-me apresentar a minha réplica: vá se foder.”

— Reyes, guardião da Dor.

EM UM SEGUNDO, BADEN estava no controle de seu gênio, no outro, Destruição o controlava completamente. E ainda assim, de alguma forma seus pensamentos permaneceram os dele, como se ele e a fera estivessem dividindo a própria mente. Não eram mais seres separados, mas um único novo ser.

Um ser extremamente puto da vida.

Seu corpo cresceu... e cresceu... Sua pele se esticou sobre músculos aumentados e ossos alongados. Um rugido animalesco partiu de seus lábios quando sua visão afunilou e uma névoa vermelha destacou Pandora.

Ela o ameaçou. Ameaçou sua mulher e a seus cães. Pagaria com sangue. As regras que se fodessem.

As pontas de seus dedos queimavam, as unhas alongaram em garras. Ao se aproximar dela sacou a adaga. Um rio preto porejava do rosto dela. Ela estava de pé com pernas cambaleantes. Ele já a tinha visto em condições piores. Agora queria vê-la morta.

Presas se alongavam ultrapassando o lábio inferior dela. Ela correu na direção dele, e eles se encontraram no meio do caminho em um emaranhado de fúria. Enquanto esfaqueavam e mordiam um ao outro como animais selvagens, bateram no canil com tanta força que as paredes balançaram e caíram.

Com um rugido, ele a agarrou pelos cabelos e jogou em cima da churrasqueira ali perto. Ela quebrou a grelha de metal em duas partes, levantando nuvens ao seu redor. Ela lançou um dos maiores pedaços da grelha nele. Ele arrancou o pedaço de metal de seu peito enquanto ela atacava — empurrando-o contra o muro externo da fortaleza. Rochas racharam e a poeira subiu.

— Estou aqui — a voz gentil de Katarina cortou a névoa vermelha que toldava sua visão, e embora ela falasse com os filhotes, ele sentiu-se confortado por ela. — Não vou deixar nada acontecer a vocês.

Um pensamento errante: *gosto dos instintos maternos dela.*

Precisava se lembrar de dizer isto a ela, queria tanto retomar de onde tinham parado.

Pandora se concentrou nela com a adaga ensanguentada ainda na mão. Baden quase podia ouvir a criatura na mente dela: *mate a garota, ela é uma ameaça.*

Arfando agora, Baden parou de supetão. Katarina estava acorada na frente dos cães e se arrastando atabalhoadamente para trás, mantendo os dois atrás dela, usando o corpo como escudo para eles. Um ato corajoso.

Garota tola! Acabaria se machucando.

Ele riscou diante dela e esmurrou o maxilar de Pandora com um punho enorme.

Dois outros guerreiros chegaram na cena.

— O que quer que a gente faça? — Maddox perguntou. — Seu desejo é uma ordem.

Em uníssono, Baden e Pandora olharam para ele.

Demônio. Ameaça.

Amigo. Ele é meu amigo.

O pior tipo de perigo!

Com o corpo se movendo por conta própria, Baden se aproximou de Maddox com Pandora a seu lado.

O guerreiro franziu o cenho para ele.

— O que estão fazendo?

— Matando — disse Pandora.

— Boa ideia. Não se incomode se eu me juntar a vocês — Anya, a segunda intrusa, saltou chutando Baden com força suficiente para chocalhar seu cérebro dentro do crânio.

Deusa, anarquia, ameaça. Amiga!

Que maneira melhor de nos levar a uma armadilha?

Em seguida, ela foi pra cima de Pandora. As duas caíram no chão, Pandora tentava apunhalá-la enquanto rolavam.

— Ajude-os, Baden — Katarina, ainda usando aquele tom de voz gentil. — Sim? Não os machuque. Eles precisam de você.

Sua atenção se voltou para ela; os cães estavam grudados nas laterais dela e rosnavam em sua direção. Para afugentá-lo? *Ninguém vai me afastar dela!* Expôs os dentes para os animais.

— Maddox, uma ajudinha, por favor — Anya girou para Pandora, só para se ver bloqueada.

Pandora riu ao esmagar os punhos de Anya em um aperto.

Maddox lançou o corpo na frente da deusa, recebendo um golpe que era para ela. Seu maxilar entortou.

Mate! Destruição se concentrou em Maddox.

Não. Baden mergulhou, conseguindo mudar de rumo em pleno salto, mirando Pandora ao invés do amigo. Eles rolaram morro abaixo. Antes de pararem, ela afundou uma adaga na lateral do corpo dele. Soco, soco. Seu fígado recebeu a maior parte do abuso, e caso fosse humano, teria morrido de hemorragia. Com uma careta, ele segurou o pescoço dela com uma mão e com a outra o pulso, mantendo-a imóvel, enquanto cortava seu suprimento de ar.

Ela sequer precisa respirar?

A necessidade tinha lentamente voltado para ele. Talvez o mesmo ocorresse a ela. Aumentou a pressão que fazia com as mãos.

Ela se debateu contra ele, arranhando seus braços, esfolando pedaços de pele.

Bum!

O chão vibrou e um jorro de calor explodiu sobre ele. Teria caído se já não estivesse de joelhos.

— Bomba! — gritou Anya.

Obra de Pandora?

Maddox gritou os nomes de seus familiares ao sair em corrida desabalada com Anya bem junto aos seus calcanhares.

— Quantas bombas você armou? — Baden perguntou.

— Não... fui eu.

— Baden! — gritou Katarina. — Me ajude! — Ele ouviu dor. Estava ferida? — Por favor.

Ele quebrou o pescoço de Pandora antes de se levantar e subir o morro. Ela não estava morta, não estava nem mesmo inconsciente. Seu olhar estreitado o seguia mesmo que seu corpo não fosse capaz. Ele viu Katarina no chão, uma grande viga de madeira prendendo sua perna e o quadril de Biscuit. Ela e Gravy trabalhavam furiosamente para erguer a viga, mas não tinham força suficiente.

Bum!

Outra explosão de calor jogou Baden do outro lado do pátio. Ele se ergueu rapidamente, cruzando novamente a distância, arrancando a viga com um varrer de braços.

— Consegue andar? — vazava sangue de um ferimento oculto sob a saia dela quando a ajudou a se levantar.

Ela devia estar chorando.

Mas não chorava e isto quase acabou com ele. Nada devia ser negado a ela, nem mesmo lágrimas.

— Acho que sim — disse com a voz trêmula. Faixas de sujeira cobriam seu rosto. — O que está acontecendo?

— Lá em cima! — gritou Pandora.

Não fosse pelo guincho assustador que se ergueu dos céus, Baden teria ignorado o alerta dela. Seu olhar se ergueu rapidamente ao encontro de uma horrenda criatura alada que pairava sobre a fortaleza, com fumaça ao seu redor. Ela tinha pele vermelha, dois grossos chifres no alto da cabeça. Garras amarelas afiadas se projetavam das mãos e pés, e um chifre menor se projetava de cada um dos calcanhares. Ele usava uma sunga cor de pele. Seria feita de pele *humana*?

Com um riso maléfico, a criatura estendeu a mão. Uma bola de fogo se ergueu de sua palma, as chamas, uma mistura de preto e vermelho. Ele mirou Baden.

Só o que Baden conseguiu fazer foi agarrar Katarina e os cães, e riscar para a cela onde Aleksander continuava preso antes que os três fossem atingidos. O local permanecia imune à violência que ocorria lá em cima e o bastardo continuava preso à parede. Ele não conseguiria alcançar Katarina.

— Contanto que permaneça deste lado da cela, ele não vai te machucar — Baden disse para ela. Destruição se debateu dentro de seu crânio, furioso, pronto para voltar lá pra cima e matar. — Faça um curativo na coxa e fique aqui — não que ela pudesse sair de lá sem ele. — Não se aproxime do cara.

Bum!

As paredes tremeram e poeira encheu o ar.

— Não me deixe aqui, Baden. Eu...

Não havia tempo para discussões. Ele riscou para a fortaleza. Ou para o que havia restado dela. Entre os escombros, avistou vagamente uma mão de ossos finos com unhas pintadas de cor de rosa. Ignorando o desejo da fera de ir atrás do novo inimigo, ele se aproximou e escavou pelas pedras e entulhos. Cabelos *louro morango* finalmente apareceram e seu estômago gelou. Gwen — a companheira de Sabin. Os olhos dela estavam vidrados, o peito não se movia. Sujeira e sangue recobriam sua face.

Baden a libertou, perguntando-se se encontraria o guardião da Dúvida por perto morto. Ao pressionar dois dedos no pescoço de Gwen em busca de batimentos cardíacos — *esteja viva, por favor, esteja viva* — os braceletes em seus braços se aqueceram. Não! Não! Agora não. Mas ele não conseguiu impedir a convocação e desmaterializou... reaparecendo na sala do trono de Hades com Pandora a seu lado.

— Me mande de volta — ele ordenou, tentando riscar sem sucesso. — Nesse instante.

Hades estava de pé perto de uma grande mesa retangular, com quatro reis ao seu redor em uma demonstração de apoio.

Punho de Aço estava sem camisa, exibindo tatuagens semelhantes às de Hades. Estranhas e... vivas? Aqueles desenhos *se moviam*, deslizando sobre a pele. Ele tinha cabelos pretos longos e ondulados e uma barba cerrada sombreava seu maxilar.

O guerreiro com a pele em um leve tom azulado, olhos circundados por pintura preta — certamente não tinha nascido com tal coloração — e *piercings* que subiam pela extensão das sobrancelhas, riu.

— Sua marionete acha que está no comando. Que lindo — ele tinha um leve sotaque. O que não tinha? A essência de Hades.

Destruição rosnou de ódio.

Baden avançou para ele e deu um golpe, lançando a força de um exército em seu braço; ele podia sentir os braceletes tão quentes que criavam bolhas em sua pele. O macho mal cambaleou um passo e tocou o maxilar.

— Nada mal.

— Eu disse que ele era forte — Hades disse como um pai orgulhoso.

— Só não é muito inteligente — a nova voz veio por trás, o bafo quente soprando em seu pescoço um pouco antes de se sentir ser erguido sobre a cabeça de Punho de Aço — *deve ter riscado atrás de mim* — e ser jogado do outro lado da sala. — Talvez o golpe lhe traga algum juízo.

Ossos se espatifaram, a dor como uma explosão de sensações, mas não se importou. Ele se levantou e tentou se aproximar mancando. *Ameaça. Vamos matar.*

De novo Pandora estava ao seu lado. Ela ainda tinha só um olho bom, e estava fixo no macho responsável pelo voo involuntário de Baden.

— Eu tenho permissão para feri-lo — ela não estava exatamente firme sobre os pés, mas pelo menos tinham em vista um inimigo em comum — você não.

— Chega — Hades disse, parecendo enfasiado.

Baden e Pandora se imobilizaram, os membros incapazes de serem movidos.

— Me mande de volta — Baden repetiu, seu rancor ecoando pelas paredes.

— É assim que me agradece? Eu te trouxe aqui para avisá-lo que Lúcifer enviou um assassino para te destruir. Seu nome é... hum. Esqueci, por que na verdade não me importo. Ele vai usar...

— Já sabemos — Baden e Pandora gritaram em uníssono.

— Ele está na fortaleza — completou Baden. — Que já deve estar no chão.

— Bem, então — Hades ficou em pé e se aproximou deles. — Para derrotar tal guerreiro vocês vão precisar de um trunfo. — Ele tocou os braceletes e o calor aumentou milhares de graus.

Baden rugiu quando seus joelhos dobraram. Destruição berrou também, mas não foi só uma nova onda de dor que sentiu. Sentiu poder explodir dentro dele. Muito poder.

— Aquele de vocês que derrotar o assassino — disse Hades com um sorriso — vai receber cinco pontos a mais. Vão.

Baden não perdeu tempo; riscou para casa. Pandora apareceu ao lado dele igualmente determinada a ganhar aqueles pontos.

A trégua tinha chegado ao fim.

— Meus — ele a ergueu e lançou através dos escombros.

Embriagado de poder, Destruição rapidamente entrou em um frenesi enlouquecido. *Matarmatarmatar. Jamais parar. Acabar com o mundo!*

As mãos de Baden cerraram em punhos por vontade própria. Ele machucaria qualquer um que fosse tolo o bastante para atravessar o seu caminho.

Sim, sim. Ele se concentrou no assassino pousado alguns metros adiante, as asas curvadas em um ângulo estranho. Fumaça adensava o ar, as espirais pretas de uma bela forma macabra, como se curvando-se na direção das nuvens como fitas, mas Baden não teve dificuldade para identificar os guerreiros envolvidos na luta contra o seu alvo naquele momento. Paris, Sabin, Maddox e Torin. Eles usavam espadas, armas de fogo, e arremessavam adagas, causando ferimentos, mas não morte.

MATAR!

Baden pôde de repente *sentir* o gosto do desejo de matar. Seu sangue estava quente e ficava cada vez mais quente, mesmo que os braceletes estivessem completamente frios.

— Meu — disse e deu um passo à frente, só um passo, mas quando viu estava de pé em frente a seu alvo. O golpe de Maddox caiu sobre sua nuca, mas ele mal sentiu o golpe que teria matado um homem mais fraco.

O assassino riu, revelando a ausência de língua. Sem falar em dentes tão amarelos quanto suas garras. Ele jogou uma bola de fogo contra o rosto de Baden — e Baden adorou. As

chamas só lhe deram mais poder, vinculando-o a qualquer que fosse o catalisador que Hades tinha lhe dado, seu corpo agia como um condutor. E um sifão.

O riso do assassino desvaneceu e ele deu um passo atrás.

Baden o seguiu, enfiando o punho entre suas costelas e arrancando seu coração. Simples. Assim.

Pandora apareceu atrás da criatura. Ela atacou com sua espada, arrancando a cabeça dele. A cabeça voou como uma bola de futebol. O corpo caiu ao chão como macarrão molhado, o sangue jorrou, rapidamente formando uma poça.

Um a menos, muitos mais ainda por cair. Seus inimigos estavam enfraquecidos pela batalha. *Ataque agora!*

Shhh. Não precisa matar mais ninguém. Eu vou te manter a salvo.

A voz de Katarina ecoou em sua cabeça acalmando Destruição e Baden franziu o cenho. Ela não estava ali e jamais dissera aquelas palavras a ele. Ela também não era forte o bastante para servir de guarda para quem quer que fosse.

— Você está bem, cara? — perguntou Sabin, cutucando seu ombro.

Calma. Força. Baden largou o órgão podre, dizendo:

— Como está Gwen? E os outros?

Agonia toldou o olhar do guerreiro.

— Lucien a levou para um lugar seguro, e assim que Cameo despertou Keeley, usou suas últimas forças para realocar os outros. Todo mundo, exceto Galen, foi encontrado. Se ele estiver aqui, está soterrado nos escombros.

— Ele não está aqui. Ele se foi há horas — Torin esfregou uma mão pelo rosto abaixo, deixando marcas vermelhas. — Nosso invasor de merda soube como tirar Keeley de circulação para que não nos ajudasse. De propósito, ele bombardeou nosso quarto primeiro, antes de atingir o resto da fortaleza.

— Todo mundo está...

Sabin anuiu, de forma tensa.

— Vivo, sim. Ileso? Não.

Baden se concentrou em Pandora, que observava seus amigos com um brilho de assassinato no olhar.

— Você — ele cuspiu. — Se não tivesse atacado meus cães, não estaríamos distraídos.

Eles estavam diante da cara um do outro um momento depois.

— Quer me bater? — ela rosnou. — Hein?

— Quer dizer, te bater *de novo*. Como vai sua visão? Uma merda?

Ela guinchou e se preparou para socá-lo. Maddox se interpôs entre eles e os separou.

— Vá embora — disse a ela. — Agora. Ou Baden não vai ser o único a te bater.

Ela abriu a boca para protestar.

Maddox disse.

— Estou te dando esta chance por que agimos errado com você ao roubarmos a caixa... Por que *eu* agi errado com você depois de minha possessão... Mas esta vai ser a única vez que farei isto.

— Você não vai vencer esta disputa — Sabin disse a ela. — Nós estamos nervosos demais e você está machucada demais.

Eles não sabiam sobre o catalisador que Hades dera a ela. Ela *podia* conseguir derrotá-los. Mas semear dúvida era o trabalho de Sabin, e neste trabalho ele era bom. Ela empalideceu e desapareceu.

Baden escaneou a devastação ao redor. Não haveria jeito de salvar o lugar, a culpa o dominou.

— Sou responsável por isto. Jamais devia ter voltado, jamais devia ter vindo morar aqui.

— Para de falar besteira — Torin chutou um pedaço de madeira de seu caminho. — Vamos recuperar o que conseguirmos e esperar pelo retorno de Lucien. Somos melhores juntos, ponto final.

— É bom vê-la... esposa.

Katarina silvou para o homem que tinha causado tanta dor e sofrimento.

— Você não é meu marido. É o chantagista e fornecedor de drogas do meu irmão. Agora é também o assassino dos meus cães.

— Você pode comprar mais cães. Muitos mais. De fato, parece que já começou.

Panchart! O ódio que ela tinha conseguido enterrar subiu para sua cabeça, quase sufocando-a com tanta intensidade quanto seu pesar. Ele merecia sofrer e, ainda assim, parecia perfeitamente contente. A corrente amarrada ao redor de sua cintura era a única indicação de que não estava ali por livre e espontânea vontade.

— Foi o ruivo que te comprou estes vira-latas? — o canto de seus olhos tremelicou. — Você devia devolvê-lo. Merece cães com muito mais pedigree.

Os cães se sentaram ao lado dela, os pelos de suas costas eriçados, os olhares grudados em Alek. Já se comportando como cães com meses de treinamento.

— Baden não é da sua conta. Nem eu. Nem os cães — ela rasgou a barra da sua saia e enrolou o material ao redor da coxa para estancar o sangue. — E pedigree não é indicativo de valor.

Alek olhou para ela.

— Já trepou com ele?

Será que a pergunta grosseira era para intimidá-la?

— Eu podia estar trepando com um exército e isto *ainda* não seria problema seu.

— Não minta para si mesma. Você é problema meu por que você é minha. Minha esposa... E minha propriedade.

Os cães se ofenderam com o tom de voz dele, começaram a pular e emitir um longo grunhido de alerta.

Sabendo que não devia assustar um animal nervoso com toques não solicitados, ela começou a cantarolar. Eles relaxaram e sentaram-se sobre os quartos traseiros.

O teto balançou e mais poeira caiu. Onde estava Baden? Será que estava bem?

— Sugiro que seja boazinha, esposa — Alek tentou correr para perto dela, mas a corrente o impediu. — Logo vou usar a moeda para destronar Hades e tomar o lugar dele no submundo. Eu serei um rei.

Um rei. Do submundo, vulgo do Mal. Na verdade, tecnicamente era o trabalho perfeito pra ele.

— É isto que a moeda faz? Permite comprar um reino?

— Ela força Hades a me conceder um desejo, qualquer que seja.

— Como a conseguiu?

Ele hesitou por um momento antes de responder.

— Foi um presente da minha mãe.

— Você tem mãe? Ownn, e ela tem orgulho de seu filhinho assassino-sociopata?

— Ela morreu. Por culpa do meu pai — ele sorriu com um toque de loucura. — Mas no final, papai teve o que merecia. Fiz questão. E se quiser continuar a manter sua bela língua, não torne a falar da minha mãe.

Os cães latiram, mas continuaram no lugar.

Remoção de língua deve ser o castigo máximo entre os senhores do mal. Ela tinha notado que o demônio alado também não tinha uma.

— Meu irmão está vivo ou você também o matou? — ela perguntou, virando-se para a parede para tatear a rocha fria. Devia haver uma saída. Não que duvidasse de sua segurança. Mas as mulheres e crianças podiam precisar dela e dos cães.

— Depois do massacre na igreja, mandei Dominik para minha propriedade rural. Não vou machucá-lo... desde que você me trate com a cordialidade que mereço.

Isto. Isto teria se tornado sua vida se Baden não tivesse aparecido. Ameaças e coação. Ela tinha com o guerreiro uma dívida de gratidão.

Conseguiu extrair uma pedra já frouxa.

— Está pensando em me deixar? — Alek arrastou a corrente ao tentar ficar em pé. — Não. Você fica. Está ouvindo? Você fica!

Ela se virou e jogou a pedra nele, então ofegou. Os olhos dele... estavam acesos com fagulhas de vermelho.

Baden tinha razão. Alek *não era humano*.

Como? Como era possível? Como não tinha percebido?

— Quando eu for rei do reino de Hades — disse Alek, agora com o tom de voz baixo e sedoso — você vai ser minha rainha. Não quer ser minha rainha, *princezná*?

— É melhor servir a um rei bom do que ser rainha de um rei mau.

— Então... Isto é um sim?

— Definitivamente não — mas...

Katarina respirou fundo, soltando o fôlego bem lentamente. Neste momento, ela fazia parte do mundo de Baden. Ele admirava força e ela frequentemente se gabava de ser forte. Era hora de provar isto.

Já que não conseguia escapar, bem que poderia obter informações.

— Onde está a moeda agora? — ela disse e hesitou. Direto demais, rápido demais.

Outro sorriso louco surgiu.

— Pode procurar no mundo inteiro, mas jamais irá encontrar.

Ele parecia tão confiante. Procurar no mundo todo...

Então, onde mais poderia procurar além do mundo? Talvez o *submundo* que ele tinha mencionado?

Não. Improvável. Ele não confiaria a moeda a mais ninguém. Não se tivesse o poder que ele achava que tinha. Não ia querê-la fora de seu alcance.

— Por mais que eu o odeie, também não quero ser uma prisioneira — disse ela. — *Dá pra entender, kréten?* Com expressão impassível, ela disse: — Se eu te ajudar a fugir, precisa jurar que me leva com você. E que vai libertar meu irmão.

Os olhos dele se estreitaram sobre ela, mas ele aquiesceu.

— Então que seja.

Uma rendição tão fácil? Mentiroso!

Ela ficou em pé e deu um passo na direção dele, então fingiu pensar melhor e voltou a recuar um passo. Quando ele ficou tenso, ela avançou outro passo.

— *Como* vou te libertar? — perguntou como se estivesse nervosa.

— Arrombe a fechadura da tranca das correntes do modo como fez na porta do quarto — ele praticamente vibrava de ansiedade. — Eu cuido do resto.

Mais um passo a trouxe mais para perto.

— Em outras palavras, eu faço o trabalho pesado e ganho tão pouca recompensa. Não! Eu também quero a moeda.

Olhe pra mim. Fingindo ser uma verdadeira caça-dotes. Baden iria adorar.

— Eu divido com você — disse ele, com a raiva claramente agitando dentro dele.

Outra mentira.

— Como vou saber se realmente está com ela?

— Vai ter de confiar em mim.

Ela negou com a cabeça, inflexível.

— Depois do que fez a meus cães? Não. Não confio em você — ele não blefaria contra ela naquele assunto em particular. — Precisa provar que ela existe.

— Eu tenho. Juro — a borda da voz dele ficou mais aguda, como uma lâmina. — É só o que precisa saber.

— Sinto muito, *marido*, mas preciso vê-la.

Os lábios dele recuaram sobre os dentes em um esgar que só dirigia a empregados que o enganavam.

— Liberte-me — ordenou ele — e então eu te mostro.

Mantendo a distância, ela avaliou as correntes.

— A fechadura parece complicada. Se fosse fácil arrombar, você já teria conseguido. Talvez eu não seja capaz... — de acordo com Baden, ela não era capaz de fazer nada.

Minha amargura está transparecendo. Preciso me concentrar na tarefa.

— A chave — disse ele. — Encontre a chave.

— Como? Baden vigia cada movimento que faço. Não pode usar a moeda? Poderia se tornar rei como planejado e convocar um exército inteiro para te libertar — se Alek caísse nessa, bem, ele seria ainda mais louco do que aparentava. — Diga onde está. Eu convenço Baden a me levar até ela, escondo comigo sem que ele veja. Ele jamais vai saber.

Alek chutou as pernas, sem atingir nada além de ar.

— Vagabunda! Você está querendo usá-la sozinha.

Ela acariciou os cães atrás das orelhas antes que eles tivessem tempo de reagir, e empinou o queixo.

— Eu sou assustadiça, fraca. Jamais me aproximaria de Hades sem você — ele com certeza cairia *nessa*. — Mas não posso arriscar a ira de Baden. Ele é um homem cruel — ela forçou um tremor. — Muito perigoso.

Alek bufou. Ele conseguiu suavizar a expressão sem conseguir esconder o brilho furioso no olhar.

— Você é mulher. Tenho certeza que pode dar um jeito de distraí-lo de sua raiva.

Lá estava ele tratando-a como prostituta, mesmo que tivesse usado a palavra de modo tão depreciativo um momento atrás?

Panchart!

— Tudo bem — disse ela. — Vou arriscar minha vida e seduzir Baden... se você provar que a moeda existe.

Alek encarou um ponto atrás dela e empalideceu.

Oh-oh. Problemas.

— Você cometeu seu pior erro, *nevesta* — Baden disse de algum ponto às suas costas, a voz duplicada, como se a fera falasse junto com ele. — O pior.



QUATORZE

“Tem três maneiras de encarar o copo. Meio vazio, meio cheio, e por que é que está encarando o meu copo, caralho?”

— Gwendolyn, a Tímida, Harpia do Clã Skyhawk

UMA BRISA CÁLIDA e salgada acariciava a pele de Gillian. Estava recostada em uma cadeira acolchoada na praia particular de William, sob um dossel branco e fino. O sol estava se pondo e pintava o céu com brilhantes tons de rosa, roxo e dourado. Poucos metros adiante, a água clara como cristal lambia a areia clara, deixando espuma à sua passagem. Tão perto, mas tão longe.

A única coisa que atrapalhava a beleza do lugar? Os oito guardas vestidos de preto e armados até os dentes. Estavam postados a poucos metros dela formando um octógono ao seu redor.

William tinha saído para... não fazia ideia pra fazer o que. O pai dele tinha aparecido dizendo:

— Estamos com problemas.

Pobre Liam. Pressionado em muitas direções diferentes. E ela só piorava as coisas.

Os dois partiram logo depois, mas antes William a carregou para cá, querendo que ela tomasse sol e ar fresco, na esperança de que a revigorassem.

Odeio dizer isto, Liam, mas sua esperança foi vã.

Sentia-se tão fraca quanto antes, mas agora também estava com raiva. Ela merecia uma resposta à pergunta lançou sobre ele como se fosse uma bomba H: *O que é morte ad vitam?*

O máximo que ele disse?

— Você está se transformando, boneca.

Ela sabia disso, mas poxa. Era a vida dela... e sua morte.

Um soluço escapou. *Não estou pronta para morrer.*

— Precisa de alguma coisa, Senhorita Bradshaw? — Um dos guardas perguntou. Os homens eram excessivamente formais com ela por que William tinha ameaçado castrar qualquer um que a ofendesse.

Coisa típica do Liam!

— Não, obrigada — conseguiu resmungar. *Nada de você.*

Um segundo depois, ouviu um baque.

Mal tinha forças para virar a cabeça, mas viu dois guardas, agora caídos na areia imóveis. Três outros corriam até eles de armas em punho, mas se depararam com uma parede invisível e também desabaram no chão. Os três restantes decidiram se aproximar dela e rodeá-la. Só que um por vez, acabaram caindo de costas.

Puck se abaixou ao seu lado, tão calmo quanto o oceano, fazendo-a ofegar. Ele usava outra sunga, esta feita de fios de cabelo trançados. As pernas peludas eram menos chocantes do que antes e estranhamente atraentes.

A inválida e a fera.

— Você os matou? — perguntou, odiando o tom de sussurro de sua voz.

— Quer que os mate? — ele sentou-se ao lado da poltrona dela e olhou para a água. — Eu só os coloquei para dormir, mas posso cortar as gargantas, sem problema. Basta dizer.

— N-não. Por favor. Não.

— Tudo bem então — ele não disse mais nada e seu pânico diminuiu lentamente.

Os pálidos raios de sol o rodeavam criando um efeito de halo. O que era estranho, considerando os chifres. Parte anjo... Parte demônio. Parte bode, adicionou, lembrando-se das pernas. Inteiramente guerreiro. As lâminas trançadas nos cabelos escuros brilhavam sob a luz.

— Por que está aqui? Não posso te ajudar — disse, lembrando das últimas palavras dele antes de partir da última vez.

Ele deu de ombros.

— Me disseram que sua situação é tão triste, que vou vir a me importar.

— Quem disse *isso*? — William? Improvável. Tirano discreto! — E por que quer se importar? — Sua mente, enevoada como estava, respondeu a pergunta antes dele. Ele era possuído pela Indiferença, e o demônio provavelmente varria suas emoções antes que ele tivesse tempo de vivenciá-las. Havia sempre uma consequência à possessão demoníaca. — E você se importa?

Ele pensou por um momento e suspirou.

— Nem um pouco.

Bem, *ela* subitamente sentiu inveja. Não poder mais ser afetada pelo passado? Não ser mais incomodada por pesadelos e medos? Um presente precioso.

— Você sequer sente *alguma coisa*?

— Só bem raramente, e então... — sua voz sumiu e ele voltou a dar de ombros.

— Que sorte a sua — murmurou ela.

— Sorte? Moça, eu poderia tacar fogo em você, assisti-la ser carbonizada enquanto gritasse de agonia, e só teria interesse no calor das chamas em uma noite fria.

— Está bem, talvez sorte seja uma palavra muito forte — ela mordiscou o lábio inferior, observando-o através do escudo de seus cílios. — Você *vai* tacar fogo em mim?

— Não. Deixei os fósforos em casa.

Que reconfortante. E ainda assim, pela primeira vez desde que tinha adoecido, ela quis sorrir.

Eles permaneceram sentados em silêncio por vários minutos, o olhar dela voltando continuamente para ele, denunciando o interesse crescente por ele. Era realmente um belo homem, e embora — para ela — todos os imortais sempre parecessem ter a mesma idade, na verdade este aqui aparentava ser mais jovem. Por que seria?

Uma brisa fria e salgada soprou sobre sua pele febril e ela estremeceu. Ele imediatamente tirou a camisa e a cobriu com o tecido. O olhar dela caiu sobre o peito dele... oh, uau. Ele tinha músculos enormes, ao contrário de seu padrasto e meios-irmãos que eram...

Respirar se tornou um pouco mais difícil quando suas vias respiratórias se fecharam. Ela virou a cabeça em direção contrária a Puck, buscando uma distração. Seu nariz esfregou no algodão suave da camisa e sua mente tirou uma abençoada folga. Toda aquela fumaça de turfa e lavanda permeava o tecido. E o calor! Os raios de sol a deixavam gelada, mas a camisa dele era tão quentinha.

— Obrigada — murmurou, sentindo-se como uma gata que encontrou um pires de leite.

— De nada.

Eles caíram em outro período de silêncio. Se isto continuasse, ele ia acabar indo embora. Ela não queria que ele fosse.

Não quero ficar sozinha. Só isso.

Ela vasculhou o cérebro atrás de um início de conversa. O melhor que pôde pensar?

— Então, uh, como você fica invisível?

— Não fico. Eu só me movo rápido demais para que você... ou eles... consigam me ver.

Ele respondeu tão prontamente, e sem um único momento de hesitação. Aquilo era novidade. William frequentemente falava por enigmas, e os guerreiros em Budapeste sempre desconversavam diante de suas perguntas, como se temessem revelar coisas demais para uma humana.

Talvez Puck respondesse à pergunta.

— O que é *morte ad vitam*?

Ele arqueou uma sobrancelha para ela.

— É isto o que tem?

— Sim. Todos os médicos concordam — sua boca secou quando ele franziu o cenho. — O que significa?

— Seu corpo está tentando evoluir, tornar-se imortal, mas não tem força suficiente.

O que! Não, não, não. Impossível. Ela era humana, nascida e criada como tal. Sempre seria humana.

— Sua única chance de sobrevivência — disse ele — é se vincular a um imortal, unindo sua força vital à dele. Mas mesmo isto não é garantido. Poderia sugar toda a força dele e torná-lo humano.

Vincular... Tipo casar. O que William se recusava a fazer com ela e com qualquer outra. O que era bom.

Casamento significava obrigações maritais. Tipo, fazer sexo. Ela preferiria usar um cinto de castidade pelo resto da eternidade.

William provavelmente não ia querer ir por este caminho por causa de sua maldição. Ou sabia algo que ela não sabia. Vários dos Senhores se vincularam às suas companheiras e *houve* consequências. As vidas dos casais estavam agora eternamente ligadas para o bem, para o mal e, oh, para o triste. Se um morresse, o outro morreria em seguida.

— Bem, que saco — ela preferiria morrer naquele dia, naquele mesmo instante, a colocar William em um momento de perigo desnecessário. — Quanto tempo eu tenho antes de...

— Considerando suas condições atuais, diria mais uma semana, talvez duas.

No máximo quatorze dias.

— Jamais terei tempo de realizar minha lista de desejos. Digo, se tivesse feito uma lista dessas.

— Talvez devesse fazer uma. Posso ajudar.

A sobrancelha dela se franziu em confusão.

— Por que iria querer me ajudar?

— Você precisa se distrair e eu gostaria de ter um novo objetivo. A mulher que eu desejava não me quis de volta, então nos separamos. Agora... — ele deu de ombros.

— Mulheres são objetivos para você?

— Por que não? Meus objetivos evitam que eu passe a vida jogado em um sofá, assistindo novelas o dia inteiro e comendo pizza amanhecida.

— Mas se não sente nada, como pode saber quando deseja uma mulher?

— Eu raramente sinto emoções, mas frequentemente sinto desejo. Os dois não são mutuamente excludentes, moça.

— Verdade — ela sorriu seu sorriso mais triste para ele. — Eu sinto todos os tipos de emoções, mas jamais sinto desejo.

Uma fagulha de curiosidade iluminou a expressão dele.

— Você é maior de idade, não é?

Com medo do que ele iria querer com aquela linha de conversa, respondeu hesitando um pouco.

— Sou legalmente adulta, sim — finalmente.

— E jamais desejou um homem?

Ela encarou a água enquanto o sol desaparecia no horizonte. Sombras caíam sobre a tenda, as tochas queimavam no alto de opulentos postes circulares e proviam a única fonte de luz. Ela inalou e exalou lentamente com precisão, lutando contra a onda de vergonha, ódio e horror que sempre dava um jeito de subir à superfície de seu coração todas as vezes que este assunto vinha à tona.

— Ah, entendo. Alguém te feriu — ele disse objetivamente.

Os arrepios dela aumentaram.

— Não quero falar sobre isto. Mude de assunto ou vá embora — bem, bem. O jorro de raiva tinha vindo lado a lado com a força. Uma que não sentia desde o início desta coisa toda.

Ele não mudou de assunto e não foi embora.

— Eu vou matar o macho responsável. Basta dizer o seu nome.

— Nomes. No plural — ela disse, então apertou os lábios. Tinha confiança de que William já tinha matado a todos eles. Ela já morava com os Senhores há três anos e às vezes fazia buscas pelos nomes de seus atormentadores — uma compulsão que desprezava. Um dia tinha descoberto um relatório policial sobre o terrível assassinato deles. Embora os corpos não tenham sido encontrados, o sangue e... outras coisas deles, estavam espalhadas pelo chão e paredes da mesma casa em que ela morava quando era abusada. O caso jamais foi solucionado.

Quando perguntou a William, ele apressadamente a distraiu com um novo videogame, como se tivesse medo da sua reação. Só que ele não tinha medo de nada!

Mas *ela* tinha medo de sua própria reação. Gratidão parecia inapropriada, mas até aí, raiva também era.

— Um homem ou cem deles. Não faz diferença — disse Puck, ainda falando de forma objetiva.

— Obrigada pela oferta, mas já estão mortos.

Ele aquiesceu.

— William já deve ter dado um jeito neles.

— Você e William são amigos? — ela perguntou.

— Eu o conheço e tenho certeza que ele já ouviu falar de mim, mas nunca fomos oficialmente apresentados.

— Se está tentando ser amigo dele, invadir sua propriedade não é...

— Não quero ser amigo dele. Ele pode me odiar. Não me importo, de um jeito ou de outro.

— Isto não é inteligente. Se não for amigo dele, vai ser inimigo. Os inimigos dele morrem. Dolorosamente — um fato que ela foi forçada a aceitar a respeito dele. Ele era o que era e não havia jeito de mudá-lo. Não que quisesse mudá-lo. Pra que tentar mudar o que já era perfeito?

Puck sorriu para ela, por um momento ele ficou quase... adorável?

— Meus inimigos morrem agradecidos, felizes por finalmente escaparem de mim.

Ela revirou os olhos.

— Vocês imortais e suas contendas de sangue.

— Não quer dizer *nós* imortais?

Uma pontada de ânsia — *eu quero viver*. Uma que ela ignorou.

— Eu vou morrer, lembra? Antes da transformação se completar — *tão* estranho dizer aquilo em voz alta! — E não quero bolar uma lista de desejos — acabaria tendo de escolher coisas que pudesse fazer de seu leito de moribunda, e o quão triste era *aquilo*?

— Você vai morrer, sim — ele jogou uma pedrinha na água. — Eu podia casar com você, acho. Para te salvar.

Ela olhou para ele.

— Você realmente está *me pedindo em casamento*?

— Sim. Não. Não quero me casar com você, mas também *não* quero não me casar com você. É só algo que eu podia fazer. Algo com potencial de trazer benefícios mútuos.

Eu posso viver! Talvez. Ou ela poderia matá-lo.

Tudo bem, digamos que se casasse com ele e sobrevivesse à transformação. E daí? Seriam marido e mulher. Ele iria querer fazer coisas com o corpo dela, justamente as coisas que ela temia. Sentiu ânsia de vômito e seu estômago ameaçou transbordar.

— Não teme que eu possa torná-lo mortal?

— Eu sou o dominante. Minha força vital subjugaria a sua, sem dúvida.

Ele parecia ter tanta certeza, e parte dela sentiu-se tentada. *Eu posso ser salva!* Mas... sua vida valia mesmo tanto problema que resultaria tal laço?

— Obrigada pela sua gentil oferta ou não-oferta, mas vou ter de recusar.

— Por causa dos meus chifres?

— Não — eles eram estranhamente... legais, ela agora achava. E talvez um pouquinho sexy.

Sexy? *Nada* era sexy pra ela.

Ele merecia a verdade.

— Você iria querer fazer... você sabe.

— Sexo?

O rosto dela queimou ao aquiescer.

— Com certeza — disse ele — eu iria querer.

— Bem. Eu não. Nunca.

— Você pensa isto agora, mas eu te faria mudar de ideia — ele atirou outra pedra na água. — Não que eu fosse te forçar. Jamais. Seria contra meus princípios. Eu esperaria até você querer.

— Estou dizendo, não importa o quão habilidoso você pense que é, teria de esperar para sempre.

Ele riu.

— Eu teria você na minha cama em um mês, garantido.

O coração dela falhou uma batida, algo morno se espalhou por suas veias. Algo que nunca experimentou antes.

Ele inclinou a cabeça para o lado e sua orelha — sua orelha pontuda! — se contorceu.

— William voltou. Ele vai estar aqui em cinco... quatro... três...

— Melhor você ir — sussurrou ela, com a preocupação trovejando dentro do seu peito.
— Por favor.

— Um.

William atravessou as portas duplas da sala de estar da casa. Ele ficou de cócoras ao lado dela e franziu o cenho.

— Você está bem, boneca? Os guardas...

— Estou bem — ela disse, olhando ao redor. Puck desapareceu. Sumiu. E William não fazia ideia, senão teria se concentrado primeiro no intruso. Ela soltou um suspiro de alívio. Uma briga não era algo que queria testemunhar, especialmente já que não poderia fazer nada para ajudar nenhum dos... Não. Dane-se isto. Ajudar William. Só William, claro.

Ele falou primeiro.

— O que houve com os homens? — ele avaliou os homens adormecidos e ela teve a nítida impressão de que cada homem estaria morto pela manhã — ou desejando estar morto.

— *Alguém* aconteceu a eles — *eu preciso contar, não é?* — Um homem. Puck. Ele veio tão rápido que nem pude vê-lo. Os guardas não foram páreo para sua velocidade e força.

William se levantou tão rápido que para ela foi como se tivesse levado uma chicotada. Em ambas as mãos, uma adaga refletia a luz das chamas.

— Puck. Guardião da Indiferença. Ele jurou vingança contra Torin por aprisioná-lo em outro reino. Como escapou?

Puck não tinha mencionado nada a respeito disso. E realmente, Gillian não conseguia imaginá-lo se importando o bastante para se vingar de alguém.

— Como sabe o que ele jurou, se jamais o encontrou?

— Espiões. Tenho espiões em todos os lugares, boneca.

— Ou Torin te contou — disse ela secamente.

— Puck te falou alguma coisa? O bastardo fez alguma coisa com você? — Antipatia era perceptível em cada palavra.

— Ele me explicou o que é *morte ad vitam* — quando William praguejou, ela completou: — Você não vai machucá-lo por isto. E não vai matá-lo. Ou pagar alguém para matá-lo — uma garota precisava cobrir todas as hipóteses. — Você devia ter me contado a verdade, mas não contou, então ele gentilmente se ofereceu para ajudar.

— Ofereceu. Para. Ajudar. Como? — A última palavra foi cusvida para a escuridão quando William notou a camisa que a cobria.

Em terreno perigoso, seja cuidadosa.

— Prometa primeiro — disse ela. — Por favor.

Ele continuou em silêncio ao arrancar a camisa de cima dela e jogar na água. Ela engoliu um soluço.

William a pegou no colo e carregou para dentro da casa. Ela tinha visto muito pouco do lugar. Só o caminho para seu quarto, na verdade. Uma imensa sala de estar com seções de paredes e tetos estrategicamente vazados para maximizar a luz do sol e a vista do oceano. Janelas de vidro que iam do chão ao teto convidava a natureza para dentro enquanto mantinha a sensação de privacidade.

Um sofá branco se curvava em formato de meia-lua e dois divãs — também brancos — ofereciam lugar para se esticar e relaxar em frente à lareira de pedra, que tinha um leão entalhado de cada lado. A mesinha de centro parecia feita de madeira reciclada encontrada na praia.

— Qual o veredito? — perguntou William, notando seu escrutínio.

— Limpo, clássico e confortável, com toques de decoração — disse ela. — Então, não tem muito a sua cara — ele era extraordinário, único e selvagem. — Há quanto tempo tem este lugar?

— Desde que chegamos e eu... fiz o dono se mudar.

O que!

— Liam, você não deveria...

— Eu deveria sim, e eu fiz. Poder é meu direito — ele subiu a escada com facilidade e entrou no primeiro quarto à direita. As paredes eram amarelas e a colcha da cama era azul claro. Lembrava-a da luz do sol e céu da manhã. O criado-mudo tinha pernas de leme de veleiro, dando um toque de inovação.

Ele a pousou sobre o colchão e prendeu as cobertas ao redor dela.

— Está com sede? Fome?

Ele considerava Puck assunto encerrado, não é? Homem frustrante.

— Não posso, em sã consciência, permitir que você...

— Sua consciência não precisa se preocupar com nada. Somente a minha se encarregará do fardo.

— Isto vai ser um problema. Você não tem consciência de verdade.

— Talvez eu compre uma — ele arqueou uma sobrancelha. — Quanto você acha que está custando atualmente?

Qual o problema com os homens na vida dela?

— Está com sede? — ele perguntou de novo.

— Não — ela resmungou. — E só pra você saber, eu não vou me casar com você.

Ele estava tenso como um tambor ao se sentar ao seu lado.

— Não me lembro de ter pedido, boneca.

— Eu sei que não pediu, assim como sei que não *vai* pedir. Desta forma, quando eu morrer não vai perder tempo sentindo culpa, se perguntando se *deveria* ter pedido.

— Você não vai morrer — disse ele suavemente, ameaçadoramente. — Não vou deixar.

Tem coisas que nem mesmo William, o Sempre Excitado poderia impedir de acontecer.

Ela juntou o que restava de suas forças para estender a mão e segurar a dele.

— Eu te amo, Liam. Quando eu não tinha nada nem ninguém, você me ofereceu amizade e alegria, e serei eternamente grata a você por isto.

Os olhos dele se estreitaram em duas fendas.

— Pare de falar como se fosse o fim.

Ela ofereceu a ele o mesmo sorriso triste que tinha dado a Puck — para onde ele teria ido? O que estaria fazendo? E por que se importava com um homem que não se importava com nada?

— Você tem defeitos. Muitos defeitos. Mas é um homem maravilhoso.

O tempo parou. Ele pareceu parar de respirar.

— Este homem maravilhoso vai dar um jeito de te salvar. Estou trabalhando nisso todos os dias, todas as horas, todos os minutos. Agora descanse um pouco — com isto, ele saiu do quarto, batendo a porta com força.

O mais triste? Gilian olhou para a varanda, esperando... Torcendo para que Puck aparecesse. Um minuto se tornou dez e ele não veio. A decepção minou o que restava de suas forças e ela fechou os olhos.

Ao adormecer, teve a impressão de sentir cheiro de fumaça de turfa e lavanda... Pensou ter ouvido uma voz profunda sussurrar:

— Durma, moça. Eu cuido de você.



QUINZE

“Sempre acredite em uma mulher que se diz inocente. Sua confiança nela jamais se voltará contra você.”

— Gideon, guardião do demônio das Mentiras.

CEM NOVAS memórias encheram a cabeça de Baden. Memórias de Destruição. Memórias de *Hades*. Elas assumiram controle, consumiram, fazendo a fera espumar pela boca. Ele queria despedaçar Katarina. Ela era uma traidora igualzinha à sua mãe.

Em sua infância, Jezebel o mantinha amarrado em uma roda de tortura. Cada junta de seu corpo tinha sido distendida e os músculos despedaçados. Mamãezinha Querida também tinha pendurado seus intestinos em um espeto para assar enquanto comia seu fígado — direto da fonte. Ela ria e jogava baldes de insetos demoníacos em cima dele. As criaturinhas se arrastavam para dentro de sua boca, garganta abaixo, entrando e saindo de *todos* os orifícios.

Quando não conseguiu matá-lo — a profecia dizia que um dia ele causaria a destruição *dela* — ela o vendeu para um dos reis do submundo. O macho comandava um bando de cães do inferno. E não os comandava através de carinho. Os cães do inferno não aceitariam. Mas através de ameaças. *Obedeçam ou vou matar sua família.*

Por ordem dele, os cães caçaram Hades... e acabaram com ele.

Tanta dor... tanta agonia. De corpo e alma. Ele amava a mãe, mas também a odiava.

E agora Katarina achava que era capaz de enganá-lo? Tinha coragem de traí-lo? Achava que podia libertar aquele merdinha daquele marido dela pra fugir?

Destruição rugiu com toda ira que carregava há tantos séculos e a emoção invadiu Baden. Poder acima do sentimento. O fraco sempre buscava proteção. *Qualquer* proteção. Era um fato da vida.

Uma parte de Baden defendia Katarina. A mente dela era sagaz; era inteligente e habilidosa. Podia sobreviver no mundo sem ele — sem Aleksander — e até mesmo prosperar.

O pensamento... não podia estar certo. Ela precisava de um homem forte para salvá-la. Sempre precisaria de um homem forte para salvá-la.

Ela empinou o queixo e os olhos cinza-esverdeados irradiavam fúria, como que em um desafio.

Ela ousava desafiá-lo mesmo após ser pega em flagrante?

Talvez a mente dela não fosse tão sagaz, no fim das contas. Ela propositalmente incitava o pior nele.

Calma. Força. Baden colocou Biscuit nos braços dela e pegou Gravy no colo. Com o braço livre, puxou sua traidora contra ele. Peito a peito. Ela ofegou de surpresa... Talvez de medo.

Baden e Destruição praguejaram em uníssono. *Uma cadela traiçoeira não devia ser tão boa de abraçar.*

Aleksander avançou tanto quanto as correntes permitiam. Erro dele. Baden deu um chute na cara dele, quase quebrando seu pescoço.

Longe de se sentir satisfeito, ele riscou para o exterior do local seguro, para onde Keeley e Lucien levaram os outros. O lar temporário parecia uma cabana quando visto de fora, mas era um arsenal/hospital improvisado por dentro. Ele soltou Katarina depressa, como se ela fosse lixo tóxico — por que era — e colocou o cão aos pés dela.

Baden esperava que ela agarrasse seu braço e o puxasse, soluçasse e se desculpasse pelo seu comportamento.

Você me entendeu mal...

Eu estava com tanto medo, tão confusa, mas agora recuperei o juízo.

Jamais te trairia. Eu te desejo demais.

Ela se limitou a jogar os cabelos para trás dos ombros ao olhar para ele de relance.

— Não precisa do demônio da Desconfiança para ser um *kréten* desconfiado e irracional, né?

— Como é que sou irracional, *zvodkyne*? — sedutora. *Diga. Por favor.* — Suas próprias palavras te condenam.

— Está certo. Agora some daqui — ela o dispensou com um aceno de mão régio. — Você ouve, mas não escuta.

— E o que é que isto significa? — ele exigiu.

As dobradiças da porta da frente rangeram; Sienna saiu no pórtico interrompendo a conversa. Uma de suas enormes asas negras estava dobrada em um ângulo estranho e ela tinha pontos de sutura na testa.

Uma expressão serena se sobrepôs em seu rosto ao se aproximar. Seu demônio, Ira, detectou a briga entre eles e se refestelou, um fato que irritou tanto Baden quanto a fera.

— Achei que poderiam precisar disso — disse ela, oferecendo duas coleiras com guia.

— Obrigada. Você é gentil e compreensiva — os cães resistiram enquanto Katarina fixava as tiras de couro no lugar. Mas quando ela começou a cantarolar, eles se acalmaram, subitamente dóceis.

Baden fez uma careta. Ela o tinha acalmado com esta mesma facilidade antes. Nunca mais!

— Ah, de nada? — Sienna disse e voltou para a casa após um olhar rápido para trás.

Quando Katarina tentou seguir a garota, Baden agarrou seu pulso.

— O ataque que sofremos foi feito por encomenda. Sou um homem procurado — a raiva na voz dele teria feito qualquer um correr, mas não a humana. Jamais a humana. Garota tola. *Baden* tolo. Por que a admirava tanto? — Hades tem dois filhos. William, que você conheceu, e Lúcifer, que é somente trevas sem nenhum um pinga de luz. Ele rouba qualquer um, mata qualquer um, destrói qualquer coisa. Ele me quer morto. Ele quer todos meus aliados mortos. Você precisa da minha proteção e é melhor não se esquecer disso.

— Lúcifer... Tipo, o diabo? O anjo caído original? O que barganha com truques e feitiços, condenando almas?

— O próprio.

— Bem, não tenho nada a temer. Não sou sua aliada. Foda-se sua proteção e foda-se você — o queixo se ergueu um pouco mais, ela se livrou de seu aperto e caminhou para a casa com os cães trotando atrás dela.

Baden também seguiu atrás dela, deparando com uma sala de estar mobiliada como todas as outras. Um sofá, duas cadeiras e uma mesinha de centro. Ele disse entredentes.

— Sua perna precisa de cuidados?

— Não. Foi só um arranhão.

Ele queria ver pra ter certeza que não era mais profundo do que ela achava, mas controlou-se. Os ferimentos dela não eram problema seu. Não mais.

— Se dá valor a sua vida, fique aqui e fique calada — ele lidaria com sua traição depois de ver como os amigos estavam. Homens e mulheres que *jamaiz* o trairiam.

— Eu posso ajudar... — ela começou.

— Mas não vai. Não confio em você.

— Tudo bem. Vamos ficar longe da ação — ela sentou-se em um sofá e apontou para os assentos aos seus lados. Os cães pularam e se sentaram. — Não por que você mandou, mas por que meus queridinhos precisam de tempo para se acalmar.

Cuida dos cães, mas não de mim.

Baden atravessou uma porta à direita, entrando em uma pequena estufa onde Keeley estava deitada sobre um monte de terra. O ambiente estava quente e úmido, o ar tinha cheiro de rosas. Sua pele estava em meio ao processo de recuperação.

Torin estava abaixado ao lado dela, acariciando os cabelos cor de rosa. Estava pálido como giz, com a expressão devastada.

— Eu amo você, princesa. *Preciso* que se cure. Igual às outras vezes. Igual a *todas* as outras vezes antes. Você consegue. Consegue fazer qualquer coisa.

Atrás dos dois, Paris e Amun jogavam mais pás de terra em um carrinho de mão. Para jogar em cima de Keeley?

— O que posso fazer para ajudar? — a boca de Baden estava seca. O que os amigos sentiam por suas fêmeas... Era desconhecido para ele, e ainda assim, uma fagulha inegável de desejo acendeu dentro dele. Ter alguém a quem pertencer...

O olhar esmeralda de Torin se ergueu, úmido de lágrimas contidas.

— Não há nada a fazer. Estou com ela. Ela está com a terra.

Como uma Curadora — antes um espírito de luz, com função de proteger o planeta — ela estava vinculada à terra e suas estações.

Baden passou a mão no rosto esfregando.

— Sinto muito. Sei que acha que estamos melhor juntos, mas eu devia ter partido da fortaleza há semanas. Minha conexão com Hades põe todo mundo no meio desta guerra com Lúcifer. William avisou, disse que eu não traria nada além de perigo para cá.

— William não é o todo poderoso — disse Paris. — Não importa o que acontecer, deve ficar conosco. E além do mais, estamos do lado de Hades. Lucy viria atrás de nós de qualquer forma.

— Agora pelo menos sabemos sem dúvida que estamos do lado certo — disse Torin.

Sim. Embora Baden já estivesse perdendo parte de seu rancor contra Hades — a maior parte dele, pelo menos — ainda vinha se ressentindo de algumas das tarefas mais sombrias do cara. Mas não mais. Agora faria qualquer coisa com sensação de urgência e ansiedade.

Lúcifer pagaria pelas ocorrências daquele dia. Pagaria caro. Sua fraqueza máxima era a Estrela da Manhã, que era a principal razão para ele quer possuí-la. A morte dos Senhores seria só um bônus.

Para Baden, encontrá-la jamais foi tão importante.

— Me chame se precisar de alguma coisa — atravessou outra porta entrando na ala médica, onde os outros estavam reunidos.

Ashlyn estava deitada em uma maca com um corte no rosto. Provavelmente se reconstituiria sozinho. Os gêmeos estavam deitados no peito dela, ambos cheios de cortes e hematomas.

Gwen estava consciente, agora sugando da carótida de Sabin como se fosse uma caixa de suco. Harpias, assim como vampiros, precisavam de sangue para curar; e o de Sabin devia ser bem potente, por que já executava sua mágica. O rosto da esposa brilhava de cor.

Scarlet, a guardiã de Pesadelos e esposa grávida de Gideon, estava com a perna esquerda apoiada sobre uma pilha de travesseiros. Ela tinha uma fratura exposta, a tíbia se projetava da pele e escorria sangue do ferimento.

Gideon estava ao lado dela na cama, curvado e vomitando em um balde.

Ele devia ter dito alguma verdade, em algum momento durante o caos, permitindo que o demônio o castigasse.

O mal sempre aproveitava todas as chances de causar dor... mesmo em seus hospedeiros.

O guerreiro de cabelos azuis limpou a boca com a mão trêmula e chutou o balde de vômito alguns metros adiante.

— Não sinto muito — disse asperamente para a esposa. — Amo vê-la assim — ele tinha um corte que se estendia da linha do cabelo até o maxilar, atravessando um dos olhos e praticamente dividindo o nariz ao meio.

— Já estive pior — ela disse a ele. — E não me leve a mal, querido, mas você está horrível. Vá se deitar. Lucien e Anya são os médicos de plantão e eles podem...

Gideon negou inflexivelmente com a cabeça.

— É, você está bem. Estou indo embora.

— Eu posso colocar a perna dela no lugar — exclamou Baden. — Tenho experiência — ele tratava seus próprios ferimentos no reino da morte. — Posso ajudar — ele *precisava* ajudar.

Alívio inundou a expressão de Gideon.

— De jeito nenhum, e nada agradecido.

Baden juntou tudo o que precisava e se pôs ao trabalho. Scarlet recusou uísque misturado com ambrosia por causa do bebê. Amor materno era algo que Baden nunca conheceu. Não em vida, e certamente não na memória da fera.

Gideon segurou a mão de Scarlet enquanto Baden colocava os ossos no lugar, mas não foi até costurar o ferimento que Scarlet começou a rosnar para ele, a dor grande demais para aguentar.

Após um piscar de olhos, viu aranhas se arrastando por toda a sala. Uma ilusão produzida pelo demônio dela. O filho da puta era especialista em recriar os piores medos das pessoas. Hoje, aparentemente, o medo brotava de Gideon, que cambaleou para trás esfregando os braços e praguejando.

As aranhas evitaram completamente Baden, como se *elas* temessem a *ele*.

— Isto tem muita graça — Gideon berrou.

— Desculpe, sinto muito — Scarlet fechou os olhos, franzindo o cenho e a ilusão começou a retroceder.

Quando Baden terminou a tarefa, a mulher caiu contra o colchão com um suspiro de alívio.

— Nada agradecido, cara — Gideon deu tapinhas no ombro, o contato irritou a pele de Baden, apesar da camisa que usava. Ele se virou para a esposa. — Eu te odeio, te odeio tanto.

— Te odeio também.

Um momento terno e pungente entre duas pessoas que morreriam uma pela outra.

Sentindo o peito doer, Baden lavou as mãos e deu uma olhada nos outros pacientes. A maioria já estava sendo tratado e já estava com curativos.

Ataque agora. Resistência nenhuma significa vitória total.

Ameace-os de novo e vou dar um fim em você.

A fera balbuciou surpresa e... ferida.

Havia um limite para as coisas que um cara podia aguentar. Baden já tinha ultrapassado este limite há muito. Ele... assim como todo mundo... tinha sido pego de surpresa pelo ataque de hoje e a culpa era toda sua. Sabia que Lúcifer enviaria alguém à sua procura. Foi alertado. Mas estupidamente achou que conseguiria lidar. *O bastardo vai ter que passar por cima de mim.* Bem, o bastardo passou. Com muita facilidade.

Lúcifer enviaria outro assassino, e logo.

Como o executor de confiança de Hades, Baden era mais perigoso para Lúcifer do que os amigos. Ele iria embora esperando tirá-los do foco, fornecendo o tempo necessário para que se curassem dos ferimentos.

Levaria Katarina com ele, apesar do perigo. Se ela ousasse ajudar Aleksander, ferindo os homens, mulheres e crianças que Baden adorava...

Seus amigos seriam contra sua decisão. Muito. Veja como Torin e Paris reagiram a simples ideia de sua partida.

Pelo menos os guerreiros insistiriam que alguém fosse com ele. Só Cameo e Galen eram solteiros, o que significava que eram os únicos que Baden aceitaria voluntariamente, mas jamais colocaria Cameo sob risco desnecessário. Já Galen — Baden deu de ombros — ele colocaria o guerreiro sob quaisquer riscos desnecessários sem problema. Havia várias maneiras de garantir que o fodido enganador continuasse leal.

Procurou pela área de triagem e encontrou Galen apoiado na parede oposta, estudando os ocupantes com expressão enfastiada.

Como guardião de Ciúme e Falsa Esperança, Galen tendia a causar problema em todos os lugares que iria. Será que soube de antemão que o assassino estava a caminho e *por isto* saiu da fortaleza com horas de antecedência?

Traidor!

Destruição guiou Baden diretamente para o macho. Ele agarrou a garganta de Galen com as mãos, erguendo-o do chão.

Sorrindo — sorrindo? — Galen jogou as pernas ao redor do pescoço de Baden. A posição forçou seus braços a dobrarem de maneira não natural, afrouxando seu aperto, e embora as asas de Galen tivessem sido cortadas há meses, estavam começando a crescer e já tinham tamanho suficiente para servir de apoio — ele pairou no ar enquanto Baden caiu para trás.

Galen manobrou os pés para apoiá-los nos ombros de Baden, aumentando a distância entre eles, Baden não conseguia mais manter qualquer tipo de aperto ou mesmo equilíbrio. Solto Galen, que pousou no chão, agachado.

Olhos azuis espiaram através de mechas de cabelos pálidos e o sorriso alargou.

— Quer falar sobre seu problema ou continuar apanhando?

— Onde estava durante o ataque? — Baden exigiu.

Uma leve inquietação, rapidamente disfarçada.

— Fora.

Fora?

— Fazendo o que?

— Uma coisa.

— E que coisa é essa?

— Algo que não é da sua conta — respondeu Galen.

— Tudo o que coloca a vida dos meus amigos em risco é da minha conta.

— Sério? — uma sobancelha dourada se arqueou. — Sentia o mesmo há quatro mil anos quando permitiu que cortassem sua cabeça?

As palavras foram uma punhalada no peito. Galen antigamente era o líder dos Caçadores, uma facção de humanos determinados a livrar o mundo dos imortais malvados. Humanos que não percebiam que eram liderados justamente por um imortal.

— Você está mancomunado com o assassino de Lúcifer? — perguntou Baden.

— Vá se foder. Posso ser podre até o último fio de cabelo, mas não sou estúpido.

— Isto não é resposta.

— Que bom, por que não era mesmo para ser.

— Não confio em você. *Jamais* confiarei em você.

Com um olhar exageradamente surpreso, Galen colocou a mão sobre o peito.

— Estou chorando? Tenho certeza que vou chorar.

Destruição rosnou.

— Meses atrás você nos disse que Cronus te aprisionou no Reino de Sangue e Lágrimas. Adivinha só? — Baden abriu os braços. — Cronus já estava morto quando você foi preso.

— E daí?

— Daí que você foi pego na mentira.

— Ou no que você acha é mentira — desafiante, disse Galen: — Não sei como, mas Cronus *foi* um dos que me trancou. Os outros guerreiros possuídos também. Cameron, Winter e Puck. Pergunte a Keeley.

— Não posso perguntar a ela. Está ocupada demais lutando para sobreviver.

Preocupação causou linhas de tensão no olhar do guerreiro, como se realmente se importasse.

— Até onde sei, Cronus pode ter um irmão gêmeo.

— De quem ninguém nunca ouviu falar? Não.

— Uma realidade alternativa? Viagem no tempo? Qualquer coisa é possível.

— Você não vai me convencer...

Uma risada feminina deliciada o congelou. Ou derreteu. Baden se virou para ver Katarina que se abaixava ao lado da cama de Ashlyn, cumprimentando a pata de Biscuit. Ela já tinha ensinado truques ao vira-lata?

Vadia linda e habilidosa. Ela provavelmente tinha mentido sobre a morte de seus cães só para despertar a simpatia nele.

Seria possível mesmo fingir aquele tipo de dor?

As crianças vibravam. Completamente conquistadas.

Igual a mim, antigamente. Tão ingênuo...

— Você devia trabalhar nisso — Galen disse em tom de voz rude. — Secar sua garota como se fosse um tarado só vai lhe garantir uma ordem de restrição. E talvez uma faca no pescoço. Por que sim, eu já poderia ter te matado umas cinco vezes desde que seu olhar desviou para ela — ele encolheu os ombros largos. — Quem sabe? Pode ser que eu ainda mate.

— Ela não é minha garota — ele murmurou.

— De tudo o que eu disse, *foi isto* em que se focou? — Galen revirou os olhos. — Você está pior do que pensei. Tão mal quanto o resto deles.

Talvez sim, por que Baden continuou a observá-la incapaz de desviar o olhar, sua atenção totalmente cativada pela presença dela. Não tinha como negar o desejo que ainda sentia. Tolo! Ele a queria em seus braços e na sua cama. E a teria, decidiu. Não tinha que confiar nela para aproveitar aquele corpinho delicioso.

Mas primeiro o mais importante. Encontrar um novo local para morar e convencer Galen a ir com ele. Com a iniciativa certa, o babaca poderia até vigiar Katarina quando Baden saísse para novas missões.

Se ele me trair...

Preciso garantir que ele tenha motivos apropriados para se comportar.

Baden pensou por um momento e aquiesceu com fria determinação. Sabia exatamente o que fazer.

Katarina evitava olhar para o lado em que Baden estava ao verificar como estavam as pessoas que anteriormente foram ver como ela estava durante o luto pelos seus cães. Alguns estavam melhores do que outros, mas Uau. Imortais podiam ser tão gravemente feridos quanto os humanos. Quem diria?

— Reconheço o brilho no olhar de Baden — Maddox estava sentado na maca da esposa com a filha no colo, o filho estava deitado ao lado de Ashlyn. — Ele vai nos deixar de novo.

O coração de Katarina acelerou. Acariciando os cães, disse ao guerreiro:

— Se ele quiser ir, não tente forçá-lo a ficar.

Maddox olhou para ela, e podia jurar que uma tênue máscara de esqueleto cobriu a expressão dele.

— Quem você pensa que é para ele? Para nós? Você o acalmou *uma vez*. Não tem direito de dizer como devemos tratá-lo.

Ai. Que jeito de colocá-la em seu lugar.

Ashlyn bateu no braço dele.

— Grosso!

— Você não se casou comigo pelo meu comportamento gentil — Maddox disse, mordiscando os dedos dela.

Katarina jogou os cabelos por cima dos ombros.

— Não preciso ser ninguém para Baden... ou para vocês... para saber que barras de ferro não são a única coisa capaz de criar uma gaiola. Vocês amam Baden e não querem que ele fique ressentido com vocês. Portanto, precisam deixá-lo ir.

Ela tinha de deixá-lo ir também. Ela tinha noventa e nove por cento de certeza de que ele a largaria em algum lugar assim que acabasse com os assuntos ali, e cem por cento de certeza de que estava prestes a retornar à sua antiga vida. Baden tinha ouvido sua conversa com Alek e agora acreditava que era uma puta ambiciosa sedenta de poder. Doía. Doía muito. O homem que a tinha tomado nos braços para confortá-la, no colo de quem ela tinha sentado e com quem tinha desfrutado tanto prazer, não tinha lhe dado o benefício da dúvida. Não tinha nem mesmo perguntado o seu lado da história. Ou, melhor dizendo, exigido que dissesse o seu lado da história. Agora ela não ia explicar merda nenhuma. Ele que pensasse o pior.

Graças ao bom Deus não tinha dormido com ele! Qualquer homem que pensasse estar certo o tempo inteiro e que não levasse em conta os desejos dela, não valia sua atenção.

E ainda assim, sentia-se decepcionada por não ter tido a oportunidade de treiná-lo; certa de que ainda o desejava, mas não queria desejá-lo; triste por que não teria a oportunidade de diminuir a sensibilidade da pele dele e revoltada por que não o veria de novo. Bem, azar o dele! Ela teria detonado o mundo dele.

— Ela é especial para ele — disse Ashlyn — e você sabe. *Todos nós* sabemos. Ela tem o direito sim.

Antes de tudo, Katarina *até poderia* ter sido alguém especial. Pelo menos como uma amante em potencial. Agora jamais saberiam.

— Não, Maddox tem razão. Eu não tenho direito de me intrometer nos assuntos de Baden. E nem quero. Vou para casa. Vou sentir saudades de vocês. De todos — as mulheres da casa eram umas fofas.

Ela se perguntou se poderia ficar com elas depois da separação. Baden podia ficar com os caras.

— Mantenha contato — ela completou, dando ao pé de Ahslyn um aperto gentil. — Se pesquisar meu nome, vai me achar — para as crianças, disse: — Vou levar os cães comigo. Vocês poderão visit...

— Você só vai levar os cães por cima de nossos cadáveres — disse Urban.

— É — a pequena Ever concordou, os cachos dourados balançando nas têmporas. — Nossos cadáveres.

— Crianças — suspirou Ashlyn. — O que eu falei sobre intimidar as pessoas?

— Para primeiro termos certeza de que é situação de vida e morte — resmungou Urban.

— Isso mesmo.

Katarina escondeu um riso — até sentir um calor familiar nas costas. Ficou tensa, o cheiro de Baden provocou seu nariz, suas terminações nervosas subitamente formigando com sensações... Com a necessidade de mais.

Estou furiosa com ele. Não devia desejá-lo.

— Eu falei com Galen — ele anunciou a todos. — Ele e eu vamos partir. Pela segurança de todos que amo — ele completou quando os protestos começaram.

— De novo com isso? — disse Lucien.

— Você precisa de nós — disse Sabin — e nós também precisamos de você.

Reyes, guardião da Dor, olhou para ele.

— Somos parte da guerra, esteja você conosco ou não.

Baden continuou inflexível.

— Vocês precisam de tempo para se recuperarem dos ferimentos, e vou conseguir este tempo mantendo Lúcifer ocupado, incapaz de desperdiçar um soldado para caçá-los. Eu posso riscar para o submundo. Vocês não. Mesmo Lucien está bloqueado — em meio à pausa tensa que se seguiu a estas palavras, ele disse: — Sei que não tenho direito de pedir que me deixem ir... Para que aceitem isto... Mas estou pedindo mesmo assim. Por mim... pelas suas mulheres.

Gradualmente os guerreiros aceitaram. Por mais teimosos que fossem, teriam de aceitar o que Katarina sabia desde o começo. Ele moveria céus e terra para seguir seu caminho.

Ele sussurrou em seu ouvido.

— Você, *krásavica*, não vai para casa. Vai vir comigo.

O que?! O braço dele enlaçou a cintura dela, uma faixa de calor e força. Um prazer, assim como dor.

— Você está tão enganado que quase me faz rir. Eu vou para casa — e finalmente recomeçar a vida.

— Uma vez eu disse que te levaria a qualquer lugar. Mas você me enganou. Agora vai sofrer as consequências de sua decisão.

Ela ficou tensa.

— Então vou voltar a ser sua prisioneira?

— Se é deste jeito que quer encarar.

— Não quero encarar de *jeito nenhum*.

— Bem, não posso te deixar solta já que tentaria salvar seu precioso *maridinho*, não é?

— Você é *um idiota*. Sabe disso, não é? Se me trancar, eu vou... eu vou... — o que? Ela não podia reclamar do jeito violento dele um dia e fazer ameaças sanguinárias no dia seguinte.

Maddox levantou-se abruptamente com os olhos lançando brilhos vermelhos, lembrando-a de Alek e Baden em sua pior forma.

— Você está provocando Violência.

Baden a puxou para trás de si e apontou um dedo para o homem.

— Ela é minha. Ninguém mais toca nela. Ou a amedronta. Nem mesmo olhem para ela.

Primeiro ele a tinha acusado de agir de forma errada. Agora a defendia? Que homem confuso!

Assim que Maddox recuou, Baden se virou para ela. Encarando-a com intensidade, disse baixinho:

— Posso ser um idiota, mas você ainda me deseja, então o que isto faz de você?

— Eu não...

Ele se abaixou e mordiscou o lóbulo da orelha dela.

— Seu sangue está correndo tão rápido que consigo ouvi-lo. Seus mamilos acabaram de enrijecer e o cheiro que está emanando... — passou o nariz ao longo do pescoço dela, inalando profundamente, talvez esquecido da dor que sentia ao contato pele a pele. — Delicioso.

Arrepios a traíram, a excitação umedeceu suas calcinhas.

— Não devíamos estar tendo esta conversa aqui — na frente de todo mundo. Aliás, nem deviam estar tendo esta conversa!

— Concordo — aos outros ele disse: — Eu mantereí contato.

A sala desapareceu e uma nova apareceu. As paredes eram cobertas por papel de parede rendado e veludo, e havia retratos de um louro maravilhoso — Galen — com asas imensas pendurados aqui... ali... por todo canto. O guerreiro devia ter perdido aquelas maravilhas de penas brancas em algum ponto; agora não passavam de tocos. Os móveis eram

uma mistura de madeira polida, marfim e ferro forjado onde tapetes felpudos levavam a uma espetacular lareira de mármore com veios cor de safira com anjos entalhados em ambos os lados, emoldurando painéis de vitrais.

Sua nova gaiola dourada?

Ela se afastou do abraço de Baden.

— Como se atreve a deixar meus cães...

— Agora eles são seus? — Ele foi até o bar e serviu-se de quatro dedos do que parecia uísque, mas de cheiro bem adocicado. — Como minha fêmea muda rápido de ideia.

Os cães *eram* dela. O jeito que se mantiveram ao seu lado durante e depois do ataque de Pandora... O modo como deixaram claro para Alek, sem sombra de dúvida, que a defenderiam com suas vidas... Sim, eles agora eram dela. E ela era deles. *Não* de Baden, como tão presunçosamente declarou.

— Vou brigar com você todos os dias, *cada minuto*, até eles voltarem a...

— Guarde as facas, megera. Galen está trazendo os cães.

Oh.

— Se eles forem feridos...

— Não serão. Ele já foi avisado — Baden serviu-se de outra bebida e bebeu de uma vez. Ele a encarou com as pálpebras semicerradas, os cílios praticamente grudados. — Precisamos acertar uma coisa entre nós.

E lá vamos nós. Ele esbravejaria com ela sobre sua suposta traição. E tudo bem, sim, o que ele ouviu era mesmo suspeito. Ainda assim! Ele devia conhecê-la melhor.

— Se for me insultar...

— Vai fazer o que? — ele perguntou com um pouco de malevolência.

— Vai perder toda e qualquer possibilidade de fazermos sexo — o que? *Achei que isto já estava fora de cogitação!*

Ele ficou duro como pedra e não de um jeito bom.

— O sexo continua uma possibilidade, sob qualquer circunstância.

Ah, sério?

— Está planejando me forçar?

— Como se fosse preciso. Pela sua cara, você está a ponto de *me* forçar.

Mamilos estúpidos! Eles ainda estavam rijos, famintos por ele.

Ela sentou-se na beira da mesinha de cabeceira. A posição a deixava em desvantagem, algo que jamais permitia quando treinando um novo cão, mas Baden era de uma raça singular. Colocando-se em uma posição supostamente mais vulnerável que ele, talvez largasse aquela atitude ofensivo-defensiva e começasse a ouvir o que ela tinha a dizer.

— Você sabia que a moeda pode comprar um título de realeza no submundo? — ela perguntou. — Na verdade, ela força Hades a conceder um desejo a quem possui-la, seja o desejo que for.

Ele estava em meio ao processo de servir-se de outra bebida, mas lentamente virou-se para olhar para ela.

— Como descobriu disto?

— Alek, é claro.

Ele passou a língua sobre o dente incisivo.

— Não dá para confiar naquele macho e nem em você.

— Tem tanta razão. Estou querendo destruí-lo — ela deu às unhas um pequeno sopro. — Desde o começo. É por isto que eu praticamente *implorei* para que me sequestrasse em meu próprio casamento.

Ele continuou como se ela não tivesse falado.

— Mas neste caso, vocês dois estão falando a verdade.

Ela continuou como se *ele* não tivesse falando, afofando o cabelo.

— Alek tinha jurado me tornar rainha. Você sabe que o sonho de todas as garotas é ser uma rainha.

Baden se aproximou dela... e parou.

— Nunca mais diga o nome deste filho da puta.

— Ou? — ela exclamou, desafiando a ele *e* a fera. *Vamos lá!* Esta garota estava pronta para chegar ao próximo nível.

Quando ele deu outro passo para ela, suas mãos se cerraram.

— Por que não está me implorando por perdão? Ou misericórdia?

Ela riu sem humor.

— Não tenho nada do que me desculpar. Não fiz nada errado. E duvido que você seja capaz de misericórdia.

— Sua traição...

— E quem eu traí? Alek é...

Baden rugiu.

— Este nome.

— Você teve sua vez de falar. Agora é a minha — provocar este homem era como um jogo. Apostando sua própria vida. O tiro podia sair pela culatra e ela acabaria ferida. Literalmente!

Mas sem risco não havia potencial de recompensa.

— Você não é meu marido — ela completou — então minha lealdade não deve ser para você. Deve ser de Alek — só a ideia a deixava enjoada, mas tinha um ponto a reforçar. Ela sorriu com doçura. — Não concorda?



DESESSEIS

“Quando eu lançá-lo, corra. Eu só direi quantos segundos lhe resta para viver.”

— Maddox, guardião da Violência.

RAIVA MISTURADA COM possessividade e luxúria aqueceram Baden da cabeça aos pés. Fumegando. Ele se aproximou de Katarina afinal, caiu de joelhos e se aconchegou a ela, espalhando suas pernas com um único empurrão. Ela o observou com os olhos brilhando arregalados, mas não protestou quando ele se moveu entre suas coxas. Prendeu o fôlego quando ele se debruçou, aplainando as mãos na mesa de café para prendê-la com sua força.

— O que você está fazendo? — Ela perguntou suavemente. Tremores abalando seu corpinho suave.

Atrás dela, a luz do sol fluía por uma enorme janela oval, iluminando as partículas de poeira que dançavam entre eles.

Ela era casada. Um fato que gostava cada vez menos. Ela o usou. Nesse momento, não se importava. Ele queria marcá-la. Tinha que provar que ela lhe pertencia, e somente a ele.

— Sua lealdade é para comigo — ele disse. Quando inalou, ela exalou; enquanto ela inalava, ele exalava; eles estavam respirando a respiração um do outro. — Você precisa de mim para sobreviver neste mundo. Para protegê-la e nossos cães.

— Eu neeeem preciso...

— Oh, mas você precisa — ele lentamente arrastou a língua entre a dobra de seus lábios. *Slap.* Provando sua doçura, saboreando-a.

Ela ofegou seu nome, estremecendo como se atingida por um raio branco brilhante.

— Não farei isto. Não com você.

— Você vai. Você quer mais, *krásavica*, então me deixe te dar mais.

— Você não gosta mais de mim.

— Não acho que você goste de mim também. Isto realmente importa? — Ele ainda queimava por ela. — Eu a quero.

Ela se inclinou em direção a ele, derretendo, apenas para se conter. Ela *amaldiçoou* o nome dele e puxou com violência o colarinho da sua camisa.

— Você é muito velho pra mim. Velho *demais*.

— A idade não a incomodou antes quando estava rebolando em minhas coxas — quando ela balbuciou uma resposta, ele acrescentou: — Você é fraca demais pra mim, mas superei isto.

— Eu não sou tão... Você sabe o que? Não importa. Você era uma distração temporária antes e é uma distração temporária agora. Apesar de nossa inadequação, você ainda pode me dar um orgasmo. Um que mereço depois de te tolerar.

Ele sabia que eles eram temporários, mas a atitude indiferente dela estava longe de ser apreciada. Porém, adverti-la seria contraproducente ao seu objetivo: tê-la em seus braços e alcançar a satisfação final.

Ela enredou os dedos em seus cabelos.

— Nenhuma careta ou silvo? Alguém está fazendo progresso. E sou eu!

Amava o jeito com que ela movia os lábios. Sua mente em uma névoa de desejo atordoante, ele não conseguia processar as palavras.

— O que significa?

— Significa que acho que posso acabar com sua sensibilização agora. É melhor me dar o prazer que me prometeu antes que eu mude de ideia sobre isso.

Não haveria nenhuma mudança na mente dela. Ele franziu o cenho enquanto traçava a língua sobre os lábios dela. Desta vez, a língua *dela* emergiu para saudá-lo. Chamas de excitação se espalharam por ele, um incêndio devastador que não podia ser contido. Havia dor, mas não se comparava à sua necessidade.

A fera protestou. *Ela é nossa traidora. Ela é pra machucar... é pra...*

Ela gemeu como se estivesse encantada pelo gosto dele do jeito que ele tinha ficado encantado com ela. Hortelã e chantili. Limpo, rico e decadente. Viciante. *Ela é a sobremesa.*

Eu... quero... mais.

Mais. Sim. Baden comeu seus lábios enquanto ancorava os braços atrás das costas dela, forçando sua espinha a arquear e os seios a esmagar em seu peito.

— Mantenha suas mãos assim — ele mandou. Para aliviar sua dor, sim, mas também para mantê-la vulnerável e incapaz de agir contra ele enquanto estava distraído.

— Eu vou... contanto que você faça isto valer a pena.

Sua voz rouca despertou um desejo que ele nunca conheceu, tome e dê *tudo*.

Seus seios esfregavam nele e, apesar da camisa que usava, a fricção era tanto dor quanto um prazer cada vez maior. Ele nunca tinha imaginado tal generosidade de feminilidade.

Ele a teria. Finalmente.

Não estava certo se os pensamentos se originaram na sua mente ou da fera, não tinha certeza do que importava mais. Seu controle deslizou. Ele aprofundou o beijo saqueando sua boca; sua língua mergulhava dentro e fora, empurrando a dela, imitando o ato sexual. Ela lançou um coro de sons de deliciosos gemidos de rendição, e ele engoliu cada um.

Minha! Imobilize-a completamente, tome tudo!

Ele lutou com seus desejos. Seria gentil ou partiria. Quando se inclinou para trás o suficiente para aconchegá-la e amassar seus seios, ela o seguiu, suavizando contra ele.

— Estou deixando claro que o estou usando apenas para ter um orgasmo, ok? — Ela ofegou só um pouquinho. — Assim que conseguir, terminarei com você.

Uma negação quase explodiu, mas forçou uma risada ao invés disso.

— Talvez eu tenha meu próprio orgasmo e a deixarei desesperada. Ou faça com que implore pelo seu.

Ela estremeceu e deu-lhe um olhar piedoso.

— Como se eu me importasse. Esta cavadora de ouro simplesmente se viraria para outra pessoa.

Não havia como conter a negação dele desta vez.

— Matarei qualquer homem tolo o suficiente para tocar o que me pertence — mergulhou para outro beijo, precisando parar a conversa, necessitando-a. Um choque brutal de lábios, língua e dentes, e naquele momento ele vivia para ela. Tudo para ela. Apenas ela.

— Espere. Preciso de melhor acesso melhor a você — ela o empurrou em seguida, olhando fixamente para o peito dele como se disposta a queimar sua camisa. — Ajude-me a levantar.

Ela quebrou seu comando, mas ele a obedeceu sem protestar, endireitando-se e colocando-a de pé; o beijo nunca parou. Ela o fez recuar para uma cadeira. Quando ele caiu na posição sentada, ela subiu no seu colo e escarranchou nele. Um jogo de poder, colocando-a no topo. Apenas uma ilusão de controle. Não importa a posição, ele sempre possuiria o poder, e provaria isto.

Ele agarrou seus quadris e esfregou o núcleo dela na sua ereção latejante, estabelecendo um ritmo frenético, levando-os à beira da loucura. *Quero o que é meu... necessito... agora.* No encontro deles foi ela quem acelerou as coisas, e ele quem diminuiu a velocidade de tudo. Agora, neste momento, ele não podia se mover rápido suficiente.

Mais! Dê-me!

— Está tão bom, *pekný* — ela o pegou pelos pulsos e moveu as mãos dele para os braços da cadeira. Uma poltrona reclinável. — Mas hoje não há razão para se apressar — ela mordeu o lábio inferior, raspando-o por seus dentes. Com outro empurrão, ela mudou o ângulo de seu corpo, forçando-o a deitar. Em seguida, oh, então ela começou a esfregar nele por vontade própria, lento, em seguida agonizantemente lento. — Você pode me apreciar enquanto me tiver.

Outra referência à sua partida. Ele apertou os braços da cadeira e ela rachou.

— Você precisa de mim — ele a lembrou. — E não só pra isso.

— Não preciso.

Ele não ofereceu nenhuma outra repreensão, cada terminação nervosa dele eletrificada, seu desejo por ela apenas escalando. Ao invés disso, lançou-se adiante e enterrou os dentes no tendão que se estendia do pescoço até o ombro. Finalmente deixando sua marca.

Ela estremeceu contra ele, ofegando seu nome com um ofego de assombro. Então rodou os quadris, gradualmente aumentando a pressão. Pressionando... retirando... pressionando... retirando. Deixando-o em agonia.

— Gosta disso?

— Amo... isso — quando suas inalações aceleraram, ele olhou fixamente para rosto dela, extasiado. Suas feições estavam luminosas, suas pálpebras pesadas, os lábios suaves e rosados, ligeiramente inchados de seus beijos. Um rubor iluminava seu rosto e seus cachos escuros caídos passando de seus ombros em um emaranhado adorável.

Ele estendeu a mão e agarrou as mechas.

— Deixe-me manter e proteger você até que a guerra de Hades esteja terminada.

Ela se acalmou, as unhas cavando em seus ombros.

— Você continua me lembrando do quanto sou fraca.

— Por que você precisa de mim — em poucos segundos, a falta de pressão e movimento provou ser excruciante. O suor escorrendo pela testa dele. — Sou forte.

— Também é teimoso. Mas que tal isto, hein? Deixarei que me dê prazer e posso até mesmo ficar durante algum tempo, mas você manterá seus pensamentos sobre força e fraqueza pra si mesmo — ela o provocou com um movimento suave, seu núcleo roçando a ereção dele. — Diga sim e voltaremos aos negócios. Estou molhada. Devo provar?

— Sim. Sim!

Ela se levantou e puxou o vestido pela cabeça. Seu sutiã e calcinha eram azuis, e a calcinha e definitivamente tinha uma mancha molhada no centro. Ele gemeu enquanto sorvia o resto dela. Sorveu até se encher. As pernas longas e intermináveis tão maravilhosamente

escuras, sua lesão escondida por um curativo. Seus quadris alargavam criando um coração. O recuo de seu estômago... o sutiã rendado não conseguia proteger a crista de seus mamilos.

Ela era puramente feminina, e ele a queria toda sobre ele.

Ele entortou o dedo para ela.

— Volte pra mim.

— Que tal outra barganha? — Ela colocou um joelho em cada lado dele, arrepios entrando em erupção sobre sua carne. — Vou ficar bem aqui... se você colocar seus dedos dentro de mim.

Agonizante? Não mais. Ela... estava... *matando-o*. Uma ameaça definitiva à sua sobrevivência, mas estava certo de que ele e Destruição iriam com um sorriso.

O desejo de arrancar as luvas com os dentes o bombardeou. Mataria um exército inteiro para ter a chance de sentir o calor sedoso dela. Mas não podia arriscar. Este era apenas seu segundo encontro com o prazer em séculos. Se o estragasse com uma inundação de dor desnecessária...

— Concordo com suas condições — uma sensação de urgência o conduziu quando enfiou os dedos debaixo de sua calcinha. Até com o couro ele podia sentir sua maciez, ela estava encharcada, e seu calor feminino queimava. Ele empurrou um único dedo indo fundo, sua paredes internas o apertando.

Gemendo, ela apertou os seios e beliscou os mamilos. Para o seu prazer e o dela. Uma reação tão desinibida que o encantou.

Lentamente, ele enfiou um segundo dedo, estirando-a. Tão apertada! Tão perfeita.

Ela gemeu um som de fome desesperada.

— Isto é tão bom.

Bom. Sim. Mas podiam fazer melhor.

— Cavalgue meus dedos — sua mandíbula estava apertada tão firme que ele quase não conseguia pronunciar as palavras. De alguma maneira, ela o despojou completamente de sua humanidade, transformando-o em um animal com apenas um objetivo: o clímax.

Ou numa fera.

— Assim? — Para cima ela se erguia... para baixo ela deslizava. — Mmm, espero que sim. Isto é *incrível*.

— Sim, bem assim — ele usou o polegar para circular seu núcleo. — Você está me apertando, me esaldando. — *Arruinando-me para qualquer outra*.

Ela inclinou a cabeça, dando a si mesma um caminho desimpedido para os lábios dele; ela traçou a língua ao longo de sua boca.

— Quero minha mão ao seu redor. Deixa?

Sim! Ele ainda não podia arriscar pele com pele, então usaria um preservativo. Onde estavam os preservativos? Sem tempo de procurar. Teria que soltá-la e não podia.

— Mantenha sua mão por fora da minha cueca.

— Eu vou... se você me beijar mais forte.

— Sempre negociando — ele bateu sua boca na dela arrancando um gemido e ela abriu suas calças. — Não pare nunca.

Ele silvou quando ela enrolou os dedos ao redor do seu eixo. Pra cima... pra baixo... Ela o acariciava enquanto continuava a mover-se sobre seus dedos. Sim, oh sim. Isto! Isto o fazia enlouquecer. A fricção provocou novas faíscas até que tudo, exceto a excitação, ardesse para fora dele. Ele apoiou as pontas dos pés no chão para levantar as coxas e forçá-la a se inclinar contra seu peito para manter o equilíbrio.

Ele empurrou os dedos fundo, mais e mais fundo, dentro dela.

— Sim! Tão perto — ela murmurou, os quadris arqueando para perseguir seu polegar circulando.

Ele pressionou contra os feixes nervosos dela, e ela gritou seu prazer para o teto, gozando, gozando tanto que suas paredes internas o agarraram, como se pra se assegurar que ele permanecesse exatamente onde estava. Ela corcoveou contra seus dedos uma vez, duas vezes, três vezes, suas unhas cortando os ombros dele.

Quando a testa dela descansou no seu ombro, ela disse ofegante:

— Precisava disso. Obrigada — arquejando, ela apertou a base do seu eixo. — Agora vamos cuidar de você.

Ele estremeceu enquanto arqueava uma sobancelha.

— Doce Rina. O que te faz pensar que já terminei com você?

Katarina zumbiu de satisfação e antecipação. Os dedos de Baden ainda estavam dentro dela, ainda acelerando seu motor, apesar do seu clímax. Estava quente e dolorida, um gostinho apenas a deixou mais faminta por este homem sombrio e perigoso.

Ela deu mais um apertão na base de sua ereção. Ele era tão grande, grosso e comprido, e mais duro do que um cacete de polícia.

— Estou machucando você?

— *Uma dor boa.*

Insensibilizado já? Ou era a condição mental uma manifestação de sua separação do mundo?

Descubra mais tarde. Aprecie! Com um gemido ela arqueou as costas, presenteando-o com seu decote.

— Minha *krásavica* quer ter os mamilos chupados?

Sua menina glamorosa? Ele continuava a reivindicá-la...

— Quero — disse. Os olhos dele estavam quase completamente negros, as pupilas ofuscando sua íris. Linhas finas rodeando sua boca. O quão intensa era sua necessidade de gozar? — Bastante.

Com a mão livre, ele empurrou o fecho do meio de seu sutiã, liberando seus seios. O ar fresco beijou sua pele, propulsando sua necessidade cada vez mais alta.

Ele lambeu os lábios como se já pudesse saboreá-la.

— Seus pequenos mamilos estavam desesperados por mim, não é?

— Desesperados... doloridos — ela agarrou o topo da cadeira com uma mão, ainda segurando seu eixo com a outra, *nunca vou soltar*. Ela inclinou, colocando um de seus mamilos na boca dele. Um oferecimento.

Um oferecimento que ele aceitou. Sua língua emergiu, provocando o broto necessitado. Primeiro duro e rápido, depois lento e suave. A dor entre suas pernas só piorou. Ou melhorou. Ela encharcou a luva dele e até sua calcinha. Como ela era safada. Ele estava completamente vestido enquanto ela vestia uma tira fina de pano que ele facilmente moveu para o lado.

Ele a chupou, um prazer incrível de abalar o mundo a consumiu. Logo, permanecer quieta não era mais uma opção. Ela começou a montar os dedos dele mais uma vez, arqueando para frente, para trás e para frente novamente.

Quando trocou a atenção para seu outro mamilo, ele murmurou rouco:

— Você foi feita de ambrosia, com certeza.

Sempre tão cortês. Ela nunca conseguiria o suficiente dele.

Ela bombeou a mão pra cima e pra baixo em seu eixo, a respiração dele ficando superficial. Quanto mais rápido ela movia, mais maldições ele soltava. Logo, uma fina camada de transpiração lustrou a pele dele. Estava perto.

Ela pegou o lóbulo de sua orelha entre os dentes.

— Talvez um dia, se você se comportar, eu coloque seu pau na minha boca e o chupe até secar. Gostaria disso?

Ele grunhiu uma resposta, seu polegar voltando a trabalhar nela febrilmente. O prazer embaçou sua mente, um prazer tão intenso que alcançou um ponto sem volta pela segunda vez. A casa poderia ter se desintegrado. Um exército poderia ter marchado para dentro. O mundo poderia ter acabado e não teria se importado. Apenas a satisfação importava. Sua... e surpreendentemente, a dele.

Preciso de mais.

— Tire seus dedos de mim — ela mandou. Pelo menos uma vez, seria ela a dar ordens.

Não que ele a atendesse. Ele só colocou aqueles dedos mais fundo.

Ela quase não conseguiu forças para proferir as próximas palavras.

— Quero senti-lo gozar contra mim.

Os dedos dele deslizaram para fora um segundo depois. Ela gemeu com o vazio que ele deixou para trás, mas se apertou contra a ereção dele e esfregou... esfregou...

Com o olhar quente nela, ele levou os dedos até a boca e avidamente lambeu seu desejo. A visão... o próprio *pensamento* de que ele estava tomando uma parte dela dentro de si mesmo... a parte mais doce... ela voou sobre a borda, esfregando-o mais forte, esfregando mais rápido, usando seu núcleo para inflamar o clímax dele e atingir o seu. De repente, ele rugiu o nome dela.

Ele agarrou sua bunda, seus dedos se cravando na carne desejosa dela, e jorrou na sua cueca, molhando o material e a mão dela. Ela o sentiria amanhã, e adoraria isto.

Desmoronou contra ele, totalmente mole, a respiração tão difícil quanto a dele, sua mente cambaleando. Eles não fizeram sexo, e ainda assim ele a fez gozar duas vezes.

Este homem... Oh, este homem. Ele a afetava.

— Fora — ele disse, surpreendendo-a. Quando ela falhou em se mover rápido o suficiente para o gosto dele, ele se levantou, assegurando que ela deslizasse de seu colo.

As pernas dela estavam com a consistência de geleia, e foi necessário um esforço consciente para que permanecesse de pé enquanto cambaleava para longe dele.

— Vista-se — ele disse, olhando para qualquer lugar menos para ela.

— Eu vou, mas só por que *quero* me vestir — uma pontada de dor, mas realmente, esperava algo diferente? Ele não gostava dela ou a respeitava. Como se ele realmente quisesse ficar agarradinho a ela agora!

Você precisa de mim, ele adorava dizer. A implicação? *Ele não precisava dela.*

A raiva ultrapassou a dor.

— Bem, bem. Olha quem está correndo pra trocar a cueca. Você descarregou um balde, não é?

Ele lançou suas roupas descartadas nela em silêncio. Com movimentos espasmódicos, ela cobriu sua nudez; seus esforços para esconder seus tremores foram desperdiçados.

— Só pra que saiba, você teve um grande começo, mas um final deplorável — ela murmurou, alisando a roupa no lugar.

— Você se divertiu — ele retrucou.

— E você também. Então qual é o seu problema?

— Talvez todo o contato tenha me machucado mais do que eu queira admitir.

Talvez... não era realmente uma resposta. Uma única palavra removendo a verdade e mentira da sentença. O que ele não queria que ela soubesse?

— Talvez você esteja começando a ter sentimentos por mim e não goste — a provocação ecoou na mente dela e seus olhos arregalaram. Seus sentimentos em relação a ele certamente suavizaram, então por que ele não poderia ter suavizado em relação a ela?

— Você devia rezar para que não aconteça — ele disse em voz baixa, ameaçadoramente. — Sou perigoso.

Não para mim. Mesmo quando ele pensou que ela o traiu, ele ofereceu prazer em vez de castigo.

Ele acrescentou:

— Há escuridão dentro de mim e está apenas aumentando. Não tenho nenhuma luz.

— Bem, adivinha? Há luz dentro de mim, e quando a escuridão e a luz batem cabeça com cabeça, a escuridão foge e a luz salva o dia.

Ele franziu o cenho para ela.

— Você pensa que pode me salvar?

— Não seja tolo. Uma pessoa nunca pode salvar outra. Não no verdadeiro sentido da palavra. Todos nós fazemos nossas próprias escolhas. Estou apenas dizendo que estou disposta a compartilhar com você.

O cenho dele intensificou, mas permaneceu calado.

— Um demônio uma vez habitou em você — ela disse — mas manteve sua inteligência até o fim e o superou. Certo? Mente sobre matéria. Agora pode fazer o mesmo com a fera.

— Você faz isto soar fácil, mas não tem ideia da batalha...

— Oh, eu sei que é uma batalha. Sua própria mente é muitas vezes seu mais feroz oponente — o sorriso dela tinha uma ponta de tristeza. — Quando eu perdi Peter...

— Peter? — O nome chicoteou através dele. — Quem é Peter?

— Meu noivo. Antes de Alek.

Baden relaxou, mas apenas ligeiramente.

— Quem desmanchou?

Uma mão invisível enrolou ao redor de seu coração e apertou.

— Nenhum de nós. Alek o matou.

Ele suavizou.

— Sinto muito.

— Obrigada. O ponto é, eu queria chafurdar na minha tristeza, mas não fiz. Não podia por que meus cães necessitavam de mim.

— Cães que Aleksander mais tarde tirou de você.

O queixo dela tremeu enquanto assentia.

— Você viu o que aconteceu quando eu me afundei.

— Também vi o que aconteceu quando você parou.

— Eu tive que mudar a direção de meus pensamentos. Em vez de lamentar sobre o que perdi, tive que focar no que tinha deixado. Minhas emoções logo seguiram minha mente. O mesmo pode acontecer com você.

Ele ponderou suas palavras e, por um momento, ela pensou que o tinha. Então ele a ridicularizou.

— Nossas situações são diferentes. Você não foi influenciada por uma força externa.

— E você está. Buuááá pra você — ela torceu os punhos debaixo dos olhos para imitar lágrimas. — Acho que você não é forte o suficiente para superar — um desafio. Um insulto claro. — Eu fui.

Ele deu um passo ameaçador na direção dela.

— Você precisa...

— Não diga isto — ela ergueu o queixo, mantendo a posição. *Sou o cão alfa. Sou a líder do bando.* — Se não gosta do que estou dizendo, refute, mas não ouse me insultar. Ou me dê ordens para me sentir de certa maneira.

Ele parou, as mãos abrindo e fechando. *Bom menino.* Ele se acalmou sozinho, sem realmente um alerta dela.

O treinamento dele seria mais fácil do que suspeitava. A bela domesticaria totalmente sua fera, uau. Ela só tinha que se concentrar e parar de se perder na vasta extensão da sexualidade dele.

Planejei deixá-lo mais cedo ou mais tarde.

Bem, os planos mudaram. Novamente.

A porta se abriu de repente, e um Galen carrancudo pisou dentro do quarto. Ele segurava uma coleira em cada mão, Biscuit e Gravy corcoveando nas pontas.

— Entrega especial. Aproveitem. Ou não. Sim, provavelmente não.

A felicidade brotou. Ele soltou as coleiras e os cães saltaram na direção dela. Ela abaixou, acolhendo-os de braços abertos. Eles lambeiram seu rosto enquanto ela acariciava e os elogiava. A maior parte dos adestradores desencorajavam lambidas, mas ela sempre gostou da

amostra de afeto canino. Os cães falavam um idioma diferente dos humanos, e lambe significava “eu te amo”.

— O que é está mancha em suas calças? — Galen perguntou a Baden, obviamente tentando não rir. — O que vocês crianças loucas estavam fazendo enquanto eu estava fora? Devo me aventurar em adivinhar?

Ela apertou os lábios para impedir sua risada.

Baden praguejou baixinho.

— Katarina, você já viu Galen por aí, tenho certeza. Ele é o guardião do Ciúme e da Falsa Esperança. Ele é o dono desta casa, que está localizada em outro reino.

Ela tinha visto Galen por aí sim, mas eles realmente nunca se falaram. Notou que a maior parte dos guerreiros o evitavam.

— Outro reino? — perguntou.

Um aceno com a cabeça.

— Você pode confiar sua vida a ele, mas nada mais.

Galen perdeu o senso de humor rapidamente.

— O homem-fera assassino gosta de atirar pedras. Excelente. Provavelmente deveríamos começar uma equipe de queimada. Ou como as Harpias, um time *esquiva-pedras*.

— Preciso sair antes que eu faça algo que não estou certo de que me arrependerei — Baden pisou fora do quarto, a alegria de Katarina morrendo também.

Seu olhar caiu sobre Galen. Sua beleza era quase hipnótica, mas do tipo assustador de serial killer.

— O que ele quis dizer com outro reino?

— Pense nisso como outro mundo. Por que é.

Imortais... outros mundos... sobre o que mais ela não sabia?

— Por que a hostilidade entre você dois?

Ele a ignorou, dizendo:

— Devo mantê-la segura sempre que Baden estiver fora em uma de suas missões para Hades, mas não hesitarei em estripá-la se eu achar que é um perigo para ele.

Biscuit rondou em direção a ele rosnando até que ela chamou o filhote de volta ao seu lado.

— Você ama Baden? — Ela perguntou.

Galen deu de ombros.

— Amo a mim mesmo e preciso dele. Você, garotinha, não tem tanta sorte.



DEZESSETE

“Eu queria sentir seus beijos ao invés de sentir saudades.”

— Aeron, antigo guardião da Ira.

BADEN despiu as roupas imundas, lançou um olhar para a lareira apagada e decidiu que queimar cada peça era um bom plano. Jogou um fósforo aceso, depois as roupas e observou o tecido derreter. As roupas só o fariam se lembrar de Katarina e do modo como ele tinha gozado como um garotinho sendo tocado pela primeira vez. Humilhante, mas também... precioso? Entrou no chuveiro escaldante.

Água quente o atingiu no rosto e ombros, gotas escorreram pelo peito; mesmo sem as roupas, sua mente retornava a Katarina. O prazer que ela lhe dera... Jamais tinha experimentado nada parecido. Ele a desejava tanto que teria feito qualquer coisa que ela pedisse, dado qualquer coisa que ela quisesse. Teria *morrido* por ela.

Ela tinha poder sobre ele... sobre eles dois... e, ainda assim, Destruição esteve disposto a matar por ela. Por ela, não ele. Como se os inimigos dela importassem mais do que os dele. Como se cada inimigo precisasse aprender o erro de voltar os olhos para a humana.

Maldição, ela ainda tinha poder sobre eles!

Ter mais dela tinha deixado de ser opção, agora era uma necessidade. Seu gosto. Seus gemidos. Seus suspiros e sussurros, e o jeito sem fôlego como disse o seu nome — ou melhor, gritado seu nome. A mão dela acariciando a extensão dele de maneira tão certa. Sua paixão desenfreada, a pura indulgência selvagem, enquanto movimentava-se contra os seus dedos.

Ele deu um soco nos azulejos. Que infernos ia fazer com ela?

Finalmente, tendo amenizado um pouco da luxúria reprimida, sua mente estava mais clara do que o normal e a fera estava quieta. Baden era capaz de reviver as malditas palavras que tinha ouvido Katarina dizer para Aleksander.

Vou arriscar minha vida e vou seduzir Baden... se você provar a existência da moeda.

O homem tinha matado os cães dela; ela o odiava com a fúria de mil sóis. Ela realmente o libertaria, simplesmente para se tornar rainha do submundo? Sem chance. Então deve ter tido uma razão muito boa pra fazer tal promessa.

Uma súbita suspeita passou pela sua cabeça. Será que ela tinha esperado descobrir onde a moeda estava para entregá-la a *Baden*?

Sim. Absolutamente. Sem dúvida. Ele amaldiçoou seu julgamento precipitado, amaldiçoou sua paranoia. Devia-lhe um pedido de desculpas. Não que palavras fossem suficientes para consertar os problemas que tinha causado.

Ao desligar o chuveiro, os braceletes começaram a ferver em seus bíceps. Um brilho suave vermelho encheu o banheiro. Ele se apressou para pegar uma toalha... mas se desmaterializou sem ela. Reapareceu na sala do trono de Hades, molhado e pelado, totalmente desarmado.

O cheiro de fumaça, e sons distantes e discordantes de gritos eram ouvidos enquanto ele executava uma rápida avaliação. Não havia ninguém muito perto, mas haviam guardas alinhados na parede oposta olhando para ele. Retribuiu o olhar, desafiando-os a dizer alguma coisa.

— Pelo amor de meus olhos, vista-se — ordenou Hades, chamando sua atenção. Ele tinha se materializado no topo de seu trono macabro, o corpo em um terno de três peças.

Baden estendeu os braços, estilo *aproveite a vista, cuzão*.

— Alguém devia ter me dito que nesta sexta-feira seria dia de trajes formais no trabalho.

— Pippin!

O idoso de túnica saiu de um sopro de fumaça preta.

— Sim, senhor.

— É segunda-feira, dia de reforma. Deixe Baden com uma nova aparência.

— Sim, senhor — Pippin esculpiu um seixo da beirada de sua tábula.

Hades. Chamas. Cinzas.

Aquelas cinzas se aderiram à pele de Baden como se fossem coladas, rapidamente se metamorfoseando em calça de couro, com vários zíperes e uma camiseta de algodão. Ambas serviram perfeitamente.

Baden queria uma tabula daquela.

— Melhor assim — Hades batucou as unhas contra os braços do trono. — Atualize-me sobre sua busca pela moeda.

— Aleksander mostrou-se mais teimoso do que eu imaginei.

— E as outras tarefas de sua lista?

— Quase completas.

— Então gostará de saber que tenho um novo serviço para você.

Uma das memórias de Destruição lutou para vir à superfície de sua mente. Sua mãe, a beldade de cabelos escuros que devorou o seu fígado, sentada em um trono. *Aquele* trono. O de Hades. Ela se encolhia quando ele se aproximava, as garras afiadas afundando-se nos braços enquanto lutava para se levantar — mas não *conseguiu*. Ele a manteve presa no lugar com uma força que ela não conseguiu sobrepujar. Sombras, todas as suas belas sombras, ondularam ao redor dela, silvando para ela.

—...me ouvindo? — perguntou Hades.

O macho tinha sofrido enormemente nas mãos dela e a tinha matado por isto. Matou a própria mãe. Implacavelmente.

Não havia linha que não cruzasse quando traído.

Foco!

— Estou ouvindo sim — agora.

— Quero este artefato em minha posse no final do dia — ele bateu palmas e Pippin colocou outra pedra em sua mão.

Chamas. Cinzas. Baden respirou profundamente, inalando cada partícula. O artefato — um colar — era conhecido como *coeur de la terre*. Duzentos quilates de azul coral místico. Maravilhoso, ou assim as mulheres achavam, mas era mais desejado por suas propriedades sobrenaturais. Com ele, um macho ou fêmea de qualquer raça, mesmo humano, poderia viver e respirar embaixo d'água junto com as sereias.

A dona atual: amante de Poseidon, uma ninfa da floresta de aparência delicada.

— Só tem um probleminha com esta missão. Mal merece ser mencionado — Hades disse com um aceno. — Se for bem sucedido, o rei dos mares perderá sua concubina favorita e vai mandar assassinos atrás de você.

Maravilha.

— Não vai ser o primeiro ou o último. Eu cuido dele.

Hades olhou para seu servo.

— Viu, Pippin. Não estou sendo desnecessariamente cruel. Baden gostou do desafio.

— Sim, senhor.

Para Baden, Hades disse:

— Cuide do rei dos mares, mas não o mate. Se a concubina tiver de morrer, tudo bem. E lembre-se, o que fizer, estará fazendo pelo bem maior.

O bem maior. Vitória. A proteção de seus amigos... de Katarina.

— Eu trago o colar — a qualificação: “*no final do dia*” permitiria um ataque a Lúcifer primeiro. Ele já estaria no submundo, então por que não aproveitar a ocasião?

— Pare. Conheço este olhar — disse Hades, franzindo o cenho. — O que está planejando? Diga a verdade.

A resposta lhe escapou, puxada pelo comando do rei.

Hades pensou por um momento e aquiesceu.

— Muito bem. Eu vou até te ajudar. Pippin, por gentileza...

Outro pedaço da tábula forneceu um mapa dos nove reinos do submundo e a habilidade de riscar para qualquer lugar deles. A única proibição era dentro do palácio de Lúcifer, cujas paredes eram bloqueadas por feitiços.

Mas havia maneiras de contornar aquilo. Ou haveria, no final de tudo aquilo.

Quando sentiu um peso na cintura de suas calças, olhou para baixo. Havia uma granada dependurada de cada passador de seu cinto. Ele sorriu. Lá estava o jeito.

Olho por olho. Lúcifer destruiu seu lar, agora Baden destruiria o dele.

Riscou para a área externa do palácio do macho. Uma monstruosidade muito alta, construída de sangue e ossos. O fosso em torno era uma mistura de ácido e das lágrimas dos condenados. Em cima, dragões voavam pelo céu de fumaça e fogo.

O cheiro de enxofre permeava se mesclando com o fétido fedor da morte. Milhares de gritos de dor e medo criavam uma horrível trilha sonora — muito pior do que qualquer coisa que tivesse ouvido nos territórios de Hades.

Guardas armados patrulhavam o parapeito do palácio. Eles o viram e ativaram um alarme estridente. Baden lançou a granada. *Bum!* Enquanto o parapeito se tornava uma explosão de fogo e entulhos, riscou para o outro lado do palácio e lançou uma segunda granada. Continuou o ataque até esvaziar o cinto. Levou um total de dez minutos, mas durante aquele tempo alguns guardas conseguiram rastrear sua localização. Eles arremessaram lanças nele, enquanto outros as arremessavam para todo lado, de modo que, quando ele se materializasse, uma daquelas lanças o interceptasse no novo local.

Que foi exatamente o que aconteceu.

Devido ao impacto, sua habilidade de riscar foi restringida por uma barreira invisível e Destruição começou a rugir. Naquele momento, cada guarda se concentrou nele jogando mais lanças. No momento em que a avalanche o alcançou, a fera conseguiu libertá-lo da imobilidade.

Riscou novamente tentando agarrar um punhado de lanças descartadas, mas reapareceu em cima de uma armadilha de aço — feita para quem tinha a habilidade de riscar. Dentes de metal se fecharam ao redor de seu tornozelo, impedindo-o de riscar. As linhas que marcavam cada morte que tinha executado para Hades começaram a arder e borbulhar, como se a fera respirasse fogo sobre elas de dentro pra fora. Fumaça começou a se erguer de sua pele e logo formou uma parede ao seu redor.

Não fumaça, percebeu, mas as criaturas que viveram dentro de suas vítimas.

O choque o golpeou dentro do peito. Já tinha testemunhado o erguer das sombras em Hades, tinha visto até um indício das sombras na luta com o Berserker, mas jamais tinha esperado por isto.

Um exército se formou ao seu redor.

Que infernos deveria fazer? Hades disse que os humanos que hospedavam as criaturas anteriormente não sabiam utilizá-las. Baden não fazia ideia de como usá-las também... e ainda assim elas estavam... ajudando-o?

Estavam. As criaturas se separaram dele, embora um laço invisível as mantivesse vinculadas à sua alma, impedindo-as de irem muito longe. Elas bloquearam cada arma lançada na sua direção — mesmo uma granada. Enquanto fogo explodia ao seu redor incapaz de atingi-lo, ele cambaleou. Em questão de segundos, as sombras conseguiram corroer a armadilha de metal, libertando-o.

Prepare-se, disse Destruição.

No exato momento em que as sombras voltaram a serem absorvidas por seus braços, Baden riscou para casa... mas o fogo o atingiu e ele acabou levando várias brasas consigo. Elas pousaram no tapete e cortinas na sala de estar. Correu para pisoteá-las antes que se espalhassem. Quando terminou, o cômodo estava cheio de fumaça. Fumaça de verdade.

Não ia pensar nas sombras ou no que eram capazes de fazer. Agora não. Tinha coisas demais a fazer.

Onde estava Katarina?

Procurou pela casa. Uma fortaleza em um reino deserto onde ninguém mais ousaria tentar invadir. A única extensão de grama ficava localizada em um oásis murado na área dos fundos. Ao negociar com Galen, tinha insistido em um local para os cães correrem e brincarem. Porque sim. Só porque sim. Galen tinha conseguido, de sua maneira singular. Além do palácio e do oásis, o reino oferecia quilômetros e quilômetros de sol brilhante, rochas ardentes e dunas de areia preta.

Sejam bem-vindos ao Reino dos Esquecidos.

Para entrar era preciso uma chave. Que só Baden e Galen tinham.

Quanto mais ficasse aqui, mais provável seria que sua lembrança fosse se apagando das mentes de todo mundo que já conhecera. Um risco calculado. Ele não queria que Hades o esquecesse. Mais missões significariam mais pontos.

Em troca da chave, Baden teve de arranjar um encontro entre Galen e Legion. Ou Honey. Ou fosse lá como a garota-demônio se chamasse hoje em dia.

Aeron a amava como a uma filha. Depois do terrível abuso que ela havia sofrido no inferno, o macho fez tudo em seu poder para curar a mente dela, além do corpo. Embora não tivesse tido muito problema com o último, não teve muita sorte com a primeira. Ela ainda sofria. Talvez Galen fosse a resposta. Ele e garota tinham história.

Vozes abafadas levaram Baden a dobrar uma esquina até uma cozinha espaçosa com acessórios modernos e balcões de quartzo branco. Sua mulher — seu doce tormento — apareceu e seu corpo enrijeceu, pronto para ela.

Eu já tive meus dedos dentro dela. Quero de novo.

Ela tinha tomado banho e mudado de roupa. Um top cor de rosa e jeans desbotados a faziam parecer feminina e delicada — mas ele a queria nua.

Ela colocou tigelas de comida e água na frente dos cães enquanto conversava com...

Lembrou do nome com um clique, percebeu por que tinha esquecido. Fox, a nova guardiã da Desconfiança. Ela estava ali o tempo inteiro.

Fique longe de Fox.

Palavras que William dissera certa vez. Por quê?

A mulher que foi o braço direito de Galen — antigamente, quando liderava os Caçadores — tinha cabelos pretos, olhos azuis com reflexos dourados e feições angulosas. Era magra, mas obviamente forte. O tipo de mulher que Baden sempre tinha achado atraente e, ainda assim, não chegava aos pés da delicada Katarina.

— ... ele é? — perguntou Fox. Com Desconfiança como companhia, ela devia viver em constante angústia mental todas as horas do dia e da noite.

— Teimoso — disse Katarina. — Exasperante. Desconfiado...

— Isto eu posso entender.

Ele — *tipo, eu?*

Baden pressionou a língua no céu da boca.

Mas Katarina não tinha acabado.

— Irritante. Chato — um suspiro pesado. — Inteligente, sexy e protetor. Protetor demais!

Ela me acha sexy.

Galen estava sentado na mesa do canto afiando uma lâmina. Seus olhares se cruzaram e o macho deu de ombros, em um gesto de *Mulheres!*

— Esqueceu de dizer que morava mais gente aqui — disse Baden.

As garotas se viraram olhando para ele ao mesmo tempo. O queixo de Katarina caiu.

— Você está coberto de cinzas — disse ela.

— Estou — desviou os olhos dela e seu olhar colidiu com Fox, houve uma sensação de efervescência entre eles.

Desejo? Por ela? Não. Jamais. Devia ser por Desconfiança. Mas Baden não queria nada com o demônio. Não sentiria falta de um câncer que fosse extirpado de seu corpo ou de qualquer outra doença da qual tivesse se curado.

Só que houve vezes em que o demônio era sua única fonte de companheirismo. Mesmo com os outros guerreiros ao seu redor, sentia-se frequentemente isolado.

Mas sentimentos nem sempre faziam sentido, não é?

Fumaça começou se levantar dos cabelos escuros de Fox e as mechas se tornaram chamas. O demônio estava com raiva? Por causa dele?

— Uau — disse Katarina a ela. — O que você tem?

Fox esfregou as têmporas, as chamas se apagaram.

— Desculpe. Ainda estou aprendendo a controlar.

Galen sorriu para Baden.

— Acredita que me esqueci de minha querida Foxzinha?

Não, mas não ia encanar com aquilo.

— Preciso de armas. As melhores que tiver.

Katarina olhou de cara feia pra ele.

— Você está me *ignorando*?

— Não — resposta curta, mas verdadeira.

Ela mordiscou os belos lábios.

Fox acenou para ele.

— Bom te ver, acho.

Seu olhar se voltou para ela, Destruição se debateu dentro de sua mente.

Ela vai se voltar contra nós do jeito que você quase se voltou contra seus amigos. Mate-a agora.

Assassinato a sangue frio jamais é bom. A voz de Katarina ecoou dentro de sua mente.

Galen ficou em pé, dizendo:

— Você quer armas. Eu tenho armas. Por aqui.

Baden o seguiu por um longo corredor.

Katarina correu para alcançá-lo.

— Por que parece ter sido carbonizado? E para que precisa de armas?

— Estou em guerra. Tenho uma nova missão.

— E esta nova missão é superperigosa?

— É claro. Por quê? Vai insistir em vir comigo? — ele abriu a boca para lembrá-la de que era fraca e ele forte, que ela precisava dele, mas ele jamais precisaria de ninguém, daí se lembrou da ameaça dela de ir embora.

Talvez eu precise... dela?

— Uh-não — ela disse, decepcionando-o. — Você tem um trabalho, eu tenho um trabalho. O cuidado com meus novos bichos.

— Não está nem aí se eu morrer? Não devia estar querendo me ver a salvo?

Com uma risada, ela deu tapinhas no braço dele. O contato pele a pele causou um jorro de dor. Ele prendeu a respiração e ela afastou a mão. E ainda sim, sem o toque dela, só sentiu uma aguda sensação de decepção.

Galen parou dentro de um quarto que tinha sido transformado no sonho de qualquer guerreiro. Prateleiras se alinhavam nas paredes e armas de todos os calibres, espadas, adagas, granadas, lançadores, lança-chamas e muito mais enchiam as prateleiras.

— É melhor trocar de roupa — pressionou um botão, um closet se abriu revelando uma fileira de roupas. Galen selecionou uma camiseta preta e jogou-a para Baden. — Tem fendas nas costas para as asas. Pode usá-las para esconder um par de espadas.

Baden se vestiu.

— Também preciso de um celular.

Galen tirou um do bolso e também o jogou. Ao sair do quarto, murmurou:

— O antigo líder dos Caçadores se vê reduzido a uma reles babá. Pra sua informação, não era isto o que eu queria para minha vida.

Baden mandou uma mensagem de texto para Torin: *já estou na casa nova estou bem vocês ainda estão bem.*

Sem erros de digitação. Primeira vez para ele.

Antes de teclar “enviar”, Katarina leu a tela e disse:

— Não esqueça de completar com RCD.

Ele buscou em seus arquivos mentais, mas não conseguiu identificar o que aquilo significaria.

— Por que?

— RCD. Rindo até Cair as Dentaduras. Sabe, por você ser muito velho.

Ele olhou para ela e apertou “enviar” com tanta força que a tela trincou.

— Precisa de outro lembrete de que minha idade não importa? — enfiou o aparelho no bolso. *Quando vou poder enfiar os dedos nela de novo?*

Da próxima vez não usaria luvas. Aguentaria a dor em troca do prazer. E *haveria* prazer. O calor e umidade dela... o aperto das paredes internas dela o ordenhando...

Ela fingiu não ouvi-lo.

— Ou talvez devia ter usado MAC então TCR. Melhor Amigo Caiu então Traga a Cadeira de Rodas.

Destruição... riu? O som, fosse o que fosse, parecia *gatinhos sendo assassinados*.

— Você está mais brava agora do que antes quando te acusei de traição... Pelo que sinto profundamente muito — Baden declarou. — Por quê?

Um rubor tingiu as faces dela, deixando-o intrigado — e deliciado. Quão baixo aquele rubor teria descido?

— Estou sempre com raiva de você. Você me insultou várias vezes e agora descubro que está mantendo *outra* mulher refém.

— Ela não é minha refém e eu estava errado em insultá-la. Vou pedir perdão pra você mais tarde esta noite. De joelhos. Com você sentada a minha frente.

Ela estremeceu, então olhou para ele.

— Espere. Vamos voltar a fita um pouquinho. Você, um macho, acabou de admitir que agiu mal?

— Claro que não — ele gracejou. — Tal evento sem precedentes teria sido marcado por um coral de anjos.

Ela sorriu para ele, mas sua diversão sumiu rapidamente.

— Eu vi o jeito que olhou pra ela.

O tom de voz dela ficou tão sombrio... Ela estava com *ciúme*?

Se fosse possível, ele teria agarrado o braço de Destruição e erguido no ar, em um gesto de vitória. Eles eram campeões que acabaram de vencer uma batalha difícil.

— Como foi que olhei para ela? — buscou entre as armas selecionando duas adagas, uma semiautomática e três cartuchos extras.

— Como está olhando para estas armas — ela disse com a voz um pouco estridente. — Como se elas fossem a resposta para todos os seus problemas.

— Ela carrega uma parte do meu passado. Mas estarei manejando apenas as armas e não Fox. Meu desejo não é por ela.

A pulsação na base do pescoço de Katarina tremulou.

— Por quem é o seu desejo então?

Ele se aproximou dela, olhando-a fixamente. Mas ao invés de responder à sua pergunta, ele disse:

— Não arrume encrenca com ela quando eu não estiver aqui.

Raiva fluiu dela.

— Faça isto. Não faça aquilo. Filho da puta! Eu vou fazer o que...

— Se ela te ferir terei de matá-la, e então o demônio seria libertado ou talvez tentasse me possuir de novo.

— Oh, bem. Com uma razão tão forte... — Katarina derreteu contra ele e ergueu a mão para brincar com a ponta dos cabelos dele. — Além disso, sou doce demais para arrumar encrenca com quem quer que seja.

— Seu gosto definitivamente é doce.

Um sorriso lento.

— Eu sou como um filme pornô em sua boca?

— Não, é melhor — muito melhor. Finalmente ele disse o que ela queria saber. — É você que eu desejo.

Sorrindo para ele, ela disse:

— Por que não me lembra minha afeição pela *sua* boca, hmm?

Recusar algo a ela era impossível. Ele se abaixou para um beijo rápido, pretendendo roçar sua língua na dela uma só vez... talvez duas... mas se viu empurrando-a contra a parede e se banquetando. Agarrou o traseiro dela e a ergueu do chão, forçando-a a enlaçar as pernas

ao redor de sua cintura. Ele posicionou a ereção entre as coxas dela, arrancando um ofego entrecortado cheio necessidade.

— Também estou me lembrando de um monte de outras coisas — ela ronronou ao arquear para encontrá-lo a cada esfregada cheia de desejo. — Tipo o que seu corpo causa ao meu. Calor e dor... Necessidade.

Se ele não sáísse agora, não sairia de jeito nenhum. *Pegue o colar, ganhe o ponto, finalmente possua Katarina.*

Ele se afastou abruptamente, deixando a ambos ofegantes.

— Esteja nua quando eu voltar — o tom de voz dele... tão duro quanto seu pau... não deixava margem a discussão.

Arrepios a inundaram, mas ela manteve a expressão entediada ao dizer:

— Peça com jeitinho.

Por isto, ele imploraria.

— Me espere nua, por favor.

— E te tirar o privilégio de me despir? Não! Estarei totalmente vestida e você vai me agradecer.

Preciso possuí-la agora.

Sim... não! Devo partir. Primeiro a missão, depois a mulher.

Pela primeira vez, suas prioridades pareciam... erradas.

— Não vou demorar a voltar — empunhou uma adaga e uma semiautomática e riscou diretamente para a ninfa da floresta... que estava em uma festa. Água cercava uma cúpula transparente, mas a própria cúpula estava seca. Multidões de imortais enchiam o espaço como sardinhas em uma lata, cada um deles vestindo traje formal completo, as mulheres em vestidos de gala e os homens em smokings.

Baden estava vestido de forma totalmente inadequada. E Destruição não estava feliz com tantos vampiros, Metamorfos, Sereias, Harpias, Fadas, Duendes, Górgonas, Bruxas e até mesmo um Ciclope ao redor.

Calma. Força.

Um garçom passou com uma bandeja cheia do que pareciam ser drinks de gelatina. Estranho, considerando a decoração e os trajes.

Suas orelhas se contorceram quando ouviu um *uh-hu* familiar. Tenso, abriu caminho pela multidão, silvando toda vez que alguém esbarrava nele. Passou por imensas colunas de mármore entalhadas com estátuas de Poseidon e se deparou com a ninfa — que cambaleava ao lado de Taliyah. As duas estavam entornando copos e lambendo limões.

Atrás delas se estendia uma nave de onde Poseidon observava suas antiguidades de um trono feito de coral. Baden sabia que o macho passava metade de cada ano na água e a outra metade em terra, enfraquecido por algum tipo de maldição — mas então, não era a ruína de cada homem devida a uma maldição? Este era um dos meses de terra/pernas.

Sua atenção permanecia fixa na ninfa e sua expressão parecia acesa com desejo não satisfeito.

— Desta vez — disse Taliyah, com as palavras trôpegas — vamos beber fingindo que eu sou você e você sou eu. Rápido, vamos trocar as roupas e as joias.

Baden ficou tenso. Ela estava ali para roubar o colar também, não estava?

Como se estivesse completamente ciente do que se passava ao seu redor — e da presença de Baden — ela olhou rapidamente para ele e piscou.

— Cara! Esta é a melhor ideia do mundo! — a ninfa ergueu a mão para o fecho na nuca.

Poseidon ficou em pé e rugiu violentamente.

— Não se atreva.

Muitos dos convidados se encolheram.

Taliyah fez uma careta, mas disfarçou rapidamente a expressão para revelar somente uma leve decepção.

— Agora nossas bebidas não vão ter o mesmo gosto.

— Eu sei, também acho! — a ninfa deu ao rei dos mares um sinal com os polegares para baixo.

Todo mundo abriu caminho quando ele se aproximou dela. Ele agarrou o braço dela e dois homens — guardas, pela aparência — se adiantaram.

— Leve-a para o alojamento. Vigiem a porta. Ninguém entra, ninguém sai.

— Que chato — ela reclamou enquanto era “escoltada” para a saída. — A festa estava começando a ficar boa.

Baden dividiu um último olhar com Taliyah — de brilho intenso — antes de afundar profundamente na multidão para que Poseidon não o notasse.

— Oh, olhe para você, que pedaço de mau caminho — uma Harpia ruiva acariciou o braço de Baden, fazendo-o brilhar mais. Ele se afastou dela só para esbarrar em outra Harpia. Esta era negra e extraordinariamente bela com olhos cor de âmbar e lábios vermelhos e cheios. *Eu a conheço...*

Sua identidade lhe ocorreu. Ela era Neeka, a Indesejada. Melhor amiga de Taliyah. Anteriormente, cativa dos Phoenix.

Suas garras afundaram nos braços dele embora ela sorrisse, uma aura de maldade a cercava.

— O colar é nosso. Saia ou morra. Sua escolha.

Baden a agarrou pelo pescoço e apertou antes de sequer perceber ter se movido. *Maldição, fera!* Ele a libertou tão rápido quanto a prendeu.

Ela se despediu dele, imperturbável.

— Prazer em conhecê-lo, guerreiro.

Juntando-se à ruiva e Taliyah, ela desapareceu na multidão. Baden seguiu o caminho que os guardas usaram, catalogando possíveis ameaças ao invés de riscar. Quando chegou a um corredor separado, viu um daqueles guardas caído inconsciente atrás de uma planta em um vaso. As garotas trabalhavam rápido. Anotado.

Ele se deparou com outro guarda caído em frente de uma porta trancada e soube que tinha chegado a seu destino. Sem mais perda de tempo, riscou para dentro do cômodo. Um quarto de dormir. As paredes eram azuis da cor do céu, com vasos de plantas e flores pendurados por todo canto. As três Harpias — Taliyah, Neeka e a ruiva — cercavam a ninfa. Ela lutava como uma assassina treinada, nem de longe tão bêbada quanto tinha aparentado. Nem um pouco bêbada na verdade. As quatro mulheres lutavam em um emaranhado de braços que se socavam, garras que se arranhavam e pernas que chutavam. Elas se moviam tão rápido que ele tinha de se concentrar para rastrear movimentos individuais.

Uma memória fugaz. Uma dele mesmo. Sentado ao lado de Paris, comendo pipoca e observando fêmeas imortais lutarem pela chance de um encontro com um macho.

Grunhidos e gemidos rapidamente o trouxeram de volta à realidade. Um jato de sangue. Um dente voou pelo ar como uma bala descartada.

Baden usou móveis para bloquear a porta.

— Me dê o colar — Taliyah ordenou.

— Você não precisa dele, sua vadia — a ninfa respondeu.

— Nem você, puta — Neeka a golpeou no estômago. — Está prestes a morrer.

— Me garantiram que eu viveria por pelo menos mais um ano! — a ninfa disse de novo. — Não faz ideia do que tive de suportar. Eu *prefiro* morrer a entregá-lo.

— Bem, estou aqui para ajudar nisso — a ruiva ofereceu um sorriso indiferente enquanto golpeava com dedos com pontas de metal. Incapaz de exibir garras reais? — Vai ser o próximo prêmio no Torneio das Harpias.

A ninfa era boa, mas não era páreo contra as três Harpias altamente capacitadas. Poucos seriam.

Destruição ansiava por dançar sobre o sangue delas, mas mesmo ele reconhecia a improbabilidade de sair ileso.

Ele riscou para o meio do círculo, um defensor para a ninfa, levando os golpes seguintes por ela. Garras no pescoço. Um soco no fígado. Um chute no estômago.

Pontadas agudas de dor só serviam de pavio para a fúria. Ela chamuscou. Aumentou e se espalhou. Consumiu-o. Ele sacou sua semiautomática, rapidamente metendo uma bala entre os olhos da ruiva.

Ela acordaria em... alguns dias.

Ele encarou Taliyah e disparou outro tiro. Já antecipando o ataque, ela se abaixou e desviou do caminho da bala.

Garras se projetaram das pontas dos dedos dele e a arma caiu de sua mão. Uma arma que ele na verdade não precisava.

As sombras estavam surgindo.

Neeka puxou Taliyah na direção da porta conforme Destruição fornecia a Baden uma corrente de informação. As sombras eram descendentes da Corrupção. Se deixadas sem supervisão, suas trevas infectariam um hospedeiro, direcionando os pensamentos e ações dele — ou dela.

Com um único toque, aquelas trevas — como um vírus — infectariam estas Harpias também e começariam a direcionar os pensamentos e ações *delas*.

Os braceletes, como armaduras, mantinham Baden imune.

As Harpias agarraram a ruiva e arrastaram para fora do alcance. As sombras observaram e se contorceram, famintas por combate.

Taliyah olhou para ele.

— Eu quero aquele colar, Ruivo.

— Hades estará com ele em uma hora. Se pedir com jeitinho, talvez ele te dê de presente.

— Você não entendeu. Se entregar a ele vai se arrepender. Muito.

Ele tinha muitos arrependimentos. Não achava que este seria um deles.

As sombras silvaram e até se moveram na direção dela. Ela puxou as companheiras para a parede e chutaram a porta para fechar. A última coisa que ele viu foi sua cara feia.

As sombras voltaram às suas marcas.

Um vaso quebrou na sua cabeça. Quando os cacos caíram ruidosamente no chão, ele se virou para encarar a ninfa. Os olhos dela se arregalaram de horror quando viu que ele permanecia de pé.

Ele apontou a semiautomática para ela e então a adaga.

— De um jeito ou de outro, vou levar o colar. Vamos fazer pelo modo mais fácil. Entregue-o a mim.

Claramente, a linha que ele trilhava entre o bem e o mal tinha se atenuado a cada tarefa. Pensou que manteria um código estrito: jamais matar mulheres ou inocentes. Ela era ambos e, ainda assim, ele a ameaçou.

Pelo menos lhe deu uma escolha.

O que Katarina faria?

Raiva contorceu a expressão da ninfa, mas evaporou como orvalho da manhã. Ela sorriu e pestanejou para ele.

— Por que não leva minha virtude no lugar dele? Vai gostar mais, prometo.

Uma oferta de saciar sua necessidade e clarear sua cabeça, mas não se sentiu nem um pouco tentado. Queria sua humana. Queria passar as mãos sobre ela e somente ela. Queria as mãos dela sobre ele e somente ele. Não queria nada entre eles. Nada de roupas, nada de dor. Se pudesse ter o último, aguentaria o primeiro.

De alguma forma, ela o tinha enfeitiçado.

Nesta situação, ela tentaria vencer através da lábia. O problema era que ele não tinha carisma nenhum. O que tinha? A verdade.

— Me dê o colar. Não quero te machucar, mas é o que farei se for preciso.

— Ou eu posso fugir — a ninfa disse.

— Última chance — balançou as duas armas. — Minha mulher vai me recompensar se eu te deixar viver. Quero minha recompensa. Mas se eu falhar em levar o colar a Hades, serei punido e outro guerreiro virá atrás de você.

— Eu me esconderei antes...

— Não importa. Pandora vai te achar.

— Pandora? — a ninfa estremeceu, com as faces pálidas. — Aqui. Toma o colar, suma daqui!



DEZOITO

“A definição de casamento? É quando uma mulher adota uma criança já adulta, cujos pais já não a suportam mais.”

— Olivia, Enviada caída.

KATARINA: 0. BADEN: 1.

Potrebujem pomoc — Preciso de ajuda.

Katarina se esqueceu dos planos de treinar Baden no instante em que o viu olhar para Fox com desejo — desejo por uma mulher que não fosse “fraca”. Seu orgulho tinha levado um duro golpe.

Quando a expressão projetou raiva imediatamente após, ela deduziu a verdade. O desejo vinha do companheirismo, ao invés de sensualidade. Era como se ele visse um velho amigo depois de anos de separação, e os dois olhares foram para Desconfiança e não para Fox.

Ele odiava o demônio e com toda razão... Mas talvez sentisse falta da companhia. Neste momento, confiava em si mesmo ao redor de tão poucas pessoas. Com toda razão! Hades estava fazendo o possível para transformá-lo em um Pit Bull premiado, um lutador cujo único instinto era o ataque.

Bem, que pena para Hades. Pit bulls na verdade eram gigantes gentis. Quando criados da forma correta, eram dóceis o tempo todo.

Hora de aumentar sua aposta, Katarina pensou. E tinha um plano. Um teste de fogo. Ou melhor, um teste de toque.

Toque era a maior ferramenta em seu arsenal. Enquanto Baden usava armas e facas para dar sua mensagem, ela usava as mãos. Contato pele-a-pele — ou pele com pele — criava um vínculo entre duas criaturas — uh, pessoas. Toque dizia *Você não está sozinho*. Toque dizia *Estou aqui para você*.

E na verdade, ela só queria colocar as mãos em cima dele de novo.

Biscuit e Gravy cutucavam seus bolsos enquanto os levava para o quarto que tinha escolhido para si. Um cômodo decadente com cortinas douradas, retratos de reis e rainhas pendurados por todo canto e móveis entalhados à mão. Ela tinha acabado de assar biscoitos caninos sem açúcar e os sacos plásticos em seus bolsos estavam cheios de farelos.

— Senta — disse, e depois de cada cão obedecer ela entregou a guloseima.

Antes de oferecer outro, pediu aos garotos para dar a patinha.

— Bom trabalho, rapazes.

Eles devoraram a rodada seguinte e ela pensou que podia explodir de amor. Por que tinha tentado manter a guarda erguida tão diligentemente contra a dor de outra perda?

Humanos precisavam de amor para sobreviver. Amor era amparo. Amor era vida. Quanto mais dava aos outros, mais os outros podiam dar a ela.

Biscuit lambeu sua mão. Gravy pulava ao redor como um coelhinho enquanto tentava morder a cauda do irmão, tentando usá-lo como novo mordedor de brinquedo. Uma amigável briga começou. Os dois transmitiam mais felicidade a cada dia, sem falar um espírito mais brincalhão e postura mais confiante.

Começava a achar que dariam excelentes cães de guarda. Treinamento *schutzhund* funcionava melhor em filhotes que eram calmos e confiantes desde o início, que tivessem sido socializados precocemente para que nada os assustasse. Não que cães nervosos ou incertos não pudessem ser treinados, mas geralmente era o mesmo que dar um rifle carregado a um homem assustadiço cujos dedos tremiam cada vez que via a própria sombra. Além disso, cães nervosos tendiam a ter audição seletiva e frequentemente ignoravam comandos do treinador, mordendo a qualquer um, mesmo o treinador, de medo por sua própria segurança, não por desejo de proteger.

Biscuit e Gravy provavelmente não foram socializados e podiam até ter um histórico de abuso, a julgar pelo modo como reagiam a estranhos, mas definitivamente tinham a confiança necessária. Eles também tinham um alto instinto de caça, que era outra coisa essencial. A necessidade de procurar, perseguir e capturar comida. Ou um dia, bandidos.

Os dois já tinham dominado o treinamento básico de obediência, e embora só tivesse começado a ensiná-los a rastrear — brinquedos, biscoitos e um dia, se decidisse levá-los ao próximo nível, drogas — eles se provaram adeptos a isto também, com afinado sentido de olfato. Em seguida viria treinamento de mordida, que começaria como uma brincadeira.

De fato, ela fazia de tudo uma brincadeira do começo ao fim. A manga pesada e acolchoada que tinha dado a eles — um prelúdio à perseguição de um ser vivo — era usada como brinquedo-mordedor. Eles brincavam de cabo de guerra com ele, elevando o nível de sua excitação cada vez mais. O objetivo jamais era machucar, mas soltar o brinquedo assim que ela mandasse.

A chave? Redirecionar a agressividade deles. E amá-los. Sempre amá-los.

Tantas pessoas que pagavam pelos seus serviços perguntavam como fazia tais milagres com os cães. A resposta era dupla. Um, escolhia seus animais em abrigos. Adotava e nunca comprava! Cães de abrigos sabiam que um lar era uma bênção. E dois, da afeição nascia proteção. Era simples assim.

Seus outros cães, os que tinha resgatado de ringues de rinha, precisaram de mais afeição e segurança do que estes dois. E levou muito mais tempo. Tempo que foi mental e emocionalmente tão exaustivo quanto emocionante. Tinha lhe dado outra razão para se manter forte após a morte da mãe.

Sem força, não temos nada.

Ela tinha algo a dar.

— Eu vou cuidar de vocês — sussurrou. — E vou dar a vida que vocês merecem.

Eles pararam de lutar e olharam para ela com adoração, como se compreendessem suas palavras. Ela achou que eles pudessem estar tentando dizer a ela *Vamos cuidar de você também*.

Eles compartilharam um olhar de... expectativa? A cabeça de Gravy se inclinou para o lado. Biscuit anuiu. Em uníssono se aproximaram dela. Cada um encostou o focinho em um dos pulsos dela, e quando ela tentou virar a mão para acariciá-los, cada um deles expôs um par de presas — *presas?! — e morderam profundamente sua veia.*

Uma torrente de dor! Gemendo, tentou se libertar, o que só fez os dois morderem mais. Por fim a dor diminuiu, substituída por uma corrente cálida de...

Tristo hrmeych! Ela estava “chapada”? Sempre desprezou o uso de drogas, mas isto parecia perfeitamente com a descrição que o irmão havia feito — vertigem, uma sensação de leveza, como se pudesse flutuar para longe como um balão, uma sensação de êxtase, de estar tudo certo em seu mundo. Merda! O que estava acontecendo com ela?

Os cães a libertaram por fim e ela caiu sentada. Seus membros estremeeceram, os ossos vibraram. Cada órgão de seu corpo pegou fogo; a chama a consumiu, o suor logo a ensopou. Estava morrendo. Devia estar morrendo. Ela...

Dedos estalaram na frente do seu rosto. Ela piscou os olhos para abri-los e descobriu-se sentada, ao invés de em pé. De forma ainda mais confusa, a dor tinha sumido completamente, a pele e roupas secas sem sinal de transpiração. O único sinal de que algo tinha ocorrido era o gosto metálico em sua boca. Ela tinha mordido a língua? Não, não havia ferimentos ali.

Galen abaixou à sua frente com a expressão preocupada.

— Quer me dizer o que há de errado com você? Está sentada aí há pelo menos cinco minutos, grunhindo e rosnando, tipo um zumbi.

Mas... Mas... Só havia se passado poucos segundos. Certo?

— Estou bem — sua garganta queimou como se não a usasse há dias, talvez semanas. Ela balançou a cabeça para desfazer qualquer sinal de leveza.

Biscuit e Gravy estavam sentados ao lado dela calmamente observando o guerreiro. Por um momento louco, Katarina imaginou sentir o desagrado deles em relação ao homem — estranho! — e a inflexível determinação de proteger a *humana boba* deles.

Franzindo o cenho, Katarina ergueu os braços, virando as mãos para a luz. Seus pulsos estavam normais. Não havia evidência alguma de ferimento, nem mesmo um hematoma. Ela tinha *imaginado* a mordida?

— Estou bem — repetiu. — Mesmo — talvez tivesse adormecido e sonhado com a mordida. Ou teve uma alucinação? Totalmente possível. Estava meio que saindo com um guerreiro imortal. Coisas mais estranhas que aquilo ocorriam todos os dias. — O que está fazendo aqui?

— Fiz o almoço. Minha especialidade. Sanduíches de presunto.

Almoço? Ela não tinha perdido somente minutos, mas *horas*.

— Obrigada, mas não tenho fome — seu estômago estava ocupado demais se fechando em milhares de pequenos nós.

— Tudo bem — Galen ficou em pé com graça fluida. — Vou deixar um na geladeira caso mude de ideia. Se eu ficar com fome mais tarde, bom, daí é cada um por si. Você teve sua chance.

— Quanta gentileza.

— Eu sei. E agora que já te bajulei...

O significado da frase lhe escapou. Bajulou?

— Está dando em cima de mim?

Galen ondulou as sobrancelhas para ela.

— Vásonhando. Estava esperando convencê-la a conversar com Baden para ajudar Fox a lidar com Desconfiança.

— Ela está com problemas?

— Só todos os dias.

Ela sentiu compaixão, assim como a lembrança da apresentação de Katarina para Galen. Ele a tinha ameaçado. Ela disse:

— Se me chamar de agora em diante de *minha doce razão de viver*, talvez eu possa considerar mencionar a mulher a Baden.

Ele sorriu ironicamente para ela.

— Espero que aja deste jeito com o ruivo... *razão de viver* — ele a saudou antes de sair da sala, fechando-a lá com os cães.

Pelas horas seguintes, ocupou-se com o restante do treinamento, determinada a não pensar no que tinha acontecido. Ou o que não tinha acontecido. Tanto faz! Quando um dos garotos começava a fazer xixi ou cocô, ela dava um comando firme para parar e levava os dois pra fora, oferecendo uma guloseima quando faziam o que tinham de fazer na grama.

A casa — palácio — tinha milhões de cômodos, cada canto oferecia um corredor novo para alguém se perder, então se mantinha sempre no mesmo caminho. Um caminho reto para baixo, pela cozinha, lavanderia e finalmente o solário. O quintal era cercado por um muro alto feito de ouro, aço e ferro. A grama, arbustos e canteiros de flores eram perfeitamente cuidados, e uma miríade de árvores provia sombra para um sol abrasador.

Ao fim do treinamento, permaneceu do lado de fora, deixando os garotos correrem livres enquanto criava mentalmente uma lista de compras. Portinholas para cães, comida orgânica, placas para as coleiras, guias mais reforçadas, spray neutralizador de urina e brinquedos.

Brinquedos.

Ela percebeu a voz estranha, juntamente com o fato da palavra ter sido dita em uma língua que não conhecia, mas que ainda assim compreendia. Franzindo o cenho, girou em um círculo. Não havia ninguém por perto.

Mas ambos os cães congelaram.

Garota-demônio vindo.

De novo, a voz estranha a surpreendeu. Desta vez, no entanto, percebeu que as palavras foram ditas *dentro* da sua cabeça. Mas não vinham dela, e os únicos seres ali com ela... olhou para os cães. Não, não. Impossível... não era?

Os cães se puseram na sua frente quando ela girou. Biscuit grunhiu para Fox, que abriu a porta e se inclinou contra o batente e Katarina realmente *sentiu* o jorro da raiva. *Isto é mais estranho que a coisa mais estranha.*

— Você é boa com eles — disse Fox.

— Eu os amo — respondeu. Era simples assim.

Tanto Biscuit quanto Gravy sorriram para ela, como se compreendesse suas palavras. Seria isso?

Fox esfregou a têmpora.

— Você ama Baden? Espera. Sabe o que? Não importa. Não responda. Não vou acreditar — ela riu, a diversão misturada com amargura. — O demônio, você sabe.

Katarina acariciou os garotos atrás das orelhas.

— Vem com um bocado de paranoia, não é?

— Se soubesse o número de teorias da conspiração que se passa na minha cabeça a todo instante...

— Está esperando que Baden tome o demônio de volta? — Por que mesmo que ele concordasse com isto, Katarina lutaria com unhas e dentes para impedir que ele fosse repossuído. O cara já tinha o suficiente com o que lidar.

— Sim. Não. Não sei. Não sei *de mais nada*.

Ela sentiu compaixão de novo. Mais do que antes. Katarina não podia fazer muito para ajudar a garota, mas podia oferecer uma distração.

— Já que está aqui, preciso de ajuda para comprar alguns suprimentos para os cães.

— Faça uma lista e providencie para você.

— Maravilha — citou tudo o que queria. — Mas, uh, eu também preciso de alguns itens pessoais — para começar sua sedução, er, treinamento, de Baden. — Tipo, um massagista.

— Não tem problema. Tenho um na equipe.

Melhor ainda.

— Ele... Ela?... Tem uma maca portátil?

— Ele. E sim.

Um macho. Melhor ainda.

— Eu também preciso de lingerie. Muitas lingerie, e certifique-se que sejam supersacanas. Algo que uma prostituta usaria. De alta classe! Não, deixa pra lá. De classe baixa. Oh, e preciso de artigos de higiene pessoal. Preferencialmente com essência de baunilha. E camisinhas. Muitas camisinhas. Elas não precisam ter essência de baunilha. Um maiô... vocês tem uma piscina? Deixa pra lá, não importa. Um biquíni fio dental. Você não devia escrever isto?

Nós buscamos pra você?

E-e-e lá estava a voz estranha de novo, mais alta e mais clara do que antes. Ela olhou para os cães. Ambos olhavam para ela cheios de expectativa, esperando pela resposta.

Eles estavam falando com ela, não estavam?

Um pensamento tão tolo e sim, a suspeita se aferrou a ela.

— Não — disse a eles, só no caso... — Não precisa buscar.

Eles suspiraram decepcionados.

— Você fala com os cães? — Fox perguntou, franzindo o cenho.

— Você não?

A mulher afastou o cabelo escuro da bochecha ao dar a Katarina o temido olhar de canto de olho.

— Trago os itens que pediu no final do dia.

— O quanto antes — Baden podia voltar a qualquer momento. — Tipo, daqui a duas horas.

— Vou fazer o possível. Só... não machuque o guerreiro. Se machucar...

— Não vou.

— Mas se machucar...

— Eu realmente não vou... Gosto dele.

—... eu vou te matar — terminou Fox.

Enquanto os cães rosnavam para ela, virou nos calcanhares e foi embora.

Katarina se ajoelhou para acariciar e encorajar os alunos. Mesmo ao detectarem uma ameaça e reagirem, permaneceram calmos, parados ao lado dela. Agora abanavam a cauda e a beijavam livremente.

Este mundo no qual se encontrava era diferente de qualquer um que já conheceu, mas isto, estes cães, eles eram a sua normalidade. E Baden... ele era só dela. Por enquanto.

Baden riscou para Hades. O rei estava sentado no trono ditando instruções para Pippin, em pé atrás dele, entalhando na tábula de pedra.

— ... cabeça removida, membros decepados, peito aberto e... — notando Baden, Hades mudou de curso. — Bem?

Baden jogou o *coeur de la terre* para ele.

— Mais um ponto.

— Excelente — Hades ancorou o colar ao redor do pulso, observando Baden com algo parecido com raiva. — Você machucou as Harpias?

— Não. Não houve necessidade.

Hades relaxou, mas só levemente.

— Cada detalhe. Agora.

A história partiu dele, finalizando com as sombras perseguindo as Harpias até tocá-las pra fora do lugar.

— As sombras... elas são descendentes da Corrupção, certo? — um demônio de alta casta com habilidade de emparelhar com qualquer espírito humano receptivo. Ele só obtinha prazer ao arruinar uma boa pessoa.

Hades passou dois dedos sobre o maxilar de barba cerrada, como se debatesse as próximas palavras.

— Elas são, a maldade delas é concebida dentro do coração humano.

Destruição tinha entendido corretamente. E agora, longe do calor da luta, ele... não ficou satisfeito. Ele carregava a semente da Corrupção em sua carne.

— Por que tão sombrio? — perguntou Hades. — Os braceletes te tornam imune ao modo específico de alimentação delas. Elas só querem proteger seu hospedeiro. E consumir seus inimigos, é claro.

Verdade — por enquanto. Mas Corrupção, como qualquer mal, algum dia se voltaria contra seu hospedeiro. Isto era certeza.

— O que acontecerá quando eu vencer seu jogo e os braceletes forem removidos?

Um sorriso enigmático.

— Você não vai precisar se preocupar.

Por que não sobreviveria à remoção?

Não. Ele e Hades dividiam um vínculo e nenhum deles podia negar. A resposta, seja qual for, simplesmente ainda não estava clara para ele.

— Pippin — Hades esfregou um pedaço de fibra de algodão do joelho. — Eu decidi punir ou perdoar meus encarregados por quebrar as regras e lutar um contra o outro?

— Perdoar, amo.

Os ombros de Hades ondularam de decepção.

— Muito bem. Nunca nego minhas decisões.

— Exceto quando as nega, amo.

— Verdade. Você me pegou, Pippin. É por isto que não te despedi hoje.

— Ainda restam várias horas no dia de hoje, amo.

Baden se intrometeu dizendo:

— Me dê outra missão.

Hades o observou por um momento.

— Está com tanta vontade assim de derrotar Pandora?

Aprovação brilhou nos olhos pretos do rei.

— Estamos perto da vitória a cada dia — com um movimento dos dedos, ele acenou, dispensando Baden. — Vá agora. Descanse enquanto pode.

Não há descanso para o malvado. Ele tinha outro negocinho a resolver — cortar por fim o laço que unia Katarina a Aleksander.

Baden não o mataria. Katarina queria o macho trancafiado para sempre. Em troca de mantê-lo vivo, Baden insistiria para que o macho desfizesse os votos, divorciando-se dela. No mundo deles, isto seria suficiente, a palavra de um homem era o seu vínculo.

Ele riscou para a masmorra sob a fortaleza em Budapeste e...

Tanto o homem quanto as correntes desapareceram.

Maldição! O filho da puta não tinha sido libertado com a Chave Mestra. Torin jamais o trairia. Baden sabia disso com todas as fibras de seu ser, o que o envergonhava ao lembrar-se das vezes em que *não tinha* confiado em Torin e nos outros. Vezes que lembrara ao olhar para Fox, tinha certeza, e considerava as ramificações de hospedar Desconfiança. Os dias mais sombrios de sua vida. Tão sombrios que preferiu morrer.

Agora, tinha os braceletes e as sombras, que o tornavam mais perigoso do que antes. E sim, não tinha desejo algum de acabar com sua vida. Ele lutaria pelo que queria.

Lutaria por *Katarina*. Naquele momento, ela era o lado iluminado dele. Ele disse a verdade: não a perderia.

Mas ela ainda era casada, um laço que não quebraria tão cedo quanto esperara. Fúria... Alguém deve ter encontrado a chave das correntes nos escombros da fortaleza. Alguém com a habilidade de riscar... ou até mesmo a habilidade de riscar especificamente até Aleksander.

Pandora! O nome dela foi um flagelo dentro de sua mente; Destruição rugiu.

Ela pagaria. Baden também possuía a habilidade de riscar até Aleksander, o que significava que ele tinha acabado de perder a fuga do macho; de outra forma teria riscado para algum lugar lá em cima. Ele segurou uma adaga em cada mão e riscou...

Para o centro de uma rodovia movimentada. Uma buzina guinchou. A cadela estava tentando matá-lo sem quebrar as regras. Ele riscou quando o veículo raspou em seu braço, girando e só parou dentro de um vestiário feminino.

Fêmeas seminuas, já assustadas pela passagem de Pandora e Aleksander, ofegaram, gritaram e jogaram toalhas e sapatos nele. Riscou de novo, desta vez reaparecendo em um beco com paredes grafitadas.

Uma série de *pops* soou... até um *clique, clique* que sinalizou um cartucho vazio. Ele se abaixou, uma das balas conseguiu atingi-lo na clavícula. Outra memória que não viveu bateu à porta de sua mente, mas desta vez não teve problemas em ignorá-la, sua vontade ficou mais forte.

Ao se endireitar, fixou o olhar em Pandora. O olho que ele tinha apunhalado ainda estava em processo de cura. As partes mais vulneráveis do corpo requeriam mais tempo. Mas pelo menos ela estava se regenerando, apesar de ser um espírito.

Regenerar membros perdidos era possível. Mas somente com os braceletes?

Ela usava um top preto, revelando as marcas de Corrupção nos braços.

Em termos de humanos que tinham matado, estavam quites. Baden tinha outros seis pontos, sem contar os pontos que dividiram por matar o assecla de Lúcifer. Quantos outros pontos *ela* tinha? E por que não sentia desejo de matá-la, apesar de suas ações neste dia?

— Olá, Baden — ela exibiu os dentes em um arremedo de sorriso, recarregou a arma e fez mira. Aleksander estava ancorado à sua cintura, uma corda amarrada ao fim da corrente e enrolada ao redor da cintura dela. Uma vulnerabilidade. Perfeito. — Sua pequena armadilha falhou, como pode ver. Encontrei a chave nos escombros.

— Você tem algo que me pertence — disse Baden enquanto Destruição rosnava.

— Ele é meu!

Baden lançou uma adaga, mirando a corda.

Pandora deve ter pensado que ele preferia matar o bastardo ao invés de permitir que ela partisse com ele por que pulou, recebendo o golpe na coxa. Ela se encolheu, erguendo a semiautomática e disparando mais dois tiros.

As balas penetraram o torso dele, despedaçando seu estômago. Ele sentiu a gosma preta escorrer e as forças se esvaírem na hemorragia.

— Se ele morrer não vai poder nos dizer onde está a moeda — ela manteve a arma apontada para Baden e o braço tremia ao vazar seu próprio rio preto.

Será que ela não conseguia mais feri-lo? Ela também devia sentir a conexão.

— Ele jamais contará — disse Baden. — E não é só por causa da moeda — ele se voltou para o macho. — Verbalize seu divórcio de Katarina.

— Nunca — jurou Aleksander.

Pensa que pode me negar?

Raiva...

— Esta garota de novo! — Pandora meneou a cabeça com desgosto. — Só a moeda importa. Ela vai forçar Hades a realizar meu maior desejo.

A certeza dela...

— Sei disso, mas como você sabe?

— Você não é o único que tem amigos, Badenzinho.

A cabeça dele caiu para o lado enquanto a analisava.

— Você quer usar a moeda para ganhar o reino para si mesma, não é?

— Sim! Você não?

— Não — mas pelo menos ela era honesta. — Você nunca foi possuída. Não conhece os horrores de viver com um demônio.

— Eu sou hospedeira das sombras e tenho vivido com memórias que não são minhas. Consigo lidar com demônios.

Errado. Você não lida com demônios. Eles se alimentam de você.

— Além disso, um exército é um exército — ela completou. — Jamais ficarei indefesa de novo!

Um sentimento que ele compartilhava. Até certo ponto.

— Existem outras maneiras. *Pandy*.

Ela deu uma violenta sacudida da cabeça.

— Saia agora e viva. Se ficar, vamos lutar até a próxima morte.

Destruição correu seus cascos pela mente dele, pronto para atacá-la. Uma ameaça era uma ameaça, não importava a conexão.

Katarina não concordaria. *Enquanto há vida, há esperança*.

— Você realmente quer desistir de se libertar dos braceletes? — Hades podia perdoar alguns cortes e hematomas, mas não assassinato.

De olhos arregalados, ela disse:

— A moeda vai comprar meu reino e minha liberdade. Talvez eu te poupe hoje para te tomar como escravo amanhã.

Aquele era o grande plano dela?

— Acha que Hades não tem reis sob seu comando? Eu já os vi. Você já os viu — os guerreiros que o jogaram para o outro lado da sala do trono como se não pesasse mais que uma pena. — Pode ser até que tenha um reino, mas certo como a merda que não vai ser livre.

— Eu serei — ela soava tão desesperada. — Não aguento mais continuar assim.

Ele sentiu compaixão, emoção que raramente sentia por esta mulher. Culpa de Katarina. O lado mais suave dela deve tê-lo contaminado.

Aleksander sorriu afetadamente para ele por cima do ombro de Pandora e a fera se *debateu, debateu* contra o crânio de Baden, no esforço de alcançar o macho.

Suas têmporas latejaram. *Foco*.

— Não vou deixar você...

— Me dê apenas uma noite com ele e juro que não vou ferir sua humana.

As palavras de Pandora calaram sua ameaça e aquietaram até mesmo Destruição. Ela tinha acabado de oferecer a única coisa que ele não podia recusar.

— Eu te dou uma noite — um risco calculado. Se ela encontrasse a moeda, ganharia mais um ponto. E mesmo que falhasse, o macho estaria fora do controle estrito de Baden.

— Amanhã — adicionou ele — *virei* atrás dele.

— Fechado. Mas se vier mais cedo e me emboscar, vou atrás da garota.

— E eu acabo com você.

Ela riu.

— Gosto do pensamento de você em uma jaula feita por mim. Talvez eu passe a noite toda criando armadilhas para você.

Ele sorriu para ela, puro desafio.

— Eu ficaria decepcionado se não fizesse.

— Até amanhã então — ela desapareceu com Aleksander, que ainda sorria. Tolo. Ele pensava que por ser uma mulher Pandora seria mais fácil de ludibriar e menos perigosa. Baden a conhecia bem. Ela feria suas vítimas de maneiras que as assombravam pelo resto de seus dias. A ninfa sabia e logo Aleksander também descobriria.

Voltar para Katarina. Possui-la totalmente.

Seu sorriso se transformou em pura sedução ao riscar para casa.



DEZENOVE

“O borogodó é uma coisa poderosa. Use-o ou deixe-o.”

— Danika, o Olho que Tudo Vê.

KATARINA ANDOU EM CÍRCULOS PELO quarto enquanto verificava mentalmente uma *checklist*. Luz do teto e abajures apagados. Certo. Velas com aroma de baunilha e lavanda espalhadas e acesas. Certo. A maca de massagem montada e coberta por um cobertor aquecido. Certo. Seu corpo lavado com sabonete de baunilha e coberto somente por um roupão de cashmere. Certo e mais do que pronto.

Os cães dormiam pacificamente no banheiro. O massagista estava de sobreaviso à espera de seu chamado. Só faltava Baden, onde ele estava?

Ela sentou na cadeira perto da lareira acesa, inclinando-se um pouco, tentando parecer sexy. Mas uma hora depois, estava novamente de pé andando em círculos, certificando-se de requebrar os quadris. Só pro caso... Se Baden ficasse fora a noite toda, ela... ela... argh! Ela iria pra cama frustrada. Como vingança, deixaria-o frustrado durante a semana toda. *Suspiro*. Reforço negativo magoaria os dois.

Suspirando, foi até uma janela e olhou pra fora. Um minuto se sucedeu ao outro e pensamentos sombrios passaram pela sua mente, arruinando o clima sensual. Aqui estava ela, determinada a seduzir Baden, enquanto seu irmão... O que? Estava lá fora em algum lugar provavelmente chapado como um condenado. Ou talvez tivesse morrido de overdose e jamais teria a chance de se desintoxicar.

Por que é que eu me importo?

Ela suspirou, a resposta estava clara. Dominik era a única família que tinha lhe restado e família —pro bem ou pro mal — era um laço. Para todo o sempre.

— Katarina.

A voz rouca de Baden a assustou e uma cascata de arrepios inundou seu corpo. Estremecendo, virou-se para encarar o objeto de seu fascínio — a única pessoa capaz de fazê-la esquecer de seus problemas simplesmente dizendo seu nome.

Como de costume, a beleza do homem tirou seu fôlego. Ele tinha tomado banho. Seu cabelo estava úmido, as mechas estavam de um vermelho escuro, quase castanhas. Ele usava uma camiseta preta e calças camufladas enfiadas em coturnos. Suas luvas estavam firmemente postas.

— Você estava triste. Por quê?

— Estava pensando em meu irmão.

— Pare com isto... Por favor. Ele te causou dor. Não deveria ter o privilégio de fazer parte da sua vida.

Bom. Baden estava aprendendo a pedir ao invés de mandar. Ao seu próprio modo sim, mas progresso era progresso. E oh, o jeito que ele a elogiava... jamais se cansaria disto.

Quando ele passou o olhar sobre ela apreciando seu corpo seminu, suas feições esculpidas se esticaram de tensão. Uma tensão tão forte que espessou o ar ao seu redor, estalando como energia elétrica.

— Bonito roupão — disse ele. — Agora tire.

Oh. Uau. Está bem. Se estivesse usando calcinha, ela teria se ensopado naquele instante. Aparentemente, às vezes *gostava* das ordens dele. Ainda assim, ela retrucou:

— Peça com jeitinho — consistência era a chave para um treinamento bem-sucedido.

— Pode tirá-lo, por favor?

Ela sorriu para ele, orgulhosa.

— Claro que vou tirar. Para minha massagem.

Baden a desejava, claramente queria possuí-la, mas planejava que acontecesse sem contato pele com pele. Absolutamente inaceitável. Almeje primeiro as estrelas, e se for preciso, aceite as flores depois.

— Massagem? — perguntou, intrigado.

— Uma massagem *desesperadamente necessária*. Estou dolorida de recentes atividades... Vigorosas — o tremor dela só aumentou ao erguer o telefone. O sistema de intercomunicação permitia contato com qualquer cômodo da casa, mas não com o mundo exterior. Aquilo lhe parecia estranho, mas não ia discutir. Digitou o ramal certo para o dormitório dos empregados e quando atenderam, pediu para falar com o massagista de Fox.

Quando ele atendeu, ela disse:

— Estou pronta.

Baden cruzou os braços sobre o peito. Braços que esperava ter ao redor do seu corpo muito em breve.

— Uma massagista.

Ela riu como se encantada.

— Não seja ridículo — com um empinar de queixo, foi até a cadeira que tinha colocado ao lado da maca de massagem, um local que lhe daria uma vista desobstruída dos procedimentos. — Sente-se.

Ele baixou os braços, uma das mãos pousou no punho da adaga.

— *Um* massagista?

— Sim. Eu gosto de uma pegada forte, e como você não se cansa de dizer, os homens são mais fortes — ela pestanejou exageradamente os cílios.

— Nem sempre — ele admitiu. — Mulheres podem ser...

— Mas não se preocupe, *naivka* — ela exclamou. — Vou deixá-lo assistir — *e você não faz ideia do que o aguarda.*

— Eu faço. Faço a massagem em você — seu tom de voz duro era desafiador. — Sou mais forte do que qualquer humano.

Ela fez beicinho para ele enquanto tentava não rir como uma colegial.

— Você sente dor quando toca alguém e esta noite quero que sinta somente prazer.

As narinas dele se expandiram ao inalar profundamente.

— Eu fico com as luvas. Não vou sentir dor.

Oh, como soava ansioso agora.

— Está bem, deixa eu me explicar melhor. Quero sentir pele com pele. É mais quente... mais fodástico.

Um músculo pulsou debaixo do olho dele.

— *Fodástico* nem é uma palavra.

— Sinto muito pelo meu português ruim. A excitação derreteu meu pobre cérebro de garota — ela se aproximou casualmente dele e levou-o até a cadeira. — Agora, se fizer a gentileza de sentar...

Ele não se sentou. Ela o empurrou e ele caiu no assento, sem tirar os olhos dela.

— Não estou gostando disso.

Isto está claro como água, querido.

— A fera está te mandando matar agora?

— Sim! E está muito determinado.

— Bom. Faça o que fizer — disse ela, inclinando-se para pressionar os lábios contra a orelha dele — não machuque o humano. Repito, não machuque o humano.

Ele agarrou os braços da cadeira.

— Não posso prometer nada.

Ela se endireitou, dizendo em tom de voz firme.

— Você vai fazer esta exclusiva promessa ou não vou te deixar assistir.

Oh-oh. Ele *reeeeealmente* não estava gostando daquilo. O olhar dele ficou vermelho e quando voltou a falar, ela pôde discernir duas camadas de vozes, ambas expressando fúria e... posse?

— Você acha que pode me forçar a ir embora, doce Rina?

— Não — *aja com cuidado*. Estavam entrando em território perigoso. — Mas com certeza posso ir para outro quarto.

— E eu vou atrás. Nenhuma porta vai me manter longe de você. Nenhuma parede também. Para chegar a quem eu quero, vou derrubar qualquer barreira, não vou tolerar nenhum obstáculo.

Palavras assustadoras e sedutoras, homem assustador e sedutor.

— Bem, eu posso te negar acesso ao meu parque de diversões — para garantir que ele entendesse o significado das palavras, ela correu as mãos pelas curvas do seu corpo. — E não há nada que possa fazer sobre *isto*.

Um momento se passou em um tenso silêncio.

Finalmente, ele meneou a cabeça rigidamente e concordou:

— Não vou matar o humano.

Quase fácil demais. Ela engoliu uma risada.

— Também não vai machucá-lo.

Ele correu a língua pelos dentes.

— Não vou machucá-lo.

— E você vai conversar com Fox para ajudá-la. Eu meio que gosto dela — quando a mulher não estava afundada em um poço de paranoia, ela até que era legal.

— Sim — ele disse com um rosnado. — Eu vou ajudá-la.

Que garoto bonzinho, e garotos bonzinhos mereciam recompensas. Katarina pegou a mão dele coberta pela luva e pousou-a sobre o seio; seu mamilo *latejou* pela atenção dele. Ele gemeu, acariciando a massiva ereção com a outra mão.

— Olha o que faz comigo, Rina.

— Se pudesse sentir o que faz comigo, guerreiro...

Outro gemido quando ele a apertou.

Uma batida suave soou à porta. Baden ficou tenso e ela suspirou de alegria. Ela o soltou — cada parte feminina dela gritava por cada parte masculina dele — para atender a porta. *Que os jogos comecem.*

Ver o massagista pela primeira vez a surpreendeu. Ele era totalmente humano, como ela, e jovem —provavelmente tinha menos de trinta anos — com cabelos castanhos lisos presos para trás em um coque masculino e olhos escuros emoldurados por longos cílios. Ele não dava mostras de nenhuma vulnerabilidade, seu físico combinava com a voz que ela ouviu ao telefone: forte. Obviamente ele malhava. Não que uma vida inteira de exercícios o tornaria páreo para, digamos, um macho como Baden.

O orgulho a invadiu. *Este é o meu homem.*

— Entre, por favor — ela se afastou de lado para ele poder entrar.

— Obrigado, a propósito, eu sou Thomas — ele entrou com um cesto de óleos e parou de chofre ao ver o grande e intenso Baden sentado na cadeira.

— Não se preocupe — disse ela. — O guerreiro prometeu não te ferir ou matar.

Thomas empalideceu.

— Que... bom?

Baden só deu uma olhada para ele.

— *Muito bom. Agora, seja bonzinho* — disse ela com os olhos fixos em Baden — e vire-se. Também feche os olhos enquanto tiro o roupão e subo na maca.

— É claro — ele obedeceu de forma tensa e não só por temer a reação de Baden. Fox tinha contado que anos atrás o tinha salvado de uma horda de vampiros — vampiros! — e o modo como ele, desde então, tinha se tornado completamente devotado a ela, servindo-a e a seus convidados com o melhor de suas habilidades.

Katarina desatou o cinto do roupão, Baden se imobilizou com sublime atenção, como se ela fosse a única outra pessoa do planeta; ele não parecia nem mesmo respirar. Ela deixou o roupão cair, o material se amontoou a seus pés, cada centímetro de seu corpo subitamente revelado.

Jogando os cabelos para trás dos ombros, ela permitiu que ele a visse por inteiro. Não era tímida, por que fingir?

Ele apertou os braços da cadeira.

— Você é...

O ar frio provocou os mamilos eriçados, ao mesmo tempo em que o calor do olhar dele umedeceu seu núcleo. Ela traçou a ponta de um dedo do tórax até o umbigo e então se virou, exibindo o traseiro.

— Sou o que?

— Katarina — um pedido rouco. — Você é maravilhosa. Um sonho realizado para mim.

Oh, as coisas que ele diz, as coisas que me faz sentir!

— E isto é só o começo... — disse ela, esquecendo por um momento que tinham plateia. Subiu na maca e cobriu a parte inferior do corpo com o lençol. — Estou pronta.

Thomas remexeu os óleos, escolhendo o que queria antes de descartar os outros.

— Avise se eu apertar com muita força ou com força insuficiente — disse ele, esfregando o óleo nas mãos. O cheiro de lavanda emanou dele ao se aproximar dela.

Quando um grunhido escapou pelos lábios de Baden, Thomas hesitou.

— Baden — disse ela. — Comporte-se ou será o fim.

Ele silenciou imediatamente.

Bem, bem. Ele não gostava de outro homem a tocando, mas certamente gostaria do show.

Thomas se pôs ao trabalho, afundando os dedos nos músculos doloridos das costas dela. Ela não tinha mentido para Baden. Atividades vigorosas tinham mesmo deixado seu corpo dolorido. Além disso, viver perto de imortais podia ser tão estressante.

O escrutínio dele sobre seu rosto se intensificava a cada novo toque. A julgar por sua expressão?

— Mais forte — disse e Thomas obedeceu, arrancando um gemido dela. Sua atenção continuava fixa em Baden, cuja expressão estava rígida de desejo, sensualidade fervente e porejando ciúme.

Ele ostentava uma ereção do tamanho de um porrete e nem ao menos tentava escondê-la. Seus músculos estavam claramente tensos; ele também precisava de uma massagem.

Preciso tocá-lo. Logo...

Os minutos se enfileiraram. A tensão dele alçou novos níveis, espessando o ar. Achou que teria de nadar para chegar até ele.

Se afogar...

Ela fantasiou que as mãos que sentia nela eram de Baden... acariciando sua pele... E não levou muito tempo para estar tão desesperadamente excitada que estava miando.

— Saia — Baden rosnou. — Agora. E para seu próprio bem, não volte.

Thomas nem se preocupou em juntar seus suprimentos. Apressou-se em direção à porta. Ela se fechou com um ruído suave.

Katarina não esperou por uma ordem — Baden não estava no comando hoje — e levantou-se sobre pernas trêmulas.

— Vou assumir que sua rudeza se deva à sua própria tensão e que você também precisa de um pouco de massagem.

— Não. Você vem — fez um gesto com o dedo chamando-a e ela soube o que ele planejava. Uma repetição do que fizeram antes. Pelo menos pra começar. E se sentiu tentada, tão, mas tão tentada.

Ter os dedos cobertos pela luva dentro dela tinha sido bom, mas queria mais.

Olho no prêmio. Pele com pele ou nada.

— Não, *pekný*. Vou ficar bem aqui. Mas você... vai tirar suas roupas e subir na maca. Quanto antes fizer isto, mais cedo terei as mãos sobre seu corpo.

As pupilas dele se expandiram com uma nova infusão de desejo.

— Você vai me tocar?

— Oh sim. Pode ser que sua dor seja apenas temporária. Uma sensibilidade que você desenvolveu como um espírito incapaz de fazer contato com outro. Se for isto, vou tirar sua sensibilidade. Você já está conseguindo aguentar um pouco mais do que antes, não é?

— Sim — o desejo que ele projetava... Mas ainda hesitava. — Eu desejei isto, imaginei como seria. Não posso me arriscar a te ferir com minha força. Eu não devo baixar minha guarda, ficando vulnerável...

— Mas...

— Mas vou confiar em meu autocontrole para ser gentil. E confiarei que você não vai me trair. Porque preciso de você mais do que jamais precisei de qualquer coisa. Mesmo de uma segunda vida.

Enquanto suas palavras penetravam sua consciência, ele se levantou. A pura sensualidade do movimento tornou sua dor mil vezes pior. Um relâmpago de dor em suas veias.

Ele puxou a camisa por cima da cabeça, revelando um peito amplo cheio de músculos e tendões, pele bronzeada que a faria babar para sempre, e a tatuagem de borboleta que esperava poder contornar com a língua.

Um dia vou devorar este homem.

Ele tirou as luvas, as linhas pretas nos braços um nítido lembrete da vida violenta que ele vivia — uma vida que ansiava por suavizar. Ela notou que aquelas linhas aprofundavam suas cores cada vez que ele voltava de uma das missões de Hades, sabia que representavam a vida que ele exterminara.

Antigamente um pensamento como aquele a teria deixado aterrorizada. Ela e Baden eram diferentes demais. Agora? Traga a nova história, o novo final, porque estava cuidadosamente gostando deste novo começo. A gentileza e a preocupação dele construíram uma ponte através do vasto golfo que os dividia.

Ele tirou as botas, a calça e a cueca boxer, finalmente ficando totalmente nu, e oh, *ele* era o maravilhoso. Era perfeição absoluta. Mil outras palavras o descreveriam, mas nenhuma na realidade lhe faria justiça.

O pau dele... quase não conseguia crer ter fechado a mão ao redor dele. Era grande. Grande demais... Mas a corrida até a linha de chegada seria *divertida*.

— Você está me encarando, *krásavica* — os dedos dele enlaçaram a larga base em uma carícia. — Gosta do que vê? Quer?

Olho no prêmio. Bem, no *outro* prêmio.

— Gosto. Então vamos fazer o necessário para garantir que eu consiga.

Ela se aproximou dele parando a um sussurro de distância. O cheiro delicioso dele a provocava: *lamba-me, morda-me, sem parar*. O calor dele a provocava: *tenho o que você tão desesperadamente deseja*.

Uma única respiração mais profunda faria seus mamilos grudarem no peito dele, criando uma fricção crucial... e sua resistência ruiria.

Mordiscando o lábio inferior, ela foi até a maca. Ele subiu e se deitou de costas, encarando-a.

Garoto mau.

— Quer me olhar, não quer?

— Sempre — ele murmurou de forma ousada.

Ela selecionou um frasco de óleo com aroma de baunilha e umedeceu as mãos. Pressionando o quadril contra a lateral da maca, manteve os dedos acima do peito dele sem na realidade tocá-lo, deixando a ansiedade aumentar até ele vibrar.

Agora. Traçou a ponta de um dos dedos levemente pelo torso dele abaixo e ele prendeu a respiração.

— Dói? — perguntou ela.

— Sim.

Esperado. Por enquanto.

— Me avise se piorar — traçou a ponta do dedo no mesmo local repetidas vezes, sempre gentilmente, o óleo deixou um rastro brilhante.

Depois de um tempo, a tensão dele sumiu do rosto. O cenho relaxou.

— Está tão ruim quanto antes? — perguntou voltando atenção para a tatuagem de borboleta.

Desta vez ele hesitou.

— Sim?

Uma pergunta. Definitivamente, progresso.

O novo território que ela conquistou o fez franzir o cenho e fazer uma careta para retornar com uma vingança. Felizmente contato prolongado o acalmava do mesmo modo que antes. Quando já tinha percorrido o peito todo dele com as carícias, ele tinha parado totalmente de ficar tenso e tinha começado a se arquear em busca de cada toque.

Seja rápida e doce! Sempre termine em uma atitude positiva.

Embora tremesse, achando que poderia morrer de desejo, finalizou a sessão enquanto ambos estavam famintos por mais. Ele protestou. Audivelmente. Só a promessa de retomarem as atividades pela manhã o acalmou.

Mas a noite se provou uma tortura. Uma noite que passaram em quartos diferentes. Se ficassem juntos...

Ao amanhecer, foi para o banheiro e tomou um banho. A água só a lembrava do calor e suavidade da pele de Baden. *Preciso tocá-lo de novo.*

Ela colocou o roupão de cashmere. Um Baden nu estava à sua espera do outro lado da porta. Ele estava duro e estava feroz. Silencioso, ele a puxou para a maca, deitou-se e esperou.

Vitória garantida.

— Está pronto? — seus arrepios voltaram ao umedecer as mãos com o óleo com aroma de baunilha.

— Mais do que pronto.

Ao primeiro toque, ele emitiu um som de puro desespero. Ao segundo, ficou tenso. No terceiro, ele... relaxou?

Ela foi descendo com as carícias, descendo cada vez mais perto do seu pau, objeto de seu deslumbramento.

Estava mesmo pronto para mais?

Não posso apressá-lo só por estar faminta por ele. Ela mudou de caminho, subindo com o dedo; então rodeou um dos mamilos e depois o outro. Ele praguejou ao mesmo tempo em que o botãozinho marrom se enrijeceu para ela.

— Acha que eles toleram a sensação da minha boca? — ondas de desejo aqueciam sua voz. Não tinha como esconder sua necessidade. Naquele momento, aquele homem a possuía.

— Acho que não me importo se toleram ou não. Eu quero sua boca — agonia e prazer se projetavam dele, uma potente magia negra que a intoxicou. — Continue. Por favor.

A dor entre suas pernas... demais! Mas baixou a cabeça, de qualquer forma, e tintilou sua língua sobre o mamilo. Quando os gemidos se tornaram violentas exigências, começou a sugar.

— Katarina — ele levou a mão à própria ereção, como se fosse acariciá-la.

— Não — agarrou o pulso dele para impedi-lo. — É meu. Só meu.

O olhar dele implorava.

— Então faça alguma coisa. Desta vez, nada de parar.

Ela faria algo sim... mas não agora. Se fizesse muito e muito rápido, sua agonia podia completamente sobrepujar o prazer.

— Nada de parar — concordou ela.

Ele agarrou a beira da maca e os nós de seus dedos embranqueceram quando a viu baixar os dedos, passando-os pelos cordões de seu estômago. A boca seguiu. Ela se demorou no umbigo, traçando a língua ao redor das beiradas antes de acariciar e beijar sua coxa, provocando-o.

Quando ele afastou a perna ainda mais, ela parou preocupada.

— Precisa de uma pausa?

— Não! — uma gota de suor escorreu pela têmpora dele. — Continue. *Por favor.*

Distração.

— O que achou de mim — disse e lambeu o osso do quadril dele — no dia em que nos conhecemos? Sei que eu estava horrível. Eu me lembro da sua cara de desgosto.

— O desgosto não era por você, mas de mim mesmo. Eu te queria com um desejo que não entendia. Jamais quis te trazer à força, mas não conseguia te deixar pra trás. Não era forte o bastante.

A admissão causou coisas esquisitas às suas entranhas.

— Achei que você estava lá para me resgatar, e pela primeira vez não me importei de ser a donzela em perigo. Agora sei que você *me resgatou* mesmo... e que você foi uma das melhores coisas que já me aconteceu.

O orgulho brilhou nos olhos acobreados dele. Orgulho e prazer.

— Vou te proteger — disse ele, as palavras solenes como um juramento. — Sempre vou te proteger.

— E eu vou protegê-lo.

Mas ele não tinha acabado.

— Você pode contar comigo, Rina. Vou cuidar de você.

Por mais adorável que o sentimento fosse, era algo com o qual ela não queria contar. Criaria um desequilíbrio dentro de uma relação já desequilibrada. Quando uma pessoa sempre dava e a outra sempre recebia, a balança jamais se equilibrava.

Mas agora não era a hora de discutir um assunto tão importante.

— Como está o seu corpo?

— Pronto. Quero você. Preciso de você. Tome-me com sua boca ou com seu corpo, mas *tome-me*.

Êxtase... Sua própria agonia... As duas coisas se desenrolaram muito profundamente dentro dela. Talvez ela e Baden não fossem tão diferentes, afinal. O guerreiro poderoso estava disposto a *implorar* por ela.

— Você está com dor?

— Sim, mas é diferente. Melhor e pior ao mesmo tempo — ele se levantou. — Vou te possuir — ele quase gemeu. Enganchou os dedos na lapela do roupão dela e deu um pequeno puxão.

O material caiu ao chão, deixando-a nua. Seu olhar a devorou da cabeça aos pés, ao mesmo tempo reverente e fervoroso de desejo, fazendo-a estremecer pela intensidade de sua necessidade pela necessidade dele, que alimentava a dela.

— Sim, você vai me possuir — esfregou as pontas dos dedos sobre os mamilos dele, sentindo vontade de morder e arranhar, para não deixar nenhuma daquele corpo sem a marca da sua paixão. Surpreendendo-a. Jamais tinha experimentado antes tal desejo animalesco, mas puxa, estava *gostando*. — Como você me quer?

— De todas as formas — ele a agarrou pela cintura, carregou para a cama e jogou em cima do colchão. Quando ela balançou, ele pousou os joelhos de ambos os lados e engatinhou na direção dela. — Abra as pernas.

Ela sorriu para ele de forma lenta e sedutora.

— Está dizendo que ficaremos aqui até o amanhecer, *pekny*?

— Estou dizendo que eu finalmente vou tomar o que é meu.



VINTE

“A única razão para uma mulher chutar um homem pra fora da cama, é para fazer amor com ele no chão.”

— Amun, *guardião de Segredos.*

BADEN FICOU de joelhos. Katarina era sem dúvida a fêmea mais sexy que já tinha visto. Com aquele corpo dela arqueado em sua direção, ela se sustentou nos cotovelos, empinando os seios e atraindo sua atenção às cristas escuras no centro.

Destrução ronronou sua aprovação, sem maiores exigências. Ele queria o que Baden queria. Talvez até precisasse.

Incapaz de resistir ao fascínio magnético, desceu o olhar para além da extensão plana do estômago até a pequena faixa de cachos escuros, já úmidos de excitação. Como ele tinha mandado, as longuíssimas pernas dela estavam abertas e flexionadas nos joelhos, os pés pousados em ângulo aberto com as coxas, oferecendo uma visão completa do novo paraíso dele.

— Gosta disso? Quer? — O tom rouco da voz dela ao jogar de volta para ele as palavras que ele antes disse para ela... Ela sabia exatamente o poder que tinha sobre ele e se esbaldava.

Ele não podia culpá-la. Seu pau, já latejando de desejo, estava úmido na ponta.

— *Gostar é pouco* — ele tremia. Sentia dor. E não mais se importava com a dor do contato pele com pele. A dor de manter as mãos *longe* desta mulher já tinha se provado muito pior. Durante a noite anterior inteira ele tinha se revirado na cama, como um homem assombrado por pesadelos.

— Eu tenho que te provar — ele parecia drogado, as palavras levemente engroladas.

— Você já provou — ela provocou. Mas não estava tão calma quanto aparentava. Suas unhas se afundaram no colchão. — Ou já se esqueceu?

Como se *algum dia* pudesse esquecer.

— Desta vez quero beber direto da fonte. Permita-me.

As pálpebras dela entrecerraram, pesadas demais para continuarem abertas.

— Beba de mim então.

Ele lentamente enrodilhou os dedos ao redor dos tornozelos dela para puxá-la para si. Ela era toda sua para devorar. Eles olharam fixamente um para o outro, enquanto ele colocava os pés dela em seus ombros, expondo-a totalmente para ele.

Ele se inclinou, ardendo de antecipação. Esperando... esperando até... ela ofegar seu nome como uma bênção e ondular os quadris. Então ele fez. Arrastou a língua sobre o coração do prazer dela. Ela gemeu, a paixão grande demais para ser contida pelo seu corpinho. *Eu fiz isto, eu causei isto.*

Orgulho o inundou, mesmo o doce, doce gosto dela ameaçava desfazê-lo. Ela era como doce, um néctar pelo qual ansiaria todos os dias de sua vida. Um afrodisíaco. Uma lanterna para guiá-lo.

Destruição exigiu mais e Baden ficou feliz em obedecer. Inclinou-se para sentir outra vez o sabor e acabou ficando para a refeição inteira. Ele lambeu, chupou e mordiscou, e até mesmo enfiou a língua profundamente dentro dela, simulando sexo. Ela ondulou os quadris mais rápido, cada vez mais rápido se esfregando no rosto dele, perseguindo sua boca sempre que ele afastava um pouco a cabeça.

— Baden... Eu quero... Preciso...

— Eu sei — no dia anterior e hoje ela o tinha reduzido a uma massa ardente de sensações. Um fio desencapado necessitado de contato. Um canal para o desejo que o queimava de dentro pra fora. Era somente justo que agora retribuísse o favor.

Enquanto chupava seu doce feixe de nervos, ela pressionou as coxas contra suas têmporas. Arrepios irromperam sobre sua pele suculenta e ele soube que ela estava perto do clímax. Diminuiu a intensidade da pressão e passou a lambê-la languidamente, acalmando-a para afastá-la do gozo.

Não vou deixá-la gozar. Ainda não. Ainda não.

— *Kretén* — ela rosnou, debatendo-se no colchão. Luz de velas iluminava sua expressão.

— Pode me xingar se quiser, *krásavica*. Não vai adiantar nada. Eu vou te deixar gozar... eventualmente.

Ela estremeceu. Xingou-o novamente.

— Que homem cruel. Vou ter de puni-lo.

— Não, querida. Vai ter de me implorar — ele a desejava violentamente, queria mais do que jamais quis alguém ou alguma coisa. E queria *tudo* dela — inclusive rendição total. Ele se levantou e acariciou o pau da base até a ponta, sabendo que ela gostava quando fazia isso. Os olhos dela a denunciavam.

— Quer isto? Então peça com jeitinho.

O calor suave do riso dela se provou tão potente quanto uma carícia.

— Se não tiver cuidado — disse ela, beliscando os próprios mamilos e arqueando os quadris — eu vou te fazer assistir enquanto dou prazer a mim mesma... E então, vou te fazer me observar ir embora, deixando você na mão.

Ele riu, baixa e roucamente, surpreso por achar graça em um ato que só o tinha deixado raivoso desde que voltara à vida.

— Me deixar na mão jamais será uma opção pra você, *krásavica*. Deixa eu te mostrar por que — ele deslizou um dedo profundamente dentro dela, pela primeira vez sentindo suas

paredes internas se contraírem ao seu redor sem qualquer tipo de barreira. O calor... a umidade... a suavidade... Melhor do que imaginava. — Você precisa de mim dentro de você.

— E você precisa *estar* dentro de mim.

Mais do que qualquer coisa. Ele enfiou mais um dedo, deliciando-se ao percebê-la se esticar para acomodá-lo.

Gemendo, ela se arqueou para seguir os movimentos deslizantes pra dentro e pra fora. Embora cada célula de seu corpo gritasse de ansiedade, ele assumiu em um ritmo calmo.

— Você foi feita para isso — ele elogiou. — *Feita para mim.*

Sua sensação de posse se amplificou — *minha, minha, toda minha. Jamais compartilharei.*

Jamais a deixarei ir.

Ele a manteria, agora e para sempre, decidiu. Ela seria mais do que um prêmio de guerra. Seria o prêmio. Tendo vivido uma vida inteira de guerras e perdas, uma morte que tinha lhe trazido séculos de desamparo e aprisionamento, uma ressurreição que tinha feito o mesmo, ele merecia ter uma mulher — *esta* mulher — em sua cama todas as noites e em seus braços todas as manhãs.

Ela valia *qualquer* esforço.

— Preciso de mais de você dentro de mim — ela ofegou. — Você inteiro. Por favor. Estou pedindo... Implorando com jeitinho.

Ela está me matando... Mas que maneira magnífica de morrer. Enfiou outro dedo, desta vez preparando-a para sua extensão.

— Espere — ofegando, ela tentou recuar de sua invasão. — Espere. Baden! Só um segundo. Isto dói um pouco.

Ele fez o que ela pediu, mas lhe custou muito de sua sanidade.

Me dê tudo! Destruição exigiu. Agora. Agora!

Não quero machucá-la. Se a assustarmos, jamais teremos isto de novo.

Seguiu-se uma pausa crepitante. *Acalme-a*, Destruição exigiu em seguida.

Ela respirava lentamente, suas paredes internas mantinham-se firmemente apertadas ao redor de seus dedos, recusando-se a ceder. Ele se curvou e de novo tilintou a língua contra seu pequeno feixe de nervos. Ela ofegou de novo, mais de prazer do que de dor.

— Melhorou?

— Sim, sim, muito — ela ronronou.

Ele chupou com força.

— Sim! Estou quase... quase...

Ele chupou *mais forte ainda*, levando-a a um clímax rápido e brutal. Um que não permitiu que ela aproveitasse por muito tempo. Enquanto ela gritava, ele retirou os dedos — e o grito se tornou um soluço.

— Baden — ela arfou, tão maravilhosamente úmida que seus dedos estavam totalmente melados. — Por favor.

— Já está com saudade? — ele desejava tanto a resposta quanto desejava o corpinho dela.

— Sim! Me sinto vazia sem você.

— Então você vai me ter — sentia-se em chamas por ela. — Inteiro.

Ela apontou um dedo trêmulo para o criado-mudo.

— Preservativo. Eu tomava pílula... mas parei... camisinha — ela repetiu quando ele permaneceu imóvel.

Ele não sabia ao certo se poderia engravidá-la e o pensamento subitamente... era enfurecedor.

Um dia ela iria querer filhos. Uma família.

Aleksander poderia lhe dar os dois.

A raiva de Baden estava a ponto de explodir.

— Guerreiro — Katarina ergueu os quadris em um apelo silencioso pela sua posse mais feroz. — O que está esperando? Coloque a camisinha e me possua.

Não era um pedido, mas uma ordem. Ele gostava mais assim.

Ele abriu num arranco a única gaveta no criado mudo e o conteúdo se esparramou. *Contenha-se*. Jamais o sexo teve tamanha importância para ele. Abaixando-se, pegou um pacote metalizado, rasgou-o com os dentes e cobriu sua extensão inteira com o látex, com Katarina observando cada um de seus movimentos com fome indisfarçável. *Esta é a minha garota*.

Ele inclinou sobre ela e se preparou para penetrá-la. Não arremeteu de imediato, ainda não, mas apoiou as palmas das mãos à altura das têmporas dela. Eles se encaram por vários segundos agonizantes.

— Não vai ter volta depois disso — disse. Era um aviso. Um que era melhor que ela prestasse atenção.

Anda com isso! Destruição ordenou. Não vai ter volta, de qualquer forma.

De novo, eles concordavam.

— Que bom — ela umedeceu os lábios, uma gatinha sedutora a quem ele não conseguia resistir. — Não quero voltar.

Ele não soube ao certo se ela tinha entendido o significado, e quando sentiu o suor escorrer pelas suas costas e peito, não tinha certeza de ter o controle para explicar. Não, sabia que não teria o controle.

Ele conseguiu dizer por entre dentes cerrados.

— Você é minha, Rina.

— E você é meu — sussurrou ela.

Não podia esperar mais. Enfiou-se nela com uma única estocada forte.

Gemendo, ela arqueou para cima, indo ao encontro dos movimentos dele, recebendo-o ainda mais fundo. Suas paredes internas o apertavam ainda mais forte do que qualquer punho, mais úmido do que qualquer boca e, por um momento, uma alegria incomparável confundiu sua mente. Prazer se tornou dor e dor se tornou prazer, os dois tão grudados que não sabia ao certo onde um começava e o outro terminava, só sabia que adorava cada segundo.

— Gostoso? — ele perguntou.

— Sim! Mais — ela implorou. Suas unhas se afundaram nas costas dele. Ela mordeu seu ombro. — Mais *rápido*.

Sua paixão o fez desistir do desejo de manter as coisas lentas, para saborear cada segundo; ele recuava só para voltar a estocar. Novamente ela ia de encontro ao ritmo dele, arqueando o corpo. Suas pernas, que ainda estavam ao redor dele, apertaram sua cintura. Ela agarrava, possuía. Devorava-o inteiro.

— Não consigo me segurar por muito tempo — ele disse, as mãos já se emaranhando nos cabelos dela para mantê-la firme sob suas estocadas. — Se eu te machucar... Grite.

— *Drahý*, vou gritar não importa o que você faça. Não precisa se conter, me dê tudo o que tem.

Ele. Era. Um. Animal.

Katarina adorava cada estocada violenta dele. A cabeceira da cama batia, batia, batia na parede e os quadros caíram ao chão. Molas rangiam no colchão e os pés da cama arranhavam o chão de madeira.

Com cada entrada e saída do pau dele, os mamilos dela se esfregavam contra o seu peito; a fricção avivava ainda mais o fogo já existente que se espalhava em suas veias. Ele lhe despertou sensações que jamais sonhara ser possível, suas terminações nervosas ferviam e as células zumbiam.

Jamais se sentiu tão úmida, jamais ardeu tão completamente.

Ele era tão grande que a esticava, e tão forte que provavelmente deixaria hematomas, mas amava cada segundo.

Ele uma vez disse que as mulheres só queriam duas coisas dos homens: dinheiro e poder. Com ele, ela queria afeição e sexo. Muito, muito sexo. Mas realmente, sexo e poder agora eram sinônimos, o frenesi maluco de cada movimento dele a inundava com um orgulho feminino que ela jamais conheceu.

Fraca? Nem um pouco.

— Já estou com saudades de seus doces mamilos — ele disse, a voz parecendo desorientada. Parou tempo suficiente para abaixar a cabeça e dar a cada crista rija uma violenta sugada.

— Baden! — O prazer... era enlouquecedor.

Ele enganchou o cotovelo debaixo de um dos joelhos, e quando a puxou um pouco mais para cima, seu pau batendo fundo dentro dela, ele ergueu a perna dela, abrindo-a ainda mais, permitindo-lhe se aprofundar ainda mais. Ela gemeu — então gritou, um orgasmo a trespassando com a força de um porrete, despedaçando qualquer fortaleza que tivesse construído contra o fascínio dele.

As contrações das paredes internas dela logo o levaram além da borda. Ele gemeu e aumentou o ritmo, movendo-se mais e mais rápido, mais e mais violento, prolongando o clímax dela ou enviando-a direto para um próximo, ela não tinha como saber.

Tão bom, tão bom, bom pra cacete. Cada célula de seu corpo explodiu como se cada uma tivesse um orgasmo. Estava acabada, consumida, destruída e refeita.

Com um rugido animalesco, ele investiu contra ela mais uma vez, soltando a perna dela para agarrar seus quadris e mantê-la firme ao gozar na camisinha. Ele afundou os dentes no tendão que conectava o pescoço dela à cabeça, algo que ele claramente gostou de fazer, imobilizando-a mais fortemente, marcando-a também e ela explodiu de novo, agarrando-se a ele.

Finalmente, desabou em cima do colchão e ele caiu em cima dela. Ambos estavam suados, arquejando, e embora gostasse do seu peso, ele rolou de lado para não esmagá-la.

Ela se enrodilhou ao lado dele porque sem o corpo dele sobre o seu, sem a extensão dele profundamente dentro dela, não se sentia mais completa — precisava de algum tipo de conexão com ele... O primeiro homem com quem ficava desde Peter.

Lembranças da morte de seu amado sempre a entristeciam. Hoje a tristeza a deixou ainda mais vulnerável.

Por favor, por favor, não deixe Baden agir de forma tão deplorável quanto da última vez.

Quando seu coração normalizou e viu que ele ainda estava ao seu lado, ela decidiu testar o território.

— Como se sente?

— Adivinha? — Havia uma nota provocante em seu tom de voz e ela relaxou.

— Sente dor? — traçou o dedo ao longo da borda da tatuagem de borboleta dele. — Quando faço isto?

— Pergunte de novo quando eu voltar do meu estado catatônico de prazer.

Ela riu em silêncio, apoiando-se no cotovelo para olhá-lo nos olhos. Hesitante, traçou a ponta do dedo no mamilo dele em movimentos circulares. Ele não recuou, não fez careta, e a satisfação fluíu sobre ela como luz do sol líquida.

Quando ergueu a mão, ele agarrou o pulso dela para forçar a palma da mão a voltar ao seu peito.

De exigir que jamais o tocasse a insistir que não deixasse de tocá-lo. Oh, como as coisas mudam!

— Da próxima vez — disse ele — vou te beijar durante o sexo.

Ela sorriu para ele.

— Tem tanta certeza assim de que haverá uma próxima vez, hein?

— Com este rostinho? — ele tateou as bochechas. — Claro.

Ela riu enquanto ele tirava a camisinha, amarrava e jogava na lixeira.

— Você é ligeiramente bonito... acho — *sempre termine em uma nota positiva.* — Mas é muito, muito bom com as mãos. E a boca.

Ele se deitou ao seu lado, como se a necessidade de conexão o assombrasse da mesma forma que a ela.

— Se esqueceu de mencionar meu pau.

Ela se inclinou e mordiscou o lóbulo da orelha dele.

— Não esqueci. Estava guardando o melhor para o final.

— Estava mesmo?

— Humhum — ela ficou em pé, sobre pernas trêmulas e estendeu a mão. — Você já demonstrou suas habilidades na cama. Agora é hora de provar suas habilidades na cozinha. Estou com fome — eles precisavam conseguir manter este clima bom em situações diferentes.

— Nada é de graça — ele pegou sua mão, mas não para que ela o levantasse, em vez disso a puxou de volta para a cama, ou melhor, pra cima dele. — Eu te faço um sanduíche... por um preço.

Baden se movia pela cozinha com um sorriso no rosto. Um sorriso! Sua cabeça estava mais clara do que nunca, a fera calma, a tensão esvaída de seu corpo, e uma bela mulher dormia em sua cama. Esta era a vida que ele sempre tinha sonhado para si mesmo. A vida que jamais achou que teria.

— Parece feliz.

Fox. O sorriso sumiu. Odiava o modo como ela pegava seus sentidos de surpresa ao se aproximar — *não vai acontecer de novo*.

Lembrando-se da promessa que fizera a Katarina, meneou um cumprimento para ela.

— A humana está te fazendo bem — disse ela.

— Sim — ele terminou de preparar o sanduíche de ovos com queijo e devolveu os ingredientes que sobraram para a geladeira. — Diga. De quem você está desconfiando mais hoje?

Uma pausa. Então:

— A humana.

Ele ficou tenso.

— Por quê?

— Ela te faz feliz... mas por quanto tempo? Ela é uma vulnerabilidade. E se for capturada e torturada pelos seus inimigos? Vai ceder mais rápido do que você seria capaz de dizer *Mas que merda*. E se for uma espiã? Eu trabalhei com os Caçadores, então conheço o tipo. Meio sonsa, boazinha, mas só por fora. E se uma facção dos Caçadores sobreviveu, operando nas sombras? Ela podia ser uma isca só pra te causar uma segunda morte.

Então era assim que ele soava há tantos séculos?

Sabia o que viria a seguir: um ataque contra aquela em quem ela não confiava.

Ela devia temer *Baden*. Se ferisse Katarina, ele a feriria de volta. Milhares de vezes.

— Sente-se à mesa — ele mandou. — Agora.

Ela abriu mão de sua corrente de suspeita o suficiente para resmungar.

— Uau. Você é sempre assim tão educado?

— Sim, quer ajuda ou não?

Ela sentou-se com um bufo.

Ele quebrou o ovo na frigideira dizendo:

— Quando o demônio te atacar com pensamentos de possíveis traições de alguém, escreva cada coisa boa que se lembra sobre a pessoa. Coisas boas que tenham lhe dito. Gestos gentis que tenham feito. O sorriso dela. Então leia a lista repetidamente até o demônio calar a podre boca mentirosa — por anos, aquelas listas foram a única coisa capaz de impedi-lo de atacar seus melhores amigos.

Ela olhou para ele cautelosamente.

— Se fazer listas é a chave dourada para a paz, por que deixou que te matassem?

Ela sabia a verdade? Katarina não teria lhe dito.

Sentindo a direção de seus pensamentos, Fox esclareceu.

— Desconfiança compartilhou a lembrança comigo.

É claro. O filho da puta.

— Eu deixei as listas pra lá. Ouvir o demônio se tornou mais... fácil. Eu vinha lutando há tanto tempo que me cansei de tudo — ele tinha permitido que sua luz, sua esperança, o coração dele, o lado protetor que era parte de sua natureza, ser silenciado.

Uma luz que Katarina tinha reacendido.

Vou protegê-la custe o que custar.

Talvez devesse batizar a fera de Construção, pensou com uma risada interna. Sua outra metade não mais destruía, mas agora construía.

Só com minha humana.

Minha *humana*. Baden finalizou o sanduíche.

Galen entrou na cozinha. O louro parou ao vê-los e arqueou uma sobrancelha.

— Estou interrompendo uma festinha, garotas?

— Sim — disse Fox ao mesmo tempo que Baden disse:

— Não — com os ovos prontos, jogou-os em cima de uma torrada — já terminei.

— Esta é a forma mal-educada dele dizer que não consegue ficar nem mais um segundo longe de sua preciosa — Galen declarou. — Oh! Sanduíche de café da manhã.

— Se mexer nele perde a mão — as extremidades de seus dedos queimavam, as garras querendo surgir. Ops, elas *tinham mesmo* surgido. Elas raspam a porcelana.

Galen revirou os olhos.

— A propósito, você e sua dama poderiam ser menos escandalosos da próxima vez que forem mandar bala como coelhos? Alguns de nós, não quero dizer quem... — apontou o dedo em direção a Fox — precisam dos seus soninhos de beleza.

— Alguns de nós, não quero dizer quem — Baden apontou diretamente para Galen — precisam de uma adaga no coração.

— Não ficou sabendo? Na verdade, nem tenho coração — um tom de amargura transpareceu em sua voz. — Dizem por aí que eu nunca tive.

— Tenho uma ideia. Não conspire contra seus amigos depois de ajudá-los a planejar um arrombamento e invasão, deixando-os serem pegos. Não mande humanos assassinos atrás deles quando te amaldiçoam pela sua traição e não reclame quando um deles conseguir um amorzinho enquanto você tem de se contentar aí com a velha fiel — apontou para a mão direita de Galen.

O guerreiro o surpreendeu ao rir, ao invés de atacar.

— Quanto anos tem, quinze? Um *amorzinho*? Sério? É assim que estão chamando hoje em dia?

Ele deu de ombros. Tinha ouvido os amigos chamando o ato de várias maneiras ridículas.

— Além disso — completou Galen — você precisa desenvolver sua habilidade de perdoar. Palavras machucam.

— Adagas também — pra cortar o papo, ele riscou para o quarto e colocou o sanduíche no criado-mudo.

Katarina ainda dormia. Não queria perturbá-la e, ainda assim, a necessidade por ela o consumia. Conhecía a bênção de tocá-la e agora suspeitava que ansiaria por ela para sempre.

Decidiu se distrair lhe dando um presente que ela não tinha pedido... Ao mesmo tempo, provando o quanto de fato precisava dele.

Fez um ajuste em sua mente. Por que de acordo com Hades, ele sempre poderia riscar para o seu lar, uma brecha no plano do rei para mantê-lo contido. Pelos próximos cinco minutos, considerou a propriedade rural de Aleksander o seu lar. Riscou para lá e entrou. Cada um dos conselheiros de confiança do macho e guardas tinha um quarto, e entrou e saiu tão rápido que passou despercebido. Foi questão de tempo até achar o irmão de Katarina caído no chão, com um torniquete amarrado no braço e uma agulha projetada de sua veia.

O macho estava desmaiado, o vômito empoçava debaixo de sua cabeça. Se não estivesse deitado de lado, já poderia ter morrido engasgado com o próprio vômito.

Matar. Uma ordem nascida da raiva ao invés de um risco possível para a sobrevivência dele.

Não. Apesar de tudo o que o macho tinha feito à Katarina, ela sentiria sua falta. Ou melhor, sentiria falta do garoto que ele tinha sido.

Baden o agarrou pelos cabelos e riscou para a cela onde manteve Aleksander preso. Onde a mão decepada de Aleksander ainda continuava, percebeu, permitindo a ele continuamente riscar sem ter de ajustar seu processo de pensamento. Então trouxe comida, garrafas de água e um balde. Suprimentos suficientes para uma semana.

Enviou uma mensagem para Torin tentar descobrir o que mais seria necessário, e acabou indo a uma farmácia para pegar medicamentos que ajudariam no processo de desintoxicação.

O macho ficaria limpo, querendo ou não.

Teremos nossa recompensa? Perguntou Destruição.

Sim, e Baden sabia exatamente o que queria...



VINTE E UM

“Eu resolvo meus problemas do jeito antigo: gasolina e fósforos.”

— Kane, antigo guardião do Desastre.

A MENTE DE CAMEO ENCHIA-SE de estatísticas deprimentes enquanto vigiava o relógio. Havia quase duzentos milhões de órfãos no mundo, e quase quinze por cento deles cometeriam suicídio antes de completarem dezoito anos. Mais de vinte mil crianças morriam todos os anos em decorrência da pobreza.

Naturalmente, cada minuto — cada segundo — era agonia.

Mas até que enfim, abençoadamente, o último de seus amigos se recolheu em seu respectivo quarto. A costa estava limpa, seus amigos agora se ocupariam fazendo sexo.

A prova daquilo: risadas suaves e gemidos ofegantes chegavam até ela através de rachaduras nas paredes.

Que a maratona comece, pensou, não livre de inveja. Depois do ataque à fortaleza, todo mundo tinha ficado aliviado por estar vivo e, agora que se curaram, celebravam de modo privado.

Havia, claro, duas máculas naquela felicidade. O sequestro de Gilly por William e a mais recente partida de Baden. Todo mundo se preocupava de que fosse morto de novo. Mas Galen — aquele pedaço de merda — vinha mandando mensagens constantes atualizando a situação do macho e até agora estava tudo bem. Não tiveram problemas reais, a garota humana, Katarina, vinha mantendo Baden equilibrado.

Do jeito que Lazarus me manteve equilibrada certa vez?

Cameo precisava saber. O desespero a maltratava. A esperança a provocava. Tinha a chance de experimentar felicidade de novo — *tinha* de provar novamente felicidade.

E agora tinha um plano.

De acordo com o que sabia, tinha encontrado Lazarus ao ser sugada para outro reino. Então era razoável supor que poderia encontrá-lo de novo, caso se permitisse ser sugada *de volta* para o tal reino.

Para tal jornada, precisaria de três artefatos e uma pintura. O Manto da Invisibilidade, a Haste de Partir e a Gaiola da Compulsão. A pintura tinha sido feita por Danika, o Olho Que Tudo Vê, que conseguia ter visões do céu e do inferno. A bela loura dava vida às coisas que via e as imagens agiam como um guia entre os reinos. Sem a pintura certa, Cameo podia acabar *se afastando ainda mais* de Lazarus.

O lado bom? Quando Keeley tinha riscado as mulheres e crianças para a nova casa, também tinha trazido os artefatos e as pinturas.

O lado ruim? Os artefatos e pinturas estavam trancados e Cameo não tinha a chave.

Seus amigos a conheciam e adivinharam seu plano, antes mesmo dela concebê-lo. *Vou voltar para ele... Vou voltar para Lazarus.*

Seu coração vibrava freneticamente e milhares de borboletas dançavam em seu estômago.

Eu conheço Lazarus, Strider dissera. *Ele pode ter sacrificado a vida por mim, mas suas razões não foram altruístas. Ele é perigoso, filho de uma criatura conhecida como o pai de todos os monstros.*

Será que as razões de Lazarus realmente importavam? O amigo dela foi salvo. Quão ruim aquilo era?

E realmente, o sacrifício de Lazarus o fez ser preso em outro reino e o tornou um ser espiritual. Um ser espiritual que ela *deve* ter tocado. De que outra forma ele teria lhe causado felicidade?

Quero tocá-lo de novo. Quero que ele me toque.

Prazer... Oh, como ela ansiava por ele.

Não acho que está nos ouvindo, Kaia dissera. Lazarus é o consorte de uma Harpia. Uma Harpia que virá atrás dele — e de você! — se descobrir que o espírito dele está à solta e você está tentando mandar ver com ele.

Um, pela informação que Cameo tinha conseguido apurar, Lazarus jamais tinha considerado a Harpia como sua companheira. E dois, se houvesse a menor chance de que ela pudesse mudar o curso de sua vida para melhor, tinha de tentar. O que significava que precisava executar esta noite uma pequena invasão. Assim que estivesse com os artefatos em mãos, diria adeus aos amigos.

Desta vez, quando entrasse no reino podia ser que não voltasse.

Gillian sabia que tinha chegado ao fim da linha. A última parada da estrada de sua vida. O lugar onde iniciaria seu sono odiado e eterno.

Já chega, não aguento mais.

Ela não conseguia dormir, não tinha forças nem para se revirar na cama, e seu corpo doía como se inúmeras agulhas tivessem sido enfiadas em cada órgão. Suas mãos e pés estavam frios como gelo, tornando impossível para o resto de seu corpo se aquecer. Cada vez que conseguia respirar, emitia um estranho sibilo.

Puck tinha lhe avisado que teria poucas semanas de vida, mas resultara que não tinha conseguido nem mesmo uma semana.

Não estou pronta. Não cheguei nem a viver verdadeiramente.

As lágrimas ardiam em seus olhos. Tinha passado a infância com medo do padrasto e dos irmãos. Tinha passado os últimos três anos com medo dos guerreiros imortais que jamais a feriram, só queriam protegê-la. Tinha passado os últimos três anos com medo de tudo e de todos. Que tola! Aquele medo tinha lhe roubado tanta coisa, e não tinha nem como colocar a culpa em mais ninguém, além dela mesma. Ela tinha escolhido se esconder no quarto, ao invés de sair com os amigos da escola para criar memórias felizes.

William estava quase fora de si de preocupação e dor. Esta manhã, ele tinha andado em círculos ao lado da cama dela. Tinha gritado com vários médicos e tinha quase certeza de que tinha chegado a matar alguns — ou todos eles. Equipes de limpeza entravam e saíam, orientadas a não olhar ou falar com ela, mas sua mente permanecia em tal névoa que tudo parecia um sonho ruim.

Ele tinha até gritado com o próprio pai de novo.

Transforme-a! Agora!

Não posso.

Você pode.

Tudo bem, eu posso, mas não vou fazer isto. Isto a mataria, filho.

Ela já está morrendo de qualquer forma.

Isto é verdade, mas não vou ser o instrumento da ruína dela. Você jamais me perdoaria.

Se ela morrer, eu vou destruir o mundo.

Então se vincule a ela.

Não posso. Você sabe disso.

Errado. Você não vai se vincular porque não deve. Mas este não precisa ser o fim para ela. Você pode capturar o espírito dela assim que ele deixar o corpo. Eu posso dar um par de braceletes espiralados e...

Não! Não vou permitir que você a escravize ou a corrompa.

Eu juro que jamais convocarei seus serviços, Hades dissera, parecendo ofendido.

Você não ia conseguir evitar. A guerra com Lúcifer piora diariamente. Novos jogadores estão assumindo alianças. Acordos estão sendo quebrados. Os próximos meses em sua corte serão ruins, e serão sangrentos. Haverá muitas baixas para ambos os exércitos e não vou permitir que ela seja testemunha de tais horrores.

Quando Hades lembrou a William que ele era o principal alvo dos assassinos, que vários atentados já foram feitos contra sua vida enquanto vasculhava o mundo em busca de médicos — e um daqueles atentados quase tinha sido bem-sucedido porque ele estava distraído — Gillian desatou a chorar. Sua morte só serviria para distraí-lo mais.

— Vou encontrar um jeito de salvá-la — disse William baixinho, fazendo-a voltar ao presente. Como soava frenético. Agoniado. — Só precisa me dar um pouco mais de tempo, boneca. Agunte por mim. Tudo bem?

Apesar de sua tentativa de confortá-lo, ele se culparia pela morte dela, não iria?

Bem, então. O primeiro item em sua lista de desejos subitamente cristalizou. *Salvar a William de si mesmo.*

Ela tinha de sobreviver a isso. Sem dúvidas, questionamentos ou hesitações.

Até agora sua melhor chance era se casar com Puck. William jamais a pediria em casamento. Já tinha deixado isto bem claro. Talvez repensasse as coisas agora que o fim era inevitável, mas Puck dissera que havia uma chance de que ela tornasse seu marido mortal. Não podia se arriscar a enfraquecer William a tal ponto. Especialmente enquanto seus inimigos o rodeavam como tubarões farejando sangue.

Puck, no entanto, estava disposto a se arriscar. Pelo menos esteve disposto... mas quanto tempo fazia? Será que ainda estava?

Se estivesse, aceitaria. Ela se casaria com ele, decidiu. Viveria, mesmo que o tornasse mortal.

A coisa do sexo... Se ele insistisse ela poderia, talvez, provavelmente, com muito esforço, aguentar. Mas talvez não insistisse. Ele era o guardião da Indiferença, rapidamente se voltaria a outro alguém, outra pessoa que não sua esposa — apesar de jurar o contrário.

William, por outro lado, iria querer sexo. Ele precisava; era uma criatura intensamente sexualizada com o instinto de dez machos alfa. Mas também tinha um lado honrado que insistia em esconder dos outros, mas não de Gillian. Ele não iria atrás de outra pessoa depois de vincular sua vida à dela, a menos que lhe desse permissão para trair...

E ela daria. De livre e espontânea vontade.

E não iria nem chorar ao fazê-lo. De verdade.

Mas... Um bom marido jamais trai, mesmo com permissão. Certo? O pai biológico de Gillian — um santo! — jamais tinha traído, já o padrasto jamais tinha parado. Ele era um dos piores seres humanos que já andou sobre a terra.

No fundo no fundo, Gillian suspeitava que passaria a odiar William se — quando — ele traísse. O que era ridículo, considerando sua postura sobre o assunto! Mas no final os dois acabariam infelizes.

Então. Sim. Seu marido tinha de ser Puck. Só o que tinha de fazer era encontrá-lo. Ou melhor, atraí-lo para cá, por que de jeito nenhum conseguiria levantar daquela cama.

Ela soluçou. Como iria atraí-lo para cá? Não conseguia nem erguer a cabeça... Não podia pensar... Pensar... Não conseguia...

Sua mente vagou dentro e fora de uma negra e densa teia de aranha. Quando estava consciente, o sibilo em seus pulmões piorava.

Subitamente seu corpo foi erguido da cama e o calor mais delicioso a cercou. Braços fortes a enlaçaram e um coração batia contra seu ouvido. Ela ficou confusa. William a estava levando para fora? Ia deixá-la morrer na água?

— Gillian! — ele rugiu e soou bem distante.

Não estava nos braços dele afinal, percebeu, e o cheiro familiar de fumaça de turfa e lavanda finalmente invadiu sua semiconsciência.

Doce alívio se sobrepôs à sua confusão. Puck tinha vindo buscá-la.

— Desculpe, moça, mas decidi não deixá-la morrer. Da última vez que a deixei, senti uma coisa. Acho que era arrependimento e quero sentir de novo.

A maior aspiração dele era sentir *arrependimento*? A vida dele era tão triste quanto a dela.

— Aceito... casar — ela disse. Tentou identificar onde estavam, mas tudo era um borrão. Ele devia estar fazendo aquela coisa de se mover rápido demais. — O... Que... Precisa?

— Basta repetir minhas palavras — ele virou uma esquina, a cabeça dela girou. — Eu te entrego meu coração, corpo e alma — esperou até ela repetir, o que levou um tempo; ela tinha de empurrar as palavras entre a respiração arquejante. — Eu uno minha vida à sua, e quando você morrer, eu morro com você.

O tom da voz dele tinha se aprofundado, como se as palavras que tinha acabado de dizer tivessem mais significado do que qualquer outra que já tinha dito na vida.

A seriedade do que estava fazendo a acometeu. Não haveria volta. Uma vez vinculados, ele seria seu marido. Eles seriam um só. Uma família. E mesmo que não *fizesse* sexo com ele, ele teria de vir em primeiro lugar. Puck antes de William.

Os olhos dela voltaram a arder. Ia mesmo fazer aquilo?

Suas mãos e pés ficaram ainda mais gelados a cada segundo, mas seus músculos não tinham energia suficiente para tremer. Perto demais! Então, sim, ela ia fazer isto.

De novo, ela ecoou sua declaração.

Ele prosseguiu.

— Isto eu digo, isto eu faço.

— Isto eu digo, isto eu faço.

Quando ele não disse mais nada, percebeu que tinha acabado. Esperava que acontecesse algo grandioso. Uma onda imensa de força. Calor. Algo! Não percebeu nada, zero, *necas*.

— Não funcionou — conseguiu sussurrar.

— Não se preocupe, moça — finalmente Puck parou de correr. Ele a pousou sobre algo suave então se endireitou, quebrando o contato. A única fonte de calor que ela tinha sumiu. — Ainda não acabamos.

Ele pressionou algo ainda mais quente contra seus lábios. Algo molhado. Um sabor de cobre cobriu sua língua e ela gorgolejou. Sangue?

— Engula — ele ordenou.

Ela negou com a cabeça e o fio de umidade escorreu pelo rosto, ao invés de seguir garganta adentro.

— Vai beber — ele apertou o nariz e queixo dela com uma mão, impedindo mais movimentos, e segurou seu pulso sobre a boca aberta com a outra, forçando-a a obedecer.

Bem, não dava para ela completar a cerimônia agora. Ele estava despótico demais. Indiferente demais quanto ao seu medo.

Mas, por fim, o sangue deslizou para seu estômago e outra mortalha preta cobriu sua mente. Desta vez, o tecido tênue não a deixou em estado de inconsciência. Puck tinha levantado seu braço e fez um corte em seu pulso — daí, lambeu a fonte de sangue.

— Sangue do meu sangue, fôlego do meu fôlego — disse ele. — Até o fim dos tempos. Repita.

— Não.

— Então vai morrer, e William e eu vamos guerrear por nada.

Argh! Não podia permitir que William se metesse em mais uma guerra. Ela repetiu as palavras e finalmente, de forma surpreendente, a “coisa” aconteceu. Lance após lance de força invadiu seu corpo. O calor dentro dela brilhou cada vez mais quente, e logo se sentiu como se tivesse engolido o sol.

Um golpe de tristeza — nunca tinha experimentado nada tão magnífico, e não tinha sido ao lado de William.

A escuridão se esvaiu de sua mente completa e subitamente, e então conseguiu enxergar. Luz do sol! Um quarto aberto e arejado. O cheiro decadente de lavanda preenchia o ar, mais forte do que antes. Ela estava deitada em uma grande cama, onde camadas de tecido branco se dependurava de quatro postes.

Estou viva! Rindo zozza, ela se levantou. Puck se empoleirou ao seu lado, observando-a com expressão neutra, e em um jorro de súbita gratidão, ela passou os braços pelo pescoço dele em um abraço. Ele tinha salvado sua vida, apesar do risco que aquilo representava para a dele — oh, não! O risco! William iria castigá-lo?

Não, não. É claro que não. Puck tinha salvado a ela, e era isto o que William — seu amigo — queria.

E já que aquele era basicamente um casamento por interesse, ela e Puck poderiam talvez até se mudar para a fortaleza. Ou ela poderia voltar sem o marido a reboque. Nada tinha de mudar!

Ela tentou se afastar, mas os braços dele a enlaçaram e apertaram firme. *Sexual demais!* A mente dela gritou. Coisa demais acontecendo rápido demais. Arrancou para trás, afastando-se completamente com o coração martelando em um ritmo louco. Ele franziu o cenho para ela.

— Sinto muito — murmurou ela.

Ele não disse nada, continuou a olhá-la, iluminado pela luz do sol. Talvez fosse o vínculo entre eles, mas... ele de certa forma estava ainda mais bonito do que antes. A cor de sua pele parecia mais profunda, mais rica, e as mechas sedosas dos cabelos brilhavam. Mesmo as lâminas trançadas nelas eram adoráveis, o metal prateado parecia deslumbrante. Podia

identificar cada cílio, individualmente emoldurando os maravilhosos olhos. A agudeza do nariz dava ao rosto uma força arrebatadora, só amplificada pelo corte rude de seus lábios.

Ele estendeu a mão e, após hesitação momentânea, afastou um cacho de cabelos dela para trás da orelha. Seus dedos deixaram uma trilha de fogo à sua passagem, e ela se inclinou involuntariamente em direção ao seu toque.

— Você é linda — disse ele.

Um rubor cobriu sua face.

— Obrigada. E você...

— Não sou — o tom de voz dele estava um pouquinho mais duro agora — eu sei.

— Não. Não ponha palavras em...

— Gillian! — o rugido de William ecoou fora das paredes. Uma fração de segundo depois, ele arrombou uma porta, e fragmentos de madeira voaram para todo lado. Ele trazia uma adaga em cada mão e a promessa de morte nos olhos vermelhos neon.

Seus cabelos escuros esvoaçavam sobre o rosto, erguidos por um vento que ela não podia sentir e, por um momento, teria jurado ter visto relâmpagos sob a superfície de sua pele. Mas a parte mais chocante da transformação? As sombras que se erguiam acima de seus ombros. William tinha asas!

Ele encarou Puck.

— Você vai morrer... Mas não antes de passar os próximos séculos implorando por misericórdia. Ela é minha e eu protejo o que é meu.

A mente dela só apreendeu uma palavra. *Morrer.*

— Não — ela disse, balançando a cabeça.

— Na verdade ela é minha — Puck ficou lentamente de pé, totalmente sem medo, e a boca de Gillian secou. — Eu jamais iria ferir minha mulher.

Os relâmpagos voltaram para a pele de William. Ele deu um passo à frente, erguendo uma adaga, pronto para lançá-la.

Esticando os braços para afastá-lo, Gillian se levantou, pondo-se diante de Puck.

— William. Não pode feri-lo.

O sorriso dele exibia diferentes nuances de maldade.

— Oh, boneca. Garanto que posso.

— Não entende. Ele me salvou. Ele é... meu marido — a palavra parecia estranha em sua língua. — Se machucá-lo, vai me machucar. Certo?

Puck aquiesceu.

Uma mistura de choque e fúria dominou a adorada expressão de William.

— O vínculo — disse ele, o tom de voz agora vazio. — Você aceitou.

Lágrimas encheram os olhos dela ao aquiescer. As coisas *iam* mudar.

— Eu não queria morrer e você disse que não se vincularia a mim. Eu ouvi — mas agora que sua mente estava clara e seu corpo livre da dor, não tinha certeza de ter tomado a melhor decisão.

Ela podia ter arruinado *tudo*.

William jamais poderia perdoá-la por aquilo. E Puck... Ele poderia querer matar Torin, seu amigo. Em sua dor, tinha se esquecido da vingança contra o guerreiro.

— Você não faz ideia do que fez — ele disse a ela baixinho. — Ele só está te usando.

— Eu sei — eles estavam usando um ao outro.

— Sabe? Sabe que pertence a ele e que este vínculo nunca poderá ser rompido?

Sim, e isto subitamente a destruiu.

— Sinto muito — sussurrou ela.

Puck colocou uma mão possessiva sobre o seu ombro e lhe pareceu... certo. Mas também errado. Ela fez o possível para esconder seus sentimentos conflitantes dos dois homens.

William pressionou uma das adagas contra o coração e deu um passo atrás, como que forçado. Pela primeira vez desde que o conhecia, ele parecia livre de toda pretensão e civilidade. Ela viu desejo, um desejo tão intenso... e quis chorar, abraçá-lo, correr dele e chorar mais ainda.

— Eu posso mantê-lo preso — ele disse a ela — vivo, mas longe de você.

Um protesto se ergueu dentro dela; mordeu a língua e só deixou escapar um soluço.

— Vá em frente. Tente — o aperto de Puck se intensificou nela.

Estou em um cabo de guerra com dois predadores em seu auge e não sou boa para nenhum deles.

E... E... Porque William sequer a desejaria? Ela era mercadoria avariada. Bagunçada. Quebrada. Puck, por outro lado, ela entendia. Ela... sua situação... despertava as emoções dele, por mais fracas que fossem. Ainda que temporárias.

Ele não ficaria decepcionado se ela falhasse em ajudá-lo a sentir algo novo?

— Gillian. Quer que eu o prenda? — as palavras vieram de William.

As lágrimas voltaram. Não poderia retribuir a gentileza de Puck com crueldade.

— Não, sinto muito — ela repetiu.

Em um segundo, a expressão dele voltou a ficar neutra e aquilo partiu o coração dela. Ele não disse mais nada, simplesmente se virou e saiu da sala.

O que eu fiz?

Com um soluço ela caiu de volta no colchão. Puck sentou-se ao lado dela e acariciou seus cabelos.

— Você o ama? — ele perguntou quando ela finalmente silenciou.

Para que mentir?

— Sim — seus dutos lacrimais pareciam inchados e secos. — Ele é meu melhor amigo.

— Eu serei o seu melhor amigo agora.

Como o marido dela — *ainda soa estranho* — continuava a acariciar o seu cabelo, ela relaxou e uma sensação de tranquilidade a envolveu. Não, não só tranquilidade mas... Indiferença? Naquele momento, deixou de se preocupar com tudo e foi legal. Seria o vínculo?

— Eu sou imortal? — perguntou ela — Ou te tornei humano?

— Eu te disse. Sou o dominante.

Então. Ela era imortal. Agora, viveria uma eternidade sabendo que tinha ferido William da pior maneira possível. Que tinha trocado um tipo de inferno por outro.

— Agora vamos firmar nosso vínculo — ele disse, levantando-se para tirar a camisa.

Ela deu um meneio violento com a cabeça.

— Não. Nada de sexo. Nunca. Eu te dou permissão para procurar outras. Quantas quiser, mas nunca eu.

O cenho dele se franziu de novo.

— Nós somos marido e mulher.

— Eu sei, mas te disse que nunca senti desejo e estava falando sério.

Ele pensou por um momento e aquiesceu.

— Muito bem. Vai ser como você quer — ele se virou nos calcanhares e saiu pela mesma porta que William, e os dutos lacrimais que ela tinha pensado ter esgotado incharam com uma nova maré de umidade.



VINTE E DOIS

“Guerra dos Tronos? Não. Guerra dos Donos. Meu pé vai virar dono da sua bunda.”

— *Taliyah Coração Gelado.*

KATARINA REPOUSAVA A CABEÇA nos ombros de Baden e deslizava os dedos ao longo dos cordões de força no peito dele com a mente revivendo as últimas horas. Primeiro, ele tinha praguejado ao ler a mensagem enviada por Torin.

William pirou. Gilly melhorou — mas, ops, ela se casou com um cara chamado Pukinn/Puck/Homem Morto A Caminho. Oh, e é provável que agora ela talvez seja imortal, então a ira de William irá durar PARA SEMPRE.

Baden tinha explicado que o vínculo tinha transformado a humana em imortal, tendo o mesmo efeito que o vínculo de Ashlyn com Maddox ao entremear os futuros dos dois. Daí tinha feito amor com Katarina de forma doce. Depois disso, ele a abraçou com força enquanto sussurravam segredinhos bobos no escuro.

Ela contou como, aos cinco anos, seu pai a tinha convencido de que podia mudar as luzes dos semáforos como mágica. Se mandasse um beijo para as luzes, ele dissera, o vermelho virava verde. Até hoje quando dirigia ela mandava beijos para os faróis .

Baden lhe contou como há séculos ele tinha permitido que Paris quebrasse seu braço com uma marreta, por que Paris tinha jurado de pé junto que as mulheres adoravam dar beijinhos em um machucado para fazê-lo melhorar. Só que um beijo não tinha melhorado nada. Então ele tinha quebrado os dois braços de Paris.

— E você não o matou? — perguntou ela. — Baden, que orgulho de você.

— O fato de eu ter me segurado foi o que me fez ganhar o apelido. O Cavaleiro do Monte Olimpo.

Ela riu e ele lhe fez cócegas. Implorou para ele parar, mesmo esperando que continuasse. Ele tinha perdido tantas coisas no curso de sua vida. Brincadeiras infantis, diversão inocente... Conexão.

Eles fizeram amor de novo, e ele adormeceu com um sorriso — e o sussurro de uma única palavra em seus lábios. Casamento.

Será que estava considerando torná-la imortal através do vínculo do casamento? E ela, estava?

Não, não. Claro que não. Eles eram apenas coisa de momento. Isto não tinha mudado... Tinha?

Ela passou a estudá-lo. Sem as preocupações do mundo e as exigências da fera pressionando-o em diferentes direções, a expressão dele era quase infantil. E *ela* o tinha ajudado a chegar àquele ponto.

— Você parou — disse ele, a voz mais profunda que o normal, também mais rouca. Ele virou a cabeça para encontrar o seu olhar e ela ofegou. As pupilas estavam tão dilatadas que consumiam a íris inteira, ocultando o acobreado que achava tão lindo. Cintilações de vermelho dançavam contra o preto. Estrelas de sangue. — Volte a fazer.

— Fazer o que? — perguntou confusa.

Ele agarrou seu pulso com um aperto forte demais, como se desconhecesse a própria força, e moveu a mão dela pra cima e pra baixo em seu peito.

— Isto — ele soltou. — E não volte a parar.

Baden geralmente não era tão rude com ela e subitamente compreendeu. Aqueles olhos... estava falando diretamente com a fera, não estava? Também não era a primeira vez que acontecia.

Aja com cuidado. A fera precisava de muito mais treinamento do que Baden. Ela era selvagem, imprevisível.

— Gosta de carinho?

Curto e doce. Sempre termine em um tom positivo.

— Não.

Ela quase riu. Quase. A expressão dele não indicava nenhum divertimento.

— Por que quer que eu continue?

— Gosto dos *seus* carinhos. Você é fraca. Não é uma ameaça.

Ah não! Mais uma crítica... O que precisaria fazer para provar para estas pessoas (e criaturas) que ela era forte, só que possuía um tipo diferente de força do que eles estavam acostumados?

— Do que mais você gosta?

— Sangue. Morte. Vingança. Jamais me traia, mulher.

— Como se eu fosse me atrever — ela disse secamente.

Ele a encarou.

— Está zombando de mim?

— Estou te provocando. É diferente. Um é crueldade, o outro é doçura. Doçura me deixa feliz.

Lentamente a tensão se esvaiu dele.

— Acho que gosto quando você está feliz.

— Que bom. Gosto quando você está feliz também.

— Isto só porque tem medo de mim — ele disse as palavras como se fosse um fato incontestável. — Você é sábia pelo menos. Às vezes.

— Não tenho medo de você — respondeu, traçando o dedo ao redor de um dos mamilos dele e então do outro. — Por que teria? Somos amigos.

A sobancelha dele se franziu em confusão.

— Eu não tenho amigos. Amigos são fraquezas.

— Amigos são bênçãos. Eles te protegem e...

— Não confio em ninguém para me proteger — ele rosnou as palavras, com a raiva provocada.

Ainda assim, continuou como se ele não tivesse interrompido. Sem risco, sem recompensa.

— Eles te fazem carinho quando você precisa de carinho.

Agora ele mordiscou os lábios, incapaz de replicar sem fazê-la parar.

— Eles te fazem sorrir quando está triste — ela completou. — Eles te enchem de alegria quando a tristeza tenta te derrotar. Eles acendem uma luz em sua escuridão.

— Consigo enxergar no escuro — ele resmungou.

Pelo menos a raiva tinha sumido, o perigo tinha passado. Ela soltou um suspiro de alívio.

— Seu irmão não te protegeu e ele não tem sido uma bênção pra você. Ele te machucou.

— Sim. Não tem como negar isto. Mas nunca disse que ele era meu amigo.

Passou-se um momento em silêncio enquanto ele pensava em sua declaração. Então ele disse:

— Ele não vai mais te machucar. Agora está trancafiado, incapaz de comprar drogas ou mesmo contatar outro ser humano.

Foi como se Destruição tivesse aplicado um desfibrilador cardíaco no peito dela.

— É mesmo?

— Nós nos certificamos que sim. Por você.

Por mim.

— Obrigada — oh, ela sabia que Dominik tinha de querer se desintoxicar para que conseguisse se manter longe das drogas quando fosse libertado, mas isto... isto era um presente. — Tudo bem, grandão. Vamos fazer um exercício de confiança — o presente dela para Baden e Destruição.

O cenho dele se franziu de novo rapidamente.

— Eu não conf...

— ... não confia em ninguém. Já sei disso. Mas mesmo assim, faça o exercício comigo.

— Mulher, você não pode me forçar...

Ela colocou os dedos em cima da boca dele, silenciando-o. Os olhos dele se arregalaram, como se não acreditasse em sua ousadia.

— Seu comentário não é apreciado. Fique quieto.

Ele mordiscou os dedos dela.

— Você é corajosa. E tola.

Não tão corajosa — e tola — quanto determinada a vencer esta criatura.

— Vire.

— Não — ele expôs os dentes em um esgar. — Se tentar me atacar, vou ter que te matar.

Não foi uma ameaça, mas uma promessa. PSM? Muito alta.

— Vire — repetiu da mesma forma, dando-lhe um pequeno empurrão. — Vou acariciar suas costas.

Os músculos dele se contraíram como rochas.

— Você está mais forte do que antes — ele agarrou o pulso dela para trazê-la para perto de seu nariz. Ao farejar, a raiva transformou suas pupilas em fumaça, com tentáculos pretos se

movendo sobre as íris. — Está cheirando a cão-do-inferno, mas a raça está extinta há séculos. Como é possível?

Cão-do-inferno? Ela? Impossível? A menos...

Uma ideia tomou forma e ela lutou para respirar.

— Sei tão pouco sobre o seu mundo imortal, mas amo cães. Fale sobre estes cães do inferno.

O desgosto dele quanto ao assunto era evidente.

— Alguns faziam a guarda do submundo enquanto outros caçavam e capturavam os espíritos que conseguiam escapar. Eles se comunicavam por telepatia — o que um sabia, todos sabiam — e podiam riscar entre os reinos.

A ideia dela se ramificou, o horror brotou como uma fruta madura.

— Eles podiam infectar... Hum... Pessoas através das mordidas? — sua boca ficou seca. — Igual aos, hum... Lobisomens?

— De certa forma. Mas poucas pessoas sobreviviam às mordidas. Quando um cão-do-inferno provava o sangue de alguém, a necessidade de se alimentar daquela pessoa específica eclipsava tudo o mais.

Que alívio! Seus cachorros não podiam ser cães do inferno. Se aquela mordida tivesse realmente acontecido, eles a teriam devorado inteira.

— Como sabe disso?

— O macho que me aprisionou comandava uma matilha. Eles... brincaram com meus membros.

O estômago dela revirou. Ela *sentiu dor* pelo garoto que ele tinha sido.

— Sinto muito — palavras não eram o bastante. *Nenhuma* palavra era boa o bastante.

O aperto dele ficou tão forte a ponto de ela gritar de dor.

Ele suavizou o aperto, dizendo:

— Quando crianças, imortais não conseguem se regenerar. Mas sou mais do que imortal. Jamais esqueço o que me fazem de mal. Se a raça dos cães do inferno conseguiu sobreviver, serão erradicados.

Apesar do intenso horror que sentia pelo seu passado, sentiu os instintos se manifestarem. Destruir uma raça inteira pelos crimes de uns poucos? Não!

Precisa de ajuda?

Não, não. Ela projetou os pensamentos e rezou para que os animais ouvissem. Eles estavam presos no banheiro, mas poderiam usar as garras para se libertarem. *Estou bem. Fiquem onde estão.*

Se estivesse errada e se a raça tivesse evoluído, aprendendo a controlar a sede de sangue e os filhotes fossem mesmo cães do inferno... Se Destruição voltasse a ira sobre eles...

Seria um inferno.

— Baden jamais mencionou cheiro de cão-do-inferno — disse ela.

— Os sentidos dele não são tão desenvolvidos quanto os meus.

Manter a expressão neutra provou-se uma tarefa difícil, mas ela conseguiu.

— Bem. Como você disse, cães do inferno estão extintos. Séculos se passaram. Seu nariz pode estar te pregando peças. Ou talvez os cães do inferno antigamente vivessem aqui. O lugar é antigo. Agora pare de enrolar... vire.

Ele por fim obedeceu, e ela soube que não era porque ele subitamente decidiu confiar nela. Ele provavelmente queria testá-la. Um teste em que ela passaria com A++, com menção honrosa ou fosse lá qual o sistema de avaliação fosse usado.

Passou a ponta dos dedos pelos sulcos da espinha dele, pelos nós entre os ombros e para baixo, descendo para os montes tensos de seu traseiro sem parar, até ele se derreter no colchão. Logo ele começou a ronronar.

— Você é tão rude e tão suave ao mesmo tempo — disse ela.

— E você gosta — uma exigência, não uma pergunta.

— Sim — aumentou a pressão do toque, massageando os músculos. O ronronar dele se tornou... ronco? Ele tinha dormido? Sério? Um sorriso repuxou os cantos de seus lábios. Obviamente, esta bela tinha acabado de dominar *duas* feras.

Quando a luz do sol da manhã invadiu o quarto, Baden vestiu roupas de batalha. Estava meio desequilibrado. Destruição estava calmo, quase feliz — será que ele começaria a cantar como uma princesa da Disney?

Estou feliz.

Eu sei. E estou estranhando muito.

Baden prendeu armas nos braços, cintura e tornozelos, a concentração fixa em Katarina enquanto ela comia o café da manhã que Fox tinha trazido em agradecimento à ajuda dada. Panquecas e ovos. Ela tinha manchas escuras nos antebraços. Definitivamente não era sujeira.

Provavelmente hematomas. Sentiu raiva de si mesmo... Ele foi bruto com ela. Da próxima vez teria mais cuidado.

A expressão dela era suave, iluminada, a pele ainda estava corada das atividades daquela manhã.

O celular em seu bolso vibrou e ele olhou para a tela. Uma mensagem de texto de Torin.

William quer vingança contra o sátiro e pede nosso apoio.

William teria de cobrar seu favor se quisesse a ajuda de Baden. Dois coelhos com uma só cajadada.

— Onde estão os cães? — perguntou a Katarina.

A cabeça dela se inclinou para o lado como se ouvisse o som das patas deles.

— No quintal, brincando. Por quê?

Ele franziu o cenho para ela.

— Consegue ouvi-los daqui? — as janelas estavam fechadas e o quintal ficava do outro lado do palácio.

Embora enrubescesse, ela dispensou a estranheza como não importante.

— Sou uma mamãe urso e eles são meus filhotes — sorriu para ele, mas a doçura não tinha exatamente alcançado o olhar. — É melhor que você e Destruição nos os machuque.

Por que ela diria tal coisa?

— Eu jamais... Por que pensaria assim?

Ela umedeceu os lábios, claramente nervosa.

— Destruição mencionou seu ódio pelos cães do inferno e espero que o ódio não seja extensivo a todos os caninos.

— A fera fala com você? — a raiva dele brotou. — Sem mim?

— Às vezes — ela disse, dando de ombros.

Baden odiava o pensamento da fera interagindo com ela sem a sua ajuda.

— Ele odeia os cães do inferno por um bom motivo. A mãe dele o vendeu ao Mestre dos Prazeres Sombrios. O antigo rei do submundo mantinha crianças... como escravos sexuais — na noite passada, a horrível lembrança tinha invadido seus sonhos. — Destruição fugiu e os cães do inferno o perseguiram... Arrastando-o de volta ao inferno.

A cor desapareceu da face de Katarina.

— Eu *odeio* os horrores que ele sofreu. Mesmo. Mas nem todas as matilhas são, eram, embaixadores do mal. Tenho certeza.

Katarian, sempre a defensora dos animais.

— Nossos filhotes jamais irão sofrer nas mãos dele.

Os olhos dela se acenderam de esperança.

— Jura?

A falta de confiança dela o incomodou, mas ele ignorou. Desde o começo, disse a esta mulher que o temesse. Ele merecia sua desconfiança.

— Juro.

— Obrigada — mudando de assunto, ela olhou pra ele de cima a baixo e assoviou. — Homem sexy. Está indo para outra missão?

— Sim.

— Bem. Se conseguir não matar hoje, farei coisas *muito* safadas com você... com minha boca.

Tanto ele quanto Destruição gemeram com um desejo tão intenso que as chamadas possivelmente jamais seriam extintas.

— Isto eu quero. E isto eu *vou* ter. Hoje. Vou ver Aleksander.

Os olhos dela se arregalaram.

— Vai poupar a vida dele?

— Sim. Mas ele precisa quebrar o laço dele com você. Depois, eu o trancafiarei em algum lugar. Ele jamais se libertará, vai morrer preso.

Katarina depositou o prato no criado-mudo e soprou-lhe um beijo.

— Você, Baden, é um homem maravilhoso. Oh! Com tanta excitação me esqueci de te dizer que foi a mãe de Alek quem lhe deu a moeda.

Sua mãe? Quem era a mãe dele e como *ela* tinha adquirido a moeda?

Destruição lhe forneceu a resposta, empurrando a lembrança através de um sombrio miasma de ira, sangue e morte.

Um harém apareceu na mente de Baden. Em seus primeiros anos de reinado, Hades tinha um harém cheio de belas mulheres, imortais e humanas. Qualquer uma poderia atrair sua atenção.

Eu tomo o que é meu. Ninguém pode me impedir.

Uma mulher loura... Uma de suas favoritas, ao menos por um tempo... era um anjo que tinha caído por ele, literal e figurativamente, abandonando seu lar no céu para viver com ele. As asas dela tinham sido removidas pela irmã, deixando cicatrizes grossas e irregulares em suas costas. Ele tinha gostado das cicatrizes, e ela tinha gostado da homenagem que ele prestava a elas.

Mas ela não tinha sido feliz dentro do harém, era insultada a cada vez que tinha de dividi-lo com as outras, e eventualmente surtou, matando a sangue-frio as outras mulheres. Ele quase a puniu com a morte, mas em um raro momento de misericórdia, somente a condenou ao exílio na terra.

Logo depois, descobriu que a moeda que mantinha sob guarda intensa tinha sumido. Soube na hora quem era a responsável. Era o modo dela se vingar.

Ele fora atrás dela. Ninguém que tivesse marcado conseguia fugir dele. Nunca. Naquele dia ela riu na cara dele.

Quer a moeda? Que pena. Jamais irá encontrá-la. Especialmente se me matar. No momento em que eu morrer, ela será entregue a Lúcifer.

Então ele tinha deixado ela lá e enviou um espião para acompanhar o que acontecia com ela o tempo todo. Ao longo dos anos, ela se casou com um humano de quem teve um filho — Aleksander — e ao que constava, tinha sido o filho que a amava quem destruíra suas entranhas com selvageria. Mas sendo só parcialmente imortal, Aleksander jamais teria a força para destruí-la. O que significava que ela tinha permitido que ele a matasse.

Mais tarde naquele dia Aleksander tinha emboscado o espião de Hades para lhe entregar um recado: *Estou com a moeda. Não planejo usá-la — no momento. Mas, igual à minha mãe, tomei medidas para garantir que ela fosse entregue a Lúcifer, no caso de minha morte.*

Você devia ter me dito antes, Baden resmungou para Destruição.

Compartilhar segredos é tão novo para mim quanto é para você.

No presente, Katarina se ajoelhou e passou os braços ao redor do pescoço dele.

— Onde está você, *drahy*?

Ele adorava quando ela o chamava de querido. Mesmo Destruição gostava. O apelido não depunha a favor da força deles, mas expunha totalmente a suavidade da mulher deles.

— Eu estava certo. Aleksander não é humano — disse ele. — A mãe dele era um anjo caído.

— Como sabe?

— Está tudo aqui, graças a Hades — ele cutucou a têmpora. — Às vezes preciso escavar. Às vezes a fera revela espontaneamente.

Ela pressionou os seios perfeitos contra seu peito e ele lamentou a camisa que impedia o contato pele com pele que agora necessitava mais do que o ar.

— Novamente me pergunto como não percebi que meu marido...

Ele mordiscou os lábios dela.

— Está proibida de dizer esta palavra.

Ela sorriu lentamente para ele.

— Porque você tem ciúme?

Mais do que jamais sonhara ser possível.

— Bem, você basicamente tem um marido também — ela ressaltou. — Você está vinculado a Hades.

Baden estremeceu e riu.

Tão bonita... Tão inteligente.

— Katarina — disse e a segurou pela nuca sentindo o peito se contrair. — Diga que precisa de mim.

O humor dela ficou sombrio e ela umedeceu os lábios.

— De jeito nenhum. Não vou mentir.

— Diga — insistiu ele.

— Nunca! Treinei cães que te fariam mijar de medo. Eu me tornei a líder deles, a única que *eles* confiavam para sua proteção. Toquei um negócio, levando-o de sucesso moderado a fenômeno internacional. E só pra constar, demonstrar compaixão exige mais força do que sair por aí despejando vingança. Um luta contra a vontade, o outro a satisfaz.

Ele se xingou de mil nomes feios por colocá-la em posição defensiva. Ele recuou — por ora — mas precisava da admissão dela, do modo como precisava dos braceletes: ambos eram cruciais para sua sobrevivência.

— Pandora está com Aleksander. Vou resistir ao impulso de matá-la. Serei até mesmo gentil com ela. Isto te deixa feliz?

— Sim — Katarina relaxou ao brincar com as pontas dos cabelos dele. — Mas tenha cuidado lá. Ela é uma cadela esperta.

— Está começando a parecer que gosta de mim.

Ela mordiscou os belos lábios antes de dizer.

— Pode ser que eu goste...

Uma resposta típica de Katarina. Teimosa e mesmo assim cheia de mistério.

— Vou voltar pra você. Nada no mundo vai me impedir — depositou um beijo forte e rápido nos lábios dela, e então outro, e a língua dela saiu para brincar com a dele. Se não partisse já, não conseguiria mais ir, seu pau já estava latejando.

Ele lhe deu um último beijo antes de partir — que pudesse se afastar dela parecia um milagre — e riscou... Para dentro do que parecia um filme de terror.

Gritos ecoavam de paredes manchadas de sangue. Gosma preta fluía em rios através do chão de concreto com órgãos flutuando na superfície. O cheiro de enxofre saturava o ar, golpeando as narinas. Seus pulmões sofreram com o esforço de expelir as partículas venenosas.

Tinha demônios ali.

Estes asseclas em específico tinham membros longos e cabeludos — alguns tinham garras, outros múltiplos chifres — membros diferentes atulhavam a sala. Pandora devia estar lutando há horas.

Havia um braço humano no meio dos escombros com uma corrente ainda presa ao redor do bíceps.

Ou Aleksander estava livre ou estava morto.

Baden sacou as semiautomáticas, que tinham machadinhas se projetando das empunhaduras e pegou um corredor sinuoso, correndo na direção do som dos gritos. As lâmpadas tinham explodido em cada suporte, a escuridão que os cercava era espessa e, ainda assim ele não teve problemas para catalogar cada detalhe, enquanto Destruição focava com a intensidade típica de um laser.

Lúcifer ataca de novo, a fera rosnou.

E vai fracassar de novo.

Uma criatura do tamanho de uma criança com oito pernas caiu do teto. Estava à espera de uma presa. Sua boca se abriu completamente, criando um grande buraco cavernoso grande o bastante para caber uma melancia — ou a cabeça de Baden. Seus dentes eram pequenos, mas afiados e zumbiam como uma serra elétrica.

Dois tiros rápidos, um no olho e um na boca. Pedacos de esmalte voaram pelos ares como estilhaços. Ao passar correndo por ele, Baden golpeou a cabeça com a machadinha, finalizando a luta.

Dentro do quarto, quatro criaturas peludas arrastavam uma Pandora ensanguentada em direção à parede do outro lado, as pontas de suas pernas afiadas como adagas. Adagas que eles enfiaram nos ombros, torso e pernas dela. E até mesmo sob os braceletes espiralados, evitando que o metal entrasse em contato com a pele dela.

Estava imobilizada. Guerreira como era, continuava a lutar usando a única arma que tinha — os dentes. Mordeu os captores, arrancando uma orelha e então a ponta de um queixo. O gosto de sangue desencadeou um frenesi dentro dela. Lutou por mais.

Baden ficou puto. Não era chegado a Pandora, mas ninguém devia poder feri-la.

Olhos vermelhos acesos se fixaram nele. Criaturas menores surgiram dos pelos das criaturas maiores, grunhindo de alegria. Será que já o consideravam um alvo fácil?

Eles iriam ver só.

Ao entrar no quarto, Baden cruzou os braços na altura dos cotovelos e lentamente abriu caminho. Seus dedos continuaram nos gatilhos até seu corpo formar um T, garantindo uma regular corrente de balas. As criaturas mal absorveram os tiros e pularam sobre ele.

Ele girou as armas de forma a empunhar pelo cano. *Corta, corta, corta.* As machadinhas removeram várias pernas e ainda mais pontas de adagas.

Uma dor aguda entre os ombros, seguida rapidamente por outra.

Ele se abaixou, girando as armas de novo e disparando mais uma rodada. As criaturas voaram para trás, guinchando.

Destruição lutou para assumir controle, as garras se projetaram das pontas dos dedos de Baden. As marcas em seus braços começaram a queimar, como se respingadas em ácido. Sombras começaram a surgir.

Todas as ameaças irão morrer!

— Atrás de você! — gritou Pandora.

Ele girou — e levou uma punhalada no rosto. Um empurrão violento se seguiu, jogando-o do outro lado do lugar. Ele bateu em uma parede. Mais desorientado do que devia estar. Zonzo. Com um zumbido em seus ouvidos.

Seus arredores viraram um borrão. Detectou o cheiro de baunilha. Lar?

Não, não tinha riscado sem querer. Continuava no quarto com Pandora, tinha sentido o cheiro de Katarina em sua pele.

Garras envenenadas, Destruição disse a ele. *Eu vou consumi-la.*

Um momento depois, sentiu como se tivesse engolido um ferro em brasa. Ao se levantar com as forças restauradas, outra adaga foi enfiada sob ambos seus braceletes. As marcas esfriaram, as sombras atenuaram. A tontura voltou. De repente, oito vozes distintas atravessaram sua mente com desejos tão doentios e perversos que ele não soube ao certo se conseguiria se limpar de sua sujeira.

Aquele tipo de mal... Não era no presente, mesmo que o tivesse salvo por um curto espaço de tempo. Mesmo que parecesse protegê-lo. Os Enviados tinham razão. O mal

infectava. O mal arruinava. Destruição tinha conseguido conter aquilo, mas aparentemente até Destruição tinha limites.

A fera tinha aquietado.

Os braceletes precisavam de contato com sua pele para funcionar? Antes de Katarina, Baden teria se perguntado o porquê. Depois da noite passada, sabia o poder de um simples toque. Sabia a força do vínculo que criava. A sensação de conexão absoluta.

Ele decepcionou pernas agressoras e puxou as adagas debaixo dos braceletes — Destruição rugiu, as outras vozes diminuíram — mas outra criatura tinha investido contra ele... e outra... e outra. Elas vinham de todas as direções. Cada vez que derrubava uma, surgiam mais duas, o objetivo era sempre enfiar mais adagas embaixo de seus braceletes.

Quando Destruição silenciou, outras vozes novamente encheram sua cabeça com aqueles desejos nojentos. Lutou com tanto fervor que vapor começou realmente a sair pelos cantos de sua boca. Mas o tempo todo, ele continuou a cortar as pernas que o prendiam.

Finalmente! Livre! Virou em direção a Pandora.

Se um guerreiro podia derrubar dez destas criaturas, dois guerreiros podiam derrubar cem.

Apesar de sua dor óbvia, ela se debatia contra os captores. Sangue preto vazava de seus olhos, nariz e ouvidos, como se os pensamentos dentro de sua mente fossem demais para serem contidos.

— Atrás de você — ela repetiu, a voz mais fraca.

Ele abaixou e se contorceu, disparando as armas.

Clique, clique, clique.

Sem balas. Ótimo. Golpeou as criaturas que estavam mais perto até que não passassem de pedaços e tocos e mergulhou, usando aqueles pedaços como barricada para bloquear retardatários que se aproximassem. No meio do ar, ejetou os cartuchos vazios e golpeou as empunhaduras em novas criaturas. Ao pousar, ele se levantou e atirou nas criaturas ao redor de Pandora.

Eles se afastaram dela conforme suas pernas desencaixavam dos corpos, mas as adagas continuaram sob os braceletes. Ela lutou para removê-las, mas logo seus joelhos cederam e ela caiu.

Mesmo se contorcendo no chão, ela tentava retirar as adagas, e finalmente conseguiu. Gritou de alívio, as sombras se projetaram de seus braços.

Com um silvo, eles avançaram sobre as criaturas... Que agora recuavam, mas sem se render totalmente. Mais se amontoavam pelo quarto, recobrindo o teto, as paredes e o chão, criando um mar de mal.

Um grito de guerra soou no meio da multidão. Criaturas e sombras avançaram e colidiram.

Baden sacou as adagas restantes debaixo de seus próprios braceletes. Ao se livrar da última, suas sombras se juntaram à briga, Destruição bufava e soprava.

Seu olhar encontrou o de Pandora ao estender sua mão. Ela hesitou por apenas um segundo antes de aceitá-la.

Ele a ergueu sobre os pés, perguntando:

— Aleksander?

— Foi levado.

Ele tentou riscar para onde ele estava, mas não conseguiu. Fraco demais? Juntou suas forças e tentou de novo... Falhou de novo. Talvez Aleksander tivesse sido morto?

Sonhar não custava nada.

— A moeda?

— Não — disse ela, como se puxando a palavra através de uma corrida de obstáculos. — Não consegui.

Um grito cortou o ar. Um membro caiu no chão e espirrou gosma preta. As sombras estavam vorazes; podia sentir as agulhoadas agudas da fome deles enquanto se banquetavam dos demônios como os selvagens que eram. Seus dentes penetravam as criaturas para rasgar seus espíritos. Porque era isto o que as sombras eram. Espírito. De igual para igual. Mas o que acontecia ao espírito devia se manifestar no corpo, os dois estavam conectados; as criaturas começaram a perder pedaços de ossos, músculos e pele.

Estavam sendo devorados de dentro pra fora.

Recuar e assistir não era da natureza de Baden. Estava todo cortado e vazava sua própria substância, preta como a noite — será que também havia fragmentos de vermelho misturado? — mas mergulhou no coração da batalha, golpeando, golpeando, golpeando. Pandora assumiu posição perto dele, protegendo-o de qualquer emboscada que viesse por trás.

Nós estamos... trabalhando juntos?

Quando a última criatura estava no chão, as sombras retornaram a ele e Pandora, voltando a afundar nos lugares apropriados.

Ela se curvou. Arfando, disse:

— Eu podia ter... ganhado sem você.

— Sim, com certeza. Podia ter ganhado uma segunda morte.

Ela mordiscou os lábios.

— Precisamos recuperar o humano.

— Nós?

— Engano meu — apressou-se a corrigir. — Digo, eu. Eu vou recuperar Alek sozinha.

— Não vai. Você teve a sua noite — disse ele. — Agora ele é meu.

— Filho da puta! Você teve mais do que uma noite e conseguiu arrancar ainda menos coisas. Acho... — ela ofegou, fechou os olhos para esconder o desgosto que subitamente cresceu ali. — Acho que precisamos trabalhar juntos.

Não confiava nela. Mesmo sem Desconfiança atrapalhando seus pensamentos, jamais confiaria nela. Não inteiramente. Mas... ela tinha razão.

— Agora não é hora de ir atrás dele. Não tem como saber o tipo de situação de combate que vamos enfrentar.

— E daí? Ele está fraco.

— Nós estamos fracos. Mas é provável que aqueles que o levaram não estejam — a verdade era a verdade, não importava o quanto a odiasse. — Não vou lhe dar outra oportunidade de fugir. Ou mesmo de se arrastar. Da próxima vez ele perde — tudo.

Ela pensou por um momento e anuiu de forma relutante.

— Podemos usar a esposa para atraí-lo.

— Não! — um rugido. Uma ameaça, se ela fosse esperta o bastante para entendê-la. — Você não vai usá-la ou aos cães. E não vai usar este título para se referir a ela.

— Título? Tipo, *esposa*?

Ela é minha!

— Jure ou nossa trégua estará anulada.

Ela arqueou uma sobrancelha escura.

— Temos uma trégua?

— Você ainda está viva, não está?

Ela riu.

— Está bem. Que seja. Eu juro — ela se endireitou, esfregando uma mão trêmula rosto abaixo. — Nunca pensei que você se comprometeria com alguém, muito menos uma humana.

Ele podia dizer o mesmo. Humanos eram frágeis, morriam facilmente. E agora, com tantos inimigos quanto Baden tinha arregimentado, ele bem podia pintar um alvo nas costas de Katarina. Se eles se casassem — vinculasse sua vida à dela do modo como Puck tinha vinculado sua vida à de Gilly — ela se tornaria imortal, mas também se tornaria uma escrava para Hades?

Não podia arriscar. Tinha de haver outra maneira.

Uma missão por vez. Primeiro: curar-se de forma a estar forte o bastante para protegê-la.

— Você aprendeu a usar um telefone celular?

— Eu sou uma guerreira melhor do que você? — ela respondeu, secamente.

— Vou entender isto como um não.

— É um sim.

Ele lhe deu o seu número e levantou-se sobre pernas instáveis.

— Se Lúcifer fizer outra emboscada me avise.

— Planejando salvar o dia? — ela rosnou.

— Quer dizer de novo? Sim.

Ela girou, chutando-o no estômago, mas não havia raiva de verdade no golpe e ele só perdeu o fôlego por um momento. Filha da puta.

— Cadela.

— Marica.

— Fracassada.

Eles se encararam em silêncio, e ele teria jurado que os cantos dos lábios dela se moveram como se contivessem um sorriso.

— Eu mando uma mensagem se for atacada — disse ela. — Ou quando estiver totalmente curada, o que acontecer primeiro.

— Até a próxima... — ele disse e riscou de lá sem problemas.



VINTE E TRÊS

“Eu preparei uma dose de veneno, chamei de Gentileza... E matei pessoas com Gentileza.”

— Josephina, Rainha dos Fae.

KATARINA ELOGIOU BISCUIT e Gravy enormemente. Eles executavam bem cada brincadeira que ela começava. Pega-pegas. Esconde-esconde. Cabo de Guerra. Mas... será que não executavam um pouco *bem demais*?

Eles são cães do inferno ou não?

A cada volta, os dois mantinham um alto nível de excitação e determinação para vencer. Eles permaneciam focados e jamais entravam nas zonas de perigo emocionais: raiva, nervosismo ou medo.

Galen e Fox evitavam o quarto dela e o quintal, o que era bom — para eles. Quanto mais tempo passava sem Baden, mais o estômago de Katarina se agitava. Quanto mais seu estômago se agitava, mais snappier ela se tornava. Quanto mais irritava ela se tornava, e mais inquietos ficavam os cães.

Ela queria seu homem em casa, a salvo. Queria até a fera em casa, a salvo. A fera — que era uma manifestação da infância torturada de Hades. Nunca pensou que simpatizaria com o rei da escuridão que tanto manipulava Baden. Ou que engoliria o velho *ele só é incompreendido, eu devia correr para ele e não para longe dele... Devia lhe dar um abraço.*

Eu quero abraçá-lo!

Mas, apesar de sua simpatia, jamais permitiria que ele ferisse seus cachorrinhos.

— Vocês são cães do inferno? — finalmente perguntou enquanto guardava a manga que usava no cabo-de-guerra, em uma caixa ao pé da cama. — Podem dizer a verdade.

Brincar! Brincar!

— Vocês me morderam? E se sim, por que tomaram meu sangue? — por que eles amavam? Amor podia desencadear uma porção de compulsões. — Eu vou me transformar em um da sua espécie?

Brinquedo!

Biscuit arranhou a caixa. Quando não conseguiu, mexeu na aba com o focinho.

— Senta — ela mandou e ambos os cachorros sentaram-se depois de uma breve hesitação.

Ou eram inocentes demais para entender sua pergunta ou não queriam admitir a verdade.

— Onde estão seus pais? Eles... morreram? Estão sozinhos no mundo?

Ambos abaixaram as cabeças, irradiando tristeza.

— Não estão sozinhos — disse a eles. — Vocês têm a mim. E vou amá-los mesmo que tenham me infectado, está certo?

Baden apareceu em uma explosão de luz, surpreendendo-a. Ela pressionou os lábios juntos em uma linha culpada. Os cães não pareceram surpresos, pelo menos, como se tivessem detectado a presença dele; simplesmente o observaram. Mas a verdadeira maravilha? Ficaram no lugar, esperando pela sua ordem para se levantarem. Aprendiam tão rápido!

Ao olhar para a pobre condição de Baden, um grito de desalento escapou dela. Ele estava péssimo. Seu rosto, pescoço e braços estavam cortados e cheios de hematomas, e cobertos com algo espesso e preto que cheirava a enxofre. As roupas estavam rasgadas e os membros tremiam.

Correu para o lado dele e passou um braço ao redor de sua cintura, oferecendo apoio e conforto.

— O que houve? — levou-o para a cama, a determinação lhe dando força suficiente para sustentá-lo quando os joelhos dele falharam. A mesma força que Destruição tinha considerado matá-la por ter.

Ela colocou Baden no colchão e sentou-se ao lado dele, sem querer sair de seu lado.

— Emboscada — disse ele, com uma careta.

— E Alek?

— Capturado pelos asseclas de Lúcifer. Não sei se está vivo ou morto.

— O que Lúcifer quer com ele?

— Com certeza a moeda.

— Mas por quê? Ele já tem um reino no submundo.

— Sabe o que é melhor do que um reino? Dois — Baden passou uma mão pelo rosto esfregando. — Ele deve ser impedido, custe o que custar.

Não. Não “custe o que custar”. A alma de Baden era mais importante do que a vitória.

Precisa de ajuda?

— Sim — ela respondeu sem pensar. — Vão buscar Galen. Lembram-se dele? O louro com asas pequenas — um simples banho não iria ajudar Baden. Desta vez não. Ela tinha alguma experiência em tratar de ferimentos nela mesma e nos animais, mas nenhuma em imortais. — Por favor.

Os cães partiram e ela soube que tinham entendido.

— Eles conseguem obedecer ordens assim, tão específicas? — Baden perguntou, franzindo o cenho.

— Sim. Sou boa assim — *e, uh, eles podem ser cães do inferno, com poderes além da minha compreensão.*

Ele franziu o cenho e olhou para a porta. Tentando montar o quebra-cabeça?

— Chame-os de volta — disse ele, finalmente. — Não quero Galen...

— Pode parar com isto. Na verdade não me importo com o que você quer. Seu bem-estar é mais importante do que sua razão para evitar o cara — fosse qual fosse a razão. — Ele pode te ajudar. Eu não.

— Ele é um cuzão — murmurou Baden.

— Você devia adorá-lo. Você também é um cuzão.

Ao olhar para ela, as pupilas dele se dilataram, pretas com pontinhos vermelhos. Destruição estava surgind, e ela não podia ficar mais contente, seu alívio era palpável. Se ele tinha forças para discutir com ela, para demonstrar adequadamente suas emoções, tinha forças para se recuperar dos ferimentos.

E ele tinha de se recuperar.

Para amenizar o clima, ela estendeu a mão para fazer um carinho no rosto dele, logo debaixo do pior dos hematomas.

— Pobre Mádestruição. Estragou seu ganha-pão.

O olhar dele suavizou nos cantos.

— Quer dizer que gosta da minha aparência.

Ela riu como se ele tivesse contado uma piada.

— Estou dizendo que tenho uma fantasia estilo *Outlander* que você ainda precisa realizar.

O brilho intenso voltou com força total, ele chegou a rosnar para ela.

— Reconheci a referência. Só vou fingir ser eu mesmo e você me agradecerá por isto.

Sim. Ela provavelmente faria.

— Não acho que precisaria jamais fingir ser você mesmo, *pekný*.

— Você entendeu o que eu quis dizer — ele resmungou.

Tão adorável. Ela gostava deste homem. *Gostava* gostava. Muito. Ele era teimoso e mal-humorado e tinha aquelas tendências homicidas graças à Destruição, mas sabia fazê-la rir como ninguém.

Uau. Ele me faz rir? Que maneira de ver estrelas.

Bem... Ele conseguia excitá-la com um único olhar. Ele a desafiava e a satisfazia. E talvez ela tivesse um lado selvagem que nem sabia ou talvez só estivesse se acostumando a este mundo, por que gostava do fato dele fazer qualquer coisa que fosse necessária para proteger aquilo que amava.

Ele não me ama.

Mas... Acho que estou me apaixonando por ele.

Tristo hrmenych! Aquilo não era bom. Ele nunca envelheceria, mas ela sim — não era? Apesar daquela possível coisa de cão-do-inferno. Além disso, todas as mulheres que os amigos dele tinham escolhido eram guerreiras duronas, por mais que parecessem delicadas. Katarina tinha impressão de que Ashlyn se transformaria em uma ogra descontrolada se alguém ameaçasse seus filhos.

Mádestruição ainda considerava Katarina fraca.

Eu sou alguém, maldição. Eu sou valente!

— Está ferida? — perguntou Baden, interrompendo seus pensamentos.

— Não — prendeu um cacho do cabelo atrás da orelha dele, conectando-se a ele através do toque. — Por quê?

— Você fez uma careta.

Galen a salvou de ter de inventar uma resposta ao entrar de repente no quarto. Biscuit empurrava com o focinho uma das pernas dele e Gravy fazia o mesmo na outra, incentivando-o a se aproximar. Os dois cães pararam e arfaram com as línguas pra fora da boca, somente quando Galen chegou perto de Katarina.

— Que bebês bonzinhos — ela elogiou.

Carrancudo, Galen disse:

— Se seus cães vierem atrás de mim de novo eu vou...

Katarina se levantou depressa e os cães pularam na frente dela. O maxilar dele caiu ao vê-la rosnar. Ela literalmente rosnou. As gengivas dela ardiam. Assim como as pontas dos dedos das mãos e até dos pés, mas ignorou a sensação dolorosa mantendo o olhar fixo em Galen.

— É melhor não terminar esta frase — disse a ele.

Os cães concordaram com seu sentimento com um rosnado. Um som diferente de tudo o que tinham emitido antes, profundo e faminto, absolutamente ameaçador, como se o guerreiro tivesse acabado de servir o cardápio do jantar. Em um bufê estilo coma à vontade.

— Acho que eles não gostam de você — Baden disse com tom de voz calmo, quase divertido.

A cor sumiu do rosto de Galen ao erguer as mãos com as palmas viradas para fora, e deu um passo atrás.

— Eles são...

— Eles vão acabar com você se insultá-los? Sim. Ou ia dizer que eles são anjos? Por que eles são. Agora feche sua boca estúpida e ajude Baden — ela apontou para o paciente com um aceno régio do braço. — E vocês — disse ela, sorrindo para os cães — vigiem meu *pekný*.

Os cães pularam na cama, tomando posição ao lado de Baden. E tudo bem, tudo certo, nem ela sabia que era tão boa assim, tão rápido. Eles eram cães do inferno, não eram?

Cães do inferno devem ser erradicados.

Só por cima do seu cadáver!

— Está bem. Já que é assim... — Galen aproximou-se cuidadosamente da cama e avaliou Baden com o olhar. — Eis meu diagnóstico oficial. Com um pouco de descanso e um banho, ele vai ficar bem. Vai ameaçar arrancar minha cabeça assim que ficar de pé. Você terá um garoto saudável e feliz no final do dia — Galen piscou para ela antes de sair do quarto.

As palavras foram tanto libertadoras quanto preocupantes ao mesmo tempo. Ela já tinha aprendido algumas coisas sobre o guerreiro. Como o guardião da Falsa Esperança, ele gostava — e talvez precisasse — agradar às pessoas só para derrubá-las em seguida. Até ele mesmo!

Isto podia ser um truque do demônio.

Bem, podia se certificar de que Baden descansasse e se recuperasse. Ela juntou todos os suprimentos que pensou que precisaria: uma vasilha de água quente — que era sempre usada em livros e filmes — trapos, óleos antibióticos e curativos. Baden ficou quieto, quase pensativo, enquanto ela removia sua camisa e se punha ao trabalho.

Finalmente ele disse:

— Eu quero que você fique. Você *vai* ficar.

O coração dela martelou contra as costelas.

— Até que a novidade perca a graça ou até que eu fique velha e grisalha?

Bravo, o olhar cismado dele se encontrou com o dela, enviando um arrepio a dançar pelo corpo dela.

— Eu não gosto da ideia de você envelhecer.

Bem, então eram dois. Este homem viril não precisava de uma vovó de fraldas pendurada em seus braços como uma bengala. Não como namorada.

— Não tem fantasias com vovós grisalhas? — meio provocação, meio esperança. Meio pedido de ajuda.

E sim, sabia que era ruim em matemática. Tal tópico impossível pedia talento com os números.

— Se eu fizesse sexo com uma Katarina de oitenta e seis anos, eu quebraria seus quadris.

A resposta bem-humorada penetrou pela sua irritação crescente e ela começou a rir.

— A maioria dos homens diria que idade não importa.

Ele estendeu a mão e acariciou o rosto dela. Um toque que não teria iniciado semanas atrás. Um toque que ela adorou receber.

— Não sou a maioria dos homens. Eu sei o quão rápido o corpo humano definha, já vi acontecer muitas vezes. Como já disse, ficar comigo te coloca em risco. Se alguém vier te ferir... Te machucar além de qualquer possibilidade de cura...

Ela lutou para manter a compostura entre um assunto tão sensível.

— Que tal eu ficar com você até meu primeiro cabelo branco? — um pouco de tempo juntos era melhor do que nada.

— Não — ele negou com a cabeça com uma determinação que prometia uma batalha se ela ousasse discordar. — Acharemos um jeito de torná-la imortal.

Conte a ele sobre os cães.

Não! Ela não conseguia. Não de imediato. Ele não era só Baden, também era Destruição. Tinha de prosseguir com cautela.

Ela acariciou o peito dele do jeito que sabia que ele — eles — gostava.

— Vamos deixar essa coisa de imortalidade pra lá por enquanto. Prefiro falar sobre os cães do inferno e as pessoas que sobreviveram após a mordida deles.

Baden olhou para ela como se fosse capaz de dar qualquer coisa que ela pedisse — e quão inebriante era *aquilo*?

— Só conheço dois casos. Zeus tinha ordenado ao seu exército que capturasse os machos que foram mordidos, e foi o que fizemos. Mas eles estavam mais fortes do que antes, com garras projetando-se dos dedos das mãos e dos pés. Eles também estavam loucos, constantemente puxavam os cabelos e batiam nas próprias cabeças. No caminho até o Monte Olimpo, uma matilha de cães do inferno nos emboscou. Muitos homens morreram, inclusive os que foram mordidos. Eles eram os alvos principais, foram os primeiros a morrer.

— Mas por quê? Só por sede de sangue?

— Acho que os cães do inferno não queriam nenhum laço exterior. Muitos tinham tentado controlá-los. Alguns, como o torturador de Hades, chegaram a conseguir... por um tempo.

Agora ela murchou. Será que logo ficaria louca? Ansiaria devorar seres vivos? Será que os cachorros começariam a olhá-la como um prato de comida ambulante?

— Os cães eram imortais? — perguntou ela.

— Não. Eles tinham a expectativa de vida de um humano. Até onde sei, cento e vinte anos é o máximo que um deles chegou a viver.

— O que houve com eles?

— Hades conquistou dois reinos do submundo. O da mãe dele e o de seu torturador. Ele liderou seus exércitos em uma guerra contra todas as matilhas, erradicando a raça inteira.

Uma fagulha de raiva queimou o peito dela — com certeza, alguns daqueles cães eram inocentes. Uma fagulha que ela ignorou. Por enquanto.

De onde Biscuit e Gravy vieram? Será que existiam mais?

— Sobre a coisa da imortalidade... não sei se quero viver para sempre — o relacionamento deles era tão novo. E se as coisas acabassem em um mês... Um ano... Cinco anos? Ela acabaria... sozinha... em um mundo do qual nem sabia ao certo se gostava. — E não ligo para o perigo que você me traz.

— Por que eu sou...

— Por que sempre haverá perigo no mundo. Tomar decisões baseando-se somente em medos só traz arrependimento.

— Você precisa de mim — ele disse — comigo ao seu lado, não precisa ter medo.

Ops, ela tinha cutucado o urso. Bem, por que parar agora?

Ela se levantou, juntou suprimentos de limpeza, despiu as roupas sujas dele e o lavou cuidadosamente.

— Você *quer* que eu precise de você. Há uma diferença. Não preciso de você e jamais vou precisar. Dependência não é comigo. Mas realmente o desejo com tanto fervor quanto você me deseja.

Ele não explodiu de novo, como parte dela esperava. Ele suavizou, dizendo:

— Pela primeira vez em uma eternidade, tenho esperança no futuro. Pelo menos, acho que tenho esperança. Já faz tanto tempo desde que tive este sentimento que não consigo ter certeza — ele esfregou o peito. — Seja o que for, você está no centro de tudo.

Como aquilo era triste. E que assustadoramente doce. Ela apontou para a parede, dizendo:

— Biscuit, Gravy. Para as camas, agora, queridos.

Eles pularam do colchão sem nenhuma pausa e trotaram para os travesseiros que ela tinha arrumado perto da parede. Depois de elogiá-los pela obediência, deslizou sob as cobertas e se esticou ao lado de Baden, tendo cuidado com seus ferimentos.

— Estamos falando de ficar junto, viver juntos, mas só tivemos um encontro até agora. O que não é justo... para mim! Mereço ser cortejada.

Ele passou um braço sobre o corpo dela, puxando-a para perto.

— Eu jamais cortejei uma mulher.

— Alguma mulher já te cortejou?

— Muitas tentaram.

— Esta bem. Eu me rendo — talvez literalmente, se não tivesse cuidado. — Como elas tentaram te cortejar?

— Invadindo minha casa e esperando por mim... nuas na minha cama.

Ha!

— Faça-me o favor, *pekný*. Não sou fácil assim. Esteja nu em minha sala de estar, passando o aspirador de pó, então podemos conversar.

O riso rouco dele enviou calor e fôlego fresco na testa dela.

Foda-se o cuidado com os ferimentos dele. Ele era duro, e tal dureza devia vir com uma vantagem.

Ela traçou a língua ao redor do mamilo dele.

— Estou na sua cama... Talvez eu devesse ficar nua *agora*.

Os olhos dele brilharam de desejo.

— Você *devia* mesmo — disse ele. O celular vibrou no bolso, contra a barriga dela, mas ele não deu atenção. — Agora mesmo.

— Primeiro... — ela pegou o celular e viu a tela. Bem, bem — Torin diz que William está convocando cada guerreiro possuído por demônios contra Puck, sem na verdade ferir Puck — uma pausa. — Quem é Puck? — será que ela algum dia decoraria os nomes de todos os jogadores deste jogo?

— Puck casou-se com a... potencial alma gêmea de William? Ele é um sátiro. Metade bode — completou, quando ela pareceu confusa.

Bode? S3rio?

— Podia ser pior para a garota, acho — mas n3o muito, e subitamente Katarina ficou feliz de que seu homem s3o compartilhasse o corpo com outra presen7a.

— Gilly n3o 3 o problema nesta situa73o. O foco de William est3 dividido, tornando-o um alvo f3cil. L3cifer ir3 ver isto como a oportunidade perfeita para atacar.

— William parece o tipo de cara que pode cuidar de si mesmo, *sejam quais forem* os obst3culos.

— Se ele est3 ferido... Hades ama seu filho. Ele vai... — Baden franziu o cenho, subitamente pensativo. Ent3o meneou a cabe7a, como se livrando do pensamento que o fez parar. — Os filhos do pr3prio William estar3o distra3dos tamb3m, colocando muitos de meus aliados em perigo de uma s3 vez.

— William, que parece ter somente trinta anos, tem filhos com idade suficiente para lutarem em uma guerra?

O sorriso que ele lhe deu tinha um toque de indulg3ncia.

— Eles s3o velhos o bastante para destruir o mundo. Eles s3o os cavaleiros do apocalipse.

Confus3o total!

— Esque7a de passar o aspirador nu. Se quiser me cortejar, escreva um livro detalhando quem s3o nossos inimigos, quem s3o nossos aliados, cada ra7a imortal, suas for7as e suas fraquezas.

Ele aquiesceu.

— Isto eu fa7o. Para sua prote73o.

— Por que eu preciso de voc3, bla bla bla...

Ele a ignorou, completando:

— Receio n3o conseguir deixar para l3 o lance do aspirador de p3. Qualquer coisa que te traga prazer, eu farei.

Uma cascata de calor... T3o doce... Ela se inclinou para ele — s3o para parar quando o celular vibrou mais uma vez. Um guerreiro estava sempre de sobreaviso. Suspirando, ela olhou para a tela.

— Torin, o empata-foda, diz que voc3 n3o mandou mensagem para ele hoje e que est3 a um segundo de dist3ncia de enviar a cavalaria.

— Estive ocupado — o olhar de Baden a acariciou com inten73o deliciosa. — Queria ter me ocupado ainda mais.

Os mamilos dela enrijeceram e o estômago se contorceu.

— Eu também queria, mas não até mandarmos a ele fotos que provem que você está vivo. Não vou me arriscar a ter invasores enquanto estiver detonando seu mundo — ela ficou de pé e tirou algumas milhares de fotos dele. — Ame a câmera... Bom, bom... Agora odeie a câmera. Sim! Assim mesmo. Agora faça bebês com a câmera...

Ele a olhou com uma mistura de diversão e exasperação.

Ela selecionou a foto favorita — uma dele odiando a câmera — e enviou por mensagem de texto para Torin com a mensagem: “Baden está SCM (Sob Cuidados Médicos) e se estiver se sentindo melhor mais tarde, pode ser que ele dê uma FDD (Festa da Dentadura). FCVMA (Falo Com Você Mais Alto)”.

Enviar.

— O que disse a ele? — Baden perguntou.

— A verdade.

O telefone tocou de novo e a foto de Torin apareceu na tela. Maravilhoso imortal de cabelos brancos! Baden estendeu a mão para o telefone, mas ela se afastou da cama e atendeu dizendo:

— É melhor que seja importante. Está interrompendo minha diversão às custas de Baden.

A risada de Torin soou pela linha.

— Você é pior do que minha Keeley.

A Rainha Vermelha. Katarina sentia falta da mulher doida.

— Como vai ela?

— Já se curou. Estou ligando para dizer a Baden que vamos ajudar William. Devemos isto a ele.

Ela repetiu as palavras para Baden enquanto girava um cacho do cabelo nos dedos.

— Não entendo como vão conseguir guerrear contra o homem-bode... Aquela coisa, sem chegar a feri-lo.

— Fácil — disse Torin. — Vamos atrás de seus amigos mais próximos e familiares.

O que!

— Isto é horrível. Eles são inocentes e...

Baden tirou o celular dela.

— Você já tem coisa demais pra fazer, Tor. A caixa, a Estrela da Manhã. Lúcifer.

Katarina pegou o celular de volta e colocou no viva-voz.

— Não importa o que Keeley faça — disse Torin — não consegue encontrar a Estrela. E agora, não pode nem mesmo *procurar* por ela.

— Por quê? — perguntou Baden.

— Os artefatos sumiram. Três deles, pelo menos. Danika ainda está com Reyes, mas a pintura do escritório sumiu também.

Artefatos? Que artefatos? Pintura de que escritório?

A caixa, ela podia adivinhar. A caixa de Pandora. Por que eles queriam recuperá-la? Já não causou problema suficiente?

— Quem iria... — Baden começou, mas Torin o interrompeu.

— Cameo. Nossa garota os sequestrou. Eu diria que ela planeja pedir um resgate pela devolução, só pra nos provocar, mas o olhar assombrado nos olhos dela da última vez que conversamos me diz outra coisa.

O anúncio enraiveceu Baden. Ele socou a parede, rachando a rocha e provavelmente seus dedos.

— Ninguém vai atrás dela?

— Está brincando? Ela é crescidinha. Enviou uma mensagem de texto pra dizer que tem uma coisa pra fazer.

— A tola via acabar se matando.

— Você sabe melhor do que ninguém. Não podemos ajudar quem não quer ser ajudado.

Baden esfregou o cabelo com a mão livre, as mechas se provando teimosas e espichando em adoráveis tufos.

— Sinto muito. Nunca quis magoar vocês — ele desligou.

Katarina acariciou seu braço oferecendo conforto, mas ele a afastou. A rejeição doeu, mesmo que ela soubesse a fonte. Autorrecriação.

Sempre finalize em um tom positivo.

Com as mãos nos quadris, ela disse:

— Você ouviu as ordens de Galen. Precisa tomar um banho... e eu preciso te provocar sexualmente até você pedir a clemência que jamais receberá.

Baden franziu o cenho para ela.

— Ele não mandou me fazer implorar.

— Bem, boas novas, garotão — ela piscou para ele. — Eu vou te fazer implorar de qualquer forma.



VINTE E QUATRO

“Fui eu quem colocou gargalhada num réu de homicídio culposo.”

— Fox, guardiã da Desconfiança.

SEXO NO CHUVEIRO, sexo no chão, e tudo o que quero... É mais, mais, mais.

Katarina riu em silêncio ao se aninhar ainda mais contra Baden. Não enjoava do homem e obviamente ele sentia o mesmo por ela. Não conseguia ficar poucos minutos sem tocá-la, e ela amava. Do jeito que ela amava...

Uau. Devagar.

— Nunca vou te deixar ir embora, Katarina.

A confissão surpreendente dele a deixou trêmula de desejo.

— Talvez eu considere pensar na possibilidade de talvez me tornar imortal.

Era uma vez...

Uma nova história. Uma nova chance de um “felizes para sempre”. Mas — *argh!* — ainda não conseguia superar o fato de que esta história específica iria mesmo durar para todo o maldito sempre. Mais tempo, mais espaço para erros.

— Isto não é bom o bastante. Você *vai* se tornar imortal. De um jeito ou de outro.

E-e-e-e adeus, bom humor.

— Peça com jeitinho — disse ela, com os nervos à flor da pele.

— Desta vez não. Prefiro lidar com sua raiva do que com sua morte.

— Sou adulta, Baden e você não pode tomar minhas decisões no meu lugar. Minha opinião é importante. Meus *desejos* importam. Concorde ou não.

Ele não se deteve.

— Um dia você vai me agradecer pela insistência.

— Não — *não vou reforçar as tendências dominantes dele.* — Agora recue antes que passe dos limites.

— Não vou recuar. Não posso. Isto é importante demais. Você é jovem demais e humana demais para entender a...

Um rosnado animalesco escapou de dentro dela — um som que jamais tinha emitido — e ele se calou. Não por causa dela, percebeu, mas por que os cachorrinhos tinham se levantado de seu monte de travesseiros com os pelos das costas eriçados.

Fúria, um reflexo da dela, pulsava deles.

Os cães pularam na cama — para Baden. Os dentes estavam expostos como se quisessem rasgar a garganta dele.

— Não — ela se apressou a dizer e eles abortaram o salto em pleno voo, caindo antes de chegar a Baden, que jogou o corpo sobre o dela.

— Não? — ele apoiou o peso nas palmas das mãos para tirar o peso de cima dela, seu belo rosto sombrio com raiva e determinação. — Acha que vai me proteger? Ou a eles?

— As duas coisas. Embora não consiga imaginar por que eu te salvaria neste momento.

— Porque estou disposto a fazer qualquer coisa pela sua segurança. Mesmo ir contra sua vontade. Você pode não gostar, mas uma parte sua deve apreciar.

Foi *aquilo* que ela reforçou?

Enquanto os cães perambulavam ao redor da cama esperando pelo sinal dela desta vez, Katarina tentou se acalmar de todas as maneiras possíveis. Respirou fundo, contou até dez, imaginou-se em um lugar feliz — um campo de flores selvagens onde seus antigos cães pudessem brincar com seus novos cães.

— Como chegamos de fazer amor a *esta* situação?

— Fácil. Fizemos amor, ficamos juntinhos... Você me expôs desejos de um coração que eu pensei estar morto há muito tempo. E um dia você pode decidir tirar isto de mim? Um dia alguém pode te matar ou a idade avançada pode levar a melhor? Não.

O romantismo de suas palavras foi arruinado pela dureza de seu tom de voz.

— Pode? Um dia? Oh, não, *kretén*. Vou levar os desejos de seu coração para longe de você *hoje mesmo*. Você é tão cabeça dura que minha argumentação sequer consegue penetrá-la. É preciso agir — ele aprenderia uma lição, e ela se acalmaria.

— Vamos dar um tempo.

Ela ficou em pé e acariciou os cães para assegurar-lhes que tudo estava bem antes de vestir uma camiseta e calças jeans.

— Você nega o meu direito de escolha, não me merece — entrou no closet, pegou uma sacola esportiva vazia e começou a encher com suas roupas. — Então vou embora. Para bem longe de você.

— Não — ele bradou a negação como se fosse veneno. — Você vai ficar aqui.

— Outra ordem — ela fez tsc-tsc-tsc com a língua. — Você não pode me impedir sem me ferir. Por que eu vou lutar.

Ele se levantou de um pulo, os olhos acobreados ardendo sobre ela, e arrancou a sacola de sua mão. Uma sacola que jogou do outro lado do quarto. Ele a fez recuar até uma parede, uma mistura de sensualidade e amargura ao pousar as mãos dos dois lados de sua cabeça, aprisionando-a.

Ela não teve medo... mas ficou um pouco excitada. *Fique firme!* O resultado a longo prazo era mais importante do que prazer momentâneo.

Pra sua surpresa, os cães permaneceram quietos. Não detectaram nenhuma ameaça desta vez?

— Fique — usando os métodos dela contra ela mesma, ele começou a acariciá-la. — Somos tão bons juntos.

Ele acariciou seu cabelo... braço... estômago e entre os seios... Só ao vê-la tensa de antecipação, e o próprio ar que respirava queimando com o desejo dela que só este homem poderia satisfazer, foi que ele circulou seu mamilo erigido.

— Se nos separarmos não vou poder tocá-la deste jeito, e eu quero desesperadamente tocá-la. Fique — ele repetiu. — Por favor.

A confiança dele era uma pulsação tentadora contra sua pele. O problema? Embora ele tenha emitido as palavras como um pedido, desta vez, elas ainda eram uma ordem.

— Seu *pedido* está um pouco atrasado, guerreiro.

A gentileza evaporou da expressão dele.

— Você é humana. Não sabe o que é bom pra você.

— É o que você diz — ela o afastou. — Bem, eu sei sem sombra de dúvida que *você* não é bom pra mim. Agora saia!

Ele se moveu, mas só por que quis, o filho da puta.

— O que quer de mim? — ele resmungou.

— De você? Nada — com a cabeça erguida, ela se abaixou para pegar a sacola. Enfiou seus pertences nela. — Quero um homem que me veja de igual pra igual.

— Isto — disse ele, a voz despida de qualquer emoção — é algo que jamais vou fazer. Não consigo. Não quando eu poderia parti-la ao meio.

Bem assim que a esperança que o relacionamento deles pudesse vingar desapareceu.

A decepção e o pesar surgiram e inundaram tudo. *Não vou implorar para ele reconsiderar.*

Ela não ia sair para ensinar uma lição a ele e se acalmar, decidiu. Estava partindo. Ponto final. A história deles tinha acabado. Fim. Achou que podia provar seu valor. Ele acabou de admitir que jamais o veria.

— Está tudo acabado entre nós — disse a ele, e com toda a sinceridade.

— Não está acabado — ele estendeu a mão para segurá-la, mas deixou os braços caírem antes do contato. — Jamais acabará.

Fique. Firme. Aquela firmeza que ele achava que ela não tinha.

— Quando você começar a sentir minha falta, e você vai, não venha atrás de mim. Isto — ela apontou ao próprio corpo com a mão — agora está fora dos seus limites.

— Não. Não! Eu não vou te deixar...

— Katarina ainda está falando — ela bateu o pé. — Estou cansada de treinar você. Você foi reprovado em minhas aulas. Tirou F menos menos.

As narinas dele se expandiram quando ele expôs os dentes.

— Você estava me *treinando*? Como a um de seus cães?

— É claro — ela ajeitou o cabelo. — Você é uma fera, não é? Bonito, mas mortal.

— Eu sou. E agora você vai conhecer meu pior lado — com um rugido, os olhos brilhando em vermelho, ele derrubou a cômoda. As gavetas se quebraram ao meio, o conteúdo caiu no chão. Na cama, ele arrancou a cabeceira de ferro até que uma barra afrouxou. Uma barra que ele tacou na parede.

O que tinha causado este surto? Certamente não foi a admissão dela de estar treinando-o. Ele teria ficado bravo, mas não com tanta fúria.

O fato dela tê-lo chamado de fera?

Ignorando-o como se não se importasse, terminou de fazer sua mala em silêncio, pegando as roupas do chão.

Era uma vez...

Hoje uma nova história começava. Uma que era só dela. Usaria este coração partido como uma oportunidade de fazer de si uma pessoa nova e melhor.

Quando tinha tudo o que precisava, ela chamou:

— Galen!

Baden parou seu acesso e olhou para ela.

— Ele não *ousaria* te levar para longe de mim.

— Ele vai. E você vai lhe dar a ordem ou juro que não vou só lutar contra você, vou correr cada vez que virar as costas. Vou provocar este seu lado bestial a cada oportunidade e...

— Chega — ele estava ofegante, as mãos em punhos cerrados. — Quer ir embora? Muito bem. Vamos te deixar ir.

Nós, ele disse.

O alívio lutou contra a tristeza. *Não quero perder outro ser amado*. Mas ela não o amava. Não era possível.

— Quandomeu irmão estiver bem, você vai pedir a Galen para trazê-lo a mim, onde quer que eu esteja.

O silêncio se estendeu entre eles. Ele anuiu de forma tensa.

Galen entrou no quarto sem bater, com expressão de irritação.

— Chamou, chamou, razão da minha vida? — Ao ver Baden nu, ele cobriu os olhos. — Sério, cara? Faça-me o favor! Se eu quisesse participar de uma festa da salsicha, teria ido ao açougue.

Os cães correram para o lado dela e lamberam suas mãos. Com o queixo trêmulo, pendurou a sacola em um ombro e prendeu as guias nas coleiras. — Estou pronta para ir.

— Uh, pronta para ir aonde? — Galen perguntou, confuso.

Baden virou de costas, os músculos das costas tensos.

— Leve-a para algum lugar longe daqui — ele parou e disse por entre dentes cerrados — para algum lugar seguro.

— Algum lugar de minha escolha — ela corrigiu — e não é para dizer a Baden onde estou. Ele *jamaís* deve saber, mesmo sob ameaça de morte — não haveria retorno. Ela se certificaria disso.

Um soluço ficou preso no fundo de sua garganta.

Lágrimas? Por *ele*? Não!

Galen piscou, como se certo de tê-la ouvido mal.

— Será que mamãe e papai vão se divorciar?

— Sim, e mamãe fica com a custódia integral dos filhos peludos — ela pôs um sorriso brilhante no rosto, ignorando o espesso véu de tensão que havia no ar. — Agora vamos, antes que eu me divorcie de você também!

Baden lutou contra uma raiva selvagem. Katarina foi embora. Mas mesmo que tivesse ficado, ele a teria perdido. Ela, como tantos outros, achava que ele era bonito por fora, mas feio por dentro. Apesar dela se gabar do contrário!

A única luz que brilhava em seu mundo de escuridão estava agora longe do seu alcance.

Esmurrou a parede repetidamente, criando novos buracos, ferindo pele e ossos.

Destruição se debateu em sua mente. *Eu quero minha mulher de volta. Vá buscá-la!*

Eu vou.

Ele precisava.

Uma mão pousou em seu ombro nu. Não sentiu dor. Virou-se, esperando ver Katarina. Ela tinha percebido o seu erro! Em vez disto, viu-se diante de Fox.

— O que foi? — rosnou, odiando a nova insensibilidade de sua pele.

O olhar dela passou por sua nudez.

— Que tal se vestir? Você é gostoso e tudo o mais, mas prefiro meus homens menos obcecados por outra mulher.

Ele não era tímido de maneira nenhuma, mas não gostava dos olhos de outra mulher sobre a propriedade de Katarina. Foi até o closet e enfiou uma calça. Daria a Katarina um tempo para se acalmar. Então começaria a tentar recuperá-la.

Talvez não devesse ter ordenado que ela cumprisse sua vontade, mas maldição, continuar humana não era uma opção para ela. Mas definitivamente devia ter esperado para forçar o assunto até que tivesse um jeito de transformá-la.

— O que? — repetiu com mais calor.

— Ouvi gritos e pensei que precisavam de ajuda. Não imaginei que fosse se sentir ofendido com minha oferta de ajuda. Minha culpa.

— Não preciso de sua ajuda. Além disso, o que acontece na minha vida não é da sua conta — cultivar amizade com a guardiã da Desconfiança? Nunca iria acontecer. Ele podia até ter lhe dado aquelas dicas, mas foi só por que Katarina tinha pedido. Agora só queria matar alguém.

— Não sou sua inimiga, Baden.

— Tem razão. É pior do que isto. É um lembrete de um passado que não posso mudar.

— Sim, e você devia ser grato! Você está mais forte agora. Mais sábio. E estou essa porra de bagunça.

— Culpa sua. Você acolheu o demônio. Você quis.

— Eu queria poder. Você não faz ideia do que era a vida para mim, uma imortal nascida sem... — ela prendeu a respiração, calando. O que tinha evitado revelar?

Ela era uma imortal de origem indeterminada. Ao que ele sabia, não podia se transmutar em animais. Sua voz não era uma arma como a de uma sereia, e não tinha asas como uma Harpia, Enviada ou anjo. Não tinha presas para identificá-la como vampira ou fosse o que Pandora tinha se tornado, e nenhuma aura de poder, como uma bruxa.

— Eu queria poder — ela repetiu.

— Você obteve uma ilusão de poder. E uma nova fraqueza.

— Eu sei disso. *Agora.*

Poder verdadeiro era amizade — força em números. O poder verdadeiro era amor — uma disposição para se sacrificar pelos outros.

O amor frequentemente era vermelho.

O poder verdadeiro era a esperança por um amanhã melhor — o que não tinha mais. O poder verdadeiro não tinha de vir da violência, percebeu. Podia ser tão gentil quanto o toque de uma mulher.

Talvez ele fosse mais sábio agora. E ainda assim, ainda tinha permitido que sua determinação de possuir Katarina a afastasse. Para mantê-la a salvo sim, mas também para cuidar dela em seus próprios termos.

Ele puxou uma camisa do cabide e enfiou pela cabeça.

— É melhor você ir.

— Ouça, você vai ter a minha ajuda querendo ou não. Sei algo sobre os filhos de Hades — ela esfregou a nuca, mudando o peso de um pé para outro. — William e Lúcifer também usavam os braceletes.

Como ela podia saber isto? E William jamais manteria tal segredo...

Não, não era verdade. William era um filho da puta egoísta, que frequentemente se divertia às custas da ignorância dos outros. Mesmo de seus amigos.

William tinha inclusive avisado Baden para ficar longe de Fox. Por que ela sabia este segredo.

— Devia ter me contado antes — disse ele.

— Eu não queria que você fizesse perguntas sobre meu passado.

— Oh, eu não faria isso. Estaria ocupado demais matando o homem que eu achei que fosse meu amigo — Baden pegou duas adagas e fez um ajuste mental.

Lar — onde quer que William esteja. Ele acabou em um quarto espaçoso. As paredes cobertas de marcas de garras, os móveis explodidos em pedaços, cacos de vidro atulhando o chão.

Maddox, Paris e Sabin estavam fazendo o que podiam para conter um William enfurecido, enquanto Strider e Lucien vigiavam a porta para impedir que escapasse. Eles não se lembravam de que o macho conseguia rascar? Ou William não podia rascar com as emoções tão perturbadas?

Ele lutava com uma habilidade mais do que letal, cada movimento seu era preciso e metódico apesar de sua volatilidade.

Por algum milagre, Maddox conseguiu agarrar um braço enquanto Strider conseguiu agarrar o outro, permitindo a Paris que viesse por trás para dar uma chave de braço em seu pescoço. Eles não conseguiriam segurar o macho por muito tempo. William já estava perto de se libertar de novo.

Baden se aproximou depressa e afundou uma de suas adagas profundamente dentro do coração de William. Finalmente o macho se imobilizou, olhando para Baden ao mesmo tempo em que chamas literais brilhavam em seus olhos.

— Erro, Ruivo. Grande erro.

Baden afundou a outra adaga no estômago de William.

William riu com alegria psicótica quando os outros observaram atônitos.

— Eu estava mesmo querendo ir até você. Para cobrar o favor que me deve.

Baden pressentiu que o oposto era verdade.

— Quer o seu favor? Peça que eu te liberte e o farei.

Olhos de um azul cristalino escureceram até ficarem totalmente pretos. Preto que se espalhou pelo rosto, lembrando a Baden um dos reis que tinha visto na câmara de Hades.

Estou olhando para o abismo.

— Não — disse William. — Acho que é melhor esperar.

— Muito bem — Baden torceu as adagas, afundando-as ainda mais. — Então vamos discutir a razão da minha visita. Você já esteve ou não subjugado aos braceletes de Hades?

Em um movimento surpreendente, William impulsionou-se para a frente, afundando em si ambas as adagas ainda mais. Mais um passo e as mãos de Baden sairiam do outro lado.

— Este parece um momento bom para desabafo pra você? — o guerreiro perguntou, decepcionantemente calmo, mesmo enquanto relâmpagos brilhavam sob sua pele.

— Responda mesmo assim — disse Baden.

— Ou o que? Vai me apunhalar com uma terceira adaga?

Filho da puta. Não havia nada que temesse?

— Você acha que é o único que tem problemas? — a pergunta que o macho uma vez lhe tinha feito.

— Eu sou o único com um problema com o qual me importo.

— Diga o que quero saber ou...

— Ou o que? — as palavras foram sussurradas, mais letais do que lâminas. — Diga. Estou praticamente morrendo de curiosidade.

Este era o filho de Hades. Ameaças não funcionariam como já tinha visto. Apelar para um lado mais suave dele também não funcionaria. Ele não tinha um lado mais suave. Ou melhor, tinha um lado mais suave, mas ela foi tirada dele.

Baden arrancou as adagas, uma por vez, removendo pedaços de coração e fígado também. Ops.

— Você sabe se Gilly e Puck fizeram uma lista de casamento? Quero ter certeza de comprar a torradeira certa.

William estreitou os olhos e ficou claro que lutava para manter a compostura.

— Sim, Ruivo. Eu já usei os braceletes, igual a você. Eles me tornaram filho de Hades, e se você viver o bastante farão o mesmo por você... Irmão.



VINTE E CINCO

“Vá em frente e coma seu peso em sorvete. Isso só dará a ele mais de você para amar.”

GALEN, O *CHRUNO*, recusou-se a levar Katarina e os cães para Bratislava, onde ela poderia encontrar outro lugar pra viver e começar de novo. Em vez disso, levou seu pequenino grupo desorganizado direto para Keeley e Kaia. De acordo com Galen, Keeley tinha poderes aterrorizantes que seus inimigos temiam tanto que não ousavam sequer dizer seu nome, exceto em sussurros apressados, e Kaia podia mascar um exército inteiro sem derramar uma gota de suor. Detalhes que Baden tinha deixado de mencionar ao apresentá-la às duas.

Este era outro perfeito exemplo do por que Katarina precisava de um livro de quem era quem nos mundos.

Não que Baden fosse produzir tal livro agora.

O fundo de seus olhos começou a... Não, com certeza não... Mas não podia negar — ou lutar — o ardor por muito tempo. Tremendo, tateou a face. Ainda seca. Bom, aquilo era bom. Ela *não* iria chorar por ele. Seus pais e Peter mereciam suas lágrimas. Seus preciosos cães mereciam suas lágrimas. Baden não.

Engole o choro. Siga adiante.

— Aqui. Ela é problema de vocês agora, senhoras. Proteja-a se quiserem. Ou não. Meu papel se encerra aqui — Galen desapareceu sem mais palavras.

Keeley olhou-a, confusa.

— Quem é você?

Ela estava brincando?

— Você me conhece. Estivemos juntas a semana passada.

Keeley negou com a cabeça.

— De jeito nenhum. Eu me lembraria. Espere — ela esfregou as têmporas. — Os detalhes estão começando a voltar. Você é a garota de Baden, Katrina. Ele fugiu com você depois do ataque à nossa casa.

Uma agulhoada de dor em seu coração e o ardor voltou aos seus olhos.

— Eu *era* a garota de Baden — ela apontou para um canto confortável, e os cães trotaram para lá e se deitaram. — Decidimos nos separar por que ele é um cuzão. E meu nome é Katarina.

— Katrina é mais legal — Kaia disse com um meneio da cabeça. — Menos sílabas.

Katarina lhe deu um sorriso falso.

— Vou te chamar de Kiki então. É mais bonito.

Preciso tirar o melhor de uma situação ruim.

Ela avaliou seus arredores. A decoração parecia ter sido copiada de um filme pornô. Sombria, íntima e sugestiva, com espelhos no teto e paredes.

— Que lugar é este?

— Um clube noturno para imortais — Keeley disse — chamado Downfall.

Apropriado. De acordo com o horário de funcionamento exposto na parede, o bar só abriria dali a horas. Bem. Não era de se espantar que não tivesse por ali outros clientes.

— Por que estão aqui com o bar fechado? — ela perguntou.

— Para resumir uma longa história, eu estava testando a segurança do clube, vendo se era possível invadir após arrombamento. Descobri que é — Kaia foi para trás do bar e misturou uma bebida que chamou de Espiral da Vergonha. — A propósito, na verdade não contei aos proprietários que estaria lhes fazendo tal enorme favor. Aqui. Beba.

— Vou ser honesta com você — Katarina disse. — Isto aqui bem que podia ser vinho vagabundo. Não sei diferenciar uma bebida bem preparada de uma mistura horrorosa.

— Então você vai ser a única pessoa no mundo a apreciar a enormidade do meu talento.

Bem, então.

— Tim tim — entornou seu copo em um único gole e tossiu quando a garganta e o estômago queimaram. A sala girou por um momento. — Acho que devia chamar esta bebida de Decisões Erradas.

Kaia deu um soco no ar.

— Mudança aprovada! Agora beba outro — ela deslizou um segundo copo na direção de Katarina. — Vai te ajudar a se esquecer de certas coisas.

— Se eu for presa por roubar bebida... — o primeiro copo ela podia justificar. *Foi culpa do meu coração partido.* Este segundo? Nem tanto.

— Cara. O máximo que Thane fará é nos empalar em seu jardim da frente. Ele é um dos três proprietários e empalamento é uma de suas especialidades — Kaia jogou a massa de cabelos vermelhos para trás dos ombros. — Mas ele teria que nos pegar primeiro e isso não aconteceria.

Keeley aquiesceu com entusiasmo.

— Minha amiga tem razão. Eu posso riscar e ela pode voar como o vento. Além disso, você ficaria para trás, então ele iria para cima de você. Nos esqueceria totalmente.

Que reconfortante.

— Sua imortalidade não é justa — e ela não estava com ciúme. Sério. Aquele barco já tinha zarpado.

A megera de cabelo rosa batucou o queixo com unhas bem feitas pintadas de verde.

— Tem de haver um jeito de podermos igualar o placar e torná-la imortal.

— Baden disse a mesma coisa.

— Ele tem razão. Digo, Hades tem a habilidade, e eu sou mais forte e melhor que ele. Estou quase certa de que fiz algo parecido a Gilly...

Espere.

— A garota que ficou doente e teve de se casar com um homem-bode para sobreviver?

Kaia correu os dedos de um lado a outro do pescoço em um gesto de *cara, cala sua boca*.

— Não devíamos falar sobre isto, Keys.

— Alguém ficou doente? Por que sou sempre a última a saber dessas coisas? — Keeley tomou sua bebida e fez um gesto para Katarina fazer o mesmo.

Ela obedeceu, e o calor foi mais agradável do que doloroso desta vez, causando explosões de fogos de artifícios e chamas na sua cabeça.

— Não quero ter de casar com um monstro — ou uma fera.

Ansiedade a invadiu, *vou apagar Baden da minha memória. Nunca mais vou pensar nele. Ou desejá-lo. Ou sonhar com ele. Ou fantasiar sobre ele*. Não. Nunca. Ele tinha dado uma de He-Man e ela teve de sair do jogo.

— Oh! Lembrei — Keeley fez beicinho, dizendo: — Como eu poderia saber que ajudar Gilly a se tornar imortal pudesse talvez possivelmente prejudicá-la?

Kaia jogou os braços para o alto.

— Uh, talvez porque tenha me dito *Kaia isto pode machucar Gilly* um pouco antes de secretamente despejar o elixir na bebida dela — por falar em bebidas, ela serviu outra rodada. — Você considerou que a recompensa valia o risco. Vulgo a felicidade eterna de William contra seu ódio eterno

Keeley deu de ombros.

— Às vezes a gente ganha, às vezes a gente perde.

Katarina encarou seu novo drinque com horror.

— Você colocou algum elixir na minha?

— Não! Ao menos... provavelmente não. Tenho quase certeza de ter aprendido minha lição — Keeley entrou no bar e pegou uma garrafa preta com rótulo de Ambrosia. Ela puxou a rolha com o dente e a cuspiu do outro lado da sala. — Só o tempo poderá dizer.

Kaia apontou um dedo na cara de Katarina.

— O que acontece em Downfall, fica em Downfall. Dedo-duro perde o dedo.

— Entendido. Juro — de outro modo, William provavelmente mataria ambas as mulheres pelo que fizeram. — Caso eu não tenha deixado muito claro, decidi que não quero me tornar imortal. Não importa quantas vantagens acompanhem a transformação.

Keeley secou metade da garrafa e então limpou a boca com a mão.

— Baden cagou enormemente, hein?

— Ele ficou me mandando fazer o que queria sem se importar com minha opinião sobre o assunto.

— Bem. Eu digo: siga pelo caminho mais difícil se ele for o certo — Kaia disse, aquiescendo. — Assim, não vai atulhar os atalhos de gente. Prefiro um caminho livre.

Katarina terminou sua bebida. Se estivesse com elixir, já era. Lidaria com isto depois. Além disso, continuar a beber era uma excelente ideia. A melhor! Seu cérebro agora era um globo de luz.

Keeley deu um soco no seu ombro, quase mandando-a para o chão.

— Todas nós temos nomes que começam com K. Coincidência? Ou formamos um clube secreto sem termos consciência disso?

— Clube secreto — Kaia aplaudiu. — As garotas mais prováveis a roubar doce de um bebê.

— De jeito nenhum — Keeley pensou por um momento. — As garotas mais prováveis a causar um acidente devido à sua aparência deslumbrante.

A discussão continuou.

Kaia: — Garotas mais prováveis a se tornarem presidentes do PQE. Pessoas Que Encantam.

Keeley: — Garotas mais prováveis a participarem de uma convenção dos “Imortais Depois do Anoitecer”. Adoro o Lothaire!

Kaia: — Garotas mais prováveis a nadarem nuas em público.

Keeley: — Garotas mais prováveis a irem atrás de um bom café após matar os inimigos.

As duas discutiram com brutalidade quem tinha mais razão, derramando sangue, antes de Keeley decidir que Katarina ficaria incrível com um feitiço. Algo para temporariamente evitar gravidez.

— Um dia você vai me agradecer por isso. Acredite.

— Baden poderia até mesmo... Deixa pra lá — ela não estava mais com Baden. Ele não era seu namorado e ela não era namorada dele. Eles jamais fariam sexo de novo. Um dia ela teria um novo homem em sua vida. Uma nova história. — Faça o feitiço.

Para o próximo homem, pensou de forma desafiadora.

Keeley tirou o que precisaria de uma bolsa gigante — ou maleta.

— Jamais saio sem tudo o que preciso.

O feitiço não passava de uma tatuagem na nuca de Katarina; o símbolo preto ondulante ficaria escondido debaixo dos cabelos quando estivessem soltos. Ela não sabia como aquilo evitaria gravidez — ou se funcionaria mesmo para isso — mas a novidade? Pelo menos a dor da tatuagem ajudava a se distrair de seus problemas.

— Quando estiver pronta para tirar uns pãezinhos do forno — disse Keeley, — basta a gente alterar a tatuagem. Ah! Posso te fazer um feitiço de proteção. E um de localização e oh! Oh! — ela deu pulinhos. — Já sei, um feitiço para evitar que qualquer pessoa use poderes contra você.

— Nah — ela não queria outro feitiço até aprender mais sobre eles. — Estou bem.

— Espero que não se importe — Kaia interrompeu — mas convidei minha irmã mais velha Taliyah para vir se encontrar conosco. Acho que a ouvi por perto. Ela deve chegar a qualq...

A porta da frente se abriu de repente e uma loura alta e magra entrou no clube com dois homens enormes de ambos seus lados. Ambos os machos tinham grandes asas brancas com veios dourados, as coisas mais lindas que ela já viu. *Preciso tocar!*

Os cães pensavam de forma diferente. Despertos e alertas, correram para se posicionar à sua frente.

— Sua chata — disse Kaia. — Você disse que estava sozinha.

Taliyah apontou os polegares para os caras.

— Estes bobalhões estavam vindo acabar com a festa. Eu tinha uma escolha. Matá-los ou convidá-los a se juntarem a nós — seus pálidos olhos azuis pousaram em Katarina. — Excelente, a mulher que andava procurando. Devo a Baden uma vingancinha e você vai me ajudar.

— Ei — Kaia bateu os pés. — Você não pode matar minha nova amiga.

— Não seja ridícula. É *claaaaaro* que posso. Mas que graça teria? Ela é uma mísera humana.

Os cães rosnaram.

Katarina rosnou, sentindo a ira fervilhar de um caldeirão de mágoa. Já chega! Ela não era mísera, fraca ou frágil, e estava farta de ser chamada assim.

Taliyah parou. Kaia e Keeley olharam para ela cautelosamente.

— Eu. Não. Sou. Mísera! — lançou as palavras como se fossem adagas, as gengivas e as pontas dos dedos das mãos e dos pés queimando. Ela olhou e viu que as unhas tinham se alongado, espessado e afiado. Eram garras. Garras! Com um gesto da língua, viu que os dentes tinham passado pela mesma metamorfose. Ela tinha presas.

O choque foi uma corrente gelada dentro dela, mas não suficiente para acalmá-la.

— Alguém traga Baden — disse Kaia. — Agora!

— Não! — Katarina rosnou. — O primeiro a sair vai ser o primeiro a morrer — fazendo ameaças agora? Que infernos estava acontecendo com ela? Estava finalmente se transformando em um cão-do-inferno?

Os olhos de Keeley se arregalaram.

— Uh, eu arriscaria a dizer que Katarina não é exatamente humana. Os cães do inferno devem ter feito algo com ela. Mas como? Cães do inferno estão extintos. Hades acabou com eles.

Hades. Tudo sempre retornava a Hades.

— Você sabia que os cachorros eram cães do inferno? — perguntou.

— Keys, você não está ajudando — disse Kaia.

— Oh! Lembrei! Eu sabia que eles eram cães do inferno desde que os vi — Keeley respondeu, dando de ombro. — Eu não estava com Hades quando ele começou a guerra contra das matilhas, mas já estava com ele no final. Escondi todos os que consegui achar. E sabia que um dia Hades iria me agradecer.

Katarina grunhiu. Baden achava que *ela* iria agradecer a *ele* pela sua atitude dominadora. Ele estava errado!

Em um piscar de olhos, as duas Harpias estavam penduradas no teto do outro lado da sala. Os bobalhões alados sacaram espadas de fogo do próprio ar.

— Somos melhores amigas, lembra Katarina? — disse Kaia. — Você me adora.

— Katrina — Keeley corrigiu — eu me lembro que ela odeia quando erram o nome dela. E quem sabe eu devesse riscar para Baden, apesar dos protestos dela? — Ela bebeu da garrafa

de ambrosia como se não se importasse. — Espere. Se ela for matá-lo, Torin ficará bravo. Tudo bem, nada de buscar Baden.

Katarina apontou as garras para ela.

— Você *não* vai agir contra meus desejos.

— Temos de fazer alguma coisa — um dos homens alados disse — sem machucá-la. Cães do inferno não foram sempre maus. Antes eles recuperavam e salvavam almas do submundo.

Os dois pareciam ter trinta e tantos anos. Um era branco e cheio de cicatrizes da cabeça aos pés, o único ponto de cor eram os olhos vermelhos. O outro era bronzeado com olhos de arco-íris. Ambos eram tão lindos quanto suas asas, de um estranho jeito sobrenatural.

— O que fazer, o que fazer? — Keeley se perguntava. — Já sei! Dei a ela um feitiço para evitar gravidez... e um feitiço que é basicamente um botão de desligar. Por que sou incrível e sempre penso adiante. Uma salva de palmas pra mim!

O que!

— Você me enganou — e ela pagaria por isso.

— Bem — Taliyah disse. — Então desligue.

Katarina moveu os braços como se quisesse unhar a garganta da beldade de cabelos cor de rosa.

Keeley sorriu para ela.

— Durma — ela disse, e um segundo antes do golpe atingi-la, as luzes em Katarina se apagaram e em ambos os cães.

O clube noturno estava cheio de música devido a uma banda ao vivo que tocava no palco. Uma multidão de pessoas — que se foda! — uma multidão de *imortais* — se amontoavam em cada centímetro do local. Katarina estava sentada em uma mesa ao canto ainda não de ressaca, mas o barato da bebida já tinha sumido. Os cães estavam a seus pés, lambendo seus tornozelos a cada poucos minutos para mostrar que estavam de guarda.

Ela tinha acordado de sua soneca involuntária há cerca de uma hora e se viu, junto com os cães, em um escritório pródigo, mas não familiar, esparramada em um sofá de couro. Ela se lembrou do que tinha ocorrido no bar e foi em busca de Keeley, agradecida pelas medidas preventivas que a garota tinha tomado, bastante ofendida, mas desesperada para pedir desculpas. Por um breve momento, quis matar a garota. Matá-la. Tipo acabar com ela por toda a eternidade.

Se tivesse feito isso, Katarina jamais teria se perdoado.

Era o mesmo tipo de dilema que Baden enfrentava diariamente a cada minuto?

Ela descobriu que ainda estava no Downfall e embora Keeley tivesse ido embora, Kaia, sua irmã Taliyah e Bjorn e Xerxes — Enviados, como os guerreiros alados eram chamados, uma espécie *encarregada* dos anjos — ainda estavam por lá, preparando o clube para sua abertura.

— Não se preocupe com a Rainha Vermelha — Bjorn disse. — Ela já te esqueceu.

— Sente-se, relaxe — disse Xerxes, escoltando-a para a mesa que agora ocupava. — Aproveite o show.

— Não teme que ela e seus companheiros caninos devorem seus convidados? — Kaia tinha perguntado. — Digo, eles são cães do inferno! Sabe quantos do meu clã morreram por causa deles?

Katarina seria assim odiada ou mesmo posta de lado?

— Eu posso ir.

Taliyah a cutucou no ombro.

— Não seja boba. Estou pensando em virar gay por você. Agora vale a pena conhecê-la. E contanto que a gente mantenha seu segredo, ninguém virá atrás de você ou dos cães.

Agora Katarina assistia aos acontecimentos dentro do clube com olhos arregalados. Estas pessoas — imortais — festejavam como estrelas do rock cheias de coquetéis de drogas, adrenalina e esteroides de primeira linha. Dançavam com abandono, agitando as mãos e girando os corpos. Algumas criaturas tinham asas, mas cada tipo era diferente e específica de cada imortal. Algumas asas tinham penas, enquanto outras eram feitas de membranas e ossos. E as cores! Todas, de branco como a neve até preto como breu. Era de fazer qualquer arco-íris chorar de inveja.

Alguns imortais tinham chifres. E não só nas cabeças. Alguns tinham cobras no lugar dos cabelos. Cobras vivas. Um instinto que não possuía antes dos cães a mudarem lhe disse para não olhar aquelas cobras nos olhos. Alguns imortais tinham pelos ao invés de pele. Era como se todos os contos de fadas que já tivesse lido estivessem representados aqui. Criaturas míticas que teria jurado serem produtos de uma imaginação hiperativa — ou pesadelos, sim, mais pesadelos — passaram por ela.

A coisa mais inacreditável? Ela agora pertencia ao mundo deles. Podia não ter se transformado inteiramente em um cão-do-inferno, e podia ainda ser suscetível a envelhecer e morrer, mas era perigosa demais para viver entre os humanos, seu gênio um pouco incontrolável demais para ser contido. Se perdesse o controle e usasse seus dentes e garras afiados...

Ela *era* forte o bastante para Baden, fisicamente e de todos os outros jeitos. O filho da puta! Mas...

A verdade era que já sentia falta dele, e *tristo hrmenych*, ainda doía de desejo por ele. Estaria *ele* pensando *nela*? Teria se arrependido pelo seu comportamento?

A ardência retornou ao fundo de seus olhos, mas novamente, nenhuma lágrima tenha se formado. Respirou fundo... e soltou a respiração.

Estudou seu mundo novo mais intensamente, grata pela distração. Fossem quais fossem as origens dos imortais, nenhum dos seres corria de uma briga. De fato, três brigas já tinham ocorrido. A pior delas tinha começado quando alguém gritou “Filho de uma puta troll”. O maior cara que Katarina já viu tinha arrebetado as coisas com apenas um olhar.

Baden conseguiria derrotá-lo, pensou com uma pontada de orgulho.

Ugh. *Tenho de parar de pensar nele.*

Um vampiro se aproximou da sua mesa e umedeceu os lábios. Suas presas eram de um branco brilhante, seriam reais?

— Olá, bonita. Quer uns amassos?

Suas defesas entraram em ação.

— Não estou interessada.

Bjorn e Xerxes surgiram do nada e escoltaram o vampiro pra fora. Que queridos, pensou sorrindo quando eles voltaram ao seu lado.

Bjorn brincou com um cacho do cabelo dela.

— Você é uma participante nova na guerra e está do nosso lado. Não vamos permitir que nada te aconteça enquanto estiver aqui.

— Mas não sou participante de nada. Eu só...

— Diga xis — Taliyah tirou algumas dúzias de fotos do grupo em seu celular. Ela piscou para Katarina, dizendo: — Obrigada, acho que isto resolve — então, tão rápido quanto tinha aparecido, ela se foi.

Xerxes suspirou.

— A garota está procurando encrenca.

— Não é o que todas fazem? — retrucou Bjorn.

Na pista de dança, Katarina avistou um relance de... Baden?

Seu primeiro pensando: *ele veio se desculpar!*

Com o coração martelando de forma irregular, ela se levantou.

— Desculpem-me, cavalheiros. Fiquem — disse aos cães, sem querer que se perdessem na multidão ou que fossem pisoteados. Ela atravessou a sala, abrindo caminho pela multidão... mas Baden não estava onde tinha visto.

Franzindo o cenho, tentando não murchar de decepção, ela virou procurando por ele. Lá! Nos fundos, perto de uma porta fechada. Ela correu pra frente — mas Baden não estava na porta também. Teria entrado? Testou a maçaneta. Não estava trancada. Hesitante, ela entrou... em um escritório. Diferente daquele onde tinha acordado.

— Olá?

Não houve resposta.

Havia uma mesa, duas cadeiras estofadas e uma parede de monitores exibindo diferentes áreas do clube. Ao entrar ainda mais na sala, um sopro de vento fechou a porta e ela ofegou.

Um homem alto, esguio e musculoso de cabelos escuros — não, cabelos claros... não, escuros... Não... Vermelhos... Não... Louros de novo — apareceu à vista. Ele usava um terno caro feito sob medida e era provavelmente o homem mais bonito que ela já tinha visto. Exalava sexo e sofisticação e, ainda assim, algo nele a fazia estremecer de desgosto.

— Saudações, Katarina — sua voz era tão sedutora quanto o restante e causou outro tremor nela. — Que bom conhecê-la, por fim.

— Quem é você? — O jeito que ele tinha acabado de transformar o cabelo... ela percebeu finalmente. Ele tinha fingido ser Baden, não é? Ele a tinha trazido aqui trás de propósito. Mas pra que?

— Sou o homem que quer te ajudar.

— Por que iria querer me ajudar?

— Talvez eu tenha me expressado mal. Nós podemos ajudar um ao outro — ele sentou na cadeira atrás da escrivaninha, onde pousou os pés exibindo sapatos italianos. — Acho que me conhece como Lúcifer.

Inimigo de Hades. Inimigo de *Baden*. Basicamente o diabo de quem se falava nas igrejas.

— Por favor, sente-se — ele acenou uma mão graciosa. — Estou aqui para propor um negócio, não vou te machucar.

Qualquer negócio que este macho oferecesse só beneficiaria a ele mesmo, não importa o quão incrível parecesse para os outros.

Decepção era a especialidade dele.

— De jeito nenhum — negou com a cabeça. — Não estou interessada em nada que tenha a oferecer.

Ele sorriu para ela de forma irônica, como se soubesse um segredo que ela não soubesse.

— As histórias sobre mim são exageradas, posso garantir.

Não vou dizer nada...

— Você não tem interesse em salvar a vida do seu homem? — ele perguntou.

Ao invés de responder, ela segurou a maçaneta da porta e a virou. É claro, *agora* estava trancada.

— Talvez isso te faça mudar de ideia — ele acenou com a mão uma segunda vez, e entre um segundo e outro, um cadáver apareceu em cima da mesa.

Ela ofegou horrorizada. Aquela morte era recente, o sangue ainda estava úmido e pingava.

Lúcifer ergueu o dedinho, onde uma unha comprida brilhava na ponta. Com o olhar fixo nela, ele afundou a ponta aguda na órbita do morto. Quando o estômago dela embrulhou, ele arrancou o globo ocular e o levou à boca, mastigando.

Ela mal conseguiu controlar a ânsia de vômito, sabendo de forma instintiva que ele gostaria daquela reação.

Ele sorriu.

— O centro gosmento é sempre minha parte favorita. Quer provar?

Ela ignorou a oferta, dizendo:

— Se você ao menos pudesse ver o mundo através do ponto de vista de sua vítima.

— Oh, eu posso. E vejo. E saboreio cada segundo.

Ele é pior do que eu imaginava.

— Eu *jamais* negociarei com você — como se combatia um mentiroso? Com a verdade. Hora de atingi-lo onde dóia. — Por que negociaria? Você é fraco — ela mais do que ninguém sabia que aquilo dóia. — Você falhou em derrotar o rei dos anjos e acabou sendo chutado do paraíso. Não consegue nem derrotar Hades ou já teria feito isso.

Fumaça foi expelida das narinas dele quando ele cruzou as pernas.

— É melhor que tenha medo de mim, garotinha.

— Medo é a sua arma. A porta pela qual você se esgueira. Eu escolho permanecer em paz.

Ele contornou a mesa, seu corpo nada além de uma casca de ira assassina.

— Quero ajudar o seu homem. Ele e seus amigos lutam contra a escuridão quando deviam apenas aceitar. Só então conhecerão a verdadeira liberdade e força.

Verdadeira força. O caminho para o coração de Baden.

O ardor retornou às suas gengivas e pontas dos dedos, lembrando-a de que não era indefesa. Ela agora tinha arma.

— O que você conhece sobre liberdade? Você, que se mantém preso ao seu orgulho, que só quer escravizar os outros.

Biscuit, Gravy. Venham!

— Eu vou fazer Baden se curvar. Devo isto a ele — disse ele. — Talvez eu comece te entregando ao meu exército, permitindo que satisfaçam suas necessidades mais básicas com você. O guerreiro ficará distraído. Tenho certeza, e...

Os cães arrombaram a porta, espalhando fragmentos de madeira para todas as direções. Eles pararam para flanqueá-la, emitindo estranhos zumbidos junto com seus rosnados. Ela olhou para baixo, rezando para que estivessem bem.

Estupefata, ela recuou. Os dentes deles... os dentes deles *se moveram*. Eles tinham duas fileiras em cima e duas embaixo, e ambas giravam como as lâminas de uma serra elétrica.

Lúcifer olhou para os cães, então para Katarina. Os olhos dele se estreitaram de forma calculista.

— Eu coleciono informações e ouvi coisas. Se quer Baden curvado à sua vontade, posso providenciar. Posso também torná-la imortal.

Curvá-lo à sua vontade? Não apenas não, mas jamais. Que hipócrita seria minando o direito dele de escolha. Mas a coisa da imortalidade... *Eu só estava enganando a mim mesma quando disse não, deixando o medo me guiar.*

Medo que este macho deve ter detectado.

Porque se concordasse em tentar, mas Baden não arranjasse um jeito, teria de viver decepcionada e ele teria de viver com seu fracasso.

— O que me diz, senhorita Joelle? — Um sorriso lento surgiu no rosto dele. — Temos um acordo?



VINTE E SEIS

“Não existe teoria da evolução nenhuma. Só um bando de criaturas que permiti que sobrevivessem.”

— Xerxes, *Enviado*

NÃO CONSIGO EXTRAVASAR ESTA RAIVA.

O rugido de Destruição era um arranhão eterno na cabeça de Baden. A fera ansiava por sangue, dor e morte como jamais ansiara antes — ou melhor, ansiava por satisfação com Katarina. Precisava de um ou de outro, e nada mais serviria.

— Vou perguntar de novo — Baden ergueu Galen do chão, socando-o na parede. — Onde ela está?

A boca de Galen se abriu e fechou, mas só o que pode fazer foi ofegar em busca de ar.

— Onde. Está. Katarina? — William tinha riscado segundos depois de chamar Baden de irmão, sem revelar mais nada sobre os braceletes. Logo depois daquilo, Taliyah tinha aparecido com fotografias de Katarina. Ela tinha rido de forma irônica enquanto ele via as imagens de sua mulher sorrindo para Bjorn e Xerxes como se fossem seus heróis favoritos.

Quando me deixou, ela me olhou como se eu fosse um monstro.

Taliyah dissera:

— Nem se incomode em ir ao clube. Ela já terá sumido de lá quando você chegar. Isso eu posso garantir.

Ele *tinha* tentado riscar para o clube, pensando no lugar como seu lar — *vou matar os Enviados por tocar no que é meu!* — mas tinha sido inútil. Agora se perguntava se Hades tinha de alguma forma consertado aquela brecha.

Em seguida tentou riscar para Aleksander, o que também se mostrou inútil. Tinha tentado riscar para Dominik com o mesmo resultado abismal.

Será que tinha perdido de vez a capacidade de riscar?

— Precisamos dela — gritou ele. — Ela é a nossa calma — a sanidade deles.

— Nós? Nossa? — Galen finalmente conseguiu dizer. — Quer que eu traia sua garota? — Ele levantou o pé entre os dois corpos e chutou. — Nós dois sabemos que você me mataria se eu fizesse isso.

Baden cambaleou para trás, perdendo o apoio.

— Você não se importa com ela e não se importa comigo. Pare de fingir.

— Tem razão. Jamais me importei com ninguém além de mim mesmo — Galen ajeitou a gola e limpou uma sujeirinha invisível no ombro. — Quer saber onde eu estava no dia do ataque assassino?

— Não mais. Diga para onde Taliyah levou Katarina! — *Antes que eu surte.*

O guerreiro fingiu não ouvi-lo, dizendo:

— Estava na cidade falando com um psicólogo sobre a melhor maneira de ajudar Legião.

— Eu não preciso saber...

— Sim, precisa sim. Não quer mudar sua opinião a meu respeito. Não quer acreditar que estou tentando ser o homem certo pra ela — o amigo certo para vocês. Pra todos vocês. Eu

teria te trazido para cá, teria te ajudado sem nenhum incentivo, mas você ofereceu a única coisa que eu não conseguia recusar. Agora vou te ajudar, quer queira, quer não.

— O único jeito de me ajudar é me dizer para onde Katarina foi levada.

O sorriso de Galen foi gelado.

— Isso eu não posso fazer. Não por que não queira. Taliyah não me disse.

Ele esfregou uma mão sobre o rosto. Isto era culpa dele, não de Galen. Katarina queria estar de igual para igual com o homem dela, como qualquer pessoa sã iria querer, enquanto ele tinha ficado esperando que ela cedesse aos seus desejos. Como se os desejos dela fossem menos importante do que os dele.

Não levou muito tempo para ele ver a própria estupidez. Ela era seu tesouro mais precioso. Por que a trataria — qualquer parte dela — com outra coisa além de reverência?

— Vá embora — murmurou. — Eu te odeio, mas não quero te machucar.

— Você não me odeia. Você é somente um fã em processo de negação.

Uma explosão de luz surgiu atrás de Galen, que se virou rapidamente, sacando uma adaga da bainha em sua cintura. Baden estava ao seu lado no segundo seguinte, suas próprias adagas confiáveis na mão. Mas foi Keeley quem apareceu, não um inimigo. Ela usava um conjunto de sutiã e calcinha combinando e tinha bobs na cabeça. Ela tinha se esquecido de vestir roupas? Não seria a primeira vez.

— Ei rapazes — ela sorriu e acenou como se tivessem se encontrado casualmente no mercado. — Espere. Esqueci que vocês dois existem, então como eu...

— Por minha causa — Galen interrompeu. — Eu me certifiquei de te mandar lembretes diários. E aí? Por que está aqui? Sozinha?

— Oh! Certo. Taliyah a deixou com os Enviados, achou que seria engraçado mandar Baden em uma busca cega enquanto Katarina estivesse bem onde ele assumiria que ela não estaria, mas os guerreiros me chamaram de volta por causa de uma emergência. Mencionei a emergência, não é? — Keeley se aproximou do criado-mudo despedaçado e com um gesto da mão o consertou. — Receio trazer más notícias, gente. Algo potencialmente horrível aconteceu, mas vamos superar juntos. Por que somos uma família e é isto que famílias fazem. Ou foi o que ouvi o Torin dizer.

Destruição arranhou o crânio de Baden por dentro.

— Se os Enviados machucaram um fio de cabelo sequer da cabeça de Katarina... — estariam mortos ao nascer do sol.

— Há uma veia pulsando em sua têmpora — notou Keeley. — Está tendo um AVC? Ou eu não mencionei que a situação é só *potencialmente* terrível?

— Keeley — a boca de Galen se curvou nos cantos. — Concentre-se.

— Certo. A emergência. Lúcifer ofereceu tornar Katarina imortal em troca da alma dela e...

— O que!!! — Baden berrou. Tal barganha viria a um custo alto demais, não importa o quanto quisesse que ela vivesse para sempre. Ela provavelmente se tornaria escrava de Lúcifer do jeito que ele era escravo de Hades. As ações vis que tal macho mau a mandaria fazer...

— Ninguém vai me deixar terminar? — fios do cabelo dela esvoaçaram com uma brisa que ele não conseguia sentir.

— Por favor — disse Galen, o eterno cavalheiro. — Continue.

— E a garota esperta recusou. Estou tão orgulhosa dela!

Só então Baden permitiu-se respirar direito.

— Conte a parte horrível.

— Bem. Lúcifer colocou a cabeça dela a prêmio. Ela está sendo caçada.

Ela estava em perigo neste exato instante?

— Por que ainda estamos conversando? Me leve até ela.

— Uau. Pudera ela ter te largado. Você pensa que é o rei do castelo de todo mundo — o sorriso de Keeley deixava o de Galen no chinelo, mais frio do que gelo. — Boa sorte com isto — um segundo depois, tanto Keeley quanto Galen desapareceram — e Katarina apareceu.

Alívio o banhou, um banho que lavou sua raiva pra bem longe. Até Destruição se acalmou. Ela não estava ferida e ainda mantinha todos os membros.

Mas a raiva dela claramente permanecia. Seus olhos o perceberam e entrecerraram.

— Você!

— Eu — ele deu um passo na direção dela, mas ela pegou uma adaga do criado-mudo para afastá-lo. Ele largou suas próprias armas, e o som alto que fizeram ao cair no chão ecoou pelo quarto. — Onde estão nossos cães?

— *Meus* cães estão com Kaia.

— Eles são meus igual a você. Mas isto não é uma ordem. Apenas esperança.

— Oh, não! Você não está...

— Me desculpe. Eu sinto tanto. Senti sua falta com cada fibra do meu ser, Katarina. Sua opinião importa. Eu as defenderei com minha vida.

Ela ergueu o queixo e ondulou a adaga.

— Interrompa-me de novo e vai ver o que acontece. Eu *te desafio*!

Um jorro de luxúria o percorreu, sobrepujando completamente a raiva anterior. O modo como ela se recusava a se render... A demonstração de força ao enfrentar uma situação perigosa... *Minha linda fêmea*.

— Posso cuidar de mim mesma — disse ela. — Hoje eu provei isto.

Ele foi obrigado a admitir a verdade.

— Você não precisa de mim — ela podia sobreviver no mundo sem ele. Podia *viver bem* no mundo sem ele. — Mas você ainda me quer e *eu vou provar isto* — agarrou sua crescente ereção e deu um passo na direção dela. — Se você me permitir. Por favor... permita.

— Não — o tremor na voz dela a traiu. — Não!

Ele deu outro passo na direção dela.

— Estou implorando, Rina — disse as palavras com desespero. — Pode me apunhalar se quiser. Pode me machucar. Mas faça amor comigo também. Não sou nada sem você.

Os olhos dela cintilaram.

— Quanto tempo esta doçura de homem vai continuar comigo?

— Para sempre.

— Porque você ainda espera eternidade apesar de tudo o que eu disse? — sibilou para ele, novamente ondulando a adaga. — *Kretén!* Você tem razão. Ainda te quero. Você fez meu corpo se tornar faminto por você.

A admissão dela o deixou duro — como — pedra, sua ereção se projetou pela cintura da calça e uma gota de umidade rolou da ponta.

Ela completou.

— Mas você também fez minha mente te odiar.

Ele podia melhorar aquilo.

— Vou fazer tudo o que você mandar. E se me deixar, vou fazer seu corpo gozar e sua mente me perdoar. Só preciso de uma chance.

Ela jogou a adaga no chão.

— Sim para o primeiro, nunca para o último. O que eu quero de você? Que se lembre de me fazer gozar não significa nada, nem muda nada. Isto é sexo de ódio, nada mais. Uma última vez. Um último adeus. Um ponto final.

Mesmo enquanto ela ainda falava, ele arrancou a camiseta, abaixou o zíper da calça e livrou-se do material.

— Adeus não — disse ele. — Você faz sua escolha, eu faço a minha. Vou atrás de você até o fim do mundo.

— Oh, isto *definitivamente* vai ser um adeus — os movimentos dela eram bruscos enquanto também se despia. — Perseguidores serão abatidos sem nenhuma hesitação.

Parte dele sentia falta da humana inocente que tinha vomitado ao ver sangue, que o advertira a não cometer atos de violência. Mas adorou a braveza dela.

— Você não é a única cujo corpo está faminto, Rina — suas dores pioraram ao observá-la por inteiro. O rubor róseo que escurecia a pele dela. Os seios cheios com as cristas marrons. A extensão lisa de seu estômago, o buraco sensual de seu umbigo. O quadril dela em formato de coração e o pequeno rastro de cachos escuros. Aquelas pernas longuíssimas.

Nenhuma mulher era mais perfeita.

— Se acabou a inspeção — disse ela afetadamente.

— Por enquanto — aproximou-se de forma decidida. Determinado. Estava faminto por ela, não a assustaria.

Ela recuou, fazendo o possível para manter um pouco da distância. Não por medo, ele não viu medo nos olhos dela, mas de alguma forma pareceu calculista. A mulher gostava de provocá-lo. Queria fazê-lo se esforçar por ela.

Ele adoraria cada segundo.

Antecipação o invadiu, inclinou para a direita, levando-a na direção do espelho de corpo inteiro que ficava no canto. Assim que as costas dela encostaram-se ao vidro frio, ela ofegou, deliciando-o. Ele a moveu, pegando-a pelos ombros e girando para encarar o próprio reflexo. O reflexo *deles*.

Destruição já estava escravizado.

Com as costas pressionadas contra o calor do peito de Baden, ele a colocou na posição que queria: as mãos segurando as bordas do espelho, as pernas separadas. Que visão eles eram. Um contraste de cores. O cabelo dele de um vermelho profundo, o dela de um ônix cintilante. A pele dele bronzeada, a dela marrom bronzeado, perfeita, impecável... Feita para a língua dele, para as mãos. Cada parte dele. Ele pertencia a ela.

Eles eram um contraste de texturas. Onde ele era rude, ela era suave. Onde ele inchava de músculos, ela fervilhava com suavidade.

Ele a respirou ao espalmar seus seios e esfregar os polegares sobre os mamilos rijos.

— Senti falta deles.

— Nada de falar — o ofego sem fôlego da voz dela embaçou o espelho. — Só aja.

— Eu sou multitarefa — mordiscou o lóbulo da orelha dela com os dentes — e Rina? Você pode até sobreviver no mundo sem mim, mas não consigo sobreviver no mundo sem você. Nós não podemos. Você nos acalma. Você é nosso lar — e talvez tenha sido por isto que não estava conseguindo mais riscar. *Lar é onde mora o coração*. Ele não podia fazer mais

ajustes em sua mente sobre o que era e o que não era seu lar. Era ela, pura e simplesmente. Sempre e para sempre.

Ela respirou fundo, de olhos arregalados.

— Isto... Você acabou de admitir ter uma fraqueza.

— Só falei a verdade.

Lentamente ela amoleceu contra ele. Ela até descansou a cabeça em seu ombro, dando-lhe melhor acesso ao seu pescoço elegante. Ele tomou completa vantagem, beijando e lambendo a coluna suculenta com abandono, saboreando seu gosto.

—Você é o doce mais gostoso — depois de dar aos mamilos dela um aperto amoroso, ele desceu com os dedos... pelo estômago dela, parando para brincar com o umbigo. Enquanto isso apertava sua ereção entre os globos do traseiro dela. — Da última vez eu te possuí sem beijar e jurei que jamais faria isso. Por favor... quero sua boca.

Ela negou com a cabeça.

— Nada de beijos. Isto é sexo de ódio, lembra?

Palavras duras, mas o tom dela sem fôlego o excitou.

— Beijo de ódio então — aceitaria tudo o que ela tinha para lhe dar. — Seu gosto com certeza vai ser minha ruína.

Tremores se agitaram contra ele.

— Não existe essa coisa de beijo de ódio.

— Prove — e enquanto isso ele a faria gozar tão intensamente que ela gritaria até derrubar a casa.

Ela começou a ofegar. Uma fina camada de suor brilhou sobre sua pele. Ela inclinou a cabeça para cima... e ele esperou, incapaz de respirar... desesperado...

— Eu vou te beijar, mas só por que você precisa aceitar a verdade. Me dê sua boca.

Ele esmagou a boca dela com a sua antes que ela mudasse de ideia. A língua dele se moveu sobre a dela e ela gemeu, retribuindo a ferocidade de sua fome com uma ferocidade toda dela. Eles devoraram um ao outro.

— C-convencido? — ela perguntou.

— Nem um pouco. Continue tentando.

Ela tomou-lhe os lábios em outro beijo brutal. A mão dele desceu... desceu... e ele deslizou um dedo dentro dela. Ela estava quente — fervendo — e estava úmida... ensopada.

— Acho que seu corpo *me ama* — ele murmurou.

Ama. A palavra ecoou em sua mente e ele sentiu um anseio diferente de tudo o que já havia sentido antes. Ele ansiava por amor?

Ela se moveu contra o dedo dele.

— Mais.

— Seu pedido é uma ordem — penetrou-a com um segundo dedo e ela gemeu. Observou o reflexo dela, fascinado pelas suas reações a ele. A expressão dela era suave, mas faminta, os quadris se arqueavam para seguir os movimentos de sua mão. Alguma mulher já tinha sido assim tão desinibida? Satisfeita por ele ser o homem com ela e não outro?

Ela estendeu a mão para trás dele, agarrando seu traseiro e apertando forte, as unhas perfurando a pele dele. *Ela não consegue enjoar de mim. Ela é toda minha.* O controle dele — já frágil — falhou de vez. E ele enlouqueceu.

Abaixou a cabeça para mais um beijo, pressionando a planta da mão contra a fonte do desejo dela enquanto espalmava e amassava o seio dela com a outra. Mais gritos escaparam dela, e enquanto os minutos se passaram, os sons se tornaram cada vez mais rápidos.

Ela se apertou contra ele.

— Baden, por favor.

Êxtase fluiu pelas veias dele. O suor o ensopou, ensopou a ela também, criando uma fricção deslizante. Ela soltou o traseiro dele e emaranhou os dedos em seus cabelos.

Sim, sim. A respiração dela se tornou superficial enquanto ela puxava o cabelo, levantando a cabeça dele do jeito que *ela* queria, silenciosamente mandando-o tomar sua boca com mais força, mais força, mais profundo.

— Eu vou te dar tudo, Rina — a necessidade de gozar o atormentava. *Passei tempo demais longe dela.* Um dia, uma hora, um único minuto, era demais. Retirou os dedos de dentro dela.

Em protesto, ela mordiscou o lábio inferior dele com força suficiente para doer. Garota má. Ele afastou os cabelos dela do caminho, pousou a mão molhada com a essência dela em sua nuca e pressionou, forçando que ela se inclinasse para a frente até o rosto grudar no espelho.

— Eu quero sem camisinha — disse ele. Ela o tinha ensinado a ansiar por contato pele com pele.

— Sim. Por favor. Não se preocupe... o feitiço... não posso engravidar... por favor.

Feitiço? Keeley deve ter feito uma tatuagem com um símbolo usado pelos Curadores, o povo da Rainha Vermelha. Uma raça poderosa capaz de fortalecer ou enfraquecer a si próprios com seus feitiços místicos. Símbolos de uma era anterior à criação dos humanos.

Ao se abaixar para lamber a essência que havia deixado na pele de Katarina, ele se posicionou para entrar — então se afundou inteiro.

O clímax dela foi instantâneo e devastador, as paredes internas ordenharam sua extensão. Ele lutou contra seu próprio orgasmo, ainda não estava pronto para que aquilo acabasse, mal conseguindo respirar, querendo — precisando — de mais dela. Mas quanto mais estocava nela, menos capaz de controlar seu clímax ele se sentia; na verdade deixou de tentar. O clímax dela ainda a envolvia, ainda o apertava, seu nome ainda era um ronronar constante nos lábios dela, e uma névoa espessa caiu sobre sua mente.

Minha. Ela é minha. Vou mantê-la. Vou possuí-la para sempre.

Sim, sim. Tão bom. Nada melhor. Vou marcá-la. Tomar posse.

Controle... perdido.

Ele agarrou os quadris dela para mantê-la firme e penetrou-a profundamente uma última vez. Ele sentiu cada onda de prazer sublime que saía de seu corpo, estremeando com a intensidade.

O orgasmo dela só acabou quando ele ficou totalmente vazio.

Suas pernas tremiam e ele sabia que era questão de segundos até ela cair. Ele se retirou de dentro dela e a ergueu no colo.

Arfando, ela repousou a cabeça no ombro dele.

— Vê? Não mudou nada.

Você só está tentando enganar a si mesma, krásavica.

— Durma se quiser — deitou-a na cama e então juntou suprimentos para limpar seus corpos. Assim que terminou, arrumou cobertas por cima dela. — Vou te proteger de qualquer um que seja tolo o bastante para ir atrás da recompensa de Lúcifer.

— Não precisa...

— Eu sei. Você é forte — acariciou a sobrancelha dela. — E Rina?

— Sim?

— Kaia me mandou uma mensagem sobre sua mudança. As presas e garras — queria ter visto a transformação. Ela deve ter ficado linda. — Os cachorrinhos são cães do inferno.

Ela ficou tensa ao dizer:

— Isto era pra ser segredo.

— Considerando as perguntas que me fez daquela vez, acho que em algum momento eles te morderam.

Defensiva, ela disse:

— Eles não queriam me machucar.

— Eu sei — ele sabia que Hades fora mordido por cães do inferno, e agora se perguntou se Pandora também carregava aquela parte dele graças aos braceletes. Do mesmo jeito que Baden carregava o Berserker. — Se eles quisessem te machucar, você teria sido machucada. Seriamente. Eles devem ter feito isto para se vincular a você.

— Do jeito que o homem-bode fez com Gilly?

— Em essência. Eu quero que saiba que não importa quais mudanças o vínculo cause, minha opinião sobre você não vai mudar. Eu gosto de você.

Destruição gostava dela também, *apesar* da coisa do cão-do-inferno. Ele tinha experimentado ficar sem ela e nunca mais queria passar por aquele horror de novo.

— Não — disse ela, parecendo amarga. — Você gosta de mim agora que sou forte.

— Você sempre foi forte — acariciou o dedo no queixo dela — fingi não ver isto para ter uma desculpa para te proteger. Mas mesmo os guerreiros mais fortes precisam de um vigia. Permita-me a honra de ser o seu. Eu sei que adoraria que você fosse a minha.

Olhos entreabertos o encararam, mais verdes do que cinzas naquele momento. Seus lábios estavam vermelhos e inchados dos beijos dele, as faces rosadas irritadas pela sua barba crescente.

— Talvez... talvez o que acabou de acontecer entre nós tenha mudado *algumas* coisas — ela admitiu — mas ainda estou furiosa com você.

Ele lhe soprou um beijo.

— Não se preocupe. Eu também estou.



VINTE E SETE

“A melhor defesa é acabar com a defesa do outro time.”

— Bjorn, Enviado.

BADEN FEZ O QUE PÔDE para proteger o palácio deserto de cada raça imortal — aqueles que atacam do céu, aqueles que atacam do chão e aqueles que atacam do subterrâneo. Ele construiu armadilhas ao longo do perímetro e estocou armas que Hades tinha lhe dado. Armas que jamais tinha visto antes e não sabia ao certo como usar.

Quando se tinha um preço por sua cabeça, cada arma era bem-vinda.

Depois de dizer aos amigos sobre a recompensa que Lúcifer tinha posto pela cabeça de Katarina, eles decidiram ajudar William depois, e Baden agora. Eles estavam aqui, no Reino dos Esquecidos, instalando armadilhas atrás da casa.

Até agora, ninguém tinha descoberto um jeito de entrar no reino sem uma chave ou convite de Galen. Um convite que ele não tinha estendido a Pandora.

Ontem Baden tinha se encontrado com ela em um local neutro: os escombros em Budapeste. Ele riscou para lá, a habilidade tinha voltado. Ele simplesmente tinha pensado nos braceletes de Pandora, o quanto eles eram parte de Hades, e agora parte de Baden. Ela tinha feito o mesmo.

Outra brecha? Talvez.

Como ele, ela também tinha se curado dos ferimentos e não tinha sofrido mais emboscadas dos demônios. Eles discutiram a situação atual. Como nenhum deles tinha desejo de matar Hades. Ou um ao outro.

Não sei como isto aconteceu, disse ela com mais do que um pouco de desgosto, *mas... deixei de te odiar.*

Prepare-se para engasgar, ele respondeu. *Por que estou começando em pensar em você como uma... uma irmã.*

Ela tinha engasgado. Eu sei... irmão. Será que estes sentimentos irão mudar quando os braceletes forem removidos? Ou a essência de Hades está entranhada demais dentro de nós?

Ela não sabia sobre os cães do inferno ou o Berserker, e Baden tinha explicado antes de responder a pergunta. *Provavelmente entranhado demais.* Quanto mais eles sobreviveriam à remoção dos braceletes?

E Hades iria querer que sobrevivessem. Eles eram parte da família dele agora.

Temos de derrotar Lúcifer, Baden dissera. Lúcifer tinha vindo atrás da mulher de Baden — *nossa mulher, não se esqueça de novo* — e o filho da puta pagaria caro por isto.

Mexa com Katarina e sofra as consequências. Que o mundo esteja avisado.

Quando Pandora mencionou o prêmio sobre a cabeça da Katarina — *por que Lúcifer a quer morta?* — Baden quase a tinha matado. A mulher que ele tinha acabado de admitir que era a coisa mais próxima que tinha de uma irmã. Se ela fosse atrás da humana... Mas Pandora apenas riu dele. Riu. Porque a situação o punha em séria desvantagem.

Ela dissera: *estamos momentaneamente atados. Distraído do jeito que você está, tenho certeza que vou vencer qualquer dia desses. Só por isso desejo que sua humana fique bem. Gosto de você Baden, mas ainda tenho planos de trucidá-lo. Porque se estivermos errados e Hades não sentir qualquer afeição por nós, um de nós irá morrer. De novo, estou determinada a viver.*

Eu também. Ele queria uma vida com Katarina. Que continuaria a envelhecer. Mas aquela era uma preocupação — uma provação — para outro dia.

Na noite anterior, após outra missão homicida para Hades, Baden tinha pedido ao macho para tornar Katarina imortal. A resposta?

Não vai acontecer, Ruivo. Nem agora, nem nunca. Se eu transformar sua mulher depois de ter me negado a transformar a de William, meu filho partiria para o lado de Lúcifer só por vingança.

E eu também não sou seu filho? Ele quase perguntou. Quase. Mas segurou a língua. Como Pandora dissera, se estivessem errados e Hades não sentisse afeição por eles...

— O que está fazendo aí em cima, Baden? — chamou Katarina.

— Meu trabalho. Minha honra — estava no alto de uma árvore posicionando câmeras em diferentes galhos para que pudesse ter uma vista do deserto de diversos ângulos.

Katarina e os cães foram para o quintal. O trio de sóis ardentes a iluminavam carinhosamente. E por que não? Ela usava um biquíni branco e exibia suas curvas deliciosas à perfeição; era uma tentação sem igual.

Destruição lambeu os lábios famintos. *Preciso tê-la de novo.*

Precisa esperar até ela vir a nós.

Algo que eles tinham aprendido: a vontade de Katarina era a chave para o prazer deles.

Enquanto Baden trabalhava, seu olhar retornava a ela repetidamente, cada músculo de seu corpo tenso, o pau latejando atrás do zíper.

Óculos escuros escondiam os olhos dela, mas pensou que ela também podia estar observando-o. Ela se deitou na grama, esfregou os joelhos e se remexeu inquieta. Os mamilos estavam eriçados e claramente definidos quando jogou um copo de água no peito em um esforço de se refrescar.

— Eu quero você, Rina.

Ela estremeceu, tipo *que embaraçoso pra você.*

— Isto está óbvio, *drahý*.

— E ainda assim vai me negar?

— Eu já mencionei que estou brava com você, não é?

— Não, não mencionou — mulheres vingativas eram um aborrecimento. E sexy. Mais sexy. — Você mencionou estar enfurecida. Já deve estar esfriando.

Ela gaguejou por um momento, antes de estabelecer.

— Não me prefere quente?

Preciso dela agora.

A cada dia, Katarina e os cães faziam suas próprias coisas. Ela os ensinava a pegar e outros jogos, tinha adestrado seus comportamentos e obediências, e tinha até mesmo se certificado de que eles praticassem mordidas e puxões em uma manga acolchoada. O amor dela pelos animais era óbvio. Ela constantemente sorria para eles, acariciava-os e acolhia seus beijos babados. Baden, ela ignorava.

Ele sentia falta de seus sorrisos. Ansiava pelos seus carinhos.

— Onde estão Tweedledee e Tweedledum³? — perguntou ela.

Galen e Fox. Eles tinham ajudado na instalação de várias armadilhas e só o tiraram do sério uma dúzia de vezes por dia, quando ele ia checar o trabalho deles.

— Estão pendurando câmeras na frente da casa.

Trabalhar com Galen o lembrara dos dias que tinham passado no Olimpo quando eram guardas de Zeus. Eles lutavam juntos, sangravam juntos, festejavam e riam juntos.

Ainda não consigo confiar nele.

Baden subiu ainda mais alto na árvore para colocar a última câmera — e movimento perto do muro o fez parar. Ele pegou o celular ao invés da arma. Muitas das armadilhas montadas eram controladas à distância, e com o apertar de algumas teclas podia explodir seções do reino para o inferno e de volta.

Seus dedos pairaram sobre o teclado e ele observou, a postos, mas o cenário permaneceu o mesmo.

Terminou o trabalho e desceu, pousando com considerável força, mas absorvendo o impacto sem dificuldade.

— Vamos entrar e... — seus braceletes esquentaram, emitindo um brilho vermelho suave.

³ Os gêmeos de Alice no País das Maravilhas.

Uma convocação.

Enquanto Destruição rosnava de irritação, Baden disse:

— Eu queria que você entrasse. Katarina? Pelo menos até eu voltar...

O quintal sumiu e, como de costume, a sala do trono de Hades apareceu.

— Chega — reclamou Baden. — Se quiser me ver, ligue. Mande uma mensagem. Agora me mande de volta.

— Quando foi que reclamar já te ajudou em algo? — o rei estava sem camisa, sangue e outras coisas manchavam seu peito. Pedacos de tecido penduravam de mechas de seus cabelos. Ele usava calça de couro preta que foi rasgada nos joelhos, e trazia no pé somente uma bota, a outra sumira.

Calma. Força.

— Eu gostaria de voltar, por favor — pedir não tinha funcionado com Katarina, mas ela era muito mais teimosa do que o rei da escuridão.

Hades estava a poucos metros de distância, dando a Baden uma visão próxima e irrestrita das tatuagens que cobriam seu corpo. Como as de Punhos de Aço, elas se *moviam*, deslizando como serpentes.

— Preocupado com sua fêmea, né?

Algo em seu tom de voz... Será que ele tinha descoberto sobre os cães?

Eu vou matá-lo se for preciso, Destruição disse. Oh, como a lealdade mudava.

— Bem, pode parar de se preocupar — o rei completou — mandei uma mensagem àqueles que querem ferir um dos meus para receber a recompensa de Lúcifer. Ferir a garota significará morrer pelas minhas próprias mãos. Ou boca. Vou avaliar caso a caso.

Hades sabia. Talvez não tudo, considerando que estava protegendo Katarina ao invés de tentar massacrá-la, mas ele sabia de alguma coisa.

— *Minha mão. Minha boca.* Ela é minha — até Destruição se agitou ante a afirmação do macho.

— Modo de dizer. Você é meu, e o que é seu, é meu.

Fique calmo. Quanto mais tempo Katarina passasse no Reino dos Esquecidos, mais provável seria de que este mundo — este rei inclusive — fosse esquecê-la.

— Não estou aqui para discutir sobre ela, tenho certeza.

— Verdade. Tenho sua próxima missão — Hades remexeu no bolso e retirou o colar que Baden tinha roubado da concubina de Poseidon. — Entregue isto ao rei dos mares. Se — e somente se — ele concordar em me apoiar na guerra. Se não, tem minha permissão para

cortá-lo em pedacinhos. Mas vai precisar disso — lançou uma arma. Baden a pegou no ar. — Entregue os pedaços para cada outro rei imortal que existe.

Você deve estar de brincadeira. Ele estudou a nova arma. Uma minifoice com uma lâmina dourada curva.

— A arma só precisa de uma mostra do sangue do alvo — disse Hades. — Depois disso, é capaz de rastrear o alvo sozinha. Você só tem de soltá-la.

Legal.

— Poseidon *não vai* aceitar. Eu roubei o colar. Ele só vai querer lutar comigo.

— Isto parece problema seu — disse Hades. Tal pai, tal filho. Ele bateu palmas. — Pippin.

O homem de túnica se materializou com a tábula de pedra e colocou uma pedrinha na mão de Hades. Quando Baden inalou a cinza, ganhou a habilidade de riscar diretamente para Poseidon. Também adquiriu a habilidade de sobreviver no mundo aquático, só pro caso de Poseidon resolver viajar para lá.

— Antes de ir, temos mais uma coisa a resolver — Hades batucou os dedos juntos, um verdadeiro senhor do mal. — A moeda.

Baden enrijeceu. Seu maior fracasso.

— Eu vou...

— Aleksander aceitou dar a moeda a Lúcifer.

Então Aleksander ainda estava vivo. Ainda havia seu vínculo com Katarina. Destruição pulou como a um touro que ouviu uma buzina.

— Eu vou impedi-lo antes que faça isto.

— Lúcifer bloqueou sua habilidade de riscar até o macho. E já cumpriu sua parte no acordo, dando a Aleksander um exército imortal.

— Exércitos podem ser destruídos.

— Sim, e você também.

O macho estava *preocupado* com ele. Subitamente isto ficou claro como vidro recém-polido, e se perguntou como sequer chegara a questionar a afeição de Hades.

Não haveria mais espera, decidiu. Era hora de fazer suas perguntas.

— Eu sei que os braceletes me tornam seu filho. O que planeja para mim... para Pandora... depois da guerra?

Hades o observou por um longo momento em silêncio, como se debatendo se deveria dizer as próximas palavras. Eventualmente ele disse:

— Saíam.

Pippin, os guardas e cada coisa assustadora que Baden nem tinha notado antes — serpentes, aranhas e híbridos dos dois — saíram do recinto como se estivessem em chamas.

— Eu vou te dar a resposta que busca — Hades o olhou de lado. — Mas quero algo em troca.

Algo que não mandaria Baden fazer? Isso seria interessante.

— Sou todo ouvidos.

— Você sabe que está... vinculado a mim — a admissão saiu de má vontade. — E sei que sua mulher treina cães do inferno — aquelas palavras... saíram presunçosamente.

Tanto Baden quanto Destruição espumaram de raiva — *vou proteger, a qualquer custo.*

— Você não vai feri-la ou aos cães.

O rei sorriu para ele.

— Não quero feri-los, Baden. Quero usá-los.

— Não vou envolvê-los na guerra.

— Eles *já estão* envolvidos.

— Não! — uma explosão de Baden, acompanhado por um rosnado de Destruição. — Nunca.

— Posso ordenar que você a traga aqui — Hades esfregou o queixo com dois dedos. — Se ela negar, posso ameaçar matá-lo. Ela vai mudar de ideia rapidinho. Posso apostar.

Enquanto Baden esfumava com a urgência de atacar, cada músculo de seu corpo se travou, imobilizando-o.

O rei suspirou.

— Mas tais ameaças geralmente só funcionam por pouco tempo. Ela irá buscar maneiras de escapar de mim. Não. Eu desejo a lealdade dela.

— Lealdade não pode ser forçada. Nem mesmo com os braceletes.

Hades passou a língua sobre um dente incisivo, uma ação que Baden viu *a si mesmo* fazendo.

— Uma conversa com a garota. É só o que quero.

Se ele resistisse a Hades nisso, será que o macho forçaria o assunto?

— Pode falar com ela desde que eu esteja presente, mas terá de jurar não feri-la ou aos cães, de nenhuma maneira — ou permitir a quem quer que seja que os machuque — não importa a resposta dela a você.

Uma aquiescência rígida, como se Hades não esperasse nada menos que aquilo, mas ainda assim se ressentisse das restrições.

— Que assim seja. Agora. Suas respostas — ele foi até o trono e sentou. Cada centímetro régio, ele disse: — Você não é meu filho... ainda. Mas pode vir a ser. O potencial está aí. Tudo depende de você. Os braceletes começam do lado de fora de sua pele, mas queimam caminho adentro conforme sua vontade se sobrepõe à minha. Quando elas estiverem entremeadas, não terei âncora para meu poder e vou perder o controle sobre você.

Sem âncora, mas por causa de Destruição, Baden e Hades estariam eternamente vinculados — Destruição iria ser para sempre parte dele.

— Marcado, eu continuarei tangível aos que tem corpos?

— Sim.

Baden titubeou, e titubeou pra valer. Tanto ele quanto Pandora poderiam suplantar a vontade de Hades se tornando filhos dele antes do fim daquele jogo. Hades perderia seu controle sobre eles enquanto mantivessem os benefícios dos braceletes.

Aquilo. Era aquilo que Baden queria. Sua vida novamente, só sua. Mas ele já tinha aprendido a lidar com a criatura graças à Katarina; eles não eram mais dois, mas um.

Hades o dispensou com um gesto de mão.

— Sugiro que complete a missão de hoje e prepare sua mulher para nosso encontro.

Quase zozzo, Baden guardou o colar e escondeu a minifoice debaixo da camisa.

— Oh, antes que vá — disse Hades — seus métodos foram meio... truculentos antes. Está lidando coma realza desta vez. Tente ser diplomático.

— Como quiser papai.

Baden riscou. Acabou em um quart, com as paredes pintadas de preto. Havia duas janelas e ambas davam para o fundo do oceano. A água era clara e limpa, corais brilhavam e peixes nadavam. Acima o teto em formato de cúpula também revelava uma vista aberta do oceano — e sereias extasiadas assistiam o que se passava em uma cama. Uma cama com quatro postes com camadas de tecido preto ocultando cada lateral.

A raça sempre foi fã de exibições públicas. Sexo, punições, discórdias, nada era tabu.

Quando as sereias, machos e fêmeas, viram Baden, bateram no vidro tentando chamar a atenção de Poseidon. A julgar pelos crescentes gemidos e grunhidos que subiam pelo ar, o rei dos mares achou que sua plateia estava gostando de seu rala e rola.

Baden pensou em sair e voltar um pouco mais tarde — péssimo aquilo de interromper um homem antes do clímax — mas por que se arriscar cair em uma armadilha depois das pessoas alertarem ao rei de sua visita indesejada?

Destruição ainda fervia do encontro com Hades. *Concentre-se. Acabe com isto e volte para Rina. Proteja o que é nosso.*

Sim. Aproximando-se, Baden estreitou a mão na foice. Ele furtivamente afastou um pedaço do tecido e olhou a cena. Uma mulher nua estava presa aos postes totalmente arreganhada, seu corpo formava um X. Seus olhos estavam cobertos por uma máscara e uma mordaca de bola estava enfiada na boca. Não era a ninfa da floresta.

Poseidon estava ajoelhado por trás dela, estocando-a com abandono. Aquilo era um ato de punição ou de prazer?

De qualquer forma, isto provavelmente enviaria Poseidon direto para o lado de Lúcifer.

Não, o rei do mares vai morrer antes.

Assassinato a sangue frio nem sempre era a resposta. Mas às vezes, em seu mundo, era.

Baden lançou a foice — e o rei girou e lançou uma adaga. A foice feriu o bíceps de Poseidon e a adaga cravou no ombro de Baden.

Ele retirou a arma, largou no chão, e como um bumerangue, a foice voltou para ele. Ele agarrou o punho da foice e sorriu ao sentir vibrações irradiando por seu braço acima. A arma estava faminta por mais: ele podia *sentir*.

O rei dos mares empalideceu ao identificar a arma.

— Você é o executor de Hades.

— Sim, sou — havia *orgulho* em seu tom de voz?

— Sua posição não o salvará. Saia ou sofra.

— Não serei eu a sofrer — ele ondulou a lâmina dourada.

A amante se debateu contra suas amarras, incerta sobre o que estava acontecendo ao seu redor, e Poseidon deu um tapa na bunda dela, de olhos fixos em Baden.

— Estou aqui para devolver o colar — disse Baden. — Um presente de Hades. Em troca, você deve concordar em apoiá-lo na guerra contra Lúcifer.

— Estou... interessado. Temos muito a discutir — Poseidon retirou-se da garota, lançou as pernas pra fora da cama e ficou de pé, buscando um roupão.

— Devagar com o andor. Minha mão está escorregadia.

Atrás dele se ouviu batidas na porta. Os guardas foram alertados e invadiriam o quarto a qualquer momento. Obviamente o rei do mar não queria conversar, só ganhar tempo. Baden duvidava que falar em Pandora ajudaria em algo.

Deixa que eu cuido dele.

Ele quase — quase — cedeu o controle à fera. Seus métodos eram loucura, mas eram rápidos e os resultados inegáveis. Em vez disso, soltou a foice e a lâmina voou para Poseidon com uma velocidade digna do livro do recordes. Cortes apareceram em seu rosto, peito e coxas, gotas de vermelho escorreram.

Tentei ser diplomático. Não funcionou.

Baden abriu a mão e a arma retornou.

— Você vai jurar apoio a Hades na guerra ou vou deixar a lâmina acabar com você. A escolha é sua. De qualquer forma, tem cinco segundos para concordar. Um.

Bang, bang, bang.

Poseidon ergueu o queixo ensanguentado.

— Não vou ser forçado.

— Dois. Três.

— Lúcifer me ofereceu sua cabeça em uma bandeja de prata se eu ajudá-lo.

Então. O filho da puta estava atirando para todos os lados.

A porta por fim foi arrombada e homens armados — homens com pernas — entraram correndo no quarto. Ninguém atirou em Baden. Ainda. Eles o cercaram, esperando pelo comando de seu rei.

— Quatro — Baden estalou os ossos do pescoço se preparando para a batalha. E não foi o único. As pontas de seus dedos queimaram e as marcas em seus braços ondularam, as sombras começaram a se elevar.

Poseidon notou e fez uma careta.

— Diga a Hades que será *uma honra* apoiá-lo.



VINTE E OITO

“Todas as minhas amigas são vadias, inclusive os amigos.”

— Gillian Bradshaw

MAMÃE! PAPAI!

As palavras soaram na mente de Katarina, cortesia dos cães. Ela ainda estava no quintal, tentando atender ao pedido de Baden para que entrasse com os cães. O grito excitado a fez parar.

— Onde? — perguntou ela, girando ao redor.

Atrás do muro!

Sério? Ela subiu na árvore para dar uma olhada — oh, uau! Uma matilha grande de cães do inferno a encarava. E soube que eram cães do inferno. Eles eram enormes, grandes como cavalos e de diferentes cores. Alguns tinham cores únicas, outros eram manchados. Todos tinham presas — muitas e muitas presas. As caudas eram longas, enroladas como chicotes e recolhidas nas costas, prontas para golpear.

Talvez — tomara — a coragem de Katarina os tivessem impressionado. Afinal, ela não borrou as calças ou desmaiou. Ainda.

Todos os cães eram, evidentemente, mais velhos do que Biscuit e Gravy — que provavelmente teriam de mudar o nome para Sangue e Derramamento.

Trêmula, ela desceu da árvore. Os cachorros pularam excitados em suas pernas. Se os dois quisessem retornar para a matilha, ela entenderia. Iria chorar. Muito. Sentiu uma nova ardência no fundo de seus olhos ao se abaixar, e desta vez... sim. Umidade chegou a escorrer pelo seu rosto.

Ela tinha construído uma família aqui. Mesmo brava como estava com Baden, *eles* tinham construído uma família ali. E agora sua família seria desmanchada. De novo!

— Então... — acariciou o topo de suas cabeças. — Ali estão sua mamãe e seu papai, hein?

Mamãe! Papai!

— Eles são bonzinhos pra vocês? Não machucam vocês?

Amor!

— Então como foi que se perderam deles?

Detectamos a presença do homem mau. Saímos correndo, mesmo depois de Mamãe dizer para ficar.

Eles tinham detectado a presença de Hades em Baden, percebeu ela. E a matilha jamais perdoaria Hades pelos seus crimes — era compreensível — o que significa que jamais aceitariam Baden — o que era absurdo — o que significava que jamais a aceitariam. Um soco na cara!

— Por que não me contaram antes? Eu podia ter ajudado a procurar os seus pais.

Não queríamos deixá-la. Jamais queremos deixá-la.

— Às vezes o que a gente quer não é exatamente o que a gente precisa — suas lágrimas fluíram mais livremente ao passar os braços ao redor dos cães. Um abraço de despedida.

Um pouco da excitação deles diminuiu.

Não adeus! Você vem! Você vem!

— Não, bebês — disse ela, gentilmente. — Não posso ir com vocês, tenho de ficar aqui — tinha de consertar as coisas com Baden, de uma vez por todas. Ele e a fera precisavam dela, e ela meio que... os amava. Amava-os a cada dia mais. A cada hora. Cada minuto. Eles eram o centro de sua história. O único caminho para seu “felizes-para-sempre”.

Preciso dar mais uma chance aos meus rapazes, não é?

— Preciso ficar aqui — repetiu ela, e desta vez, com toda a sinceridade de seu ser. — Baden é o meu homem, e ele precisa de mim.

Os cachorros balançaram as cabeças em negação inflexível.

Você vem! Você vem! — agora estavam frenéticos.

As lágrimas *escorriam* pelo rosto dela.

Seja forte. Palavras que tinha de dizer a si mesma a cada vez que tinha de entregar seus cães para suas novas famílias.

— Sua mamãe e seu papai sentem muito a falta de vocês. Vocês vão ser felizes com eles.

Você vem! Você vem!

Um soluço escapou dela, e afundou o rosto em seus pelos suaves e de cheiro doce. Chorou pelo que estaria perdendo naquele dia e pelo que já tinha perdido. Seus pais e Peter, e o garoto que seu irmão fora um dia. Chorou ao perceber que tudo bem ela ter continuado a viver. Sentir as emoções que seus entes queridos jamais sentiriam.

Soluçou ao se acalmar e disse aos cachorrinhos:

— Sinto tanta falta da minha mãe e do meu pai, que se pudesse trazê-los de volta, traria. Vocês estão tendo uma segunda chance com os seus pais, uma história novinha em folha. Não posso atrapalhar isto.

Ao limpar as lágrimas *deles*, quase começou a chorar de novo.

— Bem, bem. Se não é a minha esposinha e seus novos bichinhos.

A voz odiosa a fez se levantar rapidamente. Seu olhar pousou em Aleksander. Ele estava a poucos metros de distância, com guardas vestidos de preto alinhados ao seu lado, bloqueando a porta da casa.

Calma! Ordenou a si mesma e aos cães. Baden tinha tomado cuidados e espalhara câmeras pelo reino inteiro. Com certeza Galen e Fox tinham — ou iriam — visto a invasão e apareceriam para salvá-la.

Biscuit e Gravy rosnaram e um rosnado de resposta fluiu por ela. Talvez Katarina desaprovasse os métodos de Baden se livrar dos inimigos, mas havia duas coisas que sempre tinha admirado nele: ele sabia se defender e jamais recuava.

Estou farta de me acovardar diante de Alek e suas ameaças. O único poder que ele tem sobre mim é aquele que eu permito.

Eu sou forte e agora vou provar.

— Como me encontrou? — perguntou ela. — Como chegou até aqui?

— Te achar não foi fácil. Eu sabia que tinha uma esposa, mas não conseguia me lembrar do nome. Até que Lúcifer me lembrou.

Filho da puta!

Alek deu um passo na direção dela e parou quando os cães emitiram outro ruído de aviso.

Cada um dos guardas — *não podem ser humanos, são grandes demais, ameaçadores demais* — ergueu uma arma grande e de aparência raivosa, que apontou para os animais.

Ela colocou Biscuit atrás de uma de suas pernas e Gravy atrás da outra. *Fiquem.*

— Não os machuque — gritou para Alek. — Eles não fizeram nada de errado.

Ele sorriu friamente para ela.

— Mas você sim, não é mesmo, *princezná*? — ele não esperou pela resposta dela e completou: — Porque falhou em arrombar a fechadura ou encontrar a chave para me libertar, fui obrigado a prometer entregar a moeda a Lúcifer. Em troca, ele me dará um exército e um território no reino dele. Não serei um rei, só um príncipe. Hoje é só uma amostra do meu reinado.

Ou ele tinha sido enganado.

— Se Lúcifer realmente tem tal poder extraordinário, por que você não é um príncipe neste exato instante?

Um brilho de vermelho cintilou nas profundezas dos olhos dele.

— Eu ainda preciso revelar onde a moeda está. Insisti em encontrá-la antes de me aliar totalmente a ele.

Não, deve haver muito mais do que isso. Lúcifer não tinha gostado da recusa de Katarina à sua proposta e não iria querer que ela se aliasse a Hades. Mas devido aos braceletes de Baden, não tinha outro jeito. Exceto se ela morresse.

Por que não enviar Alek para cuidar disso, já que ele a controlara no passado, sem ter de dar ao híbrido de humano/imortal o que ele queria?

Será que hoje é o meu fim? Mesmo com sua força recém-descoberta, não daria conta de todos aqueles homens. Não sozinha.

Pessoas más. Pessoas más devem morrer.

Os cães falaram em sua mente e o desejo de lutar a inundou. Suas gengivas e dedos começaram a arder.

Alek franziu o cenho, como se pressentisse que algo nela tinha mudado, mas não conseguisse identificar exatamente o que.

— Você — Alek disse disse, dando mais um passo em sua direção — será minha concubina, não minha esposa. Eu sei que se entregou ao ruivo...

— Você me mandou! — ela não conseguiu evitar de lembrar-lhe.

Ele cerrou os punhos, lembrando a ela de marretas. Será que ele estava se imaginando dando uma surra nela?

— Desta forma, você deixou de ser digna de usar meu nome. Eu agora renuncio ao meu vínculo a você — ele estendeu o braço e ondulou os dedos para ela. — Agora venha.

Se ela recusasse, ele mataria os cães?

Não posso deixar as ações dele influenciarem as minhas. Não vou ceder. Não de novo.

Ela já tinha arrependimentos suficientes no passado. Não havia motivo para adicionar mais um.

— Não vou com você, *blázon* — maluco. Ela lançou as palavras nele como adagas. — Nem agora, nem nunca. Você me dá nojo desde muito antes do casamento e este nojo só cresceu desde então. Você é um verme destinado a servir de comida para os outros.

As narinas dele se expandiram quando deu mais um passo na direção dela. Os cães bateram as patas no chão — e eles não foram os únicos. Os pés dela se firmaram na grama por conta própria.

Grunhidos se ergueram de todos os lados.

Ofegando, ela virou. Cães estavam agora empoleirados ao longo do muro. Eles tinham escalado? Pulado? Os pelos em suas costas estavam eriçados, criando espetos de aparência letal. Os pelinhos na nuca dela estavam eriçados também. As caudas deles estavam desenroladas e eretas, com mechas trançadas dependuradas na ponta.

Os guardas começaram a irradiar medo, as mãos tremendo.

— Esperem — gritou Alek.

Em uma situação assim, o medo tinha o potencial de assumir controle, fazendo os guardas atacarem antes que ele desse a ordem.

— Não se atreva a atirar nos animais — disse ela com um tom cortante o suficiente para arrancar sangue.

Alek a encarou desafiante.

— Senão o que?

Ataque?

— Senão vou mandar eles fazerem picadinho de você — *Mmm. Picadinho.* O bufê perfeito. Ela lambeu os lábios ante este pensamento, só para empalidecer. Devorar um oponente jamais foi uma opção.

Pálido como um fantasma, Alek gritou:

— Atirem neles. Em todos eles. Sem sobreviventes.

Oh, inferno, não!

— Ataquem! — gritou ela, avançando. No meio do caminho, suas presas e garras se projetaram completamente. Ela queria a garganta de Alek em sua boca e não iria parar até conseguir.

Oh, bom. Aparentemente, devorar um oponente *era* uma opção.

O primeiro disparo soou, seguido por muitos outros. Mais do que era possível contar. Mas não foi atingida — não, ela se movia rápido demais, conseguia ver a trajetória dos projéteis e se esquivava com facilidade. O mesmo devia acontecer com os cães, que enxamearam o quintal, acompanhando-a no ataque contra os homens.

Sangue. Tanto sangue. Um mar de sangue. Um oceano infinito.

Gritos ecoavam nos ouvidos de Katarina, apesar do silêncio que se abatera sobre o quintal. A sede de sangue a abandonara há poucos instantes. Agora estava de pé parada, seus pés como troncos, as pernas trêmulas. Carnificina a rodeava.

Aqui, lá e por todos os lugares havia membros, órgãos e cabeças decepados. A horda de cães ainda se empanturrava, mastigando diferentes partes de corpos.

Quantos homens *ela* tinha mordido?

Alek estava caído diante dela. Ele ainda estava vivo, mas aquilo mudaria a qualquer momento. Ou talvez não — ele tinha regenerado a mão que Baden tinha arrancado. Não era humano e jamais fora. Quando o mordeu — repetidas vezes — tinha provado o poder que corria em suas veias. Poder negro.

Ele estendeu a mão para ela, tremendo.

— Ajude-me — ele tinha perdido uma perna e o torso estava aberto, o que restava de seus intestinos se derramava ao lado dele.

— A moeda — ela não sabia como conseguia falar com aquele nó na garganta. — Onde está?

— Ajuda — repetiu ele. — Por favor.

— Diga o que quero saber e eu ajudo — mas não do jeito que ele esperava.

Uma lágrima correu pelo rosto dele.

— Minha mãe era um anjo caído. Meu pai... humano. Eu ia morrer um dia... Ela me forçou a matá-la... para tomar a moeda e... escondê-la dentro do... meu corpo.

O corpo dele. A moeda ainda estava lá, talvez fosse o que o mantinha vivo. O que significava que se a removesse ele perderia a vida, seu único trunfo para barganhar, junto com seu novo reino.

— Ajuda — ele engasgou em um jorro de sangue. — Prometeu.

— Tem razão. Prometi — fortalecendo-se para o que precisava ser feito — *não havia outro jeito* — ela afundou as mãos na cavidade torácica aberta dele, procurando pela moeda. — Não se preocupe, sua dor vai acabar.

Ele lutou contra ela com o pouco de força que restava. Pouco demais. Tarde demais.

Em uma das câmaras de seu coração, ela encontrou algo rígido, frio e arredondado. Precisou forçar para removê-la, quebrando algumas das costelas dele, mas os protestos cessaram e o coração caiu para o lado.

Ele estava morto. De uma vez por todas. Ela não sentiu alívio algum.

Baixou o olhar para suas mãos ensanguentadas, para o pedaço de ouro que Alex tinha matado e morrido para possuir. Como algo tão pequeno e bonito podia causar tanto problema?

Ela não podia permitir que ninguém mais a encontrasse ou a usasse para, talvez, ajudar Lúcifer. Ou Hades. Nem mesmo Baden. Ele acabou se afeiçoando a Hades, mesmo ela admitindo que ele era o menor de dois males. A fera era passível de treinamento; Lúcifer, que queria que Baden aceitasse a escuridão, não era.

O problema era, Hades em outros tempos tinha erradicado os cães do inferno. Ele não podia ter outra chance.

Talvez... talvez ela pudesse usar a moeda para proteger os cães? Mas e se ele punisse Baden pela ousadia dela?

Mas aí, se ela usasse a moeda para salvar Baden, rompendo o laço que o unia ao rei, Hades podia punir os cães.

Se ela desejasse a imortalidade, podia ser forte o bastante para proteger tanto Baden quanto os cães. Mas também podia ser que não.

Cada opção apresentava um risco crucial. Precisava pensar, considerar todos os prós e contras.

Uma pata arranhou sua coxa. Um dos cães postou-se à sua frente, os olhos escuros inteligentes, tempestuosos — e fixos nela. Ele tinha grandes e espessas cicatrizes no focinho. E não tinha uma das orelhas. O pelo manchado estava sujo de sangue e pulgas.

Eu sou Roar.

— Eu sou Katarina — ela respondeu suavemente.

Os garotos são meus. Eu sou o pai. Werga é a mãe. Nós... te agradecemos.

A apreciação era inesperada e desnecessária.

— Eles são... — se ela dissesse “cães” ele ficaria ofendido? — Garotos maravilhosos — como ele mesmo tinha chamado. — Eu ameí cada minuto que passei com eles.

Concordo que são maravilhosos, mas eles cometeram um ato inominável. Beberam de seu sangue e compartilharam o deles com você.

Eles tinham... sim, com certeza tinham. Ela se lembrava do gosto metálico que sentira na boca ao despertar após a mordida deles. Mas... o que aquilo significaria para eles? Seriam punidos?

— A culpa é minha. Qualquer repercussão deve recair sobre mim.

Eles conheciam nossas leis. Você não. Sem vínculos. Mate o que prova. Sem sobreviventes. Sem testemunhas. Jamais — a boca dele se contorceu em um esgar, revelando as presas. Eram bem maiores do que as dela. *Vocês três estão vinculados e irão permanecer assim... até a morte.*

— Minha morte, suponho — o tom de voz seco dela o surpreendeu, mas já estava farta do tanto de ameaças de morte que teve de suportar estes dias. Aquela era só mais uma.

Não, garota. Você entendeu mal. Sua morte causaria a morte deles...

O que?

— Katarina! — a voz de Baden penetrou a tensão.

Ela girou quando novos rosnados soaram, o coração parecendo se erguer e cair ao mesmo tempo enquanto enfiava a moeda no bolso.

— Não o machuquem! — gritou ela. — Por favor. Ele não vai fazer mal a vocês.

Ele é seu?

— Sim, é.

Ele tem o cheiro de outra matilha. Uma que achávamos estar extinta há muito tempo.

Biscuit e Gravy tinham mencionado o fato de Baden cheirar como Hades. E se Hades tinha o cheiro de outra matilha... Será que Hades *era* conectado aos cães do inferno?

Talvez. Mas se o macho era de fato vinculado a eles, teria morrido quando eles morreram. Certo? A menos... Será que tinha descoberto um jeito de romper o vínculo?

Para seu espanto, os cães permaneceram no lugar, simplesmente observando Baden, que caminhava por um mar de carnificina para chegar até ela.

O cabelo dele estava espetado. A pele estava pálida, mas os olhos estavam mais brilhantes do que nunca, uma efervescente mistura de fúria e preocupação.

— Você está bem? Está sangrando. Por que está sangrando? E você está *chorando*, porra? — esfregou os polegares no rosto dela, secando suas lágrimas. — O que eles fizeram com você? — ele voltou a atenção à Roar. — Eu vou matá-lo de maneiras que sequer pode imaginar.

A promessa rendeu outra rodada de rosnados.

Katarina agarrou os braços dele e o forçou a olhar para ela.

— Estou bem — por enquanto. — Este sangue não é meu. Alek está morto — ela apontou para o que restou do corpo de seu torturador. — Veja você mesmo.

Baden baixou o olhar para os destroços imóveis, momentaneamente em silêncio. Sacou uma adaga, abaixou-se e cortou a garganta de Alek até decapitá-lo.

— Agora o filho da puta não vai poder se regenerar — ele se endireitou. — Mas por que as lágrimas?

— Minha família — ela disse a ele, então se voltou para Roar. — Poupe meu homem. Ele não tem nada a ver com meu vínculo com os garotos.

— Eu vou poupá-los. Mas só se garantir que os cães *já* irão atacar você — Baden colocou-se à frente dela, como sua espada e escudo, mas ela não necessitava daquela proteção. Moveu-se para o lado dele, para onde era o seu lugar.

Os garotos não podem mais existir sem você — Roar fez uma careta para ela. — *O que significa que você está vinculada ao resto de nós. Ficaremos com você e iremos protegê-la. Seu homem está a salvo conosco.*

Ela ofegou quando as implicações daquelas palavras fizeram sentido. Os cães estavam abrindo mão de uma vida escondidos, não haveria jeito de ocultar a existência deles de Hades.

Ela teria de fazer algo. Com moeda ou sem moeda.

— Qual o problema? — Baden não tinha ouvido o discurso de Roar e deve ter assumido o pior, considerando a reação dela. — Diga antes que eu perca o controle.

— Os cães... Eles vão... Eles são meus, todos eles. Minha família. Agora e para sempre — mas eles eram inimigos de Hades, e Baden era o executor de Hades; aquilo não iria mudar logo, se é que um dia mudaria.

Tinha de ter um jeito de coexistir. Tinha de ter.

Uma onda de possessividade... Ferocidade... Inundou-a, seu cão-do-inferno interior se fez notar.

Vou proteger o que é meu — até meu último fôlego.



VINTE E NOVE

“Desculpe-me por ofendê-lo. Pode ter certeza de que não vai acontecer de novo. Oh, e a propósito, você é um marica.”

— Neeka, a Não desejada.

UMA BATIDA AFIADA na porta. Cameo atravessou o quarto do hotel para receber o garoto da entrega. O apartamento de dois andares era top de linha, completo com luxos que

faria qualquer um feliz. Qualquer um, menos ela. Ela via apenas um meio para um fim. Um caminho para chegar a Lazarus.

Estou indo até você...

Havia dois benefícios que um hotel como este fornecia aos seus hóspedes mais ricos. Um, ela poderia conseguir qualquer coisa que quisesse ou precisasse simplesmente levantando o telefone, e dois, privacidade era uma benção. Até as empregadas não podiam entrar sem sua permissão expressa.

Esquadrinhou a área imediata quando virou o trinco, todas as armas ficaram escondidas.

Fez um gesto para o homem entrar. Ele rolou a bandeja para a pequena cozinha, e tinha esperança que o encontro terminasse sem qualquer troca de palavras.

Deveria ter pensado melhor. Boas coisas raramente aconteciam com ela.

— Está tendo um bom dia, Senhora?

Senhora. É isso que me tornei?

Ela poderia ter assentido. Podia ter o ignorado ou se fingir de surda. Três coisas que já fez no passado. Não exatamente se sentindo caridosa, ela disse:

— Sim.

Pronto. Uma palavra. As lágrimas começaram a derramar de seus olhos como se ele tivesse um vazamento.

Humanos! Florzinhas quebradiças, todos eles. Além da humana surda que ela uma vez amou, a que a entregou aos Caçadores quase acabando com sua vida, os únicos humanos capazes de passar algum tempo com ela foram os imortais possuídos por demônios com quem ela vivia. Mas até com eles, tinha que limitar o que dizia.

Tantas palavras estavam presas dentro dela!

Um dia, estas palavras alcançariam o ponto de ebulição e expeliriam, e o mundo provavelmente acabaria conforme a miséria se espalhava, assim como suicídios e homicídios abundantes.

O homem enxugou os olhos com um olhar de surpresa.

— Sinto muito. Não tenho a menor ideia do que está acontecendo comigo.

Se alguma vez ele soubesse a verdade, morreria de um ataque cardíaco ou cagaria nas calças.

Sem tempo para enterrar o corpo, nem desejo de lavar suas roupas.

Ela o escoltou até a porta sem dizer uma palavra. Enquanto ele corria corredor abaixo envergonhado por suas lágrimas, ela se trancou dentro da suíte, só então relaxando o suficiente para sentir o cheiro do macarrão cremoso e legumes cozidos no vapor. Como uma possível última refeição seria... adequada. Entretanto, nenhuma comida algum dia teve gosto de qualquer coisa além de pó para ela. Com exceção de chocolate, claro. Isto ela apreciava, mas limitava sua ingestão porque precisava de *algo* para esperar ansiosamente e, quanto mais se entregasse, mais fácil seria para Miséria arruinar isto.

Exceto... que, desta vez, só de pensar em chocolate fez um calor se derramar por ela. Ela formigava, doía... com o fantasma de uma memória? Lazarus regando molho de chocolate sobre seu corpo inteiro e lambendo-a até limpar?

Uma garota podia sonhar.

Excitação pelo futuro a encheu e deixou Miséria em agonia. O demônio, por sua vez, fez o que sempre fazia quando ela experimentava qualquer coisa diferente de tristeza, lembrando-a do maior obstáculo em seu caminho.

Ninguém poderia suportá-la por muito tempo. Por que Lazarus seria diferente?

Porque ele é meu?

Seus amigos superaram séculos de mal quando encontraram suas mulheres. Sem a Caixa, sem sua liberdade, ir até Lazarus era o melhor, a única maneira de ter sucesso e encontrar o que os outros tinham: alguém para amar.

Talvez. Ele seria mesmo material para companheiro?

Não saber a deixava em agonia.

E, não tendo nenhuma ideia do que enfrentaria durante sua busca para encontrá-lo, tinha que manter a força; comeu cada migalha, até quando a comida parecia como bola em seu estômago. Quando terminou, entrou no quarto onde guardava os três artefatos e a pintura de Danika.

Levou um minuto para enviar uma mensagem para o grupo de seus amigos, dizendo-lhes onde ela tinha acabado. Eles precisavam saber onde encontrar os artefatos quando ela se fosse.

Não tentem me impedir. Tenho que fazer isto. Retornarei assim que puder, mas se não puder, saibam que estou fazendo meu melhor para viver a vida que sempre quis.

O pessoal lhe daria uma hora, talvez duas, antes de invadirem o quarto. Eles se preocupavam com a segurança dela para esperarem muito mais tempo. Eles sempre se preocuparam, inclusive nos céus.

Em poucos segundos, todos mandaram uma mensagem de volta para ela com uma ou outra maldição ou solicitação para ter cuidado. Torin, o melhor amigo que já teve, mandou uma mensagem com instruções sobre o que ela tinha feito da última vez. Ele também a advertiu:

Os artefatos pararam de funcionar como chaves. Eles podem não funcionar pra você. Se isto acontecer... desejo o melhor pra você, CAM, realmente desejo. Mas, por favor, permaneça em guarda. Há rumores de que Lazarus vive roubando a vida dos outros. Se ele pegar a sua, nada o salvará de nós. Nada.

Rumores nem sempre eram verdadeiros. Por outro momento de felicidade? Valeria o risco.

Mesmo que ela apenas esquecesse novamente.

Torin acrescentou: *amo você, Cam. Volte para nós. E talvez traga Viola com você. Ou não. Sim, provavelmente não.*

Viola. A guardiã do Narcisismo. Ela foi uma prisioneira do Tartarus quando os demônios extras na Caixa foram entregues. Era uma chata, irritante e, não por sua própria culpa, completamente auto-absorvida. Ela também esteve presa na Haste, como Cameo. Como Lazarus ainda estava.

Ela respondeu: *Eu amo você também. Eu a encontrarei. E se tudo correr como planejado, eu RETORNAREI... com um sorriso. E quanto a Viola, se prepare.*

Ela o conhecia, sabia que ele riria quando lesse isto.

Outro texto entrou, este outro de Baden: *Eu o observei. Lazarus é mais monstro do que jamais fui. Isso não vai acabar bem pra você, Cameo. Ele a destruirá.*

Talvez. Talvez não. De qualquer modo, não ir até ele seria pior. Sempre se perguntaria o que poderia ter tido.

Obrigado pelo voto de confiança, ela respondeu. E agora, ela terminou a comunicação.

Tempo para ação.

Jogou o telefone na escrivaninha. Trêmula agora, subiu na Gaiola de Compulsão. O Manto da Invisibilidade, a Haste e a pintura já estavam ali dentro esperando por ela. Com as instruções de Torin rolando por sua mente, colocou o Manto sobre a cabeça e perscrutou a pintura. A tela mostrava um escritório como qualquer outro. Com exceção da Caixa... a Caixa de Pandora, feita dos ossos da deusa da Opressão, capaz de escravizar *qualquer coisa*, descansando sobre uma estante.

Cameo agarrou a Haste, o passo final, torcendo, temerosa. O momento em que fez contato, seu mundo inteiro ficou escuro.

Minha lua de mel. Oba pra mim.

Gillian enrolou os braços ao redor de sua cintura, enquanto se amontoava diante de um fogo crepitando. Calor irradiava das chamas, mas isto não a deixava melhor. A temperatura gelada do reino formava uma parede atrás dela, transformando seu traseiro em um pingente de gelo.

Assim que William partiu, Puck pegou a mão dela e a levou pra fora do castelo de areia em um ritmo que permitiu que ela finalmente pudesse ver seu entorno, bonito... místico e fantástico, e através de um "portal" para este outro reino. Inferno gelado. Ele fez isto apesar dela desejar retornar a seus amigos!

Ele não queria viver com William, o que ela agora entedia. Mas ele não precisava viver com *ela* também. Não que tivesse escutado. Não que jamais escutasse.

Embora lhe pedisse pra ficar com ela, ele tinha se retirado há uma eternidade para conseguir o almoço, que já tinha ido e vindo.

Agora a hora do jantar tinha chegado pra ela e ainda não havia nenhum sinal dele. A escuridão reinava. O silêncio também. O único barulho era o crepitar dos troncos à medida que queimavam... e a estrondosa batida de seu coração. Neste momento, meio que esperava que Puck não retornasse. Não até amanhã, pelo menos.

Esta era a primeira noite deles como marido e mulher. Ele mudaria de ideia e faria um movimento em relação a ela? ia sexo dela?

Não, certamente que não. Ele sabia sua posição sobre o assunto. Disse que respeitaria seu desejo.

Mas ele era um cara, e caras tendiam a ficar estúpidos quando tinham uma ereção.

Apenas... sorria e aguente. Ela já tinha feito isto antes. Podia fazer novamente.

Grandes mãos errantes sobre seu pequeno corpo...

Ela engasgou.

Sou imortal agora. Tenho que viver com estas memórias para sempre.

Sou uma idiota!

Nem sequer estive em um encontro e agora estou casada? Idiota estúpida! Deveria ter morrido quando teve a chance.

Um som estranho registrado... um ruído de cascos? Ela endureceu. Em seguida, o cheiro de fumaça de turfa e lavanda chegou até ela.

Puck tinha retornado, afinal.

Ele andou até a fogueira, suas feições tão indiferentes como sempre. E ainda assim, ele fazia sua pulsação acelerar. Havia algo nele...

A nova conexão deles, provavelmente. E a beleza que não era humana dele.

Ele parecia como se estivesse usando delineador. Seus cílios eram longos, negros e curvados nas pontas, dando-lhe um olhar expressivo, apesar de sua falta de expressão. Ele algum dia pareceria como se importasse com algo? Qualquer coisa? Com... ela?

— Almoço e jantar — ele soltou dois coelhos mortos na frente dela. — Limpe e cozinhe-os enquanto tomo banho.

Com licença? Ele se foi há horas e isso era tudo o que tinha a dizer para ela?

— Não vou limpá-los — ou comê-los.

Ele franziu o cenho para ela.

— Você não está com fome?

— Estou faminta, mas...

Ele a cortou, dizendo:

— Então limpe, cozinhe e coma-os. Problema resolvido.

Era assim como as coisas seriam entre eles? Ele daria ordens e esperava complacência absoluta?

— Não — ela disse com uma sacudida de cabeça. — Não quero tocar em um animal morto. Não quero *comer* um animal. Sou vegetariana.

Ele deu de ombros, completamente apático.

— Você fará o que eu mandar. Nada mais é aceitável — afastou-se então, desaparecendo nas sombras.

Fazendo uma careta, ela chutou as carcaças dos animais pra fora de seu caminho, seu estômago lamentando mesmo quando sua raiva disparou. Ela era o maior investimento de Puck! Ele se casou com ela por uma razão e aquela razão não mudou. Ele precisava dela. Então poderia cuidar dela.

Deveria provavelmente tentar cuidar de... mim mesma?

Definitivamente. E iria. Claro que iria. Mais tarde. Depois que ele a alimentasse com uma comida adequada.

Oh, uau. Ela soava com cada um de seus dezoito anos. Quão embaraçoso para ela!

Mas tinha passado fome, e agora estava irritada, então que diabos!

Saltou de pé e caminhou atrás dele, sabendo que tinha entrado na mesma caverna que ele a proibiu de entrar durante sua ausência porque "você nunca sabe o que está aninhado dentro".

Ping, ping. O ar quente e úmido estava perfumado com... ela fungou. Óleo de orquídea? Um cheiro sonhador que seguiu até que alcançou uma fonte quente e borbulhante. Um

gemido de ânsia escapou dela. Poderia ter ficado aqui o tempo todo em vez de congelar lá fora. Obviamente, nada estava aninhado ali.

Puck estava de pé no meio da água que alcançava sua cintura de costas para ela, seu longo cabelo grudado em sua pele; entre os fios, podia ver uma borboleta carmesim tatuada na base de seu pescoço até a curva de sua bunda. As asas como teias de aranha pareciam como se realmente pudessem erguer-se e tremular.

E... ela franziu o cenho. Em muitos e *muitos* lugares, a carne de Puck estava em alto relevo. Cicatrizes? Um caroço cresceu em sua garganta. Coitadinho. O que aconteceu com ele? Para cicatrizes terem se formado em um imortal, os danos tinham que ter acontecido durante sua infância, antes de seu corpo desenvolver a habilidade de regenerar, ou tinha que ter sido tão horrível, tão feroz, que até mesmo sua habilidade de regenerar não pôde curá-lo completamente.

Coitadinho? Quem sou eu?

Mantenha-se forte. Ela irrompeu, dizendo:

— Você é meu... meu marido. Você vai me alimentar. É seu dever.

Eca. Isso estava fortalecendo? Agindo como uma criança?

Lentamente ele se virou para enfrentá-la. Gotículas da água escorriam por seu rosto, caindo sobre o vulto amplo de seus ombros.

— Posso não me importar muito com qualquer coisa, moça, mas vivo por certas regras. Tenho que viver — justo então, ele era um príncipe egípcio com um sotaque irlandês e estava mais confiante, mais imponente do que ela jamais esteve em toda sua vida. — Minhas regras são a única razão pela qual sobrevivi à minha aflição, a única razão das pessoas ao meu redor ter sobrevivido.

Ela lambeu os lábios, o olhar dele seguindo o movimento de sua língua.

— A única que você precisa memorizar? — Ele continuou, soando um pouco menos confiante? — Você vai trabalhar ou vai passar fome.

Um padrão que normalmente suportava.

— Eu te disse. Sou vegetariana. Não me importo de trabalhar pela minha comida, contanto que seja uma comida que eu possa comer.

— Você *pode* comer o que eu forneci, simplesmente prefere não comer. O que ainda não entendeu é isto. Você não tem que gostar das tarefas que lhe dou, moça, mas deve fazê-las.

— Prefiro morrer de fome.

Ele balançou a cabeça.

— Isto nunca será uma opção para você.

— Mas...

— Você fará como lhe foi dito ou vai sofrer.

William nunca a ameaçaria deste jeito. Ele não forçaria a barra, nunca. Ele a proveria com frutas, nozes, até mesmo galhos, se isso fosse tudo que pudesse encontrar, sem fazer perguntas. Ela saiu de uma vida extremamente mimada e um homem que a valorizava, para isto, uma vida trabalhosa com um homem que não poderia se importar menos com ela.

Maior. Erro. Da. Sua. Vida.

— Você me machucaria? — Ela perguntou com os dentes batendo.

Sua resposta foi um sucinto:

— Sim.

Ela se afastou da fonte quente.

— Eu o odiarei.

— E como você já deve ter entendido, eu não me importaria com isto.

O medo deu lugar à raiva e incredulidade, e ela enrolou os punhos. Ele não podia... não iria...

Realmente, ele podia e iria.

— Quero ir pra casa.

— *Eu sou* sua casa.

— Quero ir para minha antiga casa.

— Não. Você vai para a minha.

E se encontrar cercada por outros da espécie dele?

— Nós não temos que viver junto.

— Temos.

Argh! Ele nunca recuava. De nada!

Claramente, ela lidou com a situação de maneira errada. Além do mais, isto era um pobre começo para seu casamento. Ela se lembrou de sua mãe e seu pai biológico. Eles se amaram. Eles se complementavam e tocavam docemente um ao outro. Trabalhavam juntos e raras vezes brigavam, eles eram comprometidos.

— Tudo bem. Eu juntarei galhos e vou procurar frutas e...

— Galhos são para o fogo e não há frutas neste reino.

Ela franziu a testa.

— O que os coelhos comem então?

— Eles não são coelhos, moça.

Não pergunte. Provavelmente era melhor não saber. *Encontre um novo modo de alcançá-lo.*

— Sua situação mudou. Você não deveria mudar as regras também?

Puck pensou por um momento. Ele fez um gesto com o dedo para ela e, apesar de não ter nenhuma vontade de se aproximar, fez exatamente isto. Ele deu tapinha na beirada da pedra e ela se sentou com as pernas cruzadas. Com movimentos lentos, cuidadosos, ele removeu as botas e meias dela. Ela se encolheu com o primeiro contato e não pôde se forçar a relaxar, não até que ele mergulhou seus pés descalços na água quente e borbulhante.

Seus olhos se fecharam enquanto a espuma acariciava sua pele e massageava os músculos doloridos e cansados. Ela *não* podia deixar de apreciar isto.

— Por que você não come carne? — Ele perguntou. — Carne a deixa forte.

Por que não lhe dizer a verdade?

— Quando eu era mais nova, meus meios-irmãos sussurravam para mim na mesa de jantar. Se tivéssemos hambúrgueres, eles perguntavam quanto tempo eu achava que a vaca

gritou antes de morrer. Se tivéssemos galinha, eles perguntavam se eu imaginava seus pintinhos chorando pela mãe — estremeceu.

Ele acariciou o queixo dela.

— Você está muito mais danificada do que eu percebi.

A maioria das pessoas provavelmente teria tomado isto como ofensa, mas ela sabia o que era e sabia que ele falava a verdade. Estava danificada.

— Eu sei — disse e suspirou. — Talvez nós pudéssemos... negociar? Se você me encontrar algo para comer além de animais, farei o melhor que puder para fazê-lo sentir uma emoção.

Compromisso, o único caminho para construir uma ponte entre eles.

Ele franziu os lábios.

— Você fará o melhor de qualquer maneira.

Ela jogou água nele.

— Isto é algo que você pode me forçar a fazer?

— Não — a palavra a cortou como um chicote.

Bem, bem. Olhe pra mim. Já o deixando com raiva.

— Então este acordo é o único modo de garantir minha cooperação. E aí, depois que eu o fizer sentir, você vai me levar pra casa, pra casa de minha escolha — lembrou o que William uma vez disse sobre ele e seu desejo por vingança. — E não vai machucar Torin. Nunca.

Com um único movimento, ele espalhou as pernas dela e moveu-se entre elas. Novamente, ela ficou tensa. A posição era sugestiva. Muito sugestiva. *Extremamente* sugestiva. Colocou as mãos no peito dele para afastá-lo, mas ele simplesmente abriu as mãos dele sobre as dela e segurou firme.

— Como vai me fazer sentir emoção? — Ele perguntou.

Não conseguia pensar assim.

— Eu... vou te contar piadas e histórias tristes.

Ele deu um único aceno seco com a cabeça.

— Outros tentaram o mesmo e falharam.

— Esses outros alguma vez fizeram com que sentisse qualquer coisa antes?

— Não — uma admissão relutante.

— Então eu já tenho uma vantagem.

O olhar dele caiu para as pernas dela.

— E se eu quiser sentir alguma coisa além de feliz ou triste?

Sua boca secou por um momento.

— Eu não... não posso...

— O que mais você vai fazer? — Ele perguntou. Para distraí-la?

Realmente, realmente não podia pensar agora.

— Você vai ter que esperar e ver — *como eu*.

— Se falhar, você vai tentar o que eu sugerir?

Essas sugestões seriam sexuais, não é? O olhar em seus olhos...

Tenho apenas que me certificar de não falhar.

— Sim — ela disse com uma voz como cascalho. — Vou.

— Muito bem — ele assentiu, soltando-a e movendo-se para o outro lado da fonte. — Não vou forçá-la a comer carne. E você... quando chegarmos à minha terra, vai me fazer sentir algo... de uma forma ou de outra.



TRINTA

“Se espera me derrotar, vai precisar de bolas maiores. Gostaria que eu te emprestasse uma das minhas?”

— Thane, O Enviado.

EM SEU QUARTO, Baden se despiu, depois despiu Katarina. Ele lançou suas roupas sujas na lareira apagada, planejando queimá-las mais tarde e espalhar as cinzas.

— Espere! — Ela correu até as roupas e cavou pela pilha. Um momento de loucura? Compreensível, considerando tudo o que aconteceu hoje.

Ela se levantou, irradiando alívio, e caminhou até a cama, onde endireitou os travesseiros.

— A cama está boa assim — ele a pegou no colo e carregou até o banheiro... colocando-a no chuveiro. A água quente espirrando e o vapor espessou o ar. Ele entrou atrás dela e lavou o sangue dela, ainda abalado até o núcleo que ela tinha chorado hoje.

Profundamente abalado e rasgado em pedaços. A fera rondou por sua mente, no limite e inconsolável. Eles poderiam tê-la perdido. Do mesmo jeito que os amigos de Baden uma vez o perderam.

E realmente, Baden poderia ter perdido Galen e Fox também. Cães do inferno tinham prendido os dois na cozinha, prontos para atacar. Por mais exasperantes que os guerreiros fossem, percebeu que gostava de tê-los em sua vida.

Felizmente, ao ver Katarina os cães de caça recuaram e se juntaram ao bando deles no quintal, onde permaneceram.

— Tudo vai ficar bem — segurou o rosto dela, pele molhada contra pele molhada. — Os cães são seu exército pessoal agora. Você nunca vai estar em perigo novamente.

— Não tenho medo — ela murmurou.

— Diga-me o que está errado então, e vou consertar — ele consertaria isto e todos os outros problemas para o resto de sua vida. Ela era sua. Sua para dar prazer e para mimar. Sua para proteger, bem ao lado dos cães. Sempre a protegeria.

Nunca a deixaria ir embora.

Ela levantou o olhar para ele através dos cílios molhados.

— Não quero conversar agora. Quero apreciá-lo, fazer uma memória que dure pra sempre.

Se ela queria uma memória, ele lhe daria uma memória.

Ele sentou no banco, puxando-a para o seu colo. Ela escarranchou as coxas dele, o chuveiro em suas costas. Sem preâmbulos, enfiou um dedo bem fundo nela.

Ela estava pronta para ele. Entretanto, o desejo permanecia em fogo brando entre eles.

— Preciso estar dentro de você.

— Sim.

Ele a agarrou pela cintura, ergueu e a empalou com uma única punhalada. Sem preliminares. Apenas paixão crua.

Gritando, ela arqueou os quadris, movendo-se sensualmente sobre ele. Ele cerrou os dentes e a forçou a esperar, imóvel. O suor escorrendo por ele, a força que exibiu parecia sobre-humana. A falta de fricção era agonizante, mas era uma agonia que suportava de bom grado.

— Bem — ela disse e mordeu o lábio inferior. — Isto certamente é interessante.

— Você não faz ideia. E estou apenas começando.

— Hmmm. Espero que sim — suas pálpebras abaixaram se entrecerrando. Ela depositou beijos ao longo da linha de sua mandíbula. — Nunca quis você tanto.

Ela o queria, não por que ele era uma arma para ser usada, mas por que era um homem. Seu homem. Ele tinha valor, não por causa do que podia fazer por ela, mas por causa de quem ele era para ela. Uma verdade tão poderosa quanto era humilhante.

— Você terá seu clímax — eventualmente.

Ele angulou o braço, dois de seus dedos encontrando o feixe de nervos dela. Ele acariciou e alimentou seus desejos. Ela choramingou e gemeu. Suspirou o nome dele e retorceu os quadris em uma tentativa de seguir os movimentos dele. Quando isso falhou, ela se esfregou em seu eixo, ou tentou. Ele continuou a segurá-la imóvel.

— Baden! — Ela bateu em seus ombros. — Você está determinado a me matar, não é?

— Eu sou um assassino, desejo é minha arma.

— Mexa-se!

Suas paredes internas agarraram seu comprimento mais e mais apertado, aquecendo cada vez mais, umedecendo e molhando. Destruição queria ceder. Baden queria ceder. Mas o resultado era extremamente importante.

A eternidade contra a momentaneidade. A eternidade ganhou.

— Vou me mexer — ele prometeu. — Depois que conversarmos.

Ela soltou uma série de profanidades eslovacas.

Destruição riu, encantando-se com o temperamento dela. A fera sabia, assim como Baden, que ela nunca os trairia.

— Bodaj tá porantalo — quero que você tenha um derrame. — Z chujem sie na glowy pozamieniale's — você trocou de cabeça com seu próprio pau. — Id'z pan w chuj — vá pro pau.

— É a segunda vez que você mencionou meu pau — disse a ela. — Você por acaso está tentando me dizer que deseja me dar minha recompensa finalmente? Me tomar em sua garganta bem fundo?

— Co ti jebe? — você está louco? — Provocando a mim agora?

— Não estou provocando, mas estou determinado. Você vai me dizer o que há de errado com você. E não estou exigindo, entende? Estou simplesmente dando-lhe uma razão para querer me contar.

— Um truque muito sujo — ela tentou manobrar seus joelhos. Quando não teve sucesso, inclinou-se na queda d'água. Ele meramente a seguiu, ajustando sua boca ao redor de um mamilo e chupando, saboreando sua doçura.

As maldições pararam — até que ele parou.

— Chod materi do pice. Foda-se.

— Vou foder você... assim que me der o que eu quero. Igual por igual. Nada é de graça neste mundo.

Ela derreteu contra ele e passou os dedos pelos cabelos molhados dele.

— Você é um demônio diabólico... mas... mas... Oh! Por favor.

Por favor... sim... Ele sugou seu mamilo, enquanto uma vez mais roçava os dedos entre suas pernas... mas quando ela ofegou perto de cair da borda, ele forçou-se a parar.

Eternidade ganha.

Destruição batia em seu crânio — mais enquanto Katarina batia seus pequenos punhos nos ombros dele uma segunda vez.

— Sua decisão, Rina — ele urgiu. Sua mente estava tão enevoada com a excitação, todas as suas terminações nervosas gritando; não tinha certeza de onde encontrou forças para permanecer imóvel. — Fale ou fique exatamente... desse jeito.

Mais batidas antes que ela finalmente desistisse, enrolando os braços ao redor dele e descansando a cabeça contra o oco de seu pescoço.

Ofegante, ela disse:

— Eu tenho a moeda.

Ele enrijeceu. Bem, ele ficou mais rijo.

— Quando você a encontrou?

— Hoje. Alek a escondeu dentro do seu coração negro.

O único lugar que Baden não pensou em olhar.

— Minhas opções são limitadas. Usá-la para livrar você das regras de Hades. Salvar os cães da ira dele. Ou me tornar imortal e ficar com você. Eu posso ter um, mas não todos.

— Não há nenhuma decisão, krásavica. Enquanto eu usar as faixas, não posso me vincular a você. Não permitirei que caia sob o comando de Hades. Então deve usar a moeda para se tornar imortal e juntos salvaremos os cães — ele a teria para todo o sempre.

Vincos se formaram na testa dela.

— O que acontece quando as faixas são removidas?

— Não são removidas, mas absorvidas. Eu me tornarei filho de Hades. Uma adoção sobrenatural. Ele não machucará o que é meu.

Ela pareceu esperançosa, mas balançou a cabeça.

— Não posso confiar...

— Confie em mim — finalmente Baden se moveu, deslizando dentro e fora dela uma vez... duas vezes... antes de parar novamente. Ela se agarrou nele. — Prometa-me.

As garras dela arranharam suas costas, cada marca pungente.

— Farei o que acho ser melhor — dito isso, ela mordeu sua orelha e então, oh, então, ela virou o jogo, sussurrando todas as coisas que ele a fazia sentir, dizendo quão profundamente ela ardia por ele, como apenas ele podia satisfazê-la.

Como ele pôde pensar que esta mulher era inadequada para ele? Como pôde pensar que era fraca?

Dos dois, ela era a mais forte. Sem dúvida. Ela domesticou a fera. Tinha barganhado com Lúcifer. Ganhara a fidelidade de um bando de cães do inferno. Não havia nada que não pudesse fazer.

E havia uma coisa que Baden não podia fazer: ficar parado. Não mais.

— Rina — ele a riscou para a cama deles por que lá, com ela, estava em casa. Ele a alfinetou debaixo dele, seu eixo ainda enterrado profundamente até o cabo. — Vai enrolar suas pernas ao meu redor?

Assim que ela obedeceu, ele agarrou a cabeceira da cama e se retirou dela, mais e mais distante, até que quase deslizou pra fora, em seguida arremessou de volta. Repetiu a ação de novo, e de novo... movendo-se pra dentro e pra fora dela. Minha mulher. Minha para o prazer.

Cada impulso de seus quadris era uma promessa. Cada suspiro de seu nome era um novo laço entre eles. Um novo vínculo: um homem e sua mulher... um homem e seu maior tesouro.

Ao longo dos anos, Baden experimentou o pior que a vida — e a morte — tinham a oferecer. Ela fez tudo melhorar. Fez cada provação, cada batalha, valer a pena lutar.

Com o controle deslizando, ele prendeu as mãos dela acima da sua cabeça. Seus dedos entrelaçados. Ele diminuiu... e diminuiu seus impulsos... até que cada deslizamento para dentro durou uma eternidade sem fim, os quadris dela levantando tão alto quanto ela conseguia levantá-los para saudá-lo. O suor escorria por seus corpos e os mamilos dela provocavam o peito dele, a fricção deliciosa, como fósforos correndo sobre uma superfície dura. Chamas faiscando.

Sustentou o olhar dela, deixando a ternura que apenas ela provocava brilhar intensa e verdadeiramente sem impedimento.

— Sempre haverá algo, alguma razão para não estarmos juntos, mas nunca haverá um bom momento para viver sem você. Cuidarei de você, Rina. Nunca a machucarei, não novamente. E te mostrarei o mundo, meu mundo. Nosso mundo.

Lágrimas brotaram dos olhos dela, destruindo-o. Ele se acomodou de cócoras e retirou-se dela.

Gemendo, ela o agarrou.

— Vazio, volte.

Ele caiu de costas e a ergueu sobre ele. Quando ela o escarranchou, ele se recostou na cabeceira da cama e agarrou seu comprimento.

— Prove-me. Saboreie sua doçura como mel em mim. Veja o quão bom nós somos juntos.

Ela olhou para seu eixo como se ele tivesse acabado de presentear uma mulher faminta com um banquete.

— Você é safado, mas muito, muito sortudo, e eu também sou. Estou entusiasmada para dar sua recompensa.

Lentamente ela abaixou a cabeça. Quando o seu olhar bloqueou com o dele, ela sugou seu eixo em sua boca e moveu a língua debaixo da coroa. O leve raspar de seus dentes o fez silvar em agonia... e arrebatamento.

— Machuquei você? — Ela perguntou.

— Só dói quando você para.

— De igual para igual — ela disse e riu suavemente quando ele praguejou. Com outra chupada, ela o levou até a boca e deslizou cada vez mais baixo, até que o tinha dentro de sua garganta.

Ele agarrou sua nuca, os dedos enroscando em seus cabelos.

— Faz tanto tempo desde que tive isto — ele controlou um grasnar. — Mas nunca tão bom assim.

Um ronronar feliz vibrou ao longo de seu comprimento. Seu saco apertou.

— Mais forte Rina. Mais rápido. Por favor.

Ela obedeceu, sua mão entrando no jogo, apertando sua base enquanto a boca deslizava de cima para baixo, de novo e de novo, deixando a umidade, o calor e o desejo para trás.

— Você me chupando é tão bom — ele louvou. A fera ronronando no fundo de sua mente.

A mão livre dela afundou por baixo dele, suas unhas cavando em sua bunda. Indo e vindo...

Não. Não sem ela.

Baden beliscou seu queixo e ergueu a cabeça. Ela estava ofegante, seus lábios inchados, vermelhos e úmidos.

— Quero mais — ela disse, contorcendo-se para se livrar do aperto dele com toda a intenção de ajustar a boca sobre seu pau mais uma vez.

Minha mulher. Meu prêmio. Anseia meu gosto. Havia alguma coisa mais gostosa?

— Vou te dar mais — ele se sentou, segurando os quadris dela e girando-a ao contrário. Quando ele se inclinou contra os travesseiros a levou com ele, arrastando os quadris cada vez mais alto até seu peito, deixando um caminho de fogo líquido em seu rastro.

Quando o doce e meloso núcleo dela estava diretamente posicionado sobre seu rosto, ele murmurou rouco: — Faremos isto junto.

Entendendo, ela apoiou as mãos ao lado de suas coxas e chupou seu eixo de volta na boca ávida. Ao mesmo tempo, ele perfurou sua abertura com a língua. Os dentes dela cerraram em seu eixo, o prazer correndo por ele.

A urgência o encheu e a paixão o conduziu. Ele a lambeu e chupou. O doce mais doce, o melhor dos vinhos.

— Baden — a voz dela estremeceu. — Estou perto.

— Espere Rina. Não acabei com você — nunca vou acabar.

Ela se colocou em cima de seu comprimento em um frenesi enlouquecido, cada movimento forte e sujo, safado. Ele queria que durasse, queria isto, ela, para sempre, mas em segundos ela o empurrou para a borda da satisfação. Quando jorrou em sua boca rugindo de satisfação, ele perfurou seu núcleo com dois dedos e pressionou a língua no seu pequeno nó inchado. Quando chupou forte, o grito de prazer dela encheu o quarto. Eles despedaçaram e estremeceram juntos.

Quando estava esgotado, ela o lambeu preguiçosamente como se não tivesse conseguido o suficiente. Ele a pegou no colo e a encaixou ao seu lado. Seu coração ainda tinha que diminuir os batimentos. Contente em todos os sentidos. Duvidava que algum dia se recuperaria disso.

Um suave ronco de Destruição arrancou uma risada de Baden.

— Ashlyn me contou como ela e Maddox ficaram juntos — Katarina disse, traçando a ponta do dedo sobre seu peito. — Sei como todos os seus amigos se juntaram a suas mulheres, na verdade.

Baden alisou suavemente uma mecha de cabelo para trás de sua orelha.

— O que está tentando me dizer?

— Bem, no meio de toda história há uma coisa em comum. Eles sacrificaram algo um pelo outro.

Ele teve o mesmo pensamento uma vez. Sacrifício de amor.

Katarina olhou para ele.

— Baden... quero que você saiba... Eu te amo. Eu realmente amo.

Ele paralisou, a habilidade de respirar o abandonando. Uma vez pensou que ele e Katarina não teriam nenhuma fundação de verdade. O que, percebeu agora, era um absurdo. Ela era sua fundação. Sua única fundação.

— Krásavica...

Mas ela não tinha acabado.

— Não tenho certeza de como isto aconteceu nem mesmo quando. Tudo que sei é que deveria ter sido impossível. Meu captor se tornou meu bote salva-vidas.

— Eu am...

— Não. Não diga nada. Deixe-me terminar.

Ele franziu o cenho, mas assentiu. Ele a amava também. Amava-a com todo seu coração, todo o coração que ela reviveu dos mortos. Ele deveria ter percebido mais cedo. Sua possessividade. Seu desejo de estar com ela. Sua conexão com ela.

Ela era sua luz. Sua única esperança. A saída da escuridão.

— Você é forte, inteligente e honrado — ela disse. — E passei a aceitar que você sempre resolverá os problemas com seus punhos e às vezes com punhais. Você tem que fazer isto. Está em guerra. Mas há algumas coisas que não pode...

— Katarina, — ele disse, detendo-a. Ele aconchegou seu rosto, acariciando a pele sedosa com os polegares. — Você está...

— Entediado com esta conversa? Sim — a voz de Hades brutalmente assassinou o terno momento. — Além disso, achei que um literal olho por olho seria justo. Agora estamos quites.

Destruição acordou com um sobressalto e desejo de matar.

Baden ergueu-se na cama, lançando um lençol sobre Katarina, que colocou as mãos debaixo do travesseiro que tinha endireitado mais cedo.

Ele olhou para o rei.

— Você cometeu um erro vindo aqui deste jeito.

— O que vai fazer? Me espancar? Eu provavelmente gostaria disso. O que você não vai fazer? Renegar nosso acordo. Estou pronto para minha conversa com a garota.

Um barulho alto irrompeu da porta, como se tivesse acabado de ser atropelada por uma carreta. Tum, tum. A madeira rachou e se abriu, e dois grandes cães do inferno se projetaram pra dentro do quarto, seus olhares bloqueados em Hades, que olhou fixamente para eles em choque.

— É verdade então — ele disse, boquiaberto. — Meus cães de caça são...

Um estrondo ameaçador ergueu-se do par, não seu, nunca seu.

Hades estreitou seu foco em Katarina.

Envolta no lençol, ela se levantou, uma visão de força e coragem pouco disposta a recuar em face ao perigo.

— Eles são meus.

Hades virou seu olhar para Baden.

— Você tem cinco minutos para se vestir e levar a garota até minha sala do trono. Não vai gostar do que acontecerá se você se atrasar.



TRINTA E UM

“Mádestruição pode ser um bruto, mas ele é o meu bruto.”

— Katarina Joelle, recém-admitida entre os cães do inferno

O ESTÔMAGO DE KATARINA SE ENCHEU de ácido ao vestir uma camiseta e calças limpas, e com a moeda firmemente presa entre os dedos. Quando o belo homem de cabelos escuros — Hades — tinha surgido, inicialmente ela teve medo de que ele tivesse vindo pela moeda e que fosse querer arrancá-la antes que ela pudesse usá-la.

Mas não foi o que ele fez. Agora tinha de negociar com ele. Teria de usar a moeda, o que significava que teria que decidir o que importava mais. Já que Baden não odiava mais seus braceletes, poderia usá-la para se tornar imortal como ele queria, para que então pudessem dividir um futuro ou poderia usá-la para salvar os cães de uma vez por todas.

Baden vestia a habitual camiseta preta com calça camuflada antes de prender armas por todo o corpo. Ele segurou o pulso dela, olhando para a mão fechada que segurava a moeda — debatendo o que fazer? — antes de colocar as grandes mãos ao redor do rosto dela.

— Quero que se torne imortal — o tom de voz dele era firme, implacável. Que não tenha simplesmente tentado pegar a moeda à força... bem, provava o quanto ele confiava e a admirava.

— Eu sei — disse ela, suavemente.

Mas ele não tinha acabado.

— Eu te amo e preciso de você na minha vida. Sem você, não tenho nada. Sem você, não sou nada.

Eu sou a força dele, ela percebeu de olhos arregalados.

— Não quero pressioná-la ainda mais, mas sem você vou destruir o mundo e tudo o que há nele.

Ela emitiu um ruído misto de risada e soluço.

Era uma vez...

Ele é minha nova história.

Amor mudava tudo, não é mesmo?

Ela lhe deu um beijo gentil, um momento silencioso de comunhão.

— Eu amo você. Amo estar com você. Mas também amo os cães.

Quando ergueu a cabeça, Roar cutucou sua perna com o focinho.

Você vai até Hades, nós vamos até Hades.

— Não — ela negou com a cabeça. — Não gosto de pensar que estarão em perigo.

— Imagina como me sinto com a possibilidade de você estar em perigo — Baden começou.

Roar o empurrou pra fora do caminho, deixando claro que o guerreiro não era parte da conversa.

Hades sabe que iremos te seguir. Ele vai querer que você fique do lado dele e não vai se deter diante de nada até conseguir. Não concorde. Nossos ancestrais sangraram para se libertarem do jugo dele. Não vamos zombar do sacrifício com uma aliança.

— Ele foi cruel com eles antes de matá-los? Seus ancestrais, digo — quanta dor e sofrimento ele tinha causado?

Ele culpou a raça inteira pelos séculos que passou aprisionado.

Então, sim. Ele tinha sido cruel. Provavelmente mais do que ela jamais poderia imaginar.

— O homem que Hades é hoje não é o homem que era no passado — disse Baden. Ele não podia ouvir o cão, mas podia adivinhar o que foi dito baseado na resposta dela. — Há bondade nele. Eu senti, até mesmo vi.

E tinha passado a amá-la, ela pensou. Tinha passado a amar o próprio cara.

Seu companheiro está cego pelos braceletes.

Ou os cães estavam cegos pelo ódio.

Nós vamos com você. Acostume-se com a ideia.

— Tudo bem. Mas terei de segurá-los quando Baden me riscar até lá.

Roar lhe deu um olhar de *vai sonhando* e negou com a cabeça, com pulgas mortas caindo de seu pelo. Primeira providência quando ela voltasse: dar um banho na matilha inteira.

Eu me pergunto como eles irão reagir a isto.

Sei que você acabou de me conhecer, garota, mas com certeza até mesmo você consegue sentir o meu poder. Nós jamais precisaremos da ajuda do guerreiro.

Ótimo. Ela o ofendeu.

— Temos de ir — Baden a puxou para seu lado. — Aconteça o que acontecer, lembre-se de que te amo, que você está no topo de minhas prioridades e não vou permitir que ninguém — *ninguém mesmo* — te machuque ou aos cães.

— Eu te amo também — ela pousou a cabeça no ombro dele cheia de confiança, e ao passar o braço ao redor da cintura dele, riscaram até Hades.

Uma nova sala tomou forma — uma sala com um trono. A visão a deixou chocada e, antes que conhecesse Baden, poderia tê-la feito vomitar. Sangue manchava as paredes. Gritos soavam à distância. Havia uma pilha de cadáveres no canto. O cheiro pungente do que só podia ser enxofre feria seu nariz. E o próprio trono — feito de ossos humanos — era uma monstruosidade. Mas naquele momento simplesmente pensou: *Hades devia demitir seu decorador.*

O macho estava sentado naquele trono com uma expressão entediada, como se não tivesse arranjado aquele encontro. Um homem idoso usando uma túnica estava à sua direita e quatro guerreiros alinhavam-se à sua esquerda. Aqueles guerreiros eram bem parecidos com Baden: assustadoramente atraentes.

Cada homem na sala real olhava para ela, medindo-a dos pés à cabeça.

Ela soltou Baden para dar a eles uma saudação dupla com o dedo do meio.

Eles pareceram *achar engraçado*.

Roar e Werga apareceram na frente dela e o grupo parou de rir.

Hades inclinou a cabeça para os cães.

— Eu falei.

Os outros machos encararam com assombro — e talvez horror.

— Vamos direto ao que interessa — Hades abriu os braços em acolhida. — Você é Katarina Joelle e...

— Ela é minha — anunciou Baden. — Minha mulher.

— Eu sou Hades — o homem continuou como se não tivesse sido interrompido. — Tenho certeza de que ouviu falar de mim. Sou o rei do submundo.

— Quer dizer, rei *deste* reino — um dos homens corrigiu.

Hades apertou os lábios.

— Sim. Os homens à minha esquerda são reis em seus próprios domínios.

Cinco reis no total, aqui para testemunhar os próximos eventos. Maravilha.

— Bem, quem entre vocês é o mais forte? — perguntou ela. — É com ele que quero falar.

Desta vez, Hades *não* achou graça nenhuma.

— Você é espertinha, não é? Semeia a discórdia e espera nos observar lutar pelo título de mais forte, permitindo-lhe que saia incólume. Um dia nós lutaremos por este título, mas não hoje — ele se levantou, o grande corpo vestido em um terno italiano. — Ainda estamos esperando por...

Um brilho de luz a fez virar — e dar de cara com Pandora. A mulher usava um vestido de gala vermelho, a seda aderida às suas curvas como uma segunda pele. Seus cabelos pretos como a noite escorriam lisos emoldurando o rosto, um pouco acima dos ombros.

— Excelente — Hades anuiu, satisfeito. — Estamos todos aqui.

Katarina notou que um dos reis olhava para a guerreira com desejo indisfarçado.

Ela encarou Pandora. A mulher que a atacara sem motivo algum, que lutara com Baden e o traíra, mas que também lhe fizera companhia e o mantivera são durante os piores anos de sua vida — e morte. Eles se cumprimentaram com um gesto de cabeça cheio de um respeito relutante.

— Primeiro assunto da reunião — disse Hades. — O jogo. Meus jogadores estão empatados. O que vou fazer?

— Mate os dois — o mais alto dos reis disse.

— Entregue-os a mim — disse outro, seu olhar ainda fixo em Pandora.

Com passos curtos e estudados, Hades se afastou do trono. *Você percebeu a enormidade do presente que eu lhe dei?*

A voz dele... ele tinha falado dentro da cabeça dela, igual aos cães. E a julgar pela confusão nos rostos de Baden e Pandora, tinha falado dentro da mente deles também.

Não só um pedaço de mim, mas uma diferente versão de mim. Baden, o berserker. Pandora, cão do inferno. Ele deu um sorriso predatório à guerreira. Não pense que não andei reparando em seus hábitos alimentares. Mas embora eu vá permitir que ambos vivam, vocês terão de lutar pelo privilégio. Aqui e agora. Mostre quem é o mais forte, o mais corajoso. Ele — ou ela — terão a recompensa.

Ele estendeu as mãos para Katarina.

— Enquanto Baden e Pandora acabam um com o outro, você e eu iremos conversar, nos conhecer melhor.

— Não — Baden se postou à frente dela. — Eu falei. Ela é minha. Não vai falar com ela sem mim por perto.

Hades fez um gesto com a mão e Baden caiu de joelhos, onde permaneceu.

— Você vai lutar com Pandora, como mandei.

Ele expôs os dentes quando tensão repuxou sua pele. Estava lutando contra o impulso de obedecer? Pandora também? Ela tinha a mesma expressão dolorosa.

O coração de Katarina se encolheu dentro do peito. Ela pensou ter opções. Mas não. Não de verdade. Só podia confiar que Baden manteria sua promessa de proteger os cães...

— Tenho uma ideia melhor — anunciou ela. — Você liberta Baden e Pandora de seu controle. Sem machucá-los ou matá-los.

Hades riu. Assim como os homens próximos ao trono. Homens que eram assassinos. Tinham de ser. Tinham olhos mortos. Olhos que proclamavam: *eu tomo o que quero, quando quero, fodam-se as consequências.*

— Katarina — Baden falou entredentes:

— Não...

— Vou atender ao seu pedido — disse Hades a ela, ignorando Baden — se você concordar em viver aqui comigo... Com os seus cães do inferno.

Uma fileira de pelos eriçaram ao longo da espinha de Roar e Werga.

— Não — disse ela. — Você vai atender ao meu pedido por causa disso — presunçosamente jogou a moeda para ele.

Ele a pegou no ar sem desviar o olhar — e sorriu.

— Você encontrou.

Ela aquiesceu com um gesto de cabeça.

— Encontrei.

— Bem, odeio ser o portador de más notícias... Oh, a quem quero enganar? Eu adoro. Alguém te passou informação errada, querida. Provavelmente por que dei informação errada a todos que perguntavam sobre a moeda. Ela não concede qualquer desejo. Não concede nem mesmo um.

Não. Ele estava mentindo. Tinha de estar mentindo, tentando enganá-la. Forçá-la a ceder.

Baden agarrou a sua mão, puxando-a para baixo, para o lado dele, abraçando-a e sussurrando:

— Os cães vão te levar para algum lugar... qualquer lugar. Eu vou lutar com Pandora e vou te encontrar.

— Não. Não vou te deixar e não vou deixar você machucar sua... seja lá o que Pandora for pra você. Mas também não posso escravizar os cães. Não posso. Eles prefeririam morrer.

— Katarina — disse ele, com tom de voz grave. — Eu vou vencer. Vou exigir a recompensa. A segurança dos cães.

Sim, mas a que custo para sua alma?

Dedos afiados puxaram seu cabelo, puxando-a para cima. Ela gritou de dor. Baden e a fera rosnaram em uníssono. Os cães grunhiram.

Ela grunhiu e se virou para morder a mão de Hades. Infectando-o do jeito que tinha sido infectada? Ou o vínculo requeria pensamento consciente?

O rei a soltou, afastando-se dela.

Ela se ergueu em um pulo, perguntando:

— E o que é que a moeda *realmente* concede?

Ele esfregou a ferida que ela tinha acabado de causar.

— Uma chance de lutar, me matar e *tomar* minha coroa.

O estômago dela afundou. Lutar contra Hades? Como poderia sequer sonhar em vencê-lo?

— Não se atreva — Baden gritou para o macho. — Se encostar nela vou te matar.

— Se você apenas pudesse reforçar suas ameaças com ações — Hades disse a ele.

Roar e Werga foram para o lado de Katarina, esfregando-se em suas pernas para chamar sua atenção. Ela olhou para eles e viu o olhar confuso de Roar.

Ele esfregou o rosto contra o bíceps dela, os dentes arranhando, cortando sua pele e uma onda de tontura a atingiu.

Nós agora estamos vinculados a você pelo resto de nossas vidas — havia raiva no tom de voz dele. Ela os tinha metido naquela bagunça e eles não poderiam matá-la para se livrar daquilo.

Werga esfregou o focinho no outro braço antes de morder seu músculo. Mais tontura... mas foi acompanhada por força. Poder. Animalesco, selvagem e incontrolável. Um ardor nas extremidades de seus dedos pior do que antes. Pequenas garras cresceram nas pontas e não conseguiu contê-las. Dentro de sua boca os dentes se afiaram, partindo sua gengiva.

— O que está havendo? — Hades perguntou.

— Eles acabaram de... se vincular a ela? — um dos guerreiros do trono disse. — Espontaneamente?

Hades tentou forçar um vínculo antes de exterminar nossos ancestrais. Ele aprendeu logo que o vínculo não pode ser forçado.

Ela ouvia a voz de Roar agora de forma tão clara como se tivesse realmente pronunciado as palavras, sem filtro entre eles.

— Foi o que fizeram — disse Hades impassível. — Bem, Srta. Joelle. Aceito a moeda e o seu desafio. A dama pode escolher a arma. Se os seus cães se intrometerem, meus aliados vão decapitar Baden sem hesitar. Adoro o macho, mas aprendi a priorizar.

Ele ia lutar com ela?

Probabilidade de Ser Mordida: 100%. Sim, ela era briguenta e tinha lutado com garotos na escola, mas jamais tinha entrado em uma briga estilo vida ou morte. Como se derrotava um monstro?

— Não quero lutar com você.

— Que pena. O desafio foi feito assim que me jogou a moeda. Pode ficar parada se quiser. Ficarei feliz em cuidar de tudo sozinho.

Está bem. Não tinha escapatória. Ela tinha de derrotá-lo, apesar das probabilidades contra, e só. Os cães — assim como Roar e Werga — agora contavam com ela.

— Não — gritou Baden, lutando com toda sua força para ficar de pé. — Lute comigo. Eu vou ser o representante dela.

— Negado — Hades tirou a camiseta, revelando fileiras após fileiras de músculos, sua força mortal, as tatuagens estranhas. — Fique onde está, guerreiro.

Mais e mais cães do inferno pularam por uma cortina invisível e pousaram dentro da sala. Eles correram para rodeá-la, cada um deles a arranhando com dentes afiados antes de se afastarem dela.

A tontura já não era mais um problema. Estava forte demais para isto. Tão forte que não tinha mais certeza de como seu corpo podia contê-la, não sabia mais como não tinha se transformado no Hulk.

— Estou esperando — disse asperamente Hades.

Estava com ciúmes pela conexão dela com os cães?

— Escolho combate corporal — disse ela. Com as garras não sabia ao certo se conseguiria segurar uma arma.

— Não. Não! — Baden ainda lutava, forçando tanto que uma veia latejava em sua têmpora. — Não faça isto. Por favor.

Ela silenciou a voz dele. Foi preciso. Derrotar Hades salvaria seus cães, Baden e Pandora. Dois objetivos, uma luta. Sem problema.

Estava tão inundada de poder que a luta começou a parecer a melhor — ideia — do mundo. Ao dar um passo à frente, a luta de Baden aumentou insanamente e ela pode ouvir seus ossos se deslocando.

Não silenciou totalmente, afinal.

Foco! Deixe seus instintos te guiarem. Jamais sobreviverá se não fizer isto.

Maravilha. Ela se encontrou com Hades no meio da sala.

— Estou pronta.

— Quando decidir que não aguenta mais — disse ele, com um sorriso — só o que tem a fazer é ceder sua vida a meus serviços e a dor irá acabar. Até lá... — ele golpeou.

Palavras que Keeley certa vez disse a Baden encheram sua mente: *se tem dois braceletes e um imortal, quantos problemas ele irá enfrentar? Ouro. Óbvio. Porque o coração sangra segredos e cãezinhos têm garras.*

O problema — uma moeda de sangue aprisionada em um coração sangrento.

Então a situação de Pandora tomou o centro do palco. Em essência, ela também era cão do inferno. Igual à Katarina. Se Pandora estava vinculada aos cães, feri-la podia ferir Katarina. Talvez. Possivelmente. Ele não tinha certeza de como funcionava, só sabia que não queria correr o risco de ferir sua mulher. Nunca.

Então... Hades golpeou Katarina.

Sua mulher recuou pelo impacto. Baden rugiu alto suficiente para explodir um pulmão.

Me soltar, me riscar com ela para um lugar seguro, matar Hades.

Enquanto lutava contra a coação do rei, deslocou ambos os ombros e fraturou várias costelas.

Um Destruição frenético o ajudou.

Hades recuou o punho, pretendendo golpeá-la de novo.

— Não! — Baden gritou.

Tarde demais. Hades atingiu Katarina na cara. A linda e delicada Katarina voou pela sala. Quando pousou, rolou pelo impacto, chocantemente graciosa, e ficou de quatro como um animal.

Sangue escorria pelo seu rosto e outro rugido irrompeu pelo peito de Baden. Sabia que Hades não estava usando toda sua força; ele não estava rodeado por sombras. Mas não precisaria muito para matar uma humana. Mesmo uma reforçada por cães do inferno.

Preciso dar um fim nisso.

Ele sacou uma adaga e esfaqueou o ombro, readaptando seus planos.

Remover os braços, remover os braceletes. Atacar Hades com o que sobrar do meu corpo.

Hades operava no reino espiritual e humano. Baden, mesmo como espírito — o que ele seria sem os braceletes — seria tangível a ele.

Sombras se espalharam das marcas em seu outro braço, comendo a adaga, protegendo-se. Sem o seu corpo, elas perderiam seu hospedeiro.

— Mais? — Hades perguntou à Katarina.

Sem uma palavra, ela se lançou a frente e bateu contra ele. Não, não só bateu, despedaçou. Ela mordeu o pescoço dele e rasgou a traqueia. Quando ele caiu, ela cuspiu a cartilagem e tecidos ensanguentados no chão.

Baden parou. Destruição ofegou.

A doce Katarina tinha chance de... vencer?

O corpo de Hades já tinha se regenerado no momento em que caiu. Ele agarrou Katarina pelos tornozelos e a fez tropeçar. No momento em que *ela* caiu, ele estava ao seu lado, agarrando-a pelo cabelo e jogando-a para o outro lado da sala. Ela bateu na parede, rachando a pedra. Poeira esvoaçou pelo ar. Milagrosamente, ela não parou para recuperar o fôlego; simplesmente mergulhou para Hades rosnando enquanto mordia.

Esta é nossa mulher!

— Arranque os olhos e então a garganta! — Baden gritou com a voz duplicada, a fera tão determinada quanto ele a salvá-la.

Ela conseguiu arrancar um dos olhos de Hades antes dele conseguir jogá-la para longe. Ela só voltou em busca de mais. Ele a jogou de novo e de novo, mas ela sempre voltava. Vinha do alto, arranhando, mordendo o rosto e o pescoço dele; e vinha do chão, arranhando e mordendo seus tornozelos e pernas em uma quase bem sucedida tentativa de aleijá-lo. A ferocidade dela deixou Baden sem fala.

— Entregue sua vida a mim — Hades ordenou — antes de eu decidir acabar com você definitivamente.

— Não! — gritou Baden — Não faça isto — os cães do inferno iriam odiá-la e ela jamais se perdoaria.

Rosnando, ela pulou sobre Hades e arrancou sua orelha — com os dentes.

Sombras começaram a se erguer do macho e Baden sabia que elas iriam destruí-la. Nem mesmo os cães seriam páreo para elas.

Não. Não, não, não. Não posso deixá-la morrer. Não posso.

— Não deixe as sombras se aproximarem, Rina.

Baden empenhou cada pedaço de sua força restante em libertar-se. Preferia morrer a perder Katarina. Preferia sofrer eternamente. Preferia cessar de existir.

Amor por ela o consumiu, seu desejo de ajudar completamente suplantando o vínculo que o unia a Hades. Os braceletes em seus braços começaram a aquecer... e aquecer... queimaram sua pele... chamuscando e borbulhando. Afundando dentro dele. *Marcando-o.*

A dor! Sua pele cozinhando! Fumaça se ergueu dele, mas finalmente, abençoadamente, os braceletes desapareceram, deixando apenas as tatuagens para trás, e ele começou a esfriar.

Subitamente Hades jogou a cabeça para trás e rugiu para os caibros, como se tivesse acabado de ter um órgão removido. Ou um novo costurado dentro dele.

Katarina aproveitou-se de sua distração para despedaçar sua garganta de novo. Hades caiu, as sombras desapareceram, e Baden jogou-se entre os dois combatentes.

Sua garota glamorosa tentou tirá-lo do caminho, ainda atacando e rosnando para Hades, que ficou em pé, a garganta já voltando a regenerar.

O primeiro pensamento de Baden: *ainda estou tangível.*

Seu segundo: *acabe com ele.*

— Você pode até me matar — Katarina cuspiu para Hades, ainda tentando passar por Baden — mas vou te levar comigo.

Os dois estavam feridos e ensanguentados, roupas esfarrapadas e sujas. Ambos ofegavam.

— Chega — Baden disse, segurando a nuca de Katarina e puxando-a para seu lado. Quando Destruição miou, feliz por tê-la por perto, ele acariciou seus cabelos e sussurrou palavras de elogio em seu ouvido.

Gradualmente ela relaxou contra ele.

Os cães se alinharam ao lado dele olhando para Hades, talvez até evitando que ele voltasse a atacar.

— Confia em mim? — Baden perguntou a Katarina.

O olhar dela, agora cheio de uma riqueza de vulnerabilidades, encontrou o dele.

— Sabe que sim.

Alguém tinha de vencer a guerra com Lúcifer e ele preferia que fosse Hades.

— Se Hades aceitar nossos termos, você permite que ele viva? — ele queria matar o cara... e podia ser que ainda matasse... Mas melhor pender para o lado da precaução hoje. Eles sempre poderiam matá-lo depois.

Ela respirou fundo, lentamente exalando. E aquiesceu.

Baden a beijou na testa antes de encarar o rei.

— Não estou mais sob seu comando, mas vou continuar seu aliado na guerra contra Lúcifer. Em troca, você não vai ferir Katarina ou os cães. Não vai pressioná-los a ajudar à sua causa. Se eles te perdoarem pelo que fez hoje — e no passado — eles te perdoarão. Se não perdoarem, azar o seu. A escolha é deles. Você não vai ter a mim do seu lado de nenhum outro jeito.

Hades olhou para Baden com... orgulho?

Se ele gostou disso, espere até ouvir o resto.

— Você bateu na minha mulher e eu vou puni-lo por isto — seria sangrento e violento. Hades tinha *muito* pelo que responder. Mas isto aconteceria depois da guerra quando um inimigo pior tivesse sido derrotado. — Nenhum vínculo importa mais do que o vínculo que eu tenho com Katarina.

— Ei, Baden — chamou Pandora. — Me inclua nesta.

Não podia ajudá-la com os braceletes. Ela tinha de encontrar a própria força. Mas podia lhe dar *algo* .

— Você terá de dar um reino para Pandora governar — era tudo o que ela queria, o que esperava um dia ter.

Hades o chocou profundamente ao aquiescer.

— Será tudo como você pediu. Sua força mostrou seu valor... meu filho.

O que aconteceu depois, aconteceu rapidamente. Katarina podia sentir o gosto de cobre em sua boca, podia vagamente lembrar o que tinha feito e como tinha violentamente atacado Hades a mordidas, então estava um pouquinho despreparada para o sorriso que ele lhe deu.

— Você ganhou sua imortalidade, garota. Mais do que isso, tem a força para suportá-la. Pippin — ele bateu palmas.

O idoso de túnica removeu vários pedaços da pedra de sua tábula que entregou à Hades. Ela pensou... pensou ter visto um jovem maravilhoso debaixo daquelas rugas. Talvez tivesse afrouxado algum parafuso na luta.

As pedras entraram em combustão, as cinzas flutuaram, flutuaram na direção de Katarina, e então estavam lá, em seu rosto, e tudo o que pôde fazer foi aspirá-las.

Uma onda de tontura a atingiu, mais forte do que todas as outras combinadas. Quase a derrubou, mas Baden a apertou mais, evitando sua queda. Ela gemeu e os cães gemeram com ela, cada um deles cambaleando como se estivessem bêbados. Eles estavam se tornando imortais também, devido ao vínculo?

E ela era imortal *a partir de agora mesmo*? O fato de ter inalado aquelas cinzas tinha mesmo transformado o seu DNA?

— William vai me odiar por isto — disse Hades — Mas você, Katarina Joelle, vale o risco. E sim. Isto significa que vou permitir que fique com Baden. De nada.

— Você não manda em mim, *kretén*, e jamais irá mandar. Mas agradeço o voto de confiança — até que enfim!

— Ela é Katarina Lord agora — Baden proclamou. — Eu a reclamo como esposa.

Talvez aquilo tivesse sido suficiente para torná-la imortal, do jeito que Ashlyn tinha se tornado imortal devido ao seu vínculo com Maddox, mas provavelmente não. Maddox nunca tinha sido um espírito dominado por braceletes.

E nem Baden era. Não mais.

Ele olhou-a profundamente nos olhos.

— Se me aceitar.

Seu amor por ele era uma coisa selvagem e ainda assim, tão puro quanto neve recém-caída. Negá-lo teria sido equivalente a negar alimento a seu corpo.

— Eu aceito.

Ele a brindou com um sorriso radiante, tão brilhante que fez seus olhos se encherem de lágrimas.

Será que o choro *um dia* iria parar?

Hades pigarreou.

— Você, Katarina Lord, irá ajudar a consertar o estrago que eu criei com os cães há tantos séculos.

Nunca.

Roar arranhou o chão com as patas.

— As coisas que fez com eles — ela começou.

— Não valem a pena nem serem mencionadas — Hades acenou uma mão pelo ar. — Eu simplesmente acabei com todos os ancestrais deles... ou pensei ter acabado... depois que eles mataram o meu... bem. Não importa mais. Passado é passado. Marchamos em direção ao futuro.

Um grunhido se ergueu dela. Tão insensível.

Eu vou...

Baden colocou-se à sua frente, encarando o olhar de seu... pai. Desviando a atenção dela.

— Eu quero a semente da Corrupção removida.

Hades protestou, mas Baden meneou a cabeça, inflexível.

— Está bem — Hades agarrou os seus braços e as sombras deslizaram para fora dos braços de Baden para se enrolarem nos pulsos de Hades.

— Obrigado — Baden encarou Katarina. — Vamos ver como o seu irmão está, *krásavica*.

Ela suspirou. Sabia o que ele estava fazendo e ia deixá-lo fazer. Não haveria mais lutas. Pelo menos, não hoje.

— Sim. Vamos.

— Depois vamos para casa.

— Para o Reino dos Esquecidos? — Onde o massacre de Alek e seu exército tinha ocorrido. Onde... alguém mais vivia. Qual era o nome dele?... Dela?

— Não. Para a casa dos meus... dos nossos... amigos. Quero dividir nossa felicidade com eles. Você está feliz, não está?

Ela o enlaçou com os braços.

— Mais do que imaginei ser possível, *pekný* — ele era o começo de sua história e também seria o final. *Uma história com final feliz.*

Era uma vez... e felizes para sempre.



EPÍLOGO

BADEN RECLINOU-SE ao lado da lareira com um copo de uísque na mão, observando enquanto sua bela Katarina ensinava aos filhos de Maddox como brincar adequadamente com os cães do inferno. O grupo inteiro tinha se mudado para uma nova fortaleza — uma localizada em Budapeste, como a outra, mas mais alto nas montanhas escondida por uma infinidade de árvores.

Torin pagou aos antigos proprietários uma fortuna para que se mudassem imediatamente.

Os Senhores já estavam construindo novas memórias aqui.

Na noite anterior, Katarina tinha dado um banho na matilha inteira dos cães do inferno. Os animais protestaram audivelmente, mas ela disse a eles que não poderiam entrar na casa até estarem limpos e sem pulgas. Ela tinha ficado no quintal com a mangueira e um a um os cães permitiram que fizesse seu trabalho.

Uma visão divertida que Baden jamais tinha contemplado. Cães que aterrorizavam o mundo pela sua força, coragem e desejo de devorar seus inimigos — e os amigos — tremiam enquanto uma pequena fêmea esfregava-os com xampu.

Sua vida era mais do que ele algum dia sonhou ser possível, ainda que nem tudo tivesse saído do jeito que gostaria. A guerra no submundo ainda se desenrolava e só estava esquentando. Cameo não dera mais notícias. William não tinha voltado à fortaleza, mas ouviram dizer que ele tinha ido atrás de Puck até sua terra natal.

O irmão de Katarina tinha sobrevivido ao pior da desintoxicação e estava a caminho da recuperação. Ele tinha pedido desculpas pelas coisas horríveis que tinha feito a ela e aos cães, e Baden sabia que ela tinha começado a ter esperança nele e na relação deles, mas assim que foi libertado da masmorra, ele saiu para comprar heroína. Katarina tinha pedido a um dos cães para segui-lo e protegê-lo, mas em seu coração, tinha desistido dele.

Depois de ter se livrado de seus próprios braceletes, Pandora tinha optado por viver no submundo com Hades para lá construir seu reino. Baden se perguntava se ela tinha ficado por causa da afeição pelo pai... ou pela atração por um dos outros reis. Ela tinha segredos que não compartilhava com ele... seu irmão.

Será que um dia se acostumaria a este termo?

Maddox sentou-se na cadeira ao lado dele.

— Bem, meu amigo. Posso dizer que aprendeu sua lição. Não importa o quão sombrio e doloroso seja o presente, o futuro pode ser brilhante. Você só precisa aguentar e esperar.

— Este não é um momento de cartão de Natal — Baden mostrou o dedo médio, recebendo de volta uma risada. — Não importa o quão calmo seja o presente, o futuro pode ser tempestuoso.

Seu amigo ficou sério e aquiesceu.

— Hades e Lúcifer ainda estão alinhando seus jogadores.

— É questão de tempo até eles terminarem e o verdadeiro combate começar.

Maddox estendeu o braço e deu tapinhas em sua mão.

— Nosso lado irá vencer. Então iremos ajudá-lo a punir Hades por ter batido em Katarina.

O peito de Baden se apertou.

— Você é um amigo melhor do que mereço.

— Aprendi com o melhor — Maddox disse e, por um momento, Baden foi transportado de volta aos dias no céu. Quando um exército de Titãs emboscou os soldados reais encarregados da guarda de Zeus.

Maddox tinha sido ferido imediatamente, uma miríade de lanças e flechas penetrou seu peito e transpassou até as costas. Mais lanças e flechas caíram, prontas para atingir o restante deles. Baden podia ter corrido para se proteger, mas correria até Maddox e o tinha carregado para fora de lá.

— Recuperamos os artefatos — disse Maddox. — Vamos continuar a busca por Cameo, Viola, a Caixa e a Estrela da Manhã.

Só então seus amigos poderiam se libertar de seus demônios. O objetivo final.

Galen entrou na sala, olhando firme para Baden.

— Acha que pode esquecer o nosso acordo, seu cuzão? — Suas asas estavam maiores do que antes e arqueavam-se sobre os ombros, brancas como a neve. — Eu quero meu encontro.

— Você prometeu sair com ele? — Maddox golpeou Baden no braço. — Boa sorte com isto. Katarina não vai gostar.

— Katarina vai exigir que eles se beijem na frente dela... de língua — a garota em questão gritou.

Baden se levantou. Não estava surpreso por Galen aparecer. Só estava surpreso por Galen não ter aparecido com Fox ao seu lado. A garota não parava de mandar mensagens de texto para Baden com perguntas sobre o demônio da Desconfiança.

Como eu sei o que é instinto e o que é paranoia do demônio?

Está tramando contra mim? Diga a verdade...

O demônio me faz parecer gorda nestes jeans?

Esta manhã, depois de um pouco de incentivo de Katarina — *você precisou de ajuda com Destruição, provavelmente teria morrido sem mim e agora ela precisa de ajuda com Desconfiança. Faça sua parte* — ele tinha finalmente cedido e concordado em ser o mentor de fox.

— Vamos dar um passeio — disse a Galen.

Ao saírem da sala de estar, Baden olhou para Katarina e soprou um beijo.

— Para de me enojar — Galen empurrou-o porta afora. — Comece a falar.

O ar gelado soprou sobre seus braços sem braceletes.

— Aeron se recusa a me dizer onde Legião está atualmente.

— E daí?

— Daí — Baden completou — que minha esposa por acaso é a líder dos cães do inferno.

— Eu sei, eu sei. Ela é maravilhosa e você é o imortal mais sortudo na história do universo. O que tem a ver o cu com as calças?

— Os cães rastrearam o paradeiro de Legião.

Parando abruptamente, Galen o agarrou pelos ombros e o sacudiu.

— Diga.

— Primeiro precisa fazer um juramento. Não pode feri-la...

— Não volte a me insultar. Eu *já* nunca a machucaria. Ela é para mim o que Katarina é para você.

Diante disso, Baden acreditou nele. O cara estava completamente apaixonado.

Baden deu a localização. Galen pulou no ar um segundo depois — e não voltou a pousar. Suas asas o levaram para as nuvens.

Biscuit e Gravy vieram correndo por uma curva, disparando direto para Baden. Eles pularam nele, e se fosse um homem mais fraco teria caído. Uma Katarina sorridente corria atrás deles.

— Eles não queriam deixá-lo desprotegido — disse ela quando a tomou nos braços.

— Agora eles gostam de mim?

— Nem um pouco. Mas eles me amam.

— Igual a mim — enquanto os cães perseguiram os próprios rabos e executavam círculos ao redor deles, Destruição esfregou-se no seu crânio, desesperado para pôr as mãos nela. — E a fera.

Ela correu a ponta dos dedos na testa dele.

— Ele precisa de mim?

— Nós dois precisamos — Baden se inclinou e jogou Katarina nos ombros. — E vamos possuí-la. Talvez até você gritar.

Ela riu o caminho todo até o quarto deles atraindo piscadelas e piadinhas por parte dos amigos, mas quando a jogou no colchão, ela estava ofegando.

— Eu geralmente mantenho as aulas de treinamento curtas e doces — disse ela — mas com meu doce Mádestruição... acho que vou estendê-la por várias horas.

— Oh, não, *krásavica*. Vai durar a eternidade toda. Não vou aceitar nada menos.

SENHORES DO SUBMUNDO

GUIA DE INFORMAÇÕES PRIVILEGIADAS

Caro Leitor,

ESPERO QUE ESTEJA PRONTO para uma dar espiada por trás da cortina dos Senhores do Submundo. Quando Katarina pediu a Baden um Guia de Quem é Quem no Submundo, bem, o guerreiro grande e malvado exigiu que eu me encarregasse disso. Tudo bem. Como se eu existisse simplesmente para fazer as vontades dele. E não vivo. Sério! Quando ameacei ir embora — dando uma de Katarina — ele riu. E então tirou a camisa. Daí eu disse: — E para quando quer o guia completo? — a resposta dele: — Para ontem. — Desta forma, eu me tornei uma mulher com uma missão, determinada a trazer a ele — e a você — o mais recente quitute dos sombrios e sensuais guerreiros imortais e sua coleção de “minhas”. Sem mencionar seus numerosos inimigos e a guerra que se avizinha.

Aviso! Aviso! Se você odeia sensualidade alfa, pare de ler aqui. As coisas estão a ponto de ficarem QUENTES.

Com amor,

Gena Showalter

QUEM É DE QUEM?

*Maddox foi o primeiro a cair, entregando seu coração a Ashlyn.
O sacrifício da bela quebrou a maldição e inteligentemente derrotou o vilão.*

*Com apenas uma dança, Lucien foi fígado pela selvagem Anya
e “você pertence a mim” tornou-se seu mantra favorito.*

*Reyes voltou os olhos para a proteção de Danika,
e não demorou muito antes dos dois começarem sua sombria sedução.*

*Sabin resgatou Gwen e obsessão logo cresceu
e agora não há nada que os dois não façam um pelo outro.*

*O sensual Aeron ensinou o pecado à inocente Olivia
e no processo aprendeu como era vazia a vida que uma vez teve.*

*Gideon e Scarlet compartilhavam um segredo equivocado do passado,
e logo perceberam que o seu amor era algo que jamais seria superado.*

*Amun deu a Haidee o pior de seu ódio,
mas logo o conquistou... afinal, ela é sua companheira.*

*Strider tentou ignorar Kaia e o queimar da luxúria em seu sangue,
mas amor pela ruiva o correu através dele como sangue nas veias.*

*Paris queria Sienna, mas tentou resistir...
resistência que derreteu a primeira vez que se beijaram.*

*Kane era para se casar com a maior inimiga de Josephina,
mas Josephina o conquistou no primeiro olá..*

*Quando Torin e Keeley se conheceram, eles quase caíram na porrada,
mas não passou muito tempo antes deles rasgarem as roupas um do outro.*

*Baden não pôde se proteger do doce coração de Katarina,
e agora ele jura que eles jamais vão se separar.*

*O que acontecerá em seguida com os Senhores nós realmente não podemos dizer,
mas com Cameo, William e Galen por aí, preparem-se para muita loucura...*

O DIA MAIS SOMBRIO

Antes de me sentar para escrever O Tormento mais Sombrio, rascunhei uma cena para 1) voltar a mergulhar no universo dos Senhores do Submundo, 2) eu mesma (e os leitores) saberem o que tinha acontecido desde o lançamento do livro do Torin, O Toque Mais Sombrio, e 3) assistir ao sexy Maddox dar um murro ou doze. O que? Eu fiz isto por ele. Ele precisava extravasar um pouco. Enfim, "O Dia Mais Sombrio" é esta cena. Espero que gostem!

Poucos dias depois do retorno de Baden

MADDOX ESMURROU o saco de pancadas tão rápido e com tanta força que a corrente se soltou do teto, o couro rasgo, e a areia se derramou quando o saco voou para o outro lado do ginásio. *E-e-e-e lá vai mais um.* Praguejando, arrancou o que restava da fita que cobria o nó de seus dedos. Precisava achar um outro jeito de extravasar. Hoje só tinha conseguido suar. Gotas escorriam por seu peito ao se virar para o amigo Strider, que corria na esteira.

— Bata em mim.

Franzindo o cenho, Strider tirou os fones do ouvido.

— Desculpe? Quer que eu *bata* em você?

— Sim, por favor. E faça doer.

— Quer dizer que gosta de dor. Está bem, mas o que acontece no ginásio, fica no ginásio — apertando um botão, Strider desligou a esteira e baixou a inclinação. — Seu pai é padeiro? Por que é um verdadeiro pão.

Maddox levou um momento para processar as palavras que tinha acabado de ouvir. Será que tinha ouvido errado? Arqueou uma sobrancelha para o cara.

— Está brincando?

— Espere. Tenho uma melhor — Strider pigarreou. — Você é mágico? Por que quando olho pra você, o resto do mundo desaparece.

— Uau. Você não está brincando, mas você é um idiota. Sabe disso, não sabe? Eu queria — quero — que você me usasse como saco de pancada. Me atinja com seus punhos, não com seus supostos galanteios masculinos.

— De jeito nenhum vou bater em você — Strider pegou uma toalha do suporte na parede e enxugou a nuca. — Ashlyn me puniria substituindo o delicioso recheio do Oh-tão-delicioso Oreo com pasta de dente. De novo.

— Bem. Vou substituir seus dentes com meus punhos se recusar.

— Você vai fazer isto de qualquer jeito.

Ele não estava errado.

— Além disso — completou Strider — sua esposa é mais assustadora do que você.

Novamente, ele não estava errado. Ashlyn parecia um anjo, mas em se tratando de proteger seus entes queridos, tinha o temperamento de uma horda de demônios.

— Preciso de uma boa briga — a ânsia por ferir e ser ferido vinha invadindo Maddox com maior frequência ultimamente e temia o que poderia acontecer caso surtasse. Qualquer um que fosse mais fraco do que ele — tipo, *todo mundo* — estaria em perigo.

Ele carregava o demônio da Violência dentro de seu corpo, e o demônio estava mais faminto do que nunca. Morrendo de fome. Ele até zumbia de antecipação alegre, como se sentisse algo que Maddox não sentia — perigo iminente.

Como guardião da Derrota, Strider garantiria que Maddox — e por consequência, Violência — experimentassem nocaute total. Por que se Strider perdesse, *ele* sofreria um nocaute total. O pior do pior para um cara como ele. Quando estava inconsciente, qualquer um podia acabar com ele, fazendo-o sofrer mil vezes mais.

Eu sou o pior, Maddox não devia ter pedido ajuda a ele.

Com um rugido de frustração, Maddox correu para o finado saco de pancadas e o chutou... direto para o peito de Strider, fazendo o cara cair de bunda. *Oops*.

— Foi mal.

— Bem, eis algo que já posso tirar da minha lista de coisas a fazer antes de morrer — Strider disse secamente. — Passeio no saco de areia voador.

— Desculpe — Maddox pulava de um pé para outro, mais agitado a cada segundo.

Sabin, o guardião da Dúvida, e Reyes, o guardião da dor, entraram no ginásio, parando abruptamente ao ver Maddox praticamente soltando fumaça pela boca e Strider, que tinha se livrado do saco e agora estava em pé sobre uma pilha de areia.

Tanto Sabin quanto Reyes sorriam de antecipação.

— Vim malhar, mas meus sentidos aguçados dizem que tem algo melhor acontecendo aqui — Sabin esfregou as mãos. — Alguém precisa de uma antiquada briga de socos?

— Sim. Vamos começar com você — o cara estava ao alcance de um golpe. Maddox lançou o braço com força considerável. *Crack!* Seu punho bateu no maxilar de Sabin,

mandando o cara cambaleando para o lado. No momento do impacto, o ténue controle que Maddox mantinha se rompeu. Ele — se libertou — totalmente.

Ele golpeou e chutou, e Sabin e Reyes devolveram cada golpe. Ele jamais desviava, aceitava cada golpe como algo que lhe era devido. Quando os móveis se punham no caminho, ele destruía.

Não pode vencer. Pare. Pare agora.

O demônio de Sabin sussurrava dúvidas em sua mente. Maddox riu e deu um soco tão forte que quebrou o pescoço de Sabin.

Oops de novo.

Não era a primeira vez que eles lutavam de forma tão extrema e não seria a última. No entanto, geralmente era Sabin quem quebrava o pescoço de *Maddox* tentando interromper o seu surto. Hoje, com a escuridão guiando seus atos, Maddox não tinha certeza se *era possível* ser detido.

Além disso, o cara se regeneraria... em alguns dias.

Reyes lhe deu um golpe violento na garganta. Um golpe traiçoeiro. Mas também bem-vindo. Enquanto ofegava em busca de ar, Strider pulou em suas costas e lhe deu um golpe nas têmporas. Ao cambalear devido ao impacto, Reyes o mandou para o chão ao dar uma rasteira nele. Quando chegou ao chão, mais dois tinham se juntado à briga. William, o Sempre Excitado e Cameo, a guardiã da Miséria.

Bem, bem... Uma festa de coturno.

Enquanto diferentes membros do grupo se alternavam chutando-o, o demônio cantarolava de felicidade. Isto. Isto era o que ele ansiava.

Cameo pressionou a bota em sua garganta.

— Já chega?

— Ainda não — as palavras estavam engroladas, os lábios e a língua maravilhosamente inchados.

— Deixa eu ajudar com isto — William o montou na altura da cintura e sorriu para ele. — Quer ação, cabeça de merda? Eu vou te dar ação. Que pena que não vai gostar — ele golpeou, o punho de alguma forma penetrando a pele, músculo e ossos e alcançando o espírito de Maddox, chegando até o demônio.

Talvez *fosse possível* Maddox ser detido. Guinchos de dor soaram em sua mente até que a escuridão o engoliu por completo...

O que pareceu somente um segundo ou dois mais tarde, vozes o acordaram. Água se acumulava ao redor de seus ouvidos, então não conseguiu decifrar as palavras. Piscou para abrir os olhos, balançou a cabeça — bom, movimento. Ao rolar os ombros e dobrar as pernas

para verificar se ainda mantinha controle sobre elas, a água — não, sangue, percebeu — escorreu de seus ouvidos.

— ... está havendo com todo mundo? — perguntou Paris, o guardião da Promiscuidade.
— A gente finalmente tem Cameo e Baden em casa, e igual à ontem de manhã, Cameo não tem lembrança alguma do tempo que passou longe da fortaleza, e Baden, o Cavaleiro do Olimpo, se transformou em um filho da puta frio como gelo. Ele está fodendo com mulheres como não houvesse amanhã e cara, o humor dele está piorando a cada dia. Ele está deixando até mesmo Maddox no chinelo.

Algo choveu sobre Maddox, e a julgar pelo cheiro, achou que era pipoca.

Ele se sentou, lutando contra uma rodada de tontura. Para seu deleite, Violência estava quieto.

Olhou ao redor do ginásio. Cada equipamento tinha sido destruído e havia uma porção de novos buracos em cada parede. Notou que a maior parte de seus amigos estavam reunidos ali. Mas as esposas e filhos não estavam à vista. Lucien, guardião da Morte, devia tê-los riscado para longe da fortaleza assim que começou a briga antes de voltar sozinho para esperar que as coisas se acalmassem.

Mesmo Galen estava ali. Antes o inimigo odiado, agora inimigo tolerado, estava de lado observando os outros interagirem, trazendo no olhar algo próximo de inveja.

Maddox o ignorou. Era isto ou matar o cara. *Posso ter perdoado seus crimes, mas não esqueci dos resultados.* Ele se concentrou em Cameo.

— Perdeu a memória? — Não seria a primeira vez. De fato acontecia sempre que ela experimentava um momento de felicidade.

Ela pegou um punhado de pipoca da tigela do colo de Torin e disse:

— É.

Uma palavra e ele se encolheu, todos os pesares do mundo irradiavam daquela voz. O que quer que tivesse se sobreposto à tristeza do demônio, mesmo por um momento, bem, devia ter sido um milagre.

Maddox se levantou e passou por cima do ainda inconsciente Sabin para pegar um punhado de pipoca para si mesmo.

Torin ergueu a tigela, afastando-a de seu alcance.

— Cara! Estou farto de dividir com vocês. Bando de cuzões ingratos. Meu tipo menos favorito de cuzões! Vão fazer suas próprias delícias amanteigadas!

— Está bem. Eu vou — Maddox pisou nas bolas do cara, usando-as como escada para alcançar toda aquela “delícia amanteigada”. Ao invés de pegar um punhado de pipoca, pegou a tigela toda. — Já estou com a minha.

Torin lhe deu um soco na coxa com a mão enluvada.

— Filho da puta — como guardião da Doença, ele podia desencadear uma epidemia mundial mortal somente por tocar outro ser viv, com contato pele com pele. Felizmente, tinham descoberto uma cura há algumas semanas que tinha dado a todos eles uma nova sensação de liberdade.

Maddox voltou a afastar a tigela quando Cameo estendeu a mão para mais um punhado, rosnando:

— Minha!

Ela sorriu sem humor.

— Quer que eu te faça soluçar tão intensamente que perca o apetite?

Estremecendo, ofereceu um pouco a ela.

— Aqui. Coma e *pare de falar*.

Baden entrou na sala, cada passo medido e decidido. Ele era um dos mais altos e mais musculosos entre eles, com cabelos vermelhos escuros e um rosto que Cameo gostava de chamar de “belo como Jamie Fraser”; antes hospedava o demônio da Desconfiança e, apesar disso, costumava ser legal. Como Paris disse, o Cavaleiro do Olimpo estava virando um filho da puta.

Baden raramente estava sem um esgar que prometia dor e derramamento de sangue.

Filho da puta miserável. Em termos de infelicidade, ele estava atualmente quase pior do que Cameo. Muitos anos atrás, ele tinha sido decapitado e seu espírito enviado a um reino prisão. De alguma forma, os braceletes que trazia nos braços o tornavam tangível aos vivos.

Ele inclinou a cabeça para o lado.

— Eu finalmente volto dos mortos e vocês transformam minha casa em um buraco de merda?

Quase todo mundo na sala respondeu brincando.

— De nada.

Filho da puta ou não, ele ainda era um irmão por circunstância e eles o tratavam como tal.

— Típico — Baden tropeçou em uma boneca inflável e ergueu a beldade de plástico para que todos vissem. — Foi Paris quem chamou a stripper?

— Lola! — Paris puxou a boneca para um abraço exagerado. — Por onde andou, garota? Por que não atende minhas ligações?

Aeron, o antigo guardião da Ira, agarrou a boneca e a jogou para o outro lado da sala como uma bola de praia.

— Provavelmente porque sua esposa apunhalaria sua preciosa Lola com uma faca de açougueiro. Por outro lado, minha esposa a remendaria e eu acabaria tendo de adotar outro membro da família.

Ali, bem ali, estava a diferença entre estar casado com o atual guardião da Ira — a esposa de Paris — e um anjo de verdade — a esposa de Aeron.

Enquanto todo mundo ria, Maddox se deparou com o olhar sombrio de Baden. O cara indicou o corredor com um sutil gesto do queixo. Compreendendo, Maddox acabou com a pipoca e jogou a tigela vazia para Gideon, guardião das Mentiras.

— Faça mais — ordenou Maddox.

— É — Lucien chutou Gideon pra fora da cadeira.

— Não se preocupem — o punk de cabelos azuis lhes deu o dedo do meio simultaneamente. — Não vou cuspir nos milhos.

Gideon não conseguia falar uma palavra de verdade sem sofrer dor agonizante, então Maddox entendeu a verdade não dita. Haveria uma cobertura especial nos milhos — exatamente o que ele esperava ouvir. Ou não ouvir. Que fosse!

— Está bem — disse ele, resmungando — eu faço mais— foi para a porta batendo ombros com Baden no caminho. Seu amigo enrijeceu, até silvou pelo contato, e Maddox franziu o cenho. — Por que não finge ser útil e me ajuda?

— Uau. Precisa de dois caras para fazer um microondas funcionar? — perguntou Cameo.

Gemidos e grunhidos soaram. A garota podia estar contando a piada mais engraçada do mundo, ainda assim, todo mundo ao seu redor sentiria vontade de golpear os tímpanos com um lápis.

Baden seguiu Maddox pelo corredor, mantendo distância entre eles para evitar mais contato.

Assim que os outros estavam fora do alcance, Maddox disse:

— Qual o problema?

— Uma pergunta mais fácil de responder seria qual *não* é o problema.

Já passei por isto.

— Por que não começa com a razão pela qual range os dentes cada vez que alguém te toca?

Baden correu as mãos sobre os braceletes em espiral que agora circulavam seus bíceps. Foram presente de Hades, rei do submundo.

— Passei vários milênios sem ter contato com outra pessoa. Sim, Pandora estava comigo no outro reino, e sim, lutávamos constantemente, mas raramente nos tocávamos. Agora minha pele parece ter cada terminação nervosa exposta.

Está bem. Até que fazia sentido.

— Mas você tem feito sexo como um desenfreado e...

— Só uma parte de minha anatomia precisa tocar uma mulher — exclamou Baden — e com um preservativo não existe contato pele com pele. Além disso, o prazer vale a agonia.

Maddox considerou as coisas que faria para penetrar Ashlyn. Na verdade, o que *não* faria? Com ela, qualquer quantidade de prazer valeria qualquer quantidade de agonia.

— E seu novo temperamento? — perguntou ele.

Baden baixou a cabeça.

— Não sou mais possuído por um demônio, mas sinto uma presença maléfica dentro de mim.

— Por causa dos braceletes?

— Isto ou algo foi feito durante meu tempo na prisão de Lúcifer. Como Cameo, minha memória está falhando.

Lúcifer era o pior dos piores, o mal em sua forma mais pura, e certamente capaz de fazer algo terrível a Baden.

— Livre-se dos braceletes. Volte ao mundo espiritual. Podemos encontrar outro jeito de trazê-lo de volta — mesmo enquanto dizia isto, a negação gritava dentro de sua mente. *Acabamos de recuperar nosso amigo. Não podemos perdê-lo.*

— Não consigo. Já tentei.

Alívio o invadiu, assim como medo. Baden queria partir?

— O mal é constante ou você consegue identificar o que o desencadeia?

— Definitivamente existem gatilhos que mudam o meu humor, que está piorando a cada dia que passa. Esta é a principal razão para eu querer falar com você. Como controla o seu?

Maddox riu sem humor.

— Não controlo. Não mais — e agora que pensava nisso, o que Baden estava lidando podia ser a raiz da causa do seu próprio problema. O mal alimentava o mal, afinal. Quanto mais consumia, mais queria.

Aquela iminente sensação de catástrofe...

Se o mal se apossasse de Baden... É, *todos* eles estariam em perigo. Em mais de uma maneira.

O cara teria de ser trancafiado. Para seu próprio bem, sim, mas também para a proteção do resto do mundo. E se não funcionasse, teria de ser morto. De novo. Nenhuma das duas opções agradava a Maddox.

Os pensamentos de Baden deviam ter tomado rumo semelhante.

— Não sei o que eu trouxe para dentro da sua casa. Talvez eu devesse ir embora da fortaleza. Posso estar colocando vocês e suas famílias em perigo.

— Não é minha casa, é nossa casa. Você fica — as palavras saíram de Maddox com a força de uma bola de canhão. — Nós finalmente o recuperamos. Não podemos perdê-lo de novo. Seja o que for que estiver acontecendo com você, vamos resolver. Juntos. Vamos *combater* isto juntos.

Silêncio.

Ele suspirou.

— Enquanto isso, já tentou respirar fundo?

— Não. Por que eu sou um estúpido — Baden respondeu bruscamente. Ele parou para socar a parede, poeira esvoaçou pelo ar enquanto rachaduras se formaram na pedra. — Desculpe. Sinto muito.

Por favor. Como se ele não fizesse ainda pior.

— Não se preocupe com isto.

Eles desceram as escadas e pegaram a direita, entrando na cozinha.

— Tem uma coisa que sempre me ajuda, não importa o quão surtado eu esteja — disse Maddox.

Baden parou na frente dele, consumindo todo o seu espaço pessoal. Desespero se irradiava dele ao dizer:

— Diga.

— Eu penso em Ashlyn, Urban e Ever — sua esposa e seus filhos gêmeos, as três razões de sua vida.

Decepcionado, Baden se virou para se apoiar no balcão de mármore.

— Você os ama. Sabe que são frágeis, que pode machucá-los, mas não quer fazer isto, então faz o que pode para protegê-los. Não posso fazer o mesmo porque não amo ninguém.

— Você me ama — Maddox bateu em seu ombro (foda-se a falta de contato) antes de entrar na despensa mais próxima para pegar um pacote de pipoca. — Você ama minha família. E não tente negar. Eu já te vi com os gêmeos.

O coração de Maddox quase explodiu pra fora do peito no dia em que viu o grande guerreiro de aparência malvada sentado para brincar de salão de beleza com Ever, permitindo que ela trançasse seus cabelos, pintasse seu rosto com maquiagem e as unhas dos pés com esmalte rosa princesa. Depois ele tinha jogado xadrez com Urban. Jogo após jogo ensinando estratégia ao garoto — a única coisa que Urban amava mais do que suas garotas, como ele as chamava. Sua mamãe e sua irmã.

— Por que não começa a buscar por companhia ao invés de sexo para que *possa* se apaixonar por uma fêmea? — Maddox perguntou. — Deixe as garotas colocarem seu perfil no E-ternidade ou algo assim.

— O portal de encontros para imortais? — estremeceu Baden. — De jeito nenhum.

— Mas...

— Você quer se vingar de mim, não é? É por isso que está falando dessa baboseira de encontro online. Permiti que me matassem há séculos e agora você quer que eu sofra sua ira.

Maddox não sabia que Baden tinha permitido que o matassem há tantos séculos, mas suspeitava. Todos suspeitavam. Ter suas suspeitas confirmadas era pior do que uma punhalada no coração. Ele devia saber!

Ele seguiu seus próprios conselhos e fez um pouco de respiração lenta antes de colocar o saco de pipoca no microondas e dizer:

— Por que fez isto?

A pausa que se seguiu foi tão pesada que ambos tiveram dificuldade para respirar.

Baden abaixou a cabeça. Sua voz suave disse:

— Isso não importa. Não mais.

— Importa pra mim.

— Esqueça, Maddox. Por favor. Nossa reunião já está tensa o suficiente. Não precisamos do passado surgindo para piorar tudo.

Ele não apontou o óbvio. Se o passado não fosse resolvido ele surgiria, não importa o que fizessem. Em vez disso, aquiesceu.

— O que você precisa.

— Obrigado.

Bip. Ele pegou o saco fumegante do microondas, queimou os dedos e praguejou quando o saco escapou de suas mãos e caiu no chão.

— Regra dos dois segundos — disse e pegou pelos cantinhos.

Depois de colocar a pipoca em uma tigela, olhou para Baden.

— Se deixado sem supervisão, o mal cresce. Sabe disso tão bem quanto eu. Neste passo, as coisas só vão piorar para você. Prepare-se.

Baden aquiesceu de forma tensa, e pela primeira vez Maddox percebeu que havia algo faltando no amigo. Um brilho de esperança nos olhos.

Os próximos meses seriam difíceis para *todos* eles.

Melhor aproveitar a calmaria enquanto ela durar. Maddox cutucou o guerreiro no ombro.

— Vamos. Vamos voltar para o ginásio e dar uma festa de verdade. Você perdeu merda demais desde sua morte e vou fazer de minha missão pessoal garantir que aproveite tudo.

— É?

— É. Começando com *beer pong*⁴.

Antes de darem um passo, sons de uma manada de búfalos soou pela escada. Poucos segundos depois, o grupo todo entrou na cozinha, trazendo a festa até eles.

— Alguém falou em *beer pong*? — perguntou Paris. — Vamos tornar as coisas mais interessantes. *Strip pong*.⁵

Ouviu-se um coro de “não”.

Baden até mesmo golpeou Paris no braço.

— Mantenha as roupas onde estão. A visão de seu traseiro está na minha lista de “Coisas para nunca fazer”.

— Oh, olha só — Paris meneou a cabeça, com expressão de pena. — O grandão pensa que é engraçado.

Reyes deu ao braço de Paris um segundo soco e disse:

— Ele tem razão. Seu traseiro? Não!

Paris não se fez de rogado.

— Não vê-lo lhe causa dor, nem tente negar, e você é viciado em dor. Esta é a única razão pela qual consegue viver sem dar uma boa olhada em meus atributos.

Maddox observou os rapazes rodearem o balcão e sorriu, com uma sensação de felicidade finalmente o invadindo... por enquanto.

4O Beer Pong é disputado em uma mesa comum, mas se você teve uma mesa de ping pong, melhor. Em cada canto da mesa, cada dupla dispõe os 10 copos com cerveja em forma de triângulo. Cada dupla tem como objetivo acertar a bolinha dentro de um dos copos do adversário.

5Um jogo de ping pong onde cada ponto perdido custa a retirada de uma peça de roupa. Similar ao strip poker.

AS AUTORAS QUEREM SABER

EU COMECEI A ESCREVER com o objetivo de publicar há mais de quinze anos. Neste tempo, tive o prazer de conhecer — e me apaixonar — por inúmeras autoras. Estas mulheres se tornaram minhas melhores amigas, confidentes, minha torcida e influência direta, minhas mais admiradas, sem falar minha fonte dos mais incríveis livros! Mais! Perguntei a cada autora o que elas mais gostavam sobre os Senhores do Submundo. Eis o que mulheres incríveis disseram:

Nalini Singh: O que você gosta mais sobre escrever uma série longa com personagens recorrentes?

GS: Cada vez que me sento para criar um novo livro dos Senhores do Submundo, sinto como se estivesse sendo transportada direto para um período de férias. A família se reúne, as piadas proliferam e brigas estouram. Em meu caso: *o último biscoito é meu!* No caso dos Senhores: *eu é quem vou matá-lo!* Eu me sinto novamente cercada por afeição e lealdade inquebrantáveis. E, falando francamente, adoro torturar estes guerreiros imortais. Sem calor e pressão não haveria diamantes. Além disso, gosto de juntar homens a mulheres que jamais sonharam que pudessem amar. Gosto de descobrir o que os guerreiros mais odeiam — e então fazer aquilo acontecer para eles. Mas mais do que tudo, gosto do resultado final de seus testes e provações: eles se tornam totalmente merecedores do amor que recebem.

PC Cast: Gena, minha querida gatinha, você escreve cenas incrivelmente quentes. Como consegue mantê-las excitantes e únicas livro após livro?

GS: Antes que eu possa responder a esta pergunta, preciso pôr isto para fora: *puuuuur*⁶. Está bem, agora estou pronta... rrs. Eu me removo totalmente das cenas de amor, deixo os personagens guiarem cada movimento e palavra. Do momento do primeiro contato visual — aquela primeira fagulha de consciência — até a, bem, explosão final, eles estão no comando. E na verdade, cada personagem tem um passado diferente, coisas que gostam e não gostam diferentes, esperanças e sonhos diferentes, experiências diferentes. Essas diferenças mantêm tudo apimentado. (apimentado. Rá! Entendeu o trocadilho?)

6 - Ronronar.

Karen Marie Moning: Existe alguma raça mitológica ou sobrenatural que você tenha vontade de introduzir no mundo, ou como interesse romântico ou como aquele personagem secundário que acaba roubando a cena?

GS: Sim, oh sim! Já faz um tempo que quero introduzir os Arautos ao universo dos Senhores do Submundo, e em *O Tormento mais Sombrio* finalmente tive a chance. Bem, de pelo menos mencioná-los. No próximo livro da série, a guerra entre Hades e Lúcifer irá atingir um novo nível de perigo e conseguirei me aprofundar mais na mitologia dos Arautos. Estou fervilhando de excitação. Preparem-se para minha raça mais estranha e mais mortal até agora!

JR Ward: Gena, preciso saber: qual é o Senhor com quem você toparia brincar de “Eu nunca fiz...”? E quem você NÃO toparia? Espere. Isto soou safado. E também diga algo que você não faria nunca, jamais??? Está bem, está bem, parei.

GS: Ra! Acho que eu odiaria brincar de “Eu nunca fiz...” com... Strider. Na verdade, *odiar* é uma palavra muito forte. Talvez não gostasse?! O cara é o guardião da Derrota e não pode perder nem um único pequeno desafio sem sofrer uma dor agonizante. Imagino que ele entraria em um modo de loucura frenética total em seu esforço de me vencer, e eu iria rir, e então ele ia me xingar, então eu ia jogar alguma coisa nele. E algo que eu não faria nunca, jamais... Isto provavelmente é horrível de admitir, mas em se tratando dos guerreiros, acho que não tem nada que eu nunca, jamais faria. rsrs.

Jeaniene Frost: Se pudesse voltar ao início, alteraria alguma coisa na série?

GS: Toda vez que me sento para escrever um novo livro da série, eu quero *tanto* voltar e mudar alguma coisa. Agora, sem um manuscrito à minha frente e certas regras influenciando a direção que devo seguir, eu limitaria minhas mudanças a um punhado de arcos de personagens. Gostaria de reescrever toda a jornada de Sienna. Emparelharia Paris com Viola, mesmo que muitos leitores fossem se revoltar. Eu faria Gideon falar diferente. Mas mais do que tudo, planejava a série inteira antes de escrever o livro um — *A Noite Mais Sombria* — para que eu tivesse um caminho claro a seguir.

Kathryn Smith/Kady Cross: Sabendo o quanto você ama seus filhos de quatro patas e animais em geral, em qual Senhor você confiaria para cuidar de seus bichos de estimação?

GS: Oh, cara! Confiar em um daqueles homens perversos com meus bebês? Nunca! Está bem, está bem. Eles não são tão maus. Quando amam uma mulher, eles realmente se dispõem

70 O jogo “Eu nunca fiz...” é um jogo de bebida. O jogo verbal começa com os jogadores se posicionando em círculo. Então, o primeiro jogador faz uma afirmação simples começando com “Eu nunca fiz...”. Qualquer um que em algum ponto da vida tenha feito aquilo que ele diz não ter feito, deve beber. O jogo continua passando por todos do círculo e a próxima pessoa faz outra afirmação.

a morrer para protegê-las e tudo o que elas amam. Então eu ficaria com Baden. Agora que ele se comprometeu com Katarina, a alfa de uma matilha de cães do inferno, todos os caninos são preciosos para ele. Ele cuidaria maravilhosamente de minha matilha... e eu adoraria observá-lo pela babá eletrônica.

Kresley Cole: Minha mais querida e gloriosa Gena, lua da minha vida, meu sol e minhas estrelas, qual Senhor você gostaria de levar para uma ilha tropical deserta? (tenha em mente que eu estaria tentando loucamente chegar a tal ilha para me juntar a vocês dois).

GS: Por que te amo e te adoro — minha querida e amada coelhinha — eu ficaria mais do que feliz em compartilhar meu prêmio com você! Precisaríamos escolher o Senhor que fosse mais propenso a 1) caçar e preparar cada refeição, 2) nos fazer massagens diárias; 3) construir-nos o melhor abrigo; 4) jamais tentasse escapar de nosso jugo, 5) não tivesse ciúme quando eu escolhesse dormir de conchinha com você ao invés dele. Com tudo isto em mente, acho que escolheria Lucien! Ele pode ver dentro do reino espiritual além do reino natural, então poderia impedir qualquer ameaça ao nosso paraíso. Ele poderia riscar para buscar as melhores refeições e é muito bom com as mãos... (PS. Traga um notebook, por que vou insistir que você escreva histórias para mim!).

Jill Monroe: Eu sei que muitos de seus personagens são baseados em mim, mas existe algum mais que seja baseado em pessoas reais?

GS: Meus personagens inspirados em JM são meus favoritos! Quanto aos outros... bem, nenhum é baseado somente em uma pessoa, mas costumo pegar pedacinhos e traços de personalidade das pessoas a quem amo. Digo, por sorte tenho o elenco mais maravilhoso de familiares e amigos da história do universo, então por que não dividir o ouro? Na verdade, minha irmã mais nova certa vez me ligou para dizer que tinha acabado de ler meu livro e descobriu uma frase que uma vez ela tinha dito à minha mãe.

Roxanne St. Claire: Descreva a série Senhores do Submundo em até cinco palavras. Use hífen!!!

GS: Quebrando a cabeça... Está bem, já sei! Eu diria: De-dar-água-na-boca, ame-ou-morra e redenção-não-é-opcional.

Fiz a minha editora (a maravilhosa Allison Carroll) esta mesma pergunta e eis o que ela tem a dizer:

Impossível-de-largar; magicamente-delicioso e epicamente-alfa.

Kristen Painter: Qual Senhor seria mais provável de se tornar um cara maluco por gatos?

GS: Eu acho que... Paris! Ele é um ímã para mulheres. Fêmeas do mundo inteiro — humanas ou não — se amontoam atrás dele. Elas não conseguem evitar. Mas agora, estou me chutando por ainda não ter colocado gatos na história dele! Consigo vê-los por toda a fortaleza, irritando os guerreiros enquanto treinam. Está bem, não estranhem se isto acontecer no futuro.

Deidre Knight: Que Senhor você gostaria de levar para umas férias — e onde?

GS: Eu tenho de escolher... Strider! Mesmo que ele seja a última pessoa do mundo que eu escolhesse para jogos, o guardião da Derrota garantiria que eu tivesse os melhores momentos da minha vida (porque eu o desafiaria a isto, claro). E acho que gostaria de ir para uma cabana nas montanhas cercada por neve. Carinhos perto da lareira... isolamento... Oh, oh! Talvez eu fizesse uma excursão pela Escócia e Irlanda em vez disso. Sempre quis conhecer estes lugares, e Strider iria ficar... Oh, tão delicioso de kilt.

Amy Lukavics: Qual Senhor te surpreendeu mais?

GS: Eu diria que... Torin! Por hospedar o demônio da Doença, ele passou a vida trancado dentro da fortaleza, interagindo com pessoas somente através da tela de um computador. Ele temia desencadear outra epidemia. No entanto, no momento em que foi forçado a sair de sua zona de conforto, um valentão feroz e que adora uma briga assumiu o controle — o guerreiro que ele trancava dentro de si da mesma forma que se trancava na fortaleza. Fiquei tão chocada quanto deliciada.

Lily Everett: Katarina é uma heroína tão dinâmica e ela é absolutamente perfeita para Baden! Em particular, o histórico dela como adestradora de cães e sua relação com os cães do inferno é genial. Como escolheu uma profissão tão inspiradora para a heroína de Baden?

GS: Quando comecei a escrever *O Tormento mais Sombrio*, eu só sabia que queria criar uma história estilo a bela e a fera. Mas para Katarina Joelle sobreviver a esta fera em particular — um imortal que podia quebrar seu pescoço como um graveto com um gesto do pulso — ela tinha de ter um diferencial. Além disto, eu amaaaaava a ideia de uma mulher adestrando um temível Senhor do Submundo como a um cão. Eu ri como uma colegial do começo ao fim.

Kelli Ireland: Cada fã tem um Senhor preferido (ou, ahã, quatro). Então há o William, o Sempre Excitado. Você consegue nos dizer alguma coisa sobre William que os Senhores — e nós — ainda não saibamos? Talvez algo que William realmente não queira que ninguém saiba.

GS: Oh, Willy. Meu doce Willy. Eu sabia que a história dele em *O Tormento mais Sombrio* iria deixar alguns de meus leitores revoltados. Também sabia que o rumo de sua história iria

enraivecer William completamente. Mas o que aconteceu, bem, tinha que acontecer. William é tão enlouquecedoramente teimoso. Ele precisava de um chute nas calças (e agora precisa de alguém que beije suas feridas e o ajude a sarar. rsrs). Quanto ao segredo...

Agora sabemos como William se tornou filho de Hades. Mas e seus pais biológicos? E outros parentes? Eles estão por aí... Podem estar à procura dele...

Beth Kendrick: Qual sua citação favorita dos Senhores do Submundo?

GS: Algumas frases me fizeram rir muito alto, algumas frases me deixaram sem ar. Outras me causaram arrepios. Mas uma das que mais se destacam, na verdade estão neste livro.

“William: Você não pode combater a escuridão.

Baden: Eu sou a escuridão.”

Para mim, ela demonstra o estado terrível no qual Baden está, sua falta de esperança. Mal sabe ele que sua luz está a caminho!

RECRUTAR OU MATAR?

DOS ARQUIVOS PARTICULARES DE HADES, UM DOS NOVE REIS DO SUBMUNDO

Liderar um exército não é trabalho pros fracos. Liderar uma legião de exércitos é trabalho para apenas o mais forte dos fortes. Eu sou este macho. O general. O titereiro, quem comanda as marionetes. O jogador decisivo. O treinador principal. O mestre de tudo que vejo.

Chame-me como quiser. Eu sou tudo isto e muito mais.

Mas se não estiver comigo, estará contra mim. E se estiver contra mim, vai logo desejar estar morto. De qualquer forma — estando vivo ou morto — eu vou pegar você.

Se for bom o suficiente para integrar meu time, parabéns. Vai ganhar um prêmio: manter sua cabeça. Se não mostrar valor, bem, vai para o banco dos reservas, e jogadores da reserva são cortados. Literalmente.

Agora é hora de decidir quais dos Senhores se qualificam...

— Hades, o rei temido por outros reis

Maddox

Demônio: Violência.

Altura: 1,93m.

Cabelos: pretos.

Olhos: violetas quando (quase) feliz, vermelhos quando nervoso.

Marca: borboleta vermelha no alto de seu ombro esquerdo envolvendo até suas costas.

Outras marcas distintas: o rosto esquelético do demônio se torna visível através da pele de Maddox quando está nervoso. (Nota mental: emoções são pra maricas).

Arma preferida: Punhos (nota mental: perguntar a ele se gosta de um bom fisting⁸. Tentar manter o rosto impassível).

Nível de maldade de seu demônio: apunhalou Pandora, matando-a, o que levou ao desaparecimento da Caixa. Na sociedade moderna, os descendentes de Violência são responsáveis pelas guerras de gangues de rua, estupros, assassinatos e terrorismo.

Minha opinião: estupro jamais será tolerado em minhas fileiras. O demônio deve ser eliminado — através de violência? Hmm. Um paradoxo. Um novo enigma a resolver.

Histórico do guerreiro: quando matou Pandora, foi amaldiçoado a morrer todas as noites só para ressuscitar no dia seguinte sabendo que iria morrer de novo. A maldição foi quebrada por “amor”.

O que é amor?

Ele ainda explode em jorros de violência. É volátil e altamente perigoso. Estou começando a gostar dele. Ele gosta de música clássica e marcenaria.

E-e-e-e lá se foi o gostar.

Calcanhar de Aquiles: tecnologia. Apego emocional à fêmea humana Ashlyn Darrow, ex-para-audióloga para o Instituto Mundial de Parapsicologia. Também a seus filhos gêmeos, Urban e Ever.

(Nota: Crianças são criaturinhas nojentas. Evitar!)

Posição: segunda fila.

⁸ Manobra do BDSM onde é introduzido um punho nas partes pudendas.

Lucien

Demônio: Morte.

Altura: 1,98m.

Cabelos: pretos, à altura dos ombros.

Olhos: díspares — um castanho (o olho normal) e um azul (o que permite que ele veja dentro do reino espiritual... meu reino).

Marca: borboleta preta no alto do ombro esquerdo e frente do peito.

Outras marcas distintas: um lado do rosto é coberto de cicatrizes. Ele emite um forte odor de rosas — um aroma entorpecente que acalma uma alma antes que ele a escolte ao além.

Arma preferida: facas com pontas envenenadas.

Nível de maldade de seu demônio: Morte leva almas para o inferno de forma impecável.

Nota: rumores sugerem que existem humanos que não consideram a Morte um demônio. Eles chamam suas ações de “uma natural progressão da vida”. Ridículo! Humanos não foram criados para morrer, mas para viver pra sempre. Mas gosto que eles sejam tão cegos para a verdade. Talvez eu devesse enviar demônios para reforçar estes rumores. Quanto mais um humano pensar que a morte é natural, menos este humano vai lutar quando eu escolher adicionar a alma dele — ou dela — ao meu exército.

Histórico do guerreiro: calmo e estoico, ex-capitão da Guarda Imortal (exército de Zeus). Foi ele quem desfigurou seu rosto. Isto foi séculos atrás em uma explosão de raiva, indicativo de um temperamento instável e natureza prejudicial. Seu espírito pode entrar e sair de seu corpo com facilidade. Ele consegue riscar. Tem sido chamado de O Sombrio, Malach ha-Maet, Yama, Azreal, Caminhante das Sombras, Mirya, e Rei dos Mortos. Foi ele quem abriu a Caixa de Pandora depois do roubo.

Calcanhar de Aquiles: três fraquezas se destacam: a primeira, quando sua alma deixa o corpo a carne fica vulnerável. A segunda, seu apego a Anya, deusa menor da Anarquia. Ele tem habilidades não exploradas, talvez por que ainda nem saiba que tem. Depois que eu ensiná-lo...

Posição: primeira fila.

Reyes

Demônio: Dor.

Altura: 1,95m.

Cabelos: castanhos escuros.

Olhos: castanhos.

Marca: uma borboleta cor de rubi, ônix e safira no peito e pescoço.

Outras marcas distintas: pele profundamente bronzada; frequentemente ostenta cicatrizes causadas por automutilação.

Arma preferida: adagas, espadas, armas de fogo.

Nível de maldade de seu demônio: dor física e sofrimento ao longo das eras. Atos de crueldade aleatórios.

Histórico de destaque: passa por períodos incrivelmente excruciantes para causar dor a si mesmo, por exemplo: pulando de telhados e retalhando o próprio corpo.

Calcanhar de Aquiles: de novo, um apego a uma fêmea. Danika Ford, o “Olho Que Tudo Vê”. Vomita quando é riscado. Precisa de algum tipo de dor física pelo menos uma vez por hora.

Posição: primeira fila.

Paris

Demônio: Promiscuidade.

Altura: 2,03m.

Cabelos: variadas tonalidades, do castanho até o preto.

Olhos: azuis.

Marca: borboleta na parte inferior das costas.

Outras marcas distintas: pele pálida. Amplamente considerado o mais atraente fisicamente dos Senhores. Eu acho que é mentira. Nenhum dos guerreiros chega a meus pés.

Arma preferida: espada (aquela dentro de suas calças? *rindo em silêncio*).

Nível de maldade de seu demônio: gravidez fora do casamento, doenças sexualmente transmissíveis e infidelidade. Pode usar a voz para projetar imagens dentro da mente de um humano. Pode emitir aroma de chocolate e champanha para atrair uma amante.

Histórico notável: sem alívio físico frequente, fica fraco. Desmaia quando é riscado.

Nota: pode ser divertido fazer a experiência. Se eu arrancar seus braços e trancá-lo em um quarto, será que suas bolas ficariam literalmente azuis? Seu pau sofreria combustão espontânea?

Calcanhar de Aquiles: Sienna Blackstone, a nova guardiã da Ira.

Posição: segunda fila... a menos que eu precise de um assassino que se infiltre no quarto de uma mulher.

Aeron

Demônio: Anteriormente, Ira.

Altura: 1,98m.

Cabelos: castanhos cortados em estilo militar.

Olhos: violetas.

Marca: borboleta no meio das costas e o nome de Olivia tatuado sobre o coração, além de inúmeras outras — todas com significado especial para ele.

Outras marcas distintas: imensamente musculoso. Costumava ter um par de asas horríveis, que podiam ser ocultas nas fendas que tinha em suas costas quando não estavam em uso. Tem dois piercings na sobrancelha.

Arma preferida: não faz distinção, usa qualquer arma ao seu dispor. Meu tipo de cara.

Nível de maldade de seu demônio: não se aplica.

Nota mental: pode ser divertido lhe dar secretamente outro demônio, colocá-lo sob meu jugo. É de se pensar.

Histórico notável: ele foi decapitado e os Enviados lhe concederam outro corpo. Sua esposa, Olivia, é uma Enviada caída. Sua lealdade é toda do Time do Bem.

Calcanhar de Aquiles: sua esposa e uma ex-assecla de demônio chamada Legião.

Posição: possível dispensa.

Torin

Demônio: Doença.

Altura: 1,95m.

Cabelos: cabelos brancos prateados na altura dos ombros (sobrancelhas castanhas).

Olhos: verdes.

Marca: borboleta cor de ônix com contornos vermelhos localizada sobre seu estômago. Dependendo do ângulo, a tatuagem parece inteiramente preta.

Outras marcas distintas: usa longas luvas pretas como uma criada vitoriana. É feio pra diabo e muito burro. Carrega a Chave Mestra dentro de si, o que significa que não pode ser confinado de jeito nenhum — tenho certeza que há uma maneira de burlar isto e vou descobrir logo.

Arma preferida: importa? Ele não tem habilidade nenhuma de luta.

Nível de maldade de seu demônio: Doença é responsável por várias das pragas que resultaram em milhares de mortes. Ele também é a raiz do câncer e de todas as pestilências adicionais, mais recentemente, a temida pandemia do Ebola.

Histórico notável: o guerreiro costumava pensar que não podia tocar outro ser vivo através de contato pele com pele sem infectá-lo com doença, sem saber que só o que precisava era compartilhar seu sangue ou sêmen para criar imunidade. Idiota! Além disso, ele está trepando com minha ex-noiva.

Calcanhar de Aquiles: sua mulher, que costumava ser minha mulher. Vida longa à Rainha Vermelha!

Posição: não há lugar para ele em meu time. ~~Vou matá-lo na primeira oportunidade. Eu vou obter a permissão da Rainha Vermelha para matá-lo na primeira oportunidade.~~ Vou fingir que ele nem existe.

Sabin

Demônio: Dúvida.

Altura: 2m.

Cabelos: castanhos.

Olhos: castanhos dourados.

Marca: borboleta violeta à direita do tórax estendendo-se até a cintura.

Outras marcas distintas: rosto tosco. Usa um colar dado a ele por Baden, ex-guardião da Desconfiança.

Arma preferida: ele costumava confiar em facas, armas, estrelas ninja e etc., mas agora prefere soltar sua noiva Harpia. Ele acha que os métodos de matança dela são divertidos. Devo concordar.

Nível de maldade de seu demônio: sussurra inseguranças nos ouvidos de qualquer um ao seu alcance e causa incapacitações — às vezes com risco de vida — e dúvidas sobre si mesmos. Responsável por inúmeros suicídios.

Histórico notável: seu demônio me torturou quando eu era criança, algo pelo qual ele ainda tem de responder. Consegue projetar sua voz na mente dos outros (humanos e imortais).

Calcanhar de Aquiles: sua devoção teimosa à Gwendolyn, a Tímida, sua esposa Harpia. Não enxerga muito longe. O joelho esquerdo foi ferido há séculos e não se regenerou adequadamente.

Posição: ~~Arrancar seu demônio, matá-lo com minhas próprias mãos.~~ O demônio pode ser usado em minha vantagem. Primeira fila. A maior fraqueza de Lúcifer é seu orgulho. Se eu conseguisse atingi-lo bem aí...

Gideon

Demônio: Mentira.

Altura: 1,90m.

Cabelos: cabelos tingidos de azul metálico.

Olhos: azuis, delineados com Kohl.

Marca: borboleta na coxa direita, um par de lábios vermelhos no pescoço e um par de olhos acima do coração. Na cintura as palavras “Separar é morrer” foram tatuadas acima de um buquê de flores vermelhas.

Outras marcas distintas: múltiplos piercings e aparência geral gótica.

Arma preferida: todas. Não tem preferência específica, usa o que estiver à mão.

Nível de maldade de seu demônio: Mentira infiltrou-se na política do mundo inteiro, resultando em falsas promessas de líderes mundiais e a desintegração da sociedade moderna. O demônio tinha até mesmo convencido a maior parte da raça humana de que “mentiras brancas” são inofensivas. Ele é traiçoeiro. Maléfico.

Histórico notável: o guerreiro é incapaz de dizer uma verdade sem experimentar uma dor terrível. Ele teve os pés e mãos removidos em diferentes pontos de sua vida, ações que eu também vivenciei. Igual aos meus, seus membros voltaram a crescer.

Calcanhar de Aquiles: virei um disco riscado? Sua mulher. Scarlet, a guardiã de Pesadelos. Além disto, ele vomita quando é riscado e tem medo de aranhas.

Posição: apesar de sua maldade traiçoeira, posso confiar nele? Preciso pensar melhor.

Cameo

Demônio: Miséria.

Altura: 1,70m.

Cabelos: longos, pretos.

Olhos: prateados.

Marca: borboleta brilhante na área inferior das costas com asas que se estendem ao redor dos dois quadris.

Outras marcas distintas: sua voz destila os pesares do mundo. Há um sinal na pele de formato oval em seu quadril direito.

Arma preferida: pistolas semiautomáticas, rifles de longo alcance.

Nível de maldade de seu demônio: Miséria é responsável pela depressão e ansiedade. O fato de ambos serem reportados em índices mais altos hoje do que em qualquer momento na história sugere que o poder do demônio está aumentando.

Histórico notável: ela causa profunda angústia emocional em todos a seu redor. Já amou a um humano, mas o perdeu para os Caçadores. Namorou tanto Kane quanto Torin. No pior de suas crises, recita estatísticas deprimentes.

Calcanhar de Aquiles: sua falta de habilidade de se lembrar de coisas que a fizeram feliz.

Posição: minha cama?

Amun

Demônio: Segredos.

Altura: 1,98m.

Cabelos: castanhos.

Olhos: castanhos.

Marca: borboleta na perna direita.

Outras marcas distintas: pele e olhos escuros. Ele é levemente musculoso e raramente fala. Fotos dele sempre saem distorcidas. Sua imagem não pode nem mesmos ser desenhada.

Arma preferida: coisas de natureza exótica.

Nível de maldade de seu demônio: cria falta de comunicação em tudo, de casamento a segurança nacional. Com ele, a paz verdadeira jamais será alcançada.

Histórico notável: o guerreiro não pode falar sem que os segredos do mundo se derramem de sua boca. O ouvinte ouve a voz da pessoa cujo segredo está sendo revelado. Ele agora está emparelhado a Haidee, ex-guardiã do Ódio, agora guardiã do Amor. Dois cavaleiros do apocalipse (meus adoráveis netos!) devem a ele um ano de servidão.

Calcanhar de Aquiles: revelar seus próprios segredos — e os meus.

Objetivos: evitá-lo ou cortá-lo do time de vez.

Strider

Demônio: Derrota.

Altura: 1,96m.

Cabelos: louros.

Olhos: azuis.

Marca: borboleta cor de safira no quadril esquerdo.

Outras marcas distintas: seu comportamento geralmente escroto.

Arma preferida: gosta de qualquer tipo de armamento.

Nível de maldade de seu demônio: Derrota é determinado a vencer, custe o que custar. Ele arruinou atletas do mundo todo encorajando táticas ilegais — tipo, esteroides — para chegar à vitória.

Histórico do guerreiro: não pode perder uma batalha, nem mesmo uma discussão, sem sucumbir a uma agonia física intensa e sono prolongado. Ama canela.

Calcanhar de Aquiles: sua mulher e sua incapacidade de perder de forma esportiva.

Posição: primeira fila, à guisa de teste. Se me desafiar terá de ser cortado. Literalmente. Crianças precisam aprender lições apropriadas para crescerem e se tornarem homens melhores.

Kane

Demônio: Anteriormente, Desastre.

Altura: 1,93m.

Cabelos: mistura de castanho, preto e dourado.

Olhos: castanhos.

Marca: borboleta preta no quadril direito.

Arma preferida: rifles e outros armamentos de longo alcance.

Nível de maldade de seu demônio: não se aplica.

Histórico do guerreiro: ele é casado com a rainha dos Fae. Possível novo exército para utilizar?

Calcanhar de Aquiles: sua mulher, é claro.

Posição: vai depender de negociações de uma aliança com os Fae.

Galen

Demônio: Inveja e Falsa Esperança.

Altura: 1,95m.

Cabelos: louros cacheados.

Olhos: azuis da cor do céu.

Marca: uma borboleta em ambos peitorais.

Outras marcas distintas: alguns dizem que ele parece um anjo guerreiro. Asas brancas em processo de regeneração.

Arma preferida: espada de fogo vermelho.

Nível de maldade de seu demônio: conhecido por arruinar relacionamentos, incitando demonstrações tolas de orgulho e indicando a pessoas o caminho errado, levando-as para a direção errada.

Histórico do guerreiro: foi o último Senhor a ser criado. Foi ele quem sugeriu aos Senhores para que roubassem a Caixa antes de dedurá-los à Zeus. Uma vez aliado à Rhea, rainha dos Gregos. Já foi líder dos Caçadores, humanos que buscavam matar os Senhores do Submundo. Pai de Gwen, esposa de Sabin.

Calcanhar de Aquiles: sua obsessão por Legião, ex-garota demônio, transformada em garota humana.

Posição: precisa ser melhor analisado.

Baden

Demônio: Anteriormente, Desconfiança.

Altura: 2,03m.

Cabelos: ruivos, levemente ondulados. As mechas costumavam pegar fogo quando ele ficava nervoso. (Nota mental: ajudá-lo a readquirir esta habilidade não deve ser difícil, tipo uma memória muscular... ele vai precisar).

Olhos: acobreados.

Marca: borboleta no peito.

Outras marcas distintas: um dos machos mais belos do planeta.

Arma preferida: todas. Um homem como eu.

Nível de maldade de seu demônio: não se aplica.

Histórico notável: foi o primeiro Senhor do Submundo a ser criado. Agora é filho do maior rei que existe, e de forma sábia se casou com Katarina, a alfa dos cães do inferno.

Calcanhar de Aquiles: sua mulher. Por causa das habilidades de Katarina, a conexão de Baden com ela é uma força.

Posição: ao meu lado, como meu filho.

Pandora

Demônio: não se aplica.

Altura: 1,82m.

Cabelos: pretos e lisos.

Olhos: dourados.

Marca: borboletas tatuadas ao longo do antebraço, uma lista de assassinatos.

Outras marcas distintas: ela agora tem a força e a agilidade de um cão do inferno.

Arma preferida: serra elétrica, garras e dentes.

Nível de maldade de seu demônio: não se aplica.

Histórico notável: era a guerreira mais forte do Monte Olimpo, encarregada de guardar a *dimOuniak*. Foi assassinada por Maddox, que a apunhalou seis vezes após ser possuído por Violência.

Calcanhar de Aquiles: sua raiva e curiosidade. Preciso ensiná-la a equilibrar a ambos antes que acabe se matando.

Posição: ao meu lado, como minha filha.

OUTROS GUERREIROS POSSUÍDOS POR DEMÔNIOS DIGNOS DE NOTA

(não-emparelhados)

VIOLA: Guardiã do Narcisismo e deusa menor do Além. Cabelos longos e louro-prateados com olhos cor de canela. Pode aparecer em um sopro de fumaça branca. 1,62m. Piercing no umbigo. Tem cheiro de rosas como Lucien, só que mais adocicado. Quando o demônio a possui, cresce nela dois chifres, escamas verdes, presas e garras; seus olhos ficam vermelhos e ela fica com cheiro de enxofre. Sua borboleta tatuada é cor de rosa. A frente fica em seu peito, estômago e pernas, e as costas se estendem ao longo de seus ombros, coxas de panturrilhas. Ela tem um demônio da Tasmânia/vampiro como bicho de estimação chamado Princesa Fluffikans. Antes de sua possessão se alimentava de almas.

PUKINN: Guardiã da Indiferença. Parece ser de ascendência egípcia. Olhos escuros com longos cabelos lisos e pretos. Chifres. Mãos que são garras permanentes. Pernas cabeludas. Parte sátiro. Sotaque irlandês. Agora vinculado a Gillian Bradshaw.

Matá-lo por ter roubado de William ou não matá-lo?

CAMERON: Guardiã da Obsessão. Cabelos e pele cor de bronze, com olhos cor de lavanda com contornos prateados. Ele ainda chora a morte de uma mulher — preciso de mais detalhes sobre isso. Documenta cada aprisionamento seu com tatuagens e coleta histórias de outras pessoas para contá-las como se fossem suas.

WINTER: Guardiã do Egoísmo. Pele e cabelos cor de bronze, com olhos cor de lavanda com contornos prateados. Irmã de Cameron. Tem longas pernas e corpo curvilíneo. Também tem presas. Será que gosta de morder? (Nota mental: descobrir!)

COMPANHEIRAS DOS SENHORES DO SUBMUNDO

JOSEPHINA “SININHO” AISLING: Rainha dos Seduire. Metade Fae, metade humana. Cabelos pretos. Olhos azuis. Pele bronzeada. Orelhas pontudas. Cicatriz na bochecha e peito. Tem cheiro de alecrim e hortelã. Filha de Tiberius e Glorika. Meio-irmã de Synda. Anteriormente escrava de sangue. Tem a habilidade de roubar temporariamente as habilidades dos outros com as mãos e projetar-se nos pensamentos dos outros. Agora detém o poder de uma Phoenix. Casada com Kane; grávida.

HAIDEE ALEXANDER: Ex-caçadora usada como isca para matar Baden. Esfaqueada por Strider quando ajudou a matar Baden. Baixinha. Cabelos louros na altura dos ombros com mechas cor de rosa. Olhos acinzentados. Piercing prateado na sobrancelha. Um dos braços coberto de tatuagens — as tatuagens são rostos, números, endereços, nomes (“Micah”, “Viola”, “Skye”) e frases “A escuridão sempre perde para a luz”, “Você amou e foi amado”). Em suas costas tem um placar tatuado que diz “Senhores: IIII, Haidee: I”. Ela fica fria como o gelo e

consegue exalar névoa. Odeia cobras. Vomita após rascar. O demônio do Ódio matou sua mãe, pai e irmãzinha. Ela era antigamente guardiã de um pequeno pedaço de Ódio, mas agora guarda um pedaço do Amor. Emparelhada a Amun.

ANYA: Deusa menor da Anarquia. Alta. Cabelos longos e brancos. Olhos azuis. Cara de duende. Filha de Disnomia e Tártaro. Tem uma queda por pirulitos. Ajudou a romper a maldição de Maddox. Sua maior fonte de poder é o caos. Imortais são imunes a seus comandos. Roubar a acalma. Ela abriu mão da Chave Mestra para ajudar a seu amado Lucien.

SCARLET: Guardiã de Pesadelos. Cabelos pretos na altura dos ombros, olhos pretos e lábios vermelhos. 1,75m. Várias tatuagens. “Se separar é morrer” acima de um buquê de rosas vermelhas e uma borboleta em tom de joia no alto de suas coxas. Ela é filha de Rhea e um guerreiro Mirmidon, e casada com Gideon. Nasceu e cresceu dentro do Tártaro. Desaparece nas sombras. Enfraquece durante as horas do dia. Tem cheiro de flores noturnas. Seu demônio é emparelhado à Mentiras. Ela está gerando uma criatura que será um divisor de águas (não que ela saiba disso).

SIENNA BLACKSTONE: Guardiã da Ira. Rainha dos deuses Gregos. Cabelos castanhos ondulados, olhos castanhos e lábios cheios. Muitas sardas que deixam seu marido, Paris, particularmente obcecado por Iâmbro. Asas negras se arqueiam sobre seus ombros e terminam em pontas agudas, perfeitas para fatiar um inimigo até os ossos. Uma tatuagem de borboleta preta envolve a base de suas asas. Seu sangue é ambrosia líquida.

ASHLYN DARROW: Nascida na Carolina do Norte. Cabelos castanhos claros, pele e olhos cor de mel. 1,65m. Tinha só vinte e quatro anos quando conheceu Maddox. Onde quer que entre, ouve cada conversa que tomou parte naquele local. Trabalhou como para-audióloga para o Instituto mundial de Parapsicologia desde os cinco anos. Depois de romper a maldição de Maddox, sua vida se tornou vinculada à dele. Ela é mãe dos gêmeos Ever e Urban.

DANIKA FORD: O “Olho Que Tudo Vê”. Loura de olhos verdes e sardas. Uma artista. No passado, os Caçadores a recrutaram como Isca, esperando que pudesse matar os Senhores, mas em vez disso, ela se emparelhou a Reyes. Ela é um portal tanto para o céu quanto para o inferno, e uma das quatro chaves necessárias para localizar a Caixa de Pandora.

KEELEYCAEL: Uma Curadora. A Rainha Vermelha. Chamada de Keeley pelos amigos. Sua aparência muda com as estações do ano. Inverno: cabelos, olhos e pele azuis. Outono: cabelos vermelhos com mechas castanhas, olhos cor de âmbar dourados, pele cor de pêssego e creme. Verão: cabelos loiros, olhos azuis, pele bronzeada. Primavera: pele branca, cabelo rosa claro com pedaços verdes emoldurando seu rosto e olhos azuis. Já foi noiva de Hades. Agora é casada com Torin.

OLIVIA: Anteriormente era uma Enviada. Encarregada de trazer alegria para as pessoas — agora era quem trazia alegria ao marido, Aeron. Tem cabelos castanhos cacheados e olhos azuis da cor do céu. Pele pálida. Suas asas foram cortadas de suas costas. Ela ganhou um novo par, mas só se projetam de suas fendas diante de emoções fortes.

GWENDOLYN SKYHAWK: Harpia conhecida como Gwendolyn, a Tímida. Cabelos longos e vermelhos com mechas loiras. Sobrancelhas ruivo-escuras. Olhos cor de âmbar com cintilantes

estriações cinzentas. Nariz empinado. Baixinha. Vinte e sete anos de idade. Voz rouca. Cresceu no Alaska. Emparelhada a Sabin. Irmã caçula de Bianka, Taliyah e Kaia. Filha de Tabitha e Galen.

KAIA SKYHAWK: Harpia. Cabelos vermelhos brilhantes. Olhos dourados misturados com cinza. Gêmea de Bianka. Irmã de Taliyah e Gwen. Filha de Tabitha e um Phoenix. Trabalha como mercenária. Anteriormente conhecida como Kaia, a Decepção, agora chamada de Kaia, a Destruidora de Asas. Casada com Strider. Quando vira Harpia, adquire um brilho índigo, e mesmo seus olhos se tornam vermelhos e pretos. Ela controla o fogo.

KATARINA JOELLE: Ex-humana, mas agora imortal. Alfa dos cães do inferno. Seu pai era negro, sua mãe branca; ambos falecidos. Tem cabelos pretos e olhos cinza-esverdeados. Ela é alta e magra com feições delicadas. Chamada de “Rina” pelo seu companheiro, Baden.

AS DEZ REGRAS MAIS IMPORTANTES DOS CÃES DO INFERNO PARA HUMANOS

1. Jamais, sob nenhuma circunstância, refira-se a um cão do inferno como “cachorro”. “Guerreiro” é sempre apropriado. Assim como “Mestre”.
2. O que você come, o cão do inferno irá comer. Quando você comer, o seu cão do inferno irá comer. Quando você não comer, seu cão do inferno irá comer.
3. Cada vez que emitir um comando, vai ser mordido. É uma regra. Lide com isto.
4. Se um cão do inferno te acordar no meio da noite para simplesmente lambar o seu rosto, agradeça. Por ainda estar vivo.
5. Onde você dormir o cão do inferno também irá dormir. O chão JAMAIS será aceitável.
6. Se um cão do inferno late ou rosna pra chamar sua atenção, agradeça. Por ainda ter os seus membros.
7. Risque as palavras “senta”, “fica” e “bom garoto” de seu vocabulário. Para sempre.
8. Se um cão do inferno te disser “senta”, “fica” ou te chamar de “bom garoto”, agradeça. Por seu rosto não ter sido usado como brinquedo de morder. Ainda.
9. O que é seu, é do seu cão do inferno. O que é do seu cão do inferno, é somente do seu cão do inferno.
10. O termo “hora do banho” de agora em diante passará a ser chamado de “o dia em que você morrerá de forma terrível”.

O QUEM É QUEM PARA QUEM

Aeron — Senhor do Submundo; ex-guardião da Ira; marido de Olivia.

Amun — Senhor do Submundo; guardião de Segredos; marido de Haidee.

Any — Deusa (menor) da Anarquia; companheira de Lucien.

Ashlyn Darrow — humana com habilidades sobrenaturais; esposa de Maddox; mãe de Urban e Ever.

Axel — Enviado que guarda um segredo.

Baden — Senhor do Submundo; ex-guardião da Desconfiança; companheiro de Destruição; recém-ressuscitado; marido de Katarina.

Bianka Skyhawk — Harpia; irmã de Gwen, Taliyah e Kaia; esposa de Lysander.

Bjorn — Enviado.

Branca — Um dos quatro cavaleiros do apocalipse; filha de William; falecida.

Caixa de Pandora — também conhecida como *dimOuniak*, feita dos ossos da deusa da Opressão; anteriormente abrigava os altos senhores demônios; atualmente desaparecida.

Cameo - Senhora do Submundo; guardiã da Miséria.

Haste de Partir — Artefato divino com poder de separar a alma do corpo.

Chave Mestra — Relíquia espiritual capaz de abrir qualquer fechadura.

Cronus — ex-rei dos Titãs; ex-guardião da Cobiça; marido de Rhea.

Danika Ford — Humana; esposa de Reyes; conhecida como “O Olho que Tudo Vê”.

Riscar — Transportar-se de um local para outro com apenas um pensamento.

DimOuniak — A Caixa de Pandora.

Downfall — Clube noturno para imortais cujos proprietários são Thane, Bjorn e Xerxes.

Elin — Híbrida de Phoenix/humana; companheira de Thane.

Enviados — guerreiros alados; assassinos de demônios.

Estrela da Manhã — Criada pelo Altíssimo. Com ela nada é impossível. Escondida na *dimOuniak*.

Ever — Filha de Maddox e Ashlyn, irmã de Urban.

Fae — Raça de imortais descendentes dos Titãs.

Fox — Imortal de origem desconhecida; aliada a Galen; guardiã de Desconfiança.

Geryon — Antigamente guardava os portões do Inferno; falecido ainda em forma espiritual, acompanha a deusa da Opressão.

Gideon — Senhor do Submundo; guardião de Mentiras.

Gillian Bradshaw — Humana recentemente tornada imortal; vinculada à Pukinn.

Gregos — Antigos governantes do Olimpo.

Gwendolyn Skyhawk — Harpia; esposa de Sabin, filha de Galen.

Hades — Um dos nove reis do Submundo.

Haidee Alexander — Ex-caçadora; guardiã de Amor; emparelhada a Amun.

Hera — Rainha dos Gregos; esposa de Zeus.

Caçadores — Inimigos mortais dos Senhores do Submundo; dissolvidos.

Infinito — Um portal do inferno. 1 dia normal equivale a 1000 anos no Infinito.

Isca — Humanas, cúmplices dos Caçadores.

Gaiola da Compulsão — Artefato divino com o poder de escravizar qualquer um preso em seu interior.

Josephina "Sininho" Aisling — Rainha dos Fae, esposa de Kane.

Juliette Eagleshield — Harpia, consorte autodesignada de Lazarus.

Kadence — Deusa da Opressão; falecida ainda em forma espiritual, companheira de Geryon.

Kaia Skyhawk — Parte Harpia, parte Phoenix, irmã de Gwen, Taliyah e Bianka; consorte de Strider.

Kane — Senhor do Submundo; guardião de Desastre; marido de Josephina.

Keeleycael — Uma Curadora; a Rainha Vermelha; companheira de Torin.

Lazarus — Um guerreiro imortal; filho único de Typhon e uma górgona anônima.

Legião — assecla demônio em um corpo humano; filha adotiva de Aeron e Olívia; também conhecida por Honey.

Lucien — Co-líder dos Senhores do Submundo; guardião da Morte; companheiro de Anya.

Lúcifer — Um dos nove reis do Submundo; filho de Hades; irmão de William.

Lysander — Anjo guerreiro de elite e consorte de Bianka Skyhawk.

Maddox — Senhor do Submundo; guardião da Violência; pai de Urban e Ever; marido de Ashlyn.

Manto da Invisibilidade — Artefato divino com o poder de ocultar dos olhos alheios quem o vestir.

Melody — Sereia; cega; trabalha para Hades.

Neeka Eagleshield — Parte Harpia, parte Phoenix, conhecida como “a Indesejada”.

Olivia — Guerreira anjo caído; companheira de Aeron.

Olho Que Tudo Vê — Artefato divino com poder de enxergar o paraíso e o inferno.

Pandora — Guerreira imortal, antiga guardiã da *dimOuniak*; recém-ressuscitada.

Paris — Senhor do Submundo; guardião da Promiscuidade; marido de Sienna.

Phoenix — Imortais capazes de criar fogo; descendentes dos Gregos.

Black — Um dos quatro cavaleiros do apocalipse; filho de William

Pukinn — Sátiro, guardião da Indiferença; também: irlandês; vinculado à Gillian.

Reyes — Senhor do Submundo; guardião da Dor; marido de Danika.

Rhea — Antiga Rainha dos Titãs, antiga guardiã da Derrota; esposa de Cronus.

Sabin — Co-líder dos Senhores do Submundo; guardião de Dúvida; consorte de Gwen.

Scarlet — Guardiã de Pesadelos; esposa de Gideon.

Senhores do Submundo — Guerreiros imortais exilados, agora hospedando os demônios anteriormente trancados dentro da Caixa de Pandora.

Sienna Blackstone — Ex-Caçadora, atual guardiã da Ira, atual governante do Olimpo; amada de Paris.

Strider — Senhor do Submundo; guardião da Derrota.

Taliyah Skyhawk — Harpia, irmã de Gwen, Bianka e Kaia.

Tártaro — Deus grego do Confinamento, também é o nome da prisão dos imortais no Monte Olimpo.

Thane — Enviado; companheiro de Elin.

Titãs — Governantes de Titânia; filhos de anjos caídos com humanos.

Torin — Senhor do Submundo; guardião da Doença; marido de Keeleycael.

Urban — Filho de Maddox e Ashlyn; irmão de Ever.

Viola — Titã; deusa (menor) do Além; guardiã do Narcisismo.

Green — Um dos quatro cavaleiros do apocalipse; filho de William.

Red — Um dos quatro cavaleiros do apocalipse; filho de William.

William, o Sempre Excitado — Guerreiro imortal de origens questionáveis; também conhecido como Derretedor de Calcinhas e William da Escuridão.

Winter — Guardiã do Egoísmo.

Xerxes — Enviado.

Zeus — Rei dos Gregos; marido de Hera.

